

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



**RITUAIS FAMILIARES E O CASAL:
PAISAGENS INTER-SISTÉMICAS**

Carla Alexandra Mesquita Crespo

DOUTORAMENTO EM PSICOLOGIA
(ESPECIALIDADE - PSICOLOGIA SOCIAL)

2007

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



Faculdade de Psicologia
e Ciências da Educação
Universidade de Lisboa
BIBLIOTECA

**RITUAIS FAMILIARES E O CASAL:
PAISAGENS INTER-SISTÉMICAS**

Carla Alexandra Mesquita Crespo

Tese orientada pela Prof. Doutora Isabel Narciso Davide e
pela Prof. Doutora Maria Emília Costa

**DOUTORAMENTO EM PSICOLOGIA
(ESPECIALIDADE - PSICOLOGIA SOCIAL)**

2007

Projecto financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e pelo Fundo Social Europeu, no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio (Ref^o SFRH/BD/ 11340/ 2002).

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal
UNIÃO EUROPEIA



Fundo Social Europeu

Resumo

A presente investigação inscreve-se no âmbito da Psicologia da Família e tem como objecto de estudo os rituais familiares no território da conjugalidade. A partir de uma abordagem sistémica, ecológica e desenvolvimental, examinaram-se as associações entre rituais familiares (em contextos familiares e em contextos culturais) e vinculação amorosa, qualidade relacional percebida e proximidade numa amostra de casais que atravessam diferentes momentos do ciclo de vida. Realizaram-se dois estudos empíricos, o primeiro de cariz quantitativo e o segundo de cariz qualitativo.

O primeiro estudo, efectuado com recurso a questionários, incluiu uma amostra de 150 casais. Através dos modelos de equações estruturais, avaliaram-se efeitos individuais e intercônjuges. As cinco hipóteses enunciadas no início do estudo foram comprovadas na sua generalidade, a saber: níveis mais baixos na dimensão evitamento estavam associados com maior investimento nos rituais familiares; maior investimento nos rituais familiares estava relacionado com percepções mais positivas de qualidade relacional e proximidade; menores níveis de evitamento e ansiedade estavam associados com maior similaridade nos relatos dos cônjuges relativamente aos seus rituais nos contextos familiares; existência de resultados mais significativos para as mulheres do que para os homens nos resultados referidos e, por último, maior relevância nos rituais dos contextos familiares do que nos rituais dos contextos culturais.

No segundo estudo, cujo modelo de base foi a *Grounded Theory*, realizaram-se entrevistas a 20 casais (40 participantes que foram entrevistados individualmente). Os resultados revelaram que, os rituais familiares (1) cumprem funções para famílias e casais, (2) têm múltiplos significados, (3) são associados a sentimentos de cariz positivo e negativo e (4) são eventos nos quais homens e mulheres tendem a adoptar diferentes papéis. Verificou-se que percepções positivas da família (apoio, coesão, partilha e transmissão de valores) estavam relacionadas com percepções positivas de satisfação com os rituais familiares; também ao nível do casal se apuraram ligações entre os diferentes contextos dos rituais familiares e dimensões da intimidade do casal (especialmente, a partilha). Adicionalmente, foram encontradas diferenças entre grupos de casais com tempos de casamento distintos que foram explicadas à luz das etapas desenvolvimentais individuais e familiares dos participantes. Por último, identificaram-se vários rituais de casal, propôs-se uma classificação dos mesmos e reflectiram-se as similaridades e diferenças entre estes rituais e os rituais familiares. No âmbito das conclusões, discutiram-se brevemente as implicações dos resultados para os universos da investigação e da intervenção psicoterapêutica.

Résumé

Cette étude fait référence au secteur de la Psychologie Familiale. Plus spécifiquement, l'objet de cette étude est les rituels familiaux au sein d'un couple marié. Adoptant une perspective systémique, écologique et développemental, les associations existant entre les rituels familiaux (famille et culture), le type d'attachement, la qualité perçue de la relation et la perception de rapport, ont été examinées au sein de différents couples à différents moments de leur vie. Deux études empiriques ont été réalisées, l'une avec une approche quantitative et l'autre avec une approche qualitative.

La première étude examine les associations existant entre les rituels familiaux tel que rapportés, le style d'attachement, la qualité de la relation et le sentiment de rapport parmi 150 couples. Un modèle d'équation structurelle a été appliqué afin d'examiner les effets *Within-Individual* et *Across-Partners*. Les résultats ont généralement confirmé les hypothèses. Premièrement, un moindre niveau d'attachement évitant est lié à un plus haut niveau d'investissement dans les rituels familiaux. Deuxièmement, un plus grand investissement dans les rituels familiaux est associé à un niveau de relations et de rapport plus positif. Troisièmement, un plus bas niveau d'évitement et d'anxiété est associé à un plus grand niveau de similarité du couple dans les rituels dans un contexte familial. Quatrièmement, tous ces effets étaient plus extrêmes chez les femmes que chez les hommes. Finalement, dans ces résultats, les rituels familiaux sont plus importants dans un contexte familial que dans un contexte culturel.

La deuxième étude, qui était basée sur le modèle *Grounded Theory*, impliquait des interviews menées avec 20 couples (40 participants qui étaient interviewés individuellement). Les résultats ont montré que les rituels familiaux (1) rassemblent des fonctions importantes pour les familles et les couples, (2) ont plusieurs significations différentes, (3) sont liés à des sentiments positifs et négatifs, et (4) sont des circonstances où hommes et femmes adoptent des rôles différents. De plus, une perception positive de la famille (soutien, cohésion, partage et transmission des valeurs) est liée à une perception positive des rituels familiaux. Aussi, au niveau du couple, des connections entre les rituels familiaux et l'intimité dans le couple (surtout le partage) ont été identifiées. Des différences en fonction de la durée du mariage ont été trouvées et expliquées en des termes de phases développementales au niveau individuel et familial. Différents rituels de couples peuvent être identifiés avec un certain type de classification. Des différences et des similarités entre les rituels de couple et les rituels familiaux peuvent être discutées. En conclusion, certaines implications peuvent être apportées pour servir de base à d'autres recherches et à des interventions psychologiques sur le terrain.

Abstract

This research studied family rituals in married couples and is grounded in Family Psychology. Using a systemic, ecological and developmental framework, the associations between family rituals (in both family and cultural settings) and relationship attachment, perceived relationship quality, and closeness, were examined in a sample of couples in different moments of the life cycle. Two empirical studies were conducted, one quantitative and the other qualitative.

The first study examined the association between self-reports of family rituals and relationship attachment, relationship quality, and closeness, in 150 married couples. Associations both within individuals and across partners were examined using structural equation modelling. The results were generally as predicted. First, lower levels of avoidant attachment were related to greater investment in family rituals. Second, greater investment in family rituals was associated with more positive relationship quality and closeness. Third, lower attachment avoidance and lower attachment anxiety were both associated with higher similarity in couples' reports of rituals in family settings. Fourth, all these effects were stronger for women than for men. Finally, rituals in family settings were generally more significant than in cultural settings.

The second study, which was based on the Grounded Theory model, included interviews with 20 couples (i.e., 40 participants in total who were interviewed individually). The results showed that family rituals (1) enclose functions for families and couples, (2) have multiple meanings, (3) are linked to both positive and negative emotions, (4) are settings where men and women tend to adopt different roles. In addition, positive perceptions of family (support, cohesion, sharing and values' transmission to the next generation) were linked to positive perceptions of satisfaction with family rituals. At the couple level, associations were identified between family rituals and couples' level of intimacy. Differences between groups of couples with dissimilar marriage lengths were identified which may be explained by differences in participants' individual and family developmental phases. Finally, one identified several couple rituals and suggested a classification of this kind of rituals. Also, the differences and similarities between couple rituals and family rituals were considered. Implications of these results for further research and psychological intervention are discussed.

AOS MEUS PAIS,

MARIA DA CONCEIÇÃO E JORGE

AGRADECIMENTOS

Às minhas orientadoras, Professoras Doutoras Isabel Narciso Davide e Maria Emilia Costa, pelo carinho e apoio com que me acompanharam ao longo dos últimos quatro anos. As suas orientações foram um estímulo à criatividade e à busca de excelência. Da Professora Doutora Isabel Narciso Davide, que esta viagem trouxe ao meu encontro, recordo a “ternura, riso e força” aliadas ao reconhecimento do seu saber e rigor científicos admiráveis; a sua capacidade de pensar sistemicamente nunca deixou de me surpreender. Da Professora Doutora Maria Emília Costa, que me acompanha já desde os últimos anos da licenciatura, recordo a professora criativa, atenta e cativante e a extraordinária formadora de terapeutas; a sua experiência e saber traduziram-se em preciosos contributos ao longo da minha formação e do âmbito específico da orientação desta tese.

A ambas nunca agradecerei demais a confiança a liberdade que me concederam para metafórica e literalmente “voar”.

Ao Professor Garth Fletcher e à sua equipa na Universidade de Canterbury, em especial, Alice Boyes e Nickola Overall, pela generosidade e afecto com que me receberam na Nova Zelândia, pelo muito que me ensinaram e pelos seus contributos científicos fundamentais para este trabalho.

À professora Barbara Fiese, pelo seu interesse genuíno por esta investigação que, durante a minha visita ao Family Research Lab na Universidade de Syracuse, se traduziu por longas e animadas conversas que tanto me esclareceram e inspiraram.

À Sara e ao Gil, que comigo partilharam esta viagem e a rechearam de inteligência e bom-humor.

Ao professor Luis Fernandes e ao Helder Rebelo; pelos seus comentários e pelos brilhantes exemplos das suas teses académicas.

Aos professores Carlos Gonçalves e Joaquim Coimbra da Faculdade de Psicologia e de ciências da Educação da Universidade do Porto por, desde há muito, terem incentivado o meu percurso de investigação; aos professores Maria Teresa Ribeiro (era uma vez um livro em Londres...) e Wolfgang Lind que acrescentaram sorrisos e saberes às minhas idas à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

À Ema Loja e à Tânia Gouveia pela excelente colaboração nas análises dos dados; ainda à Raquel Barbosa pela preciosa ajuda nas mesmas.

À Dra. Maria Irene Cardoso, à Yanelia e à Alice pela ajuda nas questões linguísticas.

Aos casais que participaram no meu estudo pela dádiva das suas histórias; uma palavra muito especial de agradecimento à Dr.^a Armanda Mendes e à Sr.^a D. Etelvina Silva.

À Fundação para a Ciência e Tecnologia, por me ter concedido o apoio e todas as condições necessárias para a concretização do presente trabalho.

Por último, recordo os gestos e palavras de encorajamento, ternura e amizade de várias pessoas e a cada uma agradecerei em particular. Eis, contudo, os incontornáveis:

Marisa, Gui e Judit: minhas amigas, guardiãs de mil memórias e co-autoras de muitos dos meus mais belos contos;

Padre António Vieira, missionário do Amor que, ao longo desta escalada, sempre me ajudou a elevar os olhos para o cume da montanha;

A minha família, em especial os meus pais, cujo amor sempre se fez presente; as minhas outras famílias que durante as minhas viagens, me acolheram e generosamente me incluíram nos seus rituais familiares.

ÍNDICE GERAL

Introdução	21
Capítulo I	
Rituais Familiares: “Tema-astro”	31
1. Trajecto histórico do estudo dos rituais/rituais familiares	33
1.1. Primórdios e pioneiros	34
1.2. Três livros, três encontros	36
1.3. Rituais e terapia familiar	40
1.4. Rituais familiares: O último quarto de século	42
2. Rituais familiares: Paisagens inter-sistémicas	46
2.1. “Assuntos de família” Rituais familiares e sistema familiar	46
2.1.1. Porque é que os rituais familiares são importantes para as famílias?	47
2.1.2. Porque é que os rituais familiares são importantes para os investigadores que procuram compreender as famílias?	50
2.2. “Então e “nós”? Rituais familiares e sub-sistema conjugal	56*
2.2.1. Rituais familiares: que preditores?	58*
2.2.2. Rituais familiares: que efeitos?	60*
2.3. Rituais de casal: “Território à procura de mapa”	62
3. Principais configurações teóricas	69
3.1. Proposta de definição	69
3.2. Diferentes contextos dos rituais familiares: Proposta de categorização de Steven Wolin e Linda Bennett	73
3.2.2. <i>Continua</i> subjacentes a esta categorização	76
3.3. Funções	78
3.4. Rituais e rotinas: Uma distinção-chave	84
3.4.1. Rituais e rotinas: Eixos de uma tipologia	88
3.5. Rituais familiares: Grelha de avaliação	89
4. Rituais familiares e género	93
4.1. Investigação: O papel dos guardiães dos laços familiares	94*
4.2. Mulheres e homens nos rituais familiares: Os “porquês” da diferença	97
5. Agenda desenvolvimental dos rituais: Diálogos com Erik Erikson	102
5.1. Desenvolvimento da ritualização ao longo do ciclo de vida	102
5.2. Três temas de diálogo	109

Síntese	114
---------	-----

Capítulo II

Vinculação amorosa, Qualidade relacional e Proximidade: “<i>Temas-planeta</i>”	115
1. Vinculação	117
1.1. Teoria da vinculação: Contextos e temas	117
1.1.1. Fundamentos e origens	117
1.1.2. Vinculação adulta e vinculação amorosa	120
1.1.2.1. O modelo de Kim Bartholomew: O contorno de uma opção	122
1.1.3. Teoria da vinculação: Teoria desenvolvimental e sistémica	126
1.2. Vinculação e Rituais familiares	128 *
2. Qualidade relacional e Proximidade	130
2.1. Qualidade relacional	130
2.1.1. Qualidade relacional percebida: a proposta de Fletcher, Simpson e Thomas	136
2.2. Proximidade	139
2.2.1. Proximidade como “Inclusão do Outro no <i>Self</i> ”	141
2.2.2. Proximidade como interdependência	144
2.3. Qualidade Relacional, Proximidade e Rituais Familiares	146 *
3. <i>Expedição pela galáxia</i>	
O casal e o tempo : Rituais familiares, Vinculação, Qualidade relacional e Proximidade ao longo do ciclo de vida da família	154 *
3.1. Primeira etapa: Formação do casal	158 *
3.2. Famílias com filhos pequenos	171
3.3. Família com filhos na escola	173
3.4. Famílias com filhos adolescentes	174
3.5. Famílias com filhos adultos	176
Síntese	180

Capítulo III

Metodologia: “<i>Em torno da bússola de investigação</i>”	181
1. Reflexões epistemológicas: o ponto de partida da investigação	183
2. Metodologias	190
2.1. Quantitativo e qualitativo: Um diálogo (im)possível?	190
2.2. Estratégia metodológica	192
2.3. O investigador e o projecto de investigação: Breve narrativa	194

3. Desenho da investigação	197
3.1. Questão inicial	197
3.2. Objectivos e mapa conceptual	197
3.2.1. Primeiro estudo empírico (cariz quantitativo)	198
3.2.2. Segundo estudo empírico (cariz qualitativo)	199
Síntese	202

Capítulo IV

Primeiro estudo empírico	203
1. Sinopse do estudo	205
1.1. Hipóteses e questões de investigação	206
2. Estratégia de mensuração: caracterização e avaliação dos instrumentos psicométricos utilizados	209
2.1. Amostra	209
2.1.1. Pressupostos e técnica de amostragem	209
2.1.2. Amostra inicial e amostra real: Tratamento dos valores omissos	210
2.1.3. Características	211
2.2. Caracterização dos instrumentos	212
2.2.1. Rituais familiares	213*
2.2.2. Vinculação amorosa	216
2.2.3. Percepção de qualidade relacional	218
2.2.4. Proximidade	219
2.2.4.1. Escala de Inclusão do Outro no <i>Self</i>	219
2.2.4.2. Inventário de Proximidade Relacional	220
2.3. Processo de preparação dos instrumentos: Tradução, retroversão e reflexão falada	222
2.4. Análise da qualidade psicométrica dos instrumentos utilizados	223
2.4.1. Questionário dos Rituais Familiares	226
2.4.2. Experiências nas Relações Íntimas	233
2.4.2.1 Análise de <i>clusters</i>	235
2.4.3. Inventário de Componentes de Qualidade Relacional Percebida	237
2.4.4. Escala de Inclusão do Outro no <i>Self</i>	239
2.4.6. Inventário de Proximidade Relacional	241
3. Estudos principais	243
3.1. Método	243
3.1.1. Amostra	243

3.1.2. Procedimento	243
3.2. Resultados	244
3.2.1. Resultados descritivos	244
3.2.2. Diferenças entre grupos nas variáveis Rituais familiares, Evitamento e Ansiedade, Qualidade relacional e Proximidade	245
3.2.2.1. Rituais familiares	245
3.2.2.2. Vinculação amorosa: Evitamento e Ansiedade	248
3.2.2.3. Qualidade relacional percebida	250
3.2.2.4. Proximidade (IOS)	251
3.2.2.5. Influência percebida	252
3.2.3. Correlações	254
3.2.4. Regressões múltiplas	256
3.2.4.1. Similaridade	257
3.2.5. Modelos de Equações Estruturais	258
3.2.5.1. Modelos de Equações Estruturais com Rituais Familiares	259
3.2.5.2. Relação entre as outras variáveis	265
3.3. Discussão dos resultados	270
3.3.1. Nota sobre as variáveis sócio-demográficas	270
3.3.2. Análises correlacionais	274
3.3.3. Principais resultados	275
3.3.3.1. Efeitos intra-individuais (modelos de equações estruturais)	275
3.3.3.2. Efeitos inter-cônjuges (modelos de equações estruturais)	277
3.3.3.3. Similaridade	280
3.3.4. Resultados periféricos (relação entre as outras variáveis excluindo os rituais familiares)	282
3.3.5. Limitações	284
Síntese	287

Capítulo V

Segundo estudo empírico	289
1. Sinopse do estudo	291
2. O universo da investigação qualitativa	292
2.1. Breve itinerário histórico e características do momento actual	292
2.2. A opção pela investigação qualitativa	297
2.2.1 A credibilidade qualidade da investigação qualitativa	298

2.2.1.1. Métodos e técnicas rigorosos para recolher dados de alta qualidade que são cuidadosamente analisados	298
2.2.1.2. A credibilidade do investigador	301
2.2.1.3. A crença neste tipo de investigação: Uma apreciação de métodos qualitativos, análise indutiva e pensamento holístico	301
3. O presente estudo	303
3.1. Questões de investigação	303
3.2. <i>Grounded Theory</i>	304
3.3. A Entrevista	304
3.4. Os participantes e o processo de recolha de dados	309
3.4.1. A selecção da amostra	309
3.4.2. Caracterização da amostra	310
3.4.3. O processo de recolha de dados	311
3.5. Breve descrição das análises: O processo de codificação	313
3.6. Apresentação e discussão dos resultados	316
3.6.1. Rituais familiares	316
3.6.1.1. Funções, significados, sentimentos e papéis	316
3.6.1.2. Percepções da família e do casal	341
3.6.1.3. Duas Metáforas: Um novo olhar sobre os dados	350
3.6.2. Rituais de casal	361
Síntese	370
Conclusões	373
Referências Bibliográficas	389

Anexos

Anexo I – Questionários

Anexo II – Guião da entrevista

Anexo III - Árvore de categorias (Nud*Ist 6)

ÍNDICE DE FIGURAS

<i>Figura 1.</i> Funções dos rituais e dos rituais familiares	79
<i>Figura 2.</i> Tipologia quádrupla de rituais familiares (Fiese, 2006b, p.282, trad.)	88
<i>Figura 3.</i> Elementos de ritualização e de pseudo-ritualização (adaptado de Erikson, 1966) e estádios de desenvolvimento psicossocial	113
<i>Figura 4.</i> Modelo da vinculação adulta (Bartholomew e Horowitz, 1991, p. 226, trad.)	124
<i>Figura 5.</i> Estratégia metodológica da presente investigação	193
<i>Figura 6.</i> Mapa conceptual do primeiro estudo empírico	199
<i>Figura 7.</i> Mapa conceptual do segundo estudo empírico	201
<i>Figura 8.</i> Exemplo da primeira questão da sub-escala relativa ao Jantar com os valores de cotação correspondentes a cada opção de resposta	215
<i>Figura 9.</i> Análise factorial confirmatória para Investimento nos rituais familiares com dois factores, contextos familiares (CF) e contextos culturais (CC)	230
<i>Figura 10.</i> Análise factorial confirmatória da ERI, com dois factores Ansiedade e Evitamento	233
<i>Figura 11.</i> Análise factorial confirmatória do ICQRP	238
<i>Figura 12.</i> Histograma da escala IOS	240
<i>Figura 13.</i> Coeficientes estandardizados das trajectórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Evitamento e Rituais nos contextos familiares	260
<i>Figura 14.</i> Coeficientes estandardizados das trajectórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Evitamento e Rituais nos contextos culturais	261
<i>Figura 15.</i> Coeficientes estandardizados de trajectórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Rituais nos contextos familiares e Qualidade relacional	262
<i>Figura 16.</i> Coeficientes estandardizados das trajectórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Rituais nos contextos familiares e Proximidade (IOS)	263
<i>Figura 17.</i> Coeficientes estandardizados das trajectórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Rituais nos contextos culturais e Proximidade (IOS)	264
<i>Figura 18.</i> Coeficientes estandardizados das trajectórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Rituais nos contextos	

familiares e Influência percebida	265
<i>Figura 19.</i> Coeficientes estandardizados das trajetórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Evitamento e Qualidade relacional, em que se controla a variável Ansiedade	266
<i>Figura 20.</i> Coeficientes estandardizados das trajetórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Evitamento e Proximidade (IOS)	267
<i>Figura 21.</i> Coeficientes estandardizados das trajetórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Ansiedade e Proximidade (IOS)	268
<i>Figura 22.</i> Coeficientes estandardizados de trajetórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Evitamento e Influência percebida	268
<i>Figura 23.</i> Coeficientes estandardizados das trajetórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Ansiedade e Influência percebida	269

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Definições de Rotinas e Rituais (trad. de Fiese et al, 2002)	85
Quadro 2. Principais variáveis sócio-demográficas da amostra: frequências, percentagens, médias e desvios-padrão	212
Quadro 3. Contextos e dimensões do Questionário dos Rituais Familiares (trad. de Fiese & Kline, 1993)	214
Quadro 4. Divisão do Questionário dos Rituais Familiares em Factores	227
Quadro 5. Valores de ajustamento para os modelos dos Rituais familiares nos Contextos familiares e Culturais	228
Quadro 6. Alphas de Cronbach para o Questionário dos Rituais Familiares	231
Quadro 7. Alphas de Cronbach para os Factores Significado e Rotinas dos Contextos Familiares e dos Contextos Culturais	232
Quadro 8. Alphas de Cronbach para os factores da ERI, Ansiedade e Evitamento	234
Quadro 9. Resultados nas dimensões Evitamento e Ansiedade por <i>Clusters</i>	236
Quadro 10. Alphas de Cronbach para o Inventário de Qualidade Relacional Percebida	239
Quadro 11. Médias, Desvios-padrão e Coeficientes de Consistência Interna	244
Quadro 12. Resultados nos Rituais (CF e CC) por Grupo de Escolaridade: Diferenças de grupos	247
Quadro 13. Resultados nos Rituais (CF e CC) por Protótipos de Vinculação: Diferenças de grupos	248
Quadro 14. Resultados no Evitamento por grupos etários: Diferenças de grupos	249
Quadro 15. Resultados da Qualidade Relacional por Protótipos de Vinculação: Diferenças de grupos	251
Quadro 16. Resultados da Proximidade por Protótipos de Vinculação: Diferenças de grupos	252
Quadro 17. Resultados da Influência Percebida por Protótipos de Vinculação: Diferenças de grupos	254
Quadro 18. Matriz correlacional entre Rituais (CF e CC), Evitamento e Ansiedade, Qualidade Relacional, Proximidade (IOS), Influência para maridos e mulheres e Tempo de casamento	255
Quadro 19. Análises de Regressão múltipla: Predição de Similaridade nos Rituais (CF) a partir do Evitamento e Ansiedade das Mulheres e dos Maridos	258
Quadro 20. Questões de investigação do estudo qualitativo	303
Quadro 21. Resultados da Matriz de intersecção entre grupos de Funções e	

Cruzamento de Sexo e Tempo de casamento	317
Quadro 22. Resultados da Matriz de intersecção entre grupos de Funções e de Contextos dos Rituais familiares	325
Quadro 23. Resultados da Matriz de intersecção entre Funções dos Rituais familiares para o Casal e Cruzamento de Sexo e Tempo de casamento	326
Quadro 24. Resultados do Vector de intersecção entre Contextos dos Rituais e Funções dos Rituais para o Casal	328
Quadro 25. Resultados da Matriz de intersecção entre Significados e Cruzamento de Sexo e Tempo de casamento	332
Quadro 26. Resultados da Matriz de intersecção entre Significados e Contextos dos Rituais	335
Quadro 27. Resultados da Matriz de intersecção entre Sentimentos e Cruzamento de Sexo e Tempo de casamento	337
Quadro 28. Resultados da Matriz de intersecção entre Sentimentos e Contextos dos Rituais familiares	338
Quadro 29. Resultados da Matriz de intersecção entre Papéis atribuídos ao Próprio e ao Cônjuge e Cruzamento entre Sexo Masculino e Tempo de casamento (participantes)	339
Quadro 30. Resultados da Matriz de intersecção entre Papéis atribuídos ao Próprio e ao Cônjuge e Cruzamento entre Sexo Feminino e Tempo de casamento (participantes)	340
Quadro 31. Resultados da Matriz de intersecção entre Satisfação com os Rituais e Características da Família (unidades de texto)	344
Quadro 32. Resultados do Vector de intersecção entre Partilha e Contextos dos Rituais familiares	346
Quadro 33. Resultados da Matriz de intersecção entre Apoio emocional e Contextos dos Rituais familiares	347
Quadro 34. Resultados do Vector de intersecção entre Confiança e Contextos dos Rituais familiares	347
Quadro 35. Resultados do Vector de intersecção entre Sexualidade e Contextos dos Rituais familiares	348
Quadro 36. Resultados do Vector de intersecção entre Mutualidade e Contextos dos Rituais familiares	349
Quadro 37. Resultados do Vector de intersecção entre Amor e Contextos dos Rituais familiares	349
Quadro 38. Classificação dos Rituais de Casal: Grupo I	363

INTRODUÇÃO

O presente trabalho inscreve-se no âmbito da Psicologia da Família e tem como objecto de estudo os rituais familiares no território da conjugalidade: exploram-se as associações entre rituais familiares e vinculação amorosa, qualidade relacional percebida e proximidade numa amostra de casais que atravessam diferentes momentos do ciclo de vida.

Trata-se de um objecto de estudo complexo e multifacetado que envolve vários temas e a relação entre eles num plano de interacção de sistemas, nomeadamente, o sistema conjugal e o familiar. Para melhor explicar o carácter dinâmico da organização conceptual subjacente a este estudo, apresenta-se o que intitulámos a sua metáfora-guia.

No contexto deste trabalho, os rituais familiares são o tema-astro; a vinculação, qualidade relacional percebida e proximidade são os temas-planeta. Com efeito, rituais familiares são o tema principal, em torno do qual se fazem girar os outros. É aos rituais familiares que dedicamos maior atenção e que reflectimos com maior profundidade e pormenor. Os outros temas são explorados em função do primeiro: embora sobrevoemos os planetas um a um (vinculação amorosa, qualidade relacional e proximidade), interessa-nos, sobretudo, a órbita que desenham em torno do astro (rituais familiares). A galáxia onde “habitam” estes temas é a conjugalidade; o universo é a família. A maior parte das nossas excursões é feita pela galáxia: é a conjugalidade que pretendemos investigar e compreender. Contudo, torna-se necessário explorar também alguns sítios do grande universo familiar para melhor analisar as dinâmicas conjugais e a sua relação com os temas específicos que nos propomos estudar.

O carácter sistémico desta metáfora indicia já uma das perspectivas teóricas que privilegámos ao longo deste trabalho. A perspectiva sistémica alia-se às perspectivas ecológica e desenvolvimental para compor o quadro teórico de referência.

A perspectiva sistémica permite-nos compreender a interacção entre sistema individual, conjugal e familiar¹. Cada um deles é um sistema vivo, dinâmico e aberto que se relaciona consigo mesmo e com os outros sistemas numa dança contínua mas sempre renovada. Da perspectiva sistémica, retemos a necessidade de compreender os processos intra-individuais e inter-relacionais (partes) e o produto da dialéctica entre estes dois (todo), que é mais do que a mera adição dos dois primeiros. Esta movimentação entre contextos organizados e em permanente inter-relação (indivíduo,

¹ Poder-se-á conceptualizar um sistema como uma unidade global organizada de inter-relações entre elementos, acções ou indivíduos, o que é indissociável da ideia de complexidade (Morin, 1994).

casal, família) emerge de forma recorrente ao longo do texto deste trabalho que atestará o esforço realizado: pensar a parte foi pensar também o todo e pensar o todo implicou considerar as partes em relação. Assume-se, pois, “...*que cada uma das partes tem a sua identidade, não redutível ao todo, bem como uma identidade comum que é a desse mesmo todo. O que implica que, ao considerarmos um sistema, será reducionista atender apenas à constituição da unidade a partir da diversidade, uma vez que também a diversidade (interna ao sistema) é criada através da unidade (sistema).*”² (Narciso, 2006, p.5). Da evolução mais recente da perspectiva sistémica, procurámos, ainda, salientar o ponto de vista e experiência do sistema e a sua competência (cf. Rebelo, 2002). As famílias, bem como os indivíduos e os casais que abarcam, são encaradas como sistemas proactivos, competentes e criativos na concepção dos seus rituais familiares. Por esse motivo, procurámos, tanto quanto nos foi possível, no plano da investigação, escutar as “vozes” dos personagens reais, partindo das percepções e dos significados que eles próprios vão construindo sobre as suas experiências.

Do ponto de vista da própria produção de conhecimento, valorizámos também a interligação de sistemas. Sistemas de áreas científicas (trata-se de um trabalho de Psicologia que inclui, por vezes, reflexões sobre contributos de outras ciências sociais, especialmente a Antropologia) e sistemas de diferentes modelos teóricos dentro dos primeiros (sendo os principais a Psicologia da Família e da Psicologia Social).

Intrinsecamente ligada com a perspectiva sistémica, encontra-se a perspectiva ecológica, outro dos fios condutores teóricos utilizados. Uma das premissas básicas do pensamento ecológico é considerar que a experiência humana é, necessariamente, “situada” Brofenbrenner (1994), no seu modelo eco-sistémico de desenvolvimento humano, apresenta uma conceptualização que poderemos designar por “inclusividade interactiva” de sistemas, dado que estes estão contidos uns nos outros e em contínua inter-relação, influenciando-se mutuamente. Assim, o autor distingue vários níveis sistémicos: o microssistema, que corresponde ao contexto imediato e de maior influência que contém o indivíduo; o mesossistema, que se refere ao contexto relacional mais próximo que inclui o indivíduo bem como outros microssistemas de que também faz parte; o exossistema, que inclui outros sistemas mais distais com os quais o

² Na introdução, e ao longo de todo o trabalho, optámos por colocar as citações (e excertos de entrevistas) a itálico de modo a valorizar e distinguir os discursos de outros autores e participantes.

indivíduo se relaciona; e o macrosistema, que remete para contextos de influência mais latos, tais como o contexto cultural, sócio-económico e político.

A experiência humana acontece, pois, “em-contexto”, constatação que impele o investigador a estudar os espaços e territórios dos fenómenos que se propõe estudar. A riqueza desta abordagem é bem ilustrada por Fernandes (1998, p.59): “*Tenho verificado que no meu trabalho empírico a frequência com que os actores sociais do espaço que investigo (e onde me movo com eles) utilizam o espaço para se reconstituírem a si próprios no fio do tempo.*”. Na investigação presente neste trabalho há um empenho em compreender os diversos contextos responsáveis pelas diferentes texturas dos rituais familiares. Procurámos, então, observar o nosso objecto de estudo, sobretudo a partir de duas das “janelas sistémicas” de Brofenbrenner (1977; 1979; Brofenbrenner & Ceci, 1994; Brofenbrenner & Evans, 2000): o casal ou microssistema; e a família ou mesossistema. Contudo, e tanto quanto possível, tivemos em consideração a influência do exossistema (por exemplo, os sistemas de trabalho dos elementos do casal) e do macrosistema (por exemplo, os contextos culturais). De facto, embora os rituais tenham um substrato comum que os torna “matéria quotidiana” em quase todas as famílias do planeta, não se pode ignorar que as suas manifestações exteriores concretas são muito sensíveis ao contexto cultural envolvente. É tido em conta o facto de a nossa amostra pertencer a um contexto português urbano do começo do século XXI. Na mira das nossas preocupações, estava, ainda, a influência do “cronossistema” (Brofenbrenner & Ceci, 1994), que remete para o contexto temporal, para processos de estabilidade e mudança ao longo do tempo.

Para além da procura dos contextos dos participantes, procurámos, também, ainda que de forma breve, ir ao encontro dos contextos do conhecimento, situando os contributos mais relevantes no espaço e no tempo, coordenadas essenciais para a orientação dos saberes científicos.

Por último, mas não menos importante, surge o terceiro fio condutor, a perspectiva desenvolvimental. A perspectiva desenvolvimental é, a nosso ver, o fio que liga o passado, presente e futuro da existência humana. Através da análise do indivíduo ao longo da vida, pode aceder-se à dimensão da sua *historicidade*, ou seja, dos processos evolutivos que de uma forma dinâmica o conduziram até ao momento actual. Embora a perspectiva desenvolvimental se concretize mais plenamente nos estudos

longitudinais (o que não é o caso), procurámos conhecer os casais em diferentes fases do seu percurso de vida. Em termos da revisão da literatura, esta é uma perspectiva que se faz muito presente: apresentamos o que consideramos ser o “tesouro perdido” de Erik Erikson, a sua formulação teórica sobre as diferentes fases de desenvolvimento dos rituais ao longo da vida e uma síntese das várias etapas do desenvolvimento familiar.

Relativamente à produção do conhecimento, também houve um esforço por “contar a história” dos contributos teóricos que mais utilizámos, conhecer os seus criadores e as várias reformulações que sofreram até ao momento actual.

Após a apresentação do objecto de estudo, da metáfora-guia e dos fios condutores teóricos que constituem o contorno deste trabalho, é altura de reflectir sobre as razões que levaram à emergência deste estudo e a sua pertinência.

O casal é um dos sub-sistemas da família e esta, por sua vez, faz parte de sistemas mais vastos de natureza social, cultural e económica. Não é novidade reconhecer que, ao longo do século passado, grandes mudanças atingiram em catadupa todos estes sistemas e que essas mudanças moldaram as suas características actuais. O desmoronar das meta-narrativas (entendidas como dispositivos ideológicos orientadores dos vários domínios da existência humana ao longo dos tempos) possibilitou a metamorfose da sociedade e dos indivíduos que iniciaram um processo de complexificação e autonomização: os mitos colectivos diluíram-se progressivamente, favorecendo a emergência dos mitos individuais com toda a sua riqueza de significados. Esta queda de princípios orientadores universais e as transformações nos sistemas sociais, incluindo o sistema familiar, parecem ter originado o que alguns autores referem como a procura ou o retorno à esfera privada, processo imanente nas últimas décadas – nos Estados Unidos, designou-se este processo cultural como “*cocooning*”, isto é, regresso ao casulo (cf. Pasini, 1990). Este processo modificou a vida em família e a vida ritual das famílias: há uma tendência para se acentuarem os rituais familiares (hora de jantar, actividades de fim de semana em conjunto, aniversários), por um lado, e desvanecerem os rituais de cariz cultural vividos a nível comunitário, por outro. À medida que a vida familiar foi sendo valorizada, reinventaram-se os rituais familiares. Mas este processo não foi linear nem pacífico. Numa época caracterizada por múltiplos paradoxos, surge mais um: ao mesmo tempo que os rituais familiares são valorizados e desejados, falta o tempo necessário para os organizar. As crescentes exigências de

outros sistemas como a escola e o mundo laboral não tornam o investimento nos rituais uma tarefa fácil para as famílias. O tempo familiar, recheado de momentos-rituais, parece ser vivido com alguma ansiedade proveniente da comparação entre o ideal e o possível, entre a ideologia e a experiência realmente vivida (Daly, 2001). Os discursos sociais, muitas vezes ambivalentes, podem também contribuir para essa tensão. Se, por um lado, se valoriza a vida familiar e se definem as pessoas pela sua relação com a família, por outro, é-lhes pedido uma entrega significativa a projectos profissionais: a excelência é “esperada” nos dois contextos. Nas famílias mais desfavorecidas economicamente, os rituais familiares podem, por vezes, ser evitados ou reduzidos devido ao stress não raramente associado a estas situações ou aos custos que alguns rituais podem envolver. Note-se que o apoio da comunidade e de outras redes sociais tende a diminuir e que as famílias ficam mais isoladas e “entregues a elas próprias”. Se olharmos sob outro prisma, verificamos também que as famílias não tradicionais (famílias de recasamento, famílias adoptivas, etc.) não viram ainda facilitado o processo de criação de rituais para as suas transições específicas.

Em suma, os rituais constituem peças-chave da identidade familiar; são, em geral, valorizados pelas famílias mas o trabalho, tempo e organização que por vezes implicam suscitam algumas ambiguidades. Quais são os desafios que, hoje em dia, se colocam a indivíduos e famílias nesta área em particular? Quais são os significados dos rituais familiares ao longo do desenvolvimento pessoal e familiar?

Da família para o casal. O sub-sistema conjugal é também, muitas vezes, sub-sistema parental e terá de assumir o leme da vida ritual da família. Como é que os elementos do casal encaram essa tarefa? De que forma é que essa tarefa está relacionada com a sua vivência como casal? Apesar de estarem no mesmo patamar em termos sistémicos, será que maridos e mulheres olham para os rituais do mesmo modo?

A curiosidade científica sobre os rituais familiares já tem alguns anos. Contudo, as investigações nesta área só agora começam a emergir (sobretudo em Portugal) e só muito recentemente o debate sobre estas questões começa a ultrapassar as fronteiras do conhecimento académico e a interessar a opinião pública em geral. Estão aliados dois factores de relevo que justificam o presente estudo: os rituais familiares são um constructo fecundo do ponto de vista científico que importa explorar com maior profundidade; os rituais familiares “fazem sentido” para indivíduos, casais e famílias

que poderão beneficiar dos resultados desses estudos de forma directa ou indirecta (através da sensibilização de profissionais como psicoterapeutas, professores, médicos, entre outros).

Assim se concretiza a finalidade mais lata deste trabalho: compreender os rituais familiares e a rede de significados que encerram para indivíduos e casais no contexto da família e contribuir para o desenvolvimento da investigação, da teorização e da intervenção psicoterapêutica.

Nesta investigação, debruçamo-nos sobre casais que fazem parte de uma amostra “não clínica” (cf. Narciso, 2001). Esta característica parece aumentar a probabilidade de estarmos na presença de casais com vivências que se aproximam mais do pólo positivo do que do negativo em termos de vivências familiares e de casal. Assim, consideramos que, neste contexto, se parte, principalmente, de um eixo de positividade.

Neste trabalho, coexistem dois estudos empíricos que, apesar de relativamente independentes, apresentam algumas pontes entre si – desde a sua conceptualização até à compreensão dos resultados –, de modo a poder concretizar-se um retrato simultaneamente holístico e singular da “paisagem” que exploramos. O primeiro é um estudo de cariz quantitativo onde se procura, fundamentalmente, aceder a padrões gerais sobre a relação dos rituais familiares com cada uma das restantes variáveis (vinculação amorosa, qualidade relacional e proximidade) e também destas entre si. Com o recurso a análises estatísticas, das quais se destacam os modelos de equações estruturais, examinaram-se os resultados intra-individuais e também os resultados inter-cônjuges. Estes dois níveis de resultados permitiram concretizar, no estudo empírico, a conceptualização sistémica que se havia enunciado no plano teórico: para além dos processos individuais, tivemos acesso aos processos de mútua influência entre os cônjuges nas variáveis em estudo.

O segundo é um estudo de cariz qualitativo, onde se parte em busca das percepções e significados dos rituais familiares através do método da entrevista semi-directiva. Nesta entrevista, para além de se explorarem várias dimensões dos rituais familiares encaixilhadas nos planos conjugal e familiar, fez-se ainda uma incursão pelos rituais de casal. Enquanto o primeiro estudo nos conduziu a padrões, este permitiu-nos trilhar outro caminho, colorido sobretudo com as vivências, os significados e os símbolos dos participantes. Entrámos no “mundo das histórias”.

A presença das duas metodologias (quantitativa e qualitativa) e a sua operacionalização nos dois estudos permitiu a construção de um “jogo de linguagens” (Fernandes, 1998): cada metodologia questionou o fenómeno numa linguagem e o respectivo estudo empírico respondeu-lhe na linguagem em que lhe tinha sido perguntado. O investigador aprendeu e “falou” a linguagem de cada metodologia nos diferentes momentos do estudo. Na conclusão do trabalho, procurou construir uma tradução destas linguagens mais “empíricas” para uma meta-linguagem mais “teórica”, cujo dicionário reconhece e valoriza o substantivo integração.

Passamos, agora, à apresentação da estrutura subjacente a esta tese. É composta por cinco capítulos (cada um com uma síntese no final) que se passam a apresentar.

No primeiro capítulo - Rituais familiares: “*Tema-Astro*” – parte-se para a exploração do principal constructo deste trabalho, os rituais familiares. Reflecte-se sobre a pertinência da investigação científica sobre os rituais no momento actual e traça-se um breve percurso histórico do seu estudo ao longo do tempo. Posteriormente, apresenta-se uma revisão da literatura neste domínio; introduzem-se as principais configurações teóricas que têm contribuído para o aprofundamento deste tema, do qual destacamos a proposta desenvolvimental dos processos de ritualização ao longo da vida de Erik Erikson.

O segundo capítulo – Vinculação amorosa, Qualidade relacional e Proximidade: “*Temas-Planeta*”: – compreende dois momentos. No primeiro, introduzem-se os temas referidos, procedendo-se a uma apresentação dos seus conteúdos teóricos e de investigação mais relevantes. Para além da sua apresentação individual, procede-se a uma articulação conjunta, procurando-se explorar as pontes conceptuais entre os vários constructos e a investigação que se tenha debruçado sobre as suas associações. No segundo momento, lança-se um olhar sobre o casal e o tempo. Mais especificamente, propõe-se uma análise do casal ao longo do ciclo de vida da família, tendo por base os vários temas que sustentam o nosso estudo.

O terceiro capítulo denomina-se “Metodologia: *Em torno da bússola de investigação*” e serve de introdução aos capítulos seguintes que se reportam aos estudos empíricos. Neste capítulo faz-se uma reflexão sobre as premissas epistemológicas que orientam este estudo e delinea-se a sua estratégia metodológica. Apresentam-se, ainda, os objectivos de cada um dos estudos, bem como o seu mapa conceptual.

O quarto capítulo – Primeiro estudo empírico – refere-se ao estudo de cariz quantitativo. Aqui se apresentam, num primeiro momento, as hipóteses e questões de investigação. Após a caracterização da amostra, descrevem-se os instrumentos utilizados e apresentam-se as análises realizadas para averiguar as suas qualidades psicométricas. Posteriormente, apresentam-se os vários resultados das análises estatísticas realizadas que são, no final do capítulo, objecto de discussão.

O quinto capítulo – Segundo estudo empírico – comporta o segundo estudo, este de cariz qualitativo. Após um preâmbulo no qual se discutem alguns aspectos relacionados com o universo da investigação qualitativa, apresentam-se as questões de investigação, a amostra e o método de recolha de informação e o processo de análise dos dados. Os resultados são apresentados conjuntamente com a sua discussão e ilustrados com excertos das entrevistas realizadas.

A parte final – Conclusões – pretende ser uma síntese e, simultaneamente, uma reelaboração dos resultados dos dois estudos à luz dos contributos teóricos. É o momento em que se faz também uma reflexão crítica sobre o trabalho, lançando questões e pistas relevantes para os domínios da investigação e da, de forma mais resumida, da intervenção terapêutica.

CAPÍTULO I

RITUAIS FAMILIARES: “TEMA-ASTRO”

1. TRAJECTO HISTÓRICO DO ESTUDO DOS RITUAIS/ RITUAIS FAMILIARES

“Os livros são como cumes de montanhas alçando-se sobre o mar. Pareçam embora ilhas independentes, são levantamentos de uma geografia subjacente que é, ao mesmo tempo, local e por isso mesmo, parte de um padrão universal. E assim, embora reflectam inevitavelmente um tempo e um espaço, fazem também parte de uma geografia intelectual mais geral”.

Jerome Bruner, 1997

A opção por um determinado objecto de estudo no universo científico traz, invariavelmente, uma agenda de encontros. São encontros entre o investigador e outros personagens que, no presente ou no passado, se debruçam sobre o mesmo tema. Podem ser encontros de diálogo vivo como os que juntam os apaixonados de um clube, um desporto, um *hobby* ou uma ideia se ambos se situam nas mesmas coordenadas temporais. Ou podem ser encontros com o legado escrito dos que no passado investigaram, reflectiram e se interessaram pelo mesmo tema. Através destes guias, o investigador apercebe-se do passado do seu objecto de estudo, do que motivou o interesse inicial, dos problemas e dúvidas suscitados em cada momento histórico, das conquistas, dos avanços, das polémicas e percebe-o tal como lhe surge na actualidade. Este é o caso dos rituais, mais precisamente dos rituais familiares, tema centrípeto deste trabalho. Se para compreender um fenómeno é importante “pô-lo em contexto”, ainda o é mais se se pretende criar conhecimento sobre o mesmo. Por isso, traçámos um percurso histórico do seu estudo para melhor compreender o seu momento actual e para aí inscrever, com maior legitimidade, o nosso contributo para a narrativa científica sobre os rituais familiares. É um percurso não linear que envolve paragens em diferentes contributos de diferentes disciplinas. Como todos os percursos deste género, inclui uma visita a factos e ideias documentados e “reais”; o enquadramento, selecção e reflexão sobre estes é, no entanto, um produto do investigador que, como qualquer outro guia empenhado, dá ao itinerário um cunho idiossincrático.

1.1. Primórdios e Pioneiros

Os rituais são tão velhos como a Humanidade, afirma Grimes (1982). A gênese do seu estudo, porém, situa-se, de acordo com este autor, nas universidades medievais que eram tuteladas pela Igreja e se debruçavam essencialmente sobre os rituais relacionados com a vivência e práticas da fé. Esta associação entre o estudo dos rituais e a religião persistiu até ao século XX, o qual assistiu a profundas metamorfoses e avanços nesta área. Os antropologistas parecem ter sido os primeiros a estudar os rituais de uma forma considerada mais independente, isto é, sem a supervisão de uma instituição religiosa específica. No entanto, a religião estava ainda muito associada aos rituais mas de outra forma: os rituais que eram estudados estavam invariavelmente ligados à vida religiosa das populações estudadas. De acordo com Moore e Myerhoff (1977b), isto deveu-se ao *background* teórico existente (do qual Durkheim parece ter sido um dos nomes mais influentes) e também ao facto de os antropólogos estudarem sociedades específicas, nas quais tudo tem um significado profundamente religioso, em que a vida diária está naturalmente imbuída do sagrado e em que mundo espiritual e visível coexistem intimamente, características bem diferentes das sociedades mais industrializadas. Esta tendência vai ser alvo de polémica na segunda metade do século XX; investigadores de várias áreas que começam a partilhar o interesse pelo estudo dos rituais como Etologia, Biologia, História e Psicologia, clamaram a urgência de libertar o estudo dos rituais do espartilho que o confinava exclusivamente ao mundo religioso.

Vários autores (Fiese, 2006a; Lind, 2005; Wolin & Bennett, 1984) são unânimes em reconhecer o trabalho dos sociólogos Bossard e Boll (1950) como o primeiro estudo empírico verdadeiramente significativo na área dos rituais, mais concretamente, dos rituais familiares. Este foi um estudo qualitativo extensivo que incluiu análises de diários, autobiografias e realização de entrevistas que os autores publicaram sob o nome "*Ritual in Family Living*" (Bossard & Boll, 1950). A partir dos dados recolhidos, concluíram que os rituais familiares estavam no centro da vida das famílias e que proporcionavam estabilidade em épocas de transição associadas a um maior nível de stress. Para além da reflexão sobre as funções dos rituais familiares, um contributo fulcral deste trabalho foi o da avaliação da mudança dos rituais familiares ao longo do tempo. Analisando as mudanças na primeira metade do século, Bossard e Boll (1950) concluíram que:

- Os rituais tornaram-se cada vez menos religiosos e mais seculares (por exemplo, o Natal, uma celebração religiosa, foi adquirindo um carácter mais familiar do que comunitário e passou a ser celebrado na casa de cada família ganhando contornos mais privados e intimistas).

- Os rituais passaram cada vez mais a ser realizados por pequenos grupos e menos pela comunidade mais lata (o centro passou a ser a família mais próxima que, progressivamente, começa a ter uma vida mais privada e independente da comunidade).

- Os rituais passaram a ser levados a cabo por um grupo familiar cada vez mais móvel e menos estável geograficamente (que, mesmo assim, persistiu na elaboração de rituais e na manutenção de laços com o seu passado).

- As famílias passaram a centrar a sua vivência cada vez mais em função das crianças, passando de uma ideologia comunitária para uma ideologia democrática (as famílias passaram a ser um grupo mais individualizado; as macro mudanças económicas e sociais do início do século implicaram também uma divisão do trabalho, tendo as mulheres ficado primordialmente com o papel de cuidadoras das crianças e do lar).

- À medida que as famílias adoptaram a ideologia democrática, abriu-se a possibilidade de participação de todos os membros da família numa perspectiva mais igualitária que se reflectiu na criação e vivência dos rituais familiares, também eles mais participados e investidos por todos.

- À medida que as famílias criam o seu espaço e tempo “privados”, foram também criando um sentido mais idiossincrático de identidade (as famílias podiam, agora, criar os seus próprios rituais e adaptar outros para melhor os adequar às suas características e necessidades).

- As famílias passaram a estar mais isoladas, deslocando-se da geografia mais íntima das pequenas comunidades para a geografia mais impessoal do mundo urbano (as tarefas familiares são levadas a cabo exclusivamente pela família e desvanece-se a cooperação inter-familiar e a partilha de recursos e esforços).

Embora este estudo reflecta naturalmente a vida ritual das famílias dos Estados Unidos da América, temos razões para acreditar que no contexto europeu e, mais especificamente, em Portugal, a tendência foi bastante semelhante. Bossard e Boll foram pioneiros nesta área e marcaram, sem dúvida, o contexto familiar como um dos mais relevantes para o estudo dos rituais daí em diante.

1.2. Três livros, três encontros

Nas duas décadas seguintes, vários investigadores de diferentes áreas reuniram-se para debater o tema dos rituais à luz de diferentes disciplinas. Aqui, salientamos três conferências com contributos relevantes que deram origem, posteriormente, a três publicações:

a) “*Royal Society Symposium on the Ritualization of Behavior in Animals and Man*”, realizado em Londres, em Junho de 1965 e organizado por Sir Julian Huxley. As comunicações deste simpósio foram publicadas na “*Philosophical Transactions of the Royal Society of London: Series B. Biological Sciences*” em 1966 (Huxley, 1966b).

b) “*The Roots of Ritual*”, simpósio realizado na Universidade de Notre Dame, em Indiana, nos Estados Unidos em 1971 e organizado por Aidan Kavanagh que deu origem ao livro “*The Roots of Ritual*” editado por James Shaugnessy, em 1973 (Shaugnessy, 1973).

c) “*Secular Rituals Considered: Prolegomena toward a Theory of Ritual, Ceremony and Formality*”, conferência realizada em Burg Wartenstein, Áustria, em Agosto e Setembro de 1974 e organizada por Max Gluckman, Victor Turner e Sally Moore. Esta conferência deu mais tarde origem ao livro “*Secular Ritual*” editado por Sally Moore e Barbara Myerhoff em 1977 (Moore & Myerhoff, 1977a).

O denominador comum destas conferências é, sem dúvida, o reconhecimento da necessidade e importância da interdisciplinaridade no estudo dos rituais e o alargamento do tema a vários contextos da vida humana e, no caso da primeira conferência, também da vida animal. A efervescência de um tema relativamente novo transpira nos vários textos que documentam estas conferências; contudo, a par com o entusiasmo da inovação, surpreende verificar o questionamento dos autores face à sobrevivência dos rituais no futuro. Será que os rituais ditos seculares irão subsistir sem o substrato religioso? Será que os rituais poderão persistir nas sociedades cada vez mais industrializadas de ritmo acelerado e de vivências fugazes? Será que o esvaziar do seu conteúdo levará à sua extinção? Estes eram os principais temas e interrogações nos anos 70. Em seguida, apresentam-se alguns dos contributos presentes nestes trabalhos, produtos destas três conferências; são contributos seleccionados pela sua novidade e pela relevância que apresentam também para alicerçar o presente estudo.

a) “*Royal Society Symposium on the Ritualization of Behavior in Animals and Man* - Nesta conferência, é conferido um papel importante à comparação entre os rituais nos homens e nos animais, através da visão de biólogos, etologistas, antropólogos e psicólogos. Julian Huxley, o primeiro a utilizar o termo *ritualização* para denominar o processo através do qual funções quotidianas dos animais evoluíram até se tornarem movimentos de comunicação intra-espécie (Lorenz, 1966), refere que, no homem, pela sua vida mental e capacidades, comportamento e desenvolvimento específicos, o processo de ritualização é mais complexo, elástico e variado do que nos animais, conduzindo a um leque mais vasto de resultados. De acordo com este autor, as funções do processo de ritualização seriam assegurar uma comunicação mais eficaz, uma redução de conflitos e fortalecimento de laços intra-grupo. Estas funções, descritas por um biólogo evolucionista que estudava maioritariamente os rituais nos animais, são coerentes, curiosamente, com as teorizações mais recentes sobre os rituais, mais concretamente, sobre os rituais familiares. Sabemos, actualmente, que os rituais são eventos com informações significativas partilhadas/ comunicadas entre membros do mesmo grupo familiar; sabemos que promovem um maior sentido de pertença e de identidade e que são únicos na gestão de ambivalências (quando há conflitos entre membros da família, quando há sentimentos contraditórios em termos individuais e/ou familiares, etc.). Este autor refere, ainda, o valor dos rituais como “válvulas de segurança sociais”, ou seja, determinados rituais, denominados de “escape”, seriam como actividades organizadas nos quais o homem podia escapar da moralidade e da monotonia do dia-a-dia (Huxley, 1966a). Esta ideia pode ser, actualmente, transposta para a família: muitos rituais familiares constituem “*a time between times*” (cf. Grimes, 1982, p.65), são tempos especiais que marcam transições e que constituem, por si mesmo, marcos, focos coloridos (de afecto, de significado, de memória e de ligação entre o passado e o presente) na tela da vida familiar.

O autor mais relevante desta conferência para o presente trabalho é, sem dúvida, Erik Erikson que apresentou uma comunicação denominada “*Ontogeny of ritualization in man*” (Erikson, 1966). Erikson começa por estabelecer a demarcação da sua proposta de propostas anteriores, procurando centrar-se no processo de “fazer rituais” (*ritual-making*) e não nos próprios rituais (como a antropologia). Adicionalmente, procura também afastar este conceito do universo patológico, não circunscrevendo os rituais a

comportamentos obsessivos com significados idiossincráticos (como algumas áreas da psicologia clínica de então). Erikson propõe-se apresentar uma agenda desenvolvimental para a ontogenia da ritualização que define como “...uma interação consentida entre duas ou mais pessoas que as repetem em intervalos significativos e em contextos recorrentes que têm valor adaptativo para todos os participantes.” (Erikson, 1966, p.337, trad.). Erikson desenvolve este tema mais tarde no seu livro “*Toys and Reasons*” (1977). A partir destes dois contributos do autor, apresentamos, no ponto 5 deste capítulo, o essencial da sua proposta.

b) *The Roots of Ritual* - A contribuição que destacamos desta conferência é a de Margaret Mead que deu origem ao capítulo “*Ritual and Social Crisis*” (Mead, 1973). A autora tece várias considerações sobre o tema dos rituais, das quais distinguimos a afirmação do ritual como um conceito relacional Segundo Mead (1973), a presença de duas pessoas (podendo uma delas ser uma entidade espiritual, como no caso dos rituais religiosos) é um ingrediente necessário do comportamento ritual: a partilha e a expectativa é que o tornam verdadeiramente ritual.¹ É através das memórias partilhadas que se reforçam na vivência do ritual que o sentido de identidade, segurança e continuidade são assegurados. Aqui Mead fala-nos da transmissão intergeracional dos rituais e dos símbolos associados:

“Only if a ritual is conducted in the same way, only if the same words are spoken in the same order and accompanied by the same gestures, will the same feeling of security be present. It is this security which integrates, for all who have previously experienced the ritual, the past with the present, and at the same time exhibits to the novices who have never before experienced it, what they are to feel.”

Mead, 1973 (p.92)²

¹ Embora concordemos com Mead quando salienta a importância relacional deste conceito, consideramos, porém, que a presença de duas pessoas (ou de uma pessoa ou entidade) não é imprescindível para que um ritual possa emergir. Os rituais podem acontecer na presença de uma só pessoa, como é o caso de muitos rituais terapêuticos que são levados a cabo fora das sessões de intervenção ou de rituais que, naturalmente, surgem na vida dos indivíduos e que, na sua realização, não são partilhados. No entanto, o componente relacional está muito presente: no caso dos primeiros, a própria relação com o terapeuta é essencial para a criação de um ritual e, em ambos os casos, pode existir a relação reevocada na memória do indivíduo consigo próprio ou com outro (s) com quem estabelece ou estabeleceu laços no passado.

² Ao longo deste trabalho, optámos por manter algumas citações na língua original, sempre que a sua tradução resultasse, a nosso ver, numa perda da riqueza e unicidade das expressões dos autores; nos outros casos, efectuámos a tradução.

A transposição para os rituais familiares é, aqui, de grande importância. Podemos perceber como é que os rituais são passados dos mais velhos para os mais novos e como a sua continuidade através das gerações concede à família um sentido de segurança. As últimas palavras do texto remetem-nos para a função de regulação emocional que os rituais têm no contexto familiar: os mais novos são envolvidos num contexto de aprendizagem de afectos, eles aprendem não só como *agir* mas, simultaneamente, como *sentir* nestes momentos da vida familiar³. É através da vivência partilhada que os símbolos podem ser incorporados pela geração mais nova e se pode perpetuar a identidade familiar que é, no fundo, o reconhecimento, o reconhecimento dos outros e de si perante os outros. Margaret Mead não duvidava da importância da manutenção dos rituais e preocupava-se com a sua sobrevivência nas sociedades modernas, sobretudo nos Estados Unidos da América de então, onde os rituais seriam vistos com algum indiferença e até rejeição. A autora defendeu então a “*ritual awareness*” como forma de criar rituais com significados conhecidos, investidos e partilhados que pudessem manter as pontes entre gerações cada vez mais diferentes entre si (Mead, 1973).

c) *Secular Rituals Considered: Prolegomena toward a Theory of Ritual, Ceremony and Formality* – O nome desta conferência sugere, precisamente, o seu objectivo: neste encontro, procurou-se reflectir sobre os rituais seculares e como é que as teorizações e os conhecimentos anteriores relativos aos rituais de cariz religioso se poderiam transferir ou não a este novo contexto. Jack Goody apresenta um trabalho com o polémico título “*Against Ritual*” (Goody, 1977), onde se posiciona contra o alargamento deste conceito para outros contextos para além do religioso. Neste, diz Goody (1977), o conceito de ritual poderia ter ainda alguma utilidade mas se for dividido pelas várias disciplinas perde o seu sentido como acontece com qualquer outra categoria super-inclusiva. Se os actos de apertar a mão, lavar os dentes, andar de carro,

³ Esta reflexão é pertinente e curiosamente actual à luz dos avanços no campo da Neuropsicologia. De acordo com António Damásio (2003), o sentir está intimamente relacionado com as acções e emoções que o precedem:

“Como acontece frequentemente quando um dispositivo novo é incorporado no repertório biológico, a natureza serve-se daquilo de que já dispunha, o que, no caso do sentimento, nada mais é do que a emoção. No princípio foi a emoção, claro, e no princípio da emoção esteve a acção.” (p.97)

Os rituais são actos que se fazem, pensam e se sentem. As crianças que se vão integrando na vida ritual da família começam por participar e agir. Progressivamente, as emoções e os sentimentos associados a essas acções vão-se construindo, construção, a nosso ver, profundamente influenciada pelo contexto que a criança pode observar e experienciar em torno desses momentos (cf. Pryor, 2006).

comer, ir ao cinema, caçar, etc., podem ser considerados um ritual, então, a lista de actividades abrangidas seria infinita e Goody questiona a utilidade desta extensão. Este autor tocou num ponto importante que se revela ainda bastante actual. O que é que distingue um ritual de outras actividades? Tomemos o exemplo dos rituais familiares. Estes estão enraizados na vida das famílias, coexistem com actividades rotineiras e triviais: a hora de jantar implica cozinhar, lavar a louça, levantar a mesa; a celebração de um aniversário implica talvez comprar as velas para o bolo, telefonar convidando familiares e amigos, e assegurar que a casa está arrumada antes de os convidados chegarem. Estas tarefas não são rituais mas fazem parte da vivência do ritual, e esta indissociabilidade fez com que, por vezes, se realizassem erros-sinédoco, tomando a parte pelo todo. Por outro lado, a mesma actividade realizada por duas famílias diferentes pode ser considerada numa delas um ritual e na outra, não, dependendo do significado construído ao longo da história da família. Como evitar que o conceito de ritual se torne então uma mescla heterogénea e super-inclusiva? Na nossa opinião, Barbara Myerhoff (1977), no âmbito desta conferência forneceu pistas para esta resposta afirmando que:

“Rituals can be distinguished from custom and mere habit by their utilization of symbols. They have significance far beyond the information transmitted. They may accomplish tasks, accompany routine and instrumental procedures, but they always go beyond them, endowing some larger meaning to activities they are associated with.” (p.200)

São os símbolos que introduzem a diferença e conferem um carácter específico a este conceito e são parte integrante do mesmo, como já preconizara Turner (1967, in Roberts, 1988) ao afirmar que os símbolos são a unidade mais pequena dos rituais. Esta ideia irá ser retomada mais tarde quando Fiese e colegas (Fiese, Tomcho, Douglas, Josephs, Poltrock & Baker, 2002) distinguem de uma forma sistemática rotinas e rituais, introduzindo um avanço teórico importante nesta área.

1.3. Rituais e terapia familiar

É também na década de 70 que o grupo de Milão, do qual se destaca Mara Selvini Palazolli, traz para o contexto da Terapia Familiar Sistémica a noção de ritual terapêutico que consideram um instrumento poderoso para a intervenção com famílias.

O primeiro livro de Palazolli "*Self-Starvation: From the Intra-psychic to the Transpersonal Approach to Anorexia Nervosa*" (Palazolli, 1974, in Roberts, 1988) conta o trabalho deste grupo e o uso dos rituais na terapia familiar. Seguem-se três artigos e mais um livro da autoria de Palazolli, Boscolo, Cecchin e Prata (cf. Roberts, 1988) onde são relatados vários casos de intervenção, nomeadamente o de Nora, uma jovem com anorexia cuja família era muito rígida, não permitindo que os seus membros expressassem opiniões e comentários negativos relativamente à família alargada muito presente e "poderosa". Esta família tinha subjacente o mito "*um por todos e todos por um*" (Palazolli, Boscolo, Cecchin & Prata, 1977, p.447). A equipa de intervenção prescreveu o seguinte ritual: a família nuclear deveria fechar-se e sentar para conversar durante uma hora, tendo cada um dos seus membros o mesmo tempo para expressar as suas opiniões livremente sobre a família de origem. Este ritual teve como objectivos, entre outros, mudar a regra implícita da família que proibia a expressão de opiniões pejorativas sobre a família alargada, reforçar a identidade da família nuclear distinta do "clã" e trazer de volta o lugar de Nora como membro integrante da família (Palazolli et al., 1977). No artigo que descreve este caso, definem ritual familiar como "*... uma acção ou série de acções, por vezes acompanhadas de fórmulas ou expressões verbais que são realizadas por todos os membros da família*" (Palazolli et al., 1977, p.452, trad.). Como terapeutas consideram que os rituais familiares oferecem uma forma eficaz de mudar as "regras do jogo", a "epistemologia" da família através da acção, do jogo por oposição a intervenções verbais, explicações e críticas. É por este motivo que afirma que os rituais familiares estão mais próximos do código analógico do que do digital. Como concordará, uma década mais tarde, Roberts (1988, p.22, trad.): "*As palavras não podem carregar o peso de tudo o que precisa ser trabalhado na intervenção.*" Por último, estes autores chamam, ainda, a atenção para a importância da idiosincrasia das famílias e da necessidade de adaptação dos rituais prescritos no contexto terapêutico a cada família em particular. Se os rituais que ocorrem naturalmente nas famílias reflectem aspectos particulares da identidade de cada família, os rituais terapêuticos, para serem eficazes, têm também de ser criados a partir do húmus de significados partilhados pela família.

Ainda no âmbito dos rituais terapêuticos, surge um outro autor de nacionalidade holandesa, Onno van der Hart que publica o livro "*Rituals in Psychotherapy: Transition*

and Continuity”, publicado em holandês, em 1978, e em inglês, em 1983 (van der Hart, 1983). Este autor compara os rituais que chama tradicionais (pela sua definição correspondem aos rituais que ocorrem naturalmente nas famílias e na sociedade) com os rituais terapêuticos. Começa por reconhecer que, na ausência de rituais tradicionais na sociedade do seu tempo, a psicoterapia estaria, em parte, a cumprir a função anteriormente exercida por alguns destes rituais (van der Hart, 1983). Os rituais tradicionais prescrevem certas acções para as pessoas simbolizarem as suas relações e experiências e as mudanças que aí ocorrem. Também em alguns casos, refere van der Hart (1983), no contexto psicoterapêutico, esta função é conseguida através de tarefas prescritas que se podem também constituir como rituais. Estes rituais, comparados com os rituais tradicionais, diferem em conteúdo mas não em forma (van der Hart, 1983). Van der Hart procura fazer o que o grupo de Milão deixou em aberto, “oferecer uma fonte de inspiração” e propor sugestões para o desenho, construção e prescrição de rituais terapêuticos, recorrendo a exemplos de rituais tradicionais relatados por antropólogos (*ibidem*). As contribuições do grupo de Milão e de van der Hart trouxeram consigo a introdução de um novo e vigoroso dispositivo no contexto terapêutico e uma ponte entre o estudo dos rituais que ocorrem naturalmente nas famílias e na sociedade e o estudo dos rituais terapêuticos. Embora distintos, estes dois cenários dos rituais podem ser informantes um do outro: os terapeutas podem inspirar-se nos rituais que ocorrem naturalmente para criar os seus rituais terapêuticos (nomeadamente, os rituais de uma determinada família podem ser a base para a criação de um ritual no contexto terapêutico); os investigadores dos rituais fora do contexto terapêutico podem utilizar grelhas de análise que os terapeutas formulam a partir do seu contacto com as famílias.

1.4. Rituais familiares na Psicologia: O último quarto de século

Nos anos 80, Steven Wolin e Linda Bennett do *Center for Family Research* na Universidade de Washington são os nomes mais importantes nesta área. Realizaram estudos com famílias de alcoólicos, procurando avaliar se a transmissão do alcoolismo estava relacionada com a quebra dos rituais familiares. Este estudo foi realizado através de entrevistas detalhadas para as quais conceberam um instrumento denominado “*Ritual Interview*” (Wolin, Bennett e Jacobs, 1988). A partir deste material, contribuíram para a sistematização teórica sobre este tema: a eles se deve a tipologia dos rituais familiares

ainda hoje muito citada (divisão em Celebrações familiares, Tradições Familiares e Interações familiares padrão) e as primeiras pistas para avaliação dos rituais familiares através das noções de investimento no uso do ritual e capacidade de adaptação dos rituais (Wolin & Bennett, 1984). São também estes os criadores de uma das metáforas mais citadas sobre os rituais familiares: janelas para a família e para o seu mundo privado (Wolin & Bennett, 1984; Wolin et al., 1988).

É no final desta década, em 1987, que é fundado a primeira publicação no âmbito exclusivo do estudo dos rituais, denominada "*Journal of Ritual Studies*". Este jornal, cujos principais editores actuais são membros do departamento de Antropologia de uma Universidade norte-americana dedica-se aos rituais, em todos os seus aspectos, assumindo o estudo desta área como interdisciplinar e apresentando publicações provenientes de áreas como a Antropologia, Sociologia, Psicologia, Estudos Religiosos, História, Filosofia, entre outros. Um ano depois, em 1988, surge uma das obras mais importantes sobre os rituais familiares "*Rituals in Families and Family Therapy*" editado por Evan Imber-Black, Janine Roberts e Richard Whiting (Imber-Black, Roberts e Whiting, 1988). Estes terapeutas e professores de terapia familiar interessaram-se pelo tema dos rituais e congregaram, nesta obra, várias propostas de outros terapeutas, teóricos e investigadores com três grandes objectivos: compreender e valorizar a interdisciplinaridade no estudo dos rituais; compreender os elementos envolvidos na criação dos rituais terapêuticos e torná-los acessíveis e transmissíveis aos terapeutas e às suas famílias; capturar a responsividade das famílias à perspectiva dos rituais e comunicar a riqueza que emerge quando as famílias se tornam colaboradoras dos terapeutas (*ibidem*). A variedade e riqueza de temas são notórias: encontramos, neste livro, uma sistematização dos rituais em termos de definição funções e temas, das suas flutuações e características ao longo do ciclo de vida e em situações não normativas (famílias de adopção, famílias com alcoólicos, famílias de recasamento, entre outros), da sua integração à luz do contexto social mais vasto e, ainda, um aspecto tão importante quanto inovador: pistas para a formação de terapeutas nesta área específica. De facto, os terapeutas não têm de optar obrigatoriamente por uma intervenção com base nos rituais, aliás, nem é desejável que o façam pois é preciso estarem na presença de uma conjugação de factores que o aconselhem (factores dos terapeutas, da família e da problemática em questão). No entanto, este é um dispositivo

disponível e, como refere Imber-Black (1988), os terapeutas podem optar por escutar os casais e as famílias com o ouvido sintonizado para os rituais como principal organizador da informação. Nesta obra, são discutidas as várias possibilidades desta nova “escuta” em terapia familiar.

A influência destes autores é notória ao longo do presente trabalho, lado a lado com a influência do trabalho de Barbara Fiese e colegas que, num ângulo diferente, mais baseado na investigação e não tanto na prática terapêutica, desenvolveram e desenvolvem um trabalho importante na área dos rituais familiares. Em 1993, juntamente com Christine Kline, Barbara Fiese elabora o *Family Ritual Questionnaire* (Fiese & Kline, 1993; Kline, 1990), o primeiro questionário sobre rituais que procura captar o seu sentido simbólico e significado familiar. Vários estudos se seguiram com este questionário avaliando os rituais familiares em várias populações: pais, adolescentes, casais e crianças e permitindo verificar as associações dos rituais familiares com outras variáveis como satisfação conjugal (Fiese & Kline, 1993, Fiese & Tomcho, 2001), identidade na adolescência (Fiese, 1992), ansiedade nas crianças com asma e stress parental (Markson & Fiese, 2000) entre outras. Em 2002, o *Journal of Family Psychology* dedica uma secção especial (volume 16, número 4) às Rotinas e Rituais Familiares. Fiese, Tomcho, Douglas, Josephs, Poltrock e Baker (2002) fazem uma revisão dos últimos 50 anos da investigação nesta área onde sintetizam os pontos principais e concluem que se está ainda numa fase imatura do estudo científico dos rituais familiares, apontando direcções para o futuro. Estas incluem a importância das estratégias de mensuração (nomeadamente, a utilização de instrumentos de avaliação com características psicométricas estabelecidas), a necessidade de abranger uma rede étnica mais diversificada nas amostras utilizadas e o recurso a estudos longitudinais que permitam avaliar efeitos directos e indirectos dos rituais familiares na vida dos indivíduos e famílias (Fiese et al., 2002). A pesquisa de Barbara Fiese decorre no *Family Research Lab*, na Universidade de Syracuse; nos Estados Unidos da América. O trabalho desta equipa tem-se centrado na investigação de famílias afectadas por uma doença pediátrica crónica (até à data, a asma e em breve se iniciará o estudo de famílias com crianças com fibrose cística), incluindo várias formas de avaliação dos rituais

através de questionários, narrativas e observação.⁴ Através da investigação sobre os efeitos dos rituais familiares nas variáveis individuais e familiares, Fiese tem elaborado construções teóricas significativas e contribuído para tecer um todo coerente de dados e propostas anteriormente dispersas que apresenta na sua recente obra *Rituais e Rotinas* (Fiese, 2006a).

Chegados à actualidade, finda este percurso sobre o estudo dos rituais e mais especificamente dos rituais familiares. Curiosamente, é ainda uma área ainda apreciada como inovadora e nessa qualidade pode encarar dois destinos: um crescente interesse e desenvolvimento ou um progressivo abandono. Há razões para acreditar no primeiro. Uma pesquisa do termo “rituais familiares” na base PsycInFO por décadas informa que nos anos 80 (de 80 a 89), existem 21 publicações que o incluem, bastante mais do que as 2 da década de 70 mas menos do dobro dos encontrados na década de 90 (de 90 a 99), ou seja, 56 publicações. De 2000 a 2006 são já 45 as referências encontradas, o que parece indicar que a investigação sobre a vida ritual das famílias continuará, no futuro próximo, a crescer exponencialmente.

⁴ As famílias que participam no *Family Life and Asthma Project* acedem a ser gravadas em vídeo durante uma refeição familiar nas suas casas. Estes vídeos são depois alvo de um processo de codificação que avalia várias dimensões das interacções familiares. Outros momentos da investigação incluem o preenchimento de questionários no *Family Research Lab*, a realização do *Family Crest* (brasão familiar) por toda a família e, ainda, a dramatização de histórias criadas pela criança em torno de cenários familiares que depois são transcritas e também codificadas. Trata-se de um processo de avaliação bastante completo que introduz um elemento inovador no estudo dos rituais, o recurso à observação das interacções no contexto familiar.

2. RITUAIS FAMILIARES: PAISAGENS INTER-SISTÉMICAS

Nesta secção, abordam-se os rituais familiares à luz de dois contextos, o contexto familiar e o contexto conjugal. Reflectem-se questões diversas que têm como denominador comum a associação entre rituais familiares e processos familiares e conjugais na óptica das famílias, dos casais e dos investigadores desta área. O objectivo é delinear as paisagens actuais dos rituais familiares nos diferentes contextos e aí integrar a presente investigação. No final, aborda-se sinteticamente o tema dos rituais de casal, tema periférico mas ainda dentro das linhas de fronteira deste trabalho.

2.1. “Assuntos de família”

Rituais familiares e sistema familiar

“Periodicity is a universal natural law. Regularity is most promotive of all functions; while irregularity impairs all, Love especially. Has Nature appointed a time to begin to love and not also special seasons for its continuance? Shall she establish periods for eating, sleeping, labouring &c., and not also for loving? Does regularity promote digestion, sleep &c., and shall not setting apart specific seasons for cherishing Love also promote it?”

O. Fowler, 1875

De que é feita a vida das famílias? De fragmentos do quotidiano, de encontros e despedidas diários, mensagens e telefonemas que inter cruzam contextos, conversas ao jantar. Mas não só. É também feita de momentos especiais, de momentos que marcam transições importantes como quando nasce um filho que também é neto ou se casa uma filha que também é irmã, tia e quase nora. Mas não só. É feita, ainda, de encontros mais ou menos anunciados quando o virar da folha do calendário indica que, em certo dia, aquela e muitas outras famílias se reúnem para celebrar o Natal, o Ano Novo, o dia da Mãe ou do Pai. Em cada família, o calendário inclui ainda datas especiais que só os seus

membros conhecem, valorizam e celebram: o aniversário de cada um deles, o aniversário de casamento do casal ou o dia em que todos os irmãos e respectivas famílias se juntam na casa dos pais, vinhas da mesma casta voltando ao ramo original.

Todos estes momentos podem, dependendo do significado atribuído pelas famílias, pertencer ao universo dos rituais familiares. Adieemos um pouco a necessidade e o problema da sua definição e detenhamo-nos a explorar a complexidade que envolve este objecto de estudo. Há duas perguntas que importa formular. A primeira é: porque é que os rituais familiares são importantes para as famílias? A segunda é: porque é que os rituais familiares são importantes para os investigadores que procuram compreender as famílias?

2.1.1. Porque é que os rituais familiares são importantes para as famílias?

As famílias são sistemas complexos que enfrentam diversos desafios: equilibrar necessidades diferentes de indivíduos com personalidades diferentes; gerir relações entre indivíduos que enfrentam tarefas específicas de fases do ciclo vital distintas; adaptar-se às transições do desenvolvimento familiar; gerir as duas heranças dos cônjuges combinadas de forma única em cada família; estabelecer relações com outros sistemas e rever a sua trajectória de acordo com *inputs* externos e internos. Uma das formas que as famílias têm de se organizar, adaptar e equilibrar estas múltiplas exigências é o estabelecimento de rotinas mais ou menos previsíveis e a criação de rituais significativos (Fiese, 2006a). Os rituais familiares são parte integrante da vida das famílias. É relativamente fácil para as pessoas identificarem eventos familiares significativos como refeições em que todos participam, um aniversário, a chegada à maioridade de um dos filhos ou outra celebração especial. Fivush e colaboradores (2004, in Fiese & Pratt, 2004), num estudo com crianças, verificaram que 78% dos eventos positivos que estas lembravam estavam relacionados com férias de família e encontros festivos. Fiese e Bickham (2004, in Fiese & Pratt, 2004) apuraram que cerca de 40% de histórias contadas por mães faziam referência a rotinas familiares. Num estudo sobre “tempo em família”, as refeições, a hora de deitar e os tempos de lazer no fim-de-semana foram as actividades mais associadas com tempo em família por pais e crianças (Daly, 2001).

Os rituais familiares não são indiferentes aos indivíduos e famílias e existem os dois lados da mesma moeda: se, por um lado, estão associados a expectativas e sentimentos positivos, a sua ausência, modificação ou interrupção podem causar um impacto profundamente negativo. No site “A nossa Âncora”⁵ destinado à partilha de experiências e inter-ajuda entre pais que perderam os seus filhos, são comuns os testemunhos relativos à dificuldade de viver as datas especiais, sobretudo o Natal ou a data do aniversário do filho desaparecido. São momentos em que a ausência é mais sentida, a ponte com o passado é automaticamente estabelecida e a recordação da vivência *feliz* destes eventos vem acompanhada do reconhecimento de que não se repetirão. Vários autores são unânimes em reconhecer que os rituais ligam o passado, o presente e o futuro (Fiese, 2006a; Roberts, 1988; Wolin & Bennet, 1984); as expectativas em torno de um evento baseiam-se sempre no que aconteceu no passado e é esperado que o seu desenrolar se repita em termos de acções e de relações. Como referem Moss & Moss (1988, p.657, trad.) “*Cada um espera que o outro se comporte de uma forma que replique ou seja congruente com comportamentos passados. Reassegura-se que o outro é o mesmo quando faz as mesmas coisas, no mesmo sítio, com as mesmas pessoas*”. Note-se que é relativamente simples responder a questões como “Como é o Natal lá em casa?” ou “Como se comemoram os aniversários em família?”. Os indivíduos têm uma representação dos rituais familiares que foi sendo construída ao longo do tempo e que se confirma (ou desconfirma) em cada vivência do mesmo. Esta representação apoia-se no que Muxel (1996) denominou “memória ritual”, processo de “fetichização” do vivido que faz com que os indivíduos mantenham e transmitam para a geração seguinte formas de viver as relações quotidianas e festivas. Segundo esta autora, a transmissão opera-se através da repetição e a reprodução através da sacralização. Mais concretamente, o processo de repetição ao longo do tempo concede um sentido de segurança (Mead, 1973) e a memória idealizada dos eventos passados faz com que se reúnam esforços para que as coisas se continuem a fazer da mesma forma. Como Moore e Myerhoff referem, os rituais são “promessas de continuidade” (1977b, p.17) mas, a nosso ver, são promessas nunca totalmente cumpridas pois os rituais familiares combinam sempre regularidades e surpresas

⁵ Ver www.anossaancora.pt

reflectindo o desenvolvimento da família e o dinamismo das redes de relações entre seus elementos.

É este um dos motivos pelos quais os rituais familiares são, muitas vezes, palco de emoções e sentimentos contraditórios e ambivalentes (cf. Roberts, 1988). A confrontação do presente com o passado pode ser integrada de uma forma mais ou menos positiva de acordo com um elevado número de factores provenientes do indivíduo em relação com a família. Em determinados casos, a vivência dos rituais familiares na infância pode ter sido tão perturbadora que os indivíduos escolhem conscientemente modificar o modo como estes se vão organizar na família que eles próprios constroem. Outro motivo para a existência de emoções e sentimentos contraditórios são as expectativas comunitárias e sociais: no contexto da sociedade ocidental, mais especificamente nos meios urbanos portugueses do século XXI, é esperado que se comemorem os aniversários, os aniversários de casamento, que no Natal a família esteja reunida, etc. Esta generalização de expectativas em torno destes rituais vividos em família (e mais ou menos alargados a outros elementos) faz com que a vivência dos mesmos seja sempre comparada com o “esperado”. O “esperado” é normalmente objecto de uma idealização colectiva e, como tal, difícil de atingir.⁶

Nos rituais familiares que marcam as transições do ciclo vital como o casamento, a celebração de final de curso ou um funeral, existem também sentimentos ambivalentes precisamente porque as transições trazem consigo perdas e ganhos, a esperança numa nova fase é sempre acompanhada do luto necessário da anterior. Num casamento, há a “perda” da filha ou do filho aliada à sensação de fecho de uma etapa da vida e há, por outro lado, a inclusão de um novo membro no núcleo familiar (nora ou genro); aliada à esperança de uma vida em comum para o casal, está o receio das dificuldades do percurso conjugal (Roberts, 1988). Numa finalização de curso, a alegria pelo atingir de um patamar que é bem sucedido existe lado a lado com o medo do desconhecido na etapa seguinte. Num funeral, há a dor pela perda do familiar e,

⁶ Aqui, é pertinente analisar a experiência do “lado de fora”, isto é, observar como as datas festivas associadas à família são vividas por aqueles que vivem em contextos diferentes do que é, normalmente, considerado família, como é o caso das crianças em instituições de acolhimento. Os Natais e os aniversários, bem como o dia da Mãe ou o dia do Pai são vividos com sentimentos de grande ambivalência. A comparação com as outras crianças, o assinalar (na escola, nos *mass media*, na comunidade que os envolve) de datas especiais acompanhadas de fórmulas de como devem ser vividas reaviva temas de vida recorrentes como a *ausência* e a *diferença*.

simultaneamente, a união reforçada sentida pela família neste momento; ou subsistem sentimentos ambivalentes em relação ao familiar falecido e às transformações familiares que se configuram a partir desta perda na família-sistema.

Em síntese, os rituais familiares são transversais à existência das famílias. Encontramo-los em diferentes camadas da vida familiar, desde uma refeição em conjunto até a um casamento, o primeiro, um momento mais privado e informal da vida familiar e o segundo, um evento mais estruturado e único em que a família se reúne com a comunidade mais lata para um propósito específico, marcar uma transição do ciclo de vida. Encontramo-los em diferentes famílias, desde aquelas que vivem os rituais de um modo mais investido até àquelas que os vivem com maior desapego. Como referem Fiese et al. (2002), os rituais familiares estão vivos e fazem realmente sentido para as famílias contemporâneas. Por isso, falar com as famílias sobre este tema resulta numa conversa natural e fluida cujo produto é um discurso elaborado e rico em histórias e exemplos ilustrativos (cf. o capítulo “Segundo estudo empírico”).

2.1.2. Porque é que os rituais familiares são importantes para os investigadores que procuram compreender as famílias?

Imaginemos dois “mitos” da investigação aliados e tornados realidade: um investigador parte para o terreno como “tábua rasa” e tem acesso a uma amostra não representativa (mas por bons motivos): propõe-se estudar os rituais familiares em todas as famílias do planeta. Numa primeira fase de observação, “mais ao longe”, poderá observar que há ocasiões especiais em que os membros da família se juntam, por vezes, incluindo outros elementos da família alargada ou da comunidade à sua volta; nestas ocasiões, há comidas especiais e, por vezes, troca de prendas e os elementos da família comportam-se de uma forma diferente do habitual, como se houvesse uma espécie de guião e todos soubessem qual o seu papel e o que vai acontecer; em alguns casos, um dos elementos é o centro das atenções de todos, noutros, são determinados símbolos que constituem o foco do interesse familiar; embora isto, normalmente, aconteça em dias diferentes para cada família, há certos dias comuns a certos países e há mesmo algumas raras ocasiões em que todas as famílias do planeta se comportam de forma semelhante. Este é o plano das similaridades: há elementos comuns no modo como as famílias estabelecem rituais.

Numa segunda fase, o investigador olha mais de perto. Verifica, afinal, que as similaridades são aparentes: numa certa família, um aniversário de casamento é celebrado com muitos convidados, noutra, o casal planeia sair de casa para estar a sós nesta data especial; numa família, todos rezam antes do jantar, noutra, esperam uns pelos outros para iniciar a refeição e ainda noutra, cada um começa a jantar à medida que vai chegando e se dispõe a fazê-lo; nuns casamentos, atiram-se flores, às vezes arroz, noutros, fazem-se discursos e ainda noutros, partem-se os copos dos noivos. As conversas das famílias são também diferentes nestas ocasiões e cada uma parece ter o seu código próprio de interpretação: há frases, piadas e outras interacções que todos percebem na família mas que o investigador não pode compreender. Este é o plano das diferenças: cada família é única e os rituais que escolhe viver são “*actos criativos*” (Cheal, 1988, p. 642) que reflectem a sua história.

O investigador pode escolher entre estes dois “olhares” e optar por estudar as regularidades dos rituais familiares ou a idiosincrasia que os tornam exclusivos de cada família.⁷

A singularidade das famílias pode ser captada nos rituais familiares através dos símbolos inerentes às acções e ao discurso. O modo como os membros da família interagem entre si e se comportam durante os rituais familiares não se pode dissociar da história daquele grupo de pessoas que já vivenciaram outros momentos semelhantes. Relativamente às acções, alguns exemplos são: os lugares da mesa e a proximidade podem reflectir alianças e coligações; as funções atribuídas a cada um dos membros não são, normalmente, casuais; há também objectos simbólicos que são utilizados em determinadas ocasiões e que todos os participantes conhecem (o presépio velho e partido que tende a manter-se ao longo do tempo, um enfeite de Natal que todos os anos se coloca no cimo da árvore, os brincos da avó usados pela neta no dia do casamento, o prato típico preparado por cada família à sua “moda”, etc.). Para compreender a dimensão verbal destes momentos, podemos recorrer à noção de “discurso denso”

⁷ A nosso ver, a investigação tem-se centrado mais nas primeiras e a terapia familiar nas segundas, sendo que a produção de teoria nestes dois contextos reflecte, naturalmente, estas escolhas. Contudo, esta diferenciação tende a esbater-se: os terapeutas familiares reflectem agora também sobre as regularidades e propõem padrões de análise e compreensão das famílias (Imber-Black, Roberts & Whiting, 1988) e os investigadores procuram, cada vez mais, comparar amostras diferentes e complementar a análise de dados quantitativos com análise de observações e narrativas, que permitem chegar “mais perto” de cada família.

(*laden speech*) (Nydegger & Mitteness, 1988, p.710) que, por oposição ao discurso trivial e vazio que é compreendido por toda a gente, é exclusivo dos “*insiders*” de um determinado grupo como é o caso da família. Ao longo das suas vidas em conjunto, os membros da família desenvolveram os seus atalhos simbólicos e, para além disso, certos termos do quotidiano foram adquirindo novos significados se colocados num determinado contexto, o que torna o discurso familiar altamente elaborado (Nydegger & Mitteness, 1988). A prova deste enraizamento dos símbolos na família é a distinção entre membros e “*outsiders*” : os primeiros sabem o que realmente se está a passar a vários níveis, os segundos só acedem a uma parte da vivência dos rituais que consideram por vezes, estranhos, incompreensíveis ou até desadequados. Por isso, os rituais familiares podem funcionar como “janelas” ricas e acessíveis para a identidade da família e para o seu mundo privado (Wolin & Bennett, 1984; Wolin et al., 1988).

Reiss (1981) integrou o conceito de rituais familiares numa proposta teórica mais vasta sobre a família. Segundo este autor, os rituais são o mecanismo primário que a família usa para conservar o seu paradigma, i.e., as percepções e crenças partilhadas relativamente à natureza do mundo exterior à família e do seu lugar nesse mundo que permitem responder a duas questões fulcrais que orientam a vida deste grupo: “Como é que o mundo funciona?” e “Qual o lugar da nossa família neste mundo?” (Wolin & Bennett, 1984; Wamboldt & Wolin, 1989). Wamboldt & Wolin (1989) acrescentam uma segunda dimensão da realidade familiar. É a identidade familiar referente à “*gestalt* experiencial” (p.143) que emerge da constelação de papéis e relações entre os membros da família durante a história da sua interacção. Aqui a questão fundamental a que se responde é “Quem é que somos enquanto família?”. De acordo com os mesmos autores (Wamboldt & Wolin, 1989), paradigma e identidade são duas facetas de uma explicação integral da realidade da família: uma dirigida para fora (paradigma) e outra olhando para dentro (identidade). A partir destas formulações, consideramos que, tal como a família cumpre a função de manutenção do paradigma, também poderá cumprir a manutenção da sua identidade.

Mas a nosso ver, os rituais vão mais além da manutenção, permitem criar a realidade familiar nos níveis paradigmático e identitário, reflectindo a natureza dinâmica dos sistemas relacionais. Roberts (1988) vai de encontro a esta ideia quando afirma: “*Os rituais operam como conservadores e criadores da estrutura social para*

indivíduos, famílias e comunidades sociais, bem como conservadores e criadores de visões do mundo” (p.15, trad.). Há rituais familiares que envolvem participação de membros exteriores e da comunidade mais lata (por exemplo, a celebração de um casamento, a celebração religiosa da Páscoa ou do Natal, etc.) e esses permitem uma interface entre a família e o mundo à sua volta. A família revê e cria constantemente as suas relações com outros sistemas e integra estas experiências no seu paradigma. Mas nesta relação com o exterior, a própria família revê e reconstrói a sua relação consigo própria, há transformações que ocorrem simultaneamente ao nível da identidade. Também, do mesmo modo, nos rituais familiares mais privados (por exemplo, a hora de jantar ou actividades especiais do fim de semana), em que só participa a família nuclear, entram em jogo estas duas dimensões: a família está virada para si própria e para a relação entre os seus membros (identidade) mas é nesse contexto que também se comentam histórias do mundo exterior, se integram algumas experiências que os seus membros tiveram fora da família e se ensaiam novas formas de relacionamento com outros sistemas (paradigma). Os rituais constituem (um dos) dispositivos sintéticos numa intersecção de dialécticas: a dialéctica paradigma/identidade cruza-se com a dialéctica estabilidade/ mudança. Aqui, reside, em parte, o seu valor heurístico no estudo das famílias.

Outra possibilidade que o estudo dos rituais familiares apresenta é a comparação e contraste entre as *representações e práticas* familiares. Esta diferenciação foi proposta por Reiss (1981) para explicar o modo como se processa a regulação familiar e foi, posteriormente, recriada por Fiese e colegas (Fiese 1997; Fiese & Pratt, 2004; Fiese et al., 2002). As representações incluem modelos dinâmicos das relações que se desenvolvem no contexto da família e que são retidos na memória, guiando o comportamento individual e familiar ao longo do tempo. As práticas cumprem a função de contribuir para o sentido de coerência e identidade familiar através de interacções observáveis. Estas duas dimensões estão presentes nas rotinas⁸, rituais, histórias e mitos familiares, elementos do que Sameroff e Fiese (1992; 2000, in Fiese et al., 2002)

⁸ O termo rotinas surge, aqui, pela primeira vez. Embora este trabalho não foque directamente as rotinas familiares, é incontornável a referência às mesmas porque estão intimamente ligadas aos rituais, ligação que emerge inconsistentemente na literatura da área (Fiese et al., 2002). Não queremos contribuir para a confusão conceptual e referir indiscriminadamente os dois termos e não clarificar qual a posição adoptada. O nosso objecto de estudo são os rituais, as rotinas surgem naturalmente associadas a estes e a distinção entre ambos encontra-se sistematizada no ponto 3.4. deste capítulo.

designam código familiar ⁹. A combinação de elementos das práticas e das representações familiares presente nos rituais permite ilustrar o modo como a família, o ciclo de vida e as características individuais se justapõem para formar o todo familiar (Fiese et al., 2002). Estas potencialidades correspondem às razões apontadas por Fiese (Fiese, 2006a; Fiese et al., 2002) para demonstrar a importância do estudo das rotinas e rituais familiares:

- *O estudo das rotinas e rituais familiares foca o processo familiar como um todo.* Um dos desafios do estudo das famílias tem sido encontrar formas de estudar a família como um todo, indo além do estudo das percepções individuais sobre a família ou das relações diádicas. Como sistema que é, a família não pode ser estudada através de extrapolações provenientes do estudo das suas partes pois há propriedades que emergem só no todo. O estudo dos rituais permite aceder aos significados da família como unidade colectiva, como sistema que se auto-regula e cria as suas regras e crenças partilhadas.

- *As rotinas e rituais estão alicerçadas na ecologia mais vasta da família* (Brofenbrenner & Evans, 2000, in Fiese et al., 2002). É relativamente fácil reconhecer que existem variações culturais nas rotinas e rituais da família, não só entre países mas também entre comunidades. Dentro das próprias comunidades, há cada vez mais variações tendo em conta que a mobilidade geográfica e o crescente número de casamentos bi-culturais levou cada vez mais à construção de paisagens heterogéneas na cidade, no bairro ou até na mesma rua. Os rituais permitem compreender como é que a cultura interfere nos processos de regulação das famílias e como é que esta se posiciona na rede de sistemas mais vasta em que se insere,

- *As rotinas e rituais familiares realçam a intersecção entre factores individuais e familiares.* Numa óptica transaccional (Fiese, 2006a), é importante analisar dois processos complementares: em primeiro lugar, como é que o indivíduo percebe o seu lugar na família e como é que a vida familiar afecta a sua adaptação e ajustamento

⁹ Numa primeira formulação desta proposta, Fiese (1997) considerou que se poderia aceder às práticas familiares através do estudo dos rituais familiares e às representações através do estudo das histórias familiares. Posteriormente, esta proposta foi-se alterando (Fiese & Pratt, 2004; Fiese et al., 2002). De acordo com Fiese e Pratt (2004), a distinção rituais/práticas e representações/histórias pode ser útil como instrumento para a investigação no estudo das famílias; no entanto, os autores referem que estes dois aspectos da vida familiar são vistos como mutuamente interactivos e transaccionais numa perspectiva dinâmica, ou seja, quer os rituais, quer as histórias podem conter componentes práticos e representacionais. É esta perspectiva integradora que adoptamos no contexto do presente trabalho.

individual; em segundo, como é que família regula o seu funcionamento em resposta às características do indivíduo.

Verificámos até agora como é que o estudo dos rituais familiares se integra em algumas propostas teóricas e tem o potencial de contribuir para a sua crescente complexificação. Mas, para além dos aspectos mais teóricos, há a realçar o material empírico. A investigação tem apurado efeitos positivos dos rituais familiares na saúde e bem-estar de indivíduos e famílias, dos quais salientamos alguns exemplos. Os rituais familiares foram considerados factores protectores para as crianças de famílias com alcoolismo (Bennett, Wolin, Reiss & Teitlebaum, 1987), sendo que, nas famílias que preservavam determinados rituais familiares, a transmissão intergeracional do alcoolismo era menor do que nas famílias em que os rituais familiares se tinham deteriorado. Verificou-se que os aspectos mais significativos dos rituais familiares estavam positivamente associados com duas dimensões da identidade adolescente, a saber, o sentido interno de coesão e integração de vários aspectos do auto-conceito e a percepção da capacidade de ser merecedor de amor e atenção dos outros. Dubas e Gerris (2002) apuraram que quanto mais actividades em conjunto os pais (homens) partilhavam com os seus filhos em diferentes momentos da adolescência, menos conflito se verificava na família 5 anos depois. Num estudo também com adolescentes, Compañ, Moreno, Ruiz & Pascual (2002) compararam adolescentes que estavam a ser acompanhados em serviços públicos de saúde mental com um grupo de controlo e verificaram diferenças significativas em termos de rituais e actividades familiares: os primeiros partilhavam menos refeições com os pais e menos actividades em família do que os segundos. Um estudo sobre pais solteiros identificou, através de entrevistas, algumas características de indivíduos considerados como bem sucedidos nas tarefas parentais, sendo uma dessas características a dedicação aos rituais e tradições familiares (Olson & Haynes, 1993). Existem também estudos que associam os rituais familiares à satisfação conjugal que analisaremos mais detalhadamente no ponto 2.2.2.

O estudo dos rituais familiares pode ser feito através da análise dos efeitos directos (em que se reconhece que os rituais afectam directamente outras variáveis) mas também através dos efeitos indirectos, ou seja, como é que os rituais podem contribuir para determinados resultados em elementos da família (por exemplo, nas crianças) através da promoção da saúde e bem-estar em outros elementos (neste caso, os pais). As

duas abordagens são, naturalmente, complementares, e desafiam os investigadores a efectuarem estudos longitudinais que abarquem várias características de todos os actores familiares (Fiese et al., 2002)

Expostas as razões que têm levado os investigadores a acreditar porque é que o estudo dos rituais familiares é válido, importa lembrar o alerta de Fiese et al. (2002): não é produtivo considerar que os rituais e rotinas familiares são preditores mais robustos do que outros aspectos da vida familiar. Rituais e rotinas podem ser indicadores de outros processos mais gerais e tradicionalmente mais investigados como a coesão, adaptação e a organização familiares. De facto, esta hipótese é bastante plausível pois como refere Howe (2002), rituais e rotinas são constructos de nível intermédio. Assim, embora não totalmente independentes de outros conceitos mais latos que reflectem características gerais, têm a potencialidade de estabelecer pontes entre estes últimos e processos mais específicos que se operam nas famílias (Howe, 2002).

Apesar do crescente interesse pelos rituais familiares no universo da investigação, ainda persistem muitas zonas inexploradas. Por exemplo, não sabemos muito sobre que factores predizem os rituais familiares, que diferenças de sexo existem nos rituais familiares e na sua associação com outras variáveis e qual a influência que podem ter nas relações diádicas como a relação de casal. O ponto seguinte problematiza estas questões e ilustra o contexto de onde emerge a presente investigação.

2.2. Então e “nós”?

Rituais familiares e sub-sistema conjugal

“I am convinced that one of the outstanding themes of her life was the feeling that the complex fabric of cultural tradition must be protected, that people must have continuity of ethical commitments and the rituals and symbols that bind together a lifetime. (...) She suggested that if I was not prepared to spend as much time cooking as my Armenian husband might expect, I could keep a pot of soup on the stove so

that the smell of home cooking would greet him as he came through the door.”

Mary Catherine Bateson, 2004

Esta citação dá conta do conselho de uma mãe a uma filha. O facto de a mãe ser Margaret Mead, a antropóloga que contribuiu significativamente para a reflexão científica sobre os rituais, torna-o deveras peculiar. Margaret Mead estava bem ciente da importância do sentido de segurança concedido pela continuidade dos rituais e dos símbolos familiares que aí se encerram. A sua criativa sugestão tem por base o reconhecimento de que os casais se deparam com uma série de desafios na área dos rituais familiares. Um processo que tem início no período de formação do casal e que se actualiza posteriormente em vários momentos do desenvolvimento familiar é a negociação entre as heranças dos rituais e símbolos das duas famílias de origem. Este processo envolve decisões como que aspectos manter, que aspectos modificar e que tipos de ajustamento são viáveis e aceites pelos dois cônjuges. É importante que os casais sejam capazes de construir uma vida ritual que, simultaneamente, honre a história de cada cônjuge na sua família de origem¹⁰ e permita a afirmação da identidade da nova família.

Como debatido no ponto anterior, os rituais familiares ocorrem ao nível da família enquanto um todo. A natureza transaccional das relações familiares (Fiese, 2006a; 2006b) permite compreender que as interacções entre os elementos da família se processam em rede. São fruto da acção de cada um em resposta à acção dos outros elementos e vice-versa, acções integradas no contexto relacional, histórico e social daquela família. É precisamente o que acontece com os rituais familiares. Embora reconhecendo que os indivíduos que formam o casal não são os únicos responsáveis pelos rituais das famílias, parece legítimo considerar que têm um papel dominante na sua organização. O sub-sistema conjugal é o primeiro a chegar à família. Enquanto

¹⁰ Impõe-se uma clarificação: o “honrar” a história de cada indivíduo na sua família de origem compreende quer o honrar uma experiência positiva que se pode traduzir na valorização da continuidade, mas também o honrar de experiências negativas (dor, violência, ausência, etc.) que podem reclamar o corte com a imagem dos rituais familiares vividos na família de origem. Para uma exploração detalhada desta duas possibilidades, ver o ponto 3.1. do próximo capítulo.

pioneiros no território familiar, os cônjuges tomam as primeiras decisões sobre vários aspectos da vida familiar, incluindo os rituais.

A análise do sub-sistema do casal e os rituais familiares pode ser observada por pelo menos dois prismas. O primeiro é a forma como determinados casais, em determinadas condições e contextos, constroem e reconstroem os rituais familiares. Neste prisma, assume-se que as características dos elementos do casal e do casal enquanto um todo definem, de algum modo, os rituais de cada família. O segundo refere-se à influência que os rituais familiares têm nas interações do casal, assumindo-se que as interações que ocorrem durante estes eventos e todo o processo de preparação e integração dos mesmos têm consequências para a sua relação. Esta dialéctica de influências bi-direccionais é ilustrada por Imber-Black (1988, p.114):

“While life cycle rituals, such as weddings and anniversaries, and many of the daily or seasonal rituals of couples tend to conjure up images of pleasure and delight, in fact, for troubled couples these rituals are often connected to unhappy memories, cutoffs with extended family, unmet expectations, and current stereotyped, unsatisfying interactions.”

Os casais com níveis mais elevados de insatisfação e conflito têm memórias negativas dos rituais passados que podem ter sido um reflexo de dificuldades relacionais. Estas memórias afectam negativamente a vivência dos rituais presentes que reforçam a insatisfação e o conflito conjugal e perpetuam o ciclo instalado. Este é apenas um dos processos através dos quais o funcionamento conjugal se relaciona com a vivência dos rituais familiares.

2.2.1. Rituais familiares: que preditores?

Considerando o primeiro prisma, i.e., como é que determinadas características do casal podem ser preditoras do modo como se organizam os rituais familiares, é pertinente introduzir a imagem do casal enquanto “equipa”. Esta imagem parece-nos ser útil na compreensão das dinâmicas que envolvem a preparação e realização dos rituais familiares. Estes eventos, desde a refeição familiar diária até às possíveis visitas do fim-de-semana à família de origem ou à escolha do prato tradicional da véspera de Natal, implicam negociação e trabalho em conjunto. Pode-se argumentar que, por vezes, um dos elementos do casal é mais responsável ou líder que o outro ou que, em certos casos,

existem outros elementos da família super-envolvidos nestes rituais. Há, de facto, diferentes configurações possíveis mas, subjacente a todas elas, está o modo como o casal se define e organiza. São as suas características enquanto casal (em articulação com outras variáveis) que irão regular o formato de equipa, mais ou menos coesa, investida ou harmoniosa. É plausível que o modo como os casais actuam em conjunto no estabelecimento dos rituais familiares em diferentes contextos esteja associado com a qualidade da sua relação amorosa e talvez com os seus modelos dinâmicos internos de vinculação.¹¹ Um dos estudos pioneiros sobre os preditores dos rituais familiares foi o de Leon e Jacobvitz (2003). Estes autores realizaram um estudo longitudinal que consistiu em avaliar a vinculação adulta através da *Adult Attachment Interview* dos membros de 125 casais no período anterior ao nascimento do seu primeiro filho. Quando este completou 7 anos, os elementos do casal foram avaliados relativamente aos rituais familiares da sua família nuclear. Estes autores verificaram que as mães pertencentes a casais “seguros” (ambos os elementos do casal eram seguros) reportavam rituais mais significativos do que as mães de casais mistos (casais em que um dos elementos era considerado inseguro e o outro seguro). Em termos gerais, os casais seguros tinham rituais significativos e flexíveis, os casais mistos apresentavam menor significado atribuído aos rituais e os casais inseguros revelavam menor flexibilidade nos rituais. Os autores consideram que os casais mistos podem ter dificuldades ao nível da gestão do conflito: por exemplo, um dos cônjuges pode achar importante ter uma discussão aberta ao jantar enquanto o outro considera que a conversação nessa hora deve estar limitada a temas “leves” que não causem conflitos (Leon & Jacobvitz, 2003).

¹¹ A investigação tem provado a influência do funcionamento do casal nos outros elementos da família, designadamente, nos filhos (Parke, 2004). Uma série de estudos relacionam a insatisfação e o conflito conjugais dos pais com efeitos nas crianças que prejudicam a qualidade das suas relações interpessoais, tais como comportamento anti-social e dificuldades na relação com os pares (Cummings et al., 2002, in Parke, 2004). Enquanto uns autores salientam o efeito indirecto do desacordo conjugal no ajustamento psicossocial dos filhos (através do efeito no funcionamento familiar global e nas funções parentais), outros realçam os efeitos directos que a observação do conflito conjugal tem nas crianças (Parke, 2004). Para explicar estes efeitos, surgiu a hipótese “*spill-over*” (*ibidem*) segundo a qual o humor ou o comportamento de um sub-sistema pode transferir-se para outro sub-sistema (por exemplo, do sub-sistema conjugal para o sub-sistema pais/filhos). Tendo em conta estes dados, pode-se especular que os casais com níveis mais altos de desacordo e conflito têm menos recursos para proporcionar aos filhos um ambiente familiar seguro e promotor do seu bem-estar, o que inclui a elaboração de rituais familiares significativos. Estes eventos são um produto familiar e como tal, potencialmente afectados pelo “transbordo” dos conflitos conjugais para os outros papéis familiares dos cônjuges, nomeadamente, o de pais.

— Este estudo mostra que a vinculação pode ser um factor preditor importante no modo como os casais arquitectam os seus rituais familiares.

2.2.2. Rituais familiares: que efeitos?

Sob o outro prisma, analisamos agora, como é que os rituais familiares podem contribuir para a relação de casal. Os rituais têm sido associados a funções como comunicação, redução de conflito e estabelecimento de laços (Huxley, 1966), segurança percebida (Mead, 1973), sentimentos de pertença a um grupo, coesão e estabilidade (Newell, 1999; Roberts, 1988; van der Hart, 1983). Será que estas funções se aplicam também à relação de casal? Será que o facto de os casais participarem em rituais familiares pode contribuir positivamente para a sua comunicação, sentido de proximidade e de segurança, no fundo, para a qualidade da sua relação de casal?

Esta ideia é apoiada pelo trabalho de Gottman (Gottman, Driver & Tabares, 2002). Na descrição da “casa conjugal sólida”, Gottman et al. (2002) incluem vários andares, relacionados entre si, com processos e tarefas importantes para construir e manter a satisfação conjugal. No sétimo e último andar, denominado o sótão da “casa conjugal sólida”, encontra-se a criação de significados partilhados, incluindo sonhos, narrativas, rituais, mitos e metáforas. De acordo com os autores, esta parte do casamento constitui o motor que alimenta quer a intimidade, quer o distanciamento e está relacionada com a cultura específica de cada casal. Para o que chamam a “visita ao sótão dos casais” (Gottman et al., 2002, p.389), ou seja, a exploração/avaliação deste nível da relação conjugal, os autores construíram duas entrevistas denominadas Entrevista da Meta-Emoção e Entrevista dos Significados. Relativamente à segunda, dizem-nos Gottman et al., (2002, p.389):

This is an interview about rituals, roles, goals, and symbolic meanings. In this interview we ask spouses about the meaning of everyday rituals and the meaning of fundamental roles in their families of origin and in their own marriage and family. The interview explores the meanings and history of rituals such as dinnertimes, reunions at the end of the day, the mornings, playtimes, weekends, time with friends, time with kin, birthdays, holidays, and religious festivals. These include not only rituals within the family, but rituals involving the family with the larger community, the

church, charity, helping others in need, the children's school, political parties, political events and so on.(...) Here resides the family's culture.

Estes autores chamaram a atenção para a importância da cultura do casal e da forma como as vivências e expectativas dos dois cônjuges se cruzam nesse campo; no âmbito da intervenção com casais é importante, segundo Gottman et al. (2002), que os terapeutas aprofundem a cultura da família e explorem possíveis discrepâncias entre os cônjuges que estejam a provocar o bloqueio conjugal (*marital gridlock*).

Há dois estudos que estabeleceram uma relação entre rituais familiares e satisfação na relação conjugal. Num estudo com 115 famílias, Fiese, Hooker, Kotary & Schwagler (1993) apuraram que, quando os casais que atribuíam mais significado aos seus rituais familiares, apresentavam níveis mais elevados de satisfação conjugal. Este resultado verificou-se nos dois grupos analisados, casais com bebés e casais com crianças em idade pré-escolar. Uma análise de *clusters* permitiu verificar que os rituais familiares poderiam funcionar como um factor protector especificamente para os casais com crianças em idade pré-escolar, onde menor significado atribuído aos rituais estava associado a menor satisfação conjugal, tendo os autores considerado que “*Para um casal com uma criança em idade pré-escolar, os rituais familiares podem oferecer uma oportunidade de renovar uma parceria que tinha sido negligenciada durante o intenso período de prestação de cuidados que foi a primeira fase da infância.*” (Fiese et al., 1993, p.639, trad.). Este estudo chama a atenção para a necessidade de: estudar a relação entre rituais familiares e relação de casal; estudar os contornos distintos desta associação ao longo do ciclo de vida; discutir a possibilidade dos rituais familiares funcionarem como factores protectores para a relação de casal em momentos mais exigentes do ciclo de vida da família em geral e do casal em particular.

Fiese e Tomcho (2001) analisaram a relação entre rituais familiares relativos aos feriados religiosos com a satisfação conjugal. Verificaram que, nos maridos, era o significado destes rituais que estava positivamente associado à satisfação na relação enquanto, nas mulheres, eram as rotinas associadas a estes eventos o factor mais importante para a satisfação conjugal. Outra diferença de sexo estava relacionada com o efeito do significado destes rituais familiares específicos: quando os homens atribuíam mais significado aos rituais dos feriados religiosos, as mulheres estavam mais satisfeitas na relação mas não o inverso. Este estudo trouxe consigo uma boa dose de inovação e

abriu possibilidades para novos estudos nesta área ao analisar os efeitos inter-cônjuges (isto é, em que medida é que as variáveis de um dos cônjuges afectam variáveis do outro cônjuge) e ao apurar a existência de diferenças de sexo entre a relação rituais familiares e satisfação conjugal.

O presente trabalho tem como objectivo ampliar o conhecimento sobre a associação entre rituais familiares e variáveis ligadas à conjugalidade, respondendo a algumas das questões levantadas no âmbito destes primeiros estudos. Pretende-se contribuir para colmatar a lacuna resultante do facto desta associação de cariz bi-direccional não ter sido ainda contemplada de uma forma consistente e aprofundada na investigação sobre os rituais familiares ¹².

2.3. Rituais de casal: “Território à procura de mapa”

Bossard e Boll (1950), os pioneiros do estudo dos rituais familiares reconheceram que, para além dos rituais que envolvem a família como um todo, existem também rituais que se desenvolvem entre os membros individuais da família, como por exemplo, os “rituais de marido e mulher” (p.188) que, segundo estes autores, se podem formar em qualquer fase de desenvolvimento e em qualquer área da relação entre os cônjuges. Bossard e Boll (*ibidem*) referem-se mais especificamente à construção de rituais conjugais relacionados com a sexualidade, relatando o caso do casal Brett e a história de formação do “ritual de jogar às cartas” (pp.188-189). Este ritual teve início

¹² Torna-se importante abrir, neste momento, um parêntesis para reflectir um aspecto que envolve questões conceptuais e metodológicas. Começámos por considerar que a associação entre variáveis da relação conjugal e variáveis relativas à família como um todo, neste caso, os rituais familiares, se pode estabelecer nas duas direcções, as primeiras afectando a segunda e vice-versa. Esta afirmação parece-nos consensual tendo em conta a ligação estreita e transaccional entre as dimensões dos diferentes sub-sistemas familiares e entre os sub-sistemas e o seu todo. No entanto, averiguar quais as dimensões predictoras e quais as dimensões preditas, no fundo, quais variáveis independentes e as dependentes desta equação complexa não é uma tarefa linear ou unívoca. É provável que as associações que encontramos sejam predominantemente bi-direccionais, que a vinculação adulta afecte o modo como se organizam os rituais familiares mas também que estes eventos contribuam para a confirmação ou não dos modelos internos dinâmicos dos elementos do casal; que os rituais familiares contribuam para a relação conjugal mas também que casais mais felizes e satisfeitos na sua relação invistam mais em rituais ricos e significativos no seu contexto familiar (cf. Fiese et al., 1993). No entanto, a investigação e sobretudo a investigação *cross-sectional*, como é o caso da apresentada neste trabalho, implica a tomada de decisão quanto à direcção dos efeitos. Estas decisões foram tomadas com base nos estudos anteriores e também com base em formulações teóricas que as apoiavam. O argumento subjacente a este tipo de análise deverá ser: “consideramos que a relação entre estas variáveis pode ser bi-direccional mas, neste contexto, e por estas razões (...) testámo-la deste modo” (Fletcher, comunicação pessoal, 2005). Retomamos esta questão no terceiro capítulo, quando apresentamos o desenho da nossa investigação e na discussão dos dados no capítulo “Primeiro estudo empírico”.

no segundo ano de casamento dos Brett: numa tarde em que jogavam *cribbage* (um jogo de cartas e tabuleiro), a conversa entre os membros do casal tornou-se mais íntima, ao que se seguiram jogos de interação que envolviam toque. Quando a hora de deitar se aproximou, o Sr. Brett sugeriu à mulher que tivessem relações sexuais, ao que esta aquiesceu mais favoravelmente do que era hábito. Nos acmarias seguintes, mais jogos de *cribbage* terminaram da mesma forma e, em todos os casos, as interações sexuais tinham sido consideradas bastante satisfatórias por ambos os cônjuges. Passado pouco tempo, este jogo tornou-se um preliminar regular das relações sexuais deste casal. Aos poucos, pequenos elementos foram sendo acrescentados: o Sr. Brett trouxe flores e colocou-as perto da mesa de *cribbage* e comprou o *whisky* preferido da mulher que ambos reservavam para o final do jogo. Gradualmente, cada passo que conduzia às relações sexuais do casal tornou-se ritualizado em torno do jogo e à data da entrevista deste estudo, tinham-se já passado 15 anos sobre a primeira associação entre o *cribbage* e a vida sexual deste casal. Ambos os elementos referiram que também tinham relações sexuais que não eram precedidas por este preliminar mas concordavam que “*it does not seem so right*” (p.189), comparando com quando seguiam a via do ritual.

A literatura sobre relações de casal é fecunda em referências às cumplicidades, segredos e códigos partilhados que caracterizam uma grande parte das relações diádicas amorosas (Gottman et al., 2002; Gottman & Silver, 1999; Schnarch, 1991). Embora nem sempre os autores se refiram a rituais de casal propriamente ditos, os elementos acima referidos estão muitas vezes associados com estes, como bem ilustra o exemplo do casal Brett. Imaginemos que, numa reunião social, o tema de conversa era o jogo de *cribbage*; certamente, isto não seria indiferente aos membros do casal que seriam cúmplices na partilha de um significado “secreto”, parte de um código só conhecido pelos dois. Como refere Imber-Black (1988), o ciclo de vida desenvolvimental dos casais está repleto de oportunidades para a criação de rituais, sejam eles de cariz normativo ou mais idiossincrático. No caso dos primeiros, o ritual do casamento e dos subsequentes aniversários que são uma oportunidade para reflectir, celebrar ou até homenagear a relação de casal. Estes aniversários podem adquirir um significado especial consoante o número de anos de casamento e, na amostra dos casais entrevistados deste estudo, esses momentos estavam associados a um maior envolvimento de elementos exteriores à família nuclear, nomeadamente, a família

alargada, amigos, membros da comunidade como por exemplo, padres. Aqui, pode surgir a questão: uma celebração de aniversário de casamento é um ritual do casal ou um ritual familiar? A resposta não é linear. Consoante os casais, pode-se aproximar mais de um pólo ou de outro mas sem dúvida que, nestes eventos, coexistem duas dimensões, a dimensão diádica do casal e a dimensão familiar. Outras datas, por exemplo, o assinalar do dia de início do namoro, o dia da primeira relação sexual ou o dia em que partilharam a notícia de uma gravidez podem corresponder a rituais do casal e não tanto da família porque são datas mais privadas, que a comunidade envolvente não espera que se assinalem porque também não houve um reconhecimento público e partilhado das mesmas (por oposição ao casamento, normalmente um evento altamente ritualizado e “autenticado” pela presença de outros). No caso dos rituais mais idiossincráticos, encontramos rituais diários, semanais, rituais de partida e chegada a casa, rituais de adormecer, saídas especiais, etc. (Imber-Black, 1988). Estes rituais podem, por vezes, estar alicerçados nos rituais familiares mas, de alguma forma, distinguem-se, têm o seu próprio tempo e espaço que distancia o casal da família.

Nas suas propostas de intervenção junto de casais, Gottman e colegas (Gottman et al., 2002; Gottman & Silver, 1999) propõem a criação de rituais significativos quer ao nível da família, quer ao nível do casal. William Doherty, através da sua noção de “casamento intencional” defende também que os casais devem criar rituais conjugais. De acordo com Doherty (2000), um casal intencional é aquele em que os cônjuges conscientes, deliberada e planificadamente investem na construção de um sentimento de ligação ao longo dos anos de vida em comum. Na era contemporânea, refere Doherty (2000), se o casal não é intencional, torna-se um casal em “piloto automático” devido às muitas exigências dos múltiplos papéis desempenhados por cada um e à combinação de todos os constrangimentos e oportunidades da vida actual. Ao contrário do que acontece no início do namoro ou casamento, em que a relação é normalmente o centro da vida dos dois indivíduos do casal, à medida que o tempo avança, outras realidades como os filhos, os *hobbies* ou o trabalho tornam-se mais relevantes. Recorrendo a uma analogia figura-fundo, o autor refere que, no início da relação, esta é figura e os restantes componentes da vida são fundo, posteriormente, a relação desloca-se para o fundo e outros aspectos da vida tornam-se figurais. Uma das formas de evitar este processo é,

segundo Doherty (2000), a criação de rituais por parte do casal intencional. Estes devem ser repetidos, coordenados e significativos.

Doherty (2000) reconhece que os rituais têm sido uma área invisível no estudo do casamento, que se tem centrado sobretudo nas competências de comunicação e resolução de conflitos. Este autor reclama a importância dos rituais, considerando metaforicamente que estes são a água do poço, a água que seca em tempos de luta e conflito conjugal.

Os rituais do casal estão ainda mais ausentes no domínio da investigação que, pelo que pudemos apurar, é praticamente inexistente. Uma excepção é o estudo de Bruess e Pearson (1997) que examinam os tipos de rituais existentes nos casamentos e nas relações de amizade através de uma análise indutiva: 20 casais foram entrevistados e 79 preencheram questionários de resposta aberta sobre os rituais que mantinham com os cônjuges e com os amigos. É um estudo sobretudo descritivo: a partir das entrevistas, os autores encontraram 371 e a partir dos questionários, 300 rituais de casal que agruparam em 7 categorias: *Rituais de tempo de Casal*, *Rituais idiossincráticos/simbólicos*, *Rotinas e tarefas diárias*, *Expressões de intimidade*, *Rituais de comunicação*, *Padrões/hábitos/maneirismos* e *Rituais espirituais*.

Os *Rituais do tempo de casal* dividem-se em *Actividades agradáveis* (envolvendo actividades de lazer, como viagens, desporto, *hobbies*, sendo o “*bowling da terça-feira à noite*” e as “*viagens de canoa no Verão*” dois exemplos apresentados), *Rituais de união* (envolvendo o tempo de casal que é significativo mas que não está relacionado com nenhuma actividade específica) e *Rituais de Evasão* (rituais especificamente elaborados para preencher as necessidades do casal estar só e evitar pressões exteriores, como o caso de um casal que, uma vez por mês, passava o fim de semana fora de casa em conjunto). Esta primeira categoria foi a que reuniu uma maior percentagem do total de rituais enunciados pela amostra, 39.64%.

A segunda categoria, *Rituais idiossincráticos e simbólicos* representa 19.2% do total da amostra. Divide-se em *Favoritos* (incluindo rituais relacionados com sítios especiais onde é hábito ir, coisas e actividades preferidas e presentes simbólicos que normalmente representam de algum modo a história relacional do casal); *Códigos privados* (incluindo o uso repetido de palavras, símbolos, significados e gestos que têm um significado único e especial para o casal como nomes que chamam um ao outro,

frases especiais, etc.); *Rituais de jogo* (associados com humor, nomeadamente, brincadeiras entre o casal, como uma mulher que antes de adormecer, costumava “procurar cotão no umbigo do marido”, uma actividade que já durava há 10 anos e a que ambos os cônjuges achavam piada) e *Rituais de celebração* (relativos ao modo idiossincrático como são celebrados os feriados, os aniversários pessoais e de casamento e outros eventos deste género).

A terceira categoria, *Rotinas e tarefas diárias* reuniu 13.1% do total e refere-se a rituais relacionados com actividades mundanas e quotidianas como tarefas domésticas, preparação de refeições, manutenção da casa, etc. Segue-se a categoria *Expressões de intimidade* que congregou 12.4% do total dos rituais e se reporta a rituais que envolvem expressões verbais, físicas ou simbólicas de amor, carinho ou de atracção sexual. Um dos exemplos deste tipo de ritual foi relatado por um casal que, todas as manhãs, antes de se vestirem, davam um abraço que denominavam “abraços de tronco nu”. A categoria *Rituais de comunicação* representa 7.5% da amostra. Está relacionada com o tempo que o casal dedica a conversar (Bruess & Pearson, 1997) e inclui os momentos específicos que o casal desenvolve para estabelecer contacto um com o outro, como por exemplo, telefonar a uma certa hora durante o dia de trabalho. A categoria *Padrões/hábitos/maneirismos* representa 5.7% do total dos rituais e abarca estilos interaccionais, territoriais ou situacionais que o casal desenvolve como os membros do casal que se sentavam sempre a ver televisão da mesma forma, “o marido de remoto controlo na mão e com os pés em cima do colo da mulher”. A última categoria refere-se aos *Rituais espirituais* que reúnem 2.5% dos rituais de casal da amostra deste estudo. Estes rituais servem as necessidades religiosas e espirituais do casal e incluem rituais de oração e leitura da Bíblia em conjunto, idas conjuntas às celebrações religiosas de Domingo, entre outros.

Os autores compararam os rituais de casal com os rituais no contexto de relações de amizade e, embora tendo encontrado tipologias similares, verificaram que existiam categorias e sub-categorias específicas de cada um dos domínios de ritual. As categorias exclusivas do domínio conjugal foram *Tempo de casal*, *Rituais espirituais*, *Códigos privados*, *Rotinas e tarefas diárias* e *Expressões de intimidade*. A frequência de ocorrência nas categorias comuns é significativamente diferente nas relações de casal e

nas relações de amizade, sendo mais elevadas em todas as categorias nas relações de casal.

Este estudo foi, sem dúvida, original no seu objecto de estudo e também no aspecto metodológico comparando rituais de casal e rituais de amizade. A exclusividade de algumas categorias encontradas nos rituais de casal chama a atenção para a especificidade deste universo e para a necessidade de se reunirem esforços para investigar este contexto dos rituais. Contudo, duas críticas impõem-se: neste estudo, não se verificou uma delimitação clara entre rituais e rotinas ou hábitos. Não está explícito se houve uma triagem dos relatos dos participantes de acordo com um critério específico ou se todas as referências foram incluídas. Se bem que muitos dos exemplos parecem realmente referir-se a rituais significativos para o casal, outros não, como é o caso dos seguintes excertos: “normalmente um lava a louça e o outro limpa-a” e “Ela tende a exagerar a maioria das coisas e eu a diminuir praticamente tudo” (Bruess & Pearson, 1997, p.36), o primeiro referindo-se a um hábito de distribuição de tarefas domésticas que não parece ter um significado especial para o casal e o segundo a uma reflexão sobre as percepções das características dos dois elementos do casal. Um outro aspecto a reflectir é a mútua exclusividade das categorias que, no caso desta tipologia, não parece estar assegurada. Os *Rituais de união* (primeira categoria), os *Favoritos*, os *Códigos privados* e os *Rituais de jogo* (segunda categoria) têm elementos comuns que podem levar à sua sobreposição.

Este estudo lança algumas pistas sobre os rituais de casal mas muitas perguntas continuam por formular e por responder. Quais as diferenças de sexo relativamente à identificação, criação e vivência dos rituais de casal? Será que homens e mulheres valorizam os mesmos tipos de rituais? Será que estes rituais existem em todos os casais nos vários momentos do ciclo de vida? Haverá um momento de pico para a criação destes rituais ou será que se desenvolvem ao longo do ciclo de vida do casal? Será que as características dos rituais de casal variam consoante o grau de satisfação e outras variáveis relacionadas com os dois membros da díade?

Há indícios fortes da presença de um território dos rituais por explorar. Os mapas que existem relativamente a outros territórios, nomeadamente o dos rituais familiares não são suficientes. Embora possam contribuir para estudar a geografia deste novo território, estamos na presença de um domínio semi-específico que exige um mapa

próprio e detalhado. Embora esse não seja o objectivo primeiro deste trabalho, a presente investigação sobrevoou o território dos rituais de casal e trouxe alguns dados partilhados nas entrevistas. Afinal, já que entrávamos no cruzamento do mundo dos casais e do mundo dos rituais, o atalho para os rituais conjugais era difícil de resistir.

3. PRINCIPAIS CONFIGURAÇÕES TEÓRICAS

“ Querido Jorge

(...) A Isabel casou com o Tirso no dia 21 de Outubro e eu tenho um convite para lhes mandar como lembrança. Eu pensava escrever antes do casamento e mandar nessa altura o convite. Mas como todos os dias me faltava tempo e como sabia que de qualquer maneira não poderias vir o convite era só um símbolo e os símbolos vivem fora do tempo como eu, fui-me atrasando como sempre. De qualquer maneira sabes que vocês estavam, como é natural, convidados e sabes quanta alegria nós teríamos se estivessem presentes. O casamento foi lindo na igreja da Senhora do Monte, ao fim da tarde e depois um cocktail em nossa casa, com um pôr do sol lindíssimo e as minhas três filhas todas lindas.”

Sophia de Mello Breyner, 26 de Novembro, 1971

*In Sophia de Mello Breyner e Jorge de Sena:
Correspondência 1959-1978, 2006*

3. 1. Proposta de definição

Os autores que se debruçam sobre o estudo dos rituais resistem a apresentar definições “autónomas” deste conceito. Recorrem, frequentemente, à exploração das características, propriedades ou funções dos rituais para apoiar as suas propostas de definição. Tal parece acontecer porque a definição deste conceito é, em si, um desafio cuja complexidade é reconhecida por vários autores (cf. Fiese, 2006a; van der Hart, 1983). Fiese (2006a) salienta duas razões pelas quais não é fácil definir rituais e rituais familiares. A primeira é que cada um dos membros de uma família e a própria família terão as suas próprias definições do que é um ritual e das condições necessárias para que um determinado evento ou actividade seja considerado como tal. A segunda reside no facto de os rituais serem de natureza altamente simbólica e, como tal, são extremamente densos, carregados de símbolos físicos e afectivos. Para além destas razões,

acrescentamos mais uma: o facto de os rituais serem um conceito-viajante, ou seja, terem, ao longo do tempo, bebido da fonte de várias e distintas disciplinas científicas. Embora cada disciplina tenha, naturalmente, tomado este conceito com base nas suas próprias lentes, como foi o caso da Psicologia, ainda hoje, os trabalhos publicados sobre rituais contêm vestígios da história do seu estudo; as referências ao contributo de outras ciências, particularmente a Antropologia são extremamente comuns (cf. Bruess & Pearson, 1997; Fiese 2006a; Lind, 2005). A riqueza da multiplicidade informa e permite visões periféricas (cf. Bateson, 2004) mas, simultaneamente, dificulta a especialização e a redução do conhecimento em “parcelas” trabalháveis.¹³

Foram analisadas várias definições de rituais (Erikson, 1966; Myerhoff, 1977) e de rituais familiares (Bossard & Boll, 1950; van der Hart, 1983; Palazolli et al., 1977; Roberts, 1988; Wolin & Bennett, 1984). Há duas noções que parecem estar presentes (por vezes, simultaneamente, outras vezes, só uma delas) e que reúnem o consenso das várias definições: símbolo e repetição. A noção de símbolo é mais evidente no âmbito deste trabalho. Reconhecemos que os rituais são ricos em símbolos que identificam os elementos participantes, neste caso, a família. Para um símbolo ser criado são necessários pelo menos dois ingredientes: relação e tempo. É através da interacção que

¹³ Embora tratemos, sobretudo, da questão da definição de rituais no âmbito científico, é interessante verificar a questão paralela, isto é, como é que os rituais são definidos no vocabulário corrente. A definição de rituais no dicionário *online* da Porto Editora (2003-2006) é “conjunto de práticas consagradas pelo uso ou pelas normas e que devem ser observadas em determinadas ocasiões; cerimonial; etiqueta; protocolo.” Por vezes, o termo ritual está associado, na linguagem quotidiana, a aspectos negativos como “monotonia”, “rotina”, “formalidade” ou a “actos de carácter obsessivo”. É provável que esta tendência esteja a mudar e que o conceito se possa aproximar mais do que representa em termos científicos. Newell (1999), numa interessante análise do uso do conceito rituais na imprensa de psicologia popular (*folk psychology*), considera que há similaridades entre os conteúdos desta e os do estudo científico dos rituais. De acordo com este autor, as três principais funções dos rituais descritas pela investigação (rituais como fontes de força para famílias saudáveis, rituais como perpetuadores do sistema familiar de crenças e comportamentos partilhados e rituais como criadores de continuidade e ligação através das diferentes gerações familiares) são temas presentes na literatura popular. Esta, mais do que a literatura científica, procura dar sugestões específicas sobre como cada família pode criar os seus rituais e está escrita numa linguagem acessível e pictórica, isto é, enriquecida com histórias e exemplos concretos. Esta análise foi baseada na realidade norte-americana, onde são bastante procurados e divulgados os livros de auto-ajuda e de psicologia popular. Em Portugal, o impacto destes não é tão notório mas tem vindo a aumentar progressivamente, muito através das traduções das obras de origem anglo-saxónica. Embora a força do impacto possa não ser tão retumbante (atendendo às diferenças culturais e sociais, à maior e menor abertura para a mudança e para a proactividade que se encontra nestes dois países), consideramos que esta tendência pode ser positiva. A aproximação dos discursos científico e popular pode significar o decréscimo das conotações negativas dos rituais e a consciencialização colectiva da importância destes na vida familiar. Ao nível das famílias, parece-nos que os rituais são, sobretudo, vividos. Esta mudança pode implicar que comecem também a ser “falados”; o conceito de ritual pode então, deixar de ser um apenas “rótulo dos investigadores” (Newell, 1999, p.2).

surge a matéria-prima dos símbolos, isto é, significados co-criados em torno de algo, que pode ser uma situação, uma palavra, um nome, um objecto ou um lugar especiais. A presença de uma relação é, portanto, indispensável para que os símbolos se construam e sejam partilhados. O facto de os membros da família reconhecerem determinados símbolos como seus torna-a um grupo distinto com uma identidade singular. O símbolo é também produto do tempo: é o desenrolar do tempo e do tempo familiar (Daly, 2001) que sustenta a relação entre os seus elementos e permite a criação da história da família.

É também o desenrolar do tempo que permite a repetição. A repetição pode acontecer em vários níveis. Há rituais cuja repetição é mais previsível: os rituais de partida e de chegada (por exemplo, os rituais descritos pelos casais antes de adormecer, quando saem e quando regressam a casa depois do dia de trabalho) e os rituais da refeição em família podem ocorrer quase diariamente; as férias ou das datas festivas (aniversários, aniversário de casamento, Natais, etc.) acontecem uma vez por ano. Há depois a repetição de determinados rituais que pode acontecer de uma forma menos previsível, por exemplo, a preparação de uma comida especial que pode acontecer por um motivo especial (por exemplo, a presença de convidados) ou, simplesmente, porque alguém toma a iniciativa de o fazer. E há rituais que acontecem só uma vez, como por exemplo os rituais que marcam as transições desenvolvimentais, como casamentos, funerais, baptizados, finalização de cursos, etc. Neste tipo de rituais, impõe-se a questão: onde está a repetição? van der Hart (1983) considera que os rituais podem acontecer só uma vez, ao contrário de outros autores que encaravam ser necessária a repetição do evento para se qualificar como ritual. No entanto, mesmo neste tipo de rituais está presente a repetição: a família revisita estes momentos nas suas conversas e nas histórias que constrói e também, a nível individual, a memória do ritual é alvo de reflexão repetida (cf. Newell, 1999). O exemplo mais ilustrativo emergente nas entrevistas realizadas é o do casamento: os casais relataram pormenorizadamente o dia dos seus casamentos e referiram-se ao facto de reviverem esse momento em ocasiões especiais como o dia de aniversário do seu casamento ou a participação na celebração de casamentos para os quais tinham sido convidados. Em alguns casos específicos, a memória negativa do dia do casamento pode ser reexperienciada através da memória e interferir ao nível da qualidade relacional.

Estes dois elementos são, deste modo, imprescindíveis para a compreensão do conceito que os investigadores têm procurado captar e definir. A proposta que apresentamos é uma adaptação da definição apresentada por Roberts (1988, p.8). Esta foi elaborada especificamente para os rituais terapêuticos. Considerámos, contudo, que era uma base útil para construir uma definição dos rituais familiares que ocorrem naturalmente nas famílias. À semelhança dos outros autores, não propomos uma definição absoluta mas sim, uma definição operante/ funcional que nos poderá guiar ao longo do presente trabalho. Assim, consideramos que *os rituais familiares são actos simbólicos co-desenvolvidos pela família que incluem não só a sua vivência mas todo o processo anterior de preparação e o processo posterior de integração dos mesmos. Pode ou não incluir palavras mas é composto por partes fechadas e abertas que são unidas por uma metáfora-guia, simultaneamente partilhada pela família e interpretada individualmente por cada um dos seus membros. Há lugar nos rituais para uma multiplicidade de significados e diferentes níveis de participação. A repetição é um componente dos rituais familiares através do conteúdo, da forma ou da própria acção.*

Na primeira parte da definição, distinguem-se três fases dos rituais familiares. Roberts (1988) salienta apenas a importância dos momentos de preparação e realização do próprio ritual. Aqui, acrescentámos também um terceiro momento, de integração, para representar a memória do ritual revisitada depois da sua vivência¹⁴. É esta memória que irá guiar a preparação para a próxima vez em que o ritual se realiza no caso dos rituais cíclicos. É a memória dos Natais passados e, mais especificamente, do Natal passado; o elemento organizador e referente dos indivíduos para o novo Natal que se aproxima (Barbara Fiese, comunicação pessoal, 2006). Como refere Fiese (2006a, p.10):

¹⁴ Este é um exemplo da herança antropológica. O reconhecimento dos três momentos dos rituais terá como base a proposta de Van Gennep em 1909 (in Roberts, 1988) que divide os rituais em três etapas: *separação*, *liminal* ou *transaccional* e *reagregação* ou *reintegração*. A primeira fase implica a separação da comunidade e a aprendizagem de novos conhecimentos, elementos preparatórios para a fase seguinte. Esta é a da experiência do ritual onde os participantes adquirem novos papéis e identidades. A última fase corresponde ao regresso à comunidade e à integração do novo estatuto dos participantes. Esta visão nasceu, como é fácil verificar, da análise antropológica de culturas bem distintas da ocidental; pode-se, por exemplo, compreender como estas fases se aplicam perfeitamente aos ritos de iniciação em certas zonas de Moçambique, como em muitas outras regiões de países africanos. Contudo, esta divisão apresentou um valor heurístico importante; a sua reformulação permitiu a transposição para o contexto dos rituais familiares e o reconhecimento dos três momentos processuais dos rituais.

“Often, the elements of a ritual will be played over in memory before and after the event. Rituals have a liminal phase that places the event as “a moment in and out of time” (Turner, 1969, p. 96). These symbolic gatherings are organized around multiple elements: the preparatory phase, the event, and reminiscence. Different elements may overlap such that the preparatory phase may include reminiscence of previous occasions, leaving the individual with a sense of bridging two timeframes –those between past and future generations.”

As duas frases seguintes referem-se ao facto de os rituais se constituírem como continentes de significados familiares e de significados individuais. Embora os significados associados ao ritual sejam partilhados pela família, não se pode esquecer que cada indivíduo os vive, sente e integra de modo diferente. Do mesmo modo, como reconhecem Pett, Lang e Gander (1992), diferentes membros da família têm necessidades diferentes em relação aos rituais: uns preferem elevados níveis de envolvimento nestes eventos familiares, outros sentem-se confortáveis com níveis mais reduzidos. O equilíbrio entre as partes “abertas” e “fechadas” dos rituais também varia consoante a família. Há famílias que podem optar por manter uma estrutura mais estável, privilegiando a previsibilidade (partes “fechadas”), enquanto outras poderão reflectir uma maior tendência para a inovação e para a integração de novos significados (partes “abertas”). Vários autores reconheceram que os rituais compreendem a surpresa e o reconhecimento (Erikson, 1966), partes mais fluidas e idiossincráticas e partes mais estruturadas, capazes de fornecer uma forma para o conteúdo das acções (van der Hart, 1983). A última parte da definição refere-se ao papel da repetição que, como já analisado, pode acontecer a um nível “real” ou “reflectido/relembrado/imaginado”.

Em síntese, ao longo deste ponto, apresentámos algumas questões que se levantam em torno das definições de rituais, mais concretamente de rituais familiares e apresentámos uma definição operante dos mesmos que orientará este trabalho.

3. 2. Diferentes contextos dos rituais familiares: Proposta de categorização de Steven Wolin e Linda Bennett

Os rituais familiares são um universo abrangente que engloba eventos tão desiguais como uma refeição familiar, as férias em família ou um casamento. A

necessidade de organização dentro deste conjunto lato levou vários autores desde van der Hart (1983) a Wolin & Bennett (1984) e Roberts (1988) a apresentarem propostas de classificação dos rituais familiares que, assim, foram divididos em categorias. A proposta que se apresenta neste trabalho é a de Wolin and Bennett (1984), escolha justificada por dois motivos. Primeiro, é uma das propostas mais utilizadas e referidas na literatura e a classificação apresentada por Roberts (1988) baseia-se nesta, introduzindo apenas uma modificação. Segundo, é nesta proposta que Fiese & Kline (1993) se apoiaram para a construção do *Family Ritual Questionnaire*, instrumento-base do estudo empírico deste trabalho.

Wolin e Bennett (1984) entrevistaram mais de 100 famílias sobre as suas práticas relativamente aos rituais na família actual e na família de origem. O objectivo deste estudo era compreender os rituais familiares mais comuns e perceber como é que estes eram afectados pelo alcoolismo de um ou dos dois elementos do sistema parental. A análise das entrevistas permitiu a estes autores verificar que os rituais identificados pelas famílias pertenciam a uma de três categorias: *Celebrações Familiares*, *Tradições Familiares* e *Interacções familiares padrão*. De acordo com os autores, estes três tipos de rituais estavam presentes em todas as famílias, não obstante as diferenças de estatuto sócio-económico, origem étnica e orientação religiosa. Em seguida, descrevem-se mais pormenorizadamente cada uma das categorias enunciadas.

Celebrações familiares

As tradições familiares são “...os feriados e ocasiões que são característicos da cultura e que são especiais nas mentes das famílias.” (Wolin & Bennett, 1984, p.404, trad.). Nesta categoria, incluem-se o que autores chamam “ritos de passagem”, como casamentos, funerais, baptismos, *bar mitzvah*¹⁵ e as “celebrações anuais” relacionadas com a religião como o Natal e a Páscoa e as denominadas “seculares”, como o Ano Novo, o “*Thanksgiving*”¹⁶. Segundo os autores, a frequência destes rituais familiares é

¹⁵ Embora este termo se refira especificamente ao indivíduo adulto (“aquele a quem os mandamentos se aplicam”), tem sido adoptado para nomear a celebração da chegada à maturidade no seio da religião judaica, quando os adolescentes de 13 anos (rapazes) e 12 (raparigas) começam a ser considerados responsáveis pelas suas acções.

¹⁶ Este não é comemorado no contexto português. No nosso contexto, alguns exemplos específicos seriam o dia de S. Martinho associado à tradição dos magustos ou o 25 de Abril, embora este último não esteja tão conotado com processos de reunião familiar

relativamente estandardizada nas várias famílias de uma cultura vasta e os símbolos que lhes estão associados são partilhados por um grande número de indivíduos e famílias. Wolin & Bennett (1984) falam-nos da sociedade americana mas podemos perceber que a maioria destes rituais é celebrada em quase todo o mundo. Simultaneamente, estes rituais apresentam elementos específicos de cada sub-subcultura no âmbito da qual são observadas (em Portugal, podemos pensar nas diferenças regionais, de cidade e até dos próprios núcleos familiares). Os feriados, referem os autores, são oportunidades para os membros da família e amigos partilharem eventos simbólicos e especiais, afirmando a identificação da família nuclear nos contextos mais latos. Os ritos de passagem definem os membros que são incluídos na vida de cada grupo familiar e assinalam as fases desenvolvimentais da família.

Posteriormente, Roberts (1988) considerou que a divisão entre feriados e ritos de passagem não deveria ser uma divisão interna de uma categoria mas sim, deveria reflectir duas categorias distintas¹⁷. À categoria dos ritos de passagem, esta autora chamou “Rituais do ciclo de vida familiar”, o que nos parece uma denominação mais actual, mais enquadrada no contexto da Psicologia, uma adaptação bem conseguida a partir dos termos importados do legado antropológico.

Tradições familiares

As tradições familiares são menos culturalmente específicas e mais idiossincráticas para cada família. De acordo com os autores, estas tradições não têm a regularidade dos feriados ou o grau de estandardização dos ritos de passagem, mas acontecem, na maior parte das famílias, com alguma regularidade. Em comparação com as celebrações, são apenas moderadamente organizadas (Wolin & Bennett, 1984). Estas tradições incluem as férias em família, as visitas à e da família alargada, aniversários pessoais e de casamento e outras festas especiais como, por exemplo, reuniões familiares. No caso de um casal entrevistado no nosso estudo, os cônjuges relataram o ritual de reunião denominado “chocolate da avó”, um dia específico do ano em que a

¹⁷ Esta divisão tem raízes noutros trabalhos, nomeadamente, no de van der Hart (1983), onde este autor divide os rituais familiares em *Rituais de continuidade* (rituais diários, semanais e anuais) e *Rituais de transição* (rituais que assinalam transições do ciclo de vida familiar). De acordo com este autor, ambos os Rituais contêm elementos de continuidade e transição, sendo que esta distinção reflecte o componente que mais se salienta em cada ritual.

família alargada se reúne em casa da avó e onde há sempre chocolate quente. Esta tradição resultou da adaptação de uma tradição regional que a família, entretanto, deslocada dessa região, continuou a observar de uma forma diferente, menos comunitária e mais localizada no grupo familiar. Embora a cultura contribua para moldar estas tradições (como a presença de bolos e postais escritos), cada família escolhe as ocasiões que vai realmente assinalar e o modo singular como o irá fazer. Wolin e Bennett (1984) reconhecem que este “elemento de escolha” poderá concorrer para o elevado grau de significado que os membros da família associam a estes rituais e o apego que têm à continuação da sua observância. “*As tradições familiares parecem dizer, “Isto é como somos; esta é a nossa família”*” (Wolin & Bennett, 1984, p.405, trad.).

Interacções familiares padrão

De acordo com os autores originais, as interacções familiares padrão são, dos rituais familiares, os menos deliberados e os mais “escondidos” e os que se realizam mais frequentemente mas que são menos planeados conscientemente pelos participantes. Aqui se incluem a hora de jantar, rotinas de hora de deitar das crianças, a forma de receber os hóspedes em casa, actividades de lazer à noite ou ao fim de semana. Wolin e Bennett (1984) consideram que este tipo de interacções, quaisquer que sejam os padrões associados, ajudam a definir os papéis e as responsabilidades de cada membro da família, constituindo-se como um meio para organizar a vida familiar.

3.2.2. Continua subjacentes a esta categorização.

Expostas as categorias e as suas fronteiras, procede-se a uma meta-reflexão sobre as mesmas. Há três *continua* que atravessam esta proposta de categorização. Um deles é o *continuum Agenda cultural – Agenda familiar*. As celebrações especiais são ditadas pela cultura em que a família se insere e, embora haja espaço para a família inovar e expressar a sua identidade, há expectativas culturais que são difíceis de contornar como as próprias datas em que os eventos se assinalam. Mesmo que a família não tenha as condições ideais para celebrar o Natal (por exemplo, por causa da doença grave ou da morte de um familiar; por viverem em regimes políticos ditatoriais que não permitem a liberdade religiosa), a data não se pode adiar ou antecipar, o Natal acontece

independentemente da disponibilidade da família. No caso das tradições e interacções familiares, a agenda familiar domina mais do que a agenda cultural. Os aniversários, as datas especiais de cada família fazem parte do seu próprio calendário interno (cf. Roberts, 1988). Apesar de haver expectativas culturais sobre a celebração dos aniversários, a família tem mais espaço de manobra para gerir estes eventos. É muito comum, no contexto português, que as comemorações familiares deste género sejam adiadas para dias feriados ou fins-de-semana para garantir a presença da família alargada e amigos. No caso das interacções familiares, é ainda mais visível o domínio da agenda familiar: a família gere estas interacções de uma forma muito particular e há menos expectativas e, conseqüentemente, regulação cultural sobre como levar a cabo estes rituais.

O outro *continuum* é *Comunidade – Família nuclear*. Caminhando das celebrações familiares para as interacções familiares padrão, verifica-se que a presença de elementos exteriores à família nuclear desaparece. Nas celebrações do Natal, da Páscoa, nos casamentos e funerais, é frequente verificar-se a presença de elementos da comunidade, família alargada, amigos e colegas que se reúnem. Nas tradições familiares, é comum também estarem presentes outras pessoas para além da família nuclear. Contudo, aqui, muito mais do que nas celebrações familiares, é a família que sanciona a entrada, que decide quem é ou não convidado, tratando-se de um círculo mais íntimo e seleccionado. Nas interacções familiares padrão, os actores são os membros da família nuclear de uma forma quase exclusiva.

O último *continuum* refere-se à *Regulação externa – Regulação interna*. Nas celebrações familiares, há elementos invariáveis e símbolos partilhados por comunidades, países e até continentes. Nas tradições familiares, os contornos dos rituais e os próprios símbolos são construídos pela família que tem maior poder de decisão sobre como se vão desenrolar os eventos, o que é ainda mais notório nas interacções familiares padrão.

Realça-se que os termos dos vários *continua* não são dicotomias. Estes servem, sobretudo, para ilustrar tendências. Assim, em síntese, à medida que nos deslocamos das celebrações para as tradições e destas para as interacções familiares, os rituais são mais regidos pela agenda familiar do que pela cultural; têm a presença de menos elementos externos à família nuclear; são objecto de maior regulação interna da família

do que de regulação externa (da comunidade e da sociedade em geral, reflectindo normas culturais).

Em síntese, de acordo com Wolin & Bennett (1984), as famílias diferem na ênfase que concedem aos rituais das três categorias, umas realçando mais as tradições familiares e outras despendendo mais energia nas interacções familiares ou nas celebrações especiais. Estes autores consideram que cada categoria promove aspectos distintos da identidade da família. As celebrações especiais fazem com que a família se integre no sistema cultural mais alargado, acentuando a comunalidade com outras famílias; as tradições familiares permitem, por outro lado, estimular a unicidade de cada família, promovendo a sua coesão e continuidade; as interacções familiares padrão permitem que os indivíduos solidifiquem as suas identidades individuais que coexistem com a identidade familiar através do estabelecimento de fronteiras entre “casa” e “exterior”, “família” e “estranhos” e entre “um membro da família” e “outros membros da família” (Wolin & Bennett, 1984, p.407). Discordamos, neste ponto, destes autores. Consideramos que as funções atribuídas a cada categoria não são mutuamente exclusivas mas, antes pelo contrário, estão presentes em todos os rituais familiares aqui descritos.¹⁸

3.3. Funções

Neste ponto, ir-se-ão discutir algumas das principais funções dos rituais familiares. A partir de uma revisão da literatura, foram identificadas funções dos rituais em geral e funções dos rituais familiares, em particular. As primeiras são funções mais genéricas que se podem considerar transversais a todos os tipos de rituais (sociais, culturais, diádicos, individuais, etc.). As segundas são funções mais específicas que os rituais familiares satisfazem para indivíduos e famílias. Note-se que esta divisão cumpre uma necessidade de organização conceptual, não se tratando, deste modo, de uma divisão com fronteiras delimitadas. Procurámos, neste âmbito, emparelhar as

¹⁸ Alguns exemplos a partir da cerimónia de casamento podem ilustrar esta posição. Uma celebração de casamento pode constituir um factor de discórdia entre o casal e /ou entre as famílias de origem, precisamente porque estes diferem nas suas expectativas quanto à mesma. Apesar de ser uma celebração especial, onde há aspectos comuns e previsíveis, o modo como cada família recria estes aspectos pode ser tão díspar ao ponto de provocar conflitos entre visões completamente diferentes: a idiossincrasia de cada família está bem presente.

funções dos rituais em geral e dos rituais familiares. Para cada uma das três funções dos rituais (alíneas a), apresenta-se uma função dos rituais familiares (alíneas b). O objectivo deste formato é tentar sistematizar como é que as funções gerais se materializam e ganham forma no contexto mais específico dos rituais familiares e encontra-se ilustrado na Figura 1.¹⁹

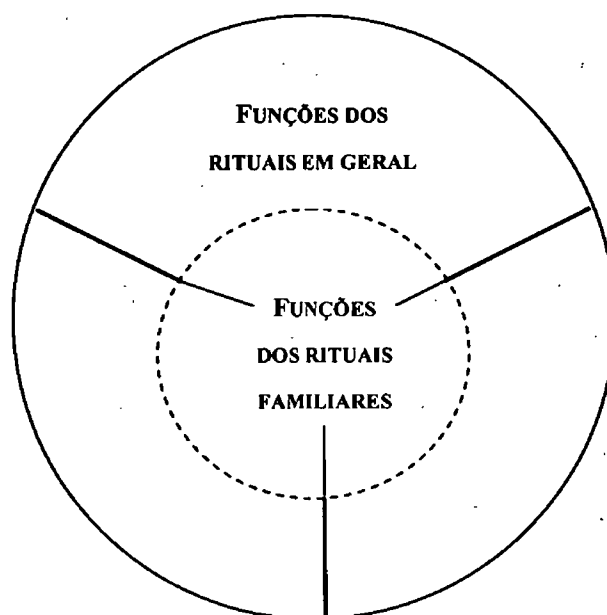


Figura 1. Funções dos rituais e dos rituais familiares.

1.a) Permitem gerir e integrar dualidades

Os rituais têm sido, ao longo do seu estudo, descritos, várias vezes, como formas comunicacionais que permitem lidar, simultaneamente, com múltiplas contradições (Werner & Baxter, 1994). Roberts (1988, p.16), por exemplo, refere-se aos paradoxos inerentes à vida humana como “*vida/morte, proximidade/distância, ideal/real, bom/mau*”, aos quais Werner e Baxter (1994, p.368) acrescentam “*estabilidade/mudança*”. Estes e outros paradoxos podem ser vividos e integrados no âmbito dos rituais. Tome-se o exemplo de um funeral para ilustrar a presença do paradoxo vida/morte: os membros da família lidam com as tarefas da perda, do luto e, simultaneamente, lidam com as questões que daí advêm em termos de reorganização familiar, como assumir novos papéis e funções e proteger os membros mais

¹⁹ À excepção de 1b e3b, o título das funções é retirado do trabalho de Roberts (1988).

fragilizados. Moss e Moss (1988) referem a importância dos encontros entre os pais e os filhos que estão distantes geograficamente como uma forma importante de manterem a proximidade e a ligação: é um exemplo da integração do paradoxo “proximidade/distância”. Quanto à dialéctica estabilidade e mudança, consideramos que está patente, sobretudo, nos rituais que se repetem, como, por exemplo, o Natal, os aniversários, etc. As famílias tendem a repetir determinados elementos ao longo dos anos, o que confere a estas ocasiões especiais a sensação de estabilidade, de constância de actos, símbolos e relações. Mas os intervalos entre a realização destes rituais trazem mudança a nível individual e familiar. Novos membros entram na família, outros podem partir por morte ou separação; podem ocorrer situações de stress acrescido como divórcios e doenças e as próprias transições desenvolvimentais esperadas envolvem transformações em termos da dinâmica familiar. Deste modo, a mudança, mais ou menos notada pelos membros da família, tende a acontecer e a coexistir, nos rituais, com a estabilidade.

Após a visualização da presença destes paradoxos, a questão que se coloca é: Como é que os rituais integram estes paradoxos? A chave para esta questão parece estar na constatação de Selvini-Palazolli et al. (1977) relativa à dimensão analógica dos rituais. A dimensão analógica, também denominada “ulterior” por Papp (1990) supera as transacções verbais da dimensão digital. As linguagens destas duas dimensões distinguem-se, sendo a linguagem explicativa mais próxima da dimensão digital e a linguagem figurativa mais próxima da dimensão analógica (cf Papp, 1990). A linguagem explicativa tende a isolar e fragmentar, a descrever um evento após o outro de forma linear; a linguagem figurativa tende a sintetizar e combinar, criando uma imagem holística (*ibidem*). A combinação destas duas linguagens e das duas dimensões analógica e digital nos rituais parece torná-los dispositivos através dos quais os indivíduos podem lidar com a dialéctica dos opostos e fazer a sua integração.²⁰

²⁰ Roberts (1988) refere o interessante estudo de d’Aquilo, Laughlin e McManus (1979, in Roberts, 1988) que procurou estudar o impacto neurobiológico da participação em rituais. Os autores deste estudo hipotetizam que, durante os rituais, os dois hemisférios cerebrais “transbordam” um no outro.

2.a) São um dispositivo para marcar e “fazer” transições

O desenrolar da vida familiar implica momentos de transição (Relvas, 1996). Os mais notados são os que se relacionam com a alteração da estrutura da família (nascimento, morte, saída de casa de um dos elementos). Para estes momentos de transição esperados, existem rituais específicos que não só assinalam mas permitem a consumação destas transições (cf. Roberts, 1988). Como? A nosso ver, a possibilidade de integração dos paradoxos que os rituais oferecem é especialmente importante nestes momentos de transição; as mudanças inerentes às transições trazem consigo ganhos e perdas e, por isso, os sentimentos, nestes momentos, reflectem uma certa ambivalência. Também a existência de um espaço e momento próprio para o reconhecimento da mudança pode ser crucial na travessia destas transições, proporcionando as condições necessárias para a adaptação dos indivíduos a novos papéis que se acumulam ou vêm substituir os antigos. Por último, o reconhecimento, por parte dos outros, da mudança acaba por, de certa forma, “legitimar” a transição. É deste reconhecimento que as transições de vida não esperadas carecem: as pessoas que se divorciam, que quebram laços relacionais, as famílias cujos filhos desaparecem não possuem estes mecanismos facilitadores da mudança; é como se o seu novo estatuto não fosse definido, permanecendo numa espécie de “limbo” até que um novo acontecimento pudesse fazê-los avançar até uma nova fase.

Roberts (1988), a autora desta reflexão, considera que, nas transições, se revisita a dualidade estabilidade/mudança: nos rituais que as acompanham, lado a lado com as reminiscências do passado, existe espaço para a criação de novas tradições e significados. Retoma-se, aqui, a questão das partes abertas e fechadas dos rituais; embora as transições de vida tenham aspectos comuns a todos os seres humanos, o modo como cada um e cada família decide assinalá-las não é indiferente ao modo como a nova fase se vai desenrolar; os rituais moldam as transições e enunciam pistas para os momentos desenvolvimentais seguintes.

3.a) Constituem um continente para a expressão e vivência de emoções fortes

Esta ideia, avançada por Scheff (1979, in Roberts, 1988), refere-se ao facto de os rituais serem um suporte social importante em momentos desafiantes, em que as

emoções, positivas ou negativas são amplificadas. O exemplo mais premente parece ser o dos rituais que têm como objectivo a facilitação do luto por morte, como, por exemplo, os velórios e funerais. A previsibilidade destas ocasiões fornece uma rede de segurança: os indivíduos sabem o que esperar nos vários passos do desenrolar da ocasião. Por um lado, sabem que é permitida a expressão de sentimentos e que podem esperar apoio do grupo familiar ou mais alargado que partilha essa ocasião; por outro lado, sabem também que, em certos momentos, são esperadas determinadas acções. Isto é, ao mesmo tempo que se permite a expressão da dor, há um apelo a que esta expressão se realize de acordo com certos limites, de modo a permitir a realização plena do ritual.

1.b) São mecanismos de regulação emocional

Os rituais familiares são contextos importantes para a compreensão dos processos de regulação emocional de cada família. (Fiese, 2006b). É à família que cabe a calibração da expressão emocional através das normas que estabelece; cada família é única neste processo; à medida que as crianças crescem e se aventuram no mundo exterior à família, começam a comparar as normas que sempre conheceram com as normas e hábitos de outras famílias (ver Fiese 2006b). A regulação dos afectos, sobretudo nas fases iniciais do desenvolvimento da família, é, em grande parte, da responsabilidade dos pais, enquanto educadores e actores de hierarquia superior na relação vertical entre pais e filhos. Fiese & Marjinsky (1999) desenharam um estudo específico para averiguar como é que o comportamento directamente observável à hora de jantar estava relacionado com as representações da família de origem e da família actual utilizando uma tarefa de construção de histórias. Estes autores verificaram que a expressão de afectos positivos à hora do jantar estava relacionada com a maior confiança relacional que os pais descreviam no âmbito das famílias actual e de origem; o efeito inverso verificava-se quando existia maior expressão de afectos negativos. Conclui-se que os rituais são simultaneamente ocasiões de expressão de emoções e ocasiões para a sua aprendizagem e regulação.

2.b) Permitem manter (e criar novas) visões do mundo para indivíduos, famílias e comunidades

Para explicar esta função, recorremos a Laird (1988, p.333, trad.) que considerou que *“O ritual é, provavelmente, o mais potente mecanismo de socialização disponível nas famílias e em outros grupos, preparando os membros individuais a compreender os significados do grupo, continuar as tradições e desempenhar os papéis sociais considerados essenciais para a sua continuação.”* De acordo com a autora, é através dos rituais que aprendemos a ser quem é esperado que sejamos, que aprendemos a comportar-nos e a gerir a nossa comunicação com os outros, as nossas relações e até as nossas expectativas. Mas, pela sua integração da dialéctica estabilidade/mudança, os rituais não são mecanismos estáticos que se limitam a contribuir para a reprodução do modelo social vigente. Por um lado, as identidades individuais e de grupo reflectem-se e reforçam-se nos rituais que se vivenciam; por outro lado, ocorrem mudanças que permitem que essas identidades se re-criem a cada nova experiência (cf. Laird, 1988).

3.b) Promovem a construção da identidade familiar

O facto de os rituais serem mecanismos de socialização torna-os especialmente importantes para a criação da identidade familiar. A partilha de símbolos permite a construção de significados partilhados pelos *insiders* (membros da família); a repetição das fórmulas vivenciais de certas ocasiões concede a segurança necessárias à estabilidade do grupo. Estão presentes dois ingredientes para a coesão do grupo. Poder-se-á dizer que os rituais são momentos que reforçam e actualizam o sentimento de pertença a um determinado grupo, neste caso, a família. Este sentimento de pertença, atravessa, frequentemente, várias gerações e os rituais são um dos meios através dos quais isso acontece pois *“permitem uma ligação simbólica entre o passado e o futuro”* (Rosenthal & Marshall, 1988, p. 669, trad.) e *“fornecem um sentido de continuidade na história de uma colectividade ou de um indivíduo”* (*ibidem*).

3. 4. Rituais e rotinas: Uma distinção-chave

Os conceitos rituais e rotinas são, por vezes, utilizados indistintamente na literatura científica. Esta tendência tem vindo a diminuir desde que Fiese e colaboradores (2002) e Howe (2002) chamaram a atenção para a importância da sua demarcação como chave para a maior precisão e organização dos estudos realizados nesta área.²¹

Uma das razões que levou à confusão conceptual é o facto de rituais e rotinas estarem entrecruzados na vida familiar. De facto, uma actividade familiar pode ser o cenário para a ocorrência de rituais e rotinas. Tome-se o exemplo do aniversário de uma criança; uma ocasião em que, normalmente, a família se organiza e investe na comemoração. O pai, poderá, por exemplo, ter a seu cargo a escolha de um presente, e a mãe poderá ser responsável por organizar a festa, telefonando a convidar a família e amigos e encomendando ou preparando o bolo de aniversário. Estes aspectos instrumentais são relativos às rotinas. Os rituais, embora usualmente alicerçados nas rotinas, vão para além destas interações de cariz comportamental e tornam-se símbolos da coesão familiar, reafirmando a sua identidade (Boyce, Jensen, James e Peacock, 1983). Na festa de aniversário, os membros da família têm sentimentos próprios acerca da transição que aquela representa e atribuem um significado especial ao evento. Podem recordar outros aniversários anteriores (quem estava presente, um episódio pitoresco que é sempre lembrado nestas ocasiões, etc.), cozinhar uma comida especial e oferecer símbolos que marcam a transição.²²

As rotinas referem-se, portanto, às interações padronizadas que se repetem ao longo do tempo e se reconhecem pela continuidade no comportamento. Os rituais envolvem não só as rotinas mas as representações e crenças relativas à identidade familiar (Fiese et al., 2002). Numa formulação mais recente, "*Os rituais familiares*

²¹ Roberts (1988) enunciou também uma distinção semelhante, entre rituais e tarefas terapêuticas. A autora realça como aspecto diferenciador mais relevante o facto de os rituais, ao contrário das rotinas, envolverem símbolos. A importância dos símbolos tinha já sido apontada por Barbara Myerhoff (1977) e será também retomada por Barbara Fiese (Fiese et al., 2002, Fiese, 2006a, Fiese 2006b) na área dos rituais e rotinas que ocorrem naturalmente nas famílias.

²² É frequente, por exemplo, na Nova Zelândia, bem como em outros países de fundação anglo-saxónica, os pais oferecerem um objecto em forma de chave aos jovens que completam 21 anos, a altura em que se considera que atingem a maioridade. Esta chave simboliza a independência dos filhos e a possibilidade de gerirem as suas entradas e saídas da casa familiar; a sua oferta na presença de todos os convidados na festa, contribui para o reconhecimento público da transição e das mudanças que a acompanham.

envolvem não só as práticas observáveis, mas também os significados pessoais, subjectivos e interiorizados associados com as rotinas.” (Fiese, 2006b, p.272, trad.)

Fiese (Fiese 2006a; Fiese, 2006b; Fiese et al., 2002) defende que é possível e importante distinguir entre rotinas da vida quotidiana e rituais da vida familiar. De acordo com esta autora, rituais e rotinas podem ser contrastados ao longo das dimensões de Comunicação, Investimento e Continuidade, como se verifica no Quadro 1.

Quadro 1

Definições de Rotinas e Rituais (trad. de Fiese et al., 2002)

Característica	Rotinas do dia-a-dia	Rituais da vida familiar
Comunicação	Instrumental	Simbólico
	“Isto é o que precisa de ser feito”	“Isto é quem nós somos”
Investimento	Superficial e momentâneo	Duradouro e afectivo
	Pouca reflexão consciente após o acto	
Continuidade	Directamente observável e detectável pelos <i>outsiders</i>	O significado estende-se através de gerações e é interpretado pelos <i>insiders</i>
	O comportamento repete-se ao longo do tempo	“Isto é o que desejamos que aconteça e quem continuaremos a ser ao longo de gerações”

As rotinas envolvem comunicação prática sobre o que é preciso ser feito; a linguagem em torno das rotinas é directa e relativa à acção. No caso dos rituais, a comunicação faz-se, sobretudo, ao nível simbólico, transmitindo informação sobre a identidade do grupo familiar. As rotinas envolvem um investimento momentâneo e estão mais associadas com a memória episódica do que com a memória semântica (Fiese, 2006a). Os rituais, pelo seu lado, implicam um investimento afectivo que

proporciona aos indivíduos sentimentos de pertença em relação ao grupo-família. Em termos mnemónicos, os rituais são muito mais duradouros do que as rotinas; os seus elementos podem ser revisitados na memória várias vezes antes e depois do evento ritual. Vários casais do nosso estudo, contaram, nas entrevistas, que, por vezes, depois de encontros familiares especiais, como o Natal, um aniversário ou outra reunião, dialogavam entre si: cada elemento do casal revivia as suas percepções individuais daquele momento e partilhava-as com o cônjuge. As rotinas repetem-se ao longo do tempo, há uma constância de comportamentos que é reconhecida pelos membros da família. Em termos dos rituais, estes constituem mais do que comportamentos que se repetem; os rituais permitem a continuidade de significados ao longo das gerações. De acordo com Fiese (2006a), os rituais encapsulam a identidade familiar que os membros da família fazem esforços por manter ao longo do tempo. Como refere Fiese (2006a), quando as rotinas se interrompem é um aborrecimento, quando os rituais se interrompem, é a coesão do grupo que está ameaçada.

Mas, embora distintos, rituais e rotinas são constructos que interagem entre si. A repetição de rotinas ao longo do tempo pode ser a fundação para um ritual através da crescente antecipação e investimento emocional (Fiese, 2006a). *“Qualquer rotina tem o potencial de se tornar um ritual a partir do momento em que passa de um acto instrumental a um acto simbólico”* (Fiese et al., 2002, p. 383). Uma das formas de saber se uma rotina se transformou num ritual é examinar se a sua ausência seria realmente sentida e notada pelos membros da família (Fiese, 2006a). Mas o inverso pode também ocorrer, um ritual pode tornar-se numa rotina, se começar a ser vivido como uma obrigação, se perder o seu significado simbólico. Esta possibilidade de transformação permite-nos olhar as rotinas e os rituais na sua ligação dinâmica e não reduzi-los a dicotomias.

Um olhar mais superficial poderá considerar que os rituais são os “bons da fita”, contribuindo para a identidade e coesão familiares através dos significados que encerram e que as rotinas são os “vilões” pela sua monotonia e instrumentalidade. Mas tal não corresponde ao que de facto acontece; como refere Fiese (2006a) tanto os rituais como as rotinas podem ter elementos de suporte e de rotura. As rotinas podem ser usadas para estruturar e organizar o tempo familiar, facilitando a gestão das múltiplas e complexas exigências da vida em família. A investigação tem demonstrado isso,

sobretudo no que toca a famílias com filhos: mães de crianças pequenas reportavam maior satisfação no seu papel parental e maior sensação de competência quando havia rotinas regulares em casa (Sprunger, Boyce & Gaynes, 1985 in Fiese et al., 2002); crianças com rotinas regulares à hora de deitar adormeciam mais cedo e acordavam menos durante a noite do que as crianças com rotinas menos regulares (Seymour, Brock, During & Poole, 1989 in Fiese et al., 2002). A relação das rotinas com a organização da vida familiar tem levado os investigadores, nomeadamente Barbara Fiese e a sua equipa, a procurar compreender as rotinas em famílias em que uma das crianças tem uma doença crónica; nestas famílias, o intercalar da vida familiar com procedimentos necessários em casa, tratamentos e idas ao hospital torna a gestão do tempo uma tarefa ainda mais desafiante. Por outro lado, em momentos críticos, as rotinas podem ser consideradas aborrecidas, uma “obrigação” e oportunidades para a escalada de conflito (Fiese 2006a).

Também os rituais podem conter elementos destabilizadores como já brevemente referimos: podem ser momentos em que se acentua a exclusão e a desvalorização da opinião e sentimentos de alguns membros familiares. Um exemplo ilustrativo é o estudo de Oswald (2002) sobre os factores que levavam à participação de homens e mulheres homossexuais nos rituais familiares das suas famílias de origem. Era especialmente difícil para estes indivíduos que os seus companheiros não fossem convidados para eventos como casamentos e funerais e outras celebrações, ou seja, que a sua relação não fosse reconhecida pela família de origem, o que os levava a questionar se eles próprios eram realmente membros da sua própria família (Oswald, 2002). Como refere Oswald (2002), é importante admitir que a inclusão e pertença não são automaticamente experienciados no contexto de ritual.

Em conclusão, é importante contribuir para a precisão conceptual da área e distinguir rotinas e rituais. Não menos importante é reconhecer o papel de cada um deles no contexto mais vasto da vida familiar, evitando um maniqueísmo redutor. No âmbito deste trabalho, falamos, essencialmente, de rituais; sempre que nos referirmos a rotinas ou à interacção entre rotinas e rituais, tal será devidamente assinalado.

3.4.1. Rituais e rotinas: Eixos de uma tipologia

Em 1993, Fiese & Kline apontavam já o valor heurístico de uma possível tipologia resultante do cruzamento de rotinas previsíveis observáveis e de rituais significativos. Em 2006, Fiese (2006b) apresenta esta tipologia composta por quatro sub-tipos correspondentes às quatro possíveis combinações de níveis altos e baixos das rotinas e rituais que as famílias podem apresentar (ver Figura 2). Como refere Fiese (2006b), embora estes sub-tipos façam sentido em termos intuitivos e clínicos, os investigadores ainda estão nos primórdios da verificação empírica da presença destes grupos e das suas correlações com outras variáveis.

		ROTINAS	
		Baixo	Alto
RITUAIS	Baixo	Caótico	Rígido e Superficial
	Alto	Flexível e Variável	Enriquecido

Figura 2. Tipologia quádrupla de rituais familiares (Fiese, 2006b, p. 282, trad.).

No primeiro quadrante, está o sub-tipo *Caótico* em que as rotinas e os rituais apresentam níveis baixos. Em termos familiares, isto significa que praticamente não existem rotinas previsíveis e que não há, ou há mas são insuficientes, rituais que unam e congreguem o grupo familiar; os indivíduos de uma família pertencente a este sub-tipo não podem beneficiar da estrutura das rotinas ou da partilha de significados proporcionados por uma vida ritual. No segundo quadrante, está o sub-tipo *Flexível e Variável*; as famílias que se possam identificar com este quadrante têm poucas rotinas mas são ricas em rituais; embora a sua vida não esteja organizada de forma previsível, os seus membros sabem com o que podem contar em termos afectivos e simbólicos porque o significado dos rituais não está afectado. O terceiro quadrante corresponde ao sub-tipo *Rígido e Superficial*. As famílias que se enquadram neste sub-tipo não partilham significados afectivos importantes que possam dar sentido ao elevado nível de

rotinização; na ausência daquele primeiro elemento aglutinador, as rotinas tornam-se pesadas, obrigatórias e penosas.

Embora não existam ainda estudos que o comprovem, parece-nos que a dimensão dos rituais poderá ser decisiva no bem-estar da família, enquanto a dimensão das rotinas poderá ser mais acessória. Mais concretamente, quando os rituais significativos estão ausentes ou são em número e qualidade insuficiente, falta às famílias algo crucial que lhes permita construir e consolidar a sua identidade. Quando o mesmo acontece com as rotinas, falta às famílias um componente de previsibilidade e estruturação que pode ser mais ou menos negativo consoante as circunstâncias.

Em síntese, esta tipologia parece-nos extremamente útil e é provável que, na próxima década de investigação na área dos rituais e das rotinas, seja cada vez mais referida e explorada. As especulações agora tecidas sobre as diferentes combinações de rituais e rotinas reclamam (des)confirmação empírica. Considerámos, porém, que a utilização de *continua* entre os níveis baixo e alto dos rituais e rotinas poderia ser uma vantagem, dando lugar a diferentes posicionamentos dentro do mesmo quadrante.

3.5. Rituais familiares: grelha de avaliação

Janine Roberts, a partir do trabalho de Wolin e Bennett (1984), propôs uma grelha de avaliação dos rituais que ocorrem naturalmente nas famílias, nas suas palavras, para conhecer “...a relação da família com os rituais na sua vida quotidiana.” (Roberts, 1988, p.25, trad.). Esta autora criou uma tipologia do uso do ritual nas famílias, que pode ser: *Sub-ritualizado*, *Rígido*, *Enviesado*, *Vazio*, *Interrompido* e *Flexível*. Em seguida, apresenta-se uma breve descrição de cada sub-tipo, baseada em Roberts (1988).

Sub-ritualizado

Está-se na presença de sub-ritualização quando as famílias não celebram ou marcam as mudanças familiares nem participam activamente nos rituais sociais mais alargados. Isto traduz-se na ausência dos benefícios que os rituais trazem às famílias, em termos, por exemplo, da coesão de grupo e do apoio nas transições familiares e na mudança de papéis de cada um dos seus membros (Roberts, 1988).

Rígido

Nas famílias rigidamente ritualizadas, há um elevado número de prescrições. De acordo com Roberts (1988, p.27), há um lema comum a estas famílias “*nós temos de fazer sempre estas coisas juntos desta maneira e nesta altura*”. O balanço entre as partes fechadas e abertas dos rituais é desigual, verificando-se uma ênfase muito mais acentuada nas partes fechadas. Os rituais tendem a manter-se os mesmos ao longo do tempo, não se adaptando às novas necessidades emergentes do desenvolvimento familiar.

Enviesado

Quando há enviesamento do uso do ritual, isso significa que uma determinada tradição familiar, étnica, religiosa ou mesmo um dos lados da família foi valorizado, à custa de outros aspectos familiares. De acordo com Roberts (1988), a existência de diferenças nas tradições da família dos dois cônjuges pode levar a conflitos no planeamento dos rituais familiares já que cada tradição realça valores diferentes. Também pode acontecer, como se verificou nas entrevistas realizadas, que um dos cônjuges “adopte” as tradições da família do outro cônjuge (devido a conflitos com a sua família de origem, distanciamento geográfico, etc.).

Vazio

Roberts (1988) utilizou a denominação proposta por van der Hart (1983), “*hollow rituals*”, para se referir aos rituais que são celebrados por obrigação, com pouco significado associado ao próprio evento e a todo o processo envolvente. Isto pode acontecer porque os rituais se tornaram demasiado fechados, não se adaptando às exigências desenvolvimentais dos membros da família; em vez de oportunidades para a coesão familiar, transformam-se em oportunidades para o aumento do stress familiar. O uso rígido do ritual nas famílias pode levar a que alguns rituais se tornem vazios.

Interrompido

A vida das famílias é composta também de mudanças súbitas, não esperadas (mortes, mudança de residência, doença) e eventos traumáticos que decorrem do contexto envolvente (guerras, opressão ideológica e religiosa, etc.). Nestas

circunstâncias, é possível que a família não tenha as condições necessárias para experienciar os rituais no seu todo processual. Na recente guerra entre Israel e o Hezbollah, a mulher de um jovem refém israelita, na sua declaração às televisões de todo o mundo, afirmou algo como “Não é normal que uma mulher se case e um ano depois passe o 1º aniversário de casamento sozinha”. Este é um exemplo da interrupção dos rituais familiares por constrangimentos externos. Há ainda constrangimentos internos, relacionados com a própria família, (por exemplo, quando morre ou adocece alguém ou mesmo quando há um divórcio) que podem determinar a interrupção do ritual ou a interrupção da vivência regular e esperada desse ritual.

Flexível

O uso flexível do ritual implica que as famílias tenham capacidade de transformar e renovar os seus rituais ao longo do ciclo de vida. Esta capacidade, segundo Roberts (1988, p.33) mantém os rituais “vibrantes”, proporcionando às famílias tempos especiais para assinalar e modificar papéis, regras e relações. As famílias estão constantemente em mudança; a flexibilidade na adaptação dos seus rituais ajuda a que estas mudanças sejam processadas de um modo significativo (*ibidem*).

Estes sub-tipos, que, na nossa óptica, se podem considerar estilos de vida ritual, são diferentes não só para as famílias mas também para os indivíduos. Uma família pode-se caracterizar mais por um ou outro sub-tipo. Mas também dentro da própria família, os indivíduos podem ter estilos diferentes e estes variarem consoante o ritual em causa (nos seus diferentes contextos) e o próprio momento do ciclo de vida individual e familiar.

Em síntese, relembramos, com Roberts (1988), que cada família tem a sua relação única, especial e potencialmente “saudável” com os seus rituais e não se pode afirmar que mais rituais significam automaticamente “mais saúde” ou bem-estar. Roberts (1988) dirige-se sobretudo aos terapeutas quando afirma que é importante reconhecer que as famílias não irão mudar para melhor se viverem os rituais de uma certa forma ou que todas as famílias devem ter um determinado nível de ritual. Neste

4. RITUAIS FAMILIARES E GÉNERO

“Todos ajudaram, eu não faço sozinha, quando é assim na família logo todos se põem à disposição, eu tenho estas especialidades, a minha irmã tem outras, a minha cunhada viúva tem outras e a Bela tem outras e a Mariana tem outras. Por exemplo, agora quando se combinou a festa do pai, a Bela disse logo, depois diga o que quer, a Mariana, ó mamã o que é que tu queres? E a Tózinha antes de ir para Paris, também disse não se esqueça que eu também quero fazer qualquer coisa. A Amélia que também é muito prendada também vai fazer. Portanto não custa assim tanto. Sempre se fez assim. SÓ ME FALOU NAS MULHERES DA FAMÍLIA... O QUE É QUE OS HOMENS FAZEM? Nada (risos), não fazem nada. Os homens comem, não fazem nada (...) a gente combina entre as mulheres e eles ajudam. Mas, por exemplo, o meu cunhado, marido dessa minha irmã, esse, como o meu marido diz, é a vergonha dos cunhados porque ele faz tudo (risos). Ele faz tudo e esse é ao contrário com a minha irmã, faz tudo porque ela anda sempre fora e, quando chega, o marido tem o prato pronto mas ele é diferente, o Paulo é outra... é uma pessoa diferente nesse aspecto.

Elisa, 68 anos, Entrevistas

Este fragmento de entrevista permite-nos construir uma imagem desta família na fase de preparação de um ritual familiar, neste caso, o assinalar do aniversário do cônjuge, relatado pela sua mulher. Os actores desta cena são do sexo feminino, à excepção de um homem, enunciado pela sua diferença, a excepção à regra, a “vergonha dos cunhados”. Os homens são praticamente excluídos deste universo feminino de receitas, artes e prendas como se houvesse uma separação entre sexos remanescente da vida comunitária anterior ao século XIX. Quando incluídos, são apenas adjuvantes, actores secundários que entram em palco depois do concílio dos líderes femininos ter definido os seus papéis.

A imagem apresentada, embora não representativa, é sem dúvida, ilustrativa da relação entre rituais familiares e género. As diferenças de sexo (relativas à diferença entre homens e mulheres “biológicos”) inter cruzam-se com as diferenças de género

(relativas à diferença entre ser homem e ser mulher num determinado contexto). O género, enquanto manifestação social e psicológica do que se acredita ser masculino e/ou feminino, poderá reflectir ou não o sexo biológico (cf. Ribeiro, 2002). O tema é vasto e complexo e não é nosso objectivo analisar pormenorizadamente esta questão. No entanto, é incontornável a reflexão sobre as diferenças entre homens e mulheres relativamente ao seu envolvimento nos rituais familiares. Quer nesta secção, quer nos estudos empíricos realizados, referimo-nos às diferenças encontradas entre homens e mulheres. As explicações para estas são alicerçadas nas diferenças de género revistas na literatura: consideramos que a participação diferente de homens e mulheres na vida ritual da família está muito relacionada com o modo como construíram a sua identidade de género²³ num determinado contexto sócio-cultural. Em primeiro lugar, apresentamos alguns factos encontrados na investigação. Em seguida, analisaremos os porquês, apresentando algumas reflexões que podem ajudar a compreender estas diferenças.

4.1. Investigação: O papel dos guardiães dos laços familiares

Leach e Braithwaite (1996) recuperaram, no seu trabalho sobre comunicação na família, o conceito de *kinkeeper* apresentado por Rosenthal (1985, in Leach & Braithwaite, 1996) que, neste contexto, se traduziu por *guardião dos laços familiares*, ou seja, a pessoa que apresenta maior envolvimento no apoio familiar. De acordo com Rosenthal (*ibidem*), o guardião dos laços familiares empreende esforços no sentido de manter os membros da família em contacto uns com os outros e de conservar os canais de comunicação vivos e abertos. Num estudo exploratório de 1991, Leach (in Leach e Braithwaite, 1996) examinou as actividades dos guardiães dos laços familiares e verificou que estas eram tão variadas como: passar a informação e manter os membros da família em contacto, elaborar uma genealogia familiar, planear rituais familiares e organizar reuniões de família. Os canais utilizados por estes guardiães familiares eram o telefone e visitas pessoais. Num estudo mais recente, Leach & Braithwaite (1996), numa primeira fase, procuraram obter informação sobre a incidência, aspectos

²³ De acordo com o *Journal of Social and Personal Relationships*, o significado psicológico do género inclui a identidade de género, o papel de género e a orientação sexual (Ribeiro, 2002). Recorre-se, neste ponto, aos dois primeiros: a identidade de género, um constructo relativo ao sentimento interior de ser homem e mulher, e o papel de género referente às normas de comportamento que uma dada cultura considera apropriada para cada sexo (*ibidem*).

demográficos e actividades destes guardiães dos laços familiares através da administração de questionários a 314 estudantes de quatro universidades norte-americanas. Verificaram que 60.06% dos participantes consideraram que a sua família tinha um guardião dos laços familiares e que, em 84.57% dos casos, estes guardiães eram de facto, guardiãs, ou seja, mulheres. Relativamente às idades, a maioria dos guardiães encontrava-se entre os 40 e 59 anos de idade. De acordo com as autoras, estas idades corresponderão a um período de vida em que as carreiras tendem a estar mais estáveis e em que os filhos se tornam mais independentes; os indivíduos, homens ou mulheres, estarão mais livres para se dedicarem às actividades de apoio e suporte familiar que requerem tempo e energia (Leach & Braithwaite, 1996). Ainda nesta fase do estudo, as autoras apuraram que nas famílias em que tinham sido identificados guardiães, havia maior participação em rituais familiares, maior número de reuniões familiares e maior número de árvores genealógicas efectuadas comparativamente às famílias que não tinham a figura do guardião dos laços familiares.

Numa segunda fase deste estudo, 10 mulheres identificadas como guardiãs participaram num estudo que incluiu a realização de diários durante duas semanas, seguidos de uma entrevista sobre os significados dos mesmos. Nestes diários, as participantes eram convidadas a relatar as actividades relacionadas com o apoio prestado à família e o estabelecimento de contactos com os outros membros da mesma. Os efeitos do papel dos guardiães foram analisados em termos dos resultados para a família e dos resultados para a própria pessoa que detinha esse papel. Em termos familiares, apurou-se que o trabalho dos guardiães: promove a fluidez de informação entre os membros a família; facilita a promoção de rituais, tendo os guardiães considerado serem “ímpetos” para a sua organização; estimula a prestação de apoio e assistência, quer directamente, quer através da transmissão de informação a alguém que esteja em posição de ajudar (gestão de recursos familiares); ajuda à manutenção das relações familiares e permite a continuação do trabalho de outro guardião, a partir da passagem de testemunho mais ou menos informal. Relativamente aos resultados para a própria pessoa que desempenha o papel de guardião, salientavam-se quer os benefícios, quer as consequências negativas. Os primeiros consistiam, sobretudo, na satisfação associada ao desempenho deste papel e aos efeitos positivos na unidade familiar e no poder associado a esta função que lhes permitia estar a par e intervir na vida familiar.

Os segundos consistiam no trabalho que este papel acarretava, o qual exige energia, dedicação e esforço permanentes e, também, no facto de, por vezes, os guardiães não poderem evitar estarem envolvidos no “fogo-cruzado” (Leach & Braithwaite, 1996, p.211) dos conflitos familiares devido à centralidade que as suas funções lhe conferem.

Este estudo é extremamente relevante pela sua inovação e pela possibilidade de se conhecer melhor as características de uma figura familiar que, aparentemente, existe na maior parte das famílias, a figura dos guardiães dos laços familiares. Duas conclusões principais emergem para o nosso estudo: os guardiães dos laços familiares são figuras importantes na iniciativa e organização de rituais familiares e a maior parte dos guardiães são mulheres. De outros estudos chegam dados que são coerentes com os do estudo anterior. Bruess e Pearson (1997) apuraram que as mulheres, nas relações de amizade entre si, apresentavam maior frequência de rituais do que os homens nas relações de amizade com outros homens. Estes rituais eram rituais idiossincráticos e simbólicos, mais especificamente rituais de celebração relativos à partilha e proximidade das mulheres através do reconhecimento mútuo de uma ocasião especial e rituais de comunicação e rituais de partilha/apoio. Komter e Vollebergh (1997), num estudo sobre a oferta de presentes e o significado emocional da família e amigos, compararam homens e mulheres quanto à quantidade de presentes oferecidos e verificaram que as mulheres davam mais presentes aos amigos e à família alargada.

Quer Leach e Braithwaite (1996), quer Bruess & Pearson (1997), atribuem o papel mais activo das mulheres, respectivamente, na comunicação familiar e na realização de rituais, às diferenças dos papéis de género. As primeiras autoras consideram que o facto de mais mulheres serem guardiãs dos laços familiares se deve às expectativas culturais de que as mulheres devem ser “cuidadoras”, “boas”, “responsivas”, “apoiantes” e “simpáticas” (Wood, 1994, in Leach & Braithwaite, 1996). As segundas autoras consideram que o facto de as mulheres terem mais rituais de amizade entre si reflecte o processo de socialização das mulheres. Estas terão sido educadas para estarem atentas às relações e a todos os assuntos em torno destas, sendo que *“a ritualização representa um meio importante através do qual a mulher procede à prestação de cuidados no contexto relacional”* (Bruess & Pearson, 1997, p.42, trad.).

4.2. Mulheres e homens nos rituais familiares: Os “porquês” da diferença

Aqui se configura a primeira explicação para a relação entre rituais e gênero: a maior orientação das mulheres para as relações em geral, comparativamente aos homens, permite compreender como é que as primeiras tendem a assumir o papel de guardiãs dos laços de família e estão mais envolvidas nas diferentes fases dos rituais familiares. A segunda explicação, intimamente ligada com a primeira, tem raízes históricas e antropológicas. A divisão público/privado emergente a partir de finais do século XVIII, inícios do século XIX, é apontada, por vários autores, como promotora das concepções que diferenciam as funções dos dois sexos nas famílias (Laird, 1988; McAdams, 1993; Poeschl, 2000). De acordo com McAdams (1993, p.119, trad.), no período que antecedeu as mudanças sociais e económicas da transição para o séc. XIX, “...os adultos funcionavam como trabalhadores, pais, amantes, professores, crentes e vizinhos num contexto social que nublava as distinções entre os papéis dos adultos e afirmava a natureza unitária da existência.”; a vida privada e a vida pública estavam naturalmente enleadas uma na outra. Com o advento da Revolução Industrial, os homens começaram a sair de casa e da comunidade, deixando as mulheres entregues ao lar e às tarefas familiares; a casa deixou de ser um espaço comunitário e a comunidade deixou de ser um espaço familiar. “O trabalho tornou-se o que os homens faziam, longe de casa. Por outro lado, o domínio familiar era romanticamente retratado como o mundo ideal e feminino das relações íntimas.” (McAdams, 1993, p.120). Laird (1988) descobre esta divisão também ao nível dos rituais sociais subjacentes à construção do gênero. Os rituais masculinos (nos domínios militar, do desporto e até do mundo académico) celebram a entrada e participação dos homens na vida pública, enquanto os rituais femininos celebram a sua entrada e participação na vida doméstica (a autora refere as festas de apresentação à sociedade mais ou menos formais e o casamento, ritual em que a noiva é alvo de destaque). Parece ver-se aqui o modo como os rituais, enquanto fortes mecanismos de socialização (Laird, 1988), contribuem para que os indivíduos aprendam a ser homens e mulheres, que papéis adoptar e que lugares ocupar e dominar. Como refere Laird (1988), na vida pública, os homens são os autores e as mulheres as ajudantes, enquanto na vida doméstica se verifica o inverso.

Como os rituais familiares se desenrolam, sobretudo, no seio da família, no contexto da “casa”, é possível que se encontrem também, com mais frequência,

mulheres autoras e homens ajudantes. Porém, é sabido que estas diferenças de género relativamente aos papéis familiares têm vindo a sofrer modificações. Os anos sessenta do séc. XX assistiram a uma crescente afluência das mulheres na vida profissional e a uma progressiva liberalização das opiniões sobre as divisões das funções dos dois sexos na família (Spence, Deaux & Helmreich, 1985, in Poeschl, 2000). Esta mudança nas opiniões, porém, nem sempre se traduziu em mudanças nas práticas quotidianas. É o que acontece com a questão da divisão das tarefas domésticas, questão que aqui se apresenta como base para a terceira explicação para a relação entre género e rituais familiares. As tarefas domésticas são parte integrante dos rituais familiares. Com efeito, grande parte dos rituais familiares acontece à volta da “mesa”: o jantar, a refeição com a família alargada ao fim de semana, os aniversários, os casamentos, entre outros, envolvem a preparação de comida que pode ser mais ou menos elaborada consoante as ocasiões. A preparação da comida envolve não só a sua confecção mas também as compras necessárias e, posteriormente, tarefas como arrumar a mesa e a louça. Para além da preparação da comida, os rituais estão muito associados à questão de “receber”. Nos aniversários, no Natal, na Páscoa, as famílias recebem “convidados” membros da família alargada e amigos que se juntam em ocasiões especiais. O acto de receber, já muito associado culturalmente a uma função feminina, envolve também tarefas domésticas preparatórias e consequentes (arrumar e limpar a casa).

A questão impõe-se: quem é que realiza estas tarefas? Não existem, que tenhamos conhecimento, estudos sobre a divisão das tarefas domésticas nas alturas especiais dos rituais familiares. Por isso, consideramos a existente literatura relativa a esta divisão no geral da vida das famílias. Vários autores (Dixon & Wetherell, 2004; Poeschl, 2000) referem a existência de um paradoxo nesta área: apesar da crescente participação das mulheres no mundo laboral e do debate público que tem promovido valores e atitudes igualitários, as mulheres, em relações heterossexuais, continuam a ter mais responsabilidade pelas tarefas domésticas quotidianas como limpar, cozinhar, fazer compras, tratar da roupa e mudar fraldas. Stevens, Kiger e Mannon (2005), num estudo realizado no Reino Unido, verificaram que os homens reportavam em média 6.54 horas por semana dedicadas ao trabalho de casa, contrastando com as 17.18 horas reportadas pelas mulheres. No mesmo estudo, verificou-se que os homens tendiam a sobrestimar o tempo que as suas mulheres dedicavam ao trabalho de casa e que estas

subestimavam o tempo que os seus maridos dedicavam ao mesmo trabalho. Noutro estudo realizado nos Estados Unidos da América, no mesmo ano (Bartley, Blanton & Gilliard, 2005), foi encontrada a mesma tendência: nas famílias em que os dois cônjuges trabalhavam, a divisão das tarefas domésticas acontecia de acordo com os tradicionais papéis de género; em termos proporcionais, por cada hora que as mulheres se dedicavam às tarefas domésticas, os seus maridos dedicavam-se apenas 35 minutos.

Dixon e Wetherell (2004, p.168, trad.) perguntam:

Porque é que é assim? Porque é que uma maior participação no trabalho remunerado não levou a uma mudança significativa da divisão do trabalho doméstico para as mulheres? Porque é que não há uma relação linear entre acréscimo de trabalho numa destas esferas e decréscimo de trabalho na outra?

Para além deste paradoxo, os investigadores encontraram um outro que lhe está associado e que se refere às percepções de justiça e injustiça. Quando questionados sobre como deverá ser a divisão dos trabalhos domésticos, a maioria dos casais actuais defende um ideal igualitário (Coltrane, 2000, in Dixon & Wetherell, 2004). No entanto, considera a divisão desigual no seu caso específico como “justa”. No caso de um estudo português, estes resultados são um pouco diferentes. Poeschl (2000) verificou que os indivíduos da amostra não consideravam ideal a situação em que as tarefas são partilhadas por homem e mulher. Os participantes preferiam a divisão do trabalho em “duas zonas de competência” (Poeschl, 2000, p.715), atribuindo, contudo, à mulher as tarefas que requeriam maior esforço e tempo. Neste estudo, verificou-se, ainda, que as mulheres se mostravam sensivelmente mais igualitárias do que os homens em termos dos seus ideais.

Para a compreensão destes paradoxos e das suas *nuances* de acordo com cada contexto em que surgem, é necessário perceber os significados e valores que os trabalhos domésticos apresentam para os indivíduos (Dixon & Wetherell, 2004). De facto, os trabalhos domésticos encerram em si uma multiplicidade de significados, podendo ser encarados como uma expressão de amor e afecto e, simultaneamente, como tarefas desagradáveis e cansativas; podem ser uma fonte de poder mas também uma fonte de fraqueza e inferioridade (cf. Kroska, 2003). Diversos investigadores (ver Kroska, 2003) apuraram que as mulheres consideram o trabalho doméstico uma forma

de prestação de cuidados familiares e, por isso, dedicam uma considerável energia aos mesmos. Os trabalhos domésticos tipicamente femininos como cuidados prestados aos filhos e as tarefas consideradas femininas – fazer compras, preparar refeições, limpar a casa e tratar da roupa – (cf. Kroska, 2003) podem ser encarados como formas de atender às necessidades básicas dos vários elementos da família e, de, em última instância, materializar o amor através de obras quotidianas. As tarefas tipicamente masculinas são tarefas relacionadas com a manutenção dos automóveis e com o exterior da casa (*ibidem*). Kroska (2003) verificou que, em geral, homens e mulheres valorizavam diferentemente as tarefas dos papéis de género, cada grupo considerando as respectivas tarefas como especialmente “boas”, “fortes” e “poderosas” (mais do que os indivíduos do outro sexo), à excepção da tarefa relativa a lavar a louça, considerada mais positiva por homens do que por mulheres. Contudo, como refere a autora, apesar de as mulheres valorizarem mais as tarefas que lhes são tradicionalmente atribuídas, tal não significa que os seus sentimentos em relação à realização dessas tarefas sejam também positivos. De facto, estes sentimentos podem ser afectados por vários factores como, por exemplo, o facto de as mulheres realizarem as tarefas domésticas mais por obrigação do que por escolha, ao contrário do que acontecerá com os homens (cf. Kroska, 2003). Assim, poder-se-á explicar o facto de as mulheres, mesmo com cargas de trabalho semelhantes, poderem considerar as tarefas domésticas mais desagradáveis e desprestigiadas do que os homens.

Destacamos, agora, a relação da divisão do trabalho doméstico com a satisfação conjugal. De acordo com Blumstein & Schwartz (1983, in Stevens et al., 2005), a satisfação com a relação dependia menos de uma divisão 50/50 do que do acordo do casal em relação à divisão das tarefas domésticas. Os resultados de Stevens, Kiger e Mannon (2005) indicam também que a satisfação com as tarefas domésticas realizadas pode ser um efeito mediador da relação entre a realização das tarefas e a satisfação conjugal. Também a percepção de justiça na divisão do trabalho doméstico pode afectar a satisfação conjugal. Quando as mulheres percebem a divisão das tarefas como injustas, também reportam menor satisfação conjugal (Blair, 1998, in Bartley et al., 2005), resultados que foram replicados para as mulheres e verificados também nos homens num estudo subsequente (Frisco & Williams, 2003 in Bartley et al., 2005).

Em síntese, pode-se considerar que a divisão do trabalho doméstico é, por várias e complexas razões, ainda muito baseada nos papéis de género. Parece-nos legítimo concluir que no contexto específico dos rituais familiares, estes papéis se tenderão a manter. A singularidade e significação especial associada a estes momentos poderão intensificar a percepção que as mulheres têm das tarefas domésticas como sinais de amor e prestação de cuidados aos membros da família; o assegurar do bom desenrolar destas ocasiões pode ser interpretado pelas mulheres como uma função que lhes pertence e que os outros actores sociais lhe irão também atribuir. Também parece plausível que, nestas ocasiões especiais, o casal não altere radicalmente o modo de funcionamento adoptado no dia-a-dia em relação às tarefas domésticas, sob pena de poderem não ser bem sucedidos..

Em conclusão, parece existir uma relação entre rituais familiares e género baseada na maior orientação das mulheres para as relações e para a sua manutenção, na divisão entre o domínio privado da mulher e o domínio público do marido e na divisão das tarefas domésticas ainda muito baseada nos papéis tradicionais de género. Parece, porém, importante realçar que estamos a falar, essencialmente, de tendências, de padrões gerais. Estes não se traduzem em estereótipos rígidos que se aplicam a todos os homens e a todas as mulheres (Fletcher, 2002; Costa, 2005). De facto as *“diferenças intra-género no contexto das relações são quase sempre maiores do que as diferenças médias entre os géneros”* (Fletcher, 2002, p.146, trad.). Daí resulta a necessidade de considerar cada casal na sua singularidade e atender à forma idiossincrática como a equipa conjugal integra os papéis de género na vida ritual da família.

5. AGENDA DESENVOLVIMENTAL DOS RITUAIS: DIÁLOGOS COM ERIK

ERIKSON

Neste ponto, iremos debruçar-nos sobre a proposta teórica lançada por Erik Erikson relativamente ao processo de ritualização no ser humano. É surpreendente verificar que as suas reflexões sobre este tema raramente são citadas na literatura actual (no âmbito da Psicologia) sobre os rituais. Este trabalho pretende chamar, de novo, a contribuição deste autor para a investigação sobre os rituais; a decisão assenta em dois pilares²⁴:

a) A proposta de Erikson é o único quadro teórico que integra os rituais e os seus processos no todo do desenvolvimento humano. Este autor colocou os rituais e os processos associados a estes eventos/acções no centro do desenvolvimento humano, considerou-os essenciais para o plano ontogenético do indivíduo-homem e esta foi, a nosso ver, uma das construções teóricas mais complexas e compreensivas (senão a mais) sobre este fenómeno elaboradas até aos dias de hoje no contexto da Psicologia.

b) Posteriormente, irá recorrer-se a esta moldura teórica para a compreensão dos resultados dos estudos empíricos desta investigação.

Em seguida, será apresentada uma síntese do seu contributo e, posteriormente, algumas reflexões que este proporcionou; conclui-se com a relevância do mesmo para este trabalho em concreto.

5.1. Desenvolvimento da ritualização ao longo do ciclo de vida

Erikson descreve o desenvolvimento ontogenético da ritualização que, segundo o autor, proporciona, ao longo da vida, a familiarização do indivíduo com uma versão particular da existência humana (Erikson, 1966, 1977). O desenrolar da ritualização é descrito a partir do aparecimento, ao longo do ciclo de vida, de determinados elementos que se irão constituir como elementos da vida ritual adulta. Este processo, ainda que apresentado de um modo independente, é coerente com a proposta dos estádios de desenvolvimento psicossocial que o autor desenvolvera alguns anos antes (Erikson,

²⁴ O facto de um autor tão reconhecido e tão potencialmente “generativo” como Erikson (como o comprovam as investigações feitas com base na sua teoria do desenvolvimento psicossocial) se ter interessado por este tema parece-nos uma razão suficiente para que os vários investigadores também se interessem pelas suas reflexões.

1968). Em termos estruturais, as duas propostas apresentam algumas semelhanças e diferenças que importa assinalar. À semelhança do processo de desenvolvimento psicossocial, o processo da ritualização desenvolve-se de acordo com o princípio epigenético: cada elemento deste processo está enraizado num estágio distinto do desenvolvimento mas é absorvido e renovado nos estádios subsequentes (Erikson, 1977). Tal como previsto para os estádios de desenvolvimento psicossocial, ao longo da vida, o indivíduo lida não só com a tarefa inerente a cada fase de ritualização mas com todas as tarefas anteriores que revisita a cada momento (cf. Costa, 1991).

Para cada uma das fases do ciclo de vida (que correspondem exactamente às fases enunciadas na teoria do desenvolvimento psicossocial), o autor apresenta o elemento de ritualização que aí emerge e o correspondente elemento de pseudo-ritualização ou ritualismo (Erikson, 1977). Esta formulação, embora possa parecer semelhante, à primeira vista, distingue-se da apresentada para os estádios de desenvolvimento psicossocial. Nesta última, para cada estágio há uma dialéctica entre dois pólos que é necessário superar/equilibrar para concluir a tarefa desse estágio e poder integrá-la no(s) estágio(s) seguinte(s). A ênfase na relação dialéctica é visível, nomeadamente, no facto de se ter constituído título para cada um dos estádios (Confiança vs. Desconfiança Básica; Autonomia vs. Vergonha e Dúvida; Indústria vs. Inferioridade; Identidade vs. Difusão de Identidade; Intimidade vs. Isolamento; Generatividade vs. Estagnação e Integridade vs. Desespero). No âmbito da ritualização, Erikson não fala explicitamente de uma dialéctica entre dois pólos; o autor refere os elementos dos rituais e os elementos da pseudo-ritualização, ou seja, *“tendências enganadoras e auto-enganadoras que são a sombra da ritualização”* (Erikson, 1977, p.90, trad.); estes últimos são elementos da *“patologia social invasiva através do qual a ritualização é pervertida no que pode ser denominado pseudo-ritualização ou ritualismo”* (Erikson, 1977, p.90, adaptado). Assim, mais do que contrários que se devem equilibrar, os elementos da pseudo-ritualização surgem como “mutações” dos elementos da ritualização. Outra diferença é o facto de Erikson, apesar de se referir à existência de estádios, não os definir ou nomear; a sequência do percurso ontogenético da ritualização é apresentada por idades e pelos elementos dos rituais relativos a cada uma dessas fases desenvolvimentais.

Serão expostas, em seguida, as várias fases do desenrolar da ritualização que se baseiam nos dois trabalhos deste autor sobre este tema específico (cf. Erikson, 1966, 1977). A acompanhar a sua descrição, estão presentes algumas inferências sobre as repercussões possíveis no modo como os indivíduos adultos e famílias vivem os seus rituais. Esta proposta teórica é ilustrada pela Figura 3, no fim deste ponto 5.

Primeira Infância

De acordo com Erikson, desde que nasce, o bebé interage com a mãe de uma forma altamente ritualizada: através do choro, ele comunica com a mãe que se aproxima, sorrindo ou preocupada, chamando pelo seu nome, alegre ou ansiosamente, de acordo com a situação, e enceta uma série de acções para avaliar o estado da criança. Estas interacções repetem-se para criar, de acordo com Erikson, um elemento crucial na ritualização humana, a mutualidade do reconhecimento. O homem, diz Erikson (1966, 1977), parece nascer com necessidade de afirmação e certificação regulares e mútuas; tal comprova-se pela observação dos efeitos nefastos da ausência de uma figura significativa (atenta e permanente) no desenvolvimento psicológico da criança. O autor considerou que o elemento do processo do ritual presente nesta fase de desenvolvimento seria o *Numeno*. Este termo indica a presença de uma entidade espiritual ou sagrada inspiradora de reverência e admiração e ilustra a dependência da criança de um ser que, mais tarde, será recuperada em outros contextos como, por exemplo, nos rituais religiosos. De acordo com Erikson, estes elementos iniciais são, mais tarde, nos rituais da vida adulta, reevocados simbólicamente e emotivamente. A propósito da ritualização nesta fase, Erikson considera a possibilidade de reconciliação de contrários e a superação da ambivalência que os rituais, nesta fase e mais tarde, na vida adulta, possibilitam:

“All such meetings at their best embody seeming paradoxes: they are playful and yet formalized; quite familiar through repetition, they yet renew the surprise of recognition. And while the ethologists will tell us that ritualization in the animal world must, above all, be unambiguous sets of signals which avoid the arousal of conflicting instinctive patterns, we suspect that in man the overcoming of ambivalence (as well as of ambiguity) is one of the prime functions of ritualization. (...) What we love or admire is always threatening; awe becomes awfulness, and

benevolence harbors the danger of being consumed by wrath. Therefore, ritualized affirmation, reaching from daily life to religious rites, becomes indispensable as periodical experience and must in changing times find new and meaningful forms.”

(Erikson, 1977, p.88)

O tema da ambivalência e da capacidade dos rituais de superação da mesma irá ser retomado mais tarde, por vários autores, em diferentes contextos, dos quais se salienta o contexto terapêutico: os rituais como continente para conteúdos contraditórios revelou-se uma das suas mais valias como instrumento a utilizar na intervenção psicológica. Retomando a teoria de Erikson, o ritualismo que pode acontecer nesta fase é o *Idolismo*, uma distorção do *Numeno* que pode levar à adulação e idolatria, nomeadamente do eu, no caso do narcisismo.

Infância

Esta fase do desenvolvimento, caracterizada por uma crescente autonomia e rápidos avanços no desenvolvimento é a fonte para o segundo elemento da ritualização humana, o elemento *Judicial*²⁵. É nesta fase que a discriminação entre o certo e o errado é ontologicamente estabelecida, o que, segundo Erikson, é possibilitado pela locomoção que ajuda à exploração do mundo e das fronteiras do que é ou não permitido, pela discriminação do que é considerado certo ou errado pelos outros, e pelo próprio desenvolvimento da linguagem: neste segundo estágio, a criança é treinada para se auto-regular e tem um papel mais activo do que no primeiro estágio. Ao longo da vida, diz Erikson, o estabelecimento de fronteiras do bom e do mau, do limpo e do sujo preenchem os critérios para todos os rituais como, por exemplo, a regularidade que é significativa, a atenção aos detalhes e ao procedimento em geral, o sentido de indispensabilidade. Os rituais são grelhas de expectativas (Douglas, 1966, in Roberts, 1988), as pessoas sabem o que vai acontecer, para cada ritual há um guião que pode ser mais ou menos aberto mas que tem de ser cumprido para que o ritual cumpra também a sua função. Assim se incorpora este elemento na vida ritual adulta. O segundo elemento de pseudo-ritualização é chamado *Legalismo* que, segundo Erikson, corresponde à vitória da letra sobre o espírito da palavra e da lei, ao “moralismo insistente”. Parece-

²⁵ No inglês, *judicial*, em 1966 e, posteriormente, *judicious* em 1977 (Erikson, 1966; Erikson, 1977).

nos, aqui, que Erikson se referia à rigidez com que, por vezes, os rituais são planeados e vividos, sob o lema: “nós fazemos sempre isto da mesma forma”. Embora a continuidade seja um dos elementos principais dos rituais, é necessário que as suas partes abertas se adaptem às mudanças, no caso da família, às mudanças no ciclo de vida familiar que implicam a flexibilidade sempre necessária às transições.

Idade do jogo

Neste estágio, a criança começa a ter a capacidade para o jogo: com os objectos e pessoas que fazem parte do seu mundo, ela é capaz de construir uma história coerente com mudanças dramáticas que convergem para um clímax e consequente conclusão. O elemento principal é o *Dramático*. Este estágio oferece à criança a possibilidade de escapar da ritualização adulta e de, na sua micro-realidade, preparar a sua própria ritualização, revivendo, corrigindo e recriando experiências passadas. O elemento de pseudo-ritualização é a *Personificação*, isto é, a representação do papel de outros, quebrando a possibilidade da construção de autenticidade. A criança ensaia, nesta fase, uma nova capacidade, a capacidade de ser autora dos rituais. Esta capacidade irá, mais tarde, reflectir-se na vida do adulto; se o elemento da *Personificação* não for invasivo na resolução deste dilema, o indivíduo adulto não se irá conformar em reproduzir os rituais existentes de forma passiva mas procurará, em certas ocasiões, contribuir para a modificação de fórmulas antigas e para a criação dos seus próprios rituais.

Idade escolar

Quando as crianças entram no mundo da escola, “...o jogo transforma-se em trabalho, o jogo na cooperação e a liberdade de imaginação no dever de realização e atenção a todos os detalhes necessários para completar uma tarefa e fazê-lo bem.” (Erikson, 1966, p.345, trad.). É aqui que, segundo o autor, a ritualização se torna cooperativa e institucionalizada por referência a um “todo-escola”. A relação entre professor, turma e indivíduos é prescrita e estruturada; aqui, a partir de uma ordem espaço-temporal definida, emerge o elemento *Formal* dos rituais. A criança sai do ambiente familiar e encontra um sistema que é uma parte do universo cultural mais vasto. Na idade adulta, também os indivíduos se vão deparar com outros sistemas

(económico, tecnológico, industrial, científico, etc.) que fazem parte de uma hierarquia social que os transcende mas na qual participam activamente. O risco desta fase é o do *Formalismo*, o pseudo-elemento da ritualização que se refere ao exagero do cerimonial e dos aspectos formais que podem tornar os rituais vazios (ver ponto 3.5).

Adolescência

Em termos do desenvolvimento psicossocial, é a partir da construção da identidade que os indivíduos ingressam na idade adulta. Em termos da ritualização, é a partir desta fase que os indivíduos “...iniciam o processo de se tornarem adultos no sentido de começarem a visualizar um futuro no qual serão ritualizadores da vida dos seus filhos e poderão ocupar posições importantes nas vidas da próxima geração.” (Erikson, 1977, p.107, trad.). O elemento da ritualização na fase da adolescência é o *Ideológico*. Traduz-se pela adesão a determinadas ideologias; de acordo com Erikson, para se ser totalmente “crescido”, é necessário estar-se pronto para tomar o seu lugar na rede de sistemas sociais e para adoptar valores e ideias sólidos. O pseudo-elemento é o *Totalismo*, uma preocupação fanática e exclusiva com o que parece ser um ideal no seio de um sistema ideológico apertado. Em termos da idade adulta, o elemento ideológico será importante para que os indivíduos se identifiquem com um sistema de crenças e de valores que queiram e saibam perpetuar. O *Totalismo* poderá corresponder a uma incapacidade de flexibilização destes, necessária em relação a si próprio (em certas transições do ciclo de vida) e em relação aos outros (em certos momentos do ciclo de vida familiar).

Entrada na da idade adulta

O elemento da ritualização emergente nesta fase é o *Afilitativo*. Diz Erikson (1977) que no âmbito das relações amorosas, de amizade ou de trabalho dos jovens adultos, há, frequentemente, demonstrações de gostos e predilecções, discussão de ideias e julgamentos fulminantes; estas permitem o estabelecimento de laços afiliativos pois é através do conhecimento do(s) outro(s) que se pode chegar à conclusão que duas identidades encaixam ou se complementam o bastante para formar um par ou, no caso de mais, um grupo. O pseudo-elemento desta fase é o *Elitismo*, ou seja, quando a afiliação se torna uma espécie de narcisismo partilhado (cf. Erikson, 1977), em que os

grupos se tornam fechados e exclusivos. A extrapolação destes elementos para a vida adulta permite verificar como é que determinados grupos se encontram e criam os seus próprios rituais. Se as trocas destes grupos com o exterior forem reduzidas, poder-se-á verificar o Elitismo ou a centração excessiva do grupo em si próprio. No caso da família, poderá traduzir-se pela rejeição da dimensão mais social de certos rituais e pela restrição da entrada de elementos exteriores à família nos seus rituais.

Idade adulta

Os rituais de finalização de cursos, de casamento, fornecem aos indivíduos a “licença” para entrar em novas associações a partir das quais ganham poder para transmitir uma determinada maneira de viver à geração seguinte. O elemento de ritualização é *Geracional*: os rituais que se empreendem são muito em prol dos outros mais novos; são rituais didácticos, curativos, produtivos que os envolvem como pais, como educadores. Os adultos tornam-se nas palavras de Bruner (1997), “vigários da cultura”. O pseudo-elemento é o *Autoritarismo*, resulta da usurpação da autoridade e da necessidade de se impor aos outros, nomeadamente à geração mais nova. No caso da família, o *Autoritarismo* pode fazer emergir conflitos familiares, sobretudo se coincidir com a adolescência ou entrada na idade adulta dos filhos, pois reacende questões de poder na família; o potencial de transmissão intergeracional dos valores e dos símbolos inerentes aos rituais implica que os progenitores escutem as outras vozes que se começam a fazer ouvir na família.

Velhice

O elemento da “idade mais velha” é o *Integral*, que afirma o significado do ciclo de vida. Nesta fase, Erikson refere-se ao facto de os mais velhos serem a personificação da sabedoria ritual. Embora não tenham um papel tão activo como os adultos, são guardiães de memórias, histórias e tornam-se eles próprios, símbolos. O elemento de pseudo-ritualização é o *Sapientismo*, ou a pretensão de ser sábio assente em pressupostos dogmáticos. Este é um estádio último que revisita todos os anteriores e, num desenvolvimento óptimo, os integra:

We can see now what rituals must accomplish: by combining and renewing the ritualizations of childhood and affirming generative

sanction, they help to consolidate adult life once its commitments and investments have led to the creation of new persons and to the production of new things and ideas. And, of course, by tying life cycle and institutions into a meaningful whole, they create a sense of immortality not only for the leaders and the elite, but also for every participant.

Erikson (1977, p.112)

4.2. Três temas de diálogo

Esta incursão pelo trabalho de Erikson suscita várias reflexões. A primeira é a relação entre o desenrolar da ritualização e o desenrolar do desenvolvimento psicossocial. Sendo o desenvolvimento psicológico único e não fragmentado, consideramos que estes dois aspectos realçados por Erikson estão, no fundo, intimamente ligados. O próprio autor, ao apresentar a agenda da ritualização, refere-se ocasionalmente ao processo de desenvolvimento psicossocial para explicar as características de determinada fase. Contudo, parece existir uma brecha (não-no sentido de falha mas de ausência), um fragmento não totalmente explicado nas propostas de Erikson que se traduz na questão: qual é a natureza da relação entre o desenrolar da ritualização e o desenvolvimento psicossocial?²⁶

²⁶ As brechas são oportunidades para a reflexão e especulação. Tecemos, aqui, algumas considerações que são meras hipóteses sobre a natureza desta relação; não pretendemos modificar, sob pena de adulteração, a proposta de Erikson, apenas contribuir para a reflexão sobre a mesma que tem sido, neste âmbito, escassa.

Os elementos de pseudo-ritualização parecem-nos, por vezes, hiperbolizações dos elementos da ritualização; estes levados a um extremo do *continuum* normalidade-patologia deturpariam o significado original dos mesmos. Na sequência desta constatação, considerámos que as tarefas do desenvolvimento psicossocial podem constituir bases para o desenrolar da ritualização, ou seja, dependendo das primeiras, os elementos dos rituais seriam ou não integrados de forma saudável e óptima. Hipotetizamos que a falta de equilíbrio entre os dois pólos de cada um dos estádios poderá estar na origem da emergência dos elementos de pseudo-ritualização. Assim, se um dos pólos não for temperado pelo outro (cf. Costa, 1991), tornar-se-á invasivo e prejudicial para o desenvolvimento geral, e para o desenrolar da ritualização, em particular. Em seguida, apresentam-se, sinteticamente, as dialécticas das diferentes fases e a nossa visão de como é que a falta de equilíbrio na sua resolução poderá conduzir à pseudo-ritualização.

1. Confiança básica vs. Desconfiança Básica

O *Numeno* (primeiro elemento da ritualização), enquanto entidade da qual a criança depende, implica que esta tenha desenvolvido a confiança nos outros; se esta confiança não for equilibrada com a desconfiança, o indivíduo poderá cair na *Idolatria* (primeiro elemento de pseudo-ritualização), na adoração do(s) outro(s); desenvolve a capacidade de se sentir idêntico a esse(s) outro(s) mas não a capacidade complementar, a de se sentir distinto (cf Costa, 1991). A desconfiança básica pode conduzir, por outro lado, a uma excessiva centração do indivíduo em si próprio, consubstanciando uma *Idolatria* do "eu".

2. Autonomia vs. Vergonha e dúvida

A criança aprende a exprimir a sua vontade, os seus desejos, a ser “juiz” e, assim, desenvolve a sua autonomia e a capacidade de se reger pelos seus critérios; se a vergonha e a dúvida não forem integradas nesta fase, o indivíduo poderá centrar-se nas suas próprias regras, não respeitando as regras dos outros. Inversamente, se a vergonha e dúvida se revelarem o pólo dominante isso poder-se-á traduzir por uma dependência excessiva das regras (*Legalismo*, segundo elemento de pseudo-ritualização), deslocando-se a segurança concedida pela autonomia e pelo livre arbítrio para uma pseudo-segurança concedida a partir da aderência automática a aspectos formais exteriores.

3. Iniciativa vs. Culpa

A criança desenvolve nesta fase a capacidade de usar a sua energia no sentido do fazer e do produzir; a sua imaginação permite-lhe criar e assumir diferentes papéis (Costa, 1991), ou seja, de experimentar a sua capacidade de autoria. A iniciativa deverá ser temperada pela consciência dos limites impostos no meio social em que vive (*ibidem*) através da culpa; se esta não cumprir o seu papel, o indivíduo poderá usurpar os papéis dos outros indiscriminadamente (*Personificação*, terceiro elemento de pseudo-ritualização). Do mesmo modo, se a culpa for o pólo dominante, o indivíduo não irá ser capaz de desenvolver os seus próprios papéis mas sim, imitar e personificar o dos outros.

4. Indústria vs. Inferioridade

A criança aprende nesta fase que as suas acções não acontecem só no plano da fantasia e do jogo mas que participa simbolicamente no mundo real dos adultos (Erikson, 1968; ver também Costa, 1991). A criança abre-se aos outros sistemas e aprende as regras para a realização das suas actividades em contextos exteriores à família, em contextos “públicos”. A inferioridade corresponde ao sentimento de incapacidade de realização e que pode advir do acumular de insucessos reais ou percebidos. Necessária para o equilíbrio com a indústria, se não estiver presente, o indivíduo tenderá a criar rituais baseados na sua percepção e ignorando a percepção dos outros, rituais cujo significado não pode ser partilhado e, como tal, vazios para os elementos que não tenham sido os seus criadores (*Formalismo*, quarto elemento de pseudo-ritualização). Também o oposto se pode verificar: a predominância da inferioridade levará a que o indivíduo se refugie nos aspectos mais formais dos rituais de uma forma defensiva.

5. Identidade vs. Difusão da Identidade

Ao nível do desenvolvimento psicossocial, percebemos que o processo de construção de identidade terá que ser feito a partir de explorações, períodos moratórios de questionamento e reflexão proporcionados pelo pólo difusão de Identidade do dilema desta fase. Caso este não se verifique, está aberto o caminho para o *Totalismo* (quinto elemento de pseudo-ritualização), uma aderência a valores sem aprofundamento. Neste caso, parece-nos que só a dominância do primeiro pólo consegue explicar a pseudo-ritualização de modo satisfatório.

6. Intimidade vs. Isolamento

Este dilema proporciona, se bem integrado, a capacidade do indivíduo de estar só sem se sentir só e a capacidade de sentir a segurança de uma relação íntima. O *Elitismo* (sexto elemento de pseudo-ritualização) parece pressupor uma espécie de fusão, característica das relações em que o pólo Isolamento não cumpre as suas funções, isto é, verifica-se uma hiperbolização das relações que assenta na deterioração de outras. Por outro lado, se o Isolamento imperar, pode verificar-se a recusa dos rituais partilhados com os outros.

7. Generatividade vs. Estagnação

Este dilema elucida sobre a necessidade de os indivíduos contribuírem para o bem-estar presente e futuro das novas gerações (Erikson, 1968; ver também Costa, 1991); a estagnação corresponde à focalização única em si próprio, sendo o seu conforto a principal motivação para a acção (*ibidem*). A procura da generatividade, sem o equilíbrio com este seu oposto pode degenerar no *Autoritarismo* (sétimo elemento de pseudo-ritualização), ou seja, na vontade desenfreada de transmissão de valores e de práticas rituais.

8. Integração vs. Desespero

A compreensão dos outros e a integração do percurso pessoal de vida são o essencial da tarefa deste estágio. A não-aceitação de rumos alternativos, a hiper-valorização do seu percurso (ou a integridade não temperada pelo desespero) poderão conduzir ao *Sapientismo* (oitavo e último elemento de pseudo-ritualização), isto é, à atribuição a si próprio da sabedoria absoluta. Tal como no estágio da identidade, a pseudo-ritualização poderá acontecer a partir da dominância do primeiro pólo mas não do segundo.

Outra reflexão surge a partir da comparação entre os elementos de ritualização e pseudo-ritualização e os protótipos de avaliação dos rituais proposta por Roberts (1988) explicitada em 3.5. A flexibilidade dos rituais parece estar associada aos elementos de ritualização ao longo da vida. Os protótipos de sub-ritualização, rigidez e vazio dos rituais parecem estar associados aos elementos de pseudo-ritualização. Com efeito, depreendemos que as dificuldades na vida ritual adulta poderão estar relacionadas com processos desenvolvimentais. No entanto, não se pretende com esta constatação afirmar a superioridade ou desiderabilidade de determinados estilos de ritualização em detrimento de outros, precaução já enunciada pela própria autora desta grelha de avaliação (Roberts, 1998). O objectivo é apenas o apontar de novos recursos que complexifiquem os olhares sobre os modos como os indivíduos e famílias organizam os seus rituais.

A terceira e última reflexão prende-se com a utilidade de recuperar esta proposta teórica para o estudo dos rituais no século XXI, o que implica a análise das suas fragilidades e forças. Em termos de fragilidades, consideramos que partilha algumas das já apontadas para a proposta de desenvolvimento psicossocial do mesmo autor, nomeadamente, o facto de ser uma proposta especulativa, que deriva da reflexão sobre a prática clínica (cf. Costa, 1991) e o facto de reflectir, em parte, o contexto da civilização ocidental e poder ser, por isso, etnocêntrica (Kroger, 1989, in Costa, 1991). Em relação ao primeiro ponto, consideramos que o facto desta proposta ser especulativa não perde pertinência e utilidade; com efeito, apresenta um valor heurístico importante e poderá ser uma grelha inspiradora de investigações de cariz empírico, tal como o foi a sua teoria do desenvolvimento psicossocial. Em relação ao segundo ponto, consideramos, de facto, que a afirmação da proposta como ontogenética pode ser demasiado ambiciosa; esta afirmação implica universalidade e só o estudo aprofundado de vários indivíduos, de vários contextos de várias culturas poderia validar a generalização da mesma.

Contudo, pensamos que esta generalização não é o produto mais importante desta teoria e passamos, agora, a reflectir as suas forças. Vários estudos têm-se debruçado sobre as funções dos rituais para indivíduos e famílias, sobre as características dos mesmos, sobre a complexa rede de variáveis que lhes estão intimamente relacionadas. Mas nenhuma destas propostas se centrou em questões mais

básicas como: Porque é que os seres humanos constroem rituais? De que elementos dispõem para serem capazes de o fazer? Como é que os significados da ritualização se reconstruem ao longo da vida? (Poder-se-á facilmente inferir que uma criança de 2 anos não vivencia o Natal em família do mesmo modo que o faz um adolescente ou um adulto...) Estas questões são exploradas por Erik Erikson e, mais do que uma teoria “pronta”, “provada” e “inquestionável”, esta é uma proposta-estímulo para futuros investigadores.

Em conclusão, não pretendemos fazer desta proposta a base central do presente trabalho ou, sequer, procurar as suas pistas na investigação empírica. O nosso principal objectivo foi reconhecer e valorizar a sua heurística, o que nos permitiu:

- compreender que os elementos da díade conjugal tiveram e têm, para além do seu percurso conjugal, um percurso individual como ritualizadores;
- analisar estes dois percursos à luz das diferentes etapas do ciclo de vida;
- compreender como determinadas falhas ao longo deste percurso se podem reproduzir na vivência dos rituais na idade adulta.

IDADE		TAREFAS						
<i>Primeira Infância</i>	Mutualidade do reconhecimento							
<i>Infância</i>		Discriminação bom/mau						
<i>Idade do jogo</i>			Elaboração dramática					
<i>Idade escolar</i>				Regras de realização				
<i>Adolescência</i>					Solidariedade de convicção			
<i>Entr. Idade Adulta</i>								a
<i>Idade Adulta</i>								a
<i>Velhice</i>								a

ELEMENTOS NOS RITUAIS ADULTOS	Numeno	Judicial	Dramático	Realização	Ideológico	Afiliativo	Generacional	Integral
ELEMENTOS DE PSEUDO-RITUALIZAÇÃO	Idolismo	Legalismo	Personificação	Formalismo	Totalismo	Elitismo	Autoritarismo	Sapientismo
ESTÁDIOS DE DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL	Confiança básica vs. Desconfiança básica	Autonomia vs. Vergonha e dúvida	Iniciativa vs. Culpa	Indústria vs. Inferioridade	Identidade vs. Difusão da identidade	Intimidade vs. Isolamento	Generatividade vs. Estagnação	Integridade vs. Desespero

Figura 3. Elementos de ritualização e de pseudo-ritualização (adaptado de Erikson, 1966) e estádios de desenvolvimento psicossocial.

Nota. ^a Erikson não inclui as tarefas destas fases no esquema que apresentou (Erikson, 1966)

Síntese

Ao longo deste capítulo, focaram-se aspectos essenciais para a compreensão do universo dos Rituais e, mais concretamente, dos Rituais Familiares, tema principal deste trabalho. Num primeiro momento, delineou-se um trajecto do estudo dos rituais em geral e dos rituais familiares, em particular. Procurou-se avaliar o modo como o estudo científico dos rituais emergiu e se desenvolveu ao longo do tempo até aos dias de hoje, quais os principais autores que se destacaram e quais os contributos mais relevantes que marcaram a história desta área de conhecimento e, finalmente, quais os principais temas e desafios da actualidade do estudo científico dos rituais familiares no âmbito da Psicologia.

Posteriormente, procedeu-se à contextualização dos rituais familiares no sistema familiar e no sub-sistema conjugal. Para cada um destes sistemas, analisaram-se temas relativos aos rituais familiares, identificaram-se lacunas da investigação e levantaram-se questões; no seguimento de uma reflexão integradora, justificou-se a pertinência dos objectivos específicos do presente trabalho.

No ponto seguinte, discutiram-se os principais contributos teóricos no âmbito dos rituais familiares. Apresentou-se uma proposta de definição, descreveram-se e reflectiram-se duas categorizações (contextos e avaliação dos rituais), analisaram-se as suas principais funções e salientou-se a distinção entre os constructos rituais e rotinas. Os aspectos aqui focados constituem, na época actual, as principais “peças” do corpo de conhecimento científico sobre os rituais.

No final, introduziram-se dois temas relevantes para o presente trabalho, a relação entre rituais familiares e género e a proposta teórica do desenvolvimento da ritualização de Erik Erikson. O primeiro tema permitiu-nos reflectir sobre as diferenças entre homens e mulheres na sua relação com os rituais familiares e avançar com algumas explicações apoiadas pela investigação sobre um papel específico na vida das famílias - guardião dos laços familiares - e sobre alguns aspectos relativos às diferenças de género. Através da análise do segundo tema, colocou-se a tónica nos processos desenvolvimentais dos rituais. Revisitaram-se as pistas fornecidas por Erikson; o seu contributo permite compreender a vida ritual dos indivíduos e famílias sob uma nova luz, a da dinâmica desenvolvimental do ser humano.

CAPÍTULO II

**VINCULAÇÃO AMOROSA, QUALIDADE RELACIONAL E
PROXIMIDADE: “*TEMAS-PLANETA*”**

1.VINCULAÇÃO

“Relações de vinculação são aquelas relações únicas e exclusivas; são aquelas relações que funcionam como base segura, ou seja, que, de forma sustentada, incentivam o que poderíamos designar de “voo curioso e participado” do sujeito por outros contextos de existência, permitindo-lhe envolver-se em movimentos exploratórios com confiança”.

Matos, Barbosa e Costa, 2001 (adapt.)

1.1.Teoria da vinculação: contextos e temas

Neste ponto iremos contextualizar a emergência da teoria da vinculação e referir os seus principais conceitos; posteriormente, apresentamos o modelo específico da vinculação adulta que privilegiamos neste trabalho e concluímos com uma reflexão sobre o carácter sistémico e desenvolvimental da teoria da vinculação.

1.1.1. Fundamentos e origens

Uma das necessidades mais básicas do ser humano é a de ter um vínculo emocional seguro com os que lhe estão mais próximos como pais, pares amorosos e amigos. De acordo com Johnson (2003), esta necessidade e os medos de perda e de isolamento que a acompanham são a matéria-prima para os guiões dos dramas mais antigos e universais da espécie humana. Questões tão centrais na vida dos indivíduos tornam-se também questões primordiais no âmbito da Psicologia. A teoria da vinculação, desenvolvida a partir dos trabalhos pioneiros de John Bowlby e Mary Ainsworth, tem procurado compreender o modo como os indivíduos constroem e reconstroem relações de vinculação com outros significativos com quem partilham alguns trilhos do seu percurso de vida. De uma forma geral, a teoria da vinculação afirma a necessidade humana universal de desenvolvimento de relações afectivas de proximidade desde o nascimento até à morte; estas relações têm como objectivo permitir a exploração, com confiança, do self, dos outros e do mundo (Ainsworth, 1978; Bowlby, 1969; 1973; 1988; 1998; Matos, 2002).

A excepcional quantidade de investigação, de formulações teóricas e a crescente utilização desta grelha teórica no espaço terapêutico com indivíduos, casais e famílias, revelam que esta abordagem teórica é, hoje, uma referência incontornável nas mais variadas áreas da Psicologia.

John Bowlby foi o autor que deu vida ao conceito de vinculação, definindo-o como “...*todo o comportamento que resulta quando uma pessoa obtém ou mantém proximidade com outra que é claramente identificada como alguém que melhor sabe lidar com o mundo. É mais óbvio quando a pessoa está assustada, fatigada ou doente e é tranquilizada através do conforto e da prestação de cuidados.*” (Bowlby, 1988, pp. 26-27, trad.). Bowlby (1988) considerou que o ser humano é dotado de sistemas comportamentais complexos que asseguram a sobrevivência e a continuação da espécie; o sistema de vinculação faz parte desse repertório e é independente de todos os outros, não derivando de necessidades como sexo ou alimentação. O sistema de vinculação, é, nesta perspectiva uma complexa constelação de comportamentos e sentimentos que tem como objectivo assegurar a proximidade da figura de vinculação; a função desta proximidade é, em termos evolucionistas, a protecção da criança do perigo (cf. Hazan & Shaver, 1987). Bowlby (1988) preconizou que o bebé estaria munido de comportamentos que asseguram esta proximidade com a figura prestadora de cuidados, como chorar e estar atento a estímulos sensoriais (ouvir a voz e ver a face humana, entre outros). Estes comportamentos resultam da activação do sistema de vinculação, o que sucede, por exemplo, em situações de ameaça, medo e ausência da figura de vinculação. Logo que estejam restabelecidas a manutenção de proximidade com a figura de vinculação e o sentido de protecção e segurança, estes comportamentos diminuem ou cessam pois as situações de desconforto e de ameaça que os estimularam, deixam de existir.

Para além do reconhecimento da existência deste sistema específico, um dos mais importantes contributos de Bowlby (1973) foi propor que a relação pais-criança se estabelece como protótipo para relações futuras ao longo da vida. De acordo com este autor, é a partir de repetidas interacções da criança com o prestador de cuidados principal que a criança abstrai uma série de expectativas e postulados acerca de como se operam as relações íntimas e de como podem ser utilizadas nas situações do dia a dia e nas situações de emergência. Este conjunto de expectativas e crenças ou modelos

internos dinâmicos regulam o afecto, comportamento e cognição associados às relações de vinculação ao longo da vida. Os modelos internos dinâmicos constituem um dos constructos mais centrais do legado teórico de Bowlby. Contudo, as questões relacionadas com a estabilidade e mudança destes modelos não foram totalmente clarificadas, o que motivou alguns investigadores neste domínio a partirem em busca de respostas mais complexas (Costa, 2005; Klohnen & John, 1998). De acordo com Collins e Read (1994, in Costa, 2005), a complexificação dos modelos internos dinâmicos vai tendo lugar ao longo do desenvolvimento e das várias relações que os indivíduos estabelecem dentro e fora da família. É no âmbito desta travessia desenvolvimental e relacional que surgem oportunidades para aprender mais sobre si próprios e sobre as interações com os outros (*ibidem*).

Esta visão é coerente com a teoria de Bowlby que rejeitava uma conceptualização determinista da vinculação; este autor defendeu que os modelos internos dinâmicos podem ser revistos e modificados de acordo com as experiências vividas no âmbito das relações que cada indivíduo vai estabelecendo (Bowlby, 1988).

A par de John Bowlby, que lançou as bases da teoria da vinculação, surge Mary Ainsworth que contribuiu para a mesma através da sua metodologia inovadora que permitiu testar algumas ideias de Bowlby e também através das suas ideias que permitiram expandir o corpo teórico que entretanto se formava (cf. Bretherton, 1992).

O estudo realizado por Ainsworth e colaboradores (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978) que se tornou famoso é o que reporta a denominada “Situação Estranha”. Este estudo envolveu a observação de crianças com idades entre 12 e 18 meses; estas eram deixadas sozinhas por breves momentos e, posteriormente, voltavam a ser reunidas com as suas mães. A partir destas observações, os autores puderam identificar três formas de as crianças lidarem com esta situação que reflectiam três estilos de vinculação: vinculação segura; vinculação insegura-ambivalente e vinculação insegura-evitante.

Os trabalhos de Bowlby e Ainsworth são a base generativa de muitos estudos e reflexões subsequentes. Embora estes dois autores se refiram muito especialmente às questões da vinculação da infância, as suas propostas teóricas já prenunciavam a importância da vinculação na idade adulta; esta viria, mais tarde, a tornar-se uma área de estudo relevante e profícua por si só, como se irá explorar no ponto seguinte.

1.1.2. Vinculação adulta e vinculação amorosa¹

À medida que o estudo da vinculação adulta começa a evoluir, desenharam-se duas “tradições” (cf. Mikulincer, Florian, Cowan & Cowan, 2002; Simpson & Rholes, 1998) onde se inscreve a maior parte da investigação nesta área: investigação da vinculação nas famílias nucleares, a partir de entrevistas que avaliam as memórias dos adultos sobre as suas experiências de infância, como é o caso da Entrevista de Vinculação Adulta de George, Kaplan e Main, (1985, in Simpson & Rholes, 1998); investigação da vinculação relativa a figuras de vinculação do momento presente, investigação essa que se baseia, sobretudo, na utilização de medidas de auto-relato, como questionários que avaliam as percepções dos indivíduos relativamente às relações que estabelecem com pares amorosos e amigos. Estas duas tradições coexistem ainda nos dias de hoje e vários trabalhos têm sido feitos de modo a verificar as possíveis pontes entre ambas, analisando de que similaridades e diferenças é feita a sua ligação (cf. Simpson & Rholes, 1998).

É na segunda “tradição” de investigação que se insere o presente trabalho e, por esse motivo, a desenvolveremos em seguida. Cindy Hazan e Philip Shaver deram origem a esta tradição com a publicação, em 1987, de um artigo revolucionário no qual conceptualizam o amor romântico como um processo de vinculação (Hazan & Shaver, 1987). Esta proposta significou uma abertura e expansão significativas da teoria da vinculação: para além das relações estabelecidas na infância com os pais ou outros prestadores de cuidados, considera-se que as relações amorosas podem também constituir-se como relações de vinculação. A teoria da vinculação pôde, assim, aliar-se ao estudo das relações íntimas e da conjugalidade, abrindo também a estas um novo mundo de possibilidades de investigação.

Mas, nem todas as relações amorosas podem ser consideradas relações de vinculação de vinculação (Hazan & Shaver, 1987). Para que tal se verifique, é

¹ É importante introduzir a este propósito uma nota de clarificação. A vinculação adulta refere-se ao universo das relações de vinculação após a infância e adolescência e que podem incluir as relações com os pais, relações amorosas ou relações de amizade com os pares. Desta forma, quando se fala em vinculação adulta, pode-se estar a referir a um estilo de vinculação mais geral, ou específico para cada uma das relações enunciadas. O objecto deste trabalho é a vinculação no âmbito das relações amorosas e é a esta que nos referimos especificamente. Quando os autores citados se referem à vinculação adulta, mantemos essa denominação por uma questão de rigor conceptual. De qualquer modo, sabemos que a maior parte dos estudos no âmbito da vinculação adulta são estudos relativos às relações amorosas (Overall, comunicação pessoal, 2006)

necessário que estejam presentes quatro características que Bolwby definiu como específicas de uma relação de vinculação (Hazan & Zeifman, 1999):

- Porto de abrigo (*Safe Haven*)

A presença da figura de vinculação proporciona conforto e segurança, funcionando como um antídoto natural para sentimentos de ansiedade e vulnerabilidade (cf. Johnson, 2003). Uma relação de vinculação segura permite a criação de um “porto de abrigo” que funciona como amortecedor do stress e problemas nos outros contextos de vida dos indivíduos.

- Base segura (*Secure base*)

O contexto de vinculação funciona como uma base segura a partir da qual os indivíduos exploram o mundo e constroem formas de lidar com os seus diferentes contextos de vida. De acordo com Mikulincer (1997, in Johnson, 2003), a presença desta base encoraja a exploração e a abertura cognitiva a novas informações. As relações que se caracterizam por uma base segura tendem a ser mais felizes, estáveis e satisfatórias.

- Manutenção de proximidade (*Proximity maintenance*)

Quando o indivíduo se sente ameaçado, por motivos relacionados com condições externas da sua vida, ou por motivos relacionados com a segurança da própria relação, as necessidades de vinculação tornam-se mais salientes, como se fossem “reactivadas”. Nestas situações, os indivíduos reforçam comportamentos que têm como objectivo procurar e manter a sensação de proximidade com a figura de vinculação (Johnson, 2003).

- Perturbação na separação (*Separation distress*)

Se os comportamentos de vinculação não atingem o seu objectivo, isto é, a obtenção de respostas de conforto e atenção por parte da figura de vinculação, verifica-se a resposta prototípica de protesto, chamada de atenção, depressão e, se persistente no tempo, desespero e, posteriormente, desvinculação (Johnson, 2003). No caso das relações em que existe uma vinculação segura, o protesto que advém da inacessibilidade da figura de vinculação é reconhecido e aceite (Holmes, 1996, in Johnson, 2003).

Hazan e Shaver (1987) propõem a existência de alicerces comuns mas também de diferenças entre vinculação às figuras parentais e a vinculação amorosa. Esta, ao contrário da primeira, é “uma rua de dois sentidos” (Hazan & Shaver, 1987, p. 522) já

que ambos os elementos da relação podem adoptar, em diferentes momentos, os papéis complementares de procura de segurança e de prestação de cuidados/transmissão de segurança; enquanto no papel de “procura” (*careseekers*) os indivíduos têm de demonstrar o seu desconforto de forma apropriada, procurar responder às suas necessidades e sentirem-se tranquilizados quando o/a companheiro/a os procura confortar (cf. Davila, 2003). Enquanto prestadores de cuidados (*caregivers*), os indivíduos têm de ser sensíveis aos sinais do/a companheiro/a, estarem física e psicologicamente disponíveis e aceitarem as necessidades destes últimos (*ibidem*). Uma outra diferença é que, no caso da vinculação amorosa, o sistema de vinculação coexiste, no âmbito do mesmo laço relacional, com outros sistemas como o da prestação de cuidados e o da selecção de parceiros/reprodução, o que não se verifica no caso da vinculação às figuras parentais (Hazan & Shaver, 1987).

Estes autores, na senda de Mary Ainsworth, identificaram três estilos de vinculação (seguro, evitante e ansioso-ambivalente), avaliados como categorias discretas. Este tipo de avaliação colocava alguns problemas aos investigadores, nomeadamente, o facto de limitar significativamente o leque de opções de análises estatísticas e o facto de não se poder apurar até que ponto cada indivíduo em particular correspondia às características de cada uma das categorias. Para além destes aspectos, em termos conceptuais não existiam razões plausíveis para acreditar *a priori* que os estilos de vinculação correspondiam realmente a categorias discretas (Simpson & Rholes, 1998). Por este motivo, Collins e Read (1990) e Simpson (1990), com base nas propostas de Hazan e Shaver (1987), construíram escalas contínuas de avaliação da vinculação adulta; estas permitiram verificar as correlações de cada estilo de vinculação adulta com outros constructos como satisfação, confiança, investimento e duração das relações amorosas no tempo (Simpson & Rholes, 1998).

1.1.2.1. O modelo de Kim Bartholomew: O contorno de uma opção

No âmbito desta segunda tradição, Kim Bartholomew (1990) e, posteriormente, Kim Bartholomew e Leonard Horowitz (1991) lançam um contributo teórico fundamental. Estes autores revisitaram a teoria de Bowlby relativamente aos modelos dinâmicos de vinculação. De acordo com Bowlby, as crianças internalizam as experiências com as figuras prestadoras de cuidados de tal forma que as primeiras

relações de vinculação são a base (protótipos) das relações futuras do indivíduo fora do contexto familiar. Bowlby (1973) identificou dois tipos de modelos internos da vinculação: um modelo interno de si próprio (se o indivíduo se considera ou não uma pessoa merecedora da atenção, cuidados e receptividade das pessoas em geral e da figura de vinculação em especial) e um modelo interno dos outros (se a figura de vinculação em especial e os outros em geral são ou não considerados pessoas que respondem às necessidades de apoio e protecção do indivíduo). Pela primeira vez, Bartholomew (1990) considera este contributo de Bowlby e aplica-o ao contexto da vinculação adulta. De acordo com Bartholomew e Horowitz (1991), se cada um dos modelos for dicotomizado e categorizado em positivo ou negativo, surgem quatro possibilidades de combinação, como se verifica na Figura 4.

Estas quatro combinações correspondem a formas prototípicas da vinculação adulta (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). Os indivíduos do quadrante **Seguro** sentem que são merecedores de amor e atenção, o que vem associado à expectativa de que as outras pessoas são, em geral, receptivas e aceitantes. Apresentam modelos positivos de si próprios e dos outros. Os indivíduos do quadrante **Preocupado** sentem que não são merecedores de amor e atenção e, simultaneamente, têm uma visão positiva dos outros; este padrão leva a que os indivíduos busquem a auto-aceitação através da aceitação dos outros que mais valorizam. Neste caso, estamos na presença de um modelo negativo de si próprio e de um modelo positivo dos outros. Os indivíduos do quadrante **Amedrontado** combinam percepções de si próprios como não merecedores de amor e atenção com expectativas negativas dos outros (não são confiáveis e tenderão a rejeitá-los), o que indica a existência de modelos negativos de si próprio e dos outros. Os indivíduos do quadrante **Desinvestido** combinam um sentido de serem merecedores de amor e atenção com uma disposição negativa em relação às outras pessoas. Estes indivíduos protegem-se da desilusão e desapontamento evitando relações próximas e procurando manter um sentido de independência e invulnerabilidade. Tendo em conta a estrutura desta matriz teórica, os quadrantes adjacentes parecem mais próximos conceptualmente do que os em posições opostas. A título de exemplo, o protótipo Seguro está mais próximo dos protótipos Preocupado (com quem partilha o modelo positivo dos outros) e Desinvestido (com quem partilha o

modelo positivo de si próprio) do que do protótipo Amedrontado com quem não partilha nenhuma semelhança (Bartholomew & Horowitz, 1991).

MODELO DO SELF
(Dependência)

	Positivo (Baixo)	Negativo (Alto)
Positivo (Baixo)	SEGUROS Conforto com intimidade e autonomia	PREOCUPADOS Preocupação com as relações
MODELO DOS OUTROS (Evitamento)	DESINVESTIDOS Desinvestimento na intimidade Contra-dependência	AMEDRONTADOS Medo da intimidade Evitamento do social
Negativo (Alto)		

Figura 4. Modelo da vinculação adulta (Bartholomew e Horowitz, 1991, p. 226, trad.).

É importante introduzir uma nota reflexiva sobre o modelo positivo de próprio presente nos protótipos Seguro e Desinvestido. A confiança dos adultos seguros deriva da crença de que os outros estarão disponíveis para o apoiar e dar conforto se necessário; estes indivíduos têm uma base segura a partir da qual podem explorar o mundo e construir a sua independência e auto-confiança. Por outro lado, a independência dos adultos desinvestidos parece ser proveniente de uma relutância em contar com o apoio emocional dos outros que não consideram base segura (cf. Fraley, Davis & Shaver, 1998). Assim, este modelo positivo de si próprio reveste-se de dois significados diferentes nos dois protótipos: enquanto no seguro ele é construído a partir do pólo positivo da autonomia e confiança, no desinvestido é elaborado a partir do reconhecimento da incapacidade dos outros enquanto figuras de uma relação de vinculação segura.

Como se verifica na Figura 4, os autores referem-se às duas dimensões como modelos de si próprio e dos outros, mas também como ansiedade (na figura, dependência) e evitamento, sugerindo que um modelo negativo de si próprio está relacionado com a ansiedade de abandono e que um modelo negativo dos outros está associado com evitamento (Scharfe, 1996, in Brennan, Clark e Shaver, 1998).²

Estas duas dimensões correspondem às dimensões essenciais que já tinham sido encontradas por Ainsworth em 1978. A partir da constatação da estrutura bi-dimensional subjacente aos protótipos de vinculação adulta, começaram a surgir mais instrumentos de avaliação que procuraram captar precisamente essa estrutura. É o caso da escala Experiências nas Relações Íntimas (*Experiences in Close Relationships*) construída por Brennan, Clark e Shaver (1998) e que é composta pelas sub-escalas da Ansiedade e Evitamento. Este foi o instrumento utilizado neste trabalho para avaliar a vinculação amorosa (uma detalhada descrição desta escala e das suas qualidades psicométricas encontra-se desenvolvida no quatro capítulo.). A avaliação da vinculação tem vindo a ser alvo de grande interesse e de reformulações que a tornam cada vez mais refinada. Contudo, é importante reflectir sobre o facto dos instrumentos (e dos modelos que lhes servem de base) serem construídos a partir de eixos de negatividade como a ansiedade e o evitamento. Na realidade, como referem Fraley, Waller e Brennan (2000), estes instrumentos avaliam a *insegurança* com muito mais fidelidade do que *segurança* (que aqui se define pela ausência ou minimização da ansiedade e do evitamento). A conceptualização e a avaliação da segurança parece, então, ser um dos desafios que se colocam no presente aos investigadores no domínio da vinculação.

Em conclusão, o modelo de base da vinculação adoptado neste trabalho é o de Kim Bartholomew. Relativamente à operacionalização deste modelo, para integrar a presente investigação no plano mais vasto dos estudos sobre vinculação, recorreremos aos critérios propostos por Bartholomew & Shaver (1998). No presente estudo: o *domínio* da vinculação adulta estudado é o das relações amorosas; o *método* é o do auto-relato e a *dimensionalidade* é mista, ou seja, as análises principais são feitas através das

² Klohen e John (1998, in Brennan et al., 1998) discutem a relação entre modelos internos dinâmicos e dimensões como ansiedade e evitamento: está ainda por determinar se estes modelos são responsáveis pelas reacções ansiosas e evitantes ou se vão sendo construídos à volta da ansiedade e evitamento à medida que se desenrola o desenvolvimento de cada indivíduo.

dimensões da vinculação (evitamento e ansiedade), mas há ainda o recurso (para análises mais periféricas) aos protótipos definidos por Bartholomew e Horowitz (1991).

1.1.3. Teoria da vinculação: Teoria desenvolvimental e sistémica

Johnson, a partir das propostas de outros autores (Kobak & Duemmler, 1994, in Johnson, 2003; Erdman & Caffery, 2002, in Johnson 2003) considera que a teoria da vinculação pode ser vista como uma perspectiva integrativa e, especificamente, como uma teoria sistémica que procura compreender o comportamento e os padrões de comunicação em contexto. As pontes entre a teoria da vinculação e as abordagens sistémicas são, com efeito, bastante sólidas (Caffery & Erdman, 2003; Johnson, 2003). Vários autores, de entre os quais Bowlby (cf. Caffery & Erdman, 2003) consideram que própria relação de vinculação entre a mãe ou outro prestador de cuidados e a criança é um autêntico sistema de *feedback*, que exhibe as características de outras relações sistémicas: os comportamentos de pais e crianças servem de estímulo e *feedback* uns aos outros. Em adição, a relação mãe-criança não acontece no vácuo, mas sim, no âmbito de um sistema de contextos que vão desde este contexto relacional específico até ao contexto social mais lato. Por outro lado, a natureza transaccional dos estilos ou protótipos de vinculação implica que estes possam ser construídos e reconstruídos no âmbito das interações com as figuras de vinculação (cf. Johnson, 2003; ver também Caffery & Erdman, 2003). É um processo que se desenrola ao longo da vida e, que, por isso, adquire diferentes contornos consoante a fase desenvolvimental que os indivíduos atravessam. A teoria da vinculação, é também, sob este ponto de vista, uma teoria do desenvolvimento humano.

O debate científico sobre estas questões está longe do fim. Enquanto certos autores defendem a importância do reconhecimento desta maleabilidade dos vínculos emocionais ao longo da vida, outros preferem salientar a sua estabilidade; enquanto uns autores se referem a “estratégias de vinculação” ou “formas habituais de relacionamento com as figuras de vinculação”, termos que denunciam uma maior flexibilidade para a mudança, outros preferem referir-se a “estilos de vinculação” (cf. Johnson, 2003).

Os argumentos não são irreconciliáveis. Num estudo recente, Overall, Friesen e Fletcher (2003) realizaram um estudo para apurar como é que os modelos internos de vinculação poderiam estar representados ao nível cognitivo. Os participantes

completaram instrumentos de avaliação da vinculação em três domínios, a saber, família, companheiros amorosos e amigos. Através de análises factoriais confirmatórias, os autores compararam três modelos diferentes: o modelo 1 postulava que as representações de vinculação consistiriam num único modelo dinâmico global que resumiria a vinculação nos vários contextos e relações; o modelo 2 preconizava que as representações de vinculação nos diferentes domínios seriam totalmente independentes; o modelo 3 propunha que os modelos dinâmicos específicos de cada relação seriam dependentes das representações de cada domínio relacional que, por sua vez, seriam dependentes de um modelo global de vinculação. Os resultados deste estudo mostraram que o modelo 3 era o modelo que tinha um melhor ajustamento, independentemente do sexo, estatuto relacional e idade dos participantes. Desta forma, representações específicas de um domínio relacional e representações globais da vinculação parecem informar e influenciar-se mutuamente (Overall et al., 2003). Os autores sugerem que os modelos globais poderão ser usados em situações novas ou ambíguas (por exemplo, quando uma relação de amizade é acompanhada de envolvimento sexual) e que os modelos mais específicos (e inferiores hierarquicamente em relação ao modelo global) poderão ser usados nas relações que os indivíduos estabelecem nos seus vários domínios, como vinculação aos pais e a cada um dos amigos e companheiros amorosos em particular. Este estudo comprova que, embora existam modelos primários, construídos a partir das experiências precoces com os primeiros prestadores de cuidados, também se desenvolvem modelos específicos relacionais que dependem do percurso de vida de cada indivíduo e, daí, a legitimidade de considerarmos a teoria da vinculação como desenvolvimental. Como já havia referido Bowlby (1988), é o potencial contínuo para a mudança que faz com que, em momento algum da vida, uma pessoa seja invulnerável a qualquer adversidade ou impermeável a qualquer influência favorável. A contribuição destes dados para a conceptualização da teoria da vinculação como uma teoria sistémica é o facto de colocar a tónica na dialéctica entre as dimensões intra e interpessoais (cf. Davila, 2003). Em termos de relações amorosas, mais especificamente, os processos de vinculação são fruto das experiências passadas dos indivíduos e dos seus modelos globais conjugados com a “matéria” emergente dessa relação de proximidade e da interacção entre os dois elementos do casal. A vantagem desta conceptualização é, a nosso ver, pensar e utilizar a teoria da vinculação como

geral, parecem indicar que os casais mistos são os que apresentam resultados menos favoráveis em termos dos rituais familiares, facto que explicam tendo em conta a diferença entre os cônjuges e a maior probabilidade de conflito. A nosso ver, este estudo, embora tenha sido inovador na ligação destas duas variáveis, apresenta algumas limitações significativas:

- ao contrário de outras investigações, estes autores encontraram diferentes estruturas factoriais deste questionário para homens e mulheres, o que, de alguma forma, limita a comparação entre os sexos;

- o uso de categorias de vinculação (e não de dimensões) limitou consideravelmente as opções de análises que poderiam ser feitas;

- embora a classificação da Entrevista de Vinculação Adulta tivesse permitido a classificação dos participantes em Seguros, Evitantes e Preocupados, Leon e Jacobvitz (2003), por motivos relacionados com o desenho das análises, reduziram a duas as categorias da vinculação, Seguros e Inseguros. Esta reunião dos dois estilos inseguros torna a categoria insegura algo inespecífica.

- quando analisaram os resultados dos casais, nomeadamente dos casais mistos, não foi tido em conta qual dos cônjuges era o seguro e qual era o inseguro, um facto que poderia ter influenciado nas análises subsequentes.

Este estudo foi elaborado tendo por base uma medida da avaliação da vinculação concebida numa das tradições já referidas em 1.1.2., nomeadamente, na tradição específica que privilegia o uso de entrevistas e o recurso às memórias das relações com os pais na infância. O presente estudo enquadra-se na outra tradição de investigação que recorre sobretudo a questionários e avalia a vinculação através das percepções relacionais enquanto adulto, neste caso, das percepções das relações românticas. Dickstein (2004), com base em análises preliminares, considera que a vinculação conjugal pode estar associada com o bem-estar da família como um todo. Esta autora refere que este tipo de vinculação poderá até ser um indicador mais próximo de factores familiares do que a vinculação adulta avaliada pela Entrevista de Vinculação Adulta, pois refere-se a um modelo de uma relação presente que partilha o mesmo contexto com outros aspectos correntes da vida familiar (cf. Dickstein, 2004). Assim, este estudo poderá trazer um contributo importante para o aprofundamento desta perspectiva.

2. QUALIDADE RELACIONAL E PROXIMIDADE

É por isso que se há-de entender

Que o amor não é um ócio

E compreender

Que o amor não é um vício

O amor é sacrifício

O amor é sacerdócio

Amar

É iluminar a dor

- como um missionário

Chico Buarque, 1977/78, *Viver do amor*

2.1. Qualidade Relacional

A natureza das relações amorosas é um tema que atravessa fronteiras temporais e geográficas. No contexto actual, a importância de encontrar o amor, de formar relações íntimas e de as saber conduzir ao longo da vida reflecte-se na proliferação de informações sobre as relações amorosas em livros, programas de televisão, revistas e na frequência com que as pessoas debatem estas questões (Fletcher, 2002; Schnarch, 1991). Os indivíduos interessam-se pelos dramas relacionais mesmo quando os personagens são fictícios ou longínquos da sua realidade quotidiana. Este interesse é possivelmente um espelho do questionamento contínuo dos indivíduos face às suas próprias experiências: se as relações amorosas são tão importantes é natural que adoptem uma postura de “investigação”, recolhendo e comparando “dados”, discutindo-os com outros “investigadores” e construindo teorias sobre as mesmas (cf. Fletcher, 2002).

Num período de transformações sociais constantes e velozes, em que as taxas de divórcio atingem valores próximos dos 50%, poder-se-ia pensar que haveria um decréscimo do interesse das pessoas pelos casamentos e pelas relações em geral. Mas tal não se verifica, como aliás o comprovam as elevadas taxas de recasamento (Costa, 1994). Aliás, com tantas condições aparentemente adversas, é, nos dias de hoje, ainda mais notável que as pessoas continuem a encontrar-se e a esforçar-se por construir

relações satisfeitas e duradouras (Fletcher, 2002). Porquê esta persistência preferencial por uma “vida a dois”, seja em casamento, seja em união de facto? A “resposta-explicação” chave parece ter a ver com a vivência de intimidade. Esta é responsável pelo aumento dos níveis de auto-estima e de auto-confiança, as quais são consideradas ferramentas essenciais para a resiliência, isto é, para o desenvolvimento da capacidade para se lidar construtivamente com as adversidades da vida quotidiana, o que, por sua vez, é essencial para o bem-estar. Inúmeros estudos realizados mostram que os níveis de bem-estar físico e psicológico são mais elevados entre a população casada (satisfeita) e mais baixos naqueles que vivem casamentos insatisfeitos e nos divorciados. Ou seja, é entre os casados insatisfeitos e os divorciados que se encontram mais doenças físicas, mais queixas somáticas, taxas mais elevadas de hospitalizações, maior recurso a técnicos de saúde física, mais problemas do foro emocional e comportamental, mais problemas psicopatológicos, taxas mais elevadas de alcoolismo, violência, homicídio, suicídio e até mais acidentes de automóvel. (para uma revisão de literatura, veja-se Narciso, 2001).

O estudo científico das relações amorosas no âmbito da Psicologia terá tido as suas origens na década de 70 do século XX, quando os investigadores começaram a realizar estudos sobre os factores que levavam à atracção interpessoal nos primeiros estádios da relação amorosa (Fletcher, 2002). Na década de 80, surge uma maior complexidade da investigação que envolvia já o estudo do desenvolvimento, manutenção e dissolução das relações íntimas (*ibidem*). Posteriormente, de acordo com Fletcher (2002), no campo mais específico da Psicologia Social, os autores interessaram-se por dois grandes tópicos, nomeadamente, o papel das emoções e cognições sociais (crenças, percepções, etc.) e o papel dos processos de vinculação nas relações amorosas. Hoje em dia, este é um dos temas que continua a motivar o interesse científico e, conseqüentemente, conta já com uma literatura vasta e diversificada.³

³ A este propósito, é interessante reflectir sobre alguns obstáculos que o estudo científico das relações amorosas encontrou e ainda encontra no seu percurso. De acordo com Fletcher (2002), por vezes, considera-se que estudar o amor de uma forma científica irá destruir a magia que as pessoas lhe atribuem e que este tipo de estudo não trará nada de novo, apenas confirmando aquilo que já se sabe intuitivamente e através do senso comum. De acordo com este autor, ambas as ideias são erróneas: não há evidência de que o estudo de algum objecto ou fenómeno o torne menos interessante, podendo até acontecer precisamente o contrário; as teorias do senso comum são ricas fontes de informação – e podem até ser tidas em conta pelos investigadores que se debruçam pelos fenómenos humanos – mas não se podem considerar *a priori* como válidas ou inquestionáveis.

Recentemente, Costa (2005, p.13) coloca o estudo das relações amorosas num plano central da Psicologia: “De uma forma geral, o indivíduo nasce no seio de uma relação amorosa de um casal parental, aí cresce e posteriormente, também ele, procurará encontrar o seu par amoroso e o ciclo repetir-se-á. Assim, o alicerce da vida tem o seu início na ligação entre um homem e uma mulher, por isso, a psicologia será uma ciência muito incompleta se não nos facilitar uma compreensão adequada destas relações.”.

Os investigadores que elegem como objecto de estudo as relações íntimas apresentam, geralmente, dois critérios para definir uma relação bem sucedida: o modo como a relação sobrevive (estabilidade) e o modo como os dois elementos percebem a qualidade da mesma (Fletcher, 2002). É, sobretudo, o universo deste último critério, o de qualidade relacional percebida que o presente estudo aborda.

Qualidade e satisfação relacional são dois termos utilizados na literatura, por vezes, indistintamente. Contudo, parece-nos importante uma reflexão mais aprofundada sobre estes conceitos de modo a criar contornos mais nítidos que permitam leituras diferenciadas de cada um deles bem como da sua forte inter-relação, evitando, assim, o risco de um elevado emaranhamento conceptual. Narciso (2001) considera que, do ponto de vista do investigador, a satisfação só pode ser avaliada através da avaliação pessoal e subjectiva que o casal faz da sua relação, enquanto a qualidade se refere ao desempenho da e na relação, podendo ser avaliada a partir de critérios definidos *a priori* pelo investigador, naturalmente, resultantes de estudos empíricos realizados sobre relações conjugais.

A autora (Narciso, 2001) propõe uma classificação dos factores que influenciam a qualidade e a satisfação conjugal, distinguindo Factores Centrípetos, Factores Centrífgos e Factor Tempo ou Percurso de Vida que atravessa os dois anteriores. Os Factores Centrípetos referem-se aos que geram a e são gerados pela relação, e incluem processos operativos ou comportamentais (por exemplo, comunicação, conflito e resolução de conflitos, controlo relacional); processos cognitivos (por exemplo, crenças, percepções, atribuições e expectativas); e processos afectivos (amor, intimidade e compromisso). Os Factores Centrífgos, mais periféricos relativamente ao casal mas fortemente influentes, dizem respeito, por um lado, à relação com contextos distais, tal como a família de origem, o trabalho e a rede social, e, por outro lado, a características

individuais como, por exemplo, características da personalidade, padrões de vinculação, competências sócio-afectivas, e aspectos demográficos (sexo, idade, estatuto sócio-económico, etc.). O Factor Tempo ou Percurso de Vida remete para o tempo de duração da relação e para as etapas normativas e situações não normativas que o casal atravessa ao longo do ciclo de vida.

No âmbito deste trabalho, tomamos como foco o ponto de vista do casal e, por essa razão, consideramos qualidade relacional como um constructo mais vasto, que compreende o modo como os indivíduos avaliam a sua relação em diversas áreas, incluindo, entre vários aspectos, o grau de satisfação.⁴

Esta conceptualização é concordante com uma das perspectivas apontadas por Glenn (1998). Este autor aponta para a existência de duas escolas principais relativamente à definição e avaliação da qualidade conjugal: a escola dos “sentimentos individuais” e a escola de “ajustamento conjugal”. No âmbito da primeira, a qualidade conjugal é definida como a avaliação subjectiva de cada cônjuge relativamente ao nível de bem-estar e felicidade da relação. Assim, a qualidade relacional é medida por auto-descrições relativas à satisfação que os indivíduos sentem; ou seja, medidas consideradas subjectivas.⁵ No âmbito da segunda, a qualidade conjugal é uma característica da relação entre os cônjuges; utilizam-se assim, medidas que procuram avaliar aspectos da interacção relacional (comunicação, conflito, etc.). A perspectiva que adoptámos neste trabalho inscreve-se particularmente no âmbito da primeira escola, denominada “sentimentos individuais”, ou seja, estamos interessados em captar a dimensão subjectiva da qualidade relacional dos indivíduos, ou seja, as suas percepções. Com o avanço das metodologias quantitativas de análises de dados, esta perspectiva torna-se cada vez mais profícua porque, para além das percepções individuais, podemos ter acesso aos efeitos inter-cônjuges, ou seja, podemos apurar como é que a percepção de qualidade relacional de um dos cônjuges é afectada (ou afecta) por variáveis do outro cônjuge. Parece-nos que esta possibilidade representa a chegada de “boas notícias” para os investigadores e teóricos desta área: a análise dos dados começa a ser capaz de traduzir a complexidade sistémica. A questão da avaliação da qualidade relacional é

⁴ Note-se que recorreremos, ao longo deste trabalho, a estudos e formulações que se referem quer à satisfação conjugal, quer à qualidade relacional, mantendo, por uma questão de rigor, as denominações apresentadas pelos autores originais.

⁵ Esta definição é próxima da conceptualização de satisfação tal como é referida por Narciso (2001).

retomada no ponto seguinte quando nos referirmos ao modelo conceptual de mensuração específico que serve de base ao presente trabalho. Para já, detenhamo-nos ainda na reflexão sobre a qualidade relacional.

... O que é que, afinal, torna uma relação feliz e satisfeita?

Os autores que se debruçam sobre esta temática não podem ignorar todos os discursos e concepções sociais relativos ao que é uma boa relação, ao que é um bom casamento e às características pessoais e relacionais que constituem a (suposta) chave para a felicidade conjugal; estes discursos e concepções fazem parte da vida das pessoas e é natural que influenciem também o modo como elas próprias analisam as suas relações (Overall, Fletcher & Simpson, 2006). Mas o olhar científico deverá ir um pouco mais além e perscrutar a qualidade relacional na sua multiplicidade e densidade. Foi o que fizeram, por exemplo, Fincham, Beach & Kemp-Fincham (1997) na construção do seu modelo de qualidade relacional. Estes autores consideram que as formas de estar na relação de casal não obedecem a uma sequência linear; consideram que a vivência conjugal é feita de descontinuidades, de alterações entre momentos de afectividade positiva e momentos de afectividade negativa. Esta é uma perspectiva coerente com ao reconhecimento da dialéctica na satisfação em relações íntimas (Narciso, 2001). Com efeito, reconhecer que “...as relações não são estáticas, unitárias e imutáveis...”, que se fazem de “...experiências várias, diferentes estados de humor, prazeres e dores...” (Narciso, 2001, p.30), parece-nos uma perspectiva muito mais congruente com as características dinâmicas das relações que conjugam dois percursos desenvolvimentais em constante movimento. A satisfação e a insatisfação não são, desta forma, encaradas como uma dicotomia, mas sim, como um jogo dinâmico de oposições (Narciso, 2001).

... É também esta perspectiva que parece estar subjacente ao trabalho de Gottman e colaboradores (Gottman et al., 2002; Gottman & Silver, 2001). Estes autores consideram que todos os casais, mesmo os mais felizes, têm problemas e atravessam períodos de maior satisfação e momentos de menor satisfação. De acordo com os autores, os casais felizes conseguem estabelecer uma dinâmica que evita que os seus pensamentos e sentimentos negativos se sobreponham aos pensamentos e sentimentos positivos; chamam-lhe casais emocionalmente inteligentes. A manutenção de um sentimento positivo predominante permite que se crie uma espécie de anti-corpos que

protegem a relação de futuros *inputs* negativos por parte dos cônjuges; por outro lado, a positividade gera positividade e a satisfação gera satisfação (cf. Narciso, 2001).

Exploramos, agora, dois estudos recentes que ilustram, através de dados da investigação, algumas das questões anteriores. Boyes (2006), num estudo centrado em processos cognitivos, debruçou-se sobre o estudo da relação dialéctica entre viés e precisão no julgamento/apreciação do par amoroso. Esta autora comparou as percepções dos cônjuges relativamente a uma série de características um do outro (atractividade, inteligência, “poder-se contar com”, etc.) e pôde, assim, comparar se os cônjuges tinham uma visão mais enviesada ou precisa (consoante as suas percepções sobre o companheiro se aproximassem ou distanciassem das percepções deste sobre si próprio/a). Boyes (2006) apurou que, em geral, havia uma relação positiva significativa entre viés positivo e qualidade relacional percebida. No entanto, as percepções dos cônjuges tendiam também a ser moderadamente precisas. Isto significa que, em geral, eram superiores às do cônjuge mas tendiam a seguir a mesma direcção das percepções deste (por exemplo, se se considerava mais atraente do que inteligente, o cônjuge também o considerava assim mas com percepções mais elevadas). Estes dados apoiam a ideia de que a positividade e a “procura de verdade” (ou seja, a avaliação mais realista do companheiro à medida que a relação avança no tempo após a fase inicial) operam simultaneamente nos cenários relacionais; estes processos tendem a produzir julgamentos sobre o cônjuge que são, simultaneamente, “positivamente enviesados” e “significativamente precisos” (Boyes, 2006).

Num estudo também recente sobre processos cognitivos na relação, Overall, Fletcher e Simpson (2006, in press) verificaram que, quanto mais os indivíduos consideravam que os cônjuges se aproximavam dos seus ideais (ou seja, quanto mais reduzida era a diferença entre percepções em relação ao cônjuge e crenças ideais em relação a um cônjuge em abstracto), mais esforços realizavam para que este mudasse em relação a determinados aspectos, esforços denominados pelos autores de “tentativas de regulação”. Mas estas tentativas de regulação nem sempre eram bem sucedidas e isso traduzia-se por efeitos negativos na qualidade relacional. Ou seja, se estas tentativas falhassem, a qualidade relacional percebida não só não aumentava, como sofria um decréscimo significativo. Estes dados realçam mais uma vez, as várias camadas sistémicas que compõem uma relação: se o indivíduo (“eu”) tenta mudar o cônjuge

("tu") porque este não corresponde ao seu ideal e se este processo não vem acompanhado de uma reflexão e mudança no próprio "eu", as consequências para a relação ("nós") serão negativas. Esta ideia aparece bem ilustrada nas palavras de Costa (2005, p.94): "*Habitualmente, cada elemento do casal espera que seja o outro a mudar, querendo do outro empatia, aceitação, revelação...; porém, este pedido tem subjacente a necessidade que o outro valide o seu self, de estar dependente dele, confundindo satisfação e intimidade com reciprocidade simétrica, com funcionalidade.*".

Em conclusão, de acordo com os vários autores que privilegiamos, as relações de casal são consideradas como algo dinâmico, em contínuo crescimento; conseqüentemente, as percepções subjectivas da relação são também alvo de constante mudança e adaptação. Schnarch (1991) e Costa (2005) falam-nos da construção da intimidade como uma tarefa desenvolvimental adulta; nesta perspectiva, os conflitos são encarados como inerentes ao carácter desenvolvimental da relação e na sua integração encontra-se o potencial de crescimento individual e também relacional. Gottman e colaboradores (Gottman et al., 2002; Gottman & Silver, 2001) convidam ao diálogo com os problemas perpétuos da relação, ou seja, também consideram que as relações, mesmo as mais felizes, contêm zonas de tensão entre os cônjuges, algumas delas nunca totalmente resolvidas.

Considera-se, então, que a qualidade relacional não é um patamar absoluto que os indivíduos possam atingir e manter. A qualidade relacional é, simultaneamente, estado e processo que reflecte o percurso de vida da relação e dos elementos da díade; estamos perante o que Narciso (94/95) denominou metamorfoses do amor e da satisfação conjugal. Em suma, a qualidade relacional implica investimento por parte do indivíduo, por parte do casal, o que é bem ilustrado pelo poema com que iniciámos esta reflexão.

2.1.1. Qualidade relacional percebida: A proposta de Fletcher, Simpson e Thomas

O modelo que aqui utilizamos para compreender e, sobretudo, avaliar a qualidade relacional é o proposto por Fletcher, Simpson e Thomas (2000). No âmbito deste, a qualidade relacional é avaliada em termos das percepções subjectivas dos dois elementos da relação. Trata-se da qualidade relacional percebida. Enquanto noutras

tradições de avaliação, os investigadores propõem determinados critérios a partir dos quais definem satisfação e qualidade relacional, nesta tradição, é escutada a voz dos participantes em relação a várias dimensões da sua relação; em última instância, são eles, com os seus próprios critérios e percepções, os avaliadores da sua relação.

Vários autores têm defendido este tipo de avaliação da qualidade/satisfação relacional em detrimento de outros tipos de avaliação. Estes últimos, não tendo uma base teórica consistente, apresentam questionários que agrupam itens tão heterogéneos como percepções de satisfação, auto-relatos de interações comportamentais, número de actividades partilhadas, entre outros. Este tipo de questionários introduz confusões conceptuais, não distinguindo, por exemplo, relatos de percepções de avaliação da relação com relatos de interações comportamentais (Fletcher et al., 2000).

De facto, poderemos questionar: não será sobretudo a funcionalidade, ou seja, um dos aspectos que podem ser considerados na avaliação da qualidade conjugal, o que se avalia neste tipo de instrumentos que acabámos de referir? Embora as relações satisfeitas contenham em si elementos de funcionalidade que são necessários para a continuidade do projecto relacional no tempo, a funcionalidade, por si só, não é o conceito que, em termos desenvolvimentais e sistémicos, pode distinguir uma relação de intimidade. Numa relação de intimidade, são vitais processos afectivos que conduzem ao que Costa (1996) designa por investimento, correspondendo ao “desejar ser” na relação – ou compromisso pessoal (Adams & Jones, 1997); já em relações marcadas tão somente por um compromisso estrutural ou moral (Adams & Jones, 1997), a funcionalidade é o seu alicerce fundamental, orientando-se a relação para a estabilidade e para os resultados, muitas vezes moldados pelas exigências ou expectativas sociais ou morais que “ditam” o que deve e como deve ser uma relação de casal:

Desta forma, se o investigador definir determinados critérios como indicadores de satisfação/qualidade e se, no âmbito destes critérios, também definir o que é considerado ou não “desejável” numa relação perfeita, talvez se esteja perante a imposição de uma “normalidade” que não existe em absoluto. Assim, de vários quadrantes teóricos nos surge a necessidade de avaliar, tanto quanto possível, a satisfação do casal a partir de “dentro”, dos peritos naquela relação, ou seja, dos elementos que a compõem.

Após uma revisão da literatura, Fletcher et al. (2000) elegeram seis constructos previamente identificados como componentes de qualidade relacional percebida e para os quais outros investigadores já haviam construído instrumentos de avaliação: Satisfação, Investimento, Confiança, Intimidade, Paixão e Amor³. Estes autores procuraram, depois, verificar como é que estes componentes se relacionavam entre si quando os indivíduos eram chamados a avaliar a sua relação amorosa. Vários modelos teóricos possíveis foram considerados: estes componentes não existiriam separadamente e os indivíduos avaliariam as suas relações em termos globais; estes componentes seriam autónomos uns dos outros, ou seja, os indivíduos avaliariam as suas relações a partir de várias dimensões distintas e independentes; os componentes corresponderiam a dimensões quase-independentes e específicas que se relacionam entre si e podem ser agrupadas num componente hierarquicamente superior, ou seja, os indivíduos produziram avaliações distintas para cada componente mas estas estariam bastante relacionadas entre si. Os autores (Fletcher et al., 2000) construíram uma escala que avalia as percepções dos indivíduos em relação a cada um dos componentes e através de análises factoriais confirmatórias, apuraram que o modelo que melhor poderia explicar os dados era precisamente o último, que é também o mais complexo. As pessoas são consistentes no modo como avaliam a sua relação no âmbito de cada componente e ainda entre componentes. Sob este ponto de vista, a qualidade relacional percebida pode ser olhada a um nível molar (qualidade relacional geral) e também a níveis moleculares (diversos componentes da qualidade relacional). No âmbito deste estudo, o olhar escolhido é o mais geral. Procuramos avaliar uma percepção global da qualidade relacional que, neste caso, se considera ser o produto dos seis componentes específicos que se relacionam entre si.

³ Note-se que todos estes factores se inscrevem nos processos afectivos, tal como são referidos por Narciso (2001). A autora (2001) considera intimidade (cujo contorno que define a sua natureza corresponde aos sentimentos de amor e sua expressão) e compromisso como processos nodais das relações conjugais, acrescentando que o compromisso pessoal integra a intimidade, bem como uma percepção positiva do parceiro e da relação.

2.2. Proximidade

A definição, enquadramento e avaliação do constructo proximidade representam um verdadeiro desafio para teóricos e investigadores. Com efeito, embora a proximidade que as pessoas sentem pelos outros seja, nas palavras de Agnew, Loving, Le & Goodfriend (2004) “palpável”, não se revela um constructo que facilmente se possa capturar a partir de abordagens usadas para compreender e avaliar outros constructos que dizem respeito ao mundo das relações interpessoais.

É frequente a proximidade surgir como sinónimo de intimidade, o que poderá contribuir para a imprecisão conceptual relativa aos dois conceitos em questão (Costa; 2005; Schnarch, 1991). Analisemos algumas das diferenças entre um e outro para melhor perceber o que os une e o que os distingue. Malone e Malone (1987, in Schnarch, 1991), afirmam que a proximidade é a experiência de contacto com o outro, experiência caracterizada pelas qualidades de “estar junto com” e “ser parte” dessa outra pessoa. Em contraste, a intimidade é o processo de se conhecer a si próprio na presença do outro. Nas palavras dos próprios autores (Malone & Malone, 1987, cit. in Schnarch, 1991, p.123):

“Quando estou/sou próximo, eu conheço-te na tua presença; quando estou/sou íntimo, eu conheço-me na tua presença. A intimidade é uma experiência excepcional. Normalmente, conheço-me só no meu mundo, nos meus sonhos, no meu espaço pessoal. Mas sentir e conhecer-me na presença de outro é uma experiência de vida, luz e prazer. Eu posso ser quem sou livre e totalmente na presença de outro. É a única liberdade verdadeira que temos como seres humanos.”

Nesta citação, pode-se entrever a ideia de que a intimidade, no plano das relações humanas, “vai mais além” do que a proximidade. Pode-se, então, considerar, segundo estes autores, que a intimidade é mais específica do que a proximidade porque implica diferenciação, ou seja, a capacidade de autonomia desenvolvida ao longo da vida que permite aos indivíduos não perderem o seu *self* nas relações que estabelecem com os outros e o mundo (Costa, 2005; Schnarch, 1991). Como afirma Schnarch (1991), é precisamente a diferenciação que permite ao indivíduo participar num sistema -casamento, família ou sociedade - sem ser por ele absorvido. A intimidade é um constructo que nos permite analisar de forma complexa os movimentos de vaivém entre

o eu, o outro e a relação. Trata-se de um processo multissistémico (Schnarch, 1991; Costa, 1996) intra-individual e interpessoal que se concretiza quando as histórias de vida de cada elemento do casal (o “eu” e o “tu”) se encontram na relação (nós).

E a proximidade? A proximidade surge-nos como um constructo de cariz relacional mas não tão específico como a intimidade. Enquanto a intimidade aponta para os três níveis da relação (“eu”, “tu” e “nós”), a proximidade parece incidir, sobretudo, no “nós”, ou no que cada um dos elementos considera e sente como o “nós”. Não há ainda, que tenhamos conhecimento, conceptualizações da proximidade que incluam questões ligadas à identidade e à diferenciação e aos processos desenvolvimentais que estas implicam. De acordo com as formulações teóricas neste domínio (Agnew, Loving, Le & Goodfriend, 2004; Aron, Mashek & Aron, 2004; Snyder & Omoto, 2004), a proximidade pode existir em várias relações (amizade, amor, pais/filhos) em maior ou menor grau. Parece-nos que a proximidade tem sido avaliada mais em termos de “grau/quantidade”. Por seu lado, a intimidade tem sido avaliada em termos de “qualidade”. Os indicadores da proximidade são, como se irá verificar em seguida, termos de frequência de tempo passado em conjunto, diversidade de actividades, grau de influência percebida, entre outros. Em termos de intimidade, prevalecem, na literatura, conceitos maioritariamente da ordem do qualitativo, tal como, por exemplo, estatutos da intimidade, ou seja, diferentes formas de estar perante a tarefa da intimidade (Costa, 2005), e elementos como auto-revelação/partilha, apoio emocional, confiança, mutualidade, interdependência, sentimentos de amor e sexualidade (no caso da intimidade amorosa) (Narciso, 2001).

No âmbito deste trabalho, irão ser apresentadas duas propostas específicas do conceito de proximidade: proximidade como “Inclusão do Outro no *Self*” (Aron, Aron & Smollan, 1992; Aron et al., 2004) e proximidade como “interdependência” entre as actividades de duas pessoas (Berscheid, Snyder & Omoto, 1989; 2004).

Após esta reflexão, impõe-se uma questão fundamental: sendo a intimidade, aparentemente, um constructo mais complexo do ponto de vista sistémico e desenvolvimental porque é que é a proximidade que surge como tema do presente trabalho? Como resposta a esta pergunta, apresentam-se duas razões:

- em primeiro lugar, sabemos que os rituais familiares têm sido associados a maior proximidade nas famílias mas, que tenhamos conhecimento, essa associação

nunca foi verificada em estudos empíricos de cariz quantitativo; o nosso interesse no âmbito deste trabalho é averiguar se essa proximidade, que tem sido associada ao nível familiar, também acontece no âmbito do casal, ou seja, é nosso objectivo apurar se os rituais familiares estão associados a proximidade percebida pelos dois elementos da relação conjugal;

- em segundo lugar, considerámos que, numa perspectiva sistémica, a noção de proximidade que aqui desenvolvemos, enquanto “Inclusão do Outro no *Self*” e também, embora menos relevante, enquanto interdependência, merece uma pesquisa e reflexão mais aprofundada particularmente no que se refere às pontes conceptuais com a noção de intimidade conjugal e, de um modo mais particular, com duas variáveis que se reportam à vivência de casal, a vinculação amorosa e a qualidade relacional.

2.2.1. Proximidade como “Inclusão do Outro no *Self*”

Esta proposta deriva do modelo mais vasto de auto-expansão proposto por Aron e Aron em 1986 (1986, in Aron et al., 2004) e desenvolvido ao longo do tempo em conjunto com outros colaboradores (Aron et al., 1992; Aron, Aron & Norman, 2001, in Aron et al., 2004). Este modelo postula que as pessoas, em geral, procuram expandir o seu potencial e auto-eficácia enquanto indivíduos e que uma das formas para o fazer é precisamente no contexto de relações próximas. Quando duas pessoas estabelecem uma relação de proximidade, pelos processos de partilha e de vivências comuns, há aspectos de cada um que são incorporados no outro.

Para Aron e colaboradores (1992; 2004), a *inclusão do outro no self* significa que, no âmbito de uma relação próxima, cada pessoa inclui no *self*, até certo ponto, recursos, perspectivas e identidades do outro. Examinemos cada uma destas características em particular. Os *recursos* do outro incluem, genericamente, bens materiais, conhecimento e bens sociais; o facto das pessoas percepcionarem que os recursos do companheiro estão incluídos em si próprio leva a que também percepcionem que têm acesso a esses recursos; é como se, até certo ponto, os recursos do outro também fossem seus (Aron, Mashek e Aron, 2004).

Em termos de *perspectivas*, estas referem-se a formas de experienciar o mundo a partir do ponto de vista do outro. Assim, por exemplo, quando uma pessoa é incluída no

self, várias atribuições e vieses cognitivos dessa pessoa irão também, de certa forma, ser incluídos.

As *identidades*, referem-se, neste contexto específico, às características que distinguem a pessoa de outras pessoas e objectos, características que situam a pessoa num espaço físico e social. Por exemplo, este modelo implica que as pessoas possam confundir as suas memórias e características de personalidade com as do companheiro.

Aron e colaboradores (2004) resumem numa sequência lógica de passos conceptuais, este modelo de proximidade: (1) as pessoas estão motivadas para incluir no *self* o outro e, conseqüentemente, os seus recursos; (2) à medida que a relação se forma, cada companheiro disponibiliza os seus recursos para o outro; (3) isto leva a uma reorganização cognitiva que faz com que os recursos do outro sejam incluídos no *self*; (4) logo, até certo ponto, o indivíduo adopta as perspectivas e identidades do outro; (5) finalmente, este processo conduz a uma reciprocidade que reforça a experiência consciente e inconsciente de incluir os recursos do outro no *self*, o que nos leva de volta ao momento 2.

Nesta sequência lógica, os autores consideram os *recursos* como a dimensão mais importante, a partir da qual derivariam as *perspectivas e identidades*. Contudo, não põem de parte a hipótese de que adoptar as perspectivas e identidades do outro no *self* podem ser considerados objectivos em si mesmos (e não apenas dependentes dos recursos), o que nos parece mais plausível.

Os mesmos autores defendem que a inclusão do outro no *self* é uma característica central para se distinguir entre uma relação próxima e outro tipo de relações e referem um vasto corpo teórico que apoia esta noção, do qual apresentamos alguns exemplos: a concepção de uma relação próxima como “duplo ser” de Merleau-Ponty (1945, in Aron et al., 2004) ou de “*duas pessoas que vivem nos contextos subjectivos de significados uma da outra*” de Schutz (1970, in Aron et al., 2004, p.35); a chamada de atenção de Jung (1925/1959, in Aron et al., 2004) para o facto de os companheiros relacionais contribuírem para a emergência de certos aspectos da *psyche* que, de outra forma, não se desenvolveriam e a afirmação de Maslow (1967, in Aron et al., 2004) relativa à possibilidade de as pessoas amadas poderem ser incorporadas no *self*.

Introduzindo um olhar sistémico nesta proposta teórica, pode-se considerar que no âmbito de uma relação de casal, cada cônjuge tende a desenvolver uma identidade orientada para a relação e uma representação pluralista de si próprio na relação. Tal significa que o indivíduo deixa de se ver só a si mesmo, para passar a ver-se também como parte de um colectivo ou unidade constituída por si e pelo outro (Narciso, 2001). A própria conceptualização de amor defendida por Narciso (2001, p.79) inclui esta noção de inclusão do outro no *self*: “... o amor como uma configuração complexa e dinâmica de sentimentos conscientes por um outro, a qual é indissociável do desejo físico-psicológico do outro, do desejo de mutualidade de sentimentos, e implica a redefinição criativa do próprio si como um si partilhado”, Esta ideia remete-nos para a noção de “absoluto” do casal de Caillé (1991), definida como a “...reunião de elementos psíquicos num todo estruturado, apresentando qualidades ou valores novos em relação aos elementos de origem” (Caillé, 1991, p. 105). De acordo com Narciso (2001), a existência de uma identidade de casal (possibilitada pela representação pluralista e colectiva de si próprio na relação) poderá ser um factor importante na manutenção da exclusividade da relação, na medida em que diminui a consideração de alternativas a essa relação. Neste sentido, estamos perante um factor que pode alimentar o compromisso, na sua acepção de “desejar ser”.⁴

Como já referimos, a noção de proximidade e, concretamente a noção de proximidade como *inclusão do outro no self*, por se referir mais ao grau do que à qualidade, incorre num risco particular⁵. Este risco é não permitir a distinção entre níveis de proximidade desejáveis e saudáveis e níveis já “fusionais”, que poderão significar que o *self* de um ou ambos os *selves* se “perderam” na relação.

⁴ Costa (2000) distingue, no âmbito do compromisso, “querer estar” e “desejar ser”; o primeiro implica a intenção/decisão de manter a relação e o segundo um investimento pessoal na sua continuidade.

⁵ A percepção deste risco é mais visível no instrumento de avaliação que traduz esta perspectiva, a *Escala de Inclusão do Outro no Self* (Aron, Aron e Smollan, 1992). Este instrumento tem características muito especiais, por apresentar uma forma gráfica e não verbal, na qual os participantes terão de escolher qual o grau de intersecção do seu *self* com o do companheiro. Não há lugar, neste instrumento, para avaliar as características dessa intersecção. De qualquer forma, consideramos que o formato projectivo deste instrumento é um aspecto positivo, porque poderá captar um sentido verdadeiramente subjectivo da proximidade sentida.

2.2.2. Proximidade como interdependência

A visão da proximidade a partir das interações entre duas pessoas foi desenvolvida por Berscheid, Snyder e Omoto (1989). Estes autores basearam-se em Kelly et al. (1983, in Berscheid et al., 1989) que preconizaram que a essência das relações reside na interação que acontece entre duas pessoas. Para Kelly et al. (1983 in Berscheid, Snyder e Omoto, 2004), poder-se-ia considerar que duas pessoas “estariam” numa relação se os seus padrões de interação revelassem que eram interdependentes⁶, ou seja, que o comportamento de uma era influenciado pelo comportamento da outra. Este seria o critério para se poder afirmar a existência de uma relação em geral. Para se poder afirmar a existência de uma relação *próxima*, seria necessário que a interdependência entre os elementos da relação fosse bastante elevada (Berscheid et al., 2004). Kelly e colaboradores (1983, in Berscheid, 2004), referiram quatro propriedades da interdependência entre duas pessoas que os investigadores poderiam analisar: a frequência com que as duas pessoas interagem; a diversidade de actividades que cada indivíduo influencia; a força com que cada um dos elementos responde à influência do outro e a duração do tempo deste tipo de interação.

Por motivos que se prendem com os estudos exploratórios da qualidade psicométrica dos instrumentos utilizados (ver capítulo quarto), realçámos, no presente estudo, a dimensão da Influência percebida. Considerámos que esta dimensão é que mais poderá corresponder às percepções subjectivas dos sujeitos, não estando sujeita a factores de variação externa como estavam a diversidade de actividades ou a frequência de interação (que podem ser diferentes consoante as situações, por exemplo, se se está num período de maior exigência profissional ou em férias, se se está activamente empregado ou na fase de reforma, etc.). A influência percebida por parte do cônjuge relativamente ao quotidiano e relativamente aos projectos de vida do futuro é, desta forma, a dimensão de proximidade mais valorizada no âmbito deste trabalho.

A proposta de Kelly e colaboradores (Berscheid et al., 2004) excluiu propositadamente o sentimento que os elementos da relação nutririam um pelo outro, aliás, um ponto que gerou alguma controvérsia. Os autores iniciais (Kelly et al., 1983, in Berscheid, 2004) consideraram que a questão dos sentimentos dos elementos um pelo

⁶ Esta proposta data dos inícios dos anos 80. Actualmente, a interdependência pode ser considerada um conceito mais abrangente e complexo do que o que é apresentado. Contudo, por uma questão de rigor, mantemos a denominação original dos autores.

outro e pela relação não se deveria integrar no conceito de relação próxima, mas sim, ser algo a avaliar independentemente da noção de interdependência. De acordo com os autores, embora as relações que se caracterizam por níveis altos de interdependência sejam frequentemente relação positivas (em termos de sentimentos), tal não tem de acontecer necessariamente e daí, a importância da distinção entre as duas dimensões. Relembramos que a proposta anterior de Aron e colaboradores (1992; 2004) também se demarcava da avaliação em termos de sentimentos. Como referem Berscheid e Kelly (2002, in Berscheid et al., 2004), não há nem pode haver uma conceptualização “correcta” ou “incorrecta” da característica relacional de proximidade.

Em termos científicos, é necessário que este, constructo seja definido claramente e que, a partir dessa definição, possa ser útil para a compreensão do fenómeno de interesse (Berscheid et al., 2004).

Reconhecemos que embora a opção pela exclusão da avaliação dos sentimentos possa ser útil, nomeadamente, em termos da mensuração deste constructo, não faz jus à complexidade do real em que as relações são vivas de afectos.

Em conclusão, considerámos que as duas propostas teóricas que aqui apresentamos abordam duas facetas do mesmo fenómeno que pretendemos explorar, a proximidade.⁷ Ambas as propostas nos parecem demasiadamente específicas e, desta forma, proporcionam-nos visões parcelares dum constructo relacional cuja complexidade, aqui o reconhecemos, está ainda por aprofundar. Esperamos que, à semelhança do que aconteceu com a intimidade (Costa, 1996), teóricos, investigadores e terapeutas partam à procura da proximidade. Aventuramos considerar que também na proximidade importa estudar as várias camadas sistémicas envolvidas, os processos desenvolvimentais aliados aos processos relacionais. Mais concretamente, parece-nos que as várias formas e graus de proximidade dependem da forma como o indivíduo atravessou e resolveu as tarefas do seu desenvolvimento psicossocial e pôde, ao longo da vida estabelecer, relações de vinculação com outros significativos como pais, amigos ou pares amorosos (cf. Collins & Feeney, 2004). Este estudo, pela união das variáveis vinculação e proximidade, poderá contribuir com algumas pistas em relação a este último aspecto.

⁷ Cada uma destas propostas deu origem a um instrumento de avaliação que utilizámos no presente trabalho e a que faremos referência de modo mais aprofundado no capítulo quarto.

2.3. Qualidade Relacional, Proximidade e Rituais Familiares

A literatura sobre rituais é vasta e diversificada mas apresenta alguns alicerces que reúnem unanimidade ou, pelo menos, um vasto consenso por parte dos diversos autores; um desses alicerces é o reconhecimento de que os rituais são promotores do bem-estar das relações interpessoais. Os rituais familiares têm sido associados a sentimentos de pertença e segurança no contexto familiar (van der Hart, 1983; Roberts, 1988) e proximidade, ligação e partilha (Meredith, 1985, in Newell, 1999). Mais concretamente, certos autores têm associado os rituais familiares e de casal (Doherty, 2000; Gottman, 2002) à qualidade da relação conjugal.⁸ Contudo, o número de estudos empíricos que analisam as relações entre qualidade relacional, proximidade e rituais familiares é ainda muito reduzido. Pelo que pudemos apurar até à data, existem dois estudos que analisaram especificamente a relação entre satisfação conjugal e rituais familiares, a saber, Fiese et al. (1993) e Fiese e Tomcho (2001). Quanto à variável proximidade, não temos conhecimento de nenhuma investigação que explore as suas associações com rituais familiares.

No primeiro estudo, Fiese et al. (1993), numa amostra de casais com filhos bebés e casais com filhos em idade pré-escolar, verificaram haver uma relação positiva entre rituais significativos vividos pela família e satisfação conjugal (avaliada através da *Dyadic Adjustment Scale*). Esta relação foi mais forte para as mulheres do que para os homens deste estudo, facto que os autores explicam tendo em conta as diferenças de género relativamente aos rituais: as mulheres têm sido consideradas as portadoras das tradições familiares e, como tal, a sua participação nos rituais poderá ser mais intensa, amplificando os efeitos que lhes estão associados. No segundo estudo, Fiese e Tomcho (2001) investigaram a ligação entre rituais familiares específicos, ligados aos feriados religiosos, com a satisfação conjugal. Também estes autores encontraram diferenças entre homens e mulheres: nos maridos, era o significado dos rituais que estava positivamente associado à satisfação na relação enquanto, nas mulheres, eram as rotinas o factor mais importante para a satisfação conjugal. Em termos dos efeitos inter-cônjuges, verificou-se também uma diferença relevante: quando os homens atribuíam

⁸ Este tema foi abordado, com outros contornos, no primeiro capítulo. Para evitar a repetição, apresentamos apenas a informação necessária ao reconhecimento e demarcação da ligação entre as variáveis em causa, remetendo para o ponto 2.2.2. do primeiro capítulo o complemento da mesma.

mais significado aos rituais dos feriados religiosos, as mulheres reportavam maior satisfação na relação mas não o inverso. Os autores procuram explicar estas diferenças tendo em conta as diferenças comumente apontadas na vivência da relação conjugal. De acordo com Fiese e Tomcho (2001), um dos aspectos que parece ser legitimamente aceite é o de as mulheres serem mais orientadas para a relação do que os homens, sentindo-se mais satisfeitas quando os companheiros se envolvem e estão mais atentos ao desenvolvimento da sua relação a dois. Os autores especulam que, maridos que estão mais envolvidos nos significados simbólicos e afectivos dos rituais familiares poderão ser maridos mais atentos e envolvidos na relação e daí a ligação encontrada entre maior significado dos rituais dos maridos e maior satisfação conjugal reportada pelas suas companheiras.

Duas grandes conclusões emergem destes estudos: parece haver evidências da ligação entre envolvimento em rituais familiares e satisfação conjugal; parece haver indícios de algumas diferenças entre homens e mulheres, que poderão ser explicadas por diferenças na participação e vivência dos rituais familiares e diferenças na vivência da relação amorosa.

2.4. Relação entre Vinculação, Qualidade Relacional e Proximidade

A teoria da vinculação tem, ao longo dos últimos quase 30 anos, contribuído significativamente para a compreensão das dinâmicas das relações amorosas e, nomeadamente, das relações conjugais. É importante, contudo, salientar que nem sempre o facto de se ser cônjuge de outra pessoa significa que se seja também figura de vinculação da pessoa com quem se está casado/a (Ziefman & Hazan, 1997, in Duarte, 2005).

Como referiram Hazan e Shaver (1987), no plano das relações íntimas, ambos os elementos podem funcionar como figuras de vinculação. Trata-se, teoricamente, de uma relação simétrica e não complementar, onde os dois elementos do casal “jogam” com as duas faces da moeda; vivem tensões dialécticas como buscar e receber apoio e segurança, partir para a exploração e permanecer na relação, procurar a proximidade e tornar-se próximo e reclamar a presença do outro ao mesmo tempo que terá de se fazer presente também.

A investigação entre vinculação e qualidade relacional é relevante e está bem documentada. Sabemos que o modo como os indivíduos se relacionam consigo próprios e com o mundo do ponto de vista da vinculação está intimamente relacionado com as suas formas de estar, perceber, valorizar e sentir as suas relações amorosas. Mais uma vez se realça o facto de valorizarmos, no âmbito deste trabalho, as percepções de qualidade relacional do ponto de vista do sujeito; são estas percepções, mais do que critérios externos, que nos permitem estabelecer o paralelo entre formas de estar e perceber as relações e as dimensões da vinculação. A relação entre proximidade (tal como definida pelos modelos propostos) e vinculação não parece ter sido ainda muito aprofundada. De qualquer forma, a sua relevância já foi formulada por Collins e Feeney (2004). De acordo com estas autoras, em primeiro lugar, a teoria da vinculação enfatiza a importância dos processos de proximidade e intimidade no desenvolvimento e manutenção da confiança e sentido de segurança nas relações amorosas. Em segundo lugar, a mesma teoria pode esclarecer o modo como as diferenças individuais nos estilos de vinculação moldam a qualidade das relações próximas e íntimas no âmbito de uma relação bem como no âmbito das percepções individuais subjectivas acerca deste tipo de interacções (*ibidem*) Tendo em conta que a relação entre as três variáveis não é o objectivo principal deste trabalho, reportar-nos-emos, apenas, neste ponto, aos resultados da investigação actual que nos surgem como mais significativos.

O grande resultado da primeira linha de investigação (vinculação/qualidade relacional) tem sido a constante associação encontrada entre vinculação segura e níveis mais elevados de satisfação e qualidade relacional (Kirkpatrick, 1998; Mikulincer et al., 2002; Schachner, Shaver & Mikulincer, 2003). Estes resultados têm sido comprovados em diversos estudos que recorreram a diferentes formas de avaliação da vinculação adulta e a diferentes formas de avaliação da satisfação relacional. Mikulincer et al. (2002) fizeram uma análise de 28 estudos entre 1988 e 2000 que avaliavam a relação entre vinculação e satisfação na relação em casais de namorados. Embora com características diferentes em termos de desenho, amostras e instrumentos, todos estes estudos verificaram que as pessoas que apresentavam uma vinculação segura tinham os mais altos níveis de satisfação relacional e que as pessoas com vinculações ansiosas apresentavam os níveis mais reduzidos. Os mesmos autores (Mikulincer et al., 2002)

apresentam também 15 estudos entre 1991 e 1999 com casais casados e os resultados, em geral, vão na mesma direcção.

Os resultados da proximidade, enquanto “inclusão do outro no *self*”, também apontam para uma relação entre a segurança na vinculação e níveis mais elevados de proximidade (Roberts, 2003).

Comentaremos, em seguida, as principais características dos diferentes protótipos de vinculação no contexto das relações amorosas. Parece, de facto, existir uma correspondência entre os modelos internos dinâmicos e as diferentes formas de estar nas relações. Como refere Johnson (2003, pp. 8-9, trad.), “*Os modelos de si próprio e dos outros, destilados a partir de mil interacções, tornam-se expectativas e vieses que são transportados para as novas relações. Não são esquemas cognitivos unidimensionais; são guiões de procedimento de como criar relacionamentos.*”.

Em geral, indivíduos com uma vinculação segura (protótipo **Seguro**) apresentam uma visão positiva de si próprios, do mundo e da natureza humana; têm visões mais românticas do amor e das relações amorosas e apresentam maior capacidade de compromisso e confiança nas suas relações amorosas (Hazan & Shaver, 1987; Simpson, 1990). Os indivíduos seguros apresentam elevados níveis de auto-revelação e de solicitar revelação da parte do companheiro (Keelan, Dion & Dion, 1998 in Schachner et al., 2003), o que beneficia as relações amorosas. Estes indivíduos também têm mais capacidade de “dar o benefício da dúvida” aos seus companheiros quando estes demonstram (ou quando os primeiros assim o interpretam) comentários ou comportamentos potencialmente perturbadores da relação. Num estudo que envolveu a gravação em vídeo de casais de namorados enquanto discutiam aspectos positivos da sua relação, Tucker & Anders (1998, in Mikulincer et al., 2002) verificaram que indivíduos com estilos de vinculação mais seguros tendiam a rir, tocar os seus companheiros, olhar com atenção e a sorrir mais durante esta interacção, por comparação com indivíduos inseguros. De acordo com Davila (2003), os indivíduos seguros procuram o apoio dos seus companheiros em alturas de maior stress/necessidade mas também conseguem lidar com as suas emoções de forma independente; mostram-se disponíveis para os seus companheiros e respondem de forma flexível aos acontecimentos que têm lugar na relação. Estes indivíduos tendem

também a ser bons comunicadores e a serem capazes de resolverem problemas quer em termos gerais, quer no contexto relacional (*ibidem*).

Os indivíduos inseguros com níveis de ansiedade mais elevados e níveis de evitamento mais reduzidos (correspondendo ao protótipo **Preocupado**) tendem a ser vigilantes e preocupados com as suas relações românticas, a experienciar menor satisfação relacional e a apresentar níveis mais elevados de dissolução das suas relações amorosas (Hazan & Shaver, 1987; Collins & Read, 1990). Campbell, Simpson, Boldry e Kashy (2005) verificaram que indivíduos mais ansiosos percepcionavam mais conflito com os/as seus namorados/as e reportavam uma tendência para que estes conflitos escalassem de uma forma mais severa. Estas percepções, por sua vez, apresentavam um impacto negativo na satisfação e proximidade sentida por estes indivíduos, bem como no futuro das próprias relações. De acordo com os autores, indivíduos com elevados níveis de ansiedade podem amplificar as percepções de conflito relacional, contribuindo para a criação do que mais temem, a desestabilização das suas relações românticas. Estes indivíduos, de acordo com Davila (2003), podem exceder-se na prestação de cuidados até ao ponto de se tornarem dominadores; a sua capacidade para comunicar eficazmente é enevoadada por emoções muito intensas. Os indivíduos preocupados tendem a idealizar os seus companheiros e a ser, simultaneamente, muito exigentes e a sentir que as suas necessidades nunca são totalmente supridas.

Os indivíduos que apresentam elevados níveis de evitamento e reduzidos níveis de ansiedade (correspondendo ao protótipo **Desinvestido**) parecem menos interessados nas relações amorosas, em especial, nas relações de longo termo (Shaver & Brennan, 1992). Apresentam, à semelhança dos indivíduos preocupados, níveis mais baixos de satisfação relacional e níveis mais altos de dissolução das relações (Hazan & Shaver, 1987). De acordo com Fraley, Davis & Shaver (1998), os indivíduos evitantes desligados, de forma a prevenir sentimentos de dependência, evitam comportamentos íntimos com os seus companheiros no âmbito de uma relação amorosa, como unir as mãos, contemplação mútua dos dois elementos da relação, carícias e beijos. Em relação à função de prestação de cuidados, os indivíduos evitantes desligados reportaram serem ultra-controladores e críticos quando prestavam ajuda aos seus companheiros e resistirem/retirarem-se quando estes necessitavam de apoio ou de conforto (*ibidem*). Relativamente à procura de cuidados e atenção, os mesmos autores verificaram que os

indivíduos evitantes desligados não recorriam significativamente aos seus companheiros; estes tendiam a não prover, para os indivíduos desligados, as funções relacionadas com a vinculação como porto de abrigo, base segura e manutenção de proximidade. Estes autores salientam ainda que estes indivíduos tenderão a confiar em si próprios, mais do que nos outros, como base segura. A constelação de comportamentos dos indivíduos desligados nas relações amorosas denuncia uma organização defensiva (Fraley et al., 1998). De acordo com Davila (2003), são indivíduos com poucas capacidades de resolução de problemas e comunicação relacional porque preferem lidar sozinho situações e problemas.

Os indivíduos com elevados níveis de ansiedade e de evitamento (correspondendo ao protótipo **Amedrontado**) demonstram alguma da vulnerabilidade emocional e orientação para a proximidade dos indivíduos preocupados mas também evidenciam comportamentos de retirada e evitamento dessa mesma proximidade, à semelhança dos indivíduos desligados (Schachner et al., 2003). Esta recusa tem significados diferentes para os dois protótipos que a partilham. No caso dos indivíduos evitantes amedrontados, parece ser motivada por medo de resultados negativos como rejeição e abuso (Schachner et al., 2003). Davila (2003) caracteriza estes indivíduos como muito sensíveis e vulneráveis com tendência a adoptar atitudes passivas. Em consequência, não se tornam bons comunicadores nem apresentam muitas capacidades de resolução de problemas, tendendo a sacrificar as suas necessidades.

Relembrando as advertências de Davila (2003), estas descrições, e mesmo os resultados das investigações, referem-se a protótipos que são sempre construções de cariz abstracto: as pessoas “reais” nem sempre se encaixam nestes protótipos e podem apresentar aspectos de dois ou mais protótipos; o próprio contexto, quer o relacional, quer o contexto envolvente (se se lida com uma situação de stress ou não) pode levar a que as pessoas exibam comportamentos distintos. Como refere Davila (2003), é importante reconhecer que as pessoas podem ter mais do que um padrão de comportamentos no seu repertório pessoal.

Reflectidas as várias características em termos individuais, é também importante verificar como é que estas interagem entre si na dinâmica conjugal. Cada vez mais os investigadores procuram analisar dados do casal, tendo em conta a multiplicidade de influências que se estabelecem entre diferentes variáveis dos dois elementos da relação.

Assim, é importante perceber qual o efeito que cada estilo e/ou dimensão de vinculação de um dos elementos da relação tem na qualidade relacional do outro. Kirkpatrick (1998), com base em vários estudos, sugere que esta relação pode ser moderada pelo género: em geral, a insatisfação conjugal está mais relacionada com a dimensão de evitamento nos homens e com a dimensão da ansiedade nas mulheres do que vice-versa. Também Schachner et al. (2003) referem este facto relativamente à qualidade relacional, salientando que esta poderá implicar uma androginia mútua ou uma suavização dos estereótipos relativos aos papéis de género. Um estudo mais antigo, de Kirkpatrick e Davis (1994, in Costa, 2005) elucida-nos particularmente sobre as diferenças de género na vivência relacional. Neste estudo verificou-se que homens mais evitantes, em comparação com os seguros, apresentavam menor satisfação, intimidade, carinho e investimento e, em comparação com os ansiosos, apresentavam menor paixão e investimento na relação. As mulheres ansiosas, em comparação com as seguras, apresentavam níveis mais reduzidos de satisfação, de intimidade e de carinho e níveis mais elevados de conflito e ambivalência. As mulheres evitantes apresentavam níveis mais baixos de conflito e ambivalência. Em termos de análise das relações, verificou-se que as percepções relacionais mais negativas provêm de homens evitantes e de mulheres ansiosas; a maior frequência de rupturas parece estar ligada a homens ansiosos e a mulheres evitantes.

Alguns investigadores optam por categorizar os casais e não os indivíduos, que, assim, podem ser seguros, mistos ou inseguros⁹. Schachner et al. (2003) relatam que, nestas investigações, os casais seguros têm apresentado melhores níveis de qualidade relacional do que os outros grupos de casais em termos das percepções de intimidade conjugal, funcionamento da relação e respostas em situação de conflito. Os resultados sobre os casais mistos não são tão claros, sendo, às vezes, apontados como mais próximos dos casais inseguros e, outras vezes, mais próximos dos casais seguros (*ibidem*). Schachner et al. (2003) com base em Feeney (2003, in Schachner et al., 2003), Hazan & Shaver (1987) e Rothbard e Shaver (1994, in Schachner et al., 2003) referem ainda que o elemento seguro da relação poderá amortecer os efeitos negativos do elemento inseguro mas que o processo pode também ser inverso, ou seja, o elemento

⁹ Esta abordagem pode ser limitativa se os indivíduos inseguros não forem distinguidos em termos das suas especificidades. No caso específico do modelo de Bartholomew, há pelo menos 3 protótipos que podem ser considerados inseguros, nomeadamente, o preocupado, o desinvestido e o amedrontado.

inseguro pode desestabilizar a segurança e as características positivas do outro elemento.

Alguns autores têm procurado explicar estas dinâmicas recorrendo à variável proximidade, mais concretamente quando esta é conceptualizada como “inclusão do outro no *self*” (Aron et al., 2004). De acordo com estes autores, parte do que os indivíduos evitantes andam a evitar e do que os indivíduos preocupados andam a procurar é incorporar aspectos de outros em si próprios e fazer incorporar aspectos seus nos outros. Na mesma linha, mas com uma tónica diferente, é considerar que quando os indivíduos incluem o outro no *self*, também poderão incluir o estilo de vinculação do outro, ideia apoiada pelo estudo de Ruvolo e Fabian (1999, in Aron et al., 2004) que verificaram que os companheiros de relações próximas tendem a aproximar o seu estilo de vinculação ao do companheiro. Assim, parte do que estrutura o estilo de vinculação do indivíduo poderá ser precisamente o estilo de vinculação do/a companheiro/a numa relação próxima.

Em conclusão, a vinculação segura parece ser um dos factores mais comumente associados à qualidade e satisfação relacionais e também à proximidade, quando considerada como “inclusão do outro no *self*”. A combinação das características da vinculação dos dois elementos da relação não deixa, contudo, de ser um factor relevante para estudo já que, como refere Duarte (2005), pode conduzir à criação de mecanismos de compensação. Os investigadores da conjugalidade, deverão, deste modo, olhar a vinculação ao par amoroso, a vinculação do cônjuge/ companheiro e a sua combinação (cf. Collins & Feeney, 2004; Costa, 2005; Duarte, 2005). É, pois, um olhar sistémico em que o todo é mais do que a soma das partes. A relação entre vinculação e qualidade relacional é retomada no ponto seguinte, onde especificamente, referimos outras investigações que associam estas variáveis articulando a dimensão temporal.

-EXPEDIÇÃO PELA GALÁXIA-

3. O CASAL E O TEMPO:

Rituais familiares, Vinculação, Qualidade relacional e Proximidade ao longo do ciclo de vida da família

Significant change in someone you love can often feel like a form of infidelity, even if it is recognizable as growth. (...) New ambitions disrupt the lives of whole families. Sometimes they herald changes in economic status or moves to other cities and countries, or changes in texture of daily life to fit a new religious commitment or a return to school. We expect our partners to accept these saying, this is who I really am. If you love me why don't you accept me? But this expectation is inconsistent with the ethos of lifelong learning, because no stage in the process can be guaranteed as the final, correct outcome. Why not say, I am still discovering who I am and surprising myself too: let's take the time to understand how and whether we can still fit together.

Mary Catherine Bateson, 2004

O casal, como qualquer outro sistema relacional, evolui e reconstrói-se, evidenciando a sua natureza dinâmica. O tempo é o pano de fundo das transformações que ocorrem ao longo da vida do casal. Com efeito, o tempo e a mudança são dois factores permanentemente implícitos na abordagem da família (Relvas, 1996) e, por inerência, do sub-sistema conjugal. A história do casal foi comparada por Costa (2005) a um filme com dois realizadores cada um com o seu guião, filme ao qual os terapeutas de casal assistiriam só após o intervalo. O filme que se inicia é muito diferente do filme que está prestes a terminar; do mesmo modo os casais mais novos se distinguem dos casais mais velhos em termos das características dos seus elementos e das características da própria relação. Os investigadores podem optar por assistir ao filme nas suas

diferentes etapas, sabendo que, assim, obterão parcelas informativas e que só a assistência integral lhes poderá dar, simultaneamente, uma visão do todo e uma visão do desenrolar da história. Conscientes destas implicações, vários autores têm chamado a atenção da importância do carácter processual do estudo da conjugalidade e, cada vez mais, convidam à utilização de desenhos de investigação que contemplem a temporalidade inerente às relações, como é o caso dos estudos longitudinais (Bradbury, 1998; Costa, 2005; Narciso, 2002). O tempo e a mudança operam a três níveis articulados entre si e que correspondem aos três elementos do casal: o *eu*, o *tu* e o *nós* (Alarcão, 2000; Caillé, 1991, in Narciso, 2001). O *eu* e o *tu* correspondem a cada um dos sujeitos, às suas características físicas, cognitivas, emocionais e morais; o *nós* diz respeito ao par, ao projecto e processo do casal (Alarcão, 2000). À passagem do tempo, no casal, mudam as pessoas e muda a relação. Numa metáfora que explicita bem a dinâmica da mudança do casal, Bateson (2004) refere-se ao investimento conjugal como um “alvo em movimento”: os elementos individuais do casal modificam-se de tal forma ao longo da vida que é necessário um re-arranjo constante entre si para que se possam encontrar e reconhecer ao longo dos processos de mudança.

Procurámos também, no âmbito deste trabalho, incluir a dimensão temporal do casal para melhor compreender a teia de relações entre as variáveis em estudo. Para concretizar este objectivo, inscrevemos o percurso do casal numa “...sequência previsível de transformações na organização familiar, em função do cumprimento de tarefas bem definidas...” (Relvas, 1996, p.16), ou seja no ciclo vital da família. A opção pelo ciclo vital da família como “organizador” da nossa análise prende-se com duas razões:

- A díade conjugal está integrada no sistema familiar, a sua história está intimamente ligada à história da família (cf. Alarcão, 2000; Sampaio & Gameiro, 1985). A relação com as famílias de origem, o facto de o casal ter filhos ou não, a fase de desenvolvimento em que estes se encontram, entre outros aspectos, estão interligados com os três elementos do casal e com o modo como estes se relacionam entre si. O desenvolvimento do casal não poderá ser compreendido independentemente do desenvolvimento da família.

- O tema principal deste trabalho está intimamente ligado à família como um todo; embora se realcem neste trabalho, as percepções individuais de cada cônjuge e a associação destas com variáveis relacionais do casal, os rituais familiares reportam-se a uma vivência de família. Esta vivência inclui o casal mas também os filhos, as famílias de origem, a família alargada e por vezes, outros elementos da comunidade. De acordo com Fiese e colaboradores (2002), quando se estudam os rituais familiares, foca-se o processo familiar enquanto um todo. Desta forma, a reflexão sobre o enquadramento do casal no sistema familiar ao longo do tempo parece-nos essencial.

O ciclo de vida da família refere-se aos eventos nodais que estão ligados às entradas e saídas dos membros, assim como o nascimento e crescimento das crianças, a saída dos filhos de casa, a reforma e a morte (Duvall, 1957 in Falicov, 1988)¹⁰.

Estes eventos nodais ou “marcadores” (Relvas, 1996) correspondem a momentos de transição entre os estádios de desenvolvimento da família; nestes momentos, há mudanças que demandam adaptações formais ou simbólicas na organização familiar (Falicov, 1988). Existem vários critérios subjacentes às escolhas destes marcadores que deram também origem a diferentes classificações das fases ou estádios do ciclo de vida mas os mais comuns são os que se referem a rituais de iniciação e passagem (casamento e morte) e à posição que cada um dos filhos vai ocupando na família ao longo do tempo (ver Relvas, 1996). A noção de ciclo de vida familiar assenta no pressuposto que a família evolui através de uma série de estádios razoavelmente previsíveis que parece ser relativamente universal apesar das diferenças culturais. A maioria dos seres humanos partilha relógios biológicos ou expectativas sociais semelhantes (entrada na puberdade e menopausa, entrada na escola, reforma, casamento, etc.) e, portanto, a variabilidade relativamente a estas mudanças não é muito elevada (Falicov, 1988). Há pois, uma série de comunalidades que permitem que haja um “guião” do desenvolvimento da vida da família ao longo do tempo.

¹⁰ Keith e Whitaker (1988) realçam o nascimento e a morte como os eventos mais “poderosos” da travessia da família ao longo do tempo. Referem a este propósito que:

“Death and birth are the front and rear wheels for the family journey. (...) We die in being born and are born in our dying. In the family there is a deepened intimacy that goes with having a new baby. The family’s past and future experience collapses into the present. This is the culturally invisible psychosis of intimacy, the heart of the patterns of change and continuity. The collapse into the present induces the feeling of intimacy, of openness, of vulnerability, of confusion and stupidity. There are similar powerful moments in therapy with families, when it feels as if souls touch.” (p. 440).

No entanto, este conceito não é pacífico. Keith e Whitaker (1988) chegam mesmo a dizer que, ao contrário dos indivíduos, as famílias não têm ciclos de vida. Outros autores (Alarcão, 2000; Falicov, 1988; Relvas, 1996) consideram que este conceito é extremamente útil mas relembram as suas limitações e os perigos que pode comportar se as primeiras não forem tidas em conta. A limitação principal é o facto de as várias categorizações do ciclo de vida retratarem uma família típica de classe média, nuclear e intacta. Como referem Keith e Whitaker (1988), as famílias são infinitas e as suas múltiplas formas não estão contempladas em nenhuma possível categorização do ciclo de vida. Deste modo, é necessário não normalizar essas categorizações (Alarcão, 2000); é importante assumir que o ciclo de vida da família retrata uma família anónima e abstracta e esta não pode ser elevada a protótipo de família “normal” ou “ideal” a que as outras famílias se deverão equiparar. Perante as limitações deste conceito, Falicov (1988) propôs que se adoptasse complementarmente o conceito de desenvolvimento familiar. Este é um conceito mais abrangente que se refere a todos os processos transaccionais co-evolutivos ligados ao crescimento da família. De acordo com Falicov (1988), o desenvolvimento familiar é um conceito mais inclusivo e dinâmico, permitindo apreciar a trajectória desenvolvimental de cada família na sua especificidade. Para esta autora, mais do que um percurso espartilhado, a família desenvolve-se, num processo ininterrupto; retira-se a ênfase da mudança de certos períodos específicos (como os pontos nodais do ciclo vital) para se considerar que esta acontece sempre e continuamente.¹¹

Concordamos com Falicov (1988) relativamente à articulação dos dois conceitos para o estudo das famílias. Ao longo deste ponto, iremos percorrer diferentes estádios do ciclo de vida; contudo, faremos referência também a processos do desenvolvimento familiar. O ciclo de vida é um orientador da nossa reflexão, uma classificação que nos permite organizar a informação sobre os casais e as variáveis em estudo. A classificação do ciclo de vida em que nos apoiámos foi a proposta por Relvas (1966) e,

¹¹ Aqui, impõe-se uma clarificação. É importante relembrar, como o fez Falicov (1988), que a mudança ocorre nos períodos “internos” de cada estádio e não apenas nos períodos de transição inter-estádios. Contudo, isto não significa que não reconheçamos que, nestes últimos, a mudança é mais premente e notória. Se considerarmos que há momentos do desenvolvimento da família em que a dialéctica estabilidade/mudança pende mais para um dos pólos, os momentos de transição seriam momentos mais de mudança do que de estabilidade. Relvas (1996) refere-se, ainda, à qualidade da mudança: os momentos de transição seriam mudança de tipo 2 na tipologia da escola de Palo Alto, ou seja, mudança profunda e global do sistema (morfogénese) por oposição à mudança no sistema, de tipo 1, mais superficial e parcial (morfoestase).

posteriormente, revisitada por Alarcão (2000). Esta compreende 5 etapas (Relvas, 1996):

Primeira etapa – *Formação do casal*

Segunda etapa – *Família com filhos pequenos*

Terceira etapa – *Família com filhos na escola*

Quarta etapa – *Família com filhos adolescentes*

Quinta etapa – *Família com filhos adultos (ninho vazio)*

Ao longo do ponto seguinte, iremos reflectir sobre cada uma das etapas e sobre as suas características específicas. Esta reflexão geral servirá de base para um comentário mais específico sobre as variáveis em estudo e o modo como estas adquirem diferentes contornos nos diferentes momentos da vida da família. Em relação a este comentário mais específico, o modo de apresentação e os temas focados não são uniformes ao longo das etapas. Tal deve-se à diversidade de produções teóricas e de investigação em diferentes momentos do ciclo de vida: quer em termos dos rituais familiares, quer em termos de vinculação e qualidade relacional, existem muito mais estudos relativos às primeiras etapas da vida do casal e da família em comparação com as restantes.

3.1. Primeira etapa: Formação do casal

Let's see colours that have never been seen

Discover places no one else has been

U2, *Electrical storm*, 2003

De uma forma geral, o período inicial de uma relação (que pode ser só durante o namoro ou incluir a formação do casal) é um período de construção de planos e de sonhos, de projecção idealizada do futuro a partir da fusão e ilusão do momento presente (cf. Alarcão, 2000). Quando é que dois indivíduos se tornam um casal? Relvas (1996, p.51) considera que “*o casal surge quando dois indivíduos se comprometem numa relação que pretendem se prolongue no tempo*”. O casamento enquanto formalização deste propósito pode acontecer ou não mas o essencial é o desejo de viverem juntos, a criação de uma nova família e um modelo de relação próprio, ou seja,

para se considerar a existência do casal é sobretudo importante o processo e não tanto o momento de mudança que acontece através do casamento (cf. Relvas, 1996).

O jovem casal depara-se com uma série de tarefas desenvolvimentais, sendo a mais relevante a articulação entre individualidade e conjugalidade. Grande parte das mudanças decorre do facto de “viver com” (Singly, 2000). Os dois elementos do casal têm de negociar a vivência a dois, o que implica tomar uma série de decisões desde as mais simples relativas ao quotidiano (divisão de tarefas, gestão do tempo individual e do tempo comum) e às ocasiões especiais como férias, Natais, aniversários, etc. (o que fazer, onde, quem incluir, quem excluir e em que situações). Os significados associados a esta fase são normalmente “novidade”, “construção”, “início de vida”. Embora estes sejam correctos – afinal, é um novo sistema familiar que nasce – parece-nos importante não esquecer que este processo de formação do casal, para além dos ganhos, também implica perdas. Esta dualidade foi brilhantemente ilustrada pela metáfora dos elementos do casal como “ex-solteiros” (Lourenço & Henriques, 2000): assim se reconhece que o homem e a mulher têm de renunciar a hábitos antigos, integrar o cônjuge em certas ocasiões que, anteriormente, viviam sozinhos e inclui-lo na maioria dos seus planos e projecções para o futuro.

Uma das questões mais importantes na articulação entre a individualidade e a conjugalidade é, sem dúvida, a relativa às heranças das famílias de origem. A referência a este tema é recorrente na literatura (Alarcão, 2000, Relvas, 1996, Relvas; 2000); Sampaio e Gameiro (1985, p.99) afirmam mesmo que “*o casamento é uma união de dois fantasmas, cada um com o seu cortejo de crenças atrás*”, crenças que têm a sua génese no processo de crescimento nas respectivas famílias. A díade conjugal estabelece laços com estas famílias de origem, quer através das relações de cada um, quer através da participação (em maior ou menor grau) no quotidiano da nova família e vice-versa (Sampaio & Gameiro, 1985).

Em seguida, vamos focar uma abordagem que nos permite compreender a influência das famílias de origem na construção de uma nova família. Trata-se da proposta de Wamboldt e Wolin (1989). Estes autores apresentam e reflectem vários conceitos relacionados com a família, nomeadamente, conceitos mais abrangentes, o de paradigma e identidade (já abordados no primeiro capítulo) e ainda, conceitos mais específicos como realidade e mito familiar. A realidade familiar é definida como uma

construção de grupo que organiza a experiência da família e coordena as suas acções; a realidade familiar não pode ser discutida através da palavra mas sim inferida através dos comportamentos do grupo-família. O mito familiar, por outro lado, refere-se aos indivíduos; ou seja, é a sua história da família. O mito é o mapa que cada membro da família constrói da realidade familiar (Wamboldt & Wolin, 1989). No início da relação de casal, segundo Wamboldt e Wolin (1989), cada indivíduo traz consigo o seu mito familiar que construiu a partir da realidade da sua família de origem. À medida que o casal articula e integra as suas respectivas posições, através de processos transaccionais, começa a moldar a realidade da sua nova família (*ibidem*). Estes autores levaram a cabo um estudo denominado “Projecto de desenvolvimento das relações” (1989) para investigar a importância destes processos transaccionais na escolha do par amoroso e no início de vida em comum. Através de entrevistas semi-estruturadas a casais novos (mas ainda não casados), Wamboldt e Wolin (1989) identificaram três posturas relativas aos mitos familiares destes jovens adultos: *Aceitar e Continuar*, *Processar e Lutar* e *Desligar e Repudiar*.¹²

Aceitar e Continuar

Alguns indivíduos provêm de famílias cuja realidade sempre se revelou adequada; as suas experiências noutros contextos (escola, trabalho, grupo de pares, etc.) não colidiram com a realidade da sua família e, portanto, não houve a necessidade de a reconstruir. Desta forma, estes indivíduos tenderão a aceitar e continuar um mito familiar que seja semelhante à realidade da família de origem. Ao despreverem a sua família, estes indivíduos demonstram orgulho e tecem elogios ao modo como esta está organizada em geral e aos seus membros em particular.

Processar e Lutar

Outros indivíduos entram nas relações amorosas com uma posição mais intermédia, ou seja, um pouco mais desligados ou desinvestidos da realidade da sua família de origem. Em geral, estes indivíduos reconhecem os aspectos positivos da sua família mas sentem-se compelidos a processar e a lutar relativamente a algumas questões familiares que nunca foram resolvidas de modo satisfatório naquele contexto.

¹² Apesar de esta classificação ter um importante valor heurístico, os autores salientam as suas limitações: a amostra é reduzida (16 casais) e, assim, não se pôde verificar a incidência de cada uma destas posturas na população mais vasta; esta classificação baseou-se no conteúdo verbal das respostas dos participantes, reconhecendo os autores que os mitos familiares se constroem também de temas e processos de cariz inconsciente que não foram avaliados neste estudo.

Estes indivíduos, à semelhança dos do primeiro grupo, expressam aspectos positivos sobre a sua família de origem mas, e contrariamente ao que acontece no primeiro grupo, também descrevem áreas do funcionamento familiar questionáveis ou até mesmo problemáticas. O mito familiar que construiu é complexo e ambivalente e, na sua nova família, estes indivíduos tenderão a querer manter alguns aspectos satisfatórios da família de origem e a abolir os aspectos problemáticos.

Desligar e Repudiar

Outros indivíduos descrevem a realidade da sua família de origem como severamente inadequada e, até mesmo, como um fracasso. São indivíduos determinados a cortar com a realidade familiar antiga e construir a nova família “do zero”. As descrições destes indivíduos incluem episódios de tensão e de conflito e de necessidades afectivas não cumpridas. Para uma nova realidade familiar, construir-se-á também um novo mito familiar.

Os autores (*ibidem*) descrevem o modo como estes indivíduos se poderão emparelhar como casais e especulam sobre os respectivos prognósticos relacionais: o melhor é o dos casais compostos por dois elementos que aceitem e continuem as realidades familiares; a sua união terá por base a similaridade. Esta postura no início do casamento parece ser positiva porque os recursos das famílias de origem estão presentes e acessíveis e ambos os elementos do casal têm um modelo bem sucedido de como é que uma família deve funcionar. Seguem-se os casais compostos por dois elementos que estejam a processar e a lutar a realidade da sua família de origem. O início de casamento para estes é uma “crise estimulante”, juntos tentam “trabalhar” nas zonas problemáticas das suas famílias de origem. Os indivíduos que se encontrem a desligar e a repudiar a realidade das suas famílias podem fazê-lo de duas formas: uma é emparelhar-se com um “salvador”, alguém que esteja a aceitar e continuar ou a processar e lutar e que lhe possa oferecer um modelo diferente de “ser família”; a outra é juntar-se a outro indivíduo que também esteja a desligar e a repudiar para juntos construírem um novo começo.

Esta proposta é, como os próprios autores referiram, bastante limitada e não se encontra apoiada por um corpo empírico sólido. A própria questão dos prognósticos relacionais é discutível: os autores não previram as várias possibilidades de emparelhamento e, para além destes, há muitos outros factores que contribuem para a qualidade relacional no tempo. No entanto, esta visão não deixa de ser interessante e útil

para, no âmbito deste trabalho, se pensar como é que um casal começa a sua vida ritual. É certo que cada nova família cria os seus próprios rituais e rotinas mas estes contém frequentemente vestígios dos rituais e rotinas das gerações anteriores (Bennett, Wolin & McAvity, 1988).

O primeiro grande ritual do casal e que assinala a transição para o primeiro estágio da família é o casamento. Este é talvez o mais ritualizado de todos os eventos do ciclo vital da família (Fiese, 2006a); nesta ocasião, há papéis bem definidos (noiva, noivo, pais dos noivos, padrinhos, meninos das alianças, jovem solteira que recebe o “ramo” da noiva, etc.) e há uma estrutura mais ou menos formalizada como se todos soubessem o que esperar nos vários momentos da celebração. É também uma celebração rica em símbolos que assinalam a transição: a “mãe conduz o noivo” e o “pai entrega a noiva”, representando a transição das famílias de origem para uma nova família; o atirar de pétalas e de arroz aos noivos simbolizando desejos de felicidade e de fertilidade. Não só a vivência, como também a preparação deste evento implicam que o casal tome determinado tipo de decisões: quem é convidado, quem é excluído, onde se realizará a cerimónia e como, qual o peso da influência das respectivas famílias de origem nesta ocasião, etc. A forma idiossincrática como o casal organiza este evento é, desde logo, reveladora das posturas a adoptar como se fosse uma espécie de metáfora inicial que contém em si o gérmen do desenvolvimento da vida da nova família. Mais especificamente, em termos da vivência dos rituais, poder-se-á analisar se os noivos aceitam e continuam a realidade das suas famílias de origem (preparando o casamento semelhante aos dos pais, de acordo com as expectativas da família de origem), se processam e lutam (procurando dar um cunho próprio à celebração e afastando-se, em alguns aspectos do que seria esperado pelas respectivas famílias de origem) ou se desligam e repudiam essa realidade (através da exclusão deliberada de alguns membros da família de origem e da realização de uma celebração totalmente diferente em que não se reconheça continuidade em relação às famílias de origem).

O início de vida em comum é também um momento que implica decisões em relação aos rituais dos dois elementos do casal, agora juntos na nova família. Estas decisões envolvem, por um lado, escolher que eventos e momentos serão assinalados (estes poderão ser diferentes consoante as famílias) e, por outro, como é que isso será feito. Há também dois planos de decisão: o primeiro é relativo à dimensão mais nuclear

da nova família, isto é, como é que os cônjuges irão organizar o seu quotidiano, que rituais e rotinas estabelecerão na nova fase de vida em comum; o segundo é relativo à dimensão mais alargada da nova família, ou seja, como é que os cônjuges irão articular e gerir as relações com as respectivas famílias de origem. Esta dimensão inclui resoluções como quando visitar e quando receber as famílias de origem de cada um, com quem passar o primeiro Natal e estabelecer (ou não) um critério para os Natais seguintes, que tipo de comemoração de aniversário realizar, entre outros. Sabemos que a relação com as famílias de origem vai muito mais para além dos rituais familiares. No entanto, consideramos que é nestas alturas que a matéria dessas relações se concretiza realmente e se traduz por decisões não adiáveis (não se podem adiar o Natal, os aniversários e outras celebrações deste género; a “não-decisão” é, neste plano, impossível); é também nestas ocasiões que o casal é compelido a gerir estas relações e a decidir sobre elas em conjunto. Retomando a proposta de Wamboldt e Wolin (1989), é importante que os mitos familiares de cada um dos cônjuges possam conviver entre si, ou seja, que as expectativas que cada um dos elementos traz para a construção de uma nova família (sobre como esta deve ser ou não ser) não entrem em rota de colisão.

Em relação à vinculação, iremos primeiro reflectir sobre as questões do emparelhamento dos indivíduos e, posteriormente, sobre as questões da estabilidade e mudança ao longo da vida.

Será que os indivíduos com diferentes protótipos de vinculação se juntam aleatoriamente? A resposta a esta questão é-nos dada por Kirkpatrick (1998): todos os indivíduos preferem companheiros seguros para uma relação de longo termo mas vários estudos sugerem que os indivíduos seguros tendem a construir relações com outros indivíduos seguros e que os inseguros tendem a construir as suas relações com outros indivíduos inseguros. Relativamente à duração da relação, as relações de mulheres ansiosas com homens evitantes são tão estáveis no tempo como as que ocorrem entre cônjuges seguros. A taxa mais elevada de dissolução da relação pertence aos casais em que o homem é ansioso e a mulher evitante (Mikulincer & Florain, 1999).

Relativamente à dimensão da estabilidade e mudança, há duas questões fundamentais que importa distinguir: a primeira é a questão da estabilidade dos protótipos de vinculação ao longo do tempo; a segunda é a reflexão sobre a relação entre essa mesma questão e as relações de casamento. Em relação à primeira questão,

Scharfe (2003), a partir de dados de vários estudos, diz-nos que em termos de estabilidade a curto prazo, cerca de 70% das amostras são estáveis em termos de vinculação adulta. Quando a estabilidade é analisada com base em períodos temporais mais longos, este valor não é tão alto. Fuller e Fincham (1995, in Scharfe, 2003), num estudo com 44 casais, verificaram níveis moderados de estabilidade de medidas categoriais e dimensionais de vinculação adulta ao longo de dois anos, tendo Kikpatrick e Hazan (1994, in Scharfe, 2003) obtido resultados semelhantes numa amostra de adultos ao longo de quatro anos. O estudo que avaliou a estabilidade da vinculação ao longo do período de tempo mais longo foi o de Klohnen e Bera (1998, in Scharfe, 2003). A vinculação adulta foi avaliada numa amostra de mulheres aos 27, 43 e 52 anos de idade, tendo-se obtido correlações entre .49 e .75 ao longo dos 25 anos do estudo. Numa amostra de recém-casados, Davila, Karney e Bradbury (1999) verificaram, ao longo de dois anos e meio, que as correlações dos resultados das medidas de vinculação se encontravam entre .50 até .81, sendo os resultados ligeiramente mais elevados para as mulheres.

Para além de se verificar se há ou não mudança, os investigadores têm procurado também verificar que factores estão na origem das mudanças que ocorrem em 30% dos casos. No mesmo estudo, Davila e colaboradores (1999) apuraram quatro principais factores que poderiam influenciar estas mudanças: mudanças nos esquemas relacionais, eventos e circunstâncias situacionais, variáveis de personalidade e combinação entre estas últimas. A exploração destes factores é ainda um tema em aberto no âmbito do estudo da vinculação adulta. Em relação à relevância do casamento para esta mudança, como nos diz Duarte (2005), a questão não é pacífica. Davila e colaboradores (1999) referem que os indivíduos poderão tornar-se mais seguros ao longo do tempo de casamento, cada vez receando menos serem abandonados. Outros autores (cf. Duarte, 2005) consideram que este efeito se deve ao factor acomodação e não à influência da relação de casamento nos processos de vinculação. Apesar de alguns estudos terem encontrado maior segurança em termos de vinculação ao longo do tempo, este dado não é totalmente aceite. Scharfe (2003), por exemplo, alerta que se trata de uma questão dependente dos índices estatísticos considerados. A investigação está longe de oferecer um quadro completo da evolução dos protótipos de vinculação ao longo do tempo: mais estudos são necessários, nomeadamente, estudos longitudinais que realmente permitam

uma avaliação da vinculação ao longo do ciclo de vida; actualmente, embora já se comecem a ter pistas sobre este percurso, a maioria dos dados ainda provém de amostras de jovens adultos em relações de namoro e de casamento. Consideramos, com John Bowlby, que os modelos internos dinâmicos subjacentes aos protótipos de vinculação encontram, ao longo da vida, muitas oportunidades de revisão e a investigação ainda só agora começou a juntar as peças deste *puzzle* complexo.

Também a qualidade relacional varia ao longo do ciclo de vida. A investigação sobre este domínio tem encontrado resultados heterogéneos: alguns estudos apontam um aumento regular da satisfação ao longo do tempo, outros indicam um declínio nos primeiros anos de casamento e outros ainda evidenciam uma padrão curvilíneo caracterizado por níveis elevados de satisfação nos primeiros anos de casamento seguidos de um declínio durante cerca de 10 a 20 anos e de um aumento após a meia idade (cf. Narciso, 2001).

De qualquer forma, vários autores já reconheceram a importância crítica dos primeiros anos da relação (Leonard & Roberts, 1998). Leonard e Roberts (1998) e chamam a atenção, especificamente, para a importância da resolução dos conflitos nos primeiros anos de casamento; de acordo com estes autores, é nesta fase inicial que geralmente se revelam e confrontam as principais zonas de conflito entre os elementos do casal. No seu estudo longitudinal, uma amostra de recém-casados foi avaliada em três momentos ao longo dos primeiros três anos de casamento. Ao longo do primeiro ano, verificou-se um declínio geral da percepção da qualidade do casamento: (sendo, contudo, importante referir que nem todos os casais experienciaram este decréscimo: 50% dos casais sofreram um decréscimo de meio valor do desvio-padrão da amostra, mas 13% aumentaram, na mesma medida, os seus níveis de satisfação). Os principais preditores deste declínio da qualidade do casamento (6% no total) foram variáveis como pertencer a uma minoria étnica, ter tido um menor tempo de relação pré-casamento, haver pelo menos uma criança e estatuto sócio-económico mais baixo. Outros preditores (2%) deste resultado foram factores ligados à personalidade dos cônjuges, como por exemplo elevados níveis de neuroticismo nas mulheres (mas não nos homens). Também os problemas de alcoolismo nas mulheres se revelaram um preditor (1%). Ao contrário da hipótese inicial dos autores, os conflitos não se revelaram preditores independentes do declínio na qualidade do casamento. Relembrando a proposta de Gottman, os

conflitos fazem parte das relações de casamento e, alguns deles, perduram ao longo do tempo revelando-se questões “permanentes”. Para este autor, o importante é a forma como os elementos do casal “coexistem” com esses conflitos e os conseguem gerir (Gottman & Silver, 1999). Também Costa (2005) considera que, numa relação de intimidade, os elementos do casal não negam os conflitos mas são capazes de os integrar, contribuindo para o crescimento da relação. Num outro estudo, Lindahl, Clements e Markman (1998), num estudo longitudinal mais prolongado no tempo (nove anos), encontraram um declínio na satisfação conjugal nos primeiros quatro anos de casamento, seguido de um período de estabilização.

Também Kurdek (1998), num estudo longitudinal ao longo dos seis primeiros anos de casamento, observou um decréscimo da satisfação conjugal, sendo este decréscimo mais pronunciado entre os anos primeiro e segundo do casamento. Os factores que este autor encontrou associados a este declínio foram a presença de filhos na fase inicial do casamento; decréscimo da satisfação dos cônjuges com o suporte social recebido, decréscimo da “fé” ou confiança na relação, do valor da ligação e da força dos motivos intrínsecos para estarem casados e com um factor associado às mulheres; o aumento da sua afectividade negativa e crenças disfuncionais acerca da relação. Um contributo relevante deste estudo foi ter verificado que a variabilidade da mudança na satisfação conjugal ao longo dos primeiros seis anos de casamento era explicada por padrões de mudança ao longo dos primeiros quatro anos, mais do que por variáveis de risco avaliadas no momento do casamento. Este dado, salienta o autor (Kurdek, 1998), é coerente com uma perspectiva dialéctica das relações, isto é, permite compreender que a mudança é um factor presente nos processos conjugais desenvolvimentais. Mais do que perceber se um casal tem ou não os ingredientes iniciais necessários para um casamento satisfeito, é importante perceber as mudanças que continuamente têm lugar no palco conjugal.

Em termos de proximidade, tanto a proximidade enquanto “inclusão do outro no *self*”, como a proximidade enquanto interdependência parecem estar associadas a menores níveis de ruptura relacional (Aron et al., 1992; Berscheid et al., 1989). No entanto, estes dados são provenientes de casais de namorados e o tempo entre a avaliação da proximidade e da manutenção da relação foi apenas de 3 meses; não é possível saber se esta associação persistirá se o intervalo de tempo for alargado.

Em conclusão, esta análise permitiu entrever alguns dos desafios inerentes à primeira fase do casamento. Os recém-casados têm de negociar uma divisão de papéis e responsabilidades, construir, adoptar e reformular rituais familiares e de casal, estabelecer ou redefinir laços familiares como indivíduos e como casal com as famílias de origem e com o grupo de pares de cada cônjuge e, ainda, aprender formas de manter e nutrir a sua relação em contínuo desenvolvimento (cf. Leonard & Roberts, 1998). Esta fase pode ser mais ou menos prolongada; geralmente, é a chegada do primeiro filho que impulsiona a grande mudança no contexto familiar, como se analisará de seguida.

3.2. Famílias com filhos pequenos

Births are new beginnings and at the same time extrapolations of the past. They force a heightened intimacy on families. The grandparents remember when their babies were born. The new grandmothers describe their breast-feeding experiences to the new mothers, along with other richly embossed family stories. Emotional skinner is thinner, personal vulnerability increased.

David Keith e Carl Whitaker, 1988

As várias classificações do ciclo vital da família consideram que o nascimento do primeiro filho é o acontecimento-chave que propicia a transição para uma nova fase da família (cf. Relvas, 1996). Como nos relembra Alarcão (2000), é a partir deste momento que emergem dois novos sub-sistemas familiares (parental e filial); impõem-se reorganizações relacionais intra e inter-familiares e inter-sistémicas. Esta autora salienta também que, com o nascimento do primeiro filho, os casais sobem de geração, passando a experienciar o que anteriormente pertencia ao universo dos seus pais; estes, para além de vivenciarem uma nova etapa como pais (pais de filhos com filhos), também assumem um novo estatuto e papel enquanto avós. Este parece ser, de facto, um momento altamente mobilizador na família. Em muitos casos, o nascimento do filho, o

seu antes (a experiência de gravidez) e o seu depois (os primeiros meses em que o bebê requerem mais cuidados) proporcionam um retorno dos elementos do casal às suas famílias de origem. As relações entre os vários elementos são revistas à luz de uma nova configuração da realidade. Partilham-se histórias familiares que, por um lado, reforçam os laços entre os vários elementos da família e, por outro, os preparam para os novos papéis. Como está presente na citação de Keith e Whitaker (1988), a pele emocional das famílias torna-se mais sensível: a possibilidade de desenvolvimento da coesão e intimidade familiares vem acompanhada do risco de desilusões e mágoas mais fundas que podem conduzir a fracturas relacionais.

É talvez, por isso, que este momento da vida familiar está envolto em tantos paradoxos. Em termos de expectativas, é esperado que o nascimento de um filho traga maior felicidade ao casal, que aproxime gerações e que estabilize o núcleo familiar. Como refere Relvas (1996), o primeiro filho chega à família envolto em mitos de felicidade, como um desejado D. Sebastião que traz a consigo a realização das expectativas individuais e familiares. Mas a literatura tem evidenciado que nem sempre a realidade corresponde a esta imagem idealizada. O nascimento de um filho pode trazer decréscimo na satisfação conjugal e, muitas vezes, iniciar fendas que, mais tarde, poderão conduzir ao divórcio (Gottman et al., 2002; Keith & Whitaker, 1988). O apoio (ou a sua falta) por parte das famílias de origem pode ser uma fonte de conflito, nomeadamente, quando há abusos de poder, choque entre modelos educativos, expectativas de apoio não cumpridas e deslocamento de outras problemáticas relacionais (cf. Alarcão, 2000). Nestes casos, os acontecimentos negativos que ocorrem nesta fase podem ser ainda mais acentuados pela disparidade entre o que se vive e que era esperado. “As coisas não deviam ser assim” e/ou “algo de muito errado está a acontecer comigo/conosco/com a família”, são verbalizações que traduzem esse choque cognitivo-emocional.

Para o casal, a articulação entre conjugalidade e parentalidade parece ser o desafio principal desta fase. É a partir desta dialéctica que organizaremos as reflexões seguintes.

Vários estudos têm apontado a transição para a parentalidade como um período crítico para a satisfação conjugal. Gottman et al. (2002) referem que 67% dos casais (e na sua maioria, mulheres) experienciaram uma queda significativa na satisfação

conjugal. Também Kurdek (1998) apurou que um dos factores responsáveis pelo decréscimo na satisfação dos cônjuges nos primeiros anos de casamento era a presença de filhos. Estes são dois exemplos dos vários estudos que encontraram o mesmo padrão de resultados. No entanto, Lindahl et al. (1998) lançam a questão: será que este decréscimo é realmente devido ao nascimento do primeiro filho ou corresponde a uma tendência desenvolvimental mais geral? Estes autores, num estudo longitudinal compararam casais com filhos e casais sem filhos com o mesmo tempo de casamento, uma abordagem diferente da maioria dos outros estudos que, ao analisarem a transição para a parentalidade, avaliam os mesmos casais nos momentos anterior e posterior ao nascimento do primeiro filho. Lindahl et al. (1988) verificaram que os dois grupos de casais não diferiram entre si em termos de satisfação com o casamento. A questão complexifica-se; é importante não só analisar quais as mudanças associadas ao nascimento do primeiro filho que afectam a satisfação conjugal, mas também que factores podem mediar esta relação.

Quando nasce o primeiro filho, as rotinas quotidianas da família alteram-se totalmente. Os pais têm de se adaptar às necessidades do bebé e criar rotinas ligadas à alimentação, ao banho, à hora de dormir, à mudança de fraldas (Fiese, 2006a). Pode ser necessário um tempo de adaptação mais ou menos prolongado até que se estabeleça uma ordem mais ou menos previsível do dia-a-dia familiar. Fiese e colaboradores (1993) compararam as rotinas e rituais de 115 famílias. Verificaram que nas famílias em que o filho mais velho era ainda pequeno, havia menor previsibilidade nas rotinas e menor afecto e simbolismo associado aos rituais familiares do que em famílias cujo filho mais velho se encontrava já em idade pré-escolar. Este dado é muito interessante pois evidencia diferenças significativas nas rotinas e nos rituais de famílias com filhos pequenos e com filhos em idade pré-escolar, idades bastante próximas. A vida ritual das famílias com filhos mais pequenos atravessa um período crítico: a enorme exigência dos primeiros anos da criança, a inexperiência dos elementos do casal enquanto pais e todas as mudanças associadas a este período de transição podem traduzir-se numa maior indisponibilidade para uma vivência significativa dos rituais. Consequentemente, os benefícios associados aos mesmos não ocorrem tão intensamente nesta fase. Este estudo permitiu também verificar a associação entre significado dos rituais e satisfação conjugal. Embora esta associação fosse positiva para os dois grupos, uma análise de

clusters (onde se identificaram famílias com diferentes níveis de significado dos rituais) permitiu verificar uma particularidade. Para as famílias do grupo de baixo significado dos rituais, as mulheres do grupo pré-escolar reportaram menor satisfação conjugal do que as mães do grupo dos bebês. Este dado parece indicar que rituais familiares são especialmente importantes para a percepção da relação conjugal das mulheres após os primeiros anos de casamento. De acordo com Fiese et al. (1993), para um casal com um filho em idade pré-escolar, os rituais familiares podem oferecer uma oportunidade para a renovação de uma parceria que havia sido negligenciada durante o período intensivo de prestação de cuidados aos filhos mais pequenos.

Neste estudo, os autores realizaram também entrevistas. Embora não apresentando uma análise específica das entrevistas, utilizam alguns dados das mesmas para ilustrar as diferenças entre os grupos das famílias da primeira infância e pré-escolar. Os primeiros, quando questionados em relação à sua vida ritual, descreviam frequentemente o assinalar do aniversário de casamento ou saídas a dois que organizavam sem a criança. Os segundos descreviam muito mais os rituais relacionados com os seus filhos como a organização de aniversários e saídas familiares em conjunto. São dados bastante interessantes do ponto de vista da relação entre rituais familiares e identidade familiar. Os autores (*ibidem*) constataram que os casais com filhos ainda bebês expressavam uma identidade mais ligada à sua relação como casal, enquanto os casais com filhos em idade pré-escolar expressavam uma identidade mais ligada às relações entre múltiplos membros da família, incluindo já as crianças. Com efeito, à medida que a criança cresce, vai-se tornando um elemento mais activo e interventivo na vida ritual da família. Como refere Fiese (2006a), as rotinas do contexto familiar, para além de serem importantes para o desenvolvimento saudável das crianças e complementarmente do sentido de competência dos pais, podem evoluir para rituais familiares com importantes significados para os membros da família.

Em conclusão, é nesta fase, com o nascimento do primeiro filho, que os casais iniciam a sua jornada adulta de “ritualizadores” no sentido proposto por Erikson (1966, 1977), ou seja, enquanto responsáveis pelo conteúdo e forma dos rituais que decidem integrar nas vivências da geração seguinte.

3.3. Família com filhos na escola

“A relação entre estes dois sistemas, a família e a escola, tem tanto de inevitável como de construído. Por outras palavras, ambos os sistemas estão impossibilitados de se furtarem ao encontro...”

Madalena Alarcão, 2000

A entrada do primeiro filho na escola significa o encontro de dois sistemas: a família e a escola (Alarcão, 2000). Este é um importante momento do processo centrífugo da família já iniciado aquando do nascimento dos filhos (Alarcão, 2000): a família abre-se ao mundo exterior, visita novos espaços, estabelece novas relações; e também se expõe ao *feedback* dos elementos do sistema escolar, nomeadamente, dos professores. De uma forma mais ou menos implícita, a entrada dos filhos na escola é um “teste” à família, à sua capacidade enquanto contexto socializador primário.

Esta macro-mudança gera uma série de micro-mudanças ao nível do contexto familiar: é necessário renegociar horários, tarefas parentais (ajuda nos trabalhos de casa, levar e trazer a criança da escola, decidir quem é o encarregado de educação, etc.), considerar novas despesas no orçamento familiar, entre outros. O quotidiano familiar altera-se novamente. Algumas das rotinas e rituais característicos das fases anteriores têm de ser repensados e outros são criados de acordo com a nova organização do tempo familiar. A importância da vida ritual das famílias para o desenvolvimento das crianças começa cada vez mais a ganhar reconhecimento. Num estudo longitudinal, Fiese (2000, in Fiese 2006a) verificou que a existência de rotinas no quotidiano das crianças, quando estas tinham 4 anos, predizia o seu sucesso académico avaliado aos 9 anos de idade. Esta autora (2002, in Fiese 2006a) também verificou a questão da estabilidade das rotinas e rituais ao longo do tempo e a sua relação com o sucesso académico das crianças. Nas famílias que mantiveram altos níveis de investimento nos rituais familiares e que valorizaram o seu significado afectivo ao longo dos cinco anos do estudo, encontravam-se as crianças com resultados mais elevados em provas de realização académicas. Pelo contrário, nas famílias que sempre apresentaram baixos níveis de investimento nos rituais ao longo do tempo encontravam-se as crianças com os resultados mais baixos nas mesmas provas. Outro grupo de famílias apresentava um

decréscimo do investimento nos rituais ao longo do mesmo período de tempo: as crianças destas famílias apresentavam resultados intermédios.

Também a literacia tem sido estudada sob o ponto de vista dos rituais: alturas como a hora de jantar na família são consideradas excelentes oportunidades para o ensino da linguagem; a criação de rituais familiares em torno da leitura (por exemplo, leitura conjunta entre pais e filhos) tem sido associada, de forma positiva, com o desenvolvimento da linguagem e o sucesso escolar. Outros estudos associam a presença de rotinas regulares no contexto familiar com menor probabilidade de problemas comportamentais (Sytsma et al., 2001, in Fiese, 2006a) e maior capacidade de auto-regulação (Brody & Flor, 1997, in Fiese, 2006a).

Em suma, as rotinas e rituais familiares estabelecidos no contexto familiar parecem ser facilitadores da adaptação da criança à escola, quer em termos da sua realização escolar, quer em termos da sua integração relacional, dois aspectos distintos mas intimamente ligados. O facto de a própria escola ser um contexto com rotinas (e, potencialmente, rituais) específicas permite compreender como é que uma criança que interiorizou o sentido do tempo “organizado” na família, possa facilmente transferir essa capacidade para este novo contexto.

Mas, é altura de perguntar: então, e os pais? Os pais são, sem dúvida, os responsáveis pela organização da vida ritual da família, não se podendo, no entanto, negar o papel activo da criança (que, aos poucos, negocia a hora de dormir, declara as suas preferências ao jantar, recorda e reclama hábitos passados) e a natureza transaccional das relações familiares (Fiese, 2006a). Mas...e o casal? Nesta fase do ciclo familiar, os autores tendem a centrar-se mais na criança, na família como um todo e nos desafios colocados aos elementos do casal enquanto pais. As questões da parentalidade são, talvez, mais visíveis e, por isso, não temos acesso a dados mais precisos sobre o casal neste período do ciclo de vida. Simon (1995, in Daly 2001) e Thorpe e Daly (1999, in Daly, 2001) verificaram que quando maridos e mulheres se deparam com pouco tempo e energia, tendem a dar prioridade às necessidades das crianças em detrimento das suas próprias necessidades e das do cônjuge. Este período, sobretudo na fase de transição inicial, poderá corresponder a um destes momentos.

É também por volta desta fase que, de acordo com DeFrank-Lynch (1986, in Narciso, 2001), o primeiro momento de evolução do casal terá o seu desfecho.

DeFrank–Lynch refere que o casal evolui em três momentos. O primeiro corresponde aos primeiros dez anos, e é denominado estágio da fusão. Ao longo destes anos ocorreu a formação do “nós”, um processo que implicou um grande investimento na relação e a necessidade de equilíbrio nas ligações aos outros sistemas. Quando termina este período, os elementos do casal poderão dedicar-se mais a outras áreas da sua vida, como se irá explicitar de seguida.

3.4. Famílias com filhos adolescentes

*Fathers, be good to your daughters
Daughters will love like you do
Girls become lovers who turn into mothers
So mothers, be good to your daughters too*
John Mayer, *Daughters*, 2005

Ao contrário das outras fases do ciclo de vida, não parece haver um momento-chave que defina o início desta fase. O casamento, o nascimento dos filhos, o primeiro dia de escola são momentos específicos que são assinalados, na maioria das famílias, por rituais mais ou menos formalizados como a celebração do casamento, o dia da chegada do bebé a casa e, eventualmente, o baptizado, e um reconhecimento familiar da entrada da criança na escola (este, mesmo que não seja acompanhado de uma celebração, implica sempre todo um processo de preparação e de especial atenção por parte dos pais). Os rituais que marcam a transição da infância para a adolescência são, tomando como referência o contexto português mais geral, ou “coisa do passado” ou eventos associados a segmentos específicos da sociedade ou a outras culturas (o baile de debutantes, o *bar mitzvah* na religião judaica ou os ritos de iniciação). Neste caso a ausência de um marco específico aliada à ausência de rituais próprios faz com que o início desta fase seja diluído no tempo e reconhecido de forma diferente de família para família.

Alarcão (2000) refere que esta poderá ser considerada a fase mais longa e difícil do ciclo de vida pois é necessário um equilíbrio entre as exigências da família como um todo e as necessidades de cada um dos seus membros individuais. De acordo com Relvas (1996), é nesta fase que as funções primordiais da família, a socialização e a

individuação dos seus elementos, atingem o seu zénite. Os adolescentes, progressivamente, são preparados para se autonomizarem e assumirem os seus diferentes papéis adultos. Continuando o processo já iniciado aquando da entrada dos filhos na escola, também o bom desenrolar desta fase é encarado como um teste à capacidade familiar para educar e formar os seus elementos; os pais são, muitas vezes, postos em “cheque” e responsabilizados pelo sucesso ou insucesso (avaliado por expectativas sociais do que é suposto realizar, conseguir e demonstrar exteriormente) dos seus filhos adolescentes. A adolescência, um tema de debate aceso e contínuo na nossa sociedade, é alvo de discursos muitas vezes paradoxais. Os pais ora são culpabilizados por não terem tempo para os seus filhos, ora o são por serem demasiado rígidos e controladores. Os adolescentes ora são catalogados de “difíceis”, “conflituosos” ou de “imaturos” e “irresponsáveis”. Ao contrário da idealização característica das primeiras fases do ciclo de vida, nesta fase há uma sobrecarga de expectativas negativas que também não parece facilitar a vivência de adolescentes e das suas famílias.

Uma das tarefas familiares desta fase parece ser a gestão do equilíbrio entre autonomia e integração familiar do adolescente. Torna-se necessário definir, reflectir e negociar os movimentos de saída do adolescente; este, ao conquistar novos territórios (desenvolvimento de amizades, prática de desporto e de outras actividades, crescentes exigências da escola), divide-se entre vários espaços e tempos que se subtraem ao tempo familiar. Uma questão importante para os pais, nesta fase, é saber como gerir a participação dos filhos nos rituais familiares. Fiese (2006a) refere que, contrariamente à ideia de que os adolescentes não passam ou não precisam de muito tempo com a família, há dados da investigação que encontraram uma ligação positiva entre o tempo passado com a família e ajustamento psicológico dos adolescentes. Um estudo espanhol (Compañ, Moreno, Ruiz e Pascual, 2002) comparou adolescentes que tinham sido referenciados para serviços de saúde mental com um grupo de controlo e verificou que os primeiros reportaram partilhar menos refeições e celebrações familiares com os seus pais. Outro estudo realizado por Fiese (1992) apurou que quando os adolescentes e os seus pais partilhavam visões semelhantes sobre a importância do significado associado aos rituais familiares, os adolescentes apresentavam um sentido do *self* mais forte e menores níveis de ansiedade. Estes e outros estudos levam Fiese (2006a) a considerar

que embora o tempo que os adolescentes dedicam a rotinas e rituais familiares possa diminuir à medida que crescem, o significado simbólico e afectivo em relação aos mesmos pode continuar. Com efeito, é desejável que assim seja: a partilha de significados com o grupo familiar e o sentido de pertença ao mesmo são aspectos essenciais para o desenvolvimento psicológico do adolescente (Fiese, 2006a).

Os pais das famílias de adolescentes são, normalmente, ritualizadores activos. Pode acontecer também que, em algum momento desta fase, sejam chamados a ter um papel ainda importante devido ao envelhecimento da geração anterior. Referimo-nos concretamente ao papel já identificado no capítulo anterior (ponto 4.1.), o de guardiães dos rituais familiares. Leach & Braithwaite verificaram que estas pessoas (na sua maioria mulheres) se encontravam entre os 40 e os 59 anos de idade. Para algumas pessoas, a passagem do testemunho pode acontecer já nesta fase, assumindo o papel de guardiães, mais responsáveis por gerir os eventos e as relações familiares. Esta passagem pode ser vivenciada como uma escolha, como uma obrigação ou como resultado da perda de um progenitor de um dos cônjuges; as razões subjacentes a esta passagem e o modo como é experienciada indicarão se será ou não uma fonte de *stress* individual e familiar.

Relativamente ao casal, poder-se-á fazer corresponder esta fase familiar ao segundo estágio proposto por DeFranck-Lynch (1986, in Narciso, 2001), o estágio do “Retorno ao tu e ao eu” que ocorre entre os 10 e os 20 anos de casamento. Paralelamente à crescente autonomização dos filhos, surge também uma maior autonomização dos cônjuges no sentido de investirem noutros projectos para além do familiar, do qual se destaca o projecto profissional. Neste estágio, surge uma maior introspecção individual e uma análise do percurso e estado da relação conjugal; estes processos podem conduzir à ponderação da ruptura ou ao receio da mesma. Para resolver este período crítico de forma criativa é necessário, diz Alarcão (2000), que o casal alimente de forma significativa a dimensão individual de cada um dos cônjuges sem descurar o “nós” conjugal. Este é um período em que se ensaiam os primeiros passos do casal para o período em que se irão reencontrar os dois, tal como no início da sua relação, após uma longa jornada.

3.5. Famílias com filhos adultos

*On me dit que nos vies
Ne valent pas grand chose,
Elles passent en un instant comme fanent les roses.
On me dit que le temps qui glisse est un salaud que
de nos chagrins il s'en fait des manteaux
pourtant quelqu'un m'a dit...
Que tu m'aimais encore,
C'est quelqu'un qui m'a dit que tu m'aimais encore.
Serais ce possible alors ?*

Carla Bruni, *Quelqu'un M'a Dit*, 2002

Esta é talvez a etapa mais longa do ciclo de vida familiar e, provavelmente, a mais heterogénea também. De acordo com Alarcão (2000) e Relvas (1996), vários autores definiram mais que um estágio para esta fase. De facto, esta pode envolver momentos tão díspares como a saída de casa dos filhos, a entrada em casa da geração dos pais, por vezes o regresso a casa dos filhos que já tinham partido (devido a divórcio, dificuldades económicas, etc.), a adopção do papel de avós, entre outros. Posteriormente, esta fase engloba ainda o envelhecimento dos elementos do casal que, por sua vez, podem ser acolhidos na casa dos filhos ou em instituições. Como refere Relvas (1996), há uma explosão de entradas e saídas do sistema que tornam este período bastante movimentado em termos da estrutura familiar. As principais tarefas da família e, mais concretamente, da geração que temos vindo a acompanhar desde a formação do casal, são: criar as condições óptimas para a saída dos filhos de casa, renegociar a relação de casal e aprender a gerir o processo de envelhecimento em relação aos pais e a si próprios (Relvas 1996).

Vamo-nos centrar, sobretudo na tarefa de renegociação da relação de casal que já havia começado na fase seguinte. Com a saída dos filhos, há uma série de mudanças visíveis (a casa fica mais vazia, as refeições são para dois, o orçamento familiar sofre alterações) às quais o casal terá de se adaptar (cf. Relvas, 1996). Parece ser realmente um momento importante de redefinição que é comumente denominado “ninho vazio”, expressão que revela o signo da ausência. Contudo, como refere Relvas (1996), a

“vertente depressiva” desta fase tende a acontecer logo após a saída dos filhos, não se prolongando necessariamente no tempo. Prova disso mesmo são os estudos sobre satisfação conjugal que indicam que esta tende a aumentar progressivamente após o estágio de “lançamento” (“*launching stage*”), isto é a preparação da eminente saída dos filhos para o mundo exterior como o comprova o estudo de Olson (1988). Este autor, num estudo que envolveu famílias nos diferentes estádios do ciclo de vida familiar, verificou que, em termos de satisfação conjugal, os cônjuges dos estádios 6 e 7 (famílias de lançamento e famílias de ninho vazio) reportavam maior satisfação conjugal do que os cônjuges dos estádios 2 (famílias com filhos em idade pré-escolar), 3 (famílias com filhos em idade escolar) e 4 (famílias com filhos adolescentes). Entre os estádios 6 e 7 e o estágio 1 (casais sem filhos) não se verificaram diferenças significativas em termos de satisfação conjugal, o que apoia a tese da curva em U já encontrada em outros estudos. As diferenças entre homens e mulheres relativamente à satisfação relacional foram ainda menos pronunciadas do que as diferenças ao longo dos vários estádios do ciclo de vida. Um dado muito interessante deste estudo é que, ao longo dos sete estádios do ciclo de vida, as mulheres classificaram a sua família como mais próxima, mais coesa e com maior capacidade de adaptação do que os homens, à excepção do estágio 6, o estágio de lançamento. É um dado coerente com as mulheres serem mais orientadas para as relações familiares (Bateson, 2004), para fazerem reparações relacionais e assumirem, mais do que os homens, o papel de guardiãs dos laços familiares (Leach & Braithwaite, 1996); é natural que os elementos que por norma mais investem sejam aqueles que experienciem mais negativamente a saída dos filhos e a profunda reorganização da família em geral, e do seu papel central, em particular.

Esta fase é, pois, uma oportunidade para o casal se reencontrar e reinvestir na sua relação. A chegada a esta nova fase transporta todo o percurso feito ao longo do tempo por cada casal especificamente e a forma como lida com as tarefas presentes está muito relacionada com o modo como foi lidando com todas as outras. É nesta altura da vida do casal que muitas vezes acontece um ritual muito próprio, a renovação dos votos conjugais. A partir dos 25 anos de casamento, é frequente existir uma ocasião de celebração do casamento que adquire especial importância e pode ou não incluir a renovação dos votos. Num estudo norte-americano, Braithwaite e Baxter (1995) consideraram a renovação dos votos como um fenómeno ritual emergente. Verificaram

que a maioria dos casais que o realizava, fazia-o numa lógica de *manutenção* da relação e não de *reparação*, ou seja, seriam, principalmente os casais mais satisfeitos e investidos que empreenderiam este tipo de ritual. Estas autoras verificaram que a cerimónia era tanto mais significativa quanto era permitido ao casal revelar a sua idiossincrasia, isto é, preparar a cerimónia “à sua maneira” e incluir objectos-símbolo como anéis, fotografias, decorações que constituíam laços temporais entre o passado e o momento presente. É extremamente revelador o facto deste tipo de ritual acontecer na geração dos casais mais velhos: assinala o regresso do casal à companhia um do outro, revisitando os momentos iniciais da formação do casal e reforçando publicamente aquele que tinha sido o reconhecimento público e social da sua relação. Na classificação de DeFranck-Lynch (1986 in Narciso, 2001), é o estágio da Empatia que permite um reinvestimento na relação conjugal, ao mesmo tempo que surgem todas as questões associadas ao envelhecimento e à perspectiva da morte de si e do cônjuge.

Em termos dos rituais familiares, os adultos desta fase são peças essenciais para a transmissão de rituais ao longo das várias gerações familiares. É precisamente o que Eriskon (1966, 1977) denominou de generatividade em relação aos rituais, a passagem destes para os membros mais novos da família que, assim, asseguram a continuidade temporal deste grupo. De acordo com Fiese (2006a), o nascimento dos netos pode reactivar o papel dos elementos do casal enquanto ritualizadores, introduzindo na família rituais que eles próprios criaram durante os anos de crescimento dos filhos. À medida que se desenvolve o processo de desenvolvimento, pode haver um decréscimo da actividade em termos de ritual; embora continuando a ser membros de referência na estrutura familiar, é frequente deixarem de ser líderes e passarem esta função, de forma mais ou menos implícita, para os membros da geração seguinte. Como refere Fiese (2006a), sabe-se ainda muito pouco sobre os significados e vivências dos rituais na geração mais velha.

Uma última palavra em termos de vinculação amorosa dos cônjuges que, depois de ter sido abordada na primeira fase, parece ter sido esquecida ao longo desta expedição pelo ciclo vital da família. Não o foi. As razões pelas quais não focámos tanto esta variável devem-se à escassez de estudos sobre a mesma em cada uma das fases especificamente e à constatação mais ou menos aceite de que há cerca de 70% de estabilidade na vinculação adulta. Mas as questões da vinculação são revisitadas a todo

o momento, com particular ênfase para os momentos de maior stress e ameaça em que o sistema de vinculação é activado e se torna necessário que os cônjuges possam concretizar as suas funções basilares de base segura e porto de abrigo. Nesta fase do ciclo vital, os períodos mais críticos podem incluir a doença e morte dos progenitores e também, a doença de um dos elementos do casal.

Chegados ao fim desta expedição, é altura de lembrar que o casal que “acompanhámos” ao longo de várias fases é apenas uma versão das muitas possibilidades do real; conscientes disso, sabemos, porém, que os temas abordados, ainda que com diferentes contornos, são *leitmotivs* da vida dos casais e das famílias que os enlaçam.

Síntese

Este capítulo é composto por duas partes, sendo a primeira relativa à apresentação dos temas que, para além dos rituais familiares, são objecto de estudo do presente trabalho, e a segunda referente à exploração da historicidade do casal, ou seja, do seu percurso ao longo do ciclo de vida.

Num primeiro momento, identificaram-se as seguintes variáveis: vinculação, qualidade relacional e proximidade. Explicitou-se o modelo teórico no qual cada uma se integrava e apresentou-se uma síntese da investigação mais significativa no domínio. Posteriormente, procedeu-se à exploração das ligações entre as respectivas variáveis e a variável principal, os rituais familiares. Foi possível verificar que estas ligações não se encontram ainda aprofundadas na literatura científica, o que justifica a pertinência e inovação dos contributos do presente estudo. Numa nota mais breve, foi ainda examinada a relação entre vinculação, qualidade relacional e proximidade.

Num segundo momento, propôs-se uma análise da relação entre o casal e o tempo numa “expedição” para a qual se elegeram os vários temas em estudo. Esta expedição teve como roteiro o ciclo vital da família. Para cada uma das fases deste ciclo, procedeu-se a:

- uma breve caracterização da mesma em termos sistémicos;
- uma análise dos dados da investigação que ilustram as vivências da família e do casal relativamente aos rituais familiares, vinculação, qualidade relacional e proximidade;
- uma breve descrição dos desafios e tarefas inerente a cada fase relativamente aos rituais familiares.

O objectivo desta reflexão foi o de oferecer uma visão *integrativa*, através da reunião dos temas em estudo, *dinâmica*, pela introdução da dimensão temporal e *contextual*, através da observação das pontes entre os percursos do casal e da família.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA: “EM TORNO DA BÚSSOLA DA INVESTIGAÇÃO”

1. REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS: O PONTO DE PARTIDA DA INVESTIGAÇÃO

“A ciência não descobre, cria, e o acto criativo protagonizado por cada cientista e pela comunidade científica no seu conjunto tem de se conhecer intimamente antes que conheça o que com ele se conhece do real...”

Boaventura Sousa-Santos, 1987

O universo da conjugalidade tem evidenciado a presença de inúmeras questões, muitas vezes insolúveis e que resultam numa tensão dialéctica entre ideias, conceitos e teorias. De toda a exploração, resulta uma palavra: complexidade. Consideramos importante manter e explorar essa complexidade quando é chegada a altura de nos aproximarmos e questionarmos a realidade através do projecto de investigação empírica. Em seguida, apresentam-se as questões relativas ao grande quadro de referência orientador e à natureza e características da investigação. As respostas a estas questões funcionam como uma bússola da investigação pois situam o investigador nos vários momentos do percurso e apontam possíveis direcções. Contudo, a bússola apenas orienta: é o investigador que interpreta as coordenadas e toma as decisões fundamentais.

De acordo com Bateson (1972, in Denzin & Lincoln, 1994), todos os indivíduos se orientam por princípios abstractos e gerais na sua relação com o mundo. Se tal acontece em todos os domínios da vida (Guba, 1990), também acontece na investigação científica de uma forma que se pretende mais intencionalizada, reflectida e rigorosa. Qualquer investigação científica tem por base um conjunto de pressupostos que, de uma forma mais ou menos explícita e consciente, orientam o investigador na sua viagem de exploração da realidade.¹

¹ De facto, nem sempre estes pressupostos são reconhecidos e incorporados pelos investigadores no seu trabalho. É ainda relativamente frequente, no âmbito das Ciências Sociais e mais concretamente da Psicologia, a omissão da referência a estes pressupostos ou a uma qualquer grelha de leitura do investigador. Consideramos que tal se poderá dever a influências de uma tradição positivista que imperou durante várias décadas e cujos pressupostos eram aceites pela maioria da comunidade científica como incontestáveis. No entanto, actualmente, tal não se justifica dada a pluralidade de reflexões sobre esta temática. Advoga-se e pretende-se cumprir, no âmbito deste trabalho, a necessidade de explicitação desta dimensão que é transversal a todo o projecto de investigação. Esta necessidade é cada vez mais premente nos contextos de produção do saber dado que os pressupostos sobre a ciência são cada vez menos aceites automaticamente e cada vez mais alvo de reflexão.

Esse conjunto de assunções/reflexões enquanto todo organizado assume, frequentemente, a denominação de paradigma. Desde que Thomas Kuhn introduziu este termo na literatura científica, utilizado ao longo da sua obra em 21 acepções diferentes (cf. Mahoney, 1976; Guba, 1990), o conceito “paradigma” não se tem revelado unívoco. Mahoney (1976, p.19, trad.) definiu-o como “... o mundo conceptual e metodológico do cientista... um sistema de crenças e de directrizes práticas defende uma ontologia (teoria da realidade; a natureza das coisas) e uma epistemologia (teoria do conhecimento; métodos apropriados de inquérito)”. Uma formulação mais recente de outros autores define paradigma como um “sistema de crenças básicas ou visão do mundo que guia o investigador, não só nas escolhas do método mas em termos ontológicos e epistemológicos fundamentais” (Guba & Lincoln, 1994, p.105). Os mesmos autores (Guba & Lincoln, p.107, trad.) reflectem:

“Um paradigma pode ser visto como um conjunto de crenças básicas (ou metafísicas) que lida com princípios básicos ou nucleares. Representa uma visão do mundo que define a natureza do mundo, o lugar do indivíduo nesse mundo e o leque de possíveis relações com esse mundo e as suas partes, como fazem, por exemplo as cosmologias e as teologias. As crenças são básicas no sentido de serem aceites simplesmente pela fé (embora bem argumentadas); não há forma de estabelecer a sua verdade última. Se assim fosse, os debates filosóficos reflectidos nestas páginas já teriam sido resolvidos milénios atrás.”

Denzin e Lincoln (1994) salientam que narrativas ou histórias que os cientistas contam se situam em tradições de contar histórias específicas, normalmente definidas como paradigmas. Numa acepção mais geral, Edgar Morin (1996, 2001) refere que um paradigma é constituído por um certo tipo de relação lógica extremamente forte entre noções mestras, noções chave e princípios chave. Esta relação e estes princípios vão comandar todos os propósitos que obedecem inconscientemente ao seu império.

Comum a todas estas definições de paradigma é a assunção que toda investigação é interpretativa já que é guiada por um conjunto de crenças e sentimentos acerca do mundo e de como este deveria ser compreendido e estudado (Denzin & Lincoln, 1994).

Diversas têm sido as propostas de classificação de paradigmas (cf. Bogdan & Biklen; Guba & Lincoln, 1994). Desde que se iniciou o desmoronamento da soberania do paradigma positivista, assistiu-se à emergência de novas propostas paradigmáticas e ao debate sobre a convivência das mesmas no universo científico. Sobre o estado deste debate, são ilustrativas as metáforas apresentadas por alguns autores: os paradigmas são “acusados” de “*alternarem períodos de guerra fria com guerrilha aberta e de morrerem num processo de agonia e esclerose*” (Mahoney, 1976) ou de “*desenvolverem veias varicosas e sobreviverem à base de pace-makers*” (Erickson, 1986 in Janesick, 1994), contribuindo para uma “*agonística geral, pela qual cada uma das tradições procura legitimar-se*” (Fernandes, 1998). Várias questões se têm levantado devido ao “lado lunar” destes paradigmas: se, por um lado, estão ou deveriam estar ao serviço do conhecimento científico da realidade, por outro, podem correr vários riscos (simplificação, sobre-especialização, entre outros) e, então, tonar-se “*blindens*” (Guba, 1990) em vez janelas para o mundo, *ghettos* em vez de impulsionadores do saber. Aqui reside a fragilidade dos paradigmas, no fundo, a fragilidade dos pressupostos que alicerçam a ciência. Como nos diz Bateson (1972, in Denzin & Lincoln, 1994, p.13, trad.): “*O investigador está cativo numa rede de premissas epistemológicas e ontológicas que – independentemente da sua verdade ou falsidade – se tornam parcialmente auto-validadas*”. Neste sentido, é importante que o investigador utilize o paradigma e não o aceite de uma forma tácita.¹ Acreditamos com Bateson, que “*a epistemologia é sempre e inevitavelmente pessoal. O ponto da investigação está sempre no coração do explorador: qual é a minha resposta à questão da natureza do conhecimento?*” (Bateson, 2002, p.82, trad.). É a esta questão que se procurará responder, tratando-se, sobretudo de assumir um ponto de vista crítico sobre todas estas questões. É fundamental assumir um paradigma que reflecta as concepções do investigador sobre a natureza do conhecimento, a natureza da realidade e que seja “elástico” de modo a conter várias perspectivas, teorias, dados empíricos e, sobretudo,

¹ A este propósito, salienta-se o trabalho de William Bartley que desenvolveu a *Comprehensively Critical Rationalism* (in Mahoney, 1976) questionando o argumento “*tu quoque*” (ou seja, “como é que sabes?”) das abordagens científicas. Segundo este autor, as aproximações ao conhecimento têm sempre uma parte irracional; a abordagem convencional à ciência invoca sempre a autoridade epistemológica mas a autoridade da autoridade reside sempre em questões de fé. A racionalidade é limitada, existe sempre um compromisso dogmático. O grande contributo deste autor e perspectiva é que em vez de presumir ou justificar a racionalidade, deve-se sempre duvidar e deixar aberto ao criticismo. Parece-nos fundamental adoptar esta atitude científica perante o paradigma, as perspectivas teóricas e os dados empíricos de um projecto de investigação.

novas questões que possam emergir no desenrolar da investigação². No fundo, um paradigma que assuma, privilegie, fomente e questione a complexidade. Assim, define-se como orientação para este trabalho o Paradigma das Epistemologias Construtivistas tal como é apresentado por Le Moigne (1995). O plural atenta para a diversidade de construção e de apresentação dos conhecimentos humanos: apesar de ter fundamentos comuns, o Paradigma das Epistemologias Construtivistas abarca e quer manter viva a diversidade, recusando a simplificação imanente a uma classificação demasiadamente estruturada e impermeável. Numa proposta contemporânea que se insere neste paradigma abrangente, destacamos Edgar Morin com o Paradigma da Complexidade³. Esta proposta não se apresenta rigidamente definida, apresentando, por outro lado, ferramentas de pensamento e alertas para os processos de construção do conhecimento. Relembrando a noção de paradigma avançada por este autor, a de que seria composta por noções mestras, noções chave e princípios chave, destacam-se aqui três princípios propostos por Morin (1996; 2001) que estão presentes de uma forma transversal na lógica de elaboração deste projecto de investigação:

-Princípio dialógico

De acordo com este princípio, é permitido e desejável manter a dualidade no seio da unidade, associando dois termos ao mesmo tempo complementares e antagónicos. Este princípio vai além da dialéctica *hegeliana* que se supera pela síntese: para Morin, é a manutenção da dialéctica que mantém viva a complexidade.

-Recursão organizacional

Este princípio defende que os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores daquilo que os produziu; estamos, portanto, perante uma causalidade circular e recursiva que entra em ruptura com a ideia linear de causa-efeito.

-Princípio hologramático

À semelhança do que acontece com um holograma, defende-se que a parte está no todo mas que o todo também está contido em cada uma das partes. Pode enriquecer-se o

² No âmbito deste trabalho, privilegiam-se as perspectivas desenvolvimental, ecológica e sistémica do funcionamento psicológico. São utilizados contributos de várias teorias incluídas nestas perspectivas e estes são articulados com a investigação no terreno.

³ Também Vittorio Guidano (1987) se refere ao Paradigma da Complexidade, segundo o qual o ser humano desde o nascimento apresenta capacidade de auto-determinação e auto-organização, salientando-se a abertura e plasticidade dos seus trilhos de evolução e desenvolvimento. Esta perspectiva é coerente com a proposta mais abrangente de Morin sobre o paradigma da complexidade como grelha conceptual.

conhecimento das partes pelo todo e do todo pelas partes, num mesmo movimento produtor de conhecimentos.

Apresentados estes princípios orientadores dum pensamento e conhecimento que se pretendem complexos, é altura de explorar qual é a resposta que esta perspectiva elabora para as questões ontológica e epistemológica. Em termos ontológicos, esta proposta faz-nos escapar à alternativa estéril entre o idealismo solipsista que encerra o conhecimento no sujeito e o realismo ingénuo (conhecimento reflexo), que exclui o sujeito/construtor/tradutor/conceptor (Morin, 1996). Nas palavras do autor (Morin, 1996, p.208):

“Desembocamos, pois, para além tanto do realismo ingénuo como do realismo crítico, para além do idealismo clássico e do criticismo kantiano, num realismo relacional, relativo e múltiplo. A relacionalidade vem da ilacerável relação sujeito/objecto e espírito-mundo. A relatividade vem da relatividade dos meios de conhecimento e da relatividade da realidade cognoscível. A multiplicidade deriva da multiplicidade dos níveis de realidade e, talvez, da multiplicidade das realidades. Segundo este realismo relativo, relacional e múltiplo, o nosso mundo fenomenal é real, mas relativamente real, e devemos até relativizar a nossa noção de realidade admitindo-lhe uma irrealidade interna. Este realismo conhece os limites do cognoscível e sabe que o mistério do real não é esgotável pelo conhecimento.”

Na última afirmação de Morin, parece residir a chave da posição assumida: afirma-se a existência da realidade mas reconhecem-se os limites do conhecimento. Esta ideia parece ser coincidente com a de Bateson quando diz: “...whatever “things” may be in their pleromatic and thingish world, they can only enter the world of communication and meaning by their names, their qualities and their attributes (i.e. by reports of their internal and external relations and interactions).” (Bateson, 2002, p.57).

Estas considerações lançam já indícios da resposta à questão epistemológica. Sujeito e objecto são distintos ao mesmo tempo que estão inscritos um no outro. De facto, se a realidade é sempre uma forma de relação (Pina Prata, 1987), parece legítimo afirmar que o conhecimento é também uma forma de relação. Sujeito e objecto são distintos e, ao mesmo tempo, estão inscritos um no outro e necessários um ao outro.

Não se recusa a objectividade mas esta adquire novos contornos já que não se pode excluir ingenuamente o sujeito do acto do conhecimento.

Para além da ideia de sujeito e objecto presentes no conhecimento complexo, esta epistemologia defende, ainda, a união de saberes que se pretendem genéricos e não compartimentados em disciplinas ultra-especializadas com dialectos incompreensíveis entre si. Advoga-se um conhecimento que una as realidades chave que estão desintegradas e que passam entre as fendas que separam as disciplinas (Morin, 2001). Para explicitar esta ideia, Morin recupera uma ideia de Alfred Korzybski, enfatizada por Bateson (1987) - “o mapa não é o território” - referindo que as fronteiras do mapa não existem no território mas sobre o território, com arames farpados e fiscais da alfândega que são, no fundo, os muros erigidos pelas diferentes disciplinas (Morin, 2001). A aspiração a um conhecimento unificador e complexo implica a elaboração do que Morin denomina epistemologia aberta. Nas palavras do próprio autor (Morin, 2001, p.69):

“Tudo isto incita-nos a uma epistemologia aberta. A epistemologia, é preciso sublinhá-lo nestes tempos de epistemologia vigilante, não é um ponto estratégico a ocupar para controlar soberanamente qualquer conhecimento, rejeitar qualquer teoria adversa, e atribuir-se o monopólio da verificação, portanto, da verdade. A epistemologia não é pontifical nem judicial, ela é simultaneamente o lugar da incerteza e da dialógica. Com efeito, todas as incertezas que revelámos devem confrontar-se, corrigir-se umas às outras e interdialogar sem que todavia se possa esperar tapar com adesivo ideológico a brecha última.”

É a visão oferecida por este paradigma que orientará este trabalho. Salienta-se, contudo, que a adesão a esta proposta não é feita de um modo absoluto e unívoco. Uma postura dogmática seria o paradoxo dos próprios pressupostos defendidos no âmbito do Paradigma das Epistemologias Construtivistas, mais concretamente, do Paradigma da Complexidade. Daqui resulta o que se considera serem as principais forças desta abordagem: o desafio de um conhecimento complexo e disponível para a crítica e a

capacidade de integração de posições diversas e, por vezes, aparentemente antagónicas.⁴ A liberdade que transmite é tanto mais essencial quanto reconhecemos com Santos (1987) e Harré e Gillett (1999) que as reflexões epistemológicas estão bastante mais avançadas do que a *praxis* científica. No âmbito desta última, o investigador é confrontado com a pertinência de compromissos e a cedências à “revelia” de paradigmas mais rígidos definidos inicialmente. Assim, parece ser este um dos grandes desafios de qualquer projecto de investigação: apostar num paradigma que seja capaz de articular e conter harmoniosamente os saberes teóricos e as práticas científicas não lhes impondo (como em *double-bind*) uma destas soluções: um “divórcio não desejado” ou um “casamento clandestino”.

⁴ Le Moigne (1995) salienta a propósito das Epistemologias construtivistas, a capacidade que estas terão de recuperar e integrar (após uma análise crítica e caso a caso) o rico *portfolio* de conhecimentos certificados como científicos pelas Epistemologias Positivistas. A um nível mais concreto, também Morin (1996; 2001), relembra que o conhecimento complexo integra o conhecimento simplificado, característico de uma tradição científica que agora se começa cada vez mais a criticar e superar. Esta possibilidade de recuperação e de integração torna-se mais visível no âmbito das questões relacionadas com os métodos concretos de investigação.

2. METODOLOGIAS

2.1. Quantitativo e qualitativo: Um diálogo (im)possível?

O debate em torno das vantagens e desvantagens das metodologias quantitativas e qualitativas tem alimentado discussões na comunidade científica e tem sido tema de várias publicações.⁵ O velho debate sobre a primazia de umas metodologias em relação às outras parece-nos estéril dado que não se defende uma legitimação de um método único. Por outro lado, o debate sobre as formas de junção/cooperação entre estes dois tipos de metodologias produz alguns dados interessantes. Entre a recusa desta cooperação por teóricos mais “puristas” e a sua defesa por parte de profissionais mais ligados à prática da investigação (Moon, Dillon & Sprenkle, 1990), parece existir um lugar propício a reflexões produtivas. Parece-nos que cada metodologia se relaciona com o real de forma diferente e, como tal, produz dados de natureza distinta que podem oferecer diferentes facetas do fenómeno que se pretende estudar. Pode ser interessante visualizar as abordagens metodológicas a partir da seguinte imagem: nas metodologias quantitativas, os métodos são como uma máquina fotográfica antiga, enquanto nas qualitativas, os métodos assemelham-se a uma máquina de filmar a cores com *zoom*. Com a máquina fotográfica antiga, o resultado será uma fotografia a sépia de um grupo algo distante, não se distinguindo caras, cores ou pormenores. Os dados quantitativos oferecem-nos padrões e resultados de grupo que nunca correspondem aos sujeitos na sua idiosincrasia e na sua individualidade. No entanto, permitem-nos ter uma visão de conjunto, muitas vezes inatingível com outros métodos. É uma visão geral e estática. Com a máquina de filmar com *zoom*, é possível obter visões pormenorizadas das pessoas, do local onde se encontram e dos discursos que produzem e das interações que estabelecem entre si. Assim o poderão ser os métodos qualitativos, através dos quais as pessoas se mostram enquanto indivíduos na sua unicidade: podemos aceder a processos e significados através da observação e da análise do seu discurso. É uma

⁵ Este debate poderá ser a face visível e mais superficial de um debate mais profundo, a saber, o debate entre as posições relativas à relação investigador/objecto de estudo (Fernandes, comunicação pessoal, 2006). Por um lado, os que consideram que pode e deve existir uma relação de separação e de distância entre um e outro, por outro lado, os que consideram que o investigador se relaciona necessariamente com o objecto de estudo (uma relação disciplinada e de acordo com cânones científicos mas ainda assim idiosincrática). De acordo com o paradigma das epistemologias construtivistas cujas premissas orientam este trabalho, é desta segunda posição que nos aproximamos.

visão específica e dinâmica. Apesar de bastante simplificada, esta metáfora permite compreender as diferenças das duas visões do mundo e da realidade e, conseqüentemente, da relevância de serem utilizadas conjuntamente. Como refere Santos (1987, p.48): *“Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada. Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta.”*

Este trabalho compreende dois estudos que se organizam numa sequência, sendo o primeiro de cariz quantitativo e o segundo de cariz qualitativo.

Embora os temas abordados Rituais familiares, Vinculação, Qualidade relacional e Proximidade não constituam uma novidade em investigações quantitativas e qualitativas, a união destas num projecto de investigação parece sê-lo. Tendo em conta que o todo é sempre mais que a soma das partes, é importante ver como é que estes fenómenos analisados por grelhas de leitura e análise diferentes fornecem dados e que interrogações propiciam ao investigador. A recolha e análise de dados quantitativos permitirá a identificação de padrões que se referem à interligação entre as dimensões estudadas. O principal objectivo desta fase primeira de cariz quantitativo é obter um panorama genérico do universo dos casais estudados, a partir do qual se irá seleccionar a amostra mais reduzida para as entrevistas em profundidade. Apesar de se utilizarem métodos quantitativos de recolha e análise de dados e de se formularem hipóteses, a produção teórica daí resultante será construída em diálogo com os dados num processo dialéctico que se desenrolará ao longo da investigação. Dado o carácter preliminar deste estudo, não se propõem objectivos de generalização dos resultados à população portuguesa ou a previsão de fenómenos.

É na segunda fase do estudo, com a realização de entrevistas em profundidade, que a história sobre os casais abre um novo capítulo. As narrativas construídas pelo casal no momento de entrevista permitem reconhecer um mundo repleto de ideias, sentimentos, medos, fantasias, sonhos, opiniões, interesses, etc. É o mundo das vivências do casal ou pequenos fragmentos deste mundo que emergem ao longo do processo de entrevista. É aqui que residem os significados, é aqui que a investigação se debate com a vida real e imaginária destes indivíduos que formam o casal e, no fundo, é aqui o território da investigação qualitativa.

A união destes dois tipos de metodologias orientada primordialmente por uma visão paradigmática e teórica comum poderá oferecer uma visão rica e complexa. Provavelmente não é isenta de “zonas obscuras”, “buracos negros”, tensões e incertezas mas segundo Morin (1996; 2001) existe em todo o sistema uma brecha, uma falha última que não se pode explicar no âmbito desse mesmo sistema⁶. Assim, um novo conhecimento implica sempre uma nova ignorância, um novo desconhecido. O inacabamento é inerente ao conhecimento complexo e a sua consciência deverá ser um estímulo para o investigador. O importante parece ser, como refere o mesmo autor (Morin, 1996, p.32) “*Que toda a obra não mascare a sua brecha mas que a marque*”.

2.2. Estratégia metodológica

A representação gráfica da estratégia metodológica geral do processo de investigação (ver Figura 5) pretende integrar vários níveis: o nível dos paradigmas; o nível das metodologias e o nível das técnicas (cf. Sandelowski, 2000). Para além destes, incluímos, ainda, as abordagens que, do ponto de vista teórico, orientam este trabalho: desenvolvimental, sistémica e ecológica.⁷

O paradigma das Epistemologias construtivistas corresponde ao contorno mais lato da investigação, respondendo às questões fundamentais sobre a forma de conhecimento. As perspectivas teóricas desenvolvimental, sistémica e ecológica correspondem ao segundo contorno. É nestas perspectivas que encontramos os modelos teóricos que orientam as reflexões sobre o tema em estudo e sobre os resultados dos estudos empíricos. Num nível ainda mais específico, encontramos as metodologias quantitativas e qualitativas que orientam cada um dos estudos empíricos. Poder-se-á afirmar que os modelos teóricos lançam pistas para o conteúdo das questões e hipóteses de investigação mas é ao nível das metodologias que se organiza esse conteúdo de acordo com formatos e linguagens específicos. Ao nível das técnicas, salientam-se as

⁶ De acordo com Morin (2001, p.68), o teorema de Gödel concebido na lógica matemática pode ser válido para qualquer sistema teórico. “...ele demonstra que num sistema formalizado está pelo menos uma proposta que é irresolúvel: esta irresolubilidade abre uma brecha no sistema, que então se torna incerto. Evidentemente, a proposição irresolúvel pode ser demonstrada num outro sistema, até num metassistema, mas este comportará também a sua brecha lógica.”

⁷ De acordo com estas perspectivas, valoriza-se uma compreensão dos processos de desenvolvimento que ocorrem ao longo da vida dos sujeitos, da rede de relações que ligam os vários sistemas em que estão inseridos e da contextualização no espaço e no tempo das suas vivências. Para um aprofundamento do contributo de cada perspectiva para o presente trabalho, confira-se a Introdução.

EPISTEMOLOGIAS CONSTRUTIVISTAS

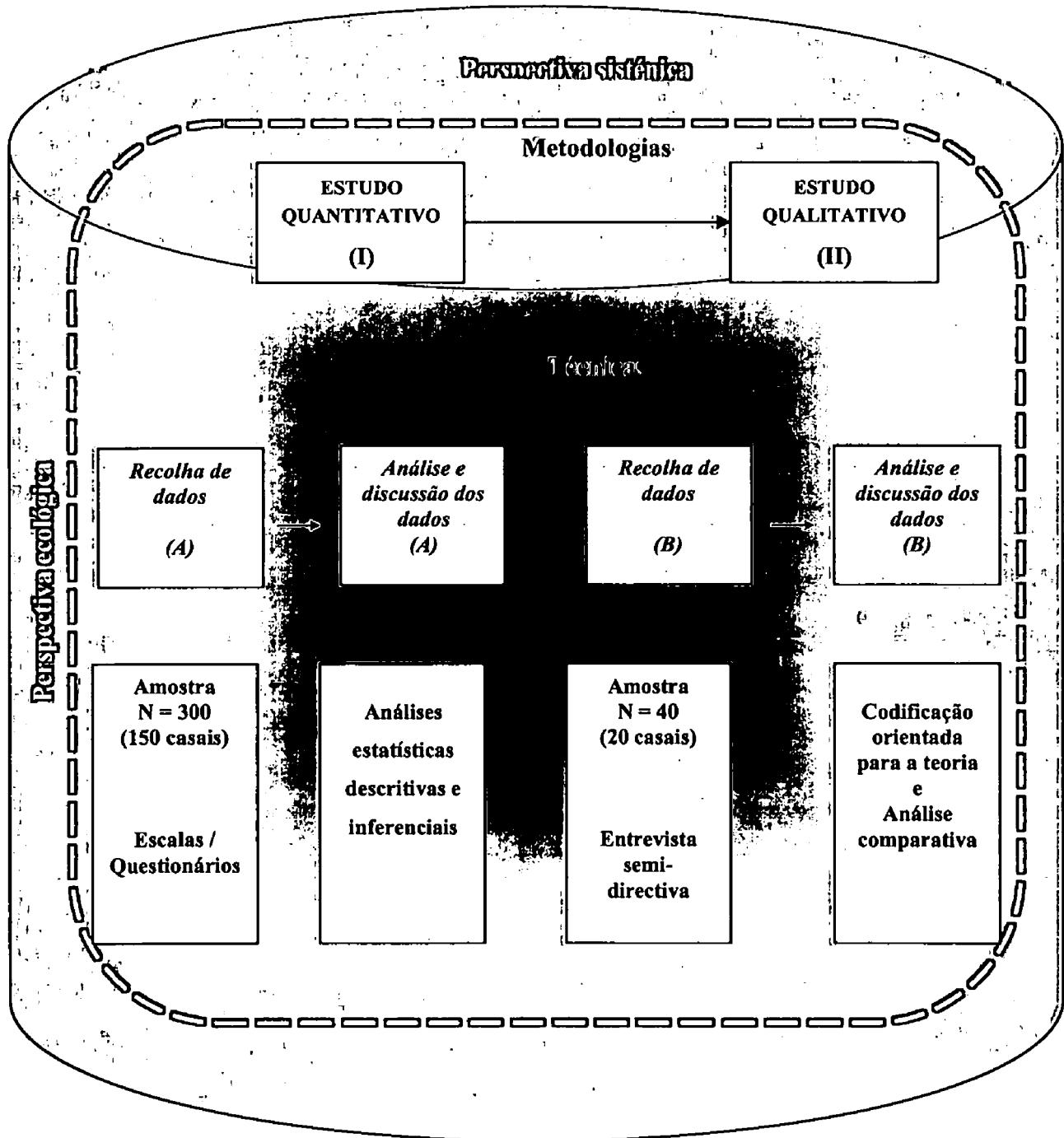


Figura 5. Estratégia metodológica da presente investigação.

diferenças entre o primeiro (I) e o segundo estudo (II). A recolha de dados do primeiro estudo envolveu a administração de escalas/questionários a 300 indivíduos (agrupados em 150 casais); a análise dos dados foi feita com recurso a análises estatísticas descritivas e inferenciais. No segundo, a recolha de dados envolveu a realização de entrevistas semi-directivas a um número mais reduzido de participantes (40 indivíduos, agrupados em 20 casais); a análise de dados envolveu a codificação orientada para a teoria e a análise comparativa dos dados. Ambos os processos de recolha de dados e de análise e discussão dos resultados serão apresentados pormenorizadamente nos próximos capítulos dedicados a cada um dos estudos empíricos.

2.3. O investigador e o projecto de investigação: Breve narrativa

O carácter dinâmico das investigações implica uma constante reformulação do projecto inicial. Esta reformulação acontece lado a lado com o processo de aprendizagem do investigador; ao longo do tempo, a sua relação com o objecto de estudo permite-lhe produzir novos conhecimentos que, por sua vez, conduzem a novas questões e à busca de respostas cada vez mais apuradas e complexas. Poder-se-á comparar este processo ao que sucede quando alguém tem um livro preferido que lê em diferentes períodos da sua vida. Cada leitura é necessariamente diferente; à medida que este leitor ingressa numa nova leitura, o que dela apreende é colorido pelas suas vivências e pelo período desenvolvimental que atravessa; à semelhança do que acontece com o próprio desenvolvimento psicológico, as leituras posteriores serão cada vez mais integrativas porque poderão revisitar interpretações antigas e incorporá-las nas interpretações actuais. Do mesmo modo, o investigador sofre ao longo da investigação um processo de amadurecimento científico e pessoal que não se pode desligar do processo de evolução do seu projecto. As histórias de um e de outro caminham par a par. Esta ligação é comumente omitida da apresentação dos resultados da investigação, como se de uma ligação “clandestina” se tratasse. No presente trabalho, considerámos importante explicitar os processos de construção da investigação. Assim, conta-se um pouco da história do projecto para melhor se compreender o produto final.

No projecto inicial deste trabalho, considerámos que os dois estudos de cariz quantitativo e qualitativo aconteceriam em função um do outro, que os seus resultados poderiam ser integrados e que receberiam por parte do investigador a mesma dedicação

e investimento. A aproximação ao terreno trouxe surpresas. O estudo de cariz quantitativo dilatou-se para além do esperado, com a cumplicidade do próprio investigador que consentiu neste “desvio de rota”. Se se encarar este facto como uma traição ao projecto inicial, dir-se-á que o primeiro estudo empírico hipertrofiou, dilatando as suas fronteiras e invadindo parte do tempo que era destinado ao estudo qualitativo. Por outro lado, se se olhar a mudança com tranquilidade, poderá afirmar-se que o investigador se envolveu com entusiasmo no primeiro estudo e que desenvolveu com bastante profundidade. As análises quantitativas dos dados eram ainda um mundo por explorar e, tal como uma criança que se encanta com brinquedo novo, o investigador dedicou-se a este estudo com a curiosidade e entrega característicos de novos começos.

A partir do momento em que se avançou para o segundo estudo, percebeu-se que a relação entre os dois estudos empíricos não seria totalmente pacífica. É de notar que, como previsto, os dados do primeiro estudo foram importantes fontes de informação e questionamento; algumas interrogações que esse estudo nos suscitou foram transportadas para o segundo estudo e, dessa forma, existem, de facto, pontes de ligação entre um e outro. Contudo, verificámos também, que certos elementos do primeiro estudo não poderiam ser verdadeiramente aprofundados no segundo. Aqui, a grande questão prendeu-se, sobretudo, com a vinculação: como explorar e avaliar a vinculação numa entrevista preenchida com tantos outros temas com ênfase nos rituais familiares? Pareceu-nos que o tema da vinculação, mais do que os outros como a qualidade relacional ou a proximidade, exigia mais tempo, perguntas mais específicas e uma grelha válida de cotação que nos permitisse avaliar com rigor as respostas dos participantes. Enquanto que, relativamente à qualidade relacional e à proximidade, poderíamos explorar as percepções dos participantes, no caso da vinculação, tal não nos pareceu suficiente. Pretendíamos, também, ir mais além do âmbito do primeiro estudo de cariz quantitativo. O território inexplorado dos rituais de casal seria facilmente integrado neste novo estudo à base de entrevistas; pretendíamos conhecer as funções dos rituais familiares e de casal, os seus significados, a satisfação dos cônjuges em relação aos mesmos, aspectos não contemplados no primeiro estudo. Sabíamos também que este tipo de estudo tem um carácter mais aberto. Era também necessário que houvesse flexibilidade para “escutar” os participantes e dar as boas vindas aos novos

temas que iriam emergir das entrevistas. Assim, o estudo de cariz qualitativo começava a ganhar vida “própria”, tornando-se mais independente do que inicialmente se tinha planeado. A recolha de dados foi cumprida conforme o esperado. Contudo, a análise dos dados foi uma análise selectiva que se centrou nos aspectos essenciais, respondendo às principais questões de investigação. A riqueza dos dados qualitativos traduz-se, no investigador, por uma sensação de tarefa “inacabada” que, certamente, poderá recomençar num momento posterior.

Em suma, os dois estudos que aqui se apresentam partilham algumas interrogações e tocam-se em alguns aspectos. São, porém, estudos relativamente independentes e é desta forma que são apresentados. Voltam a reunir-se nas conclusões deste trabalho, onde sempre que possível e útil, se elabora um discurso que integra os resultados de cada um.

3. DESENHO DA INVESTIGAÇÃO

3.1. Questão inicial

A questão inicial “...constitui o ponto de partida, a interrogação primeira. Interrogação inicial essa que já contém em si o fim, bem como o processo que liga princípio e fim.” (Narciso, 2001, p.272). Trata-se de uma questão orientadora que aglutina, em si, o essencial do projecto de investigação. No presente estudo, esta questão orienta, de uma forma geral, os dois estudos empíricos que lhe respondem com contornos e em linguagens diferentes.

Questão inicial:

Como é que os Rituais familiares são percebidos pelos dois elementos do casal e quais as suas ligações com variáveis de cariz relacional (Vinculação, Qualidade Relacional e Proximidade)?

3.2. Objectivos e mapa conceptual

Neste ponto, apresentamos os objectivos específicos que nos propusemos alcançar com cada um dos dois estudos realizados. Na sua maioria, estes objectivos são do foro teórico, ou seja, têm, como meta final a produção de conhecimento resultante da compreensão do fenómeno em estudo. Para além destes, existem também dois objectivos do foro mais prático, envolvendo a adaptação e construção de instrumentos de avaliação. Esta distinção é motivada por razões organizacionais. Se, por um lado, como referiu Kurt Lewin “nada é mais prático que uma boa teoria”, por outro, a construção de dispositivos empíricos eficazes contribui, complementarmente, para se gerarem saberes teóricos.

O mapa conceptual é uma representação gráfica ou narrada sobre os principais constructos em estudo e sobre a relação entre as mesmas (cf. Narciso, 2001). O mapa conceptual permite “dar vida” ao plano de investigação, introduzindo uma visão dinâmica das variáveis e da sua interacção. À semelhança do que aconteceu na época histórica da expansão marítima com os mapas do mundo, o mapa delineado no início do estudo sofre várias alterações até chegar à versão final, desenvolvendo-se à medida que se desenrola a investigação.

3.2.1. Primeiro estudo empírico (cariz quantitativo)

a) Objectivos

Para o primeiro estudo empírico, formularam-se os seguintes objectivos:

1. Compreender a rede de associações entre rituais familiares e vinculação, qualidade relacional e proximidade;
2. Investigar, nesta rede de associações, diferenças quanto ao:
 - a) sexo
 - b) tempo de casamento
 - c) tipo de rituais familiares (contextos familiares e contextos culturais);
3. Investigar a relação entre similaridade dos cônjuges quanto aos rituais familiares e vinculação, qualidade relacional e proximidade;
4. Adaptar para o contexto de uma amostra portuguesa, instrumentos de avaliação dos rituais familiares, qualidade relacional e proximidade.

b) Mapa conceptual

Como se pode verificar na Figura 6, este mapa pressupõe uma rede de relações causais que implicou uma tomada de decisão da parte dos investigadores. As razões subjacentes a esta decisão baseiam-se em aspectos teóricos que a tornam plausível, aliada a uma revisão dos estudos no domínio ou em domínios próximos de investigação.

As variáveis independentes deste estudo são as dimensões da vinculação amorosa evitamento e ansiedade. Os rituais familiares ocupam uma posição intermédia no mapa conceptual: constituem-se variáveis dependentes em relação às dimensões da vinculação e variáveis independentes em relação à qualidade relacional e proximidade. A qualidade relacional e a proximidade são variáveis dependentes dos rituais familiares e da ansiedade e evitamento.

As variáveis sexo e tempo de casamento são o contorno do mapa; as análises das relações entre todas as variáveis terão em conta as diferenças entre homens e mulheres e entre indivíduos com diferentes tempos de casamento.

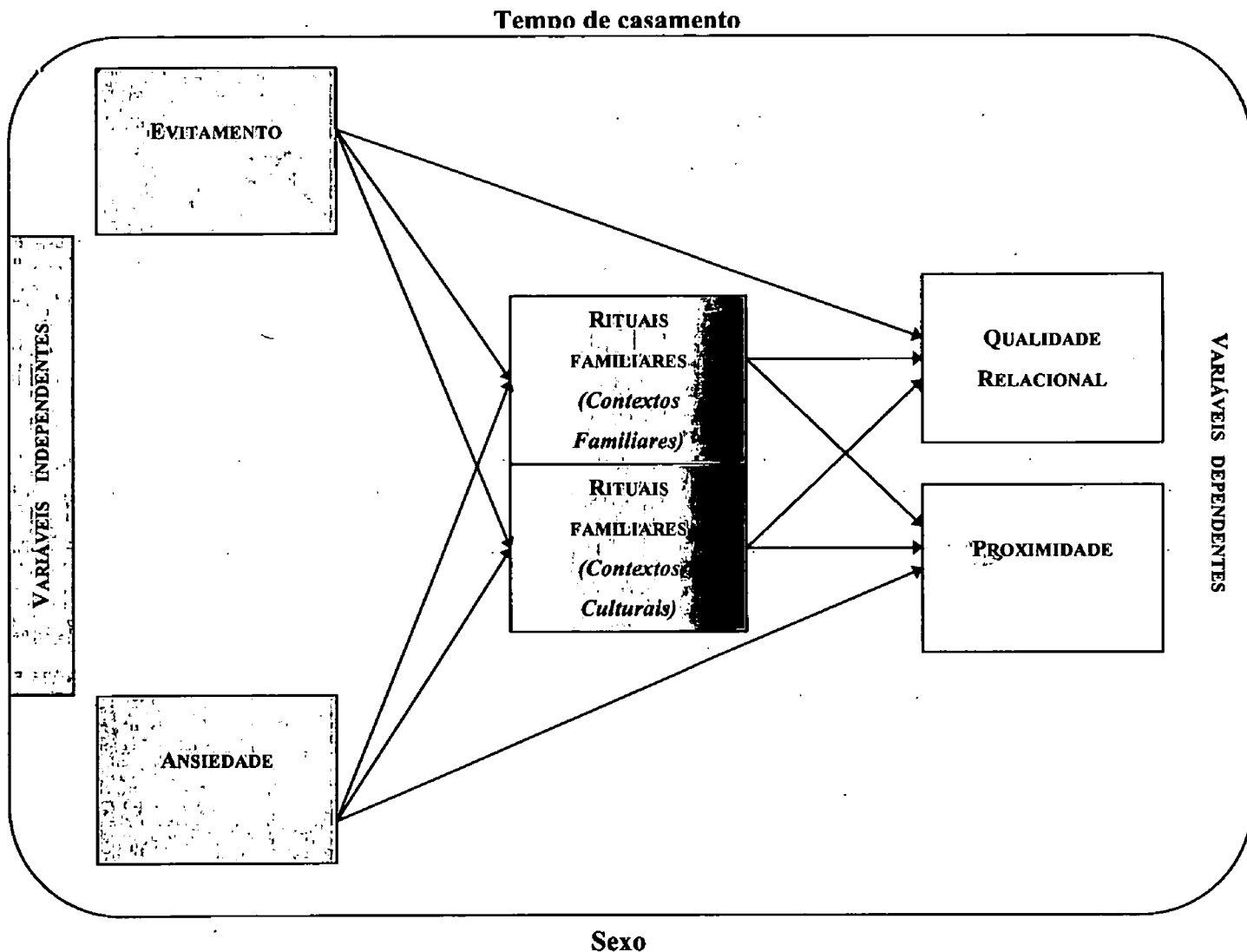


Figura 6. Mapa conceitual do primeiro estudo empírico.

3.2.2. Segundo estudo empírico (cariz qualitativo)

a) Objectivos

No âmbito do segundo estudo empírico, os principais objectivos são:

1. Investigar os rituais familiares nas seguintes dimensões:

a) Funções

- b) Significados
 - c) Sentimentos
 - d) Papéis (do próprio e do cônjuge);
2. Investigar a relação dos rituais familiares com percepções da relação e de satisfação conjugal;
3. Investigar a relação dos rituais familiares com percepções e significados familiares;
4. Investigar similaridades e diferenças na vivência dos rituais familiares quanto:
- a) ao sexo
 - b) ao grupo de tempo de casamento;
5. Construir um instrumento de avaliação/ exploração dos rituais familiares: guião de entrevista semi-estruturada.

b) Mapa conceptual

Na representação gráfica apresentada na Figura 7, pode-se verificar a existência de dois constructos distintos, os rituais familiares e os rituais de casal que partilham uma zona de intersecção. Esta zona representa a interligação entre os dois universos de rituais. Com efeito, alguns rituais do casal podem ser acompanhados por rituais familiares, um inscrevendo-se no outro; por vezes, rituais de casal podem transformar-se em rituais familiares e, ainda, há a salientar a necessidade de o casal organizar a vida ritual da família através da integração das duas agendas, a dos rituais de casal e a dos rituais familiares. A área maior concedida aos rituais familiares reflecte, comparativamente, a importância e o peso deste tema no nosso trabalho. No mapa podem-se visualizar as dimensões dos rituais que salientámos: funções, significados, sentimentos e papéis atribuídos ao próprio e ao cônjuge. Estas dimensões dos rituais irão ser articuladas com outros temas que denominámos genericamente percepções da satisfação e da relação de casal e percepções e significados familiares. Os contornos, à semelhança do que acontecia no mapa conceptual do primeiro estudo, são o sexo e o

tempo de casamento. Note-se porém que enquanto no primeiro, o tempo de casamento se constitui como um *continuum*, no segundo, é transformado em duas categorias: casais no início da vida conjugal e casais com vários anos de casamento.

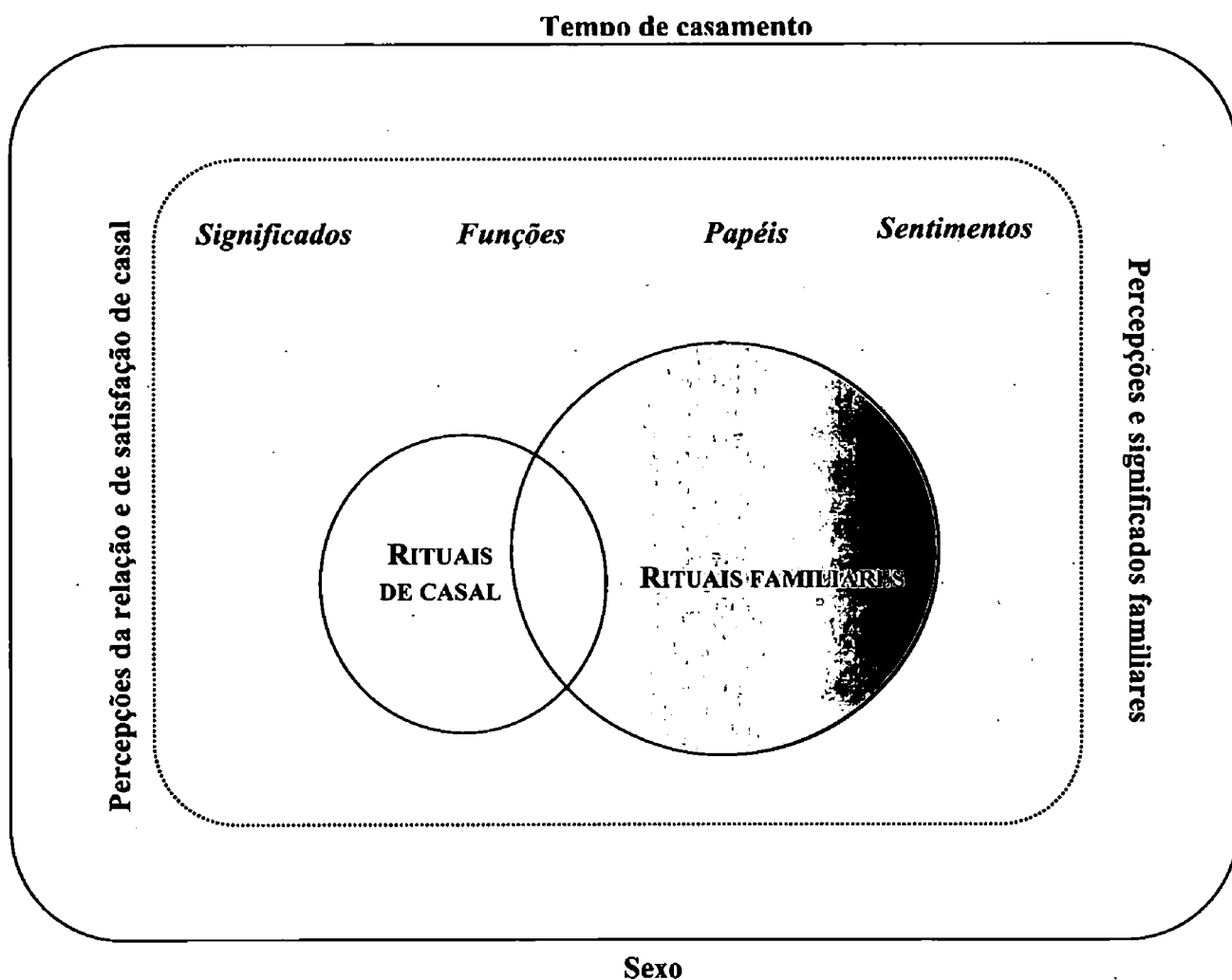


Figura 7. Mapa conceptual do segundo estudo empírico.

Síntese

Este capítulo cumpriu duas grandes finalidades. A primeira foi proporcionar reflexões de cariz epistemológico e metodológico, tornando explícitos os pressupostos que orientaram a realização dos estudos empíricos. No âmbito do presente trabalho, situamo-nos no paradigma das epistemologias construtivistas tal como foi proposto por Le Moigne (1995). É este paradigma que orienta dois estudos metodologicamente diferentes, um de cariz qualitativo e outro de cariz quantitativo. A estratégia metodológica utilizada foi apresentada sob a forma gráfica, integrando os vários níveis da investigação: a visão paradigmática, as abordagens teóricas de base, as metodologias e as técnicas que as permitiram operacionalizar. Apresenta-se ainda um breve apontamento sobre o desenrolar do projecto de investigação ao longo do tempo.

A segunda finalidade foi apresentar o desenho da investigação. Em primeiro lugar, expôs-se a questão inicial “Como é que os rituais familiares são percebidos pelos dois elementos do casal e quais as suas ligações com variáveis de cariz relacional (vinculação, qualidade relacional e proximidade)?”. Esta questão serve de ponto de partida aos dois estudos empíricos que lhe respondem com resultados e discursos distintos. Em segundo lugar, revelaram-se os objectivos e o mapa conceptual específico (versão gráfica) para cada um dos estudos separadamente.

A questão inicial, os objectivos e o mapa conceptual constituem a base para a formulação de hipóteses e questões de investigação que serão apresentadas nos dois capítulos seguintes dedicados aos estudos empíricos.

CAPÍTULO IV

PRIMEIRO ESTUDO EMPÍRICO

1. SINOPSE DO ESTUDO

No âmbito desta investigação foram recrutados casais para participarem num estudo à base de questionários que avaliam as percepções sobre rituais familiares, ansiedade e evitamento na vinculação amorosa, qualidade relacional percebida e proximidade. Neste estudo, distinguiram-se os rituais que se realizam nos contextos mais ligados à família e nos contextos mais ligados à cultura em que a família se insere; este aspecto constitui uma inovação face à maioria das investigações anteriores na área dos rituais familiares que não têm contemplado esta distinção.

Num primeiro momento, examinaram-se as características psicométricas das medidas seleccionadas para avaliar cada uma das variáveis, dado que, para quase todas, foi a primeira vez que se aplicaram junto de uma população portuguesa. Posteriormente, para cada umas variáveis em estudo (rituais familiares, evitamento e ansiedade, qualidade relacional e proximidade), efectuaram-se comparações entre diferentes grupos de variáveis sócio-demográficas nomeadamente, sexo, idade, número de filhos e escolaridade. Embora tivéssemos privilegiado uma abordagem dimensional da vinculação amorosa, realizámos, nesta primeira fase, uma análise de *clusters* que nos permitiu distinguir os quatro protótipos de vinculação do modelo de Kim Bartholomew (1990): seguro, preocupado, desinvestido e amedrontado. Desta forma, investigámos a existência de diferenças entre os vários protótipos relativamente aos rituais, qualidade relacional e proximidade. Realizaram-se ainda, análises correlacionais que incluíram a exploração das associações entre as variáveis em estudo para os dois cônjuges (separadamente e em conjunto) e entre estas e o tempo de casamento.

Em termos das análises principais, recorreu-se, num momento inicial, às regressões múltiplas e, posteriormente, aos modelos de equações estruturais. As regressões múltiplas constituíram uma primeira abordagem aos dados. Os modelos de equações estruturais foram escolhidos como análises principais por várias razões relevantes que se prendem, sobretudo, com o tipo de amostra seleccionada e com o tipo de análise que se pretendia efectuar. Salienta-se que estes modelos permitem controlar a variância partilhada entre os cônjuges e permitem ainda a análise simultânea dos efeitos individuais e inter-cônjuges.

1.1. Hipóteses e questões de investigação

No início deste estudo, formulámos cinco hipóteses:

Hipótese 1

Primeiro, considerámos que níveis mais elevados da dimensão evitamento na vinculação amorosa estariam associados com menor investimento nos rituais familiares.

Os rituais familiares promovem sentimentos de pertença e segurança, sendo de prever que as pessoas mais evitantes na sua relação com o cônjuge sejam menos capazes e /ou motivadas para investir nestes eventos da vida familiar.

Esta hipótese pretende ampliar o trabalho de Leon & Jacobvitz (2003), através do foco na vinculação no contexto amoroso e do recurso a uma abordagem dimensional.

Hipótese 2

Em segundo lugar, considerámos que maior investimento nos rituais familiares estaria associado com percepções mais positivas de qualidade relacional e de proximidade.

Esta hipótese apoia-se na ideia de que o casal trabalha como equipa nas tarefas subjacentes aos rituais e que as características destas tarefas poderão promover sentimentos de pertença, bem-estar e proximidade relacional.

Trata-se de uma hipótese que se apoia nos estudos de Fiese et al. (1993) e de Fiese & Tomcho (2001) e que pretende complementá-los através de: recurso a uma amostra mais abrangente em termos de tempo de casamento; introdução da variável proximidade e utilização de um questionário que avalia as percepções subjectivas de qualidade relacional e utilização de análises estatísticas que permitem avaliar os efeitos inter-cônjuges.

Hipótese 3

Considerámos que a similaridade dos cônjuges nos rituais familiares estaria ligada a menores níveis na dimensão evitamento e a maiores níveis de qualidade relacional e proximidade.

Esta hipótese corresponde a uma extensão das duas primeiras. Para além de analisarmos o efeito das percepções individuais de investimento familiar nos rituais familiares, procurámos também analisar até que ponto a similaridade/acordo entre as respostas dos cônjuges poderia ser um factor relevante nas associações previstas com as variáveis em estudo. Estamos na presença de uma hipótese que não foi examinada em estudos anteriores.

Hipótese 4

Em quarto lugar, formulámos ainda uma hipótese geral em relação às diferenças de sexo. Considerámos que ambos os efeitos previstos (Hipóteses 1 e 2) seriam mais significativos para as mulheres do que para os homens.

As mulheres parecem ser mais responsáveis e envolvidas nas tarefas familiares, nomeadamente, na organização de eventos e na gestão e manutenção das relações familiares. Considerámos, por conseguinte, que a variável rituais familiares pudesse ter um efeito mais significativo nas percepções femininas sobre a relação de casal.

Esta hipótese baseia-se no estudo de Fiese et al. (1993) (que apurou uma relação mais forte entre significado dos rituais familiares e satisfação conjugal nas mulheres do que nos homens) e na revisão da literatura sobre os rituais.

Hipótese 5

Finalmente, considerámos que estes efeitos (Hipóteses 1, 2, 3 e 4) seriam mais significativos quando analisados os rituais familiares nos contextos familiares por comparação com os Rituais familiares nos contextos culturais.

Os rituais nos contextos familiares são mais orquestrados pela família nuclear, enquanto os rituais nos contextos culturais são mais determinados formalmente e envolvem a participação de elementos da família alargada e mesmo de elementos exteriores à família. Desta forma, consideramos que os processos que se desenrolam nos rituais familiares nos contextos familiares poderão reflectir mais a natureza e a identidade de uma determinada família e estar mais ligados à dimensão da vinculação entre os membros do casal e às avaliações que fazem da sua relação conjugal do que os Rituais nos contextos culturais. É também de referir que os próprios rituais familiares parecem acontecer de modo mais frequente do que os rituais nos contextos culturais

(avalia-se, por exemplo, a hora de jantar e o fim-de-semana, com uma frequência diária e semanal respectivamente) e este facto pode estar na origem da sua maior influência.

Esta hipótese baseia-se na distinção elaborada por Fiese (protocolo de cotação do Questionário dos Rituais Familiares, não publicado) relativa à existência de duas grandes áreas dos rituais familiares; trata-se de uma hipótese de cariz mais exploratório.

Para além das hipóteses formulámos ainda quatro questões gerais de investigação:

1. Qual a relação de cada uma das variáveis em estudo – rituais familiares (contextos familiares e contextos culturais), evitamento e ansiedade na vinculação amorosa, qualidade relacional e proximidade – com as variáveis sócio-demográficas: sexo, idade, tempo de casamento, número de filhos e escolaridade?
2. Qual a relação entre as dimensões do evitamento e ansiedade na vinculação amorosa e Qualidade relacional na nossa amostra?
3. Qual a relação entre evitamento e ansiedade na vinculação amorosa e proximidade na nossa amostra?
4. Qual a relação entre qualidade relacional e proximidade na nossa amostra?

2. ESTRATÉGIA DE MENSURAÇÃO: CARACTERIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DAS QUALIDADES PSICOMÉTRICAS DOS INSTRUMENTOS UTILIZADOS

2.1. Amostra

Nesta secção, encontram-se descritos aspectos relacionados com a amostra deste estudo. Estes revestem-se de especial importância já que a validade dos resultados estatísticos depende, em parte, do modo como os participantes foram seleccionados, do seu número e do *ratio* N / variáveis e das características da sua resposta (Spicer, 2004; Tabachnick & Fidell, 2001).

2.1.1. Pressupostos e técnica de amostragem

Esta amostra foi recolhida através de uma técnica de amostragem não probabilística, o que acontece frequentemente nos estudos empíricos em Psicologia (Spicer, 2004). Neste tipo de amostragem, ao contrário das técnicas de amostragem probabilística, não há a referência formal a uma população definida e não existem procedimentos que assegurem probabilidades conhecidas¹. Neste caso específico, trata-se de uma amostragem de conveniência (Spicer, 2004): os participantes são escolhidos porque preenchem determinados critérios definidos tendo por base os objectivos da investigação. Em primeiro lugar, estávamos interessados numa amostra de casais. Tendo em conta que se pretendia abranger vários momentos do ciclo de vida do casal, o que, por si só, introduz variabilidade, procurou-se que a amostra fosse relativamente homogénea em relação a outros critérios e definiram-se, assim, as características dos

¹ O objectivo dos estudos que recorrem a estas técnicas não é chegar a conclusões representativas de uma determinada população, mas sim, perceber se determinados fenómenos ocorrem e em que rede de circunstâncias. Com este tipo de amostragem, não se pode garantir a replicação dos resultados e, consequentemente, a generalização dos mesmos à população não pode ser feita de um modo absoluto (Spicer, 2004). Verifica-se que a maior parte dos estudos empíricos realizados no âmbito da Psicologia recorre a técnicas de amostragem não probabilística, o que é motivado pelos objectivos específicos e também por uma questão de conveniência. Como refere o ditado anglo-saxónico "A prova do pudim está no gosto", o que significa que se um determinado efeito se manifesta numa amostra relativamente pequena, este efeito é potencialmente bastante significativo (Fletcher, comunicação pessoal, 2004). É necessário, contudo, confrontar os resultados de cada investigação com os de outras envolvendo amostras com diferentes características e ou diferentes métodos de avaliação. A construção do conhecimento em Psicologia faz-se, assim, muito mais através de uma rede de pequenos núcleos de informação que articulam similaridades e diferenças do que de uma mera adição de resultados definitivos.

participantes a incluir: casais heterossexuais, casados, de preferência em situação de primeiro casamento e provenientes de zonas urbanas. Os casais foram contactados através de pessoas-chave da comunidade (responsáveis por grupos de casais, professores universitários) e outros referentes e, voluntariamente, disponibilizaram-se para a participação nesta investigação. Por si só, este tipo de técnica de recolha da amostra é bastante condicionado, o que aliado ao carácter voluntário da participação, ao facto de as questões visarem temas considerados íntimos e à necessidade de ambos os membros do casal anuírem, limitou ainda mais o universo dos participantes abrangido. Contudo, considerámos que obtivemos um elevado grau de variabilidade, nomeadamente a nível da idade, tempo de casamento e habilitações académicas. Esta variabilidade constitui uma vantagem pois permitiu a realização de análises correlacionais e de comparação de grupos entre as variáveis em estudo e as variáveis sócio-demográficas desta amostra.

2.1.2. Amostra inicial e amostra real: Tratamento dos valores omissos

A amostra inicial era constituída por 165 casais ($N = 330$). Após uma observação dos dados, concluiu-se que 15 casais apresentavam um número elevado de respostas omissas (*missing values*). O valor de corte para a inclusão dos casais da amostra foi o de 5% de valores omissos, ou seja, os casais que apresentaram valores omissos em menos de 5% do total das suas respostas (63) e os casais que não apresentavam quaisquer valores omissos (87) foram incluídos na amostra. Esta, que denominaremos amostra real, ficou constituída por 150 casais ($N = 300$). De modo a lidar com as respostas omissas, procedeu-se a uma substituição das mesmas pela média de cada participante em cada escala ou respectivo factor. Esta opção tem vindo a ser defendida (Tabachnick & Fidell, 2001; Spicer, 2004), pois cada substituição é feita tendo em conta os dados relativos a cada participante (trata-se, portanto, da adopção de um critério mais próximo) e não se resume a uma substituição da média de todos os participantes (critério mais distante). O número de indivíduos desta amostra é considerado adequado para a realização de todas as análises estatísticas desenvolvidas (cf. Ullman, 2001, in Tabachnick & Fidell, 2001; Spicer, 2004).

2.1.3. Características

A amostra é constituída por um total de 150 casais ($N = 300$) de duas áreas urbanas de Portugal (86% do Porto e 14% de Lisboa). A grande maioria dos participantes ($n = 297$) estava numa situação de primeiro casamento. A média do tempo de casamento é de 16.24 anos ($DP = 12.66$) e a média de idades é de 42.10 anos ($DP = 12.79$). De entre os participantes, 154 tinham um bacharelato ou licenciatura, 65 concluíram o 12º ano, 61 níveis entre o 1º e o 3º Ciclos e 19 o 1º Ciclo do Ensino Básico. Enquanto há mais homens que concluíram o 12º ano, há mais mulheres com bacharelato e licenciatura, sendo que até ao 9º ano não existe uma grande diferença entre os sexos.

A maioria dos participantes ($n = 257$) estava numa situação de emprego activo, estando 30 na reforma, 10 na categoria “doméstica” e apenas 3 desempregados. O nível profissional dos sujeitos foi avaliado tendo em conta a sua profissão e o seu nível de escolaridade. Os participantes desta amostra foram incluídos nos grupos Médio Alto ($n = 161$ e Médio ($n = 70$), sendo os grupos mais extremos menos representados, Médio Baixo ($n = 43$) e Alto ($n = 13$). Em termos do nível profissional, há mais mulheres do que homens no nível Médio Alto e o oposto acontece no nível Médio. Em termos do Médio Baixo e do Alto, há mais homens do que mulheres em ambos os níveis mas as diferenças são menores do que evidenciada para o nível Médio. Como esperado, parece haver uma maior distinção entre os sexos nas habilitações académicas do que no nível profissional, sendo as mulheres o grupo que apresenta qualificações mais elevadas.

Cento e onze casais tinham filhos, sendo a média de filhos desta amostra 1.41 ($DP = 1.09$). A maioria dos participantes (60.7%) vivia com os filhos no agregado familiar. Quanto à religião, 268 participantes declararam ser religiosos (266 católicos e 2 Testemunhas de Jeová) e 32 não. No Quadro 2 encontram-se as descrições das frequências, percentagens, médias e desvios padrões (no caso das variáveis métricas) das variáveis sócio-demográficas que privilegiámos no âmbito das análises estatísticas.

Quadro 2

Principais variáveis sócio-demográficas da amostra: frequências, percentagens, médias e desvios-padrão

	<i>Categorias</i>	<i>n</i>	<i>Percentagem</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio-Padrão</i>
Sexo	Feminino	150			
	Masculino	150			
Idade					
	Total			42.10	12.79
	Homem			43.11	13.03
	Mulher			41.08	12.51
Grupos	23-30	74	24.7		
	31-40	81	27.		
	41-50	62	20.7		
	51-60	50	16.7		
	61-78	33	11		
Tempo de casamento					
	Total			16.21	12.67
Grupos	0.25-5	85	28.3		
	6-10	36	12		
	11-20	55	18.3		
	21-30	68	22.7		
	31-46.5	56	18.7		
Número de filhos	0	76	25.3	1.41	1.09
	1	76	25.3		
	2	106	35.3		
	3	34	11.3		
	>3	8	2.7		
	Escolaridade	< 9º ano	81	27	
12º ano		65	21.7		
Bacharelato		37	12.3		
Licenciatura		117	39		

2.2. Caracterização dos instrumentos

Nesta secção descrevem-se brevemente os instrumentos utilizados, o racional teórico subjacente aos mesmos e, sempre que necessário, fazem-se referências a outros estudos, com especial ênfase para os estudos dos autores originais. São, ainda, apresentados os motivos que levaram à selecção de cada um destes instrumentos de avaliação para a nossa investigação.

2.2.1. *Rituais familiares*

Os rituais familiares foram avaliados através do *Family Ritual Questionnaire* (Fiese e Kline, 1993), que na língua portuguesa se denominou Questionário de Rituais Familiares².

Este questionário avalia os rituais familiares em 7 contextos: hora de jantar, fins-de-semana, férias, feriados religiosos, tradições culturais e étnicas, comemorações anuais e celebrações especiais. Os autores originais dividiram estes contextos em dois grandes grupos: contextos familiares e contextos culturais. Os contextos familiares incluem hora de jantar, fins-de-semana, férias e comemorações anuais. Os contextos culturais incluem feriados religiosos, tradições étnicas e culturais e celebrações especiais. Enquanto os primeiros são mais orquestrados pela família nuclear e relacionados com as suas vivências, os segundos apresentam uma maior participação de outros elementos da comunidade e da família alargada e são mais influenciados pelos contextos sociais envolventes. A avaliação dos rituais nestes contextos é feita através de 8 dimensões que os autores consideraram importantes com base numa revisão sobre a literatura científica sobre rituais familiares (Fiese & Kline, 2003). O Quadro 3 apresenta um breve resumo dos contextos e dimensões tal como foram definidos pelos autores originais.

No seu todo, o Questionário de Rituais familiares (QRF) é composto por 56 itens (7 contextos * 8 dimensões) apresentados num formato de escolha forçado. A escolha deste formato específico teve como objectivo reduzir os efeitos da deseabilidade social ao apresentar alternativas que não fossem vistas como mais ou menos desejáveis. Neste questionário é pedido aos participantes que pensem na sua família nuclear e no modo como esta habitualmente funciona em determinadas actividades e contextos. Este tipo de informação é apresentado num procedimento que envolve dois passos. Num primeiro momento, é pedido aos participantes para escolherem, de entre duas, a afirmação que mais se parece com o que tipicamente ocorre na sua família (por exemplo, “Em algumas famílias, as pessoas fazem questão de jantar

² No questionário original, pode-se ler no título “*Family Routines Questionnaire*”, enquanto, na literatura, o mesmo questionário é referido como “*Family Ritual Questionnaire*”, o que poderá originar dúvidas sobre se se trata do mesmo questionário. De acordo com Fiese (2006, comunicação pessoal), enquanto o título do questionário é de facto “*Family Ritual Questionnaire*”, os autores optaram por apresentar a denominação “*Family Routines Questionnaire*” no protocolo apresentado aos participantes devido à maior familiaridade do público americano em geral com o termo rotinas por oposição ao termo rituais. Na versão portuguesa, optámos por manter a denominação Questionário dos Rituais Familiares.

juntas” por oposição a “Em outras famílias não é assim: tão importante as famílias jantarem juntas”).

Quadro 3

Contextos e dimensões do Questionário dos Rituais Familiares (trad. de Fiese & Kline, 1993)

Contextos	Breve descrição
<i>Hora de jantar</i>	Refeição familiar partilhada
<i>Fins-de-semana</i>	Lazer ou actividades planeadas que ocorrem em dias de fim-de-semana
<i>Férias</i>	Eventos ou actividades em torno das férias em família
<i>Comemorações anuais</i>	Comemorações que ocorrem uma vez no ano: aniversários, aniversários de casamento, primeiro dia de escola
<i>Feriados religiosos</i>	Celebrações religiosas: Natal, Chanukah, Páscoa
<i>Tradições culturais e étnicas</i>	Celebrações relacionadas com a cultura e grupos étnicos: funerais, velórios, realização de uma comida tradicional especial
<i>Celebrações especiais</i>	Celebrações cuja ocorrência não depende da religião ou cultura: casamentos, finalização de cursos, reuniões familiares
Dimensões	Breve descrição
<i>Ocorrência</i>	Qual a frequência em que a actividade ocorre
<i>Papéis</i>	Existência de papéis e deveres durante a actividade
<i>Rotinas</i>	Regularidade relativa ao desenrolar da actividade
<i>Presença/Participação</i>	Expectativas relacionadas com a presença ser ou não considerada obrigatória
<i>Afecto</i>	Investimento emocional na actividade
<i>Significado simbólico</i>	Significado atribuído à actividade
<i>Continuação</i>	Permanência da actividade longo das gerações
<i>Preparação/ Intencionalidade</i>	Preparação e planeamento associado com a actividade

Em seguida, os participantes escolhem se a frase escolhida é “Totalmente verdade” ou “Mais ou menos verdade” na sua família. Este formato permite dar origem a uma escala de *Likert* de 4 pontos, na qual valores mais elevados indicam maior investimento da família nos rituais familiares, como é exemplificado na Figura 8.

PARA A NOSSA FAMÍLIA						PARA A NOSSA FAMÍLIA	
Totalmente Verdadeiro	Mais ou Menos Verdadeiro				Mais ou Menos Verdadeiro	Totalmente Verdadeiro	
A (4)	B (3)	Em algumas famílias as pessoas fazem questão de jantar juntas.	MAS	Em outras famílias não é assim tão importante as pessoas jantarem juntas.	C (2)	D (1)	

Figura 8. Exemplo da primeira questão da sub-escala relativa ao Jantar com os valores de cotação correspondentes a cada opção de resposta.

As análises factoriais realizadas com este instrumento (Fiese & Kline, 1993) demonstraram a presença de dois factores, denominados Componente do significado dos rituais familiares e Componente das rotinas dos rituais familiares que denominaremos de forma simplificada Significado e Rotinas. O primeiro factor é constituído pelos itens correspondentes às dimensões Ocorrência, Presença/Participação, Afecto, Significado Simbólico e Preparação/Intencionalidade. Refere-se ao significado pessoal atribuído aos rituais familiares. O segundo factor é constituído pelos itens correspondentes às dimensões Papéis e Rotinas e refere-se à regularidade no desenrolar dos rituais.³

Ao contrário do que se verificou com as outras variáveis em estudo, relativamente às quais foi possível escolher de entre várias opções de avaliação disponíveis, no caso dos rituais familiares, são apenas dois os questionários mais utilizados nos estudos empíricos com esta variável: o Questionário dos Rituais

³ Num momento inicial, os autores incluíram neste factor os itens relativos à dimensão Continuação (cf. Fiese, 1992 e Fiese, Hooker, Kotary & Schwagler, 1993). Posteriormente, estes itens deixaram de ser incluídos neste factor (cf. Fiese & Tomcho, 2001 e Family Ritual Questionnaire, protocolo de cotação, s/ data), devido ao facto de apresentarem resultados ambíguos nas análises factoriais.

Familiares e o *Families Routines Inventory* (Jensen et al., 1983). Este questionário avalia a frequência de 28 rotinas específicas e pré-determinadas enquanto o Questionário dos Rituais Familiares avalia a percepção em relação a contextos, permitindo abranger a variedade de rituais existente nas diferentes famílias. O Inventário de Rotinas Familiares centra-se, sobretudo, na frequência das rotinas apresentadas pelo próprio inventário. O Questionário dos Rituais familiares não só inclui perguntas relativas à frequência dos rituais mas também aos significados afectivo e simbólico dos mesmos, o que vem de encontro à concepção do conceito de rituais adoptada no âmbito desta investigação. Para além das vantagens do ponto de vista conceptual, o Questionário dos Rituais Familiares (QFR) apresenta qualidades psicométricas adequadas que têm sido comprovadas com diferentes populações (casais, estudantes universitários e adolescentes). O QFR apresenta bons índices de fidelidade teste-reteste, de consistência interna e de replicação da estrutura factorial em vários estudos (e.g. Baxter & Clark, 1996; Fiese & Kline, 1993; Fiese & Tomcho, 2001), sendo, contudo, de referir a excepção do estudo de Leon & Jacovitz (2003) que comprovou a estrutura factorial para mulheres mas não para homens.

2.2.2. Vinculação amorosa

A vinculação ao par amoroso foi avaliada através da escala *Experiences in Close Relationships* (Brennan, Clark & Shaver, 1998), denominada Experiências nas Relações Íntimas (ERI) na língua portuguesa (cf. Campos, 1998). Este questionário teve origem numa pesquisa exaustiva da literatura que conduziu à criação de um conjunto de 482 itens (posteriormente reduzidos para 323 após uma análise da sua redundância) que avaliavam 60 constructos relacionados com a vinculação (Brennan et al., 1998). Os autores efectuaram análises factoriais que produziram dois factores independentes que correspondiam às dimensões de ansiedade e evitamento⁴. Com base nos resultados das duas sub-escalas, os autores procederam a uma análise hierárquica de *clusters* e chegaram à conclusão que estes correspondiam conceptualmente aos quatro tipos de vinculação propostos por Kim Bartholomew: seguro, preocupado, desinvestido e amedrontado (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). O evitamento está

⁴ Ao longo do texto e para facilitar a leitura, por vezes, utilizamos, de forma simplificada, as expressões ansiedade e evitamento; realçamos, porém, que nos referimos sempre às dimensões especificamente e não a estilos de vinculação.

sobretudo ligado ao modelo do outro e diferencia os indivíduos amedrontados e desinvestidos dos seguros e preocupados, enquanto a ansiedade se relaciona com o modelo de si próprio e distingue os indivíduos amedrontados e preocupados dos desinvestidos e seguros.

Para criar a ERI, os autores reduziram o número de itens de cada sub-escala. Na sua versão final, esta escala é composta por 36 itens que se dividem em duas sub-escalas, ansiedade e evitamento com 18 itens cada uma. Resultados elevados na sub-escala da ansiedade indicam preocupação sobre se o/ a companheiro/a está disponível e atento às suas necessidades. Resultados baixos indicam, por outro lado, maior segurança relativamente à responsividade do/a companheiro/a (Fraley, 2004). Relativamente à sub-escala do evitamento, resultados mais elevados indicam preferência em não confiar ou revelar muito de si aos outros. Resultados mais baixos nesta sub-escala indicam maior conforto em depender dos outros significativos e em permitir que estes façam o mesmo em relação a si (Fraley, 2004).

Brennan, Clark e Shaver construíram a sua escala com base no modelo bi-dimensional da vinculação de Ainsworth e demonstraram a possibilidade de construção de 4 categorias ou tipos de vinculação com base no cruzamento das dimensões da ansiedade e do evitamento. A ERI permitiu avanços consideráveis no universo das medidas da avaliação da vinculação, permitindo a análise de dimensões ao longo de um *continuum*: em vez da classificação dos participantes em estilos ou tipos de uma forma absoluta, é possível avaliar o grau de ansiedade e de evitamento de cada indivíduo. Cada vez mais, os investigadores conceptualizam e avaliam as diferenças individuais na vinculação com base em dimensões que permitem uma avaliação mais diferenciada da variabilidade dos sujeitos (Fraley, 2004; Matos, 2002) bem como a utilização de procedimentos estatísticos mais robustos. No entanto, esta escala possibilita ainda que os investigadores, se os seus objectivos assim o justificarem, possam agrupar os participantes nos 4 tipos ou protótipos propostos por Kim Bartholomew. Esta escala tem sido usada e as suas qualidades psicométricas têm sido comprovadas. Lafontaine e Lussier (2003) apresentam um estudo com a adaptação desta escala à língua francesa, indicando uma boa adequação à população de adultos e casais. Fraley, Waller e Brennan (2000) compararam a ERI com outras medidas de avaliação utilizando a “*item response theory*” e consideraram que apresentava um bom grau de precisão de medida em

diferentes níveis do constructo de vinculação. No entanto, neste mesmo estudo, Fraley et al. (2000) apontam para uma das fragilidades desta escala: é mais precisa na avaliação de indivíduos com elevados níveis de ansiedade e /ou evitamento do que na avaliação de indivíduos seguros, ou seja, com baixos níveis de ansiedade e evitamento. Este foi um dos motivos que levou os autores a construírem uma nova versão da ERI, em inglês ECR-R. Tendo em conta que à data da escolha dos instrumentos, esta nova versão ainda não dispunha de um leque sólido de estudos sobre as suas qualidades psicométricas, optámos pela versão original. O facto de esta ter sido aplicada a uma amostra da população portuguesa com bons resultados (Campos, 1998), aliado às suas qualidades previamente enunciadas, motivou a escolha por este instrumento para a avaliação da vinculação amorosa neste estudo.

2.2.3. Percepção de qualidade relacional

Para a avaliação da percepção de qualidade relacional optou-se pelo *Perceived Relationship Quality Components Inventory* (Fletcher, Simpson & Thomas, 2000), denominado Inventário de Componentes de Qualidade Relacional Percebida. Os autores, após uma revisão da literatura, identificaram seis constructos que podiam ser considerados componentes da qualidade relacional e para os quais já tinham sido desenvolvidos instrumentos de avaliação: satisfação, compromisso/investimento, intimidade, confiança, paixão e amor. Posteriormente, construíram três itens para cada um dos seis componentes, o que originou uma escala com 18 itens. Ao preencherem esta escala os participantes classificam a sua relação com o actual companheiro/a através de uma escala de *Likert* de 7 pontos. Um exemplo das questões que compõem esta escala é “Até que ponto está satisfeito com a sua relação?”. Os resultados ao longo das seis dimensões são transformados numa média que produz uma classificação de qualidade relacional percebida. Os autores testaram quatro modelos para perceber como é que estes componentes estavam estruturados e se relacionavam uns com os outros. Concluíram que as avaliações em cada um dos domínios eram específicas e quase independentes mas que estes domínios estavam relacionados com um factor de segunda ordem da qualidade relacional percebida. Os indivíduos apresentam uma avaliação geral que sumaria o modo como percebem a sua relação com o/a companheiro/a. No entanto, as suas avaliações relativamente a cada domínio podem divergir (por exemplo, podem

avaliar mais positivamente o amor do que a paixão ou o compromisso/investimento do que a satisfação), dependendo de factores como a natureza da relação, o seu estágio de desenvolvimento, entre outros (Fletcher, Simpson & Thomas, 2000). Este questionário, quer nos seus estudos iniciais (Fletcher et al., 2000), quer em estudos posteriores (Boyes, 2006; Campbell, Simpson, Boldry & Kashy, 2005; Friesen, Fletcher & Overall, 2005) demonstrou excelentes índices de fidelidade. Este tipo de escala pareceu-nos particularmente útil para os objectivos da nossa investigação, nomeadamente, avaliar a relação entre outras variáveis como os rituais familiares e a percepção que os indivíduos têm da sua relação. Trata-se de avaliar a sua percepção a um nível subjectivo e não de avaliar uma série de comportamentos, cognições ou emoções que *a priori* se definiram como fazendo parte da qualidade relacional. Aliás, certos parâmetros muitas vezes usados neste tipo de escalas como o número e a frequência de interacções entre os cônjuges poderiam resultar em redundância relativamente aos Rituais familiares (que pressupõem actividades partilhadas pelo casal) e assim inflacionar a relação entre estas duas variáveis.

2.2.4. Proximidade

2.2.4.1. IOS

A proximidade entre os membros do casal foi avaliada através da *Inclusion of Other in the Self Scale* (Aron, Aron & Smollan, 1992), denominada Escala de Inclusão do Outro no *Self* (IOS). A IOS é uma medida gráfica composta por um só item que consiste numa série de diagramas de Venn que representam diferentes graus de sobreposição entre dois círculos que, por sua vez, representam o outro e o *self*. Na administração desta escala, é pedido aos participantes que escolham a figura que melhor descreve a sua relação com o/a companheiro/a. Cada figura corresponde ao grau de proximidade que o/a participante percepção na sua relação com o/a companheiro/a que, neste caso, pode ir de 1 a 7. Em termos teóricos, os autores justificam esta proposta considerando que existe um aspecto da proximidade - os *selves* interligados - que está relacionado com o modo como os psicólogos da área social e outros têm preconizado a noção de proximidade. O modelo de expansão do *self* proposto por Aron e Aron, em 1986, sugere que nas relações próximas, o indivíduo pode perceber o *self* como incluindo recursos, perspectivas e identidades do outro (Aron, Mashek & Aron, 2004).

O estudo das qualidades psicométricas de uma escala de um só item não permite o recurso à análise factorial ou à avaliação da consistência interna. Os autores (Aron et al., 1992) descrevem no artigo de apresentação da escala uma série de estudos com diferentes métodos. Primeiro, avaliaram a fidelidade de formas alternativas: compararam a escala com círculos com a mesma escala com figuras em forma de diamante e o alpha para a primeira foi de .95 para os participantes que se reportaram a relações românticas. Procederam ainda ao teste-reteste, tendo obtido uma correlação de .85 no caso dos participantes que avaliavam relações românticas. Para além destes procedimentos, os autores efectuaram estudos correlacionais com outras medidas de proximidade que demonstraram a validade concorrente e convergente da escala IOS (as correlações revelaram-se significativas mas não excessivamente elevadas, ou seja, a IOS não se revelou redundante em relação a medidas anteriores). Foi também demonstrada a sua validade preditiva, sendo que a IOS se revelou significativamente correlacionada, entre outros aspectos, com a probabilidade de uma relação continuar intacta três meses mais tarde ($r = .46$). Através de uma análise confirmatória, os autores consideraram que a proximidade poderia incluir dois factores “Sentir-se próximo” (*Feeling Close*) e “Agir próximo” (*Behaving Close*). Recolheram seis medidas de proximidade, incluindo a IOS, e tentaram verificar que medidas estavam mais associadas com cada um dos factores. A IOS foi a única escala que se mostrou associada aos dois factores de um modo consistente, podendo-se concluir que inclui aspectos relativos aos sentimentos e aos comportamentos de proximidade. Posteriormente, Agnew, Loving, Le e Goodfriend (2004) acrescentaram a estas a dimensão “Pensar próximo” (*Thinking close*) como parte integrante dos aspectos da proximidade avaliados pela IOS.

Esta escala demonstrou propriedades psicométricas adequadas e tem sido utilizada em vários estudos quer sobre relações íntimas, quer sobre outras temáticas (cf. Agnew et al., 2004; Aron et al., 2004). A existência de investigações prévias realizadas com esta escala, aliada à rapidez e facilidade de administração, motivaram a sua escolha no âmbito desta investigação.

2.2.4.2. Inventário de Proximidade Relacional

Um outro instrumento utilizado para avaliar a proximidade entre os membros do casal foi o *Relationship Closeness Inventory* (Berscheid, Snyder & Omoto, 1989),

denominado em português, Inventário de Proximidade Relacional. Este instrumento teve como referencial teórico a proposta de Kelly et al. (1983, cit. in Berscheid, Snyder & Omoto, 1989; 2004) que conceptualizou o seguinte: pode-se afirmar que duas pessoas têm uma relação se o padrão de interação revela que são interdependentes, isto é, que o comportamento de cada pessoa é influenciado pelo comportamento da outra. Kelley e colaboradores sugeriram que a interdependência entre duas pessoas é evidenciada nas suas actividades quotidianas e referiu a importância da avaliação das propriedades dessa interacção: frequência, diversidade, influência e duração no tempo. Berscheid et al. (1989) consideraram as primeiras três e construíram três escalas destinadas a avaliar cada uma destas dimensões.

Em relação à frequência, os autores consideraram a importância do tempo passado em conjunto. Assim, nesta escala é perguntado aos participantes quanto tempo passaram sozinhos com a outra pessoa, em média, durante os períodos da manhã, tarde e noite na semana anterior. Os autores definiram um valor teórico máximo e dividiram a sua raiz quadrada por 10 de modo a criar uma escala de frequência de 10 pontos (os participantes apresentam os resultados brutos que depois são convertidos com base nos valores apresentados pelos autores).

Relativamente à avaliação da diversidade, os autores consideraram que o número de actividades em diferentes domínios que os companheiros fizessem juntos seria um bom indicador desta propriedade. Assim, é perguntado aos participantes o número de actividades diferentes que realizaram em conjunto com os seus companheiros na semana anterior. Para tal, os autores criaram uma base de 38 actividades, desde as mais quotidianas (tratar da roupa, comer uma refeição) até às mais infrequentes (sair, ir a uma festa ou a outro evento social) que os participantes seleccionam consoante a tenham realizado ou não durante a semana anterior. Empregando o mesmo processo referido para a sub-escala da frequência, é possível transformar os resultados brutos numa escala intervalar de 10 pontos.

A propriedade influência foi avaliada pelos autores através do grau de influência de cada uma das pessoas na relação nos comportamentos quotidianos, decisões, planos e objectivos da outra. Assim, criaram uma escala de *Likert* de 7 pontos (“Discordo totalmente” até “Concordo Totalmente”) com 34 itens que incluem afirmações como “X não influencia quais os amigos com quem me relaciono” e “X influencia o meu tempo

livre”). Embora este tipo de escala não necessite de transformação de resultados, os autores fizeram-na para que se pudesse juntar com as outras duas sub-escalas para formar um índice único de proximidade.

Foram realizados vários estudos psicométricos que indicaram, entre outros aspectos, um bom índice de fidelidade teste-teteste e validade na diferenciação entre relações próximas e não próximas e ainda validade preditiva relativamente à estabilidade de relações românticas três meses após a sua administração (Berscheid et al., 1989). Para além destes aspectos, este instrumento tem sido utilizado com sucesso em investigações transculturais, comparando amostras dos Estados Unidos da América com amostras do Japão (Gudykunst & Nishida, 1993 cit. in Berscheid et al., 2004, p.90) e da Alemanha (Laursen, Wilder, Noack & Willimans, 2000 cit. in Berscheid et al., 2004, p.91). Na análise confirmatória dos dois factores da proximidade realizada por Aron et al., (1992), todas as sub-escalas saturaram com valores mais elevados no factor “Agir próximo” do que no “Sentir próximo”. Trata-se, pois, de uma medida diferente da anterior porque implica sobretudo aspectos mais comportamentais da proximidade. As relações entre a proximidade e as outras variáveis em estudo, especificamente, os rituais familiares, podem, deste modo, revestir-se de análises mais complexas. Neste estudo, optámos por não incluir, nas nossas análises principais, as sub-escalas frequência e diversidade, mantendo apenas a da influência percebida. Os motivos na base desta decisão são explicitados no ponto 2.4.6.

2.3. Processo de preparação dos instrumentos: Tradução, retroversão e reflexão falada

Quatro questionários foram usados pela primeira vez com uma amostra portuguesa: Questionário dos Rituais Familiares, Inventário de Componentes de Qualidade Relacional Percebida, Inventário de Proximidade Relacional e Inclusão do Outro no *Self*. Por esse motivo, efectuámos os procedimentos necessários para garantir a sua adaptação ao contexto da população portuguesa⁵. Num primeiro momento, efectuou-se a tradução das escalas para a língua portuguesa e, posteriormente, a sua retroversão, processo através do qual as escalas são traduzidas de novo para a língua

⁵ A escala QRF foi adaptada para a população portuguesa num trabalho conjunto com o investigador Wolfgang Lind, docente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

inglesa e se verifica se houve ou não alguma alteração do sentido inicial. Este procedimento foi feito com o recurso a docentes e tradutores da língua inglesa. Num segundo momento, a primeira versão das escalas resultante destes procedimentos foi apresentada a um grupo de participantes com as mesmas características da amostra que iria ser utilizada, neste caso, 10 indivíduos casados que, individualmente, cooperaram com a investigadora na reflexão falada dos instrumentos. A reflexão falada consiste na apresentação dos questionários aos participantes que tentam responder ao mesmo, comentando as questões e as interpretações que confere a cada uma. Deste procedimento resultaram pequenas alterações na formulação verbal de alguns itens do Questionário dos Rituais Familiares, do Inventário de Componentes de Qualidade Relacional Percebida e do Inventário de Proximidade Relacional. No caso do Questionário dos Rituais Familiares, houve, ainda, uma alteração do formato gráfico de modo a que os participantes pudessem compreender e responder adequadamente. Os participantes consideraram o formato inicial (ver Figura 8) “complicado”, “confuso” e “difícil de responder”, tendo-se procedido a uma delimitação gráfica mais visível dos dois momentos de resposta: a alínea “a” refere-se à escolha da frase que mais se assemelha com a sua família e a alínea “b” refere-se ao grau desta semelhança percebida (ver Anexo 1)⁶. No caso da escala IOS, não houve necessidade de qualquer alteração.

2.4. Análise da qualidade psicométrica dos instrumentos utilizados

Nesta secção, são apresentadas as análises que permitiram considerar as escalas seleccionadas como medidas válidas e fiáveis no contexto específico deste estudo. A validade da mensuração refere-se ao grau em que dados estão sujeitos a erros sistemáticos ou vieses que os tornam imprecisos (*innacurate*); é um indicador sobre se aquela medida capta o significado do constructo que se pretende avaliar. A fidelidade de uma medida refere-se ao grau em que os dados apresentam erros aleatórios que os tornam inconsistentes. (Spicer, 2004; Neuman, 1997). A qualidade de uma medida tem sido convencionalmente avaliada pelo modo como produz dados fiáveis e válidos, dois indicadores complementares. Não foi nosso objectivo a adaptação ou aferição de

⁶ Esta alteração do formato gráfico foi comunicada à autora original. Barbara Fiese considerou que esta era adequada e não interferia no essencial do questionário. Nos estudos anteriores com o QRF, este problema da compreensão deste formato nunca foi colocado, segundo a autora, provavelmente devido ao facto de os participantes preencherem o mesmo no *Family Research Lab*, junto dos investigadores que apresentam as instruções pessoalmente.

instrumentos para a população portuguesa pois tal empresa implica, entre outros aspectos, a utilização de várias amostras e de amostras representativas da população respectivamente, a análise da fidelidade teste-reteste e das similaridades e diferenças dos resultados com diferentes amostras em diferentes momentos, o que vai muito para além do âmbito desta investigação. Deste modo, procurou-se, especificamente, examinar se estavam reunidas as condições necessárias à prossecução dos tratamentos estatísticos seleccionados. Para esse efeito, realizaram-se procedimentos comumente reconhecidos como indicadores da validade e fidelidade dos instrumentos: análises factoriais confirmatórias e análise de uma das formas de fidelidade, a consistência interna. As análises foram realizadas respectivamente com os programas EQS (versões 5.5 e 6: Bentler & Wu, 1995/1999) e SPSS (versão 14).

A análise factorial, processo que, muito sumariamente, consiste na redução dos dados e seu agrupamento em factores, pode ser exploratória ou confirmatória. Como refere Hoyle (2000), estes dois tipos de análise podem ser considerados duas âncoras nos limites de um *continuum* que reflecte as restrições impostas aos dados para a realização das análises, muito mais presentes na análise factorial confirmatória do que na exploratória. A análise factorial confirmatória é indicada quando o investigador, baseado em estudos anteriores, tem uma hipótese sobre a estrutura dos dados (Hair et al., 1998); o que é o caso desta investigação dado que todas as medidas tinham sido já desenvolvidas e os seus autores tinham apresentado as respectivas estruturas factoriais (para um exemplo da utilização da análise factorial confirmatória nas mesmas condições ver Boyes, 2006; Duarte, 2005 e Ribeiro, 2002).

Após uma primeira análise dos dados, verificou-se que algumas variáveis não apresentavam uma distribuição normal (como seria de esperar com este tipo de amostra, assimetria negativa para a qualidade relacional e proximidade e positiva para o evitamento na vinculação amorosa). Assim, em termos da estimativa dos modelos, recorreu-se às medidas robustas de ajustamento. As medidas robustas aceitam a “*Maximum likelihood estimation*” mas corrigem os erros-padrão e o qui-quadrado para terem em conta a não normalidade dos dados (Fletcher et al., 2000).

A avaliação dos modelos foi feita com recurso a diferentes critérios concedidos por três medidas de ajustamento (*fit*): o Qui-quadrado (χ^2) robusto, o *Comparative Fit Index* e o *Root Mean Square Error of Aproximation*.

O Qui-quadrado indica a diferença entre as matrizes estimadas e as observadas: quando a probabilidade do Qui-quadrado é $< .05$, esta diferença é significativa. Neste caso, pretende-se que a diferença não seja estatisticamente significativa. Quando tal acontece, isso não implica que o modelo “correcto” foi encontrado mas apenas que um determinado modelo se adequa bem às covariâncias e correlações dos dados (cf. Hair, Anderson, Tatham & Black, 1998). Este teste é muito sensível ao tamanho da amostra e os autores são unânimes em recomendar o recurso a outras medidas de ajustamento complementares (Dilalla, 2000; Hair, Anderson, Tatham & Black, 1998).

O *Comparative Fit Index* (CFI) representa a comparação entre o modelo estimado e um modelo nulo ou independente. Os valores estão compreendidos entre 0 e 1.0 e valores mais altos indicam um melhor ajustamento. É apropriado quando a amostra não é muito grande (Hair et al., 1998). Geralmente, considera-se que há um bom ajustamento quando o CFI é superior a .90 (Dilalla, 2000).

O *Root Mean Square Error of Aproximation* (RMSEA) refere-se à discrepância por graus de liberdade. Este valor é representativo da qualidade de ajustamento (*goodness-of-fit*) que poderia ser esperada se o modelo fosse estimado na população e não apenas numa amostra retirada da mesma. O RMSEA é mais indicado para amostras maiores (Hair et al., 1998). O valor de corte considerado neste estudo foi o de .10 proposto por Brown & Cudeck (1993, cit. in Ullman, 2001), isto é, valores inferiores indicam que o modelo pode ser considerado adequado.⁷

É importante referir dois aspectos em relação aos valores apresentados. Em primeiro lugar, os valores de corte apresentados em relação a estes índices são os mais usados mas não existem bases empíricas consistentes para a adopção absoluta destas convenções (cf. Dilalla, 2000). De facto, a adequação de cada valor depende do modelo a ser testado, da amostra e da normalidade dos dados (Hu & Bentler, 1995 cit. in Dilalla, 2000) e o debate sobre estas questões continua, neste momento histórico da investigação em Psicologia, ainda em aberto. Em segundo lugar, neste caso específico, estávamos sobretudo interessados no ajustamento relativo dos dados aos modelos

⁷ Optámos por adoptar, em relação ao RMSEA, um dos critérios menos conservadores apresentados na literatura (cf. Dilalla, 2000). Esta escolha teve por base o facto de a nossa amostra não ser suficientemente grande: Hu & Bentler (1999, cit. in Ullman, 2001) verificaram que, em amostras mais pequenas, o RMSEA tendia a rejeitar o modelo verdadeiro apresentando valores inflacionados.

factoriais apresentados pelos autores originais e não no seu ajustamento preciso ou absoluto, lembrando que todos os modelos são aproximações (cf. Fletcher et al., 2000)

Na realização das análises factoriais confirmatórias, para se reduzir a complexidade das mesmas, os itens das escalas foram combinados de modo a criar variáveis observadas. Os resultados das análises factoriais confirmatórias serão apresentados como alínea “a”.

Relativamente à consistência interna, esta pode ser quantificada através do alpha de Cronbach que nos permite avaliar até que ponto os itens de uma escala estão interligados e formam um todo consistente, baseando-se sobretudo na correlação entre os itens. Não há um consenso generalizado sobre o valor de corte do alpha de Cronbach mas existe um consenso relativo: valores superiores a .7 já são aceitáveis mas valores mais elevados são altamente recomendáveis (Spicer, 2004). Os resultados da consistência interna serão apresentados como alínea “b”.

2.4.1. Questionário dos Rituais Familiares

a) Vários estudos encontraram a mesma estrutura bifactorial para o Questionário dos Rituais Familiares. Recorremos à análise factorial confirmatória para testar se esta estrutura bifactorial se mantinha com os dados provenientes da nossa amostra. Para tal, e pelas razões já apontadas anteriormente, dividimos o questionário em rituais familiares em contextos familiares e rituais familiares nos contextos culturais (incluindo feriados religiosos, tradições culturais e étnicas e celebrações especiais). Para cada um destes grupos de contextos, realizámos análises factoriais confirmatórias para testar dois modelos concorrentes: o modelo bifactorial apresentado na literatura que divide os rituais familiares em Significado e Rotinas e um hipotético modelo unifactorial que aglutinaria todos os itens de cada grupo de contextos num só factor. O Quadro 4 apresenta a divisão em factores tal como foi preconizada pelos autores originais e que serviu de base às análises factoriais confirmatórias realizadas.

Quadro 4

Divisão do Questionário dos Rituais Familiares em Factores

	Factores	
	Significado	Rotinas
Contextos familiares	Dimensões	Dimensões
Hora de jantar	Ocorrência, Presença/	Papéis e Rotinas
Fim-de-semana	participação, Afecto,	
Férias	Significado Simbólico e	
Comemorações anuais	Preparação/Intencionalidade	
Contextos culturais	Itens	Itens
Feriados Religiosos	1, 4, 5, 6 e 8 das respectivas	2 e 3 das respectivas sub-
Tradições culturais e étnicas	sub-escalas	escalas
Celebrações Especiais		

Esta divisão entre contextos familiares e culturais, que é sobretudo uma divisão de cariz teórico (Fiese, 2006, comunicação pessoal), suscitou uma dúvida específica relativamente ao grupo de pertença do contexto das comemorações anuais. Este tipo de comemorações, que inclui, por exemplo, aniversários dos membros da família e aniversários de casamento, afasta-se mais do quotidiano da família e reveste-se de um carácter mais “especial”, pressupondo um corte com as interações mais comuns no seio da família. Neste ponto, aproxima-se mais dos contextos culturais. Por outro lado, nas comemorações anuais, apesar de outras pessoas poderem estar presentes, é sobretudo a família que organiza estes eventos que são idiossincráticos e revelam muito da identidade familiar. Neste ponto, aproximam-se mais dos contextos familiares. As comemorações anuais são uma metáfora da difícil fronteira entre estes dois grandes grupos de contextos: não se trata de uma divisão estanque de dois universos bem definidos, mas sim, de uma necessidade de esquematização teórica que permita aos investigadores organizar o todo dos rituais familiares. A nossa decisão foi a de manter a inserção das comemorações anuais nos contextos familiares, tal como previsto por Barbara Fiese no protocolo de cotação do QRF. O Quadro 5 apresenta os valores dos índices seleccionados relativos a cada um dos modelos e a diferença entre os mesmos realizada através da diferença do χ^2 e dos graus de liberdade.

Quadro 5

Valores de ajustamento para os modelos dos Rituais familiares nos Contextos Familiares e Culturais

Modelo	χ^2	gl	CFI	RMSEA	$\Delta\chi^2$	Δgl
Contextos familiares						
Modelo unifactorial	92.05	14	.85	.14	-	-
Modelo bifactorial	50.78	13	.93	.10	41.27*	1
Contextos culturais						
Modelo unifactorial	90.65	14	.93	.14	-	-
Modelo bifactorial	43.81	13	.97	.09	46.84*	1

Nota. χ^2 = Qui-quadrado; $\Delta\chi^2$ = diferença de Qui-quadrado; Δgl = diferença de graus de liberdade.

* $p < 0.01$

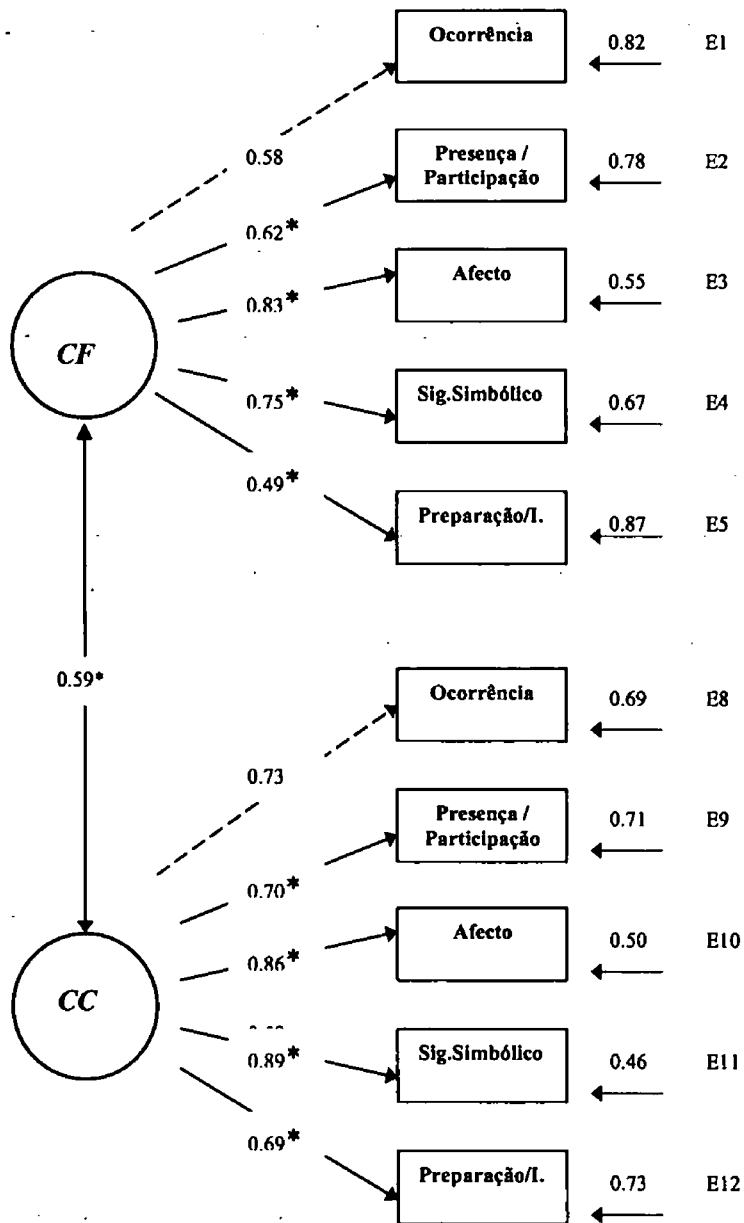
Quer para os contextos familiares, quer para os culturais, o modelo bifactorial foi o que melhor se adequou aos dados, confirmando os resultados de investigações anteriores. No entanto, o segundo factor, Rotinas, apresentou índices de consistência interna bastante baixos nos dois Contextos (as de .59 a .72), o que comprometeria as futuras análises que se viessem a realizar com este factor. Uma análise dos estudos feitos com o QRF permitiu verificar que o factor mais comumente utilizado nas análises principais era o factor Significado dos rituais.⁸ Desta forma, optámos por nos centrar neste factor e mantê-lo nas posteriores análises de dados. Contudo, embora mantivéssemos a sua estrutura original, mudámos a denominação deste factor por motivos apresentados em seguida. Este factor refere-se às percepções do investimento da família nos rituais familiares dos contextos familiares e dos contextos culturais. Entre outros aspectos, pergunta-se a cada um dos membros do casal, qual é a frequência com que a família se envolve em rituais familiares, se despendem tempo a planeá-los em conjunto e se estes rituais têm significado emocional para os seus membros. Este factor reflecte, geralmente, a percepção individual (de maridos e de mulheres) do investimento da família nos rituais familiares e inclui aspectos comportamentais, cognitivos e emocionais. Deste modo, parece-nos que a denominação Significado corresponde a uma parte dos itens deste factor (nomeadamente aos que avaliam as dimensões afecto e

⁸ Esta tendência foi posteriormente confirmada e explicada por Barbara Fiese (comunicação pessoal, 2006). A autora refere que este factor apresenta, normalmente, valores de consistência interna reduzidos e mesmo em termos conceptuais apresenta alguns problemas, razões que têm levado os investigadores a preterir-lo em favor do factor "Significado dos Rituais".

significado simbólico) mas não à sua totalidade. Enquanto os itens destas dimensões questionam directamente as pessoas sobre a importância, o afecto e o significado que os rituais têm para a família, outros itens como os referentes às dimensões ocorrência e preparação/intencionalidade visam aspectos mais instrumentais (com que frequência acontecem os rituais, se há ou não preparação em conjunto). Por isso, optou-se por uma denominação mais abrangente que incluía todos os aspectos avaliados por este factor: Investimento da família nos rituais familiares (percepções individuais). De modo a simplificar esta denominação, este factor será apresentado ao longo deste trabalho (nos quadros, figuras e sempre que a inteligibilidade do mesmo o justifique, no texto) como Rituais, podendo estes referir-se aos contextos familiares (CF) ou aos contextos culturais (CC).

Tendo em conta que o factor Rotinas tinha sido abandonado, colocava-se a seguinte questão: será que é pertinente a divisão entre contextos familiares e culturais? Para lhe dar resposta, realizaram-se duas análises factoriais confirmatórias, testando os modelos com um só factor (Rituais nos contextos familiares e culturais) e com dois factores (Rituais nos contextos familiares como primeiro factor e Rituais nos contextos familiares como segundo factor). O modelo bifactorial mostrou uma melhor adequação aos dados ($\chi^2 (34, 300) = 134.99, p < .001$; CFI = .93; RMSEA = .10) e um *fit* mais significativo ($\Delta\chi^2 (1, 300) = 210.04, p < 0.01$) que o modelo unifactorial ($\chi^2 (35, 300) = 345.03, p < .001$; CFI = .77; RMSEA = .17), encontrando-se apresentado na Figura 9.⁹

⁹ Qualquer reespecificação do modelo original deverá, segundo MacCallum et al. (1992 cit in. Hoyle, 2000) ter lugar quando existe um *N* de 800 e se realizam estudos independentes para validar as mudanças, condições que não se verificam neste estudo. Por isso, salienta-se que não é nosso objectivo, neste contexto, propor uma alteração da proposta bifactorial (Significado/Rituais e Rotinas). Tendo em conta a baixa fidelidade do factor Rotinas e tomada a decisão de não o utilizar nas análises estatísticas principais, quisemos, apenas, confirmar se o factor principal, Rituais, beneficiaria ou não da divisão entre Contextos Familiares e Contextos Culturais, o que foi verificado.



—————> Parâmetro livre
 - - - - -> Parâmetro fixado

Chi-quadrado = 134.99; p= .00; CFI = .93; RMSEA= .10

Figura 9. Análise Factorial Confirmatória para Investimento nos rituais familiares com dois factores, Contextos Familiares (CF) e Contextos Culturais (CC).

b) No Quadro 6, apresentam-se os valores da consistência interna das sub-escalas (contextos e dimensões) do QRF no presente estudo, comparando-os com os valores obtidos nos estudos iniciais (Fiese & Kline, 1993) com amostras de estudantes universitários nos Estados Unidos da América.

Quadro 6

Alphas de Cronbach para o Questionário dos Rituais Familiares

Contextos	Presente estudo	Estudos originais (Fiese & Kline, 1993)	
Hora de jantar	.48	.84	.87
Fins- de -semana	.62	.75	.76
Férias	.54	.66	.71
Comemorações anuais	.75	.73	.74
Feriados religiosos	.85	.81	.87
Tradições culturais e étnicas	.82	-	.87
Celebrações especiais	.82	.61	.74
Dimensões			
Ocorrência	.53	-	.66
Papéis	.66	.68	.61
Rotinas	.62	.64	.58
Presença/Participação	.69	.69	.76
Afecto	.67	.72	.79
Significado simbólico	.67	.72	.76
Continuação	.66	.52	.68
Preparação/ Intencionalidade	.69	-	.70

Em relação aos contextos, verifica-se que a hora de jantar, fins-de-semana e férias apresentam valores mais baixos no nosso estudo do que nos estudos originais. comemorações anuais, feriados religiosos, tradições culturais e étnicas e celebrações especiais apresentam valores muito semelhantes (e até superiores no caso das comemorações anuais e das celebrações especiais). Quanto às dimensões, à excepção da ocorrência, afecto e significado simbólico cujo valor é ligeiramente mais baixo, apresentam valores próximos dos reportados para os estudos originais de validação da escala. À semelhança do que foi encontrado por Fiese & Kline (1993), as dimensões apresentam correlações mais fortes entre si do que os diversos contextos (estas encontram-se em anexo). Os alphas de Cronbach são bastante reduzidos quer para os contextos, quer para as dimensões. Ambos foram elaborados *a priori*, um racional teórico para a elaboração do QRF e só os dados da análise factorial permitiram averiguar como é que os dados dos participantes se agrupam. A partir desta análise, a

forma de olhar os dados é feita de uma forma diferente, já com base nos factores encontrados, fruto da conjugação entre contextos e dimensões. O Quadro 7 apresenta os índices de consistência interna para os factores Significado/ Rituais e Rotinas para o total dos participantes e para homens e mulheres separadamente.

Quadro 7

Alphas de Cronbach para os Factores Significado e Rotinas dos Contextos Familiares e dos Contextos Culturais

Contextos Familiares						Contextos culturais					
Significado/Rituais			Rotinas			Significado/Rituais			Rotinas		
T	H	M	T	H	M	T	H	M	T	H	M
.85	.82	.78	.59	.60	.58	.88	.89	.87	.72	.73	.72

Nota. T refere-se ao alpha de Cronbach total, H ao alpha de Cronbach para homens e M ao alpha de Cronbach para mulheres.

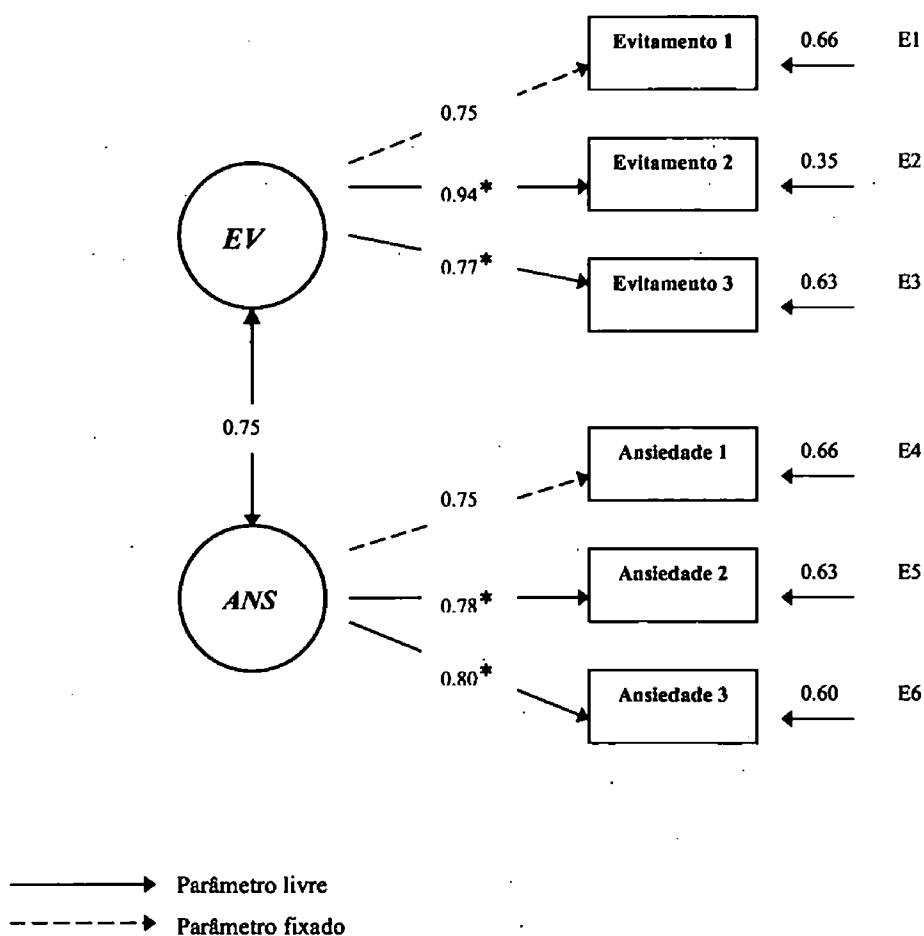
Os alphas do factor Significado são bastante bons quer para os contextos familiares, quer para os contextos culturais, apresentando valores bastante acima do mínimo considerado (.70). No caso das Rotinas, os alphas para os contextos culturais são aceitáveis mas para os contextos familiares são bastante reduzidos. Este motivo levou a que, à semelhança de outros investigadores, se tenha optado por excluir o factor Rotinas das análises principais deste estudo.¹⁰

Em conclusão, a combinação das análises factoriais confirmatórias e da análise dos índices de consistência interna conduziram à exclusão do factor Rotinas e à manutenção do factor Significado dos rituais que foi denominado, neste estudo, Investimento da família nos rituais familiares, e que será apresentado, ao longo deste trabalho, como Rituais. As análises factoriais confirmatórias permitiram ainda validar a utilização da proposta de Fiese relativa à divisão em contextos familiares e contextos culturais. Do QFR, dois grandes factores emergiram para as análises estatísticas principais: Rituais nos contextos familiares (CF) e Rituais nos contextos culturais (CC).

¹⁰ De modo a perceber até que ponto este factor se relacionava com as outras variáveis em estudo, verificaram-se as suas correlações. Os factores Rotinas nos Contextos Familiares e Rotinas nos Contextos Culturais apenas surgiram positivamente correlacionados com variáveis demográficas como a idade ($r = .27^{**}$; $r = .28^{**}$), tempo de casamento ($r = .26^{**}$; $r = .24^{**}$) e número de filhos ($r = .27^{**}$; $r = .19^{**}$).

2.4.2. Escala de Experiências nas Relações Íntimas

a) Os estudos originais e outros estudos subsequentes, nomeadamente com a população portuguesa (cf. Campos, 1998) referem que a ERI apresenta uma estrutura composta por dois factores, Ansiedade e Evitamento. Recorrendo à análise factorial confirmatória, testámos se esta estrutura se mantinha com a nossa amostra, como se pode verificar na Figura 10.



Chi-quadrado = 34.28. p= .00; CFI = .97; RMSEA= .10

Figura 10. Análise Factorial Confirmatória da ERI, com os dois factores Ansiedade e Evitamento.

De um modo geral, pode-se considerar que a estrutura factorial proposta pelos autores originais se adequa à amostra deste estudo. A correlação entre os dois factores ($r = .06$) é semelhante à encontrada por Brennan et al. (1998) ($r = .11$).

b) Em relação à fidelidade, os índices de consistência interna deste e de estudos anteriores encontram-se no Quadro 8.

Quadro 8

Alphas de Cronbach para os factores da ERI, Ansiedade e Evitamento

Factores	Presente estudo			Estudos originais (Brennan et al., 1998, com jovens adultos)	Primeiro estudo com a população portuguesa (Campos, 1998, com jovens adultos)
	T	H	M	T	T
Evitamento	.88	.89	.87	.94	.91
Ansiedade	.82	.83	.82	.91	.84

Nota. T = Total da amostra; H = Homens; M = Mulheres

Embora não tão elevados como os dos estudos originais, os alphas de Cronbach são elevados e não diferem muito dos encontrados no primeiro estudo com a população portuguesa. O facto de se tratar de uma amostra mais heterogénea (relativamente à idade, ao nível profissional, ao tempo de casamento) do que as utilizadas em estudos anteriores pode ter-se reflectido num ligeiro decréscimo da consistência interna destes dois factores. No factor ansiedade, o item 4 apresentou uma baixa correlação com o total deste factor e, conseqüentemente, se retirado das análises de consistência, o alpha de Cronbach desta sub-escala aumentava ligeiramente. Após uma análise do mesmo e comparando com os estudos originais (em que este item apresenta uma elevada correlação com o total da sub-escala ansiedade), consideramos que a sua tradução pode estar na base de uma interpretação diferente nas amostras americana e portuguesa. A tradução “Preocupo-me com as minhas relações” do original “*I worry a lot about my relationships*” não é muito clara. Propomos a alteração da formulação deste item para: “Preocupo-me muito com as minhas relações” para futuros estudos com esta escala.

Em conclusão, pode-se considerar que a ERI demonstrou boas propriedades psicométricas, tendo-se replicado genericamente, com esta amostra, os resultados

encontrados em estudos anteriores. A ERI permitiu-nos obter dois factores subjacentes à vinculação amorosa, evitamento e ansiedade.

2.4.2.1. *Análise de clusters*

Os dois factores da ERI constituem dimensões ortogonais que são conceptualmente equivalentes aos eixos do modelo bi-dimensional de Kim Bartholomew (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). Com o objectivo de averiguar a existência das quatro configurações específicas destas dimensões propostas neste modelo, realizámos uma análise de *clusters* através da combinação de dois métodos: num primeiro momento, a análise de *clusters* hierárquica e, posteriormente, a análise de *clusters* K-means (Hair et al., 1998). Assim, foram utilizados o quadrado da distância euclidiana e o método de Ward para encontrar uma solução com quatro *clusters*. A partir dos centróides (médias dos z-scores de cada *cluster*), realizou-se, num segundo momento, a análise K-means para dividir a amostra nos quatro grupos. Estes foram sujeitos a comparações de médias com o propósito de verificar as diferenças entre cada um dos *clusters* encontrados e conferir se estavam de acordo com o enquadramento teórico de partida. Para cumprir este efeito, realizou-se uma análise de variância multivariada (MANOVA) que revelou resultados significativos ($F(6, 590) = 189.99, p = .000$, Wilks' Lambda = .116, eta quadrado parcial = .66), quer para o Evitamento ($F(3, 296) = 212.56, p = .000$, eta quadrado parcial = .68) quer para a Ansiedade ($F(3, 296) = 170.46, p = .000$, eta quadrado parcial = .63). O Quadro 9 apresenta as diferenças entre grupos, encontradas através de testes post hoc Tukey HSD (*Honestly Significance Difference*).

O primeiro *cluster* apresenta valores reduzidos no evitamento e na ansiedade, o que corresponde no modelo de base ao protótipo Seguro. Em relação ao evitamento, os valores deste grupo são inferiores aos de todos os outros grupos¹¹. Em relação à ansiedade, diferencia-se significativamente dos grupos Amedrontado e Preocupado (que se caracterizam por elevados níveis de ansiedade). Este grupo caracteriza-se por uma

¹¹ Era esperado teoricamente que o grupo Seguro apresentasse valores inferiores no Evitamento relativamente aos grupos prototípicos Desinvestido e Amedrontado mas não necessariamente ao grupo Preocupado. O p desta diferença é maior do que a dos restantes; se a opção fosse a utilização de um teste post hoc mais conservador (por exemplo, o do Scheffé), esta diferença deixaria de ser significativa ($p = .051$), ainda que muito próxima do valor de corte .05.

representação positiva de si e dos outros. Aqui encontram-se 72 participantes, 31 do sexo masculino e 41 do feminino.

O segundo *cluster* apresenta níveis baixos de evitamento, significativamente mais baixos do que os dos grupos Desinvestido e Amedrontado. Relativamente à ansiedade, apresenta níveis elevados que são significativamente diferentes dos dos grupos Seguro e Desinvestido. É o grupo Preocupado, que se caracteriza por uma representação negativa de si próprio e positiva dos outros. Encontram-se neste protótipo 110 participantes, 59 do sexo masculino e 51 do sexo feminino.

Quadro 9

Resultados nas dimensões Evitamento e Ansiedade por Clusters

Variáveis dependentes	S (n=72)	P (n=110)	A (n=54)	D (n=64)	F (3, 296)	EQP	Diferenças entre grupos ¹
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)			
Evitamento (valores z)	-.80 (.52)	-.56 (.58)	1.11 (.56)	.94 (.60)	212.56 <i>p</i> =.000	.68	S < D, S e P ² P < D, A A > P, S D > S, P
Ansiedade (valores z)	-.95 (.56)	.64 (.61)	.87 (.58)	-.77 (.67)	170.460 <i>p</i> =.000	.63	S < P, A P > D, S A > D, S D < P, A

Nota. N = 300

Grupos de estilos de vinculação: S (Seguro); P (Preocupado); A (Amedrontado); D (Desinvestido)

EQP = Eta quadrado parcial

¹ Método Tukey HSD, *p* < .05. Nesta análise todos os *p* = .000, à excepção de ².

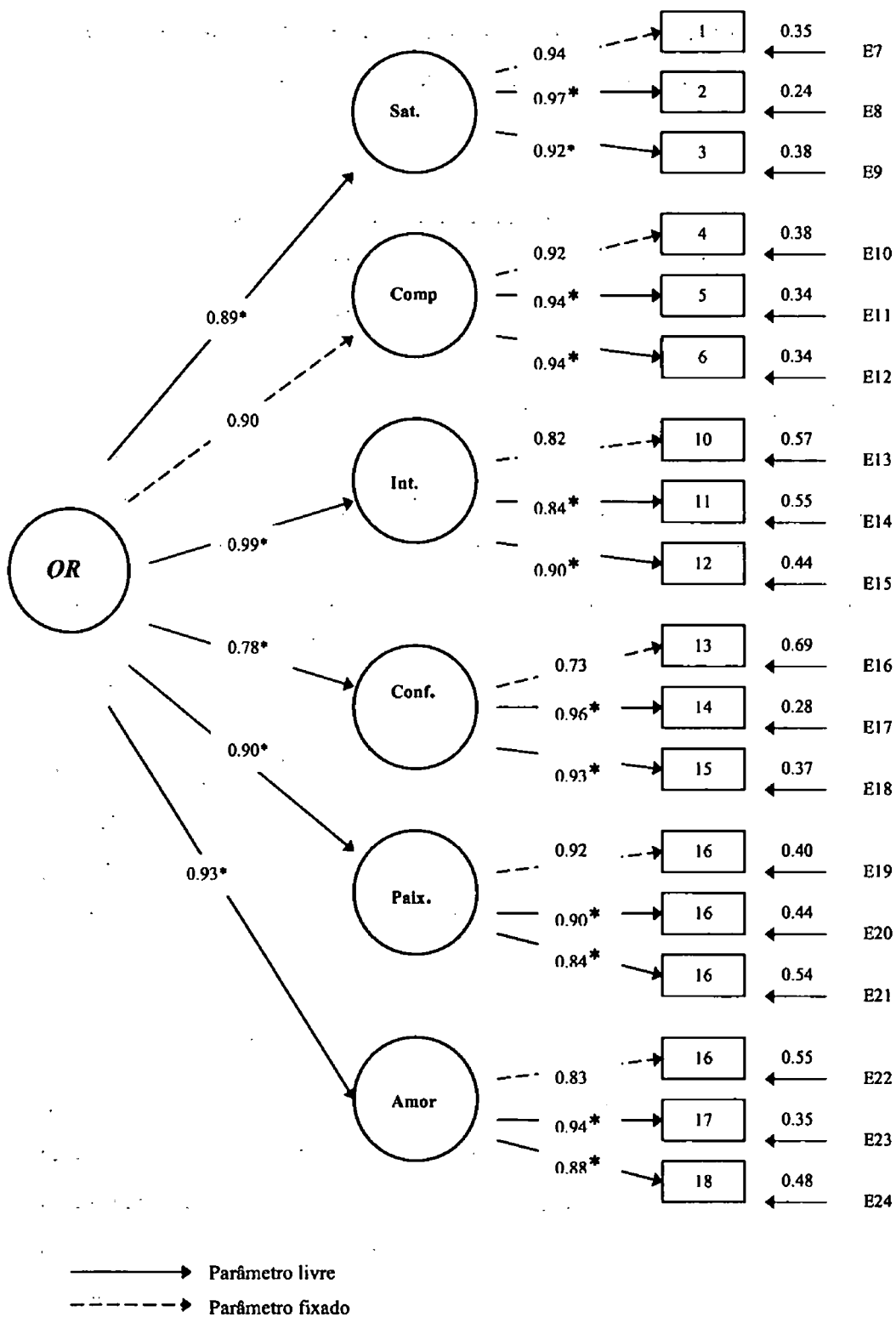
² *p* = .028

O terceiro *cluster* corresponde ao Amedrontado pois verifica-se que apresenta níveis altos de evitamento, significativamente mais elevados do que os dos grupos Preocupado e Seguro e níveis também elevados de ansiedade, significativamente diferentes dos dos grupos Seguro e Desinvestido caracterizados pelos seus baixos níveis de Ansiedade. Este *cluster* evidencia uma representação negativa de si próprio e do(s) outro(s). Incluem-se neste protótipo 54 participantes, 22 do sexo masculino e 32 do feminino.

O quarto e último *cluster* corresponde ao protótipo Desinvestido, apresentando níveis elevados de evitamento (significativamente superiores aos dos grupos Seguro e Preocupado) e níveis reduzidos de ansiedade (significativamente inferiores aos dos grupos Amedrontado e Preocupado). Neste *cluster*, há uma representação positiva de si próprio mas negativa do(s) outro(s). Neste protótipo há 64 participantes, 38 do sexo masculino e 36 do feminino.

2.4.3. Inventário de Componentes de Qualidade Relacional Percebida

Os primeiros estudos com este inventário concluíram que as avaliações em cada um dos domínios eram específicas e quase independentes mas que estes domínios estavam relacionados com um factor de segunda ordem da qualidade relacional percebida. Para avaliar a estrutura factorial desta escala com a nossa amostra, replicámos a análise factorial confirmatória (ver Figura 11) realizada pelos autores originais (Fletcher et al., 2000). Após testarem vários modelos, estes autores concluíram que o mais adequado era o que a qualidade relacional era um factor de segunda ordem mais geral, no qual saturavam todas as dimensões que a compõem. Estas eram consideradas dimensões específicas mas não totalmente independentes umas das outras. Este modelo significa que, apesar das dimensões serem específicas, todas elas contribuem para a qualidade relacional. Este modelo foi considerado adequado também para a nossa amostra, como se pode verificar através dos valores de *fit*.



Chi quadrado: 525.72, $p = .00$; CFI = .93; RMSEA = .10

Figura 11. Análise fatorial confirmatória do ICQRP

b) Os alphas desta escala foram bastante elevados, como se pode verificar no Quadro 10. As correlações de Pearson entre as várias dimensões ou factores são em todos os casos significativas e bastante elevadas (r_s entre .48** e .83**).

Quadro 10

Alphas de Cronbach para o Inventário de Qualidade Relacional Percebida

Factores	Presente estudo			Estudos originais (Fletcher et al., 2000) com amostras de jovens adultos	
	Total	Homem	Mulher	Total	
Satisfação	.95	.96	.94	.93	.91
Investimento/Compromisso	.94	.93	.94	.94	.96
Intimidade	.86	.84	.89	.88	.86
Confiança	.88	.86	.89	.74	.78
Paixão	.90	.87	.91	.89	.86
Amor	.88	.87	.88	.90	.89
Total da escala	.96	.96	.96	-	-

Em conclusão, o Inventário dos Componentes de Qualidade Relacional Percebida demonstrou excelentes qualidades psicométricas nesta amostra. Embora fosse possível optar por utilizar as várias dimensões da qualidade relacional separadamente, os objectivos deste estudo não o previam, sendo sobretudo importante, aceder a uma percepção geral da relação como a que nos é fornecida pelo total da escala. Este constructo permite-nos aceder às percepções que os indivíduos têm sobre a sua relação, correspondendo a uma avaliação subjectiva da satisfação conjugal. (Fletcher, comunicação pessoal, 2005).

2.4.4. Proximidade (IOS)

Pelas suas características especiais – uma escala pictórica composta por um só item -, a escala IOS não pode ser alvo de análises factoriais confirmatórias assim como não é possível calcular o seu alpha de Cronbach. Os autores originais estabeleceram outras formas de validade e de fidelidade (referidas brevemente em 2.2.4.1.), obtendo bons resultados; em adição, a utilização desta escala em vários estudos subsequentes contribui para o seu estabelecimento como uma medida considerada adequada psicometricamente. No nosso caso específico, na impossibilidade de replicar as análises dos autores originais, iremos apresentar outros dados que nos forneceram informações

importantes sobre o comportamento desta escala com a nossa amostra, nomeadamente, o poder discriminativo da mesma e as correlações com outras escalas.

A análise da distribuição de frequências mostra que quer os homens, quer as mulheres se posicionaram ao longo de todas as possibilidades de resposta (de 1 a 7). A distribuição é bastante semelhante para homens e para mulheres: apesar de as três primeiras possibilidades de resposta terem apenas 8.7% da percentagem das respostas, não há nenhuma opção que apresente valores superiores a 50%. A opção mais escolhida pelos participantes foi o valor 7 que apresenta 31.3 % das respostas. Na Figura 12, apresenta-se a distribuição de frequências para o total da amostra. Como se pode verificar, a curva de distribuição das frequências apresenta uma assimetria negativa, o que era esperado tendo em conta que, numa amostra de casais, a percepção de proximidade entre cônjuges tende a ser elevada. Apesar das respostas se situarem mais próximas do pólo que indica maior proximidade, pode-se considerar que existe variabilidade nas respostas dos participantes e, conseqüentemente, esta escala apresenta poder discriminativo.

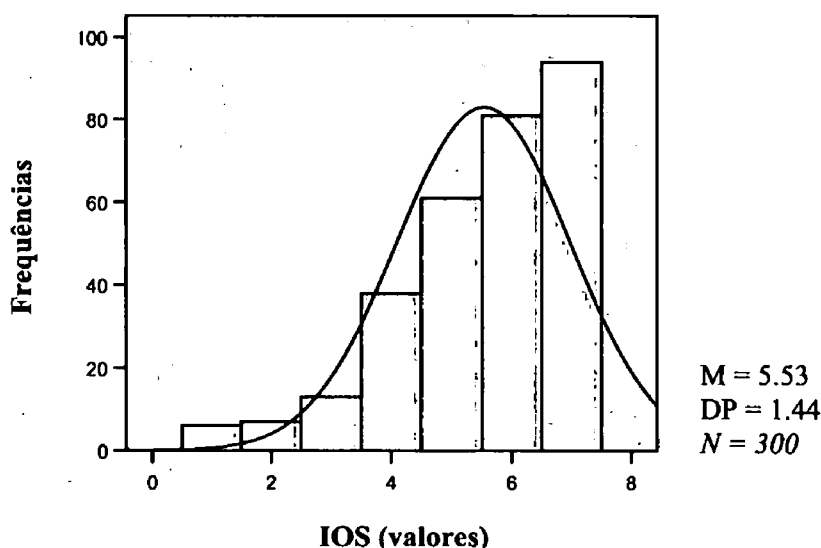


Figura 12. Histograma da escala IOS

Quanto aos valores médios de resposta, quando se compara o valor encontrado na nossa amostra ($M = 5.53$) com os valores encontrados nos estudos originais de Aron et al. (1992) ($M = 4.74$ e 4.45), verifica-se que o primeiro é ligeiramente superior. Esta diferença pode ser explicada pelas características da amostra: a duração e os contornos

da relação diádica no contexto do casamento poderão proporcionar percepções de maior proximidade comparativamente às características das amostras dos estudos originais efectuados com estudantes universitários norte-americanos.

Quanto às correlações de Pearson, tal como Aron e colaboradores (1992), encontramos uma correlação positiva significativa entre a escala IOS e a sub-escala da Influência percebida do Inventário de Proximidade Relacional (Berscheid et al., 1989). Contudo, esta correlação é significativa para mulheres ($r = .27, p < .01$) mas não para homens. Tendo em conta que os autores originais reportam apenas os valores totais da amostra, não é possível perceber se, em estudos anteriores, esta diferença de sexo também existia. Quanto às correlações da IOS com a satisfação na relação - através do índice de satisfação da escala do modelo de investimento (Rusbult, Martz & Agnew, 1998 cit. in Agnew et al., 2004), Agnew et al. (2004) encontraram correlações de .63 ($p < .01$) para as mulheres e de .53 ($p < .01$) para os homens. Na nossa amostra, para as mesmas variáveis (através da IOS e do ICQRP) encontramos correlações de .49 para homens e .61 (ambas com $p < .01$), ou seja, resultados muito semelhantes.

Em conclusão, a escala IOS que avalia a percepção de proximidade a partir da noção da inclusão do outro no *self*, apresenta uma boa variabilidade de respostas tendo em conta a conjugação da variável e do tipo de amostra. Quer os valores médios, quer a direcção e o valor das correlações com outras variáveis, encontrados nesta amostra, replicam genericamente estudos anteriores, o que nos permite considerar que esta escala apresenta, neste contexto, características equivalentes e, por conseguinte, há bases consistentes para a sua utilização nas análises estatísticas principais.

2.4.6. Inventário de Proximidade Relacional

O procedimento utilizado com esta escala foi diferente dos anteriores. Ao contrário de todas as outras, que nos permitiram calcular valores médios para cada sujeito (através da soma dos itens e divisão pelo número dos mesmos), esta escala pressupõe uma transformação dos valores brutos em valores estandardizados numa escala de 10 pontos. Efectuámos esta transformação para as três sub-escalas do Inventário de Proximidade Relacional Percebida: frequência, diversidade e influência percebida. Contrastando com os resultados dos autores originais, não obtivemos correlações significativas entre as três sub-escalas (com a excepção da correlação

significativa mas baixa entre diversidade e influência percebida, $r = .16, p < .01$). O alpha de Cronbach para a totalidade das escalas foi de .25, um valor muito baixo e inferior ao encontrado nos estudos originais ($\alpha = .62$). Perante estes resultados, considerámos não estarem reunidas as condições para se chegar a um índice total de proximidade tal como previsto pelos autores deste inventário. As sub-escalas frequência e diversidade apresentam características muito particulares que as tornam mais vulneráveis à variabilidade das respostas no sentido de vários factores aleatórios poderem interferir. Os sujeitos devem reportar-se especificamente aos factos da semana anterior (tempo despendido e actividades realizadas com o companheiro), que pode ter sido ou não uma semana típica em relação ao que acontece normalmente na interacção entre essas duas pessoas. Adicionalmente, a quantificação do tempo passado com o cônjuge (frequência) pode ser um exercício difícil para alguns participantes e a lista de actividades (diversidade) pode não ser significativa para a amostra portuguesa. Tentámos colmatar esta dificuldade possibilitando aos participantes que reportassem outras actividades para além das que se encontravam na lista mas poucos participantes o fizeram. Para além destes problemas, estas duas sub-escalas não permitem avaliar a sua consistência interna. Pelo contrário, a escala de influência percebida, constituída por 34 itens e em formato *Likert*, permite investigar mais facilmente as suas características psicométricas. O alpha de Cronbach para a escala total foi de .82 (.84 para homens e .79 para mulheres). Este valor é ligeiramente inferior ao encontrado por Berscheid et al. (1998) mas é, mesmo assim, bastante adequado. Embora esta sub-escala pudesse ser alvo de uma divisão em factores – análises factoriais exploratórias indicam que poderia ser dividida em três a quatro factores –, optámos por manter a linha adoptada pelos autores originais.

Em conclusão, o Inventário de Proximidade Relacional não pôde fornecer para a nossa amostra um índice único de proximidade relacional, por não reunir as qualidades psicométricas adequadas. Das três sub-escalas, seleccionámos a influência percebida como a única que reúne os critérios necessários para ser utilizada nas análises estatísticas principais.

3. ESTUDOS PRINCIPAIS

3.1. Método

3.1.1. Amostra

A amostra utilizada neste estudo encontra-se descrita no ponto 2.1. deste capítulo. Recordamos, de uma forma resumida, que inclui 150 casais ($N = 300$), na sua maioria em situação de primeiro casamento e provenientes de áreas urbanas do Porto e de Lisboa. A média do tempo de casamento desta amostra é de 16.24 anos ($DP = 12.66$) e a média de idades é de 42.10 anos ($DP = 12.79$).

3.1.2. Procedimento

A recolha da amostra decorreu entre Abril e Agosto de 2004. Os participantes foram convidados a colaborar num estudo sobre relações de casal conduzido na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. O contacto com os participantes foi feito pela investigadora, por pessoas-chave com acesso facilitado a grupos de casais (responsáveis por grupos de casais católicos¹² e professores universitários) e por outros referentes. Em todos os casos, os participantes receberam informação genérica sobre os objectivos do estudo e foram assegurados o seu anonimato e a sua confidencialidade. Este tipo de informação foi transmitido verbalmente pela pessoa de contacto e também se encontra descrita no protocolo entregue aos participantes (ver Anexo 1). As instruções incluíram a necessidade de cada participante responder individualmente, sem comparar as suas respostas com as do cônjuge.¹³ Os questionários já respondidos foram entregues em mão na sua maioria ou através de correio pré-pago.¹⁴

¹² Estes responsáveis, por terem sido informados da necessidade de variedade na amostra contactaram, para além dos casais pertencentes a estes grupos, outros casais não relacionados com os mesmos.

¹³ O controlo sobre esta situação não pode ser efectuado, tal como se tem verificado, com estudos realizados com casais (cf. Ribeiro, 2002; Duarte, 2005). Cinco casais apresentaram protocolos de questionário exactamente iguais em todas as respostas dos vários questionários, indicando a existência da realização em conjunto ou da realização só por um dos membros do casal. Estes protocolos foram imediatamente excluídos, não fazendo parte do N indicado para a amostra inicial.

¹⁴ Para uma descrição dos Instrumentos, ver ponto 2 deste capítulo.

3.2. Resultados

3.2.1. Resultados descritivos

As médias, desvios-padrões e alphas de Cronbach de todas as escalas usadas neste estudo apresentam-se no Quadro 11.

Quadro 11

Médias, Desvios-padrão e Coeficientes de Consistência Interna

	Maridos		Mulheres	
	<i>M (DP)</i>	α	<i>M (DP)</i>	α
Rituais nos contextos familiares (CF)	3.04 (0.46)	.82	3.07 (0.42)	.78
Rituais nos contextos culturais (CC)	2.76 (0.66)	.89	2.85 (0.64)	.87
Vinculação				
Evitamento	2.54 (0.83)	.89	2.52 (0.83)	.87
Ansiedade	4.21 (0.80)	.83	4.24 (0.81)	.82
Qualidade Relacional	6.18 (0.74)	.96	6.08 (0.84)	.96
<i>Proximidade (IOS)</i>	5.55 (1.50)	--	5.52 (1.38)	--
<i>Influência percebida</i>	6.33 (1.22)	.84	6.02 (1.18)	.79

Nota. Todas as variáveis foram avaliadas com escalas tipo *Likert* de 7 pontos, à exceção das variáveis Rituais (CF e CC) que provêm de uma escala com um formato tipo *Likert* de 4 pontos. A variável influência percebida foi transformada para uma escala de 10 pontos.

À semelhança do que se tem verificado em investigações anteriores, os resultados das variáveis qualidade relacional e proximidade (IOS) apresentaram assimetria negativa, reflectindo as avaliações positivas que os indivíduos normalmente fazem dos seus companheiros (Boyes, 2006; Fletcher et al., 2000, Ribeiro, 2002). Inversamente, os resultados da variável evitamento apresentaram uma assimetria positiva. Os resultados dos rituais familiares encontram-se acima do ponto médio da sua escala de mensuração (.2), o que também era esperado já que casais, na sua maior parte com filhos, apresentam geralmente uma vida familiar preenchida com estes eventos mais ou menos quotidianos e mais ou menos partilhados com a comunidade envolvente. Os resultados da influência percebida também se revelaram bastante elevados, evidenciando a dinâmica de influências bi-direccionais no sub-sistema do casal.

3.2.2. Diferenças entre grupos nas variáveis Rituais familiares, Evitamento e Ansiedade, Qualidade relacional e Proximidade

Nesta secção, as variáveis em estudo irão ser alvo de comparações entre grupos. Estes grupos são formados a partir das variáveis demográficas, a saber, sexo, idade, número de filhos e escolaridade (respectivamente alíneas “a, b, c e d”).¹⁵ Os quatro protótipos de Vinculação encontrados através da análise de *clusters* referida em 2.4.2.1. são também alvo de análises comparativas (alíneas “e”). Apesar de privilegiarmos uma abordagem dimensional das dimensões evitamento e ansiedade, considerámos que a informação sobre as configurações ou grupos pode constituir uma mais-valia neste momento inicial. As análises efectuadas têm por base técnicas estatísticas de comparação de grupos.

3.2.2.1. Rituais familiares

a) Diferenças em relação ao sexo

Não se verificaram diferenças significativas em relação ao sexo, quer para os rituais nos contextos familiares ($t(149) = -.80, p < .426$), quer para os rituais nos contextos culturais ($t(149) = 1.80, p < .74$). Quando se comparou a diferença entre

¹⁵ Uma variável bastante relevante neste estudo é o tempo de casamento. Os resultados desta variável são apresentados apenas em termos correlacionais (ver 4.3) e não nesta sub-secção. Esta opção prende-se com o facto de, ao longo das análises estatísticas principais, o tempo de casamento ser incluído como variável contínua e não categórica, sendo, por isso, mais importante explorar a forma como se correlacionou com cada uma das variáveis em estudo.

rituais nos contextos familiares e rituais nos contextos culturais, verifica-se que há maior investimento nos primeiros, tanto para homens ($t(149) = 6.55, p < .001$), como para mulheres ($t(149) = 4.71, p < .001$).

b) Diferenças em relação à idade

Com o objectivo de clarificar a diferenciação da variável idade relativamente às variáveis rituais nos contextos familiares e rituais nos contextos culturais, efectuou-se uma análise de variância multivariada (MANOVA)¹⁶. Verificou-se que a Idade tem algum peso na diferenciação dos grupos ($F(8, 588) = 5.03, p = .00$, Wilks' Lambda = .88; eta quadrado parcial = .06). Quando os resultados foram considerados separadamente, a única diferença que atingiu níveis significativos foi a dos rituais nos contextos culturais ($F(4, 295) = 2.64, p = .034$, eta quadrado parcial = .04). Contudo, uma inspecção dos testes post-hoc de Tukey indica que não há diferenças significativas entre os grupos.¹⁷

c) Diferenças em relação ao número de filhos

Para simplificar as análises, dividimos o número de filhos em 4 grupos (sem filhos, um filho, dois filhos e três ou mais) e efectuámos uma análise de variância multivariada para averiguar as diferenças destes grupos em relação aos rituais. Não se verificaram diferenças significativas entre os grupos ($F(6, 290) = 1.89, p = .083$, Wilks' Lambda = .93).

d) Diferenças em relação à escolaridade

As diferenças em relação à escolaridade dos sujeitos nas variáveis rituais foram testadas através de uma MANOVA, tendo-se verificado uma diferença significativa

¹⁶ Excepto nos casos devidamente assinalados, quando se efectuaram análises multivariadas, verificaram-se, para a nossa amostra a não violação das suposições de homogeneidade de matrizes de covariância (teste de Box, $ps > .001$) e de homogeneidade de variância (teste de Levene, $ps > .05$). A multicolinearidade também foi testada através das correlações, não se verificando a sua presença ($rs < .7$)

¹⁷ Existe uma diferença entre os grupos 23-30 e 61-78 relativamente aos rituais (CC) que se aproxima de níveis significativos ($p = .055$). O grupo dos participantes mais velhos apresenta uma média superior a dois mais novos, i.e., apresenta um maior investimento nos rituais nos contextos culturais, embora, de acordo com o valor de corte de .05, esta diferença não deva ser considerada.

entre os grupos dos níveis de escolaridade em relação às variáveis rituais ($F(6, 590) = 3.38, p = .003, \text{Wilks' Lambda} = .94; \text{eta quadrado parcial} = .03$). Verificou-se, posteriormente, que havia diferenças nas duas variáveis, rituais (CF) e rituais (CC). As diferenças entre os grupos encontram-se no Quadro 12. Nos rituais (CF) o grupo com habilitações até ao 9º ano apresentou resultados significativamente mais baixos do que o grupo com bacharelato. Relativamente aos rituais (CC), o primeiro grupo apresentou resultados mais baixos comparativamente ao grupo com habilitações até ao 12º ano e ao grupo com bacharelato.

Quadro 12

Resultados nos Rituais (CF e CC) por Grupo de Escolaridade: Diferenças de grupos

Variáveis dependentes	G1 (n=81)	G2 (n=65)	G3 (n=37)	G4 (n=117)	F (3, 296)	EQP	Diferenças entre grupos*
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)			
Rituais (CF)	2.93 (.46)	3.11 (.42)	3.21 (.38)	3.07 (.44)	4.38 (p=.005)	.043	G1<G3
Rituais (CC)	2.60 (.66)	2.92 (.54)	3.08 (.61)	2.81 (.65)	5.94 (p=.001)	.057	G1<G2, G3

Nota. N = 300

Grupos de Nível de escolaridade: G1 (Até ao 9º ano); G2 (12º ano); G3 (Bacharelato); G4 (Licenciatura).

EQP = Eta quadrado parcial

* Método Tukey HSD, $p < .05$

e) Diferenças em relação aos protótipos de vinculação

Utilizando o mesmo procedimento, realizámos uma MANOVA para averiguar se os grupos com os quatro protótipos de vinculação se diferenciavam em relação aos rituais (CF e CC), o que foi verificado ($F(6, 590) = 2.75, p = .012, \text{Wilks' Lambda} = .95; \text{eta quadrado parcial} = .03$). Quando se conferiram os resultados para as duas variáveis independentes, verificou-se que só as diferenças nos rituais nos contextos familiares adquiriam significância estatística ($F(3, 296) = 4.69, p = .003; \text{eta quadrado parcial} = .045$). O quadro seguinte apresenta as diferenças entre os grupos relativamente à variável rituais (CF). O grupo do protótipo Preocupado apresenta resultados

significativamente mais elevados do que os grupos dos protótipos Desinvestido e Amedrontado.

Quadro 13

Resultados nos Rituais (CF e CC) por Protótipos de Vinculação: Diferenças de grupos

Variáveis dependentes	S (n=72)	P (n=110)	A (n=54)	D (n=64)	F (3, 296)	EQP	Diferenças entre grupos ^a
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)			
Rituais (CF)	3.10 (.43)	3.15 (.44)	2.94 (.46)	2.94 (.41)	4.69 (p=.003)	.045	P> D, A

Nota. N = 300

Grupos de estilos de vinculação: S (Seguro); P (Preocupado); A (Amedrontado); D (Desinvestido)

EQP = Eta quadrado parcial

^a Método Tukey HSD, $p < .05$

3.2.2.2. Vinculação amorosa: Evitamento e ansiedade

a) Diferenças em relação ao sexo

Homens e mulheres não apresentam resultados diferentes em relação ao evitamento ($t(149) = .247, p = .806$) ou à ansiedade ($t(149) = -.26, p = .794$).

b) Diferenças em relação à idade

Através de uma MANOVA, verificámos que os diferentes grupos etários apresentavam diferenças significativas nas variáveis da vinculação amorosa ($F(8, 588) = 3.26, p = .000, \text{Wilks' Lambda} = .92; \text{eta quadrado parcial} = .04$). Posteriormente, verificou-se que a diferença entre os grupos se referia ao evitamento ($F(4, 295) = 6.36, p = .000, \text{eta quadrado parcial} = .08$) e não à ansiedade. O grupo etário dos 23 aos 30 apresentava resultados significativamente inferiores na variável evitamento em comparação com todos os outros grupos etários.

Quadro 14**Resultados no Evitamento por grupos etários: Diferenças de grupos**

Variáveis dependentes	G1 (n=74)	G2 (n=81)	G3 (n=62)	G4 (n=50)	G5 (n=33)	F (3, 296)	EQP	Diferenças entre grupos ^a
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)			
Evitamento	2.15 (.71)	2.61 (.85)	2.54 (.83)	2.80 (.79)	2.74 (.81)	6.36 (p=.000)	.079	G1<G2, G3, G4 e G5

Nota. N = 300

Grupos Etários: G1 (23-30); G2 (31-40); G3 (41-50); G4 (51-60); G5 (61-78)

EQP = Eta quadrado parcial

^a Método Tukey HSD, $p < .05$

c) Diferenças em relação ao número de filhos

Uma MANOVA identificou diferenças significativas em relação ao número de filhos ($F(6, 592) = 6.32, p = .000$, Wilks' Lambda = .88; eta quadrado parcial = .06), que, posteriormente, se verificou existirem apenas na variável evitamento ($F(3, 296) = 11.56, p = .000$, eta quadrado parcial = .11). Os testes post-hoc de Tukey ($p < .05$) indicaram que o grupo sem filhos apresentava menor evitamento que todos os outros grupos, com um, dois e mais do que dois filhos. No entanto, verificámos que o grupo sem filhos pertencia maioritariamente ao grupo casado há menos de 5 anos (66 indivíduos num sub-total de 74), ou seja, não existia na nossa amostra um número suficiente de participantes casados há mais tempo sem filhos. De facto, a correlação entre evitamento e número de filhos é .20 ($p < .05$) mas esta desce e deixa de ser significativa ($r = .04, p = .54$) quando se controla o tempo de casamento.

d) Diferenças em relação à escolaridade

Verificou-se que existiam diferenças significativas quanto à escolaridade ($F(6, 590) = 6.53, p = .000$, Wilks' Lambda = .88; eta quadrado parcial = .06), que através dos

testes entre-sujeitos se constatou pertencerem ao evitamento ($F(3, 296) = 10.52, p = .000$, eta quadrado parcial = .96) e também à ansiedade ($F(3, 296) = 3.03, p = .030$, eta quadrado parcial = .30). Testes post-hoc demonstraram que só no evitamento existiam diferenças significativas entre grupos: o grupo da Licenciatura apresentava resultados inferiores no evitamento comparativamente aos grupos “Até ao 9ºano” e “12º ano”. Os outros grupos não se diferenciavam entre si.

3.2.2.3. Qualidade relacional percebida

a) Diferenças em relação ao sexo

Não se verificaram diferenças significativas em relação ao sexo na qualidade relacional ($t(149) = 1.67, p = .097$).

b) Diferenças em relação à idade

Uma ANOVA a um factor permitiu verificar a existência de diferenças significativas ($F(4) = 4.36, p = .002$, que testes post-hoc (Tukey HSD) permitiram identificar: o grupo dos 23-30 apresentava níveis mais elevados de qualidade relacional do que o grupo dos 51 aos 60 ($p < .02$).¹⁸

c) Diferenças em relação ao número de filhos

Uma ANOVA evidenciou que poderiam existir diferenças significativas em relação ao número de filhos, no entanto, quando se controlou a variável tempo de casamento, verificou-se que esta diferença não se manteve ($F(3,295) = 1.71, p = .166$).

d) Diferenças em relação à escolaridade

Não se verificaram diferenças significativas em relação à escolaridade ($F(3) = .82, p = .483$).

e) Diferenças em relação aos protótipos de vinculação

Através de uma ANOVA a um factor, identificaram-se diferenças significativas em relação aos protótipos de vinculação ($F(3) = 29.55, p = .000$). Os resultados dos

¹⁸ Nesta análise, porque o teste de Levene revelou um nível de significância de .028 (e, consequentemente, as variâncias não podiam ser consideradas homogéneas), baixámos o valor de corte para o nível de significância 0.2, conforme indicado em Pallant (2001).

testes post-hoc de Tukey permitiram averiguar as diferenças entre grupos que se encontram no Quadro 15.¹⁹ Os grupos dos protótipos Seguro e Preocupado apresentaram resultados significativamente superiores aos grupos dos protótipos Desinvestido e Amedrontado.

Quadro 15

Resultados da Qualidade Relacional por Protótipos de Vinculação: Diferenças de grupos

Variáveis dependentes	S (n=72)	P (n=110)	A (n=54)	D (n=64)	F(3,296)	Diferenças entre grupos ^a
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)		
Qualidade relacional	6.48 (.56)	6.39 (.56)	5.83 (.80)	5.54 (.92)	29.549 (p=.000)	S>D, A P>D, A

Nota. N = 300

Grupos de estilos de vinculação: S (Seguro); P (Preocupado); A (Amedrontado); D (Desinvestido)

^a Método Tukey, $p < .02$

3.2.2.4. Proximidade (IOS)

a) Diferenças de sexo

Não se verificaram diferenças significativas, em relação ao sexo, na proximidade (IOS) ($t(149) = .23, p = .822$).

b) Diferenças em relação à idade

Não se verificaram diferenças significativas em relação à idade ($F(4, 295) = 1.41, p = .230$).

c) Diferenças em relação ao número de filhos

Não se verificaram diferenças significativas em relação ao número de filhos ($F(3, 296) = 1.09, p = .352$).

¹⁹ Também nesta análise, o valor de corte da significância foi mais baixo ($p = .02$), devido à violação da homogeneidade das variâncias indicada pelo teste de Levene ($p = .000$).

d) Diferenças em relação à escolaridade

Não se verificaram diferenças significativas em relação à escolaridade ($F(3, 296) = 1.41, p = .239$).

e) Diferenças em relação aos protótipos de vinculação

Uma ANOVA a um factor permitiu verificar diferenças significativas em relação aos estilos de vinculação ($F(3, 296) = 10.35, p = .000$). Em seguida, apresentam-se as diferenças entre os grupos encontradas através de testes post-hoc (Tukey HSD). O grupo do protótipo Seguro apresentou resultados significativamente superiores ao grupo do protótipo Desinvestido. Por sua vez, o grupo do protótipo Preocupado apresentou resultados significativamente superiores aos dos grupos dos protótipos Desinvestido e Amedrontado.

Quadro 16

Resultados da Proximidade por Protótipos de Vinculação: Diferenças de grupos

Variáveis dependentes	S (n=72)	P (n=110)	A (n=54)	D (n=64)	F (3,296)	Diferenças entre grupos ^a
	M	M	M	M		
	(DP)	(DP)	(DP)	(DP)		
Proximidade (IOS)	5.74 (1.27)	5.96 (1.19)	5.19 (1.61)	4.86 (1.57)	10.35 (p = .000)	S > D P > D, A

Nota. N=300

Grupos de estilos de vinculação: S (Seguro); P (Preocupado); A (Amedrontado); D (Desinvestido)

^a Método Tukey, $p < .05$

3.2.2.5. Influência percebida

a) Diferenças em relação ao sexo

Verificou-se uma diferença significativa em relação ao sexo ($t(149) = 2.77, p = .006$), sendo que os homens apresentavam níveis mais elevados de influência percebida.

b) Diferenças em relação à idade

Apurou-se uma diferença significativa em relação à idade ($F(4, 295) = 2.54, p = .040$). Através dos testes post-hoc através do método de Tukey, concluímos que o grupo etário 23-30 apresenta níveis de influência percebida mais elevados do que o grupo 51-60. Esta diferença já tinha surgido também relativamente à variável qualidade relacional.

c) Diferenças em relação ao número de filhos

Não se encontraram diferenças significativas em relação ao Número de filhos ($F(3, 296) = 1.20, p = .311$).

d) Diferenças em relação à escolaridade

Encontrámos diferenças significativas em relação à Escolaridade ($F(3, 296) = 6.84, p = .000$). O grupo “Até ao 9ºano” apresentou médias inferiores a todos os outros grupos.

e) Diferenças em relação aos protótipos de vinculação

Encontraram-se diferenças significativas em relação aos Protótipos de Vinculação ($F(3, 296) = 12.25, p = .000$) que se encontram especificadas no Quadro 17.²⁰ O grupo do protótipo Seguro apresentou resultados significativamente mais elevados do que o grupo do protótipo Desinvestido. O grupo do protótipo Preocupado apresentou resultados significativamente superiores aos dos grupos dos protótipos Desinvestido e Amedrontado.

²⁰ De novo, o valor da significância estabelecido foi .02 devido ao facto de o teste de Levene ter apresentado um valor de $p = .011$

Quadro 17

Resultados da Influência Percebida por Protótipos de Vinculação: Diferenças de grupos

Variáveis dependentes	S (n=72)	P (n=110)	A (n=54)	D (n=64)	F (3, 296)	Diferenças entre grupos ^a
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)		
Proximidade (IOS)	6.35 (1.16)	6.57 (1.31)	5.87 (1.05)	5.56 (.89)	12.25 (p = .000)	S>D P>D, A

Nota. N=300

Grupos de estilos de vinculação: S (Seguro); P (Preocupado); A (Amedrontado); D (Desinvestido)

^aMétodo Tukey, $p < .02$

3.2.3. Correlações

No Quadro 18 apresenta-se a matriz de correlações entre todas as variáveis em estudo e também a variável tempo de casamento. Nesta matriz, estão presentes os resultados das mulheres, dos maridos e inter-cônjuges.

Para os maridos, a correlação entre rituais nos contextos familiares e rituais nos contextos culturais foi mais forte do que para as mulheres.

Níveis mais elevados na dimensão evitamento estavam associados com menor investimento nos rituais nos contextos familiares quer para os cônjuges individualmente, quer entre si. No caso dos rituais nos contextos culturais só o evitamento dos maridos se revelou significativo, estando associado com menor investimento nos rituais para os dois membros do casal.

Verificaram-se, também, diferenças de sexo nas associações entre qualidade relacional e rituais. Para os homens, relatos de maior investimento e também relatos de maior investimento das mulheres nos rituais (CF e CC) estavam associados com percepções mais positivas da qualidade da relação. Para as mulheres, só as suas percepções de investimento nos rituais (CF) se revelaram significativas para as suas percepções da relação (na mesma direcção).

Quadro 18

Matriz correlacional entre Rituais (CF e CC), Evitamento e Ansiedade, Qualidade Relacional, Proximidade (IOS), Influência para maridos e mulheres e Tempo de casamento

	<i>Maridos</i>							<i>Mulheres</i>						
	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
<i>Maridos</i>														
1. Rituais (CF)														
2. Rituais (CC)	.61**													
3. Evitamento	-.20*	-.20*												
4. Ansiedade	.04	.07	.06											
5. Qualidade Relacional	.25**	.21*	-.55**	.07										
6. Proximidade (IOS)	.02	.05	-.34**	.17*	.49**									
7. Influência percebida	.22**	.10	-.36**	.11	.17*	.01								
<i>Mulheres</i>														
1. Rituais (CF)	.54**	.28**	-.30**	.03	.34**	.15	.13							
2. Rituais (CC)	.38**	.54**	-.17*	.11	.20*	.30**	-.04	.50**						
3. Evitamento	-.21**	-.14	.50**	.11	-.40**	-.20*	-.19*	-.32**	-.16					
4. Ansiedade	.05	-.03	.24**	.20*	-.00	-.09	.14	.11	.06	.06				
5. Qualidade Relacional	.05	.01	-.34**	-.01	.60**	.32**	.11	.33**	.15	-.50**	.09			
6. Proximidade (IOS)	.15	-.00	-.20	.08	.44**	.50**	.00	.30**	.27**	-.28**	.17*	.61**		
7. Influência percebida	.17*	.02	-.15	-.03	.20*	.01	.34**	.22**	.04	-.36**	.33**	.32**	.27**	
Tempo de casamento	-.13	.17*	.20*	.03	-.13	-.08	-.22**	-.13	.20*	.32**	.08	-.15	-.02	-.10

Nota. As correlações a negrito mostram as correlações inter-cônjuges para as mesmas variáveis. Os quadrantes do topo esquerda (maridos e do fundo direita (mulheres) mostram as correlações intra-individuais e o quadrante fundo esquerda mostra as correlações inter-cônjuges.. * $p < .05$; ** $p < .01$ (bi-caudal).

Para as mulheres, percepções de maior investimento nos rituais (CF e CC) estavam associadas com maior proximidade (IOS). Para o homem, nenhum dos contextos dos rituais estava associado com a proximidade.

Os rituais (CF) estavam associados positivamente com a Influência percebida, tanto para homens como para mulheres. Os rituais (CF) dos homens estavam também associados positivamente com a influência percebida das mulheres mas não o inverso. Não se verificou nenhuma correlação entre rituais (CC) e influência percebida.

Relativamente ao tempo de casamento, o facto de estar casado há mais tempo estava positivamente associado com as percepções dos maridos do investimento nos rituais (CC). Estas correlações apoiam, de uma forma geral, as hipóteses formuladas; os dados correlacionais são complementados com os dados obtidos através das análises que apresentamos em seguida.

3.2.4. Regressões múltiplas

O passo seguinte das análises foi a realização de várias regressões múltiplas. Este tipo de análises estatísticas permite avaliar a relação entre uma variável dependente e várias variáveis independentes. Enquanto nas correlações, podemos avaliar a relação entre as variáveis, com as regressões múltiplas podemos avaliar a relação preditiva, através do estabelecimento da variável dependente (a que é predita) e das variáveis independentes (preditoras). A assunção de causalidade é uma opção do investigador, feita com base no quadro teórico de partida e em estudos anteriores (cf. Tabachnick, B. & Fidell, L., 2001). Assim, levámos a cabo uma série de regressões múltiplas com vista à verificação das hipóteses formuladas. Tendo em conta os resultados das comparações por grupos de variáveis sócio-demográficas e das correlações das variáveis com o tempo de casamento, incluímos, sistematicamente, o sexo, a idade, o número de filhos, a escolaridade e o tempo de casamento como variáveis independentes nas equações de regressão. O objectivo, aqui, não era avaliar o valor preditivo destas em relação às variáveis dependentes mas, sim, controlar o seu efeito e verificar que as relações entre variáveis se mantinham quando as variáveis sócio-demográficas eram incluídas. Verificámos que, de entre estas, a variável que maior peso revelou nas equações regressivas foi o Tempo de casamento, razão pela qual se lhe prestou especial atenção nas análises com os Modelos de Equações Estruturais. As regressões múltiplas

revelaram-se bastante úteis para apreciar os primeiros contornos da história que os nossos dados tinham para contar. Contudo, tendo em conta os nossos objectivos principais, este tipo de análises apresentava duas grandes limitações:

- Para efectuar regressões múltiplas, é necessário que as variáveis independentes não sejam altamente correlacionadas entre si (Tabachnick, B. & Fidell, L., 2001). Tendo em conta que há uma forte similaridade entre algumas medidas, como incluí-las, simultaneamente, na equação regressiva sem violar as suposições deste tipo de técnica?

- Neste estudo, para além de analisarmos os efeitos individuais, estamos interessados em analisar os efeitos inter-cônjuges. Como incluir variáveis de marido e mulher altamente correlacionadas na mesma equação regressiva? E como avaliar simultaneamente os efeitos nos maridos e nas mulheres se as regressões múltiplas só permitem uma variável dependente?

Estas e outras questões levaram a que não considerássemos as regressões múltiplas o último passo das nossas análises e, como tal, não apresentamos aqui os seus resultados, porque seriam redundantes em relação aos dos Modelos de Equações Estruturais. Os únicos resultados que apresentamos com esta técnica são os da similaridade do casal nos rituais nos contextos familiares. A existência de uma única variável dependente, que é uma variável de casal (e não individual, como é o caso das outras) permite que a regressão múltipla cumpra os objectivos pretendidos.

3.2.4.1. Similaridade

Para além da variável rituais familiares, neste estudo, avaliámos também a relevância da similaridade dos dois elementos do casal nos rituais familiares nos contextos familiares e nos contextos culturais. Recorremos à abordagem centrada no casal (*couple-centered approach*), descrita por Luo e Klohnen (2005). Tal como é previsto pelos autores, criámos um índice de similaridade (uma correlação) entre as respostas de cada um dos casais da nossa amostra para todos os itens do Questionário dos Rituais Familiares. Verificámos que os cônjuges eram mais similares nas suas respostas nos rituais dos contextos familiares (r média = .51) do que nos rituais dos contextos culturais (r média = .31), sendo esta diferença significativa ($t(142) = 7.09, p < .001$)

Apurou-se que menores níveis de evitamento e de ansiedade nas mulheres prediziam maior similaridade do casal nos rituais nos contextos familiares (Quadro 19). Assim, quando as mulheres eram mais seguras em termos da vinculação amorosa, o casal era mais similar na forma como percebem os rituais (CF). Também testámos se a similaridade nos rituais familiares predizia a qualidade relacional mas não encontramos resultados significativos.

Quadro 19

Análises de regressão múltipla: Predição de Similaridade nos Rituais (CF) a partir do Evitamento e Ansiedade das Mulheres e dos Maridos

Variáveis predictoras	Variável dependente	
	Beta	R ² Ajustado
Mulheres		
Evitamento	-.33**	
Ansiedade	-.20*	
Maridos		
Evitamento	.06	
Ansiedade	.07	
Tempo de casamento	.15	.12

Nota. * $p < .05$ ** $p \leq .01$

3.2.5. Modelos de Equações Estruturais

Recorremos aos Modelos de Equações Estruturais (Structural Equation Modeling), através do programa EQS (versões 5.7 e 6 para windows, Bentler & Wu, 1995). Estes modelos permitem avaliar não só os efeitos a nível individual mas também os efeitos cruzados entre os elementos de uma díade. Estes efeitos cruzados referem-se ao efeito que uma variável de um dos cônjuges tem em determinadas variáveis do outro cônjuge, controlando-se o efeito da mesma variável nesse cônjuge. A título de exemplo, pode-se avaliar o efeito que o evitamento do marido tem na sua qualidade relacional, na qualidade relacional da esposa, controlando-se o evitamento da esposa (e a respectiva

variância partilhada entre os cônjuges nesta variável). As hipóteses formuladas no início do estudo previram diferenças de sexo. Neste programa específico, as diferenças de sexo nas trajectórias (*paths*) podem ser testadas restringendo cada par à igualdade (“*pooling the paths*”). O teste de *Lagrange Multiplier* (LM) permite saber se há variância significativa explicada se os constrangimentos de igualdade forem libertados. Assim, se as trajectórias forem significativamente diferentes, pode-se dizer que existem diferenças de sexo, senão, pode-se optar por deixar os constrangimentos de igualdade (“*pooled paths*”). No caso específico destas análises, porque as nossas hipóteses previam diferenças de sexo, optámos por não fazer quaisquer constrangimentos (“*unpooled paths*”). No entanto, realizámos o LM teste para cada uma das diferenças de sexo que surgiram nas análises e verificámos que a maioria era significativa (6 em 8), indicando a presença de diferenças de sexo significativas.

As medidas de *fit*, apesar de serem automaticamente concedidas pelo programa EQS, não foram incluídas nas figuras porque, neste tipo de análises, o investigador está interessado nas trajectórias (tamanho e direcção) entre as variáveis e não no *fit* de qualquer modelo.

Como já foi referido, a variável tempo de casamento revelou-se bastante importante e, por isso, controlámos o seu efeito sistematicamente em todas as análises. Para não sobrecarregar o textos e as figuras, e como não é nosso objectivo incluir esta variável como preditor, não a incluímos nas figuras nem a descrevemos nos resultados.

3.2.5.1. Modelos de Equações Estruturais com Rituais Familiares

a) Modelos de equações estruturais com os Rituais familiares como variável dependente

Confirmando parcialmente a hipótese 1, nas mulheres, as percepções de maior investimento nos rituais familiares (CF) foram preditas por baixo evitamento, como se verifica nas trajectórias intra-individuais (paralelas), na Figura 13.

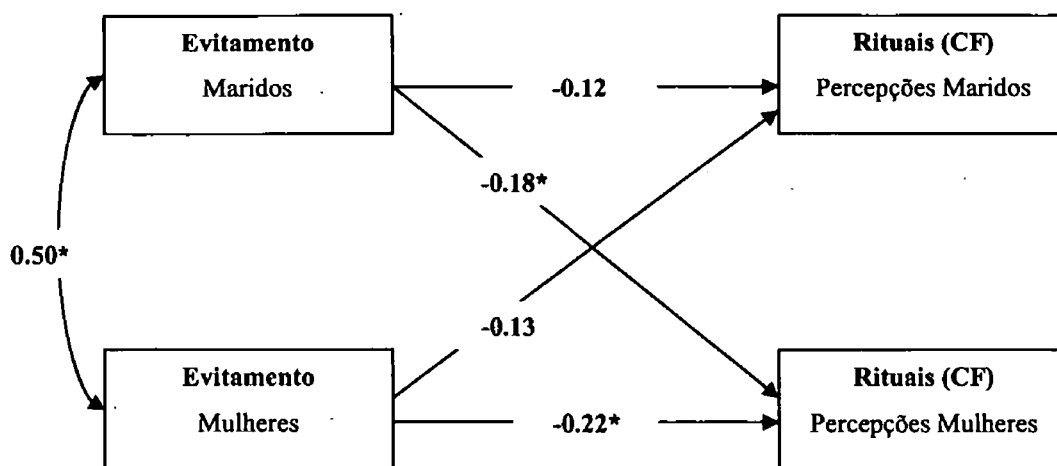


Figura 13. Coeficientes estandardizados das trajectórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Evitamento e Rituais nos contextos familiares. Os coeficientes * são significativos ao nível $p < 0.5$ (bicaudal).

Para além deste efeito, a trajectória inter-cônjuge mostra que níveis mais altos de evitamento estavam associados com percepções de menor investimento nos rituais familiares (CF) nas mulheres. Contudo, nos homens, o evitamento não foi um preditor significativo da sua própria percepção do investimento nos rituais familiares (CF). Este resultado merece alguma reflexão, dado que os resultados dos modelos de equações estruturais diferem do que é sugerido pelas correlações de Pearson, onde se verifica uma correlação negativa entre o evitamento de homens e mulheres e o investimento nos rituais familiares dos homens.

Relativamente aos rituais familiares nos contextos culturais (ver Figura 14), foi encontrado um pequeno efeito negativo ($\beta = -0.18$, $p < .05$) que o evitamento tinha no investimento nestes rituais para os homens. O facto de este efeito não se verificar para as mulheres é consistente com o sugerido pelas correlações de Pearson.

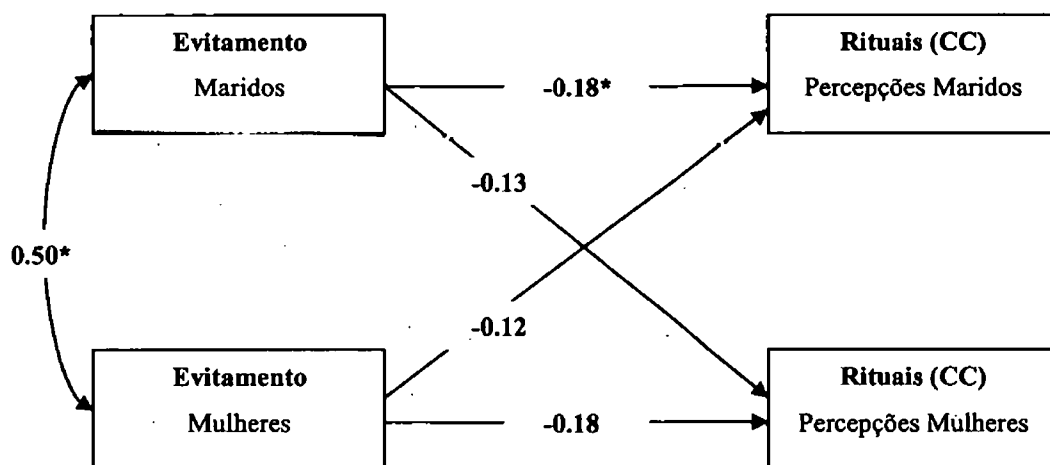


Figura 14. Coeficientes estandardizados das trajetórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Evitamento e Rituais nos contextos culturais. Os coeficientes * são significativos ao nível $p < 0.5$ (bicaudal).

b) Modelos de equações estruturais com a Qualidade Relacional como variável dependente

Como se pode ver na Figura 15, as trajetórias intra-individuais mostraram a diferença de sexo que tinha sido predita (ver hipóteses 2 e 4). Maior investimento nos rituais familiares (CF) estava associado com percepções mais positivas da qualidade relacional para as mulheres mas não para os homens. Para além deste efeito, maior investimento nos rituais familiares reportado pelas mulheres estava associado com uma avaliação mais positiva da qualidade relacional dos maridos (tendo-se controlado as percepções de investimento nos rituais familiares dos maridos). Por seu lado, o facto de os maridos percepcionarem maior investimento nos rituais familiares (controlando o nível de percepção de investimento das mulheres) pareceu ter um efeito negativo nas percepções de qualidade relacional das mulheres. Este dado deve ser tratado com reserva tendo em conta que as correlações de Pearson não revelam este efeito. Estes resultados não se modificaram quando se controlaram (em análises separadas) o evitamento, a ansiedade e os rituais nos contextos culturais dos dois cônjuges.

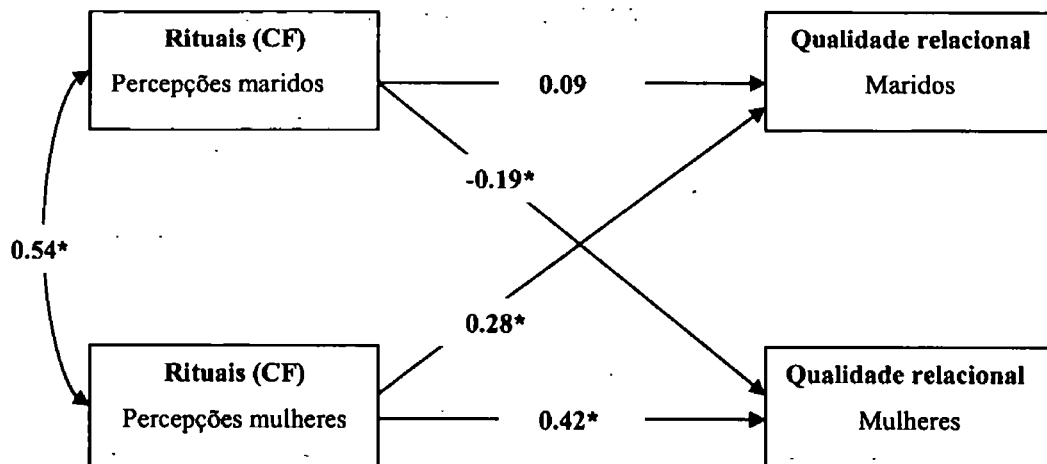


Figura 15. Coeficientes estandardizados de trajetórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Rituais nos contextos familiares e Qualidade relacional. Os coeficientes * são significativos ao nível $p < 0.5$ (bicaudal).

O padrão de resultados, quando se utilizou os rituais nos contextos culturais como variável independente, não se revelou tão consistente. Verificou-se que o investimento nos rituais (CC) estava positivamente associado com a qualidade relacional para as mulheres mas quando se controlaram as variáveis evitamento e rituais nos contextos familiares (separadamente) dos dois cônjuges, este efeito não se manteve, sugerindo que estas seriam as variáveis mais influentes e não o investimento nos rituais nos contextos culturais.

c) Modelos de equações estruturais com Proximidade (IOS) como variável dependente

Para as trajetórias intra-individuais, os resultados foram semelhantes aos encontrados para a qualidade relacional (ver hipóteses 2 e 4), como mostra a Figura 16. Verificou-se que quando as mulheres reportavam maior investimento familiar nos rituais, reportavam também maiores níveis de proximidade com os seus maridos e os seus maridos também reportavam maiores níveis de proximidade com elas. Replicámos

estas análises controlando, separadamente, o evitamento, ansiedade e rituais nos contextos culturais dos dois cônjuges e os resultados não se alteraram.

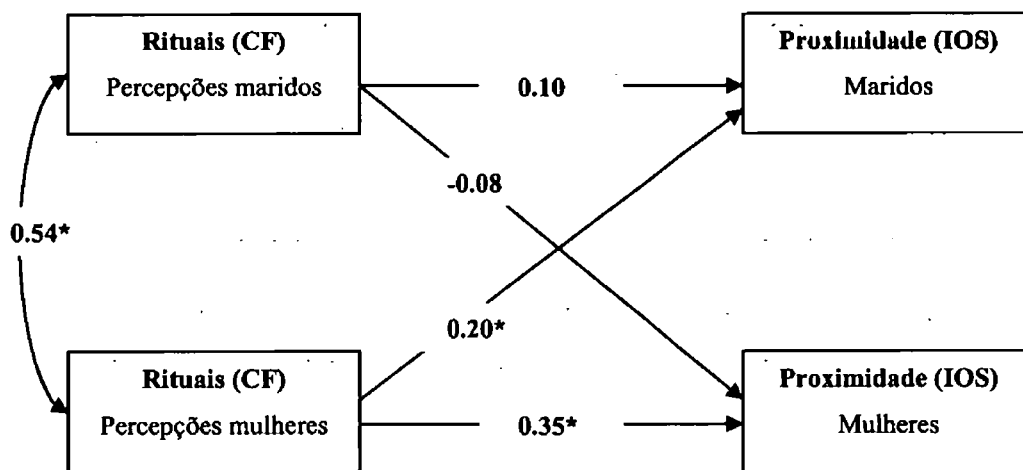


Figura 16. Coeficientes estandarizados das trajetórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Rituais nos contextos familiares e Proximidade (IOS). Os coeficientes * são significativos ao nível $p < 0.5$ (bicaudal).

Como indica a Figura 17, relativamente à relação entre rituais familiares nos contextos culturais e proximidade, percepções de maior investimento nos rituais (CC) estavam associadas com níveis mais elevados de proximidade para mulheres mas não para maridos. As trajetórias inter-cônjuges evidenciaram um resultado inesperado: maior investimento nos rituais (CC) percebido pelos maridos (controlando as percepções de investimento das mulheres) estava associado com menor proximidade para as mulheres. Este dado é semelhante ao encontrado na relação entre rituais nos contextos familiares e qualidade relacional. No entanto, de novo, é um resultado que deve ser encarado cautelosamente, tendo em conta que não é replicado nas correlações de Pearson.

Nestas análises controlámos, em momentos separados, o evitamento, a ansiedade e os rituais nos contextos familiares e os resultados não sofreram alterações.

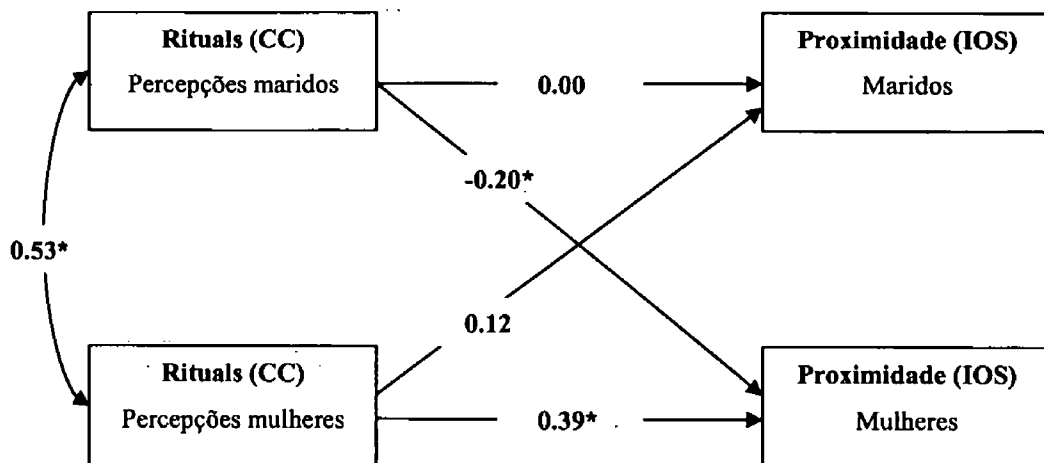


Figura 17. Coeficientes estandardizados das trajetórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Rituais nos contextos culturais e Proximidade (IOS). Os coeficientes * são significativos ao nível $p < 0.5$ (bicaudal).

d) Modelos de equações estruturais com Influência (IPR) como variável dependente

Nestas análises, verificámos que maior investimento nos rituais familiares (CF) estava associado com níveis mais elevados de Influência percebida para homens mas não para mulheres, como apresentado na Figura 18. De novo, esta diferença de sexo nos resultados deve ser interpretada com cautela porque existe uma correlação de Pearson semelhante entre rituais (CF) e influência percebida nos homens e nas mulheres.

Nestas análises controlámos, separadamente, o evitamento, a ansiedade e os rituais nos contextos culturais, tendo-se mantido os resultados reportados.

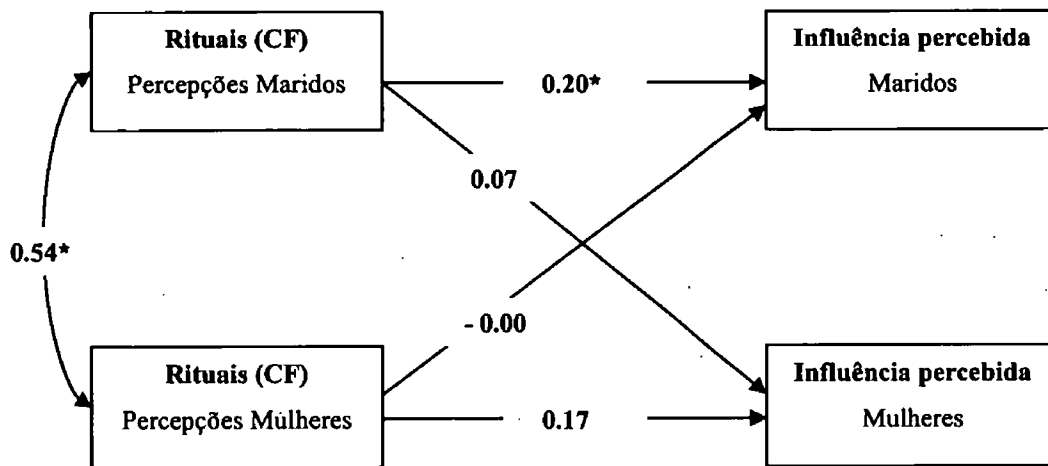


Figura 18. Coeficientes estandardizados das trajetórias derivadas do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Rituais nos contextos familiares e Influência percebida. Os coeficientes * são significativos ao nível $p < 0.5$ (bicaudal).

Quando introduzida como preditor da influência percebida, a variável rituais (CC) apresentou resultados semelhantes aos dos rituais (CF) descritos anteriormente, ou seja, quanto maior era o investimento nos rituais (CC), maior era a influência percebida para homens mas não para mulheres. No entanto, controlando-se o evitamento dos dois cônjuges, este efeito não se manteve, sugerindo que o evitamento seria a variável responsável pelo mesmo.

3.2.5.2. Relação entre as outras variáveis

a) Modelos de Equações Estruturais com Qualidade Relacional como variável dependente

A Figura 19 apresenta a relação entre evitamento e qualidade relacional. Quanto maior o evitamento, menor a qualidade relacional, quer para homens, quer para mulheres. Não se verificaram efeitos inter-cônjuges. Contudo, quando estas análises foram replicadas, controlando-se a variável ansiedade, surgiu um efeito significativo

negativo ($\beta = -.018$, $p < .05$) entre o evitamento dos maridos e a qualidade relacional das mulheres (algo já indiciado pelas correlações de Pearson).

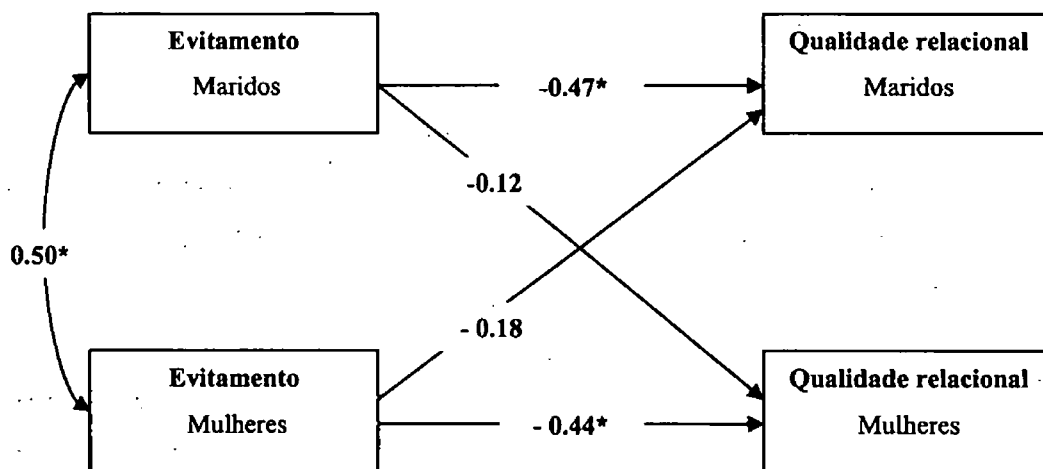
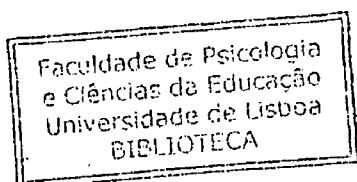


Figura 19. Coeficientes estandardizados das trajectórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Evitamento e Qualidade relacional, em que se controla a variável Ansiedade. Os coeficientes * são significativos ao nível $p < 0.5$ (bicaudal).

b) Modelos de Equações Estruturais com Proximidade (IOS) como variável dependente

As análises demonstraram que níveis mais elevados de evitamento estavam associados com menores níveis de Proximidade, quer para homens, quer para mulheres, como se pode verificar através das trajectórias intra-individuais na Figura 20. Não se verificaram efeitos inter-cônjuges.



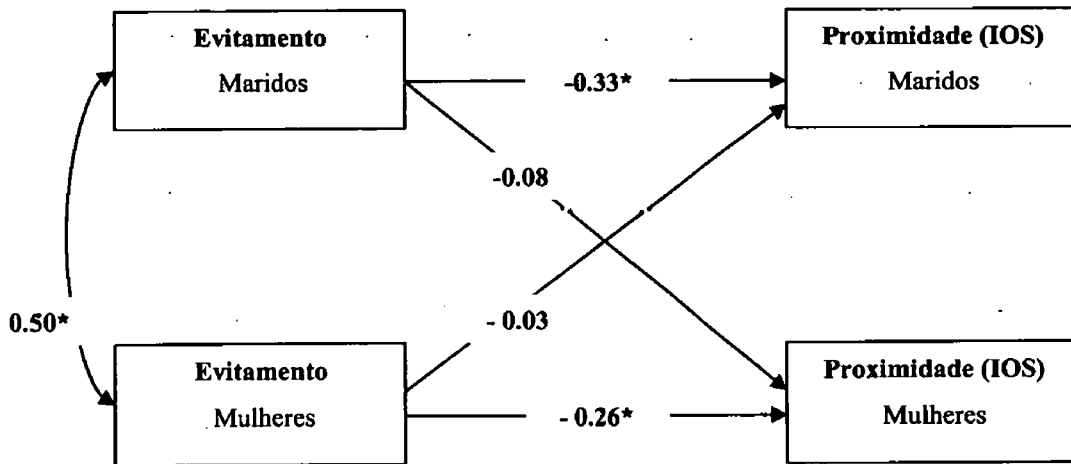


Figura 20. Coeficientes estandardizados das trajetórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Evitamento e Proximidade (IOS). Os coeficientes * são significativos ao nível $p < 0.5$ (bicaudal).

Quando o preditor foi a ansiedade, verificou-se que maiores níveis de ansiedade estavam associados com maior proximidade para as mulheres mas não para os homens (Figura 21). De novo se chama a atenção de esta diferença de sexo dever ser encarada com precaução pois a correlação de Pearson entre ansiedade e proximidade (IOS) é igual para homens e para mulheres.

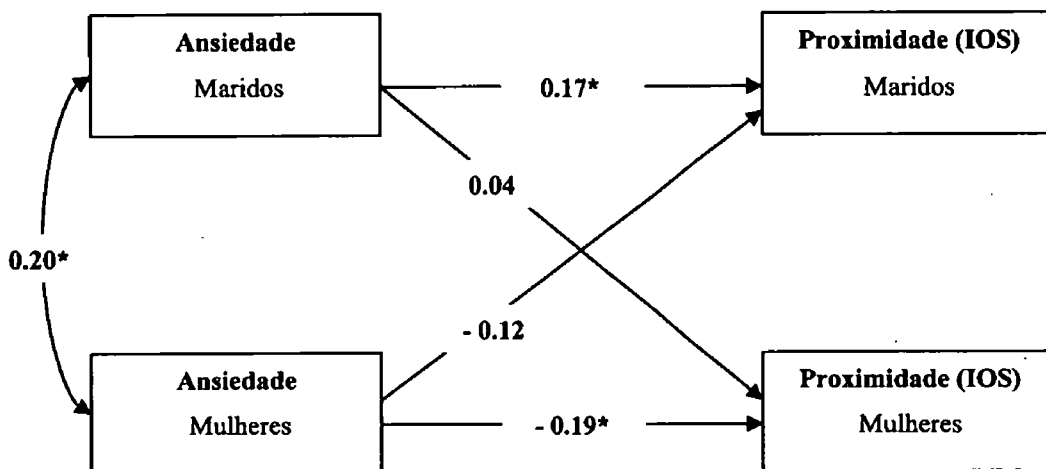


Figura 21. Coeficientes estandardizados das trajetórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Ansiedade e Proximidade (IOS). Os coeficientes * são significativos ao nível $p < 0.5$ (bicaudal).

c) Modelos de Equações Estruturais com Influência percebida como variável dependente

A Figura 22, apresenta a relação entre evitamento e influência percebida. As trajetórias intra-individuais evidenciam que quanto maior o evitamento, menor é influência percebida. Estes resultados mantiveram-se quando se controlou a variável ansiedade.

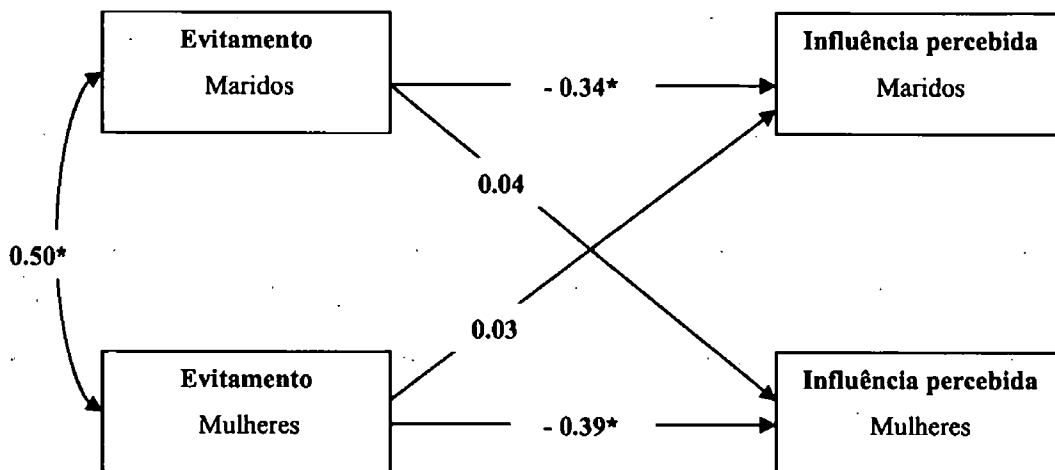


Figura 22. Coeficientes estandardizados de trajetórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Evitamento e Influência percebida. Os coeficientes * são significativos ao nível $p < 0.5$ (bicaudal).

Tendo a ansiedade como preditor (Figura 23), verificámos que níveis mais elevados de ansiedade estavam relacionados com maior influência percebida para mulheres mas não para homens, sendo esta uma diferença bastante significativa.

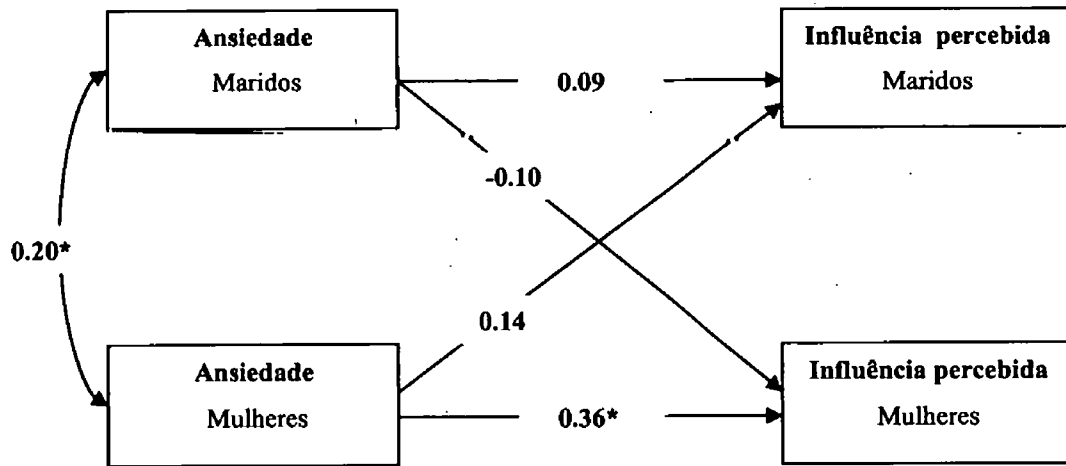


Figura 23. Coeficientes estandarizados das trajetórias derivados do modelo de equações estruturais da análise das relações entre Ansiedade e Influência percebida. Os coeficientes * são significativos ao nível $p < 0.5$ (bicaudal).

3.3. Discussão dos resultados

Cinco grandes hipóteses foram investigadas e, na generalidade, apoiadas no presente estudo. Em primeiro lugar, indivíduos menos evitantes reportaram maior investimento nos rituais familiares. Em segundo lugar, indivíduos que reportaram maior investimento nos rituais familiares apresentaram resultados mais elevados em termos de qualidade relacional e proximidade. Em terceiro lugar, menor evitamento e ansiedade estavam associados com maior similaridade nos relatos dos casais relativamente aos seus rituais nos contextos familiares. Em quarto lugar, estes efeitos foram, de uma forma geral, mais significativos para as mulheres do que para os homens. Por último, estes efeitos emergiram, sobretudo, nos rituais dos contextos familiares por comparação com os rituais dos contextos culturais.

A discussão que, em seguida, se apresenta, segue um itinerário que corresponde, em grande parte, ao da apresentação dos resultados. Começa-se por uma nota reflexiva sobre as variáveis sócio-demográficas e a sua associação com as principais variáveis em estudo. Posteriormente, analisam-se brevemente os dados correlacionais. Em seguida, apresentam-se os resultados principais, resultantes da associação dos rituais familiares com todas as outras variáveis a partir dos modelos de equações estruturais. Neste ponto, discutem-se primeiro os efeitos intra-participantes e, após estes, os efeitos inter-cônjuges. Apresentam-se, ainda, de uma forma resumida, os resultados relativos à relação entre as restantes variáveis. No final, reflectem-se algumas limitações do presente estudo.

3.3.1. Nota sobre as variáveis sócio-demográficas

Nas variáveis em estudo, não se verificaram diferenças significativas quanto ao sexo e quanto ao número de filhos. A única excepção ocorreu no caso da variável influência percebida, na qual os homens apresentaram resultados significativamente mais elevados do que as mulheres. Nos estudos originais, Berscheid et al. (1989), também os homens apresentaram médias superiores (mas não significativamente superiores) nesta variável em comparação com as mulheres. Este resultado poderá ser explicado pelos dados de Gottman et al. (2002) que indicam a existência de uma associação positiva entre aceitação da influência do cônjuge por parte dos homens e satisfação conjugal. Assim, é plausível que, nesta amostra, predominantemente

satisfeita, os homens apresentem também níveis mais elevados influência percebida em relação ao cônjuge. Adicionalmente, é de referir que os itens do inventário utilizado para avaliar esta variável se referem maioritariamente a áreas que envolvem a família, ou seja, trata-se, sobretudo, de influência em relação a aspectos das vivências familiares. Tendo em conta que, em termos de papéis de género, a mulher está muito ligada às questões de organização familiar, pode-se compreender que seja ela a exercer mais influência no homem do que vice-versa.

Em relação à idade, surgiram diferenças na dimensão evitamento, sendo que o grupo mais novo (dos 23 aos 30 anos) reportava menor evitamento do que todos os restantes grupos; este resultado é compreensível tendo em conta a fase inicial de casamento em que se encontram estes participantes, uma fase que poderá ser ainda de idealização e fusão relacionais (Alarcão, 2000; DeFrank-Lynch, 1986, in Narciso, 2001). Provavelmente pelos mesmos motivos, em termos de qualidade relacional e de influência percebida, o grupo mais novo também apresenta resultados significativamente superiores aos do grupo etário entre os 51 e os 60 anos de idade; este grupo específico poderá atravessar a fase de transição relacionada com a saída dos filhos de casa, uma fase em que as percepções de coesão familiar e de satisfação com a família e o casal tendem a descer, sobretudo para as mulheres (cf. Olson, 1988).

As análises da variável escolaridade produziram uma miscelânea de resultados. Relativamente aos rituais familiares, o grupo com a escolaridade mais baixa (até ao 9º ano) apresentou resultados significativamente mais baixos do que os grupos com escolaridade até ao 12º ano e com bacharelato. As razões para tal não são claras; contudo, tendo em conta que não se revelaram diferenças significativas entre o grupo da escolaridade até ao 9º ano e o grupo com licenciatura, parece-nos poder-se excluir com segurança a hipótese de desadequação do questionário às características de literacia da amostra. Se nos focarmos nos rituais enquanto indicador de coesão familiar, poderemos pensar que no grupo “até ao 9º ano” há uma maior preocupação/stress/investimento em questões extra-familiares como, por exemplo, o trabalho e a sobrecarga de papéis e, conseqüentemente, um menor investimento em rituais familiares. As razões para o menor investimento no grupo da licenciatura parecem revestir-se de contornos diferentes. Neste grupo, parece legítimo pensar que há uma maior preocupação com variáveis individuais como a carreira e a ascensão económica e, conseqüentemente, um

menor investimento nos rituais familiares. Para ambos os grupos, ainda que de forma distinta, a dedicação a outras áreas de vida poderá reduzir o tempo necessário ao investimento nos rituais familiares.

Em relação ao evitamento, o grupo com licenciatura apresentou resultados inferiores aos dos dois grupos com escolaridade mais baixa. Embora não existam dados concretos que possam explicar este resultado, poderemos considerar a hipótese de estarmos na presença de uma dimensão que, quando avaliada através deste instrumento específico, seja sensível à desejabilidade social.

Em termos da influência percebida, o grupo com escolaridade até ao 9º ano apresentou resultados inferiores a todos os outros grupos. Uma das explicações possíveis para este dado é considerar que os papéis familiares sejam mais claramente distintos em níveis sócio-culturais mais baixos. Se assim for, isto é, se existirem áreas com fronteiras mais delimitadas, cada um dos cônjuges tenderá a circunscrever-se à sua área, não invadindo ou procurando exercer influência na área do outro cônjuge.

Já nas variáveis qualidade relacional e proximidade (IOS), não houve diferenças em termos de escolaridade. Estes dados podem significar que, de facto, a percepção subjectiva de satisfação com a relação (ou percepção subjectiva da qualidade da relação) não pode ser confundida com critérios *a priori* (do investigador) do que é satisfação ou qualidade. O evitamento poderá variar, o investimento nos rituais também mas a percepção subjectiva de qualidade e de satisfação pode continuar a ser positiva. Em contextos diferentes (neste caso, o sócio-cultural) há mapas diferentes para avaliar a realidade (conjugalidade) – o mapa não é território -, o que pode fazer com que aquilo que é tomado como um indicador negativo da conjugalidade num determinado contexto (ex: nível superior sócio-económico) não o seja noutro contexto (ex: nível mais baixo sócio-económico). É de notar, que os investigadores que constroem os instrumentos têm, inevitavelmente, os mapas (“óculos”) do nível superior sócio-económico.²¹

A variável tempo de casamento foi tratada de modo diferente das anteriores variáveis sócio-demográficas que foram alvo de análises de técnicas estatísticas de

²¹ Por este motivo, nas análises exploratórias, nomeadamente, nas regressões múltiplas, teve-se em conta a variável escolaridade. Verificámos que ao contrário do que aconteceu na comparação de grupos onde foi responsável por algumas diferenças, a escolaridade não teve efeito nas relações entre as variáveis. Outras variáveis como o sexo e o tempo de casamento revelaram-se mais importantes e por isso, as incluímos em todas as análises principais.

comparação de grupos. Devido à centralidade desta variável para o nosso trabalho e à possibilidade de a considerarmos uma variável contínua, procedemos a análises correlacionais. Encontraram-se associações positivas entre o tempo de casamento e rituais nos contextos culturais de maridos e mulheres, e entre o tempo de casamento e evitamento também de ambos os cônjuges; verificou-se, ainda, uma associação negativa entre tempo de casamento e influência percebida pelos homens, ou seja, à medida que o tempo avança, os homens recebem (em termos da sua percepção) menor influência por parte das suas mulheres. Dada a escassez de estudos com casais ao longo do tempo que explorem estas variáveis especificamente, não é possível proceder a uma análise comparativas dos nossos resultados. Contudo, parece-nos que estes podem ser percebidos à luz da proposta de DeFrank-Lynch (1986, in Narciso, 2001). De acordo com esta proposta, a primeira etapa da vida do casal (até cerca dos primeiros 10 anos de casamento) caracteriza-se por uma construção do “nós” que implica um processo de fusão dos indivíduos que se empenham em construir a relação; posteriormente, esta fase dá lugar a outras duas nas quais se valorizam outros aspectos, nomeadamente, o retorno à individualidade e ao investimento em outras dimensões da vida (carreira, filhos, família alargada, outros interesses, etc.). O tempo introduz um movimento centrífugo nas famílias e também no próprio casal (ver Alarcão, 2000). Assim, é natural que nos primeiros tempos de casamento mais “fusionais” e orientados para a relação, os indivíduos experienciem menores graus de evitamento na vinculação amorosa e maior influência por parte do cônjuge.

A diferença específica relativa aos rituais no contexto cultural pode acontecer por duas razões. A primeira prende-se com este movimento centrífugo do casal e da família, ou seja, à medida que o tempo passa, aumenta a tendência para uma progressivamente maior interacção com o exterior, com contextos que são parte integrante da vida de cada um dos seus membros (escola, grupo de pares, grupos comunitários, etc.), e incluindo, também, mais pessoas na sua rede de família alargada. Este movimento cria a oportunidade de participação dos indivíduos e da família como um todo em rituais de cariz mais abrangente, que envolvem outras pessoas e contextos para além da família nuclear, ou seja, nos rituais dos contextos culturais. A segunda razão reveste-se de um cariz mais especulativo e está relacionada com um possível efeito geracional. Sabemos que, em termos históricos, se tem verificado um

afunilamento de certos rituais: enquanto os rituais nos contextos mais íntimos da família parecem continuar a ser valorizados, há, em contrapartida, um progressivo decréscimo dos rituais de cariz mais cultural e comunitário. É possível que este efeito se possa verificar num período tão curto como a diferença de uma geração e, se for esse o caso, poderá contribuir para explicar estes resultados. Contudo, trata-se apenas de uma mera reflexão que apenas estudos longitudinais poderão realmente confirmar.

3.3.2. Análises correlacionais

As análises correlacionais tiveram, neste estudo, um papel importante na fase inicial de exploração em que se procuravam os primeiros indícios da “história que os dados teriam para contar”. Por esse motivo, apenas discutimos aqui alguns resultados; os restantes, mais significativos, já indiciados pelos dados correlacionais serão retomados com maior profundidade a partir dos modelos de equações estruturais.

Foi possível verificar que, na maior parte dos casos, as correlações entre as mesmas variáveis dos dois cônjuges eram bastante elevadas e significativas ($r \geq .5$). As variáveis com correlações mais baixas (mas ainda significativas) foram a influência percebida e a ansiedade na vinculação amorosa. Em termos da influência percebida, já verificámos que os homens apresentavam resultados significativamente superiores e, portanto maridos e mulheres se diferenciavam mais nesta variável em particular. Em termos da ansiedade na vinculação amorosa, também não era esperado que houvesse, necessariamente, uma associação entre os resultados dos dois cônjuges.

Do mesmo modo, as associações entre evitamento e ansiedade para homens e mulheres separadamente não se verificaram significativas. A estrutura subjacente aos quatro protótipos de vinculação que se conferiu também nesta amostra implica que, em alguns casos, o evitamento e a ansiedade estejam associados (negativamente no protótipo seguro e positivamente no protótipo amedrontado) e noutros, não (protótipos preocupado e desinvestido).

As associações entre rituais nos contextos familiares e rituais nos contextos culturais foi significativa, positiva e elevada, quer para homens, quer para mulheres. Este dado é consistente com a proposta de Fiese (2006, comunicação pessoal): estes dois contextos dos rituais podem ser distinguidos mas, se reunidos, constituem também uma dimensão coerente relativa à vida ritual da família no seu todo.

É de realçar a relação significativa positiva elevada entre qualidade relacional e proximidade (IOS) para ambos os sexos. Este era um resultado esperado, tendo em conta que os constructos subjacentes a estas variáveis referem-se a dimensões da vivência do casal que são próximas e poderão, inclusivamente, sobrepor-se de alguma forma. A influência percebida, outro indicador de proximidade, também apresenta associações positivas, se bem que não tão fortes, com a qualidade relacional. Este dado é congruente com a proposta de Gottman et al. (2002) que identificaram a aceitação da influência do cônjuge como um processo importante da qualidade da relação; estes autores consideram que a “escalada da negatividade” no conflito pode estar associada à rejeição da influência do cônjuge. Gottman et al. (2002) verificaram que o processo de aceitação de influência por parte do homem era mais relevante para a relação de casal do que o oposto. Embora não tivéssemos verificado este resultado em particular, os nossos dados apoiam a associação entre a capacidade de receber influência do cônjuge e percepções positivas da qualidade da relação. A associação entre proximidade (IOS) e influência é percebida é significativamente positiva nas mulheres, ainda que não muito alta, mas inexistente nos homens; este dado conjugado com outros, nomeadamente, as associações com outras variáveis em estudo (a relação que a proximidade -IOS- e que a influência percebida estabelecem com a qualidade relacional, muito mais forte para a primeira), permite verificar, como já tinham feito Aron et al. (1992) que estes dois índices de proximidade não se “comportam” da mesma forma e que correspondem a diferentes dimensões psicológicas da proximidade.

3.3.3. Principais resultados

3.3.3.1. Efeitos intra-individuais (modelos de equações estruturais)

De acordo com a hipótese 1, verificou-se que as mulheres com níveis mais elevados de evitamento reportaram menos investimento nos rituais nos contextos familiares. Também se apurou que os homens com níveis mais elevados na dimensão evitamento reportaram menos investimento nos contextos culturais. Este dado é consistente com a proposição de que rituais familiares mais intensos e frequentes estão associados com níveis mais elevados de satisfação e proximidade.

Desta forma, indivíduos mais evitantes podem tender a afastar-se de situações que implicam uma exposição excessiva a interações de cariz íntimo. O dado

encontrado é coerente com o estudo de Leveridge, Stoltenberg, and Beesley (2005), que revelou que a dimensão do evitamento estava associada com desconexão e baixa coesão familiar e evitamento de conflito. Relembramos que rituais familiares como tomar uma refeição em conjunto, sair em família ou organizar uma celebração são momentos de proximidade mas, simultaneamente, encerram em si um potencial para o desenvolvimento de situações de conflito (Nydegger & Mitteness, 1988). Leveridge et al. (2005), tal como no presente estudo, também verificaram que a dimensão da ansiedade não estava associada a esses factores familiares.

É altura de estabelecermos um paralelo entre estes resultados, obtidos a partir da análise dimensional da vinculação, e os resultados obtidos a partir da análise de categorias, através dos protótipos de vinculação. O protótipo preocupado apresentou resultados significativamente mais elevados em termos dos rituais nos contextos familiares do que os grupos desinvestido e amedrontado. A dimensão que diferencia o protótipo preocupado destes dois grupos é precisamente o evitamento, que este protótipo apresenta em menor grau do que os outros dois. Verifica-se a coerência com os resultados das equações estruturais: é o evitamento a dimensão responsável pelo menor grau de investimento nos rituais familiares.²²

Também verificámos que mais investimento nos rituais nos contextos familiares estava associado com percepções mais positivas de qualidade relacional e de proximidade (IOS) para as mulheres (ver hipóteses 2 e 4); no caso dos rituais nos contextos culturais, também se verificou uma ligação positiva com a proximidade (IOS). Contudo, nenhuma destas trajectórias equivalentes dos homens se revelou significativa; os rituais familiares estavam associados, nos homens, apenas com a influência percebida.

Estes resultados são consistentes com a investigação conduzida por Fiese e colaboradores (1993). Nesta, a associação entre rituais familiares e satisfação conjugal era mais forte para as mulheres do que para os homens. A razão subjacente a estes resultados diferenciais pode estar relacionada com os papéis sócio-culturais e a sua relação com o género. As mulheres são as principais guardiãs dos laços familiares

²² Seria também esperado que o protótipo seguro apresentasse resultados semelhantes aos do protótipo preocupado. Contudo, sabemos que a análise das dimensões contínuas é uma análise mais “fina”, podendo captar mais pormenores e diferenças do que as comparações de grupos com base nas análises dos *clusters* da vinculação.

(Leach & Braithwaite, 1996); mais do que os homens, elas responsabilizam-se pelo desenvolvimento e manutenção dos rituais familiares. Assumindo que as mulheres, em geral, estão mais envolvidas no planeamento e realização dos rituais, é plausível que estes eventos da vida familiar tenham um maior impacto nas suas vidas e nos seus relacionamentos. A literatura também tem evidenciado que homens e mulheres percebem a relação amorosa de forma diferente e agem em consonância com essa percepção. Considera-se que as mulheres são normalmente os elementos mais responsáveis pela gestão da relação de casal (Acitelli, Rogers & Knee, 1999; Bateson, 2004). Esta dupla responsabilidade em termos relacionais nos contextos conjugal e familiar pode fazer com que as mulheres, em geral, quando avaliam as suas relações amorosas sejam mais influenciadas pela vida familiar do que os homens.

A diferença de resultados quanto às duas formas de avaliação da proximidade (inclusão do outro no *self* e influência percebida) parece indicar novamente que, de facto, estamos na presença de duas dimensões distintas. Enquanto para as mulheres os rituais estavam associados, sobretudo com a proximidade que se traduz por incluir o outro como parte de si (dimensão altamente correlacionada com a qualidade relacional), para os homens aqueles estavam ligados a aspectos relacionados com a influência percebida no quotidiano e nos projectos de vida. Este dado parece-nos coerente com o quadro mais lato dos resultados; se as mulheres são mais responsáveis pelos rituais familiares, a sua percepção de investimento familiar nos mesmos não se associa a uma percepção de influência recebida pelo cônjuge; se as mulheres adoptam, em geral, um papel mais proactivo, é mais plausível que elas exerçam influência e não o oposto. Os homens, por seu lado, quando percebem maior investimento dos rituais, também consideram que recebem mais influência por parte das mulheres; o seu papel, ainda que participativo, poderá ser, mais, o de co-autor dos rituais familiares. Se se pensasse este dado específico assumindo uma causalidade bi-direccional, também se poderia concluir que os homens que aceitam receber maior influência das suas mulheres tendem a ser mais participativos e a investir mais nos rituais familiares.

3.3.3.2. Efeitos inter-cônjuges (modelos de equações estruturais)

No presente estudo, foram encontrados vários efeitos inter-cônjuges. Quando os maridos eram mais evitantes, as mulheres reportavam menor investimento familiar nos

rituais dos contextos familiares (após se controlar o seu próprio nível de evitamento). Assim, as percepções do investimento nos rituais nos contextos familiares das mulheres eram influenciadas pelos seus próprios níveis de evitamento e pelos dos maridos. Vários autores têm verificado que indivíduos mais evitantes apresentam comportamentos ineficazes quer de procura de conforto/segurança, quer de prestação de cuidados (Fraley, Davis & Shaver, 1998). Tendo em conta a interacção entre o casal, percebe-se como o evitamento na vinculação amorosa de um dos cônjuges ou dos dois pode dificultar o trabalho de equipa necessário às tarefas inerentes aos rituais, que envolvem apoio mútuo e partilha de responsabilidades. Quando os maridos são evitantes na vinculação amorosa, as mulheres poderão também sentir-se menos motivadas para empreender esforços relacionados com eventos que simbolizam e reflectem a união familiar como um todo. De facto, se as condições necessárias não estiverem reunidas, as mulheres poderão não ver os seus esforços reconhecidos ou valorizados pelos outros, nomeadamente, pelos cônjuges mais evitantes. Do mesmo modo, se a família como um todo não estiver envolvida e se os rituais não corresponderem às expectativas dos seus membros, o seu significado simbólico pode também sofrer um processo de erosão. Parece legítimo considerar que estes dois processos podem conduzir a uma deterioração do investimento nos rituais familiares.

Os homens revelaram-se mais felizes na sua relação quando as suas mulheres reportavam maior investimento nos rituais nos contextos familiares. Este dado mostra que os homens não são “insensíveis” aos rituais; eles parecem beneficiar quando as suas mulheres estão mais envolvidas e quando estas associam significados positivos aos rituais da família. É curioso, contudo, verificar que as percepções de investimento dos próprios homens não têm um impacto significativo nos seus níveis de qualidade relacional e de proximidade. Este dado suscita uma questão: será que a relação dos homens com os rituais familiares é sempre mediada pelas mulheres? Será que o seu próprio investimento não contribui para si próprios em termos de bem-estar pessoal ou relacional? Numa nota especulativa, parece-nos que, com o desenho específico deste estudo, tocámos apenas a ponta do *iceberg* e que outras abordagens poderão trazer mais informações sobre a profundidade desta relação entre os homens e os rituais familiares (e, conseqüentemente, as diferenças de género que existem neste domínio).

Constatou-se com alguma surpresa, que quando os maridos reportavam maior investimento nos rituais dos contextos familiares, as mulheres reportavam sentirem-se menos felizes ou próximas (IOS) dos seus maridos. É de notar que o mesmo padrão de resultados foi encontrado para a associação entre rituais nos contextos culturais e proximidade (IOS), ou seja, as mulheres reportavam menores níveis de proximidade quando os seus maridos reportavam maior investimento especificamente nestes rituais. Este resultado vai precisamente na direcção oposta do proposto por Fiese & Tomcho (2001). Contudo, este estudo referia-se muito especificamente a rituais familiares relativos aos feriados religiosos, enquanto o nosso estudo se refere a uma panóplia mais vasta de rituais agrupados em dois grandes grupos/contextos. Por outro lado, as análises utilizadas no estudo de Fiese e Tomcho (2001) são diferentes das utilizadas no presente estudo: os autores recorreram a regressões múltiplas, um tipo de análise que não permite, ao contrário das equações estruturais, controlar um grande número de variáveis. No nosso estudo, o investimento das próprias mulheres foi controlado, facto que não se verificou no estudo de Fiese e Tomcho (2001).

Consideramos que estes efeitos inter-cônjuges devem ser interpretados com bastante cautela porque não encontramos o mesmo padrão ao nível das análises correlacionais.

Contudo, sem prejuízo do referido anteriormente, estes resultados podem ser integrados do ponto de vista teórico. De facto, é possível que algumas mulheres considerem os esforços dos maridos nesta área como invasivos e que não estejam dispostas a abdicar do seu papel (formatado pelo género) na vida ritual da família. As tarefas domésticas associadas aos rituais são, muitas vezes, percebidas como femininas; as mulheres poderão avaliá-las positivamente como sendo demonstrações de afecto, formas de “nutrir” a família. (Kroska, 2003). Os próprios rituais e todo o trabalho relacional que estes eventos implicam são tradicionalmente associados ao universo feminino (Laird, 1988). Se estas expectativas em relação ao género forem interiorizadas, as mulheres poderão querer conservar as funções que assumiram como suas e evitar que os maridos interfiram. Como referem Veroff, Douvan, Orbuch e Acitelli (1998), cada indivíduo avalia o seu casamento de acordo com as “vozes” dos grupos de referência com os quais se identifica. Nas palavras dos autores (Veroff et al., 1998, p.154, trad.): “...a felicidade é socialmente construída, o papel, a cultura, a

etnicidade e a classe social trazem consigo prescrições e expectativas que ajudam a pessoa a estabelecer as dimensões a partir das quais a felicidade deverá ser avaliada e as âncoras para avaliar cada dimensão". Do mesmo modo, Costa (2005) refere que o género é um princípio organizador das interações sociais, sendo que a abordagem de relações de intimidade não poderá descurar a sua importância. A mesma autora (Costa, 2005) refere que as diferenças de género na intimidade não são universais, mas sim criadas por um conjunto complexo de factores culturais, biológicos, políticos e sociais. Assim, estes, como os outros resultados, deverão ser interpretados "em contexto", relembrando a perspectiva ecológica que nos guia, bem como as perspectivas sistémica e desenvolvimental que também dão relevância a este aspecto.²³

Alternativa ou complementarmente, é também possível que alguns maridos que conferem uma maior importância aos rituais familiares tendam a dominar as suas mulheres ou a criticar o modo como estas preparam e organizam estes eventos. Quando a organização e a vivência dos rituais acontece na presença de expectativas rígidas (expectativas provenientes dos *mass media*, da família de origem, do cônjuge, etc.), estes momentos podem tornar-se mais encargos do que momentos de alegria e de prazer (ver Imber-Black & Roberts, 1993).

Embora, na generalidade, os rituais estejam ligados a resultados positivos para indivíduos e famílias, é importante reconhecer que envolvem um certo grau de trabalho e esforço, o que pode conduzir à emergência de conflito entre os elementos envolvidos, particularmente, os cônjuges (Laird, 1988; Leach & Braithwaite, 1996; Newell, 1999). É indispensável que mais investigações possam clarificar esta questão através da replicação dos resultados e da análise destas explicações de cariz especulativo.

3.3.3.3. Similaridade

Em seguida, iremos discutir a questão da similaridade dos cônjuges nos rituais familiares. Verificámos que os resultados dos cônjuges relativos ao investimento nos

²³ A este propósito, Costa (2005, p.68) refere que "...vivemos num país ainda em período de transição importante no que se refere às expectativas dos papéis femininos e masculinos". A curiosidade de examinar se em outros contextos geográficos, culturais e sociais se verificam os mesmos resultados colide com a ausência de estudos que nos forneçam este tipo de dados. Quando apresentámos estes dados numa conferência científica (International Family Therapy Association, Islândia, Outubro de 2006), vários investigadores e terapeutas presentes comentaram estes resultados e afirmaram poder-se esperar que se verificassem também nos seus países (Estados Unidos da América, Noruega e Suécia). Esta informação, apesar de interessante, não deixa de ter um carácter meramente especulativo; esperamos que novos estudos possam clarificar as questões que os nossos dados suscitaram.

rituais nos contextos familiares eram bastante similares, mais do que os resultados do investimento nos rituais nos contextos culturais. Tal pode suceder porque certos rituais dos contextos familiares (especialmente a hora de jantar e os fins de semana) acontecem muito mais frequentemente do que os rituais dos contextos culturais (Natal, casamentos, funerais). Por conseguinte, são mais planeados e falados nas famílias, são “matéria” do quotidiano. Por outro lado, os rituais nos contextos culturais envolvem frequentemente pessoas exteriores à família que influenciam estes rituais através do seu conhecimento e participação; desta forma, são menos as oportunidades para o casal construir visões partilhadas (e similares) sobre estes rituais. As razões que explicam a maior similaridade dos casais nos rituais dos contextos familiares parecem ser as mesmas que explicam as associações mais significativas que encontramos entre estes e as outras variáveis do nosso estudo. De facto, se os rituais dos contextos familiares são mais frequentes e próximos das vivências dos indivíduos, é natural que estes se relacionem mais intensamente com variáveis como vinculação, qualidade relacional e proximidade, o que se confirmou nesta investigação, comprovando uma das nossas hipóteses (ver hipótese 5).

Ainda relativamente à similaridade, emergiu um dado bastante curioso: quando a mulher era menos evitante e menos ansiosa, o casal revelava-se mais similar nos rituais dos contextos familiares (ver hipótese 3). As mesmas variáveis no homem não mostraram qualquer ligação com a similaridade do casal em relação aos rituais. Consideramos que talvez as mulheres mais seguras (que se sentem menos facilmente ameaçadas) permitam que o marido invista mais nos rituais familiares, recusando ou minimizando o papel de “supervisoras” dos rituais (ver Imber-Black & Roberts, 1993), um papel tão árduo quanto poderoso no seio da família. De acordo com Mikulincer, Florian, Cowan e Cowan (2002), as pessoas seguras consideram que as suas relações românticas servem não só para suprir as necessidades de vinculação mas também para ajudar a realizar tarefas de vida importantes. Assim, as mulheres seguras poderão estar motivadas para incluir o companheiro nas tarefas dos rituais, assumindo uma atitude colaborativa, o que reflecte o cariz simétrico esperado na relação conjugal (Alarcão, 2000). Inversamente, mulheres mais inseguras poder-se-ão sentir ameaçadas se os seus maridos invadirem o que culturalmente é visto como sendo o território feminino, a dimensão privada da vida familiar e tudo o que lhe diz respeito (Laird, 1988). Neste

ponto, as expectativas sociais poderão também ter um papel importante. O discurso social presente é recheado de ambivalências relativas à distribuição de papéis e funções de homens e mulheres na vida familiar; assistimos a uma fase de transição em que o peso da tradição cultural se faz ainda sentir. As mulheres poderão sentir-se pressionadas a adoptar o papel que lhes foi “destinado” pelas expectativas sociais; a segurança experienciada no âmbito da relação de casal poderá ser um dos factores que facilite a “transgressão” destas expectativas culturais e a adopção de práticas conjugais mais colaborativas. Esta ideia é apoiada pela constatação de que as diferenças de género (nomeadamente, a orientação para a relação mais associada às mulheres e a instrumentalidade/assertividade mais associada aos homens) são menos acentuadas em relações de maior intimidade, também caracterizadas por uma maior segurança na vinculação amorosa (Canary & Emmers-Sommer, 1997, in Costa, 2005). Também Ribeiro (2002) apurou que no âmbito da orientação dos papéis sexuais, os indivíduos com características andróginas eram os que revelavam maior satisfação conjugal. Parece-nos então, que existem bases para que se continue a explorar a eventual ligação entre segurança na vinculação amorosa, semelhança de papéis de género dos cônjuges e similaridade de investimento nos rituais familiares.

A hipótese relativa à similaridade do casal nos rituais estar associada à satisfação conjugal e proximidade, não foi confirmada. Investigações anteriores têm produzido resultados díspares em relação ao grau em que a similaridade em características de personalidade ou em valores prediz a satisfação e estabilidade relacional (Fletcher, 2002; Luo & Klohnen, 2005). No caso dos rituais familiares, a similaridade do casal nos rituais dos contextos familiares e dos contextos culturais, não se revelou um preditor da satisfação conjugal.

3.3.4. Resultados periféricos (relação entre as outras variáveis excluindo os rituais familiares)

A relação entre vinculação amorosa e qualidade relacional permitiu verificar que o evitamento era a dimensão com mais valor preditivo. Mais especificamente, quanto maior o evitamento, menor a qualidade relacional percebida, tanto para homens como para mulheres. Esta relação, para além de significativa, é bastante forte, como era esperado de acordo com a literatura no domínio (Kirkpatrick, 1998; Mikulincer et al.,

2002; Schachner, Shaver & Mikulincer, 2003). A análise prototípica também confirma estes resultados: os indivíduos dos protótipos seguro e preocupado apresentam resultados de qualidade relacional significativamente superiores aos dos protótipos desinvestido e amodrontado. Seria esperado que a dimensão ansiedade também estivesse negativamente associada com a qualidade relacional (*ibidem*); o que não se verificou neste estudo. A possível explicação para este dado parece-nos ser o tipo de amostra utilizado. Esta amostra de casais com uma média de tempo de casamento de 16.21 anos enquadra-se, na generalidade, num quadro de satisfação e estabilidade relacionais; tal pode implicar que não haja níveis de ansiedade suficientemente elevados para verificar esse resultado habitualmente encontrado. Contudo, note-se que o mesmo não acontece com o evitamento que, mesmo neste tipo de amostra, é uma variável com um grande valor preditivo. Mais estudos com amostras deste género que incluam casais com diferentes tempos de casamento serão necessários para clarificar totalmente estes dados.

Quanto à variável proximidade (IOS), tal como na qualidade relacional, também o evitamento se revelou um preditor significativo para ambos os sexos; quanto mais evitantes, menos próximos se sentiam dos seus cônjuges. Enquanto a ansiedade na vinculação amorosa não se revelou uma variável significativa (directa) na explicação da qualidade relacional, os seus efeitos na proximidade são significativos e interessantes, sobretudo pela diferença de género encontrada. Enquanto maior ansiedade nos homens se traduzia por maior proximidade, nas mulheres o efeito foi o oposto, ou seja, quanto mais ansiedade, menor proximidade na relação com o cônjuge. Este dado pode ser explicado a partir dos dados da literatura que reconhecem à mulher uma maior necessidade de proximidade na relação conjugal como indicador de maior intimidade (Narciso, 2001). Se os homens forem mais ansiosos e investirem numa maior proximidade, as mulheres, em geral, tenderão a ser receptivas e a corresponder a este investimento. De uma forma coerente, os homens ansiosos avaliarão as suas relações como sendo mais próximas. No caso das mulheres ansiosas, verifica-se o oposto. A ansiedade está associada a uma constante procura de proximidade relacional, procura essa que pela sua frequência e intensidade se pode tornar incómoda para o cônjuge do sexo masculino (Johnson, 2003); com efeito, os homens, muito mais do que as mulheres poderão associar níveis elevados de proximidade a uma invasão.

Quanto à influência percebida, o evitamento também se verificou um preditor negativo desta variável para homens e para mulheres. Naturalmente, maiores níveis de evitamento levam a que as pessoas contem muito mais consigo próprias e que assumam os seus projectos de vida de uma forma muito mais independente, não aceitando facilmente a influência dos outros e, particularmente porque falamos de vinculação amorosa, do cônjuge. Em termos da ansiedade, verificou-se apenas que as mulheres mais ansiosas percepcionavam maior influência por parte dos maridos. Este dado parece-nos congruente com as características da ansiedade na vinculação amorosa: a percepção negativa de si próprio associada à dimensão ansiedade implica uma menor confiança em si e uma maior dependência dos outros em diversas áreas da vida, quer do dia-a-dia, quer dos planos a longo prazo. No contexto amoroso, esta aceitação da influência parece indicar uma tentativa de conquistar e de agradar ao cônjuge.

Aqui se reitera a diferença em termos dos significados das variáveis proximidade (IOS) e influência percebida. É interessante verificar que quando mais ansiosos, os homens tendem a incluir o outro no *self* e a sentir-se mais próximos das suas companheiras. Por outro lado, quando mais ansiosas, as mulheres tendem a aceitar mais facilmente a influência dos maridos nas suas decisões de vida e planos futuros. Estes resultados são compreensíveis se pensarmos em termos sistémicos e colocarmos a ênfase nas dinâmicas relacionais do casal. Em resposta ao “pedido” de proximidade do cônjuge, talvez as mulheres tendam mais facilmente a partilhar aspectos que podem ser integrados pelos maridos nos seus *selves*. Complementarmente, talvez os maridos respondam às exigências de proximidade das mulheres exercendo a sua influência em aspectos mais específicos e práticos das suas vidas conjuntas.

3.3.5. Limitações

Algumas das principais limitações deste estudo prendem-se com a natureza do seu desenho que envolve um só momento de recolha de dados da mesma amostra (*cròss-sectional*).

Em primeiro lugar, há sempre a possibilidade de terceiras variáveis alternativas a considerar. Neste estudo, seleccionámos três variáveis ligadas à relação de casal que considerámos relevantes (vinculação amorosa, qualidade relacional e proximidade; no

entanto, a sua relação com os rituais familiares poderá ser alterada (moderada ou medida) por outras variáveis que não avaliamos neste estudo.

Em segundo lugar, as hipóteses partiram de uma assumpção específica de direccionalidade dos efeitos, ou seja, assumiu-se a existência de trajectórias causais da vinculação amorosa para os rituais familiares e destes para as percepções da qualidade relacional e de proximidade. São hipóteses plausíveis e baseadas na literatura no domínio mas sabemos que a influência causal poderá ser de natureza bidireccional (cf. Mikulincer et al., 2002). A natureza dos rituais familiares pode ter um impacto na vinculação amorosa; os casais mais felizes e mais próximos podem sentir-se mais motivados para a criação de rituais familiares significativos.

Em terceiro e último lugar, há a considerar a estratégia de avaliação utilizada. Em primeiro lugar, os participantes da nossa amostra afirmaram-se, na sua grande maioria, católicos, o que pode espelhar a própria herança cultural do país. Contudo, estes resultados devem ser interpretados tendo em conta este dado específico. Sabemos que muitos rituais têm uma dimensão religiosa ou são alicerçados na mesma e, por isso, o facto de se professar ou não uma religião, e de esta ser católica ou outra, poderá fazer a diferença.

Em segundo lugar, é importante reflectir sobre os questionários utilizados para avaliar os rituais familiares e a proximidade que apresentam, a nosso ver, algumas fragilidades. O Questionário dos Rituais Familiares avalia especificamente as percepções do investimento da família nos rituais, o que inclui percepções do investimento de si próprio, do cônjuge e dos filhos. Seria interessante se pudéssemos avaliar directa e independentemente o modo como os indivíduos percebem o seu investimento e o de outros membros familiares, nomeadamente, o do cônjuge. A escala Inclusão do Outro no *Self*, poderá, eventualmente, estar mais sujeita aos efeitos da desejabilidade social, ou seja, a opção dos círculos com uma maior área de sobreposição pode remeter para as imagens idealizadas ou expectativas do que deverá ser uma relação de casal. Em adição, este instrumento não nos permite distinguir entre níveis de proximidade adequados (que assumem diferenciação por parte dos indivíduos da relação) de níveis “fusionais”. Também a sub-escala de Influência do Inventário de Proximidade Relacional não nos permite distinguir se a influência do cônjuge é bem aceite e valorizada, ou se pelo contrário, é percebida como “invasão”; à semelhança que verificámos para a outra

escala de proximidade (IOS), não sabemos, de facto, se esta aceitação de influência é sinónimo de pouca diferenciação, isto é, se traduz algumas fragilidades ao nível da construção de identidade. Consideramos que, por vezes, neste como em outros estudos, existe um abismo entre os quadros de referência teóricos e os questionários disponíveis para a avaliação de determinadas variáveis. No âmbito específico da estratégia de mensuração, parece-nos importante que se desenvolvam novos estudos nesta área (com os mesmos instrumentos ou eventualmente com outros que avaliem as mesmas variáveis) que possam corroborar e/ou refinar os resultados que aqui apresentámos.

Síntese

Este capítulo refere-se aos vários passos da investigação empírica. Num primeiro momento, lançaram-se as hipóteses e as questões de investigação formuladas no início do presente estudo. Posteriormente, apresentaram-se os cinco instrumentos de avaliação utilizados, tendo-se reflectido as suas principais características e enunciado os critérios que motivaram a sua selecção para o presente estudo. Estes instrumentos foram alvo de estudos psicométricos preliminares (envolvendo análises factoriais confirmatórias e de índices de fidelidade) que demonstraram uma adequação dos mesmos à amostra portuguesa desta investigação.

Os resultados principais incluíram resultados descritivos, comparação de grupos, análises correlacionais, regressões múltiplas e modelos de equações estruturais. Os vários passos das análises foram apresentados numa sequência lógica, partindo-se dos primeiros passos mais genéricos e exploratórios até se chegar às análises mais específicas e complexas. A discussão dos resultados seguiu, de uma forma geral, o mesmo critério.

Pudemos verificar que os resultados, que exprimem diferentes modos de abordar os dados, formam um todo coerente. As cinco hipóteses enunciadas no início do estudo foram comprovadas na sua generalidade, a saber: menor evitamento estava associado com maior investimento nos rituais familiares; maior investimento nos rituais familiares estava relacionado com maior qualidade relacional e proximidade; menor evitamento e ansiedade estavam associadas com maior similaridade nos relatos dos casais relativamente aos seus rituais nos contextos familiares; existência de resultados mais significativos para as mulheres do que para os homens nos resultados referidos e por último, maior relevância nos rituais dos contextos familiares do que nos rituais dos contextos culturais.

CAPÍTULO V

SEGUNDO ESTUDO EMPÍRICO

[The body of the page contains extremely faint and illegible text, likely due to low contrast or scanning quality. The text appears to be organized into several paragraphs, but the specific content cannot be discerned.]

1. SINOPSE DO ESTUDO

O segundo estudo empírico insere-se no âmbito da investigação qualitativa da família tal como é definida por Gilgun, Daly e Handel (1992). Estes autores referem que a diversidade (de famílias, de temas, de contextos) é uma das palavras-chave deste tipo de investigação, cujo foco incide principalmente nos significados, interpretações e experiências subjectivas dos elementos da família. É com uma reflexão sobre o universo da investigação qualitativa que se inicia a apresentação deste estudo. O objectivo desta reflexão é explicitar os critérios e contornos da linha de investigação assumida. Assim, exploramos as principais propriedades da investigação qualitativa, o papel do investigador e ainda as formas de avaliação deste tipo de avaliação. Em seguida, apresenta-se o modelo mais específico que, no âmbito da investigação qualitativa, serviu de base ao nosso estudo, a *Grounded Theory*, bem como o método de recolha de dados privilegiado, a entrevista. Posteriormente, introduzem-se as questões de investigação que formulámos no início deste estudo; são questões de investigação que se reportam sobretudo aos rituais familiares mas incluem, também, uma referência aos rituais de casal que não tinham sido contemplados no estudo anterior. Segue-se a apresentação dos principais actores deste estudo, os 40 participantes (agrupados em 20 casais) que compõem a amostra. Descrevem-se, ainda, os procedimentos das análises, nomeadamente, o processo de codificação que, de acordo com a *Grounded Theory*, assentou na codificação orientada para a teoria. Finalmente, apresentam-se os resultados das análises conjuntamente com a respectiva discussão, ambos ilustrados com as “vozes” dos principais protagonistas do estudo, ou seja, com excertos das entrevistas dos participantes.

2. O UNIVERSO DA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA

2.1. Breve itinerário histórico e características do momento actual

When I Heard the Learn'd Astronomer

*When I heard the learn'd astronomer,
When the proofs, the figures, were ranged in columns before me,
When I was shown the charts and diagrams, to add, divide,
and measure them,
When I sitting heard the astronomer where he lectured
with much applause in the lecture-room,
How soon unaccountable I became tired and sick,
Till rising and gliding out I wander'd off by myself,
In the mystical moist night-air, and from time to time,
Look'd up in perfect silence at the stars.*

Walt Whitman

As raízes da investigação qualitativa remontam aos primórdios da Humanidade. Os relatos de navegadores como Marco Polo que se defrontaram com novos povos e culturas e as crónicas da odisseia dos Descobrimentos dos séculos XV e XVI são exemplos distantes mas ilustrativos da necessidade quase intemporal de recorrer a discursos, narrativas e observações para compreender o ser humano. É a partir da emergência das Ciências Sociais que a investigação qualitativa começa a delinear-se enquanto discurso científico. Num olhar retrospectivo, verifica-se que o percurso da investigação qualitativa não é linear, tendo atravessado vários momentos distintos e assistido à migração de conceitos de uma disciplina para outra e de investigador para investigador. Contudo, é possível identificar duas perspectivas no âmbito das quais se desenvolveu a investigação qualitativa: a antropologia e a sociologia de cariz interpretativista (Bogdan & Bilken, 1992), bem como identificar o momento em que adquire um estatuto de maior importância: a década de 60 do século XX. É neste

período, vivenciado em muitas sociedades como um período de revolução e questionamento de valores sociais culturais e políticos, que a investigação qualitativa pôde ser reconhecida como um dispositivo válido para escutar a voz de todos os actores sociais. É também nesta década que surgem obras importantes para a consolidação das bases teóricas da investigação qualitativa, das quais se destaca, em 1967, a de Glaser e Strauss, em *The Discovery of Grounded Theory*, (Strauss & Corbin, 1994). Nesta obra, defende-se que a recolha e a análise de dados descritivos pode originar a construção de teorias, o que aumentou o leque de possibilidades de acção dos investigadores e, sem dúvida, impulsionou o contínuo desenvolvimento da investigação qualitativa.¹

Actualmente, a investigação qualitativa é, nas palavras de Patton (1990, p.64) “...uma rica tapeçaria tecida em conjunto com muitos fios de diferentes texturas, cores, comprimentos e funções.” Embora se caracterize pela sua heterogeneidade, é possível identificar algumas características chave da investigação qualitativa. Em seguida, reflectem-se algumas destas características a partir de questões orientadoras e com base na revisão da literatura sobre este tema.

Quais os objectivos da investigação qualitativa?

O grande objectivo da investigação qualitativa é a compreensão de determinados fenómenos. Após eleger um determinado objecto de estudo, a investigação qualitativa procura compreendê-lo em profundidade e nas suas diferentes facetas: trata-se de transformar o distante em próximo, o estranho em familiar (Santos, 1987): Realça-se também que, no âmbito da investigação qualitativa, não são só os objectos que se conhecem aprofundadamente mas também a rede de relações que se estabelece entre os mesmos. Como refere Santos: “*Os objectos têm fronteiras cada vez menos definidas; são constituídos por anéis que se entrecruzam em teias complexas com os dos restantes*”

¹ No âmbito da Psicologia, é interessante lembrar o papel de fundadores como Sigmund Freud e Jean Piaget que privilegiaram métodos que hoje se poderiam incluir na investigação qualitativa como a entrevista em profundidade e a observação participante (Bogdan & Blikien, 1992). A construção dos sistemas teóricos associados a estes autores tem por base, entre outros factores, a investigação de cariz qualitativo. Assim, a possibilidade e a viabilidade de se construírem teorias através da prática e dos dados empíricos (que Glaser e Strauss apresentaram na sua obra de 1967) foi preconizada, entre outros, na área da Psicologia e não só, por estes dois autores/investigadores.

objectos, a tal ponto que os objectos em si são menos reais que as relações entre eles.” (1987, p. 34).²

Para que se operacionalize esta compreensão aprofundada dos fenómenos é imprescindível que se procure o significado de eventos, acções e interacções “em-contexto” e do ponto de vista dos participantes envolvidos. Só desta forma se poderá aceder aos significados e processos da acção humana necessários à compreensão da sua complexidade.

Como se recolhem e analisam dados na investigação qualitativa?

Em termos dos dados recolhidos, estes são baseados na observação e na linguagem através do discurso verbal ou escrito dos indivíduos. É através da linguagem que se pode aceder aos processos e significados do ser humano já que, como refere Bruner (1997), o significado começa com a linguagem. Por reflectirem significados e processos, os dados da investigação qualitativa aparecem em forma de palavras ou imagens e não tanto de números.

A análise dos dados é sobretudo indutiva e abductiva (cf. Narciso, 2001). Indutiva quando as reflexões emergem depois do processo de análise dos dados e abductiva quando estas acontecem partir da interacção entre recolha e análise de dados. Ambas implicam um movimento dialéctico entre dados empíricos e teoria que não se separam em momentos distintos da investigação. Assim, a teoria constrói-se à medida que se analisam os dados empíricos, através de sucessivas confrontações entre as hipóteses do investigador e a realidade. Esta postura contrasta com a lógica hipotético-dedutiva, no âmbito da qual a teoria define as hipóteses que vão ser testadas na realidade através de experimentação (que poderá ou não confirmar a teoria inicial). É característico da investigação qualitativa o “escutar” do fenómeno e da realidade e, como tal, não impor teorias à realidade mas sim, construí-las a partir dos dados.

² As relações entre os fenómenos não se podem explicar a partir do limitado universo da causalidade linear causa-efeito, tornando-se necessário, para tal efeito, conceber a causalidade circular - que cumpre objectivos de compreensão. De facto, no âmbito da conjugalidade, parece verificar-se o princípio de recursão organizacional proposto por Edgar Morin (1996): os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores daquilo que os produziu, o que reflecte uma causalidade circular e recursiva. Semelhante é o conceito de causalidade circular evolutiva proposto por Pina Prata (1987), em que princípio e fim se cruzam.

Que papel é conferido aos contextos ?

No âmbito da investigação qualitativa existe uma preocupação notória com o enquadramento dos indivíduos nos seus contextos de vida. “Todas as vozes singulares”, dos indivíduos participantes na investigação são “extraídas de diálogos” desenrolados ao nível dos diferentes contextos, desde o mundo relacional mais próximo até à cultura mais vasta em que se inserem. (cf. Bruner, 1997). Se o grande objectivo é a compreensão aprofundada, não se pode isolar um objecto de estudo do seu contexto, dos seus antecedentes e da sua evolução.

Os casais estudados neste projecto não provêm de um vácuo, existem na intersecção de um tempo histórico específico e num espaço circunscrito. Não são indiferentes à realidade que os circunda, às políticas de educação e trabalho, às condições socio-económicas do país em que vivem ou às inseguranças de um clima mundial de turbulência. Também não são indiferentes às influências (reais e imaginadas) das famílias de origem, às características de cada um dos seus filhos, às características da actividade profissional de cada membro da família, etc. Recebem influências do ambiente que os rodeia e agem sobre ele numa espiral bidireccional. São os vários níveis do modelo eco-sistémico de Bronfenbrenner que aqui entram em jogo (Bronfenbrenner, 1977; 1979; Bronfenbrenner e Ceci, 1994; Bronfenbrenner e Evans; 2000). Assim se verifica uma aplicação do princípio hologramático (Morin, 1996; 2001) : os contextos de vida entendidos como um todo estão na realidade do casal enquanto parte. Complementarmente, o casal está também presente e activo nos contextos de vida que o envolvem.

Que preocupações éticas existem ?

A investigação qualitativa, por aceder às dimensões mais tácitas dos sujeitos implica um envolvimento e exposição pessoais por vezes bastante significativos. Os investigadores têm cada vez mais preocupações com o grau em que a própria investigação (seja em forma de questões de uma entrevista, observação, etc.) e as suas consequências *a posteriori* podem afectar a vida dos participantes. Estas questões complexificam-se bastante mais do que em investigações de cariz quantitativo: o assegurar da confidencialidade e anonimato não são mais garantias do bem-estar psicológico dos sujeitos participantes. Estas questões adquirem diferentes contornos

consoante as abordagens utilizadas. As questões no âmbito da abordagem primordial utilizada neste estudo - a entrevista - serão discutidas num momento posterior.

Investigador e/ou *Bricoleur*?

Vários autores salientam o papel central do investigador na produção de conhecimentos. Actualmente, o investigador, no âmbito da investigação qualitativa é o instrumento, por excelência, da investigação. Desde Lévi-Strauss, vários autores têm utilizado o conceito do investigador como *bricoleur* (1966, in Denzin & Lincoln, 1994) e o resultado da investigação qualitativa como *bricolage*. O *bricoleur* é alguém que resolve um problema prático, apresentando soluções criativas adaptadas à situação e que se entrecruzam harmoniosamente num todo que é uma construção, a *bricolage*. O *bricoleur* corta, cose, cola, retalha, recriando os materiais, transformando as partes e o todo à medida que constrói. Assim parece ser o investigador no âmbito das investigações qualitativas: utiliza diversos métodos que estão ao seu dispor para responder às necessidades e questões da investigação. Assume-se o carácter de construção do trabalho do investigador já que a escolha das práticas de investigação depende das questões que são colocadas e estas questões dependem do contexto que encontra. O produto deste trabalho é uma *bricolage*: uma criação complexa, densa e reflexiva. Assim se pretende a investigação qualitativa.

Mas este conceito não se refere só à prática: para além de ser necessário um conhecimento das práticas para as implementar, também é necessário um conhecimento sobre os pressupostos teóricos associados para saber quando e como as aplicar. O *bricoleur*, de acordo com a formulação de Kincheloe (2001) deverá operar “...nas ruínas do templo, no âmbito de uma ciência pós-apocalíptica onde a certeza e a estabilidade há muito partiram para parte incerta.” (p.681, trad.). É importante que conheça os diferentes paradigmas e que trabalhe entre vários mundos: isto não implica um relativismo epistemológico, mas sim, um conhecimento abrangente que leva a um investimento e, conseqüentemente, a um compromisso crítico. Trata-se de, como preconiza Morin no seu princípio dialógico, ser capaz de conciliar versões simultaneamente complementares e antagónicas.

Esta posição sobre o investigador não é isenta de conseqüências: para ser um mero *bricoleur* (e repare-se como o conceito de *bricoleur* parece ter evoluído até se

tornar o conceito de um “super-*bricoleur* renascentista”) o investigador não se pode limitar a reunir uma série de competências e técnicas. Ser investigador/*bricoleur* é um processo de toda a vida, um processo de desenvolvimento pessoal e profissional, um verdadeiro desafio daqueles que se dedicam à investigação qualitativa.

2.2. A opção pela investigação qualitativa

Com base nas características apresentadas, justifica-se a opção pela investigação qualitativa neste projecto de investigação que incide sobre conjugalidade e a família. Este tipo de investigação permite:

- *a adequação à complexidade do objecto de estudo*

De acordo com Daly (1992, p.4, trad.), “*Os métodos qualitativos facilitam o estudo holístico das famílias. Isto significa olhar para interações, dinâmicas, contextos mais do que variáveis que isolam fragmentos específicos da experiência familiar como uma atitude ou um comportamento. Os métodos qualitativos oferecem-nos uma janela para os processos familiares através dos quais podemos observar padrões de interação e as decorrentes negociações dos papéis familiares e das relações*”. Tendo em conta que a família é um contexto privado e que as suas experiências são protegidas por fronteiras relativamente definidas, é importante que o investigador qualitativo entre no mundo dos participantes e os conheça através do seu discurso e no seu contexto natural. Só assim se podem aceder aos “significados privados” (*ibidem*) da família, neste caso, aos significados veiculados pelo casal.³

- *a possibilidade de ligação entre teoria, investigação e intervenção nesta área*

A investigação qualitativa permite a construção de teoria a partir de uma dialéctica entre as reflexões e os dados. Por promover um diálogo com os dados, por olhar de perto os fenómenos e por escutá-los sem imposições a

³ A investigação qualitativa tem sido cada vez mais utilizada no campo da terapia familiar e de casal. De acordo com o estudo de Faulkner, Klock & Gale (2002), baseado na análise de conteúdo de artigos publicados em quatro grandes jornais de terapia familiar e de casal, as publicações de investigações qualitativas aumentaram para mais do dobro na década de 1989 a 1999. De acordo com estes autores, a base deste aumento foi, entre outros factores, motivada pelo repto lançado por vários autores ao investimento da investigação qualitativa nesta área (cf. Moon, Dillon & Sprenkle, 1990; Gilgun, Daly & Handel, 1992), à publicação de obras significativas sobre a investigação qualitativa e ao aumento de cursos em meios académicos relacionados com esta temática.

priori, a investigação qualitativa tem a potencialidade de obter uma visão “representativa do real” (cf. Bruner, 1997). As questões que emergem são questões próximas da vida dos participantes, formuladas com base no seu próprio discurso. Os temas que emergem são reconhecidos, não são vistos como estranhos ou artificiais relativamente ao mundo dos participantes. Assim, aproxima-se das questões e temas de intervenção na área da conjugalidade. Este facto revela-se muito pertinente porque é desejável que a investigação possa contribuir para a formulação de teoria que, entre outros aspectos, tenha relevância para a prática de intervenção no domínio estudado (cf. Wynne, 1983). Como referem Moon, Dillon & Sprenkle (1990, p.367), “*A investigação qualitativa pode ajudar a reunir clínicos e investigadores porque os métodos qualitativos são próximos do mundo do clínico. Os investigadores qualitativos tendem a perguntar o tipo de questões que os clínicos também perguntam e a explorar estas questões de um modo que é significativo do ponto de vista clínico*”.

2.2.1. Credibilidade e qualidade da investigação qualitativa

Várias têm sido as questões levantadas sobre a meta-avaliação da investigação qualitativa. Para um tipo de investigação que se caracteriza pela heterogeneidade a vários níveis quais os critérios a adoptar para garantir a qualidade e credibilidade da investigação? Em seguida, problematizam-se algumas dessas questões a partir da proposta de Patton (1990) por esta parecer reunir, de uma forma rigorosa e clara, tópicos transversais a vários autores no domínio. De acordo com este autor, existem três aspectos distintos mas inter-relacionados.

2.2.1.1. Métodos e técnicas rigorosos para recolher dados de alta qualidade que são cuidadosamente analisados

a) Integridade na análise

Após a descrição de padrões, ligações e possíveis propostas de compreensão dos dados através de uma análise indutiva, é importante procurar “rivais”, propostas de compreensão que entrem em competição com a que foi seleccionada pelo investigador.

Através deste processo de consideração de “outros possíveis”, de alternativas à explicação/compreensão proposta inicialmente, expõe-se a teoria à confrontação. Intimamente ligado com este processo é a busca de “casos negativos”, ou seja, as situações e casos que não se encaixam na proposta inicial. De acordo com Patton (1990), estas podem ser as exceções que confirmam a regra ou, então, podem permitir alargar a regra, mudá-la ou até duvidar dela.

Este processo poderá ter como resultado a alteração das propostas de compreensão mas, mesmo que não o faça, é importante que se apresentem os dados que se consideram não coerentes e as reflexões acerca dos mesmos. Como refere Patton (1990, p.464):

“Padrões perfeitos e explicações omniscientes serão recebidos cepticamente – e por uma boa razão: O mundo humano não é ordenado de uma forma perfeita e os investigadores humanos não são omniscientes. A humildade, mais do que a certeza, pode fazer algo para aumentar a credibilidade. Lidar abertamente com as complexidades e dilemas introduzidos pelos casos negativos é intelectualmente honesto e politicamente estratégico.”.

b) Triangulação

Este conceito é transversal a inúmeros autores que escrevem sobre investigação qualitativa. De acordo com Janesick (1994), este conceito tem origem nos métodos dos topógrafos que utilizavam três pontos distintos no terreno para proceder a localizações mais precisas. Hoje em dia, no âmbito da investigação qualitativa, a triangulação é uma ferramenta heurística ao serviço do investigador, permitindo uma aproximação diversificada e rica aos fenómenos em estudo. Existem quatro tipos de triangulação: triangulação de métodos, triangulação de fontes, triangulação de investigadores/analistas e triangulação de teorias/perspectivas. São estratégias que permitem reduzir o viés da recolha e análise de dados visto que envolve sempre a confrontação destes com outras fontes e perspectivas. De acordo com Patton (1990, p.470, trad.): *“A triangulação é um processo através do qual o investigador se defende da acusação de que os resultados de um determinado estudo são simplesmente um artefacto de um único método, uma única fonte ou dos vieses de um único investigador”.*

A triangulação de métodos pode referir-se à utilização simultânea no mesmo estudo de métodos quantitativos e qualitativos. As vantagens desta utilização conjunta foram já enumeradas, sendo de realçar a importância de obter duas visões diferentes do mesmo fenómeno. Patton (1990), no entanto, alerta para o facto de a triangulação não ser mágica: nem sempre é possível integrar harmoniosamente dados quantitativos e qualitativos porque são diferentes, assim como são diferentes as questões levantadas pelos respectivos métodos de recolha e análise.

A triangulação de fontes de dados refere-se à comparação de informações recolhidas em tempos diferentes e com métodos diferentes mas dentro do âmbito da metodologia qualitativa. A triangulação de investigadores/analistas pode referir-se à utilização de diferentes pessoas no processo de recolha de dados ou de diferentes pessoas para analisarem o mesmo material. Uma outra variação desta triangulação é o confronto dos dados com os próprios sujeitos que participaram no estudo. Também a apresentação dos dados a especialistas da área em estudo constitui uma outra forma de triangulação que corresponde ao conceito utilizado na tradição quantitativa de validade facial. A triangulação de teorias implica o uso de diferentes teorias ou perspectivas na análise dos dados, tentando compreender como é que os resultados se podem explicar de acordo com diferentes premissas teóricas.

c) Resultados

Outra questão relevante é a da generalização dos resultados. No âmbito da investigação qualitativa não se pode pretender generalizar os resultados a outras situações, outros períodos de tempo e a outras populações.⁴ Pretende-se uma generalização à teoria, designada na literatura por generalização analítica. Este tipo de generalização obtém-se através da conjugação de factores como o processo de selecção da amostra, a comparação dos dados feita sistematicamente e o confronto com os dados da literatura científica no domínio. A generalização existe enquanto possibilidade mas sempre por referência ao(s) contexto(s). Assistimos a uma evolução deste conceito que

⁴ O questionamento que envolve a generalização não se circunscreve às ciências sociais e humanas, começando a tornar-se comum nas várias ciências. A este propósito, a afirmação de Cronbach: “*Generalizations decay. At one time a conclusion describes the existing situation well, at a later time it accounts for rather little variance, and ultimately is valid only as history*” (Cronbach, cit. in Patton, 1990, p.487).

anteriormente se referia a generalizações absolutas a grandes populações. Por se pretender afastar desta formulação inicial, Denzin e Lincoln (cit. in Patton, 1990) propõem a adopção de outro termo distinto e mais próximo das características referidas: “transferibilidade”.

2.2.1.2. A credibilidade do investigador

A concepção do investigador como instrumento de investigação contrasta amplamente com o que era preconizado pelo paradigma positivista dominante na primeira metade do século passado: a objectividade (ou aliás, o seu conceito hoje tão problematizado) requeria uma distância asséptica entre investigador e objecto de investigação e um trabalho era tão mais considerado quanto maior fosse a sua aparência de “orfandade”. O investigador já não se pode refugiar nos critérios longínquos de objectividade, neutralidade e imparcialidade. Denzin e Lincoln (1986, cit. in Patton, 1990) lançam um novo termo, a “confiabilidade” que assumem como uma dimensão do rigor metodológico percebido. É importante que os investigadores não subestimem ou sobrestimem os seus efeitos mas sim que os integrem na investigação e que tomem a responsabilidade de os descrever e estudar.

2.2.1.3. A crença neste tipo de investigação: Uma apreciação de métodos qualitativos, análise indutiva e pensamento holístico

Alicerçadas numa tradição que definia muito bem os “cânones da boa ciência” (Strauss & Corbin, 1994), subsistem muitas críticas aos dados qualitativos. Não raras vezes são classificados como *soft* por oposição aos *hard* (quantitativos) e, no limite, são considerados dados não científicos. Os investigadores que optam pela investigação qualitativa têm necessidade de se defenderem e de fundamentarem solidamente as suas opções. Se Moon, Dillon, & Sprenkle, (1990) definiram que a investigação qualitativa estava na sua infância há uma década atrás, podemos dizer que, hoje, está na sua adolescência, debatendo-se com a tarefa da construção de identidade.

Duas grandes conclusões emergem deste breve percurso pelo universo da investigação qualitativa. Em primeiro lugar, a avaliação que é feita da investigação qualitativa conjuga dois tipos de variáveis. Por um lado, variáveis do investigador: a criatividade e a “paixão” pelas pessoas, pela comunicação e por compreender o seu

universo (cf. Janesick 1994; 2001). O investigador, anteriormente quase imperceptível, é agora chamado ao palco como responsável pela sua obra, a qual deverá apresentar para confrontação. Por outro, variáveis de cariz mais técnico relacionadas com o rigor e a adopção de medidas que previnem e reduzem os vieses e permitem que a ciência construa conhecimentos importantes e significativos para a compreensão dos fenómenos em estudo e, no caso da Psicologia, para a intervenção psicológica em vários domínios.

Em segundo lugar, a comunidade científica é chamada a aspirar a um conhecimento mais rico e cada vez menos seguro (Morin, 1996); o facto de não haver certezas aumenta as responsabilidades dos investigadores que, como acrobatas, têm de corrigir a todo o momento o seu equilíbrio no arame (cf. Bateson, 2002). E cada conquista dá à luz um novo desafio.

3. O PRESENTE ESTUDO

3.1. Questões de investigação

O Quadro 20 apresenta as principais questões de investigação que orientaram o presente estudo.

Quadro 20

Questões de Investigação do Estudo Qualitativo

	1. Quais são as funções que os participantes atribuem aos rituais familiares?
	2. Quais são os significados que se constroem em torno dos rituais familiares?
	3. Quais são os sentimentos associados a estes rituais?
	4. Existem papéis associados aos rituais familiares? Se sim, quais são e quais as suas características?
RITUAIS FAMILIARES	5. Qual a relação entre rituais familiares e percepções relativas às características da família?
	6. Qual a relação entre rituais familiares e
	a) Percepções relativas às características do casal?
	b) Percepções relativas à satisfação conjugal?
	7.
	a) Em relação a 1, 2, 3, 4, 5 e 6, existem diferenças entre homem e mulher?
	b) Em relação a 1, 2, 3, 4, 5 e 6, existem diferenças entre participantes que pertencem a grupos de diferentes tempos de casamento?
	8. Que rituais de casal existem?
	9. Quais as suas principais características e funções?
RITUAIS DE CASAL	10.
	a) Em relação a 8 e 10, existem diferenças entre homem e mulher?
	b) Em relação a 8 e 10, existem diferenças entre participantes que pertencem a grupos de diferentes tempos de casamento?

3.2. *Grounded Theory*

O modelo que serviu de base a esta investigação foi a *Grounded Theory*. De acordo com Strauss & Corbin (1994), a *Grounded Theory* é uma metodologia geral para desenvolver teoria que se alicerça em dados sistematicamente recolhidos e analisados. A teoria desenvolve-se à medida que se desenrola a investigação num processo que ocorre através da contínua “contradança” entre análise e recolha de dados (*ibidem*). Formulada inicialmente, em 1967, por Glaser e Strauss, a *Grounded Theory* foi largamente utilizada desde então, sofrendo várias alterações e novas propostas de interpretação. No âmbito deste trabalho, não utilizamos esta proposta na sua formulação mais clássica mas apoiamo-nos nos seus princípios fundamentais enunciados por Strauss e Corbin (1994): a afirmação dos dados como a base para teoria através do seu constante diálogo, a realização de comparações constantes, a codificação orientada para a teoria e o desenvolvimento de teoria. No ponto 3.5, realçamos o modo como operacionalizámos estes princípios ao longo deste trabalho. No âmbito da *Grounded Theory*, o investigador apoia-se sobretudo no método da entrevista para a recolha dos seus dados (Creswell, 1998). Foi esta a nossa opção que, em seguida, apresentamos.

3.3. A Entrevista

“Aprendeste muito. Aprendeste o valor de ser capaz de fazer perguntas. Aprendeste a importância de descobrir o que as pessoas têm para dizer. (...). Agora avança. Avança e questiona. Pergunta e escuta. O mundo começa-se agora a abrir para ti. Cada pessoa a quem perguntares pode levar-te a uma nova parte do mundo. Para a pessoa que está disposta a perguntar e a escutar, o mundo será sempre novo. O questionador competente e escutante activo sabem como entrar na experiência do outro.”

Halcolm's Epistemological Parables, in Patton, 1990

A perspectiva narrativa tem chamado a atenção para o facto de o ser humano organizar a sua experiência em termos de histórias (Bruner, 1997; Gonçalves, 2000; Gonçalves & Cunha, 2006). As diferentes histórias dos indivíduos contêm a forma como estes se vêem a si próprios, aos outros e ao mundo; contar e viver essas histórias implica autênticos processos de “fazer sentido” através dos quais os indivíduos tecem um fio condutor que confere coerência e unidade à sua existência (cf. McAdams, 1993). Assim, e nas palavras de Rebelo (2002, p.147) “... se quisermos aceder à subjectividade das significações não temos outra hipótese senão pedir aos informantes que nos contem histórias em que eles próprios estiveram envolvidos...”. Assim se justifica a opção pela entrevista: é através deste método de recolha de dados que se obtêm as histórias dos participantes, enredos de significações e de sentidos subjectivos.

De acordo com Patton (1990), a entrevista, na investigação qualitativa, parte da assumpção de que a perspectiva dos outros é significativa e passível de ser conhecida e explicitada. Esta assumpção reitera os nossos propósitos sistémicos enunciados na introdução do presente trabalho: as famílias e os seus elementos são competentes e criativos e é importante dar-lhes voz e aprender a partir dos discursos que constroem sobre as suas vidas. A tarefa do investigador/entrevistador é tornar possível que a pessoa que está a ser entrevistada o leve até ao seu mundo (Patton, 1990). Assim, a qualidade da entrevista depende, sobretudo, do entrevistador que, aqui, assume um papel de “facilitador” do processo narrativo dos participantes.

Num momento prévio à realização das entrevistas, a investigadora optou por recorrer a informantes-chave, neste caso, quatro terapeutas que realizam intervenção com famílias e casais⁵. Estas entrevistas com os terapeutas tiveram dois objectivos: partilhar os resultados dos dados quantitativos para serem reflectidos à luz da experiência terapêutica e preparar-se, enquanto investigadora, para a entrada no “terreno”. A discussão com especialistas sobre os dados quantitativos e a reflexão sobre procedimentos futuros poderá enquadrar-se nas formas de triangulação referidas por Patton (1990) que contribuem para a qualidade dos dados da investigação qualitativa.

As entrevistas podem revestir-se de múltiplos formatos consoante o tema e os objectivos específicos da investigação. Uma das características que mais distingue os vários tipos de entrevista é o grau de estruturação ou directividade. Assim, desenhando

⁵ Os terapeutas entrevistados foram as Professoras Doutoras Fran Vertue e Prue Fanselow-Brown (Nova Zelândia) e a Professora Doutora Cidália Duarte e o Dr. Hugo Cruz (Portugal).

um *continuum* imaginário, parte-se do pólo directivo até ao não-directivo ou aberto. No primeiro, o investigador/entrevistador tem um guião com questões bem definidas (inclusivamente em termos da sua formulação verbal) e com uma sequência invariável que apresenta a todos os participantes, independentemente das características deste e do contexto da entrevista. À medida que se avança neste *continuum*, a estrutura da entrevista torna-se mais “solta” e fluida; no pólo oposto, da não-directividade, as questões ou questão única são totalmente abertas, sendo o rumo da entrevista guiado, sobretudo, pelo discurso do participante. No âmbito deste trabalho, optámos por um tipo de entrevista num ponto médio deste *continuum*, ou seja, pela entrevista semi-directiva. Considerámos que este tipo de entrevista nos permitiria focar, em todas as entrevistas, uma série de temas que tínhamos em “mira” e que, posteriormente, queríamos poder comparar entre grupos (participantes mais velhos/ mais novos e homens/mulheres). Ainda assim, era um estilo de entrevista que deixaria “espaço” suficiente para a narração de histórias dos participantes e para possíveis incursões por outros temas que aqueles escolhessem (como posteriormente, se verificou ter acontecido).

Esta opção é consonante com o que Patton (1995) denominou “*general interview guide approach*”: há uma série de temas que deverão ser explorados mas não por uma ordem particular nem com uma específica formulação verbal; há também um guião da entrevista para se ter a certeza que todos os tópicos são abordados mas não existe um conjunto de perguntas estandardizadas. Deste modo, a nosso ver, o entrevistador re-cria o seu guião consoante o contexto e o participante. Aproximamo-nos, então, do estilo conversacional, lembrando Rubin & Rubin (1995) que consideram que as entrevistas são “conversas guiadas” que seguem muitas das regras das conversas normais mas com características distintas.⁶

Assim, construiu-se um guião de entrevista que serviu de base à realização das mesmas. Este guião (ver Anexo II) é estruturalmente composto por três partes. A primeira parte permite uma exploração das vivências da família e do casal e, ainda, a introdução do tema dos rituais familiares em termos genéricos. Na segunda parte deste

⁶ Alguns exemplos das regras das conversas normais são a empatia, a formulação de perguntas, o questionamento do significado de determinadas palavras ou expressões. As características distintivas são a profundidade da conversação e a extensão das respostas que o entrevistador tende a promover (Rubin & Rubin, 1995). Poder-se-á acrescentar, também, que na entrevista há uma formalidade e um propósito que não existem nas outras conversas e que a tornam um processo assumidamente unidireccional (ainda que envolva a participação e interacção entre entrevistador/entrevistado).

guião, parte-se para a exploração aprofundada dos diferentes contextos dos rituais. Aqui, seguimos a estrutura subjacente ao Questionário dos Rituais Familiares (Fiese & Kline, 1993), um dos instrumentos utilizados no primeiro estudo empírico. Cada um dos contextos (hora de jantar, fins-de-semana, férias, comemorações anuais, feriados religiosos, tradições culturais e étnicas e celebrações especiais) foi abordado separadamente, tendo-se procurado, sempre que possível, abordar dimensões transversais aos vários contextos. A terceira e última parte da entrevista corresponde a um momento de integração em que se retomam os rituais familiares em termos gerais, questionando-se sobre a satisfação em relação aos mesmos e à sua projecção no futuro da vida familiar.

Em seguida, apresentam-se algumas características das questões que compõem esta entrevista.

As questões da entrevista foram, na sua maioria, formuladas através de fórmulas bastante abertas (por exemplo, “Gostaria que me falasse um pouco sobre a vossa relação de casal”, “Que tipo de rituais têm cá em casa?”, etc.). A especificação foi feita, sobretudo, a partir do discurso dos participantes, com o objectivo de se aprofundar cada um dos temas abordados. Foi nosso objectivo, também, chegar o mais perto possível das vivências dos rituais familiares de cada participante, de modo a que o investigador tivesse uma “imagem” de como realmente aconteciam esses momentos nas famílias dos entrevistados.

Nesta entrevista incluem-se, ainda, duas questões que se podem considerar fora do formato convencional e que se aproximam do que Patton (1990) considerou “processo de entrevista criativo”. A primeira destas questões é: “Será que consegue pensar num objecto, símbolo ou imagem que possa representar a sua família?”. Esta questão teve como objectivo a reflexão sobre a identidade familiar a partir de referentes/metáforas não verbais, o que corresponde a uma descontinuidade em relação ao conteúdo predominantemente verbal de toda a entrevista. A segunda questão emergiu espontaneamente na segunda entrevista, ou seja, revelou-se um produto da mesma. Tendo em conta que a mulher se assumia como líder dos rituais familiares (tal como os resultados do estudo quantitativo pareciam indicar), questionámos ambos os cônjuges como seria se se invertessem as posições. Assim, pedimos aos cônjuges que imaginassem uma situação hipotética: “O marido iria encarregar-se da preparação e

organização de um evento familiar. Tudo estaria a seu cargo e a mulher não poderia interferir na fase de preparação, mas estaria presente na altura do evento e participaria também no mesmo”; cada cônjuge teceu comentários sobre as suas próprias reacções e as do outro cônjuge nessa situação hipotética.

Estas duas questões, ainda que diferentes, parecem cumprir funções semelhantes que se aproximam das funções do exercício “posições de identidade” proposto por Gonçalves & Cunha (2006). De acordo com os autores (Gonçalves & Cunha, 2006, p.155), este exercício, que pode ser usado em contexto terapêutico, “...*activa frequentemente imagens de si próprio pouco convencionais ou pouco comuns...*” pois “*Neste exercício são activadas identidades alternativas, estruturadas sobre o formato de histórias, através de uma questão muito simples que pode ser condensada na ideia de “como seriam as coisas se fossem diferentes?”*”. Embora este exercício seja bastante mais complexo do que as questões que colocámos na entrevista, considerámos que têm em comum a potencialidade de tornar “exótico o quotidiano” (White, 2004, a partir de uma expressão de Bordieu, in Gonçalves & Cunha, 2004). A diferença destas questões foi também sentida pelos participantes, o que denotámos pelas suas reacções, nomeadamente, estranheza, surpresa e reflexão demorada na primeira e surpresa e sorrisos na segunda. Considerámos que, para além dos objectivos específicos que cada uma das questões cumpriu, a inovação que ambas trouxeram à entrevista a tornou mais rica e interessante também para os próprios participantes.

Quanto ao tempo (cf. Patton, 1990), as questões que formulámos foram orientadas sobretudo para o presente. Destacam-se, duas excepções. A primeira aconteceu aquando da exploração das celebrações especiais. Pela variedade de celebrações enunciadas pelos participantes, sentimos a necessidade de pedir que seleccionassem uma celebração e que nos contassem as memórias das suas vivências nesse evento. A segunda teve lugar no final da entrevista e foi prevista *a priori*. Perguntámos aos participantes quais as suas percepções sobre o futuro, ou seja, como é que consideravam que seriam vividos os seus rituais familiares no futuro (que mudanças desejavam, que mudanças antecipavam). Pelo carácter narrativo do discurso dos participantes, visitámos, frequentemente, vivências passadas, quer na família de origem, quer na família nuclear actual. Os participantes, muitas vezes, organizaram as suas histórias a partir de um eixo temporal, ligando passado, presente e, por vezes, futuro.

3.4. Os participantes e o processo de recolha de dados

3.4.1. A selecção da amostra

No plano dos estudos qualitativos, o conceito de amostra e os processos subjacentes à sua selecção revestem-se de contornos bastante diferentes dos que encontramos nos estudos quantitativos (Creswell; 1998; Flick, 2002), como se poderá verificar de seguida.

No âmbito deste trabalho, optámos por um método de selecção de amostra denominado “amostra orientada para a teoria” da autoria de Glaser e Strauss (1967, in Flick, 2002). Neste tipo de amostra, seleccionam-se os participantes que se adequam aos objectivos do trabalho, ou seja, que se possam constituir como informantes significativos para a teoria que se pretende desenvolver. Assim, o processo de recolha dos dados é controlado pela teoria emergente (Glaser e Strauss, 1967, in Flick, 2002); conseqüentemente, não há fronteiras bem definidas entre as fases de selecção da amostra, análise dos dados e desenvolvimento da teoria, pois todas se informam e articulam entre si.

Deste modo, a amostra foi-se construindo ao longo da investigação. Na nossa amostra, procurámos critérios de homogeneidade, sobretudo em relação à situação de primeiro casamento e à zona de residência. Contudo, procurámos também introduzir alguma diversidade (cf. Flick, 2002) que nos pudesse ilustrar sobre as diferentes configurações familiares e a sua relação com os fenómenos em estudo. Foi o caso da procura deliberada de um casal mais velho sem filhos e da procura de casais com maior variabilidade em termos da religião, o que foi conseguido nos casais mais novos, mas não nos mais velhos.

Uma das questões mais pertinentes que se coloca com este tipo de amostra orientada para a teoria é: quando parar a recolha de dados? Glaser e Strauss (1967, in Gilgun, 1992) consideram que tal deverá suceder quando se atinge a “saturação teórica”, ou seja, quando os dados deixam de produzir novas informações sobre os fenómenos em estudo. Considerámos, contudo, com Gilgun (1992), que é difícil atingir uma saturação teórica “absoluta”. É o caso do presente estudo: a rica diversidade de famílias que se reflecte nos seus rituais familiares, as diferenças de idade e geracionais dos participantes e o próprio carácter semi-aberto da entrevista conduzir-nos-iam a um elevado número de

entrevistas antes de ser possível declarar uma real aproximação da saturação teórica. Contudo, o número de participantes deste estudo permitiu-nos olhar comparativamente similaridades e diferenças entre as várias experiências dos participantes e cumprir os objectivos inicialmente propostos. Na investigação qualitativa, a “quantidade” de participantes não é algo significativo pois não se pretendem elaborar generalizações para a população ou, sequer, reunir um número mínimo para realizar análises estatísticas; estamos no terreno do pormenor, do idiossincrático, alvos de uma investigação que se poderá dizer, talvez, “impressionista”.

Para chegar à amostra propriamente dita, utilizámos duas abordagens. A primeira foi a solicitação de participação a partir do primeiro estudo empírico. Na última folha do protocolo de avaliação entregue aos participantes deste estudo (ver Anexo I), referia-se a realização futura de entrevistas sobre os temas subjacentes aos questionários e pedia-se o contacto telefónico dos participantes que pudessem estar interessados. Tendo em conta que apenas 9 casais disponibilizaram o seu contacto, recorremos a outra abordagem ou método denominado “bola de neve” (cf. Narciso, 2001; Ribeiro, 2002). Este método pressupõe que um participante (neste caso, um casal) possa sugerir ao investigador o contacto de outros que preencham os critérios delineados. Trata-se de um método muito frequente nas ciências sociais por permitir o acesso a participantes que não façam parte das redes de contacto do investigador e que preencham as condições de uma amostra orientada para a teoria. Os participantes que nos sugeriram contactos de outros casais, fizeram-no, sobretudo, a partir de critérios como terem experiência/vivência do tema em questão, capacidade para reflectir sobre o mesmo, tempo e desejo de o fazerem, o que corresponde ao que Morse (1994, in Narciso, 2001) designa de “bons informantes”.

3.4.2. Caracterização da amostra

A amostra é composta por 20 casais (40 participantes) residentes no concelho do Porto. Todos os participantes se encontram numa situação de primeiro casamento, à excepção de um participante (segundo casamento após viuvez).

Há dois grandes grupos que se distinguem quanto ao tempo de casamento: “6 meses até 5 anos” e “18 até 47 anos”, que designaremos grupo I e grupo II. A média do tempo de casamento do grupo I é de 2.45 anos (desvio-padrão de 1.72) e a média do

grupo II é de 33.5 anos (desvio padrão de 10.97). Cada um destes grupos é composto por 10 casais (20 participantes).

No grupo I, 50% dos casais (5) não têm filhos; um casal tem 2 filhos, dois casais têm 1 filho e nos restantes dois casais, a mulher está em período de gravidez.

No grupo II, 50% dos casais (5) tem 2 filhos; três casais têm 3 filhos, um casal tem 4 filhos e um casal não tem filhos. Dos casais com filhos (9), cinco vivem com os filhos no agregado familiar e quatro vivem só os dois elementos do casal.

Quanto à religião, o grupo I revelou-se mais heterogéneo: quatro casais católicos, três casais “mistos” (um elemento católico e outro não religioso), dois religiosos não católicos (cristãos evangélicos e testemunhas de Jeová) e um casal não religioso. No grupo II, todos os casais se declararam católicos.

Quanto à escolaridade, no grupo I, encontramos 17 licenciados e três participantes que completaram o ensino secundário. No grupo II, os participantes licenciados são 7, 8 completaram um bacharelato, 2 o ensino secundário e 3 o 1º ciclo do ensino básico.

3.4.3. O processo de recolha de dados

Num primeiro momento, após construção do guião, realizámos duas entrevistas-piloto (um indivíduo do sexo masculino e um indivíduo do sexo feminino, ambos casados), com o objectivo de verificar se aquele era adequado ao tipo de amostra que iríamos utilizar no estudo. Para além da averiguação da eficácia e pertinência das questões, procurámos, também, observar o modo como o guião se “desenrolava” ao longo da entrevista e como, enquanto entrevistadores, nos relacionávamos com o próprio guião. Sentimos, nestas primeiras entrevistas, a necessidade de aperfeiçoar a introdução da palavra e do conceito “rituais familiares”. Por um lado, era nosso objectivo transmitir aos participantes o universo dos rituais familiares que pretendíamos abordar; por outro, era importante que os participantes pudessem, eles próprios, avaliar o que considerariam como rituais familiares e que sentissem abertura para relatar outras experiências familiares e de casal que se enquadrassem nesse âmbito. Assim, referimos alguns aspectos transversais ao conceito de ritual, questionámos os participantes sobre as suas percepções de existência de rituais na sua família e no casal e, só posteriormente, se

afunilou a entrevista, questionando sobre alguns contextos comumente considerados como “pano de fundo” dos rituais.

As entrevistas foram realizadas pela investigadora no período de Novembro de 2005 a Março de 2006. Cada elemento dos 20 casais que compõem a amostra foi entrevistado separadamente, perfazendo-se um total de 40 entrevistas, com uma média de duração de 1 hora e 45 minutos. Com o consentimento dos participantes, as entrevistas foram gravadas integralmente em áudio. De acordo com as opções dos participantes, as entrevistas tiveram lugar no domicílio dos entrevistados (38 entrevistas) e num gabinete de consulta psicológica (2).

Ao longo das entrevistas, procurou-se adoptar uma postura flexível, empática e relativamente aberta. Tal como refere Flick (2002), procurámos introduzir os temas do guião, mantendo-nos, simultaneamente, abertos ao modo como os entrevistados discorreram sobre esses temas e sobre outros que consideraram importantes e quiseram partilhar connosco. Optámos por não tomar notas durante o decurso de entrevista, de modo a permitir que esta fluísse o mais naturalmente possível. Logo após as entrevistas, mas não na presença dos participantes, a investigadora tomou alguns apontamentos que incluíram uma apreciação geral da entrevista, dos seus aspectos idiossincráticos e da relação estabelecida com cada um dos entrevistados. Este tipo de informação permitiu que se reflectisse de forma mais rica e pormenorizada sobre o conteúdo das entrevistas e sobre a postura da investigadora quanto ao fenómeno de estudo, mais “curiosa” no início das entrevistas e mais “aprofundada” à medida que estas se desenrolavam.

Como todos os estudos deste género, em que as pessoas se disponibilizam para reflectir sobre si, sobre o casal e sobre a família, este estudo gerou “informação”, reconhecendo com Bateson (2002) que informação é diferença e que diferença é mudança. A nossa intervenção, ainda que como entrevistadores ou “*story searchers*”, nunca pode ser considerada totalmente neutra., pelo que procurámos, do ponto de vista ético, fornecer aos participantes todas as condições necessárias para a integração desta entrevista (cf. Daly, 1992). Começámos por esclarecer os objectivos do estudo, o fim a que se destinava e assegurámos a confidencialidade dos dados obtidos na entrevista; consoante o interesse e as questões de cada participante, aprofundámos em maior ou menor grau estes aspectos. Posteriormente, disponibilizámo-nos também para um novo encontro com os participantes, se estes sentissem necessidade de abordar alguma questão

suscitada pelo estudo. Vários participantes se mostraram interessados em aceder aos resultados do presente estudo, o que será feito oportunamente.

3.5. Breve descrição das análises: O processo de codificação

Após a transcrição integral das entrevistas realizada pela investigadora, iniciámos o processo de codificação. Utilizámos como suporte informático o software QSR Nud'Ist 6⁷. De acordo com o proposto no âmbito da *Grounded Theory* (Glaser & Strauss, 1967, in Flick, 2002; Strauss & Corbin, 1994), empreendemos a codificação orientada para a teoria. A codificação é um processo analítico que pretende categorizar e nomear os fenómenos a partir da avaliação dos dados. O todo dos dados fragmenta-se em porções mais pequenas que se examinam e que se voltam a reunir com novas configurações conceptualizadas pelo investigador (Strauss & Corbin, 1990, in Flick, 2002). A codificação, neste sentido, envolve a comparação constante a vários níveis: comparação dos incidentes de cada categoria no mesmo caso e nos vários casos e comparação das categorias entre si (cf. Dye, Schatz, Rosenberg, & Coleman, 2000). À medida que os dados são reorganizados, o investigador formula questões que reorientam o processo de codificação. Do “caos” inicial emergem imagens dos dados progressivamente mais refinadas, complexas e organizadas. Estamos já no plano da construção de teoria que evolui à medida que o processo de codificação se torna mais abstracto.

Assim, num primeiro momento, dividimos os dados em unidades de sentido, que no nosso estudo foram porções de texto que considerávamos serem suficientes para a formação de significado. Estas unidades foram classificadas através da atribuição de conceitos que resultam em diferentes códigos. Os códigos tornaram-se, posteriormente, elementos de uma classe, ou seja categorias de grau de abstracção superior (cf. Narciso, 2001). As categorias que construímos correspondem aos dois tipos previstos na literatura (ibidem): categorias construídas a partir da teoria e categorias construídas a partir de expressões dos participantes, também denominadas *in vivo*.

Estas categorias foram agrupadas num sistema hierárquico através da criação de uma árvore de categorias no programa Nud*Ist (Anexo III). Este programa permite que se criem nódulos (que correspondem às categorias) e que se organizem entre si através

⁷ Qualitative Solutions and Research – Non-numerical Unstructured Data Indexing Search and Theorizing.

do estabelecimento de relações hierárquicas. Assim, temos “categorias-mãe”, mais abrangentes que se subdividem em “categorias-filhas” que, por sua vez, também se podem subdividir, obtendo-se assim uma maior especificação. Ao longo do processo de codificação, a árvore de categorias foi sendo reformulada através da adição de novos nódulos, do agrupamento de um ou mais destes nódulos num nódulo mais abrangente ou da sua divisão em nódulos mais específicos, sempre que considerámos necessário. Neste processo, concretizou-se a metáfora do investigador-*bricoleur* que, sucessivamente, retalha e agrupa o material (dados) e lhe começa a dar uma forma específica.

Nesta primeira fase, situámo-nos no plano do que Strauss e Corbin (1990, in Flick, 2002) denominaram codificação aberta.

Em seguida, apresentamos, brevemente, as principais categorias, a sua definição operacional e as sub-categorias que incluem. Como, em termos de análises, utilizámos apenas uma selecção de sub-categorias não apresentamos aqui a sua definição. Ao longo da análise, as sub-categorias que seleccionámos serão explicitadas com maior detalhe.

1. *Dados demográficos*

Nesta categoria, incluímos dados relativamente ao sexo e ao grupo de duração de casamento.

2. *Casal*

Nesta categoria, incluímos toda a informação relativa às percepções sobre a relação de casal que se agruparam em Satisfação, Características da relação (Intimidade, que se subdivide em Partilha, Apoio emocional, Confiança, Sexualidade, Mutualidade e Amor⁸; Vinculação amorosa, Conflitos/Problemas, Compromisso, Distribuição de tarefas domésticas), Percepções de Similaridade/Diferença e História.

3. *Família*

Nesta categoria estão presentes todos os aspectos relativos às percepções da família. Assim, a primeira sub-categoria denomina-se Sentido de Identidade e inclui os Significados, os Descritores e os Símbolos que o participante atribuiu à sua família nuclear. A segunda sub-categoria corresponde aos Actores (famílias de origem do próprio ou do cônjuge, famílias de origem e família nuclear e só família nuclear) e a

⁸ Esta divisão baseia-se na proposta de Narciso (2001) referida brevemente no segundo capítulo.

terceira e última refere-se às Características da família e envolve percepções de Apoio, Confiança, Conflitos/Problemas, Coesão, Transmissão de valores e Partilha.

4. *Rituais*

Esta categoria é a mais abrangente de todas. Inclui 15 categorias, a saber: Contextos, Participantes, Funções, Sentimentos/Emoções, Satisfação, Papéis, Significados, Episódios Críticos, Ciclo dos rituais, Mudança, Fases, Estilos, Transmissão inter-geracional, Situação de conflito e Grau de Participação.

5. *Presença de paradoxo/ambivalência*

Esta categoria é uma categoria de uma natureza algo diferente, mais centrada nas características do discurso dos participantes. Assim, sempre que os participantes indiciavam alguma ambivalência em relação a qualquer aspectos da vivência dos rituais ou sempre que o seu discurso encerrava paradoxos, utilizámos esta categoria.

Posteriormente, um novo olhar sobre os dados permitiu-nos elaborar três tipos de análises. Primeiro, seleccionámos as categorias que considerámos mais relevantes e com maior potencial para o desenvolvimento de teoria. De entre estas, demos especial importância a quatro categorias que considerámos os alicerces dos rituais familiares: Funções, Significados, Sentimentos e Papéis e tentámos descrevê-las pormenorizadamente, aproximando-nos do que Geertz (1973) propôs ser uma “*thick description*”. Posteriormente, procurámos, ainda, avaliar as relações entre outras categorias, nomeadamente categorias ligadas aos rituais familiares e às percepções das características da família e do casal. Num terceiro e último momento, seleccionámos a informação resultante dos dois primeiros passos e repensámos os dados à luz de duas metáforas (Líderes e Ajudantes; Aprendizes e Peritos). Com estas duas metáforas, pretendemos dar sentido a dados que se encontravam, de algum modo, mais desconexos. Este processo corresponde, simultaneamente, a uma reunião dos dados, mas também a uma redução dos mesmos porque os seleccionámos de acordo com uma determinada ideia/conceitualização. Estes três passos que aqui descrevemos poderão incluir-se na codificação axial (cf. Flick, 2002) que pressupõe a selecção de categorias e o estabelecimento de relações entre si e entre sub-categorias. Contudo, realçamos que, no

âmbito deste estudo, apenas elaborámos uma codificação axial parcial, já que não tivemos como referência a totalidade dos dados, centrando-nos apenas em alguns aspectos que nos suscitaram maior interesse. Relembramos, aqui, que optámos por uma análise de participantes e não por uma análise de casais⁹. São, portanto, os participantes as unidades ou casos do presente estudo.

3.6. Apresentação e discussão dos resultados

A apresentação dos resultados compreende duas partes que se referem separadamente aos rituais familiares e aos rituais de casal.

3.6.1. Rituais familiares

3.6.1.1. Funções, significados, sentimentos e papéis

a) Funções

Ao longo das entrevistas foram identificadas 15 funções que posteriormente agrupámos em cinco: União, Afecto, Construção de Identidade, Celebração e Distracção. Verificámos que o grupo União era o mais referido pelos participantes (39) e também o mais explorado em termos de unidades de texto (ver Quadro 21)¹⁰. Em seguida, encontram-se os grupos Afecto (28) e Construção de Identidade (29) e em último a Celebração (23).

É possível conferir que maridos e mulheres do mesmo grupo de tempo de casamento não diferem muito entre si em relação à referência a cada um destas categorias de funções¹¹. Contudo, saliente-se, que quando existe uma diferença, são as

⁹ A análise emparelhada, ou seja, a análise do casal parece-nos um tipo de análise que poderia complementar a análise mais centrada nos casos individuais que aqui apresentamos e fornecer um quadro de interpretação dos dados mais rico e complexo em termos sistémicos. É nosso objectivo realizar estas análises num momento posterior.

¹⁰ O software Nud*Ist 6 permite-nos obter resultados em forma de unidade de texto (correspondente à unidade de sentido que seleccionámos) ou de documento. Ao longo da apresentação dos resultados e sempre que tal seja exequível, referimo-nos à frequência de ambas. A frequência de documentos dá-nos conta do número de participantes que apresentam determinada categoria ou intersecção de categorias enquanto as unidades de texto correspondem ao número de unidades que contêm as mesmas. Em relação ao número de participantes, situamo-nos num universo de 40; o universo de unidades de texto é algo mais questionável e, por isso, estas unidades não nos conferem informações tão precisas. São, contudo, úteis para avaliar tendências.

¹¹ As apreciações que fazemos relativamente à diferença de frequências são relativas; devido ao carácter qualitativo e exploratório do estudo não nos situamos aqui no plano das diferenças estatísticas mas sim no plano das diferenças percebidas pelo investigador relativamente aos dados num processo que

mulheres que mais referências apresentam a cada uma das funções. As diferenças entre grupos são, neste âmbito, mais visíveis. Para todas as categorias, os participantes do grupo II, maridos e mulheres apresentam resultados mais elevados (em termos de número de participantes e de unidades de texto) do que os participantes do grupo I. Esta diferença é particularmente acentuada na categoria Celebração, que é o que surge com menos referências, e menos acentuada na categoria União, que é onde se verifica maior número de referências.

Quadro 21

Resultados da Matriz de intersecção entre grupos de Funções e Cruzamento de Sexo e Tempo de casamento

	União		Afecto		Construção de identidade		Celebração		Distracção	
	Part.	U.T.	Part.	U.T.	Part.	U.T.	Part.	U.T.	Part.	U.T.
Mulheres GI	10	38	6	14	7	13	5	6	6	14
Homens GI	9	22	6	17	7	7	2	4	5	14
Mulheres GII	10	51	9	37	8	16	9	45	6	13
Homens GII	10	45	7	24	7	15	7	33	7	16
Total	39	156	28	92	29	51	23	88	24	57

Nota. Part. refere-se ao número de participantes; U.T. refere-se ao número de unidades de texto.

A categoria União parece ser a que se reveste de maior uniformidade. Com efeito, verificámos que indivíduos em diferentes momentos do ciclo de vida reconhecem que a promoção da união da família é uma função significativa dos rituais familiares. Este dado vem de encontro ao que a literatura refere sobre os rituais familiares enquanto impulsionadores de sentimentos de pertença (Newell, 1999; Roberts, 1988; van der Hart, 1983) e de construção de laços (Huxley, 1966) entre os membros de um determinado grupo. Os participantes do nosso estudo mencionaram bastante a questão da “reunião”, ou seja, o facto de os rituais familiares serem momentos que “chamam” à família os seus

simultaneamente procura integrar a parte (um determinado resultado) e o seu todo (o universo mais lato dos dados).

vários membros, inclusivamente alguns que não habitam no mesmo agregado familiar. O “estar com”, o “reunir”, aspectos que nos remetem para a esfera comportamental parecem ter o potencial de promover sentimentos e percepções de união e de proximidade. Este percurso da acção à emoção e ao sentimento é confirmado pelos dados da Neuropsicologia (Damásio, 2003). A articulação destas duas esferas pode ser ilustrada pelas palavras de Jaime¹² (68 anos, Grupo II), quando questionado sobre as funções dos seus rituais familiares:

“Ai, eu acho, olhe, eu diria que muito para unir a família, para muitos elementos da família se verem porque, às vezes, não se viam, e nós, a propósito do aniversário ou disto ou daquilo, conseguimos juntá-los. Depois que a minha sogra partiu, os 4 irmãos, 3 rapazes, foi uma maneira de estarmos, de nos encontrarmos variadas vezes os 4 irmãos. (...) Até no dia de ir ao cemitério, no dia 1 de Novembro, aqui, nesta sala, fizeram-se reuniões de boa disposição de brincadeira, um dos cunhados que já morreu era espectacular, era um espectáculo, era um animador de grupo e era umas anedotazinhas e umas histórias e mais não sei quê, a gente ficava espetado... para a risota e tal. Lá comíamos as castanhas, bebíamos um copito e era a maneira de nos juntarmos., A Beatriz foi conseguindo trazer os irmãos durante muitos anos, há 20 anos que fazíamos isso.”

Consideramos, ainda, que a União de que nos falam os participantes deste estudo está intimamente ligada com sentimentos de segurança. É a repetição dos rituais e a garantia de que se continuarão a realizar no futuro que permite a criação de um sentimento de segurança percebida (Mead, 1973) e, simultaneamente, a percepção de união e proximidade entre os vários elementos da família.

O destaque que esta categoria teve nesta amostra e o consenso entre homens e mulheres dos diferentes grupos geracionais, permitem-nos pensar a União como uma função nuclear, a partir da qual se poderão alicerçar as outras.

A categoria Afecto inclui os processos que, no âmbito dos rituais familiares, tecem o universo afectivo das famílias. É ligeiramente mais referida pelos participantes do grupo II, o que nos poderá levar a pensar que estes participantes, ao longo do seu

¹² Para garantir a confidencialidade dos dados, foi atribuído um nome fictício a todos os participantes.

percurso familiar e conjugal, acumularam um espólio rico de memórias afectivas que se revisitam na altura dos rituais familiares. Salienta-se, aqui, o diferente ponto de vista dos dois grupos de participantes. Os participantes mais novos referem-se, sobretudo, ao presente e às projecções que fazem para o futuro; ainda que tenham referências das suas famílias de origem, essas referências são construídas a partir da sua posição no sub-sistema filial, um sub-sistema sem dúvida activo na vida ritual da família mas não tanto como o sub-sistema conjugal e parental. Os participantes do grupo II já puderam viver e integrar experiências enquanto elementos deste sub-sistema, enquanto principais responsáveis pelos processos de ritualização (Erikson, 1966; 1977) na sua família nuclear. Estarão, talvez, numa posição privilegiada para reconhecer e valorizar a dimensão afectiva dos rituais familiares. O extracto seguinte ilustra esta valorização; trata-se de uma citação muito particular já que a participante se posiciona como “observadora” de um dos rituais da sua família, o que lhe confere um carácter reflexivo peculiar:

“...também festejamos aniversários, tanto deles como nossos, os meus sobrinhos, juntamo-nos sempre muitos em casa e falo mais do meu lado, quer dizer, a casa dos meus pais está sempre com as portas abertas para nos receber, para almoçar, para jantar. Ainda agora, a minha irmã perguntou se podia ir lá almoçar, era quase meio dia, veio e a comida chegou para todos, é uma mesa cheia, adoro ver aquela confusão toda lá em casa, os miúdos a falar, a gritar, aprecio, às vezes, estou assim no canto e ponho-me a olhar, é sinal de vida, de amor de carinho, é uma casa cheia e prezo muito. as famílias juntarem-se, conviverem, serem solidárias umas com as outras.”

Ondina (42 anos, Grupo II)

Nos rituais familiares parecem estar envolvidos diversos mecanismos através dos quais as famílias promovem e gerem os seus afectos. O tempo “ritual” é um tempo para a partilha, para a expressão de sentimentos e para a reflexão sobre relacionamentos entre as pessoas. É nestes momentos que se consolida o apoio entre os vários elementos da família e entre gerações: sabem que se encontram, que se reúnem e que podem “contar uns com os outros” e daí advém também elaboração de sentimentos de segurança em torno de um grupo familiar. Esta ideia é bem ilustrada por Mariana (51 anos, grupo II):

“...mas claro que os meus filhos vão conhecendo vários primos... eu acho que é muito importante no crescimento deles e para nós também porque é um apoio no fundo que nós temos, nós sentimos que temos o apoio de gente que gosta de nós, de quem nós gostamos e que podemos contar com eles como eles podem contar connosco quando houver qualquer coisa. Realmente estas reuniões de família são muito importantes, embora as pessoas sejam muito diferentes umas das outras e há dias em que estão mais bem-dispostas, dias em que estão menos, uns são mais picuinhas, outros menos mas eu acho que é muito importante, é uma sã convivência que ajuda as pessoas a viver.”

Poderemos, então, considerar que este tecido afectivo que envolve os rituais familiares (formado a partir da partilha, da expressão de sentimentos, do apoio, da reflexão de relacionamentos e da segurança percebida) permite criar uma “almofada de confiança e de sentimentos positivos”¹³ em relação à família como um grupo. Também para os cônjuges que são pais, como no testemunho de Mariana, parece importante reconhecer que este grupo familiar é um ambiente seguro e apoiante não só para si próprios mas também para os seus filhos. Estamos, então, na presença de uma “almofada” que cumpre a mesma função para diferentes gerações.

A categoria Construção de Identidade refere-se a processos que permitem a cada família elaborar a sua identidade familiar própria e idiossincrática. Esta categoria inclui elementos relativos à identidade familiar percebida pelos participantes, às recordações, à valorização da família e a aspectos ligados à educação e formação dos membros mais novos. À semelhança da categoria Afecto, também encontramos mais referências relativas à Construção de Identidade nos participantes do grupo II. As razões parecem também apontar para a importância da “historicidade” da família: os participantes deste grupo foram, simultaneamente, actores e observadores da construção e consolidação da identidade de um determinado núcleo familiar e, como tal, poderão estar mais conscientes desta função dos rituais familiares. Esta explicação é consonante com a

¹³ Esta expressão foi utilizada por Rampage (1994, in Narciso, 2001) para se referir ao resultado de comportamentos de vinculação e de preocupação e atenção com o par amoroso; considerámos que seria adequada a sua utilização também neste contexto.

concepção de identidade familiar de Wamboldt e Wolin (1989) como o resultado da constelação de papéis e relações entre os membros da família durante a história da sua interacção.

Os rituais familiares são mecanismos de socialização (Laird, 1988), ou seja, através destes eventos os indivíduos que crescem no seio de uma família, aprendem como é o funcionamento dessa família e qual o seu papel nesse grupo. Os símbolos e os significados que aqueles dão origem não têm de ser explicados aos membros da família porque são vividos e interiorizados ao longo do seu processo desenvolvimental. As pessoas sabem o que é pertencer àquela família, sabem quais as semelhanças que partilha com outras famílias mas também sabem o que as diferencia. Esta dialéctica entre o comum e o singular está bem patente nas entrevistas. Frases como “*é uma família como tantas outras*” ou “*somos uma família igual a todas as outras famílias*” (a esfera do comum) correspondem apenas à superfície do discurso dos participantes que, ao longo das entrevistas, reconhecem e valorizam as idiossincrasias da sua família (a esfera do singular). Articulando as funções que já analisámos, podemos considerar que a união e o afecto são dimensões que, em abstracto, fazem parte da noção de família e podem ser considerados comuns a todas ou à maior parte das famílias. Contudo, os rituais familiares revelam também a forma como cada família recria essas dimensões comuns, como é que reforça e actualiza a união e o afecto. No fundo, os rituais familiares permitem responder à questão identitária (cf. Wamboldt & Wolin, 1989): “Quem é que somos como família?”. Sofia (29 anos, grupo I) ilustra bem esta questão, ao referir que os rituais familiares:

“são o bilhete de identidade de todos nós, é o que somos, de onde vimos, o que fazemos, o que acreditamos, é aquilo que nós pensamos que é a maneira de passarmos aos nossos filhos. É por isso que eu acho tanta piada às tertúlias a seguir ao almoço, a gente aprende tanto, são histórias sempre interessantes.”

Este extracto permite verificar como esta participante se coloca no meio da transmissão inter-geracional da identidade familiar, entre a geração anterior de quem escuta histórias e “*aprende tanto*” e a geração dos filhos, a quem pretende “*passar*” as características do seu bilhete de identidade familiar. Aqui se relembra o que Rosenthal &

Marshall (1988) referiram sobre os rituais familiares: permitem uma ligação simbólica entre passado e o futuro e, assim, fornecem um sentido de continuidade na história de um grupo ou indivíduo.

Esta ligação está também bem patente nas palavras de Elisa (68 anos, grupo II) que nos explicou como é que no âmbito de uma comemoração familiar se afirmou a particularidade da sua família que atravessa gerações:

“Quando fizemos 40 anos de casados, o nosso filho Vitor, que foi o que nos deu mais problemas até mais tarde, disse-nos, fez-nos um discursozinho que foi uma beleza, e escreveu, trouxe-o escrito. Isso faz parte já dos rituais, o mais velho disse: vocês são da família dos escritvães? (risos). Os rituais que eu tenho em relação à família, eu, tenho um dom que vem dos Gouveias de escrever em verso e faço sempre uns versos. Nos aniversários dos filhos, nas festas, quando a minha sogra fez 80 anos...agora com a minha limitação, agora escrevo tudo o que vai acontecendo cá em casa no caderno, até as ementas que eu faço para as festas, para não esquecer. E os versos também, vou fazer uma recolha, a minha filha já disse: ó mamã, começa a escrever isso tudo senão perde-se. A nossa filha é muito parecida comigo nessas coisas. Agora, nos anos dela, ofereci-lhe um livro da família, das Selecções, que tem a árvore genealógica, a figura principal é o marido, depois tem as histórias e eu fui escrevendo tudo, as coisas que eu sei, dos meus pais.... Isso vem da nossa família. Rituais, também é a escrita.”

Outro aspecto que pudemos apurar e que se verificou sobretudo nos casais mais novos, foi a importância dos rituais familiares enquanto promotores da identidade em momentos do ciclo de vida particularmente desafiantes. Os casais do grupo I referiram-se, várias vezes, às dificuldades na gestão das exigências profissionais e familiares que não raramente se traduziam por “falta de tempo”, nomeadamente, de “tempo familiar” (cf. Daly, 2001). Dentro dos casais do grupo I, estas dificuldades eram sobretudo sentidas pelos casais com filhos pequenos. O nascimento do primeiro filho é um acontecimento altamente mobilizador na família, que implica o desenvolvimento de novos papéis (casais tornam-se pais, pais tornam-se avós, etc.) e, frequentemente um retorno às famílias de origem chamadas a participar mais da vida da nova família e do

seu novo elemento. Mas as mudanças não são só na estrutura e relação familiares; é a própria rotina familiar que se altera, pois a presença de uma criança em casa conduz necessariamente a reajustamentos dos horários e tarefas do agregado familiar. Estas mudanças acontecem muitas vezes sem que se verifique uma diminuição das exigências profissionais; estão reunidas as condições para uma conjuntura plena de desafio. Ana (Ana, 34 anos, grupo I) retrata a importância dos momentos dos rituais com a família alargada nessa fase do desenvolvimento da família:

“Acho que sim, acho que têm uma função, ou pelo menos, entendo que há uma função nas celebrações, nos rituais, que ao fim ao cabo é unir e criar uma espécie de identidade familiar porque cada indivíduo tem as suas apetências, preferências e se não há um fio condutor que os una, que una estes indivíduos todos sozinhos... Eu acho que nós somos uma família muito individualista, cada personagem desta família é muito individualista, se não são estas pequenas coisas deixa de haver família. Acho que temos de respeitar a liberdade uns dos outros mas acho que há sempre alturas em que é preciso pôr de lado essa liberdade e criar esses laços familiares. Muitas vezes, pode parecer hipocrisia mas eu não entendo assim, não acho que seja hipocrisia nem fachada - ah, andam o ano todo separados e depois juntam-se - não. Aquele dia é especial, é aquilo que transforma aqueles seres, aqueles indivíduos em família, é isso.”

A Celebração é uma categoria que, ao contrário das primeiras apresentadas, não resulta da junção de várias categorias; os participantes referiram como uma função dos rituais, a celebração, o assinalar, o festejo de determinados acontecimentos e/ou datas. Nesta categoria, existe claramente uma diferença entre os dois grupos geracionais. São os casais do grupo II que mais referem e mais exploram a importância da celebração nos rituais familiares. Consideramos que este facto se deve ao reconhecimento e valorização do seu próprio percurso enquanto “ritualizadores” que teve início com o casamento (Erikson, 1966: 1977). Durante este percurso, vários rituais foram criados e recriados, o que nos permite considerar que os casais do grupo II viveram mais rituais familiares do que os do grupo I. Muitos desses rituais podem ter sido abandonados, modificados e novos rituais podem ter sido criados em anos mais recentes; a vida ritual das famílias

sofre mutações ao longo do seu desenvolvimento. Porém, os rituais que se mantêm nas famílias ao longo de muitos anos tenderão a consolidar-se e a constituir-se como referências importantes para os seus criadores e também para os membros recém-chegados que cedo integram elementos da identidade familiar que os precede no tempo. Os participantes do grupo II, enquanto viajantes mais experientes pelas várias épocas da família, poderão mais facilmente compreender, vivenciar e testemunhar a ligação passado-presente-futuro que se actualiza em cada celebração. Quando estes indivíduos se tornam os membros vivos mais antigos da família, eles próprios tornam-se símbolos dessa ligação e símbolos familiares (Erikson, 1966; 1977). Quando comparámos os discursos dos participantes do grupo II relativamente à Celebração, encontrámos uma grande homogeneidade, inclusivamente entre homens e mulheres. Aqui se apresentam dois exemplos.

“Eu acho que festejar é sempre bom. Eu estou sempre disposta a festejar, tenho motivos para festejar e os rituais servem para fazer festa e para renovar as coisas, eu acho, para renovar. Quando a gente escreve no aniversário de casamento, a gente vai pensando nos anos todos que passaram e também os filhos vão fazendo isso.”

Elisa, 68 anos, grupo II

Para dizer o quê, eu gosto, acho que devemos assinalar os momentos que nos dizem respeito... à vida. Acho que o ter casado com a Patrícia é um momento que deve ser celebrado, o facto do meu filho nascer ou de eu nascer, eu acho que se nós existimos, não é mais um que nasce, sou eu, não é mais ninguém, aquele nasceu, é meu filho, tenho que celebrar a vida, a alegria de viver, acho que nós devemos ter alegria de viver e celebrar os momentos que nos proporcionou.

Gil, 50 anos, grupo II

A categoria Distracção é composta por sair da rotina e relaxar. Verificámos que esta categoria surge aproximadamente com a mesma frequência nos participantes dos dois grupos de casais.

Em relação às funções, estávamos também interessados em averiguar se estas eram percebidas de forma semelhante para os contextos familiares e para os contextos culturais dos rituais familiares¹⁴. Verificámos que: as categorias União e Afecto ocorriam mais nos contextos familiares do que nos culturais; nas categorias Construção de Identidade e Celebração, a diferença entre os contextos familiares e culturais não era tão acentuada; na categoria Distracção, era notória a sua associação muito mais significativa aos contextos familiares do que aos culturais.

Quadro 22

Resultados da Matriz de intersecção entre grupos de Funções e de Contextos dos rituais familiares

	União		Afecto		Construção de identidade		Celebração		Distracção	
	Part.	U.T.	Part.	U.T.	Part.	U.T.	Part.	U.T.	Part.	U.T.
Contextos familiares	31	81	19	46	19	24	19	50	23	45
Contextos culturais	22	47	11	25	13	20	16	35	2	3

Nota. Part. refere-se ao número de participantes; U.T. refere-se ao número de unidades de texto.

Considerámos que, nos contextos familiares, que se caracterizam por uma maior privacidade e menor interferência de elementos exteriores, poderá haver mais oportunidades para que a família se sinta unida, próxima e se estabeleçam os processos afectivos como a partilha e a expressão de sentimentos. É natural que estas trocas afectivas sejam mais espontâneas, profundas e frequentes num universo familiar mais preservado dos olhares de elementos mais periféricos da família e de exigências sociais relativamente ao desenrolar de determinado evento. Talvez seja por este motivo que encontramos tão poucas referências à Distracção como função dos rituais dos contextos culturais. De facto, nestes rituais, existe uma grande exposição da família a elementos da família alargada, a amigos, a outros membros da comunidade e essa exposição traz consigo a necessidade de “estar à altura” e de cumprir determinadas expectativas.

¹⁴ Note-se que as funções localizadas na soma destes dois contextos (familiares e culturais) não corresponde ao total das funções referidas pelos participantes e é mais reduzido do que este. Por vezes, os participantes referiram-se às funções dos rituais em geral e/ou não especificando qual o contexto.

Cerimónias como casamentos, baptismos, conclusões de um curso superior ou vivências comunitárias de celebrações religiosas têm em comum uma certa dose de elementos formais e protocolares que deverão ser observados em maior ou menor grau. Esta exigência implícita pode acarretar um certo nível de stress, o que explica porque é que estes eventos, em comparação com eventos de contextos familiares, não são considerados oportunidades para relaxar ou sair da rotina.

A semelhança da ocorrência das categorias Construção de Identidade e Celebração permite-nos concluir que, embora com contornos diferentes, os rituais dos contextos familiares e dos contextos culturais podem cumprir estas duas funções. Embora Wolin e Bennet (1984) tenham considerado que as celebrações especiais (que se incluem no conceito de rituais nos contextos culturais) acentuassem, sobretudo, a comunalidade das famílias, estes dados indicam que também neste tipo de eventos se pode recriar a identidade familiar evidenciando a sua originalidade.

Em conclusão, em relação às funções dos rituais familiares para as famílias, pensamos que União, Afecto e Construção da Identidade são as funções nucleares (e, dentro destas, a União será a base principal) que se nutrem e reforçam entre si. As restantes Distracção e Celebração são funções que decorrem das primeiras e que são mais periféricas, ainda que se revistam também de importância para a família.

Para além das funções para a família, também investigámos se os rituais familiares teriam alguma função para o casal (ver Quadro 23).

Quadro 23

Resultados da Matriz de intersecção entre Funções dos Rituais familiares para o casal e Cruzamento de Sexo e Tempo de casamento

	União		Afecto		Construção de identidade		Celebração		Distracção	
	Part.	U.T.	Part.	U.T.	Part.	U.T.	Part.	U.T.	Part.	U.T.
Mulher GI	6	15	6	14	1	2	0	0	6	6
Homem GI	6	14	6	13	2	3	0	0	6	10
Mulher GII	6	9	8	17	2	3	4	11	5	7
Homem GII	6	25	8	15	3	4	3	10	4	9
Total	24	63	28	59	8	12	7	21	21	32

Nota. Part. refere-se ao número de participantes; U.T. refere-se ao número de unidades de texto.

União, Afecto e Distracção são as funções que os participantes atribuem aos rituais familiares para o casal. Assim, podemos verificar que, para além das funções para as famílias, os participantes consideram que os rituais familiares promovem a união, o afecto e a distracção no sub-sistema conjugal. Consideramos que uma possível explicação poderá residir na conceptualização da almofada de sentimentos positivos, ou seja, a estrutura afectiva que os rituais familiares podem proporcionar à família. Esta “almofada” pode ser também benéfica para o casal se considerarmos que os sub-sistemas familiares têm fronteiras flexíveis e porosas que permitem o “contágio” dos sentimentos que, neste caso, são positivos. Para ilustrar esta ideia, recorreremos a um “caso negativo”, ou seja, um caso em que se verifica precisamente o oposto, ou seja, o contágio de “conflitos” da família para o casal. Trata-se de Gil (50 anos, grupo II) que, ao longo da entrevista, refere, várias vezes, a preocupação com os conflitos entre os filhos e nos ilustra como aqueles, por vezes, se transpõem para a relação de casal habitualmente pacífica e bastante satisfeita:

“...por causa desses conflitos entre eles que transportam para os 5 alguma perturbação e algum mal-estar ... às vezes, eu e a Patrícia estamos aqui sós e quando damos por ela... mas afinal não existe nada entre nós e eles causaram-nos um certo mal-estar, que não nos apetece às vezes falar, mas eu não posso dizer que não tenhamos momentos até de harmonia mas ultimamente quando estamos juntos são mais os momentos de atrito entre eles que depois se generalizam do que digamos... ainda há pouco tempo acho que foi a propósito dos anos ou da mãe ou dos nossos anos de casados que a gente foi jantar fora, já não sei, não foi desta vez, foi há um ano e no decorrer do jantar até houve... a Cláudia (filha) levantou-se da mesa e eu não percebi, estávamos ali todos tão bem e de repente (...) isso reflectiu-se depois, durante algum tempo no nosso dia entre nós os dois, estivemos mais tempo calados como é normal porque ficámos incomodados.”

Para além desta permeabilidade entre contextos, realça-se também a importância do grupo familiar como um elemento da rede social de apoio do casal; a pertença e a

participação neste grupo ajudam a reduzir eventuais tensões entre o casal (cf. Kernberg, 1995); são também momentos em que o casal sai da rotina do seu núcleo familiar e actualiza o convívio com outras pessoas.

“Aos domingos, é outra vantagem que tem a hora de almoço com os meus sogros, é a autêntica hora de almoço de família, temos tempo, há primeiro os aperitivos, falamos muito uns com os outros, falamos muito uns com os outros, dos problemas, não sei que mais, portanto, o almoço faz-se com muito vagar, a gente acaba de almoçar às 3, 4 horas da tarde. É um almoço de família onde a gente partilha, conversa, discute sobre os assuntos da política ou sem ser política, seja o que for, a gente fala. E olhe que é excelente, mesmo a gente nota que pode haver um problema latente num casal ou noutra, às vezes há chispas, pode haver chispas e o facto de estarmos juntos a gente verifica que mesmo no casal que chispou, a chispa desaparece ou pode desaparecer, muito importante, penso que é extremamente importante para a relação.”

Miguel, 71 anos, grupo II

Em termos da divisão contextos familiares e contextos culturais, verificámos que estas funções se localizam mais nos primeiros do que nos segundos (ver Quadro 24). Mais especificamente, no âmbito dos contextos familiares, eram os fins-de-semana e as férias que mais se destacavam; já no âmbito dos contextos culturais, eram sobretudo as celebrações especiais que cumpriam as funções para o casal.

Quadro 24

Resultados do Vector de intersecção entre Contextos dos Rituais e Funções dos Rituais para o casal

	Funções dos rituais familiares para o casal	
	Part.	U.T.
Contextos familiares	35	125
Contextos culturais	21	46

Nota. Part. refere-se ao número de participantes; U.T. refere-se ao número de unidades de texto.

Os rituais familiares não cumprem, no casal, as funções de Construção de identidade e de Celebração. Trata-se, sobretudo, de construção da identidade da família e de celebração de eventos familiares. Como veremos mais tarde, as funções de construção de identidade do casal e de celebração de datas e acontecimentos da história relacional são asseguradas por outros mecanismos, nomeadamente, os rituais de casal.

b) Significados

Um dos objectivos deste estudo qualitativo era aceder aos significados que os indivíduos constroem em torno dos rituais familiares. Partimos da ideia de que a experiência humana é eminentemente construtiva e que o *self* é um arquitecto de significados (Guidano & Liotti, 1983; Mahoney, 1998). Assim, as experiências (neste caso, os rituais familiares) são reconstruídas a partir das lentes do mundo de cada indivíduo; quando se pretende olhar o resultado dessa reconstrução, entramos no território dos significados. Partimos também da ideia de que os rituais familiares são experiências que catalisam significados. Esta ideia específica é apoiada por Fiese et al. (2002) quando se refere a uma das características que distinguem rituais e rotinas, o investimento. Enquanto as rotinas implicam um investimento superficial e momentâneo, os rituais conduzem a um investimento duradouro e afectivo; conduzem a processos reflexivos que envolvem as várias fases de preparação, vivência e integração e, como tal, compelem, necessariamente, à construção de significados.

No total, encontrámos 11 categorias de significados. Ao contrário do que se efectuou nas categorias das funções e dos sentimentos, optámos por não agrupar estas categorias. Com efeito, cada uma destas categorias revelou-se um universo idiossincrático que dificilmente poderia ser agrupado com outros sem perder as características essenciais do seu conteúdo, precisamente o que pretendíamos explorar. Assim, seleccionámos os cinco significados com maior número de ocorrência (número de participantes que os referiram). Debrucemo-nos, então, sobre estes cinco significados mais referidos: Trabalho, Especial, Fé, Ausência/Presença e Reflexo de identidade.

Trabalho: “O lado invisível”

O Trabalho refere-se ao esforço/investimento necessário na preparação e organização dos rituais familiares. Na linguagem dos participantes e da entrevistadora, este significado partiu da expressão comum “dar trabalho”, ou seja, foi codificado sempre que os rituais familiares eram associados a tarefas laboriosas que exigem empenho e atenção. Chamamos-lhe o lado invisível porque, por vezes, nem todos os elementos que participam nos rituais estão também envolvidos na sua preparação e organização; a consciência do trabalho inerente a estes momentos parece crescer à medida que os indivíduos se responsabilizam e adoptam eles próprios o papel de “ritualizadores” (cf. Erikson 1966; 1977).

Especial: “Um tempo entre tempos”¹⁵

O significado Especial refere-se à concepção dos rituais como momentos especiais, diferentes que se destacam do quotidiano. As percepções dos participantes deste estudo em relação a alguns rituais denotam essa diferença que é sentida e que torna os momentos dos rituais uma espécie de parêntesis no “texto” do quotidiano. O carácter especial dos rituais é algo referido pela maioria dos autores que se debruçam sobre este tema (Erikson, 1966; 1977; Fiese, 2006a; Grimes, 1982; Huxley, 1966a; Imber-Black, Roberts & Whiting, 1988; Moore & Myerhoff, 1977; van der Hart, 1983; Wolin & Bennett, 1984).

Fé: “Espiritualidade vivida”

A Fé refere-se à importância da fé e da vivência religiosa dos rituais familiares. Não se trata aqui da mera participação nos eventos religiosos mas sim da reflexão, por parte de alguns participantes, sobre a sua experiência pessoal de fé associada a determinados rituais. Este significado não emergiu só nos rituais inscritos nos feriados religiosos, tendo-se verificado a sua presença transversal ao longo de vários contextos como hora de jantar (orações de acção de graças), fins-de-semana (presença nas celebrações religiosas), comemorações anuais (aniversários de casamento ou outros celebrados com uma dimensão religiosa), tradições culturais (um exemplo será a preparação de comidas especiais no tempo de Quaresma) e celebrações especiais

¹⁵ Expressão utilizada por Grimes (1982, p.65, trad.).

(vivência religiosa dos casamentos, batismos e funerais). O único contexto que não contém referências aos significados de Fé é o contexto das férias.

Ausência/Presença: “*Em nome da tua ausência*”¹⁶

O significado Ausência/Presença refere-se ao modo como os participantes sentem a importância da presença de determinadas pessoas nos rituais familiares. Estas pessoas são, normalmente, familiares a quem estão ligados afectivamente. A sua presença nos rituais familiares traz um cunho especial a estes eventos; de forma complementar, a sua ausência (morte, distância física ou conflito) acarreta sentimentos de tristeza e nostalgia que influem no modo como os participantes vivem os momentos dos rituais. Geralmente, os participantes tendem a incorporar, de algum modo, os ausentes através da memória dessas pessoas e de eventos passados em que estavam reunidos. Trata-se de um processo que faz parte do que Muxel (1996) denominou memória ritual. Assim, a ausência não pode passar despercebida, a ausência faz-se presente e os ausentes trazem-se também ao momento dos rituais através da memória.

Reflexo de identidade: “*O que somos no que fazemos*”

O reflexo da identidade refere-se ao modo como os rituais familiares de cada família traduzem os seus aspectos mais particulares e únicos. Sabemos que existem rituais familiares comuns a várias famílias, os rituais que marcam transições ao longo do ciclo de vida e mesmo os rituais do quotidiano como o hábito de se tomarem certas refeições em conjunto ou de se planearem férias em família. Contudo, quando a família concretiza estes rituais, imprime-lhes um timbre muito próprio que revela aspectos da sua identidade enquanto grupo. À medida que nos deslocamos dos conceitos de rituais familiares para as suas materializações, ou seja, do universo conceptual partilhado para o universo real de cada família, parece que se acentuam as diferenças, sendo possível entrever o seu carácter distintivo e emblemático. Este significado tornou-se cada vez mais possível devido à tendência já notada por Bossard e Boll (1950) de os rituais se tornarem cada vez mais específicos e privados no seio de cada família, reduzindo-se a sua dimensão comunitária mais abrangente que tinham em épocas passadas. Bossard e Boll (1950) chamaram a atenção para este movimento que poderemos situar na esfera do

¹⁶ Título de um poema de Sophia de Mello Breyner.

cronossistema (Brofenbrenner & Ceci, 1994) e que teve implicações nos contornos dos rituais familiares.

No Quadro 25 apresentam-se os resultados das frequências (número de participantes e número de unidades de texto) para cada um dos significados distribuídos pelo sexo e grupo de participantes.

Quadro 25

Resultados da Matriz de intersecção entre Significados e Cruzamento de Sexo e Tempo de casamento

	Trabalho		Especial		Fé		Ausência/Pr esença		Reflexo de identidade	
	Part.	U.T.	Part.	U.T.	Part.	U.T.	Part.	U.T.	Part.	U.T.
Mulher GI	7	14	8	16	3	28	6	20	6	13
Homem GI	8	12	4	7	3	17	4	7	6	12
Mulher GII	8	27	6	17	8	24	5	9	5	11
Homem GII	6	11	6	11	8	31	4	7	2	3
Total	29	64	24	51	22	100	19	43	19	39

Nota. Part. refere-se ao número de participantes; U.T. refere-se ao número de unidades de texto.

Verificamos que o Trabalho é a categoria de significados que foi referida por um maior número de participantes. A explicação para este facto é que, ao contrário de todos os outros significados que emergiram dos discursos dos participantes ao longo das entrevistas, este significado foi alvo de uma questão concreta “Os rituais dão trabalho?”. Em termos dos grupos de participantes, os vários significados parecem distribuir-se de forma relativamente uniforme, à excepção do significado Fé. Os casais do grupo II referem este significado mais frequentemente do que os casais do grupo I, o que é facilmente explicável pela sua vivência da religião: todos os casais do grupo II se classificaram como religiosos católicos, enquanto no grupo I, 6 casais revelaram-se religiosos (4 da religião católica, 1 da religião evangélica e 1 testemunha de Jeová), 3 mistos e 1 não católico. Os casais novos merecem-nos alguma atenção em relação à vivência da fé. Pudemos verificar algumas zonas de fricção relativamente à integração da fé nos rituais familiares nos casais mistos, em que um dos membros era católico e o

outro não. Um exemplo é o de Carolina e Afonso (grupo I), cujos relatos aqui apresentamos:

“A Páscoa é tão importante para mim e para a minha família que até nos habituarmos à ideia vai ser um momento de tensão para mim e para o Afonso enquanto casal, e para o Afonso, porque é assim: a esta distância, eu até consigo lidar bem com a situação, sei que ao chegar ao momento não vai ser fácil porque gostava que estivesse lá e que participasse com a minha família nessa situação. E depois porque toda a minha família participa nessas situações, todos vão a casa uns dos outros beijar a cruz e acho que o Afonso até não se importa nada de estar lá e ele dá-se bem com a minha família, portanto, estar lá à refeição e comer os doces essas coisas pode ser um aspecto positivo, agora estar lá para beijar a cruz é que não e eu sei que não lhe posso pedir isso mas há sempre os tios e os primos que perguntam, vai chamar o Afonso, vai chamar o Afonso porque está a cruz a chegar. Acho que vai ser um momento complicado. (...) Portanto, já nos chateámos pelo menos uma Páscoa, foi um daqueles momentos mesmo complicados para nós, os nossos maiores problemas têm a ver com a religião e a Páscoa é um dos momentos muito complicados e delicados. Mas vamos conseguir resolver, eu sei que é muito fácil, parte de mim, é aceitar que o Afonso não quer ir na Páscoa e dizer às pessoas que me perguntarem por ele que ele não quis ir, pronto, é a solução possível ou, então, mandá-lo para a cozinha quando estiver lá o padre (risos) e chamá-lo quando for para jantar, mas acho que tem a ver com a minha reacção, mais nada...”

Carolina, 25 anos, grupo I

“Uuuuuuhhhhh (risos), ora bem não me ponham a Páscoa à frente, de facto nós estivemos uma vez para acabar por causa da Páscoa, porque eu recuso-me terminantemente a dar um beijo numa cruz. A Páscoa é um ritual na família dela muito agradável, muito bonito, em que se junta a família toda e quando se começou a falar como é que seria se fôssemos para a frente com a nossa relação, a sugestão que eu dei foi, eu fico no meu cantinho, na minha casa, seja onde for, afastado quando passa a cruz e depois quando a

cruz se vai embora; eu desço para o convívio ou, então, quando a cruz estiver lá eu digo, só estou aqui a ver e para ela isso fez-lhe muita confusão. Sinceramente, achei um pouco injusto, ela não queria continuar a relação por causa disso e eu achei injusto porque pelo mesmo motivo podia dizer que não queria que ela fizesse nada daquilo. Sempre achei que do ponto de vista religioso, eu sempre cedi mais que ela, casei-me pela igreja, já falei que, se calhar, não me importava assim tanto em baptizar os filhos, fui cedendo e porque é que fui cedendo? Porque achei sempre que ela era muito intransigente, um dos grandes defeitos da Carolina foi ter construído uma imagem sobre como é que seria a vida dela com outro homem, ela nunca imaginou claro, a vida dela com um homem ateu, imaginou que eu ia partilhar esse ritual religioso dela, quando ela me conheceu, quando ela se apaixonou por mim e quando ela começou a ter uma relação comigo, ela apercebeu-se que se continuasse comigo o sonho dela ia destruir-se.”

Afonso, 31 anos, grupo I

Esta cisão entre o casal poderá impedir que vivam os rituais de cariz religioso da mesma forma. A vivência da fé em conjunto é algo que parece aproximar os casais (cf. Fiese & Tomcho, 2001), como nos relata Elisa, num excerto que contrasta com as experiências relatadas pelos participantes anteriores:

Vamos sempre à missa juntos. Quando estou na igreja com ele, para mim, é uma gratidão. A nós, aproxima-nos. A gente vai sempre juntos, rezamos juntos, comungamos juntos, uma das coisas que o Martinho faz, um ritual, quando vamos comungar, ele vai sempre assim com as mãos em cima de mim e eu gosto muito. Um exemplo assim muito pequeno.

Elisa, 68 anos, grupo II

Em relação ao género, podemos observar uma frequência relativamente mais baixa do significado Especial nos homens do grupo I e do significado Reflexo de Identidade no grupo II. Em relação ao primeiro dado, talvez sejam os homens mais novos os participantes que, de entre todos, tenham maior probabilidade de não valorizar os rituais familiares. Isto pela sua conjugação de género masculino com fase desenvolvimental,

aspectos que serão aprofundados mais à frente neste capítulo. Quanto ao Reflexo de Identidade e a sua baixa frequência nos homens do grupo II, este dado surge-nos como algo surpreendente, tendo em conta que esperávamos que estes participantes pudessem estar mais conscientes da identidade familiar e a revissem nos rituais da família.

Observámos também a distribuição destes significados pelos contextos familiares e culturais (ver Quadro 26) e não verificámos a existência de grandes diferenças, à excepção do significado Reflexo de Identidade e Especial que foram mais referidos no âmbito dos contextos culturais.

Quadro 26

Resultados da Matriz de intersecção entre Significados e Contextos dos Rituais

	Trabalho		Especial		Fé		Ausência/ Presença		Reflexo da identidade	
	Part.	U.T.	Part.	U.T.	Part.	U.T.	Part.	U.T.	Part.	U.T.
Contextos familiares	14	24	8	18	15	37	12	24	6	6
Contextos culturais	17	28	15	31	16	51	11	20	14	24

Nota. Part. refere-se ao número de participantes; U.T. refere-se ao número de unidades de texto.

Também no significado Fé se encontraram mais unidades de texto; mas a diferença entre os participantes que o referiram é apenas de um.

Relativamente ao significado Especial, é compreensível que este surja de forma mais significativa nos contextos culturais, tendo em conta que os rituais destes contextos são menos frequentes do que os rituais dos contextos familiares e, mais facilmente são vistos como eventos especiais (por exemplo, o Natal ou um casamento). Relativamente à predominância do significado Reflexo de Identidade nos contextos culturais, este dado pode ser interpretado se retomarmos a proposta apresentada no primeiro capítulo relativa à existência de um *continuum* entre Comunidade e Família nuclear onde se inscrevem os diferentes rituais dos vários contextos em que ocorrem. Nos rituais dos contextos culturais, está-se mais próximo do pólo Comunidade, a família encontra-se com o contexto mais lato. Assim, pode ser importante que fora da esfera mais privada dos rituais mais íntimos, a família assuma e exponha elementos que a caracterizam. De acordo com Bossard e Boll

(1950), os rituais familiares são uma oportunidade para a família revelar o seu orgulho em relação à sua identidade. É uma hipótese que pressupõe que as percepções da família sejam sobretudo positivas, o que se verifica, em geral, nos participantes deste estudo. Assim, ao contrário do que Wolin e Bennett (1984) propuseram, os diferentes contextos dos rituais não cumprem necessariamente funções estanques. Estes autores propuseram que as celebrações familiares (categoria próxima da categoria contextos familiares por nós utilizada) assinalariam mais as comunalidades entre as famílias do que as diferenças, o que não se verificou neste estudo. Poderemos pensar em comunalidades relativamente ao tipo de celebração (casamento, funeral, baptismo, etc.), mas não tanto em relação ao seu conteúdo que difere de família para família. Esta ideia está bem patente no excerto de uma entrevista a uma participante do grupo I que refere a importância da celebração do casamento como passo significativo para a definição da identidade da nova família perante os noivos e a restante família:

“Foi um dia que marcou de facto a separação em relação às famílias de origem. Por um lado, é o que o casamento implica, mas mesmo a forma como decidimos organizar o casamento, houve manifestação de desacordo tanto dos meus pais como os pais do Francisco e nós mantivemo-nos de alguma forma inflexíveis, eu penso que tem a ver, de uma forma inconsciente, se calhar, não sei, ok, isto é o nosso dia, a partir daqui é a nossa família, é assim que vamos decidir e é assim que queremos que seja. Dentro das nossas portas, entre aspas, é assim que vai ser, independentemente do que acharem. Eu acho que esse dia especificamente marcou isso.”

Maria, 28 anos, grupo I

c) Sentimentos

Nas palavras de Bossard e Boll (1950), os rituais familiares têm acontecimentos coloridos emocionalmente, ou seja, são regiões do funcionamento familiar onde abundam sentimentos. Particularmente, os rituais familiares que se referem às transições do ciclo vital caracterizam-se por uma amplificação de sentimentos (Scheff, 1979, in Roberts, 1988) quer positivos, quer negativos. A contenção da ambivalência de sentimentos e de sentimentos particularmente intensos é uma das funções associadas aos rituais (Roberts, 1988). Foi o que pudemos verificar quando pedimos aos nossos participantes que nos falassem dos

sentimentos que experienciavam nas várias expressões dos rituais familiares. Encontrámos sentimentos¹⁷ que catalogámos como positivos (alegria, ansiedade positiva, prazer, conforto, ternura, serenidade e liberdade), negativos (cansaço, tristeza, obrigação e desconforto) e ainda nostalgia (saudades e nostalgia) e indiferença. Com efeito, encontrámos referência a sentimentos positivos e negativos, ainda que os sentimentos positivos se destacassem por maior variedade e por uma frequência ligeiramente mais elevada do que os sentimentos negativos, como se pode ver no Quadro 27.

Quadro 27

Matriz de Intersecção entre Sentimentos e Cruzamento de Sexo e Tempo de casamento

	Positivos		Negativos		Indiferença		Nostalgia	
	Part.	U.T.	Part.	U.T.	Part.	U.T.	Part.	U.T.
Mulher GI	9	19	10	61	2	2	2	5
Homem GI	9	27	9	41	6	18	2	4
Mulher GII	10	39	5	15	1	1	2	2
Homem GII	9	56	7	14	1	1	3	3
Total	37	141	31	131	10	22	9	14

Nota. Part. refere-se ao número de participantes; U.T. refere-se ao número de unidades de texto.

É interessante verificar que são os participantes do grupo I que mais referem sentimentos negativos. Colocamos a seguinte hipótese: os participantes mais novos encontram-se nas duas primeiras etapas do ciclo vital (formação do casal e famílias com filhos pequenos) onde, sobretudo, na segunda, se deparam com muitas exigências em termos familiares e também profissionais; a adaptação dos elementos do casal um ao outro e à vida em comum traz consigo desafios muito específicos; a estes, acrescenta-se o facto de se encontrarem no início do seu percurso enquanto responsáveis pelos rituais familiares; à semelhança de qualquer pessoa que encarna um novo papel na vida, também os participantes mais novos têm de experimentar, errar, ensaiar, reflectir, ou seja, atravessar um processo de aprendizagem que implica uma significativa dose de desafio. Daí a maior prevalência de

¹⁷ Aqui, é notória a miscelânea de sentimentos e de emoções (cf. Damásio, 2003). Mantemos a denominação genérica de sentimentos e as respostas dadas pelos sujeitos quando confrontados com esta palavra. Em futuros estudos, poderá ser importante distinguir sentimentos e emoções, bem como o momento dos rituais a que se referem, ou seja, preparação, vivência e integração.

sentimentos negativos comparativamente com o grupo dos casais do grupo II.¹⁸ É curioso verificar que são as mulheres do grupo II que apresentam menos referências a sentimentos negativos. Tidas geralmente como guardiãs dos laços familiares (cf. Leach & Braithwaite, 1996), as mulheres desta geração são as que mais se responsabilizam pelos rituais familiares. É esperado que a sua experiência, ao longo dos anos, torne as tarefas dos rituais mais suaves e menos geradoras de stress; é também possível que os rituais, enquanto “obra que é moldada pelas suas mãos”, sejam uma fonte de sentimentos mais positivos do que negativos.

Verificamos que os participantes que apresentam uma maior frequência na categoria indiferença são os homens do grupo I. Este dado é congruente com o referido anteriormente relativamente aos significados: eram também estes participantes que menos reconheciam o carácter especial dos rituais, o que está associado a uma maior indiferença perante os mesmos.

Quanto à distribuição dos sentimentos pelos contextos familiares e culturais, parece existir uma homogeneidade razoável, ainda que os sentimentos positivos pareçam estar ligeiramente mais presentes nos contextos culturais, como se pode ver no Quadro 28. Este dado poderá estar relacionado com o carácter especial que também é mais atribuído aos rituais dos contextos culturais.

Quadro 28

Resultados da Matriz de intersecção entre Sentimentos e Contextos dos Rituais familiares

	Positivos		Negativos		Indiferença		Nostalgia	
	Part.	U.T.	Part.	U.T.	Part.	U.T.	Part.	U.T.
Contextos familiares	25	49	21	61	8	11	5	6
Contextos culturais	28	69	21	61	6	9	5	4

Nota. Part. refere-se ao número de participantes; U.T. refere-se ao número de unidades de texto.

¹⁸ Uma explicação alternativa poderá ser a prevalência de valores mais individualistas, de menor partilha e de menor espiritualidade (mais materialistas) mais consonantes com gerações mais novas. Seria interessante relacionar a elevada taxa de rupturas e divórcios com a existência de rituais e a sua valorização.

d) Papéis

Pudemos constatar, através da revisão bibliográfica, que existe uma relação entre género e rituais com raízes que se estendem para além do contexto familiar e que atravessam os vários níveis sistémicos propostos por Brofenbrenner (1977; 1979), desde o microsistema (indivíduo) até ao macrosistema (contexto cultural, social e político mais vasto). Estas diferenças, que não encontramos de forma significativa ou saliente nas funções percebidas, significados e sentimentos associados aos rituais familiares - a lembrar-nos que as diferenças entre homens e mulheres são menos do que as similaridades (Costa, 2005, Fletcher, 2002) -, emergiram, sobretudo, ao nível dos papéis que cada indivíduo desempenha no palco dos rituais. Parece ser este o território da diferença, que contrasta com os anteriores territórios onde entrevimos maior semelhança.

Bossard & Boll (1950), a partir do seu estudo qualitativo pioneiro com famílias americanas na primeira metade do século XX, referem que a posição relativa dos membros da família se encontrava cristalizada em muitos rituais familiares; estatutos, papéis e simetria/complementariedade das relações eram definidos de uma forma clara nestes eventos. Verificámos este dado no plano dos papéis que emergiram do discurso dos participantes: Líder, Ajudante e Anfitrião. A sua distribuição por sexos e grupos de tempo de casamento encontram-se nos quadros seguintes.

Quadro 29

Resultados da Matriz de intersecção entre Papéis atribuídos ao Próprio e ao Cônjuge e Cruzamento entre Sexo Masculino e Tempo de casamento (participantes)

	Próprio			Cônjuge		
	Líder	Ajudante	Anfitrião	Líder	Ajudante	Anfitrião
Homem GI	1	4	6	9	0	5
Homem GII	5	9	4	10	2	1
Total	6	13	10	19	2	6

Quadro 30

Resultados da Matriz de intersecção entre Papéis atribuídos ao Próprio e ao Cônjuge e Cruzamento entre Sexo Feminino e Tempo de casamento (participantes)

	Próprio			Cônjuge		
	Líder	Ajudante	Anfitrião	Líder	Ajudante	Anfitrião
Mulher GI	8	1	7	1	5	5
Mulher GII	10	2	4	2	9	2
Total	18	3	11	3	14	7

Apurámos que os homens se vêem a si próprios como ajudantes (sobretudo os mais velhos) e que as mulheres também vêem os seus cônjuges neste papel (sobretudo as mulheres mais velhas). Apurámos, também, que as mulheres se vêem mais como líderes (19 em 20) e que os maridos as consideram também como tal (18 em 20). A comparação do quadrante esquerdo do quadro 29 (Próprio) com o quadrante direito do quadro 30 (Cônjuge) em relação a estes resultados e vice-versa mostra a similaridade de percepções entre homens e mulheres face aos papéis de cada um nos rituais familiares. O papel de anfitrião mostrou-se mais neutro em relação ao sexo, com homens e mulheres a percepcionarem-se com elevada frequência como anfitriões. Curiosamente, cada um dos sexos se considerava anfitrião com maior frequência do que considerava o cônjuge como anfitrião.

Estes resultados eram esperados mas o facto de as diferenças de género serem tão pronunciadas, surpreenderam-nos de alguma forma. Isto porque, numa época de transição (cf. Costa, 2005), em que os discursos sobre as expectativas e papéis de género se tornam paradoxais mas, simultaneamente, mais complexos, esperávamos haver uma maior flexibilização de papéis de homens e mulheres, sobretudo nos casais mais novos. Contudo, é importante, neste caso, distinguir dois níveis, o nível do discurso e o nível das práticas. Os rituais situam-se mais no nível das práticas, mais na dimensão de “como se faz” e menos na dimensão de “como se pensa ou reflecte”. A adesão dos casais mais novos a práticas e a papéis que se assemelham aos da geração anterior pode ser compreendida de várias formas. É comum verificar que após o nascimento do

primeiro filho, os casais tendem a aproximar-se das suas famílias de origem (cf. Alarcão, 2000; Relvas, 1996) e este movimento de retorno que implica procura de apoio e de experiência para lidar com esta nova fase poderá implicar que se copiem, de alguma forma, os modelos da geração anterior. Enquanto os namorados e os casais sem filhos podem encontrar várias formas de “ser casal” aceites, inclusivamente, pelo contexto social envolvente, os casais com filhos passam a ser encarados e a perceberem-se como “família”; para se ser família, as opções poderão ainda não estar tão em aberto; a exploração de novas formas de relacionamento implicariam investimento e risco e, para os casais no início do percurso familiar, torna-se, talvez, mais fácil aderir a modelos existentes e valorizados. Contudo, não se pretende, aqui, defender que os casais novos simplesmente replicam os modelos dos casais da geração anterior relativamente aos papéis que adoptam nos rituais familiares. Os significados desses papéis podem ser diferentes e esta pode ser uma pista interessante para futuros estudos. Verificámos, por exemplo, na nossa amostra que os casais mais novos pareciam partilhar mais as tarefas domésticas no quotidiano.

3.6.1.2. Percepções da família e do casal

No início da entrevista, procurámos explorar o que denominámos sentido de identidade da família através de três questões: “Como é que é a família X?” (significados familiares), “Poderia escolher três palavras para descrever a sua família?” (descritores) e “Poderia pensar num símbolo, objecto ou imagem que possa representar a sua família?” (símbolo). Verificámos que 7 participantes, quando responderam à primeira questão, se referiram aos rituais familiares. Destes participantes, 6 eram do grupo II (3 homens e 3 mulheres) e 1 do grupo I. Este resultado é congruente com o que temos defendido ao longo desta discussão: os participantes do grupo II podem reflectir o processo histórico da família ao longo do tempo; a história da família é também a história dos rituais familiares e assim, mais naturalmente, estes são incluídos nos significados que os participantes associam à família. Nos descritores não houve referências aos rituais familiares; quando confrontados com a escolha de três palavras, os participantes tendem a escolher adjectivos que reflectem, sobretudo sentimentos (feliz, bonita, alegre, etc.) e valores (honesta, justa, etc.). Quanto aos símbolos, 4 pessoas referiram-se aos rituais. Três do grupo I (1 mulher e 2 homens) e 1 mulher do grupo II. Note-se, porém, que os

símbolos e os rituais a que se referem são diferentes nos participantes dos dois grupos. Os participantes do grupo I escolheram símbolos que se referem mais à sua relação de casal e que tem raízes em rituais relacionados com o casal. É o caso de Joel (27 anos, grupo I), que escolhe o Estádio do Salgueiros como símbolo da sua família, pois foi o sítio onde conheceu a sua mulher e ambos o consideram muito especial. É também o caso de Hugo (24 anos, grupo I) que escolhe um avião como símbolo da sua família, pois no dia do seu casamento, um amigo ofereceu um avião e fez um discurso dedicado aos noivos baseado em metáforas a partir deste objecto. Desde então, o casal colocou este objecto num lugar de destaque em casa e introduzem este símbolo nas suas conversas acerca da sua relação. Também Ana (34 anos, grupo I) escolhe a aliança de casamento como símbolo da família. Este dado é coerente com dados de Fiese et al. (1993). Estes autores apuraram que os casais mais novos, com filhos ainda bebés, expressavam uma identidade mais ligada à sua relação como casal, enquanto os casais com filhos em idade pré-escolar expressavam uma identidade mais global, a partir das relações entre os vários membros da família, incluindo as crianças. É possível que, à medida que o tempo avança, esta mudança se solidifique, como podemos entrever a partir do exemplo de Ondina (42 anos, grupo II) que nos fala de um objecto-símbolo e de um ritual que envolvia toda a família:

“O sítio, o local onde passava muito tempo era o sofá, um de nós sentado, ou eu ou o meu marido, geralmente era eu, o meu marido no chão encostado a mim e os meus filhos à volta, é essa imagem, nós passávamos horas a ver televisão, ali todos juntinhos, quando íamos à casa de banho passávamos em cima uns dos outros a afastar-nos. Essa imagem, nós falamos sempre muito isso, estamos todos na mesma casa mas estamos repartidos; cada qual no seu espaço mas ainda agora vamos para o nosso quarto e pomo-nos todos em cima da cama e estamos lá os 4. Mas na outra casa onde passámos 17 anos, eles eram pequenininhos a crescer, é o sítio, o sofá e nós ali, ou seja, um de nós sentado no sofá e os outros à volta. É essa imagem que tenho da nossa família, eu gostava muito, ainda lá está o sofázinho e depois vamos levá-lo para a casa nova, já está todo rotinho mas vamos mantê-lo.

Uma observação dos símbolos propostos pelos participantes do grupo II leva-nos a pensar que o facto de os filhos ainda pertencerem ou não ao agregado familiar, pode ter bastante importância. Ondina vive ainda com o marido e os dois filhos e fala-nos de um símbolo que envolve toda a família. Já André (77 anos, grupo II), refere um símbolo que integra a dialéctica proximidade e distância, salientando a união mas simultaneamente a observância de fronteiras entre os membros da família:

“... é como um polvo, tem a sua cabeça e os seus tentáculos, todos fazem o conjunto. O polvo é o conjunto, digamos, é a parte que eu diria, a que eu chamo a parte fulcral da família, o núcleo, o núcleo depois criou os seus braços que estão em expansão. Entretanto, há uma interligação total entre tentáculos e núcleo. Não há núcleos sem tentáculos nem tentáculos sem núcleo...podia dizer várias coisas mas essa me parece talvez a mais apropriada porque nenhum tentáculo é igual entre si e o núcleo é um núcleo mais fixo, menos transformável.”

André, 77 anos, grupo II

Pensamos que a questão relativa aos símbolos se revelou bastante pertinente, podendo ser abordada de vários pontos de vista e fornecer pistas importantes sobre as percepções da família. Esta questão tem um valor heurístico muito significativo, a nosso ver, a escolha e explicação do símbolo corresponde a uma reflexão condensada sobre a família e poderá ser útil e mais explorada em futuras investigações.

Procurámos também investigar a relação entre as características da família e a satisfação com os rituais. Como se pode ver no Quadro 31, verificámos que, em geral, percepções positivas de apoio, coesão, partilha e transmissão de valores estavam relacionadas com percepções positivas de satisfação com os rituais familiares. Inversamente e, em geral, percepções negativas de apoio, coesão, confiança transmissão de valores e presença de conflitos estavam relacionadas com percepções de insatisfação com os rituais familiares.

Quadro 31

Resultados da Matriz de intersecção entre Satisfação com os Rituais e Características da Família (unidades de texto)

	Apoio		Coesão		Partilha		Confiança		Transmissão de valores		Conflitos
	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	
PP	2	0	8	0	5	1	0	0	3	4	0
PN	1	4	2	5	0	0	0	2	1	1	5

Nota. PP refere-se a percepções positivas de satisfação com os rituais; PN refere-se a percepções negativas em relação à satisfação com os rituais.

A refere-se a Alta; B a Baixa.

Analisámos também a questão da transmissão inter-geracional dos rituais, ou seja, até que ponto os participantes percepcionavam que havia uma herança dos rituais da família de origem e uma passagem dos seus rituais para a geração seguinte. Verificámos que 15 participantes do grupo II (8 mulheres e 7 homens) e 12 participantes do grupo I (7 mulheres e cinco homens) referiram ter recebido e continuado rituais das suas famílias de origem. Por outro lado, só 4 participantes (2 homens e 2 mulheres) do grupo II referiram descontinuidade em relação aos rituais da família de origem, contrastando com os 11 participantes (6 mulheres e 5 homens) do grupo I que também o fizeram. À primeira vista, poderá parecer que este dado contradiz o que referimos em relação aos papéis adoptados nos rituais relativamente à semelhança entre estas duas gerações que compõem a nossa amostra. De facto, verificamos que 11 participantes referem descontinuidade em relação a alguns rituais das suas famílias de origem, o que parece colidir com a hipótese de que aqueles poderiam, no início das suas vidas familiares, copiar os modelos do meio familiar onde cresceram. Mas, por outro lado, há um número semelhante de participantes deste grupo mais jovem que também refere continuidade em relação aos rituais das famílias de origem. Poder-se-á, então, considerar que estes participantes retêm alguns rituais das suas famílias de origem mas descartam outros ou, então, recriam-nos para melhor se adaptarem às características da relação de casal e dos seus contextos de vida. Se pensarmos que os dois cônjuges trazem para a família dois conjuntos de heranças de rituais distintas, vemos que é imperioso que ocorra alguma descontinuidade, fruto da negociação e adaptação entre cônjuges. Este processo de

negociação e adaptação é uma das tarefas dos casais no início do ciclo de vida familiar (Alarcão, 2000; Relvas, 1996). Esta posição de jogo entre continuidade e descontinuidade poderá encaixar-se no que Wamboldt e Wolin (1989) consideraram ser uma das formas de os jovens casais lidarem com os seus mitos familiares de origem: “Processar e Lutar”. Os elementos do casal retêm aspectos dos mitos (e neste caso, dos rituais) que valorizam e que o cônjuge aceita e recusa outros aspectos, procurando em conjunto, novos mitos (e novos rituais). Este aspecto é ilustrado pelas palavras de Lourenço, (28 anos, grupo I), quando nos relatou o dia do casamento:

“Por acaso eu não queria que fosse assim, já foi uma vitória não ser na igreja, sei que os meus pais ficaram muito tristes com isso, os pais dela não, também não ligam muito a isso...sei que os meus pais ficaram muito tristes, foi no notário, eu não queria ir de fato, ela não queria ir de vestido de noiva, queríamos ir, sei lá, à hippie, uma cena diferente e também foi aquela coisa, o meu pai já sei que ele ia ficar triste, nós por ser um dia especial não queria ter ninguém chateado, mais vale ser eu do que chatear alguém (...)
Foi engraçado, o meu pai começou a chorar, e depois, pode beijar a noiva, mas essas cenas eu não curto muito, toda a gente ali à espera a olhar...depois a pala desceu, quando eu ia dar o beijo, foi mítico, está filmado, foi fixe. Ela nem era para ir de vestido de noiva, depois apareceu lá de vestido de noiva, eu já sabia, a sala ficou toda espantada, estava fixe, estava bonita, nunca a imaginei ver de vestido de noiva, não é que eu curta muito vestidos de noiva, é uma cena que custa para aí 100 contos para um dia, umas horas, é uma estupidez mas pronto, o meu fatinho dá para tudo, não é daqueles fraques manhosos... (...) GOSTOU DO SEU CASAMENTO?
Sim, curti tótil, aquela cena de um gajo ir abrir a pista a dançar é o caos, um gajo não sabe dançar, teve que ser, cantaram o apita o comboio ainda por cima...depois eles fazem todos essas m..., preferia ter posto lá um colega meu a meter música, se o meu pai me deixasse, aquilo é uma seca, aquelas músicas que eles tocam lá. Foi fixe, o tacho estava bom, nós também não temos aquela coisa de ir às mesas, estávamos lá sentadinhos, a maior parte do tempo estivemos juntos.”

Em seguida, procurámos olhar mais de perto o casal e ver de que forma as características da sua relação estavam ligadas aos diferentes contextos dos rituais familiares. Assim, nos quadros seguintes, apresentam-se as associações entre dimensões da intimidade (Partilha, Apoio emocional, Confiança, Sexualidade, Mutualidade e Amor) e os vários contextos dos rituais familiares (Jantar, Fins-de-semana, Férias, Comemorações anuais, Feriados religiosos, Tradições culturais e étnicas e Celebrações especiais). Pela primeira vez, neste trabalho, discriminámos os vários contextos que compõem os contextos familiares e culturais, o que nos permite ter uma visão de maior multiplicidade e diferenciação. Cada um dos quadros, que corresponde ao cruzamento entre cada uma das dimensões da intimidade e os vários contextos dos rituais, surge ilustrado com um excerto de entrevista.

a) Partilha

Quadro 32

Resultados do Vector de intersecção entre Partilha e Contextos dos Rituais

Familiares

	Jantar		Fins-de-semana		Férias		Comemorações anuais		Feriados religiosos		Tradições culturais		Celebrações especiais	
	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.
Partilha	12	14	12	17	9	10	7	8	3	4	2	2	10	14

Nota. P. refere-se ao número de participantes; U.T. refere-se ao número de unidades de texto.

Partilha e Jantar

“É um momento que é importante, fazemos questão de partilhar a dois, e é um momento acima de tudo em que fazemos questão de haver algum diálogo, de partilhar algumas coisas que se passaram no nosso dia a dia, é um momento demasiado curto, eu acho, é muito rápido, fugaz. Comemos rápido...mas é um momento em que conversamos, comentamos coisas da tv, deixamos a tv ligada, embora isso não iniba comentarmos outras coisas que não estejam na tv, também proporciona que se fale do que vemos. Fazemos questão de ser a dois, de partilhar o mesmo espaço.”

Iolanda, 28 anos, grupo I

b) Apoio emocional

Quadro 33

Resultados da Matriz de intersecção entre Apoio Emocional e Contextos dos Rituais Familiares

	Jantar		Fins-de-semana		Férias		Comemorações anuais		Feriados religiosos		Tradições culturais		Celebrações especiais	
	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.
Apoio	2	2	1	1	0	0	3	3	2	2	0	0	5	7

Nota. P. refere-se ao número de participantes; U.T. refere-se ao número de unidades de texto.

Apoio emocional e Celebrações especiais

“Acho que foi muito importante eu estar lá, quando eu cheguei ao local ela abraçou-se a mim, não me largou o resto do tempo todo, foi muito marcante, foi mesmo muito marcante esse momento (...) Ela adorava aquela avó, foi... acho que foi importante para a Célia ter-me lá, até porque eu não falei o dia todo, não disse não chores, chora, não lhe disse nada, simplesmente estive lá e ela fez de mim aquilo que queria, não conversámos nesse dia, acho que não é o que se quer num momento desses e acho que foi muito importante.”

Rui, 24, anos, grupo I

c) Confiança

Quadro 34

Resultados do Vector de intersecção entre Confiança e Contextos dos Rituais Familiares

	Jantar		Fins-de-semana		Férias		Comemorações anuais		Feriados religiosos		Tradições culturais		Celebrações especiais	
	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.
Confiança	1	1	2	3	1	1	2	2	2	2	0	0	2	3

Nota. P. refere-se ao número de participantes; U.T. refere-se ao número de unidades de texto.

Confiança e Celebrações especiais

É o feitiço dela e foi acontecendo, a Madalena gosta mais esta coisinha aqui, coisinha ali, musiquinha para o casamento, tatatata, eu estava completamente absorvido pelo trabalho...eu sabia também que as coisas estavam bem entregues e que ela não iria deixar nada ao acaso, de qualquer maneira mesmo que eu me desleixasse, as coisas estavam perfeitamente controladas.

Filipe, 29 anos, grupo I

d) Sexualidade

Quadro 35

Resultados do Vector de intersecção entre Sexualidade e Contextos dos Rituais

Familiares

	Jantar		Fins-de-semana		Férias		Comemorações anuais		Feriados religiosos		Tradições culturais		Celebrações especiais	
	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.
Sex.	0	0	0	0	3	6	0	0	0	0	0	0	0	0

Nota. P. refere-se ao número de participantes; U.T. refere-se ao número de unidades de texto.

Sexualidade e Férias

“As férias realmente são, havia uma coisa importante em termos de o sexo também é importante, eu lembro-me que antigamente, como portanto, agora temos uma vida mais calma devido à nossa idade, mesmo assim, posso dizer-lhe que com o dia a dia muitas vezes, as nossas relações mesmo íntimas eram, tinham sempre alguma qualidade, tinham a frequência mas não tinham a qualidade que deviam ter, nas férias tinham sempre outra qualidade. O facto de estar descansado, sobretudo para elas, para as raparigas não tem nada a ver, não digo que façam o frete pá, mas se as raparigas estiverem de férias, um dia vai casar, sabe isso muito bem, é excelente para o casal estar de férias não só na frequência das relações que tem mas na sua qualidade, há mais amor, há mais interesse, há mais

descanso, não se faz por fazer, em termos de intimidade do casal, intimidade amorosa do casal."

Miguel, 71 anos, grupo II

e) Mutualidade

Quadro 36

Resultados do Vector de intersecção entre Mutualidade e Contextos dos Rituais

Familiares

	Jantar		Fins-de-semana		Férias		Comemorações anuais		Feriados religiosos		Tradições culturais		Celebrações especiais	
	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.
Mut.	0	0	2	2	0	0	4	4	2	2	3	4	1	1

Nota. P. refere-se ao número de participantes; U.T. refere-se ao número de unidades de texto.

Mutualidade e Feriados religiosos

"Ai, acho que alimenta o nosso amor e solidifica, estamos unidos no mesmo, estamos a pensar no mesmo, estamos a trabalhar para o mesmo, acho que isso que une, que solidifica, não imagino um para cada lado, um a puxar para cada lado..."

Amélia, 50 anos, grupo II

f) Amor

Quadro 37

Resultados do Vector de intersecção entre Amor e Contextos dos Rituais Familiares

	Jantar		Fins-de-semana		Férias		Comemorações anuais		Feriados religiosos		Tradições culturais		Celebrações especiais	
	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.	P.	U.T.
Amor	0	0	0	0	0	0	2	4	1	2	0	0	0	0

Nota. P. refere-se ao número de participantes; U.T. refere-se ao número de unidades de texto.

Amor e comemorações anuais

“Quando é os meus anos, ela gosta de fazer tudo, faz uns bolos muito bons, muito especiais. Ela tem muito gosto, eu já disse que mandava fazer as coisas para ela não ter trabalho ela disse, enquanto eu puder, não. No fundo são sinais de amor, minha filha, são ou não são? As mulheres amam muito mais do que os homens, acho.”

Miguel, 71 anos, grupo II

A satisfação do casal está também ligada à satisfação com os rituais familiares. Para verificar este dado, analisámos as unidades de texto que incluíam referência a estes dois domínios. Três participantes (1 homem grupo I, 1 homem do grupo II e 1 mulher do grupo I) associaram percepções positivas de satisfação relacional positivas com percepções positivas de satisfação com os rituais familiares e 1 participante (uma mulher do grupo II) associou percepções negativas de satisfação relacional com percepções negativas de satisfação com os rituais familiares. Outros três participantes (2 mulheres do grupo I e 1 homem do grupo I) associaram percepções positivas de satisfação relacional com percepções positivas relativas à satisfação do cônjuge nos rituais familiares e 1 participante (homem, grupo I) associou percepções negativas da sua satisfação relacional com percepções negativas relativas à satisfação do cônjuge com os rituais familiares. Ou seja, quando os participantes percebiam que o seu cônjuge estava satisfeito com os rituais familiares, também se mostravam mais satisfeitos com a sua relação conjugal.

3.6.1.3. Duas Metáforas: Um novo olhar sobre os dados

Em seguida, iremos apresentar duas reflexões que os dados já apresentados e discutidos nos suscitaram. Estas reflexões baseiam-se num olhar sobre as diferenças entre grupos (homens/mulheres e casais do grupo I/casais do grupo II). Note-se que este olhar não implica que se defenda a existência de diferenças cruciais entre estes grupos, que, como aliás, pudemos ir verificando ao longo deste trabalho, apresentam, também diversos pontos em comum no território dos rituais. O que efectuámos foi lançar de novo um olhar sobre o território e realçar pormenores do seu relevo que se destacam na paisagem. A forma que encontrámos para o fazer foi o recurso a metáforas.

Concordamos, pois, em pleno, com Patton (1990), quando nos diz que as metáforas podem ser formas poderosas para transmitir resultados e muitos investigadores recorrem ao formato qualitativo. Apresentamos, deste modo, as reflexões sobre as diferenças de género “Líderes e Ajudantes” e sobre os grupos de casais “Aprendizes e Peritos”.

Líderes e Ajudantes

Como fomos verificando ao longo da exploração dos dados, as principais diferenças entre homens e mulheres quanto aos rituais familiares situam-se nos papéis que adoptam. Apurámos que mulheres e homens dos dois grupos geracionais vêem as mulheres sobretudo como líderes e os homens como ajudantes. Para perceber um pouco melhor as razões subjacentes a esta realidade, colocámos aos nossos participantes o que denominámos a questão da transgressão hipotética de papéis. Perguntámos a homens e mulheres como seriam as reacções dos elementos do casal se, um dia, o homem assumisse o papel de líder na organização de um ritual familiar (aniversário e/ou festa de Natal).¹⁹ As respostas foram mais direccionadas para a reacção das mulheres, sendo este o resultado que aqui apresentamos. Nove mulheres consideraram que a sua reacção seria positiva, 4 negativa e 6 ambivalente. Dos homens, 6 consideraram que a reacção da mulher seria positiva, 6 negativa e 7 ambivalente. Tanto homens como mulheres (e ligeiramente mais homens que mulheres) consideraram que as reacções das mulheres seriam mais negativa e ambivalentes do que positivas; estes resultados indicam que a maioria dos participantes tem a noção de que os rituais familiares são um território de não exclusividade, pelo menos de domínio das mulheres. Eis dois exemplos da percepção de uma reacção negativa por parte de Renato (31 anos, grupo II) e de Lúcia (70 anos, grupo II):

“ Impossível, não corria esse risco, deve ser doída... repare, é um risco por isto, agora vou brincar e vou ser sério ao mesmo tempo. A Ana tem muito pouco poder de encaixe nestas coisas, se eu dissesse isto, a primeira reacção dela era ficar toda contente, ai que bom, estou liberta disto, a segunda reacção era pensar, onde é que isto vai falhar porque vai falhar de certeza e a terceira reacção era quando chegasse e visse que alguma coisa tinha falhado, explodia, mandava-se aos arames e dizia que eu devia era ser tolo

¹⁹ Como esta pergunta só foi introduzida no guião após a segunda entrevista, o universo é de 38 participantes.

porque se estava com os pratos normais deviam ser os pratos do serviço e ela nesse aspecto explode facilmente. É um risco nisso, se estás a fazer isto de boa vontade, isto não quer dizer que faças asneira, não estamos a falar de um atrasado mental que está cá, agora o que podes é ter determinado tipo de conceitos e de achares porque vem cá 3 ou 4 pessoas com quem tu tens plena confiança, escusas de estar a tirar o serviço, tens os pratos do dia a dia...”

Renato, 31 anos, grupo I

“Ai que eu não fazia nada? Ai, não, não, isso era incapaz, ele está tão habituado a ter tudo prontinho. Eu ficava admiradíssima, ficava encantada, reagia lindamente, só queria ver depois o resultado, ia ser uma desgraça completa.”

Lúcia, 70 anos, grupo II

Como já referimos no primeiro capítulo, a relação entre género e rituais familiares tem raízes culturais que associaram a mulher ao universo familiar, privado e doméstico (Laird, 1988). Esta associação conduz a que sejam líderes naturais, ainda que nem sempre reconhecidas, no plano familiar, ideia bem ilustrada por Miguel (71 anos, grupo II):

“...as mulheres, como sabe, têm a parte pior deste neste negócio dos casais (risos), é sempre a parte pior (...) se pensar bem, ela é que manda na casa, as mulheres é que mandam na casa, ela é dona da casa, quando se diz é dona da casa, o homem nunca é dono da casa, a mulher é que é dona da casa, é que sabe, é que diz aquilo que se vai comer, o que é que não vai comer, que administra a casa, que faz tudo. Nós somos mandados de alguma maneira porque não queremos mandar porque é uma chatice, de alguma maneira passamos para elas a parte mais chata, temos consciência disso e tentamos ajudar nas coisas mais pequeninas, ou levar os pratos, ou levar o lixo lá fora, levar as toalhas para secar na máquina de lavar, de secar ou coisa parecida, essas trapalhadas do dia a dia, tentamos tanto quanto possível, faço com que ela não sinta tanto a responsabilidade...as mulheres,

a certa altura, assumem a responsabilidade total, esquecem de qualquer coisa, acham que a culpa é delas....”

As tarefas domésticas, tradicionalmente mais a cargo das mulheres, podem ser percebidas como formas de nutrir e cuidar dos elementos da família (Kroska, 2003). A forma como estas tarefas são percebidas por homens e mulheres é muito influenciado pelo contexto (*ibidem*). No contexto dos rituais familiares, pelos significados que contêm, sobretudo o seu carácter especial, é natural que as tarefas que lhe estão associadas sejam percebidas menos negativamente do que as mesmas tarefas repetidas no quotidiano. É também compreensível que, nestes contextos especiais e, sobretudo, nos rituais que envolvem outras pessoas como membros da família alargada, as mulheres resistam a abandonar o controlo destes eventos que tradicionalmente se colocaram mais nas suas mãos do que nas dos maridos. É também uma questão de expectativas sociais sobre a responsabilidade destes eventos. Relembramos também, que a liderança dos rituais familiares traz custos (como trabalho acrescido) mas traz também benefícios, sobretudo de cariz relacional. Quando as coisas correm bem, em termos de rituais familiares, são as mulheres as primeiras a serem valorizadas e reconhecidas. O reconhecimento de um trabalho “bem feito” nesta área pode significar que a mulher é enaltecida e valorizada não só em termos da família nuclear mas também da família alargada. Também este efeito acontece em termos de casal. Verificámos isso, sobretudo, no plano das tradições culturais e étnicas, relativamente à preparação de comidas especiais. Vários participantes homens referiram o facto de apreciarem que as suas mulheres preparassem determinadas comidas que as suas mães também confeccionavam quando estes viviam ainda juntos das suas famílias de origem. Este facto foi associado com aspectos positivos para a relação de casal, como nos relata Jaime, 68 anos, grupo II: *“Ela faz pratos que a minha mãe fazia, ela faz muitas vezes, é uma jóia, ah eu aprecio, principalmente os que eu gosto, há um pudim de bacalhau que a minha mãe fazia que a Bia aprendeu a fazer, eu chamo-lhe Bia na intimidade, ela aprendeu a fazer, vai ao forno com uma capinha por cima, uma capinha muito boa (...) Às vezes faz tipo surpresa. Faz isso para me agradar, tenho a certeza. Eu sou daqueles maridos que traz uma florzinha...ohoh.”*

Aqui, verifica-se uma transmissão de rituais “cruzada”: símbolos que faziam parte da realidade da família de origem dos maridos são perpetuados e possivelmente transmitidos à geração seguinte através das mulheres (de sogra para nora e também de cunhadas da parte da família do marido para a mulher).

Em conclusão, consideramos que homens e mulheres adoptam papéis diferentes em termos dos rituais familiares e que o modo como estes se organizam parece, de uma forma, geral, ser bem aceite por ambos. Embora este dado não nos permita caracterizar a configuração criativa que cada família constrói em termos dos seus rituais familiares, parece-nos que estamos na presença de um padrão²⁰: quer em casais mais velhos, quer em casais mais novos, as mulheres tendem a ser líderes, os homens, ajudantes.

Aprendizes e Peritos

Ao longo do nosso estudo, pudemos observar como os participantes dos casais dos diferentes grupos de tempo de casamento produziam diferentes narrativas em torno do tema dos rituais familiares. O facto de termos seleccionado grupos de casais com médias de casamento distantes (2.35 no grupo I e 33.5 anos no grupo II) conduziu-nos a casais em diferentes momentos do ciclo de vida, que se debatem com as questões próprias de cada etapa e que pertencem também a grupos geracionais distintos. A ideia desta metáfora surgiu no âmbito de uma entrevista. Hugo (24 anos, grupo I) contava-nos o modo como o casal tinha organizado o seu casamento. No seu discurso, para além de nos relatar as decisões e as tarefas que tiveram de realizar, Hugo evidenciava as suas aprendizagens, deslocando o tempo do pretérito perfeito para o presente: como se devem colocar as mesas, como lidar com os lugares dos convidados, etc.²¹ No seguimento da entrevista, Hugo contou-nos que ele a mulher, logo após o seu casamento, ajudaram um casal amigo na preparação do casamento destes:

*“Sentimo-nos bem, parecíamos já experientes (risos), até dávamos opiniões
e tudo, sentimo-nos bem. ACHA QUE PELO FACTO DE TEREM PASSADO*

²⁰ Procurámos entrevistar um casal que constituísse um caso negativo (Patton, 1990), ou seja, um casal em que o homem fosse mais líder do que a mulher, mas no âmbito dos participantes que tivemos acesso não nos foi possível. Um casal da nossa amostra apresentou, ao contrário de todos os outros, uma divisão das tarefas domésticas do tipo 50%/50%; mas neste casal, a impulsionadora e maior líder dos rituais familiares continuava a ser a mulher.

²¹ Este participante questionou mesmo a entrevistadora sobre se já tinha casado ou não e, genuína e entusiasmadamente, formulou conselhos sobre estes aspectos da organização do casamento.

PELO VOSSO CASAMENTO... Sim, quando vamos a outros casamentos não temos... podemos ter a noção mas não sabemos bem o que é que é concreto mas quando é o nosso, nós ficamos ali a entender mais, agora é assim, aquilo e aqueloutro, é diferente. Eu fiquei com uma perspectiva diferente do casamento desde que casei, dantes não tinha aquela noção mas depois de casar agora sim, agora sei.”

Esta entrevista permitiu-nos ligar a vivência dos rituais à experiência; permitiu-nos pensar que o facto de se viverem determinados rituais confere um estatuto de “insiders”, de “conhecedores” que se consolidará ao longo do percurso de vida dos participantes no contexto da família.²² A ideia com que partimos desta entrevista foi confirmada, posteriormente, no âmbito de uma discussão com outros investigadores (no Family Research Lab, Syracuse University, E.U.A), o que comprova a importância para este estudo do recurso à triangulação de investigadores. Ao apresentarmos excertos das entrevistas de um dos casais do grupo II, os investigadores comentaram sobre o grau de elaboração e de coerência narrativa do discurso dos mesmos acerca dos seus rituais familiares. Esta constatação apoiou a ideia que entretanto ganhava forma, na medida em que uma das razões para a riqueza e complexidade dos discursos destes participantes poderia ser a sua experiência concretizada ao longo de uma vida familiar repleta de momentos-rituais. Partimos, então, para uma nova investida nos dados com as lentes oferecidas por esta hipótese.

As entrevistas com os participantes do grupo II foram, em média, mais longas do que as dos participantes do grupo I. Os participantes do grupo II apresentavam uma história familiar mais longa e mais complexa, onde se entreteciam histórias de rituais familiares significativos. Também os próprios participantes mostraram interesse e vontade em contar as suas histórias; as entrevistas deste grupo denotam, em geral, níveis mais elevados de revelação. Embora não tenhamos optado por fazer uma análise narrativa aprofundada, parece-nos possível identificar uma tendência: os participantes do

²² É curioso o facto de esta noção da experiência ter surgido precisamente num casal jovem. Como refere aqui, joga-se a importância do contraste (Bateson, 1994), permitindo-nos conhecer uma cultura, uma realidade, um território (neste caso, o universo dos casais do grupo II) a partir do contraste oferecido por outro (universo dos casais do grupo I).

grupo II apresentam narrativas mais elaboradas e coerentes²³ sobre a sua família, a relação de casal e os rituais familiares. Este sentido de coerência poderá estar ligado com as fases desenvolvimentais que atravessam, em que a transmissão de valores às gerações seguintes e a integração do percurso pessoal de vida são duas tarefas de relevo (cf. Erikson, 1968). O estabelecimento de um sentido de coerência para o seu percurso de vida, reflecte-se nas narrativas que estes participantes elaboram sobre os contextos que lhes são mais próximos e ao quais dedicam a maior parte do seu investimento, o casal e a família.

Analisemos, então, algumas das características destes dois grupos em termos desenvolvimentais individuais e do contexto familiar. Os participantes do grupo I encontram-se, em termos familiares, na fase da formação do casal e das famílias com filhos pequenos. Na formação do casal, os dois elementos embarcam numa aventura que implica um processo de conhecimento mútuo que começou no tempo de namoro e que agora é revisto à luz de uma nova realidade, a de uma vida em comum. Algumas das palavras que os participantes deste grupo escolheram para descrever a sua família foram “expectativas”, “ordem, conflito e resolução”, “aprendizagem para lidar com problemas”, “adaptação”. Este período de adaptação é seguido por outro, com características diferentes com a chegada dos filhos. O quotidiano familiar é alterado, novas rotinas têm de ser estabelecidas e aos vários papéis individuais e de cônjuge, acrescenta-se um novo papel que é considerado por muitos indivíduos um dos mais importantes das suas vidas, o de pais. Algumas palavras-chave deste período são, de acordo com os participantes “transição” e incerteza”. É nestes períodos de mudança acelerada que os participantes, enquanto indivíduos e enquanto casal, começam o seu percurso de “ritualizadores” (Erikson, 1966; 1977), de responsáveis activos por manter e criar rituais que serão passados à geração seguinte. Estes participantes estão num período experimental, em que procuram “afinar” e definir os contornos da vida ritual da

²³ Aqui, derivámos a noção de coerência da proposta de Fiese e Sameroff (1999) de um esquema de codificação das narrativas familiares, o *Family Narrative Consortium*. Este esquema é composto por três elementos centrais: coerência, interacção narrativa e crenças relacionais. A coerência refere-se à forma como os indivíduos conseguem construir e organizar uma história, o que inclui: o modo como a história faz sentido, o modo como os pensamentos se organizam no discurso, a abertura a considerar pontos de vista alternativos e a congruência entre afecto e conteúdo (Fiese & Sameroff, 1999). Relembramos, contudo, que não efectuámos uma codificação das narrativas; este é apenas a base utilizada para uma apreciação geral que fizemos das entrevistas.

família. Aqui, todos os participantes se referem à gestão relações com as respectivas famílias de origem, como Renato (31 anos, grupo I):

“Vou concretizar. Nós casámos, como é que vamos fazer, Natal, como é que é, como é que não é? Primeira solução, passas a véspera de Natal com um, passas o almoço de Natal com outro, parecia mais lógica, solução esta que ficou desde logo prejudicada pelo facto da minha mulher não querer, de forma alguma, abandonar a mãe seja na véspera, seja no dia. No primeiro ano de casados, porque é que ela não há-de abandonar a mãe e eu os meus pais? Complicado... Então, solução mais lógica, nós fazemos o jantar cá em casa e vem a família. Qual é o problema? Quando estamos a falar de família estás a entrar em muitas outras famílias (...) E quando tu dizes, ora bem, se do lado da minha mulher vem a minha sogra, os meus cunhados, do lado dos meus pais vêm os meus pais, resposta da minha mãe, nem pensar, eu não vou deixar a tua avó. Então alargas o âmbito, és um gajo porreiro, venha tudo. Mas depois tens um problema grave, mesmo que viesse tudo, houve aqui partes que já não chegas lá porque a minha avó disse não vou a lado nenhum, enquanto matriarca resolve o problema, o resto do pessoal vai todo para ali e tu ficas com um problema para resolver. Ora bem, eu até fui um tipo simpático, até quis congrega toda a gente em minha casa e a verdade é que por um capricho da minha avó, seja por uma questão de idade, seja de saudade do ritual ou mania ou o que tu quiseres, isto não acontece e então acabas por ceder, passas quer a véspera, quer o dia ou parte do dia, entretanto, as coisas já estão mais assentes, com a tua sogra. Curiosamente à semelhança daquilo que o teu pai faz!”

Este período de experimentação, de afinamento reflectiu-se também no próprio discurso dos participantes. Ao longo das entrevistas, procurámos expressões que assinalassem ambivalência e paradoxo no plano dos rituais. A diferença entre os grupos é saliente: 9 mulheres e 6 homens do grupo I referiram alguma ambivalência e constatação de paradoxos em relação aos rituais e apenas 1 mulher 1 homem do grupo II o fizeram. Estes resultados indicam que os participantes do grupo II têm ideias mais definidas/estabelecidas sobre o que são os rituais e como as suas famílias os vivem comparativamente com os do grupo I que ainda buscam um fio condutor para as suas experiências neste domínio. Um exemplo desta

ambivalência é a narrativa de Lourenço sobre o seu casamento (ponto 3.6.1.2.), onde evidencia a recusa de alguns aspectos tradicionais, mas simultaneamente a sua aceitação que acontece para honrar e agradar os seus pais mas que também acaba por valorizar. Relembramos que são também os participantes do grupo I que apresentam uma maior frequência de sentimentos negativos em relação aos rituais (do qual realçamos o de obrigação) e que são os homens deste grupo apresentam mais indiferença e que menos reconhecem o carácter especial dos rituais.

Os participantes deste grupo encontram-se numa intersecção entre construção da identidade familiar e definição de si próprios nos vários papéis que lhes são confiados; ainda no início da sua vida familiar, os casais deste grupo atravessam juntos processos de aprendizagem e por isso os denominámos “aprendizes” de rituais.

Na nossa amostra, só voltamos a encontrar casais muito depois deste período inicial, na fase de famílias com filhos adultos (à excepção de um casal, com filhos adolescentes), alguns deles que já saíram de casa para formarem as suas próprias famílias. O que é que terá acontecido ao longo dos anos da vida familiar que explica as diferenças que encontramos nos casais desta fase em relação à vivência dos rituais? Trata-se de uma brecha na nossa investigação que poderá ser explorada em futuros estudos que se dediquem a uma análise das fases intermédias da família. O que é certo é que encontramos, nesta fase, casais que se revelam mais experientes e com um sentido mais complexo e coerente da experiência dos rituais nas suas famílias. Ao contrário do que se verificou no grupo I, todos os participantes deste grupo são unânimes em afirmar a importância e a valorização dos rituais familiares. Duas questões se impõem. A primeira é: estaremos perante um efeito de selecção, ou seja, será que só os casais que são resilientes ao longo tempo e que aceitam participar em estudos deste género, tendem a valorizar os rituais familiares? A segunda: será que este é um efeito de geração, será que o atribulado período de mudanças situadas no macrosistema e cronossistema das famílias (e que afectam todos os outros), implica que as famílias mais jovens sejam mais indiferentes em relação aos rituais familiares? A primeira não pode ser respondida adequadamente através deste estudo. Quanto à segunda, embora não excluindo um possível efeito geracional, consideramos que, para além das diferenças, há também semelhanças entre os casais mais novos e os mais velhos; muitos dos participantes do grupo I referiram que gostavam de ter mais tempo para os rituais familiares e antecipavam um crescimento e solidificação destes no futuro. Consideramos, pois, que são o tempo e o

percurso desenvolvimental e familiar que permitem um maior investimento, valorização e experiência em torno dos rituais familiares. Segundo Erikson (1966, 1977), uma das grandes tarefas desta fase é transmitir os rituais (assim como outros aspectos intimamente associados a estes como valores, conhecimentos, etc.) às gerações mais novas. Esta transmissão assegura a continuidade dos indivíduos e do casal enquanto “autor de uma família” ao longo do tempo, algo que os participantes do nosso estudo realçaram especialmente. É o caso de Beatriz (67 anos, grupo II) que nos conta:

“Quando fizemos 25 anos de casados fizemos uma festa muito bonita, dando muito valor ao aspecto religioso e a nossa mensagem que distribuimos a todos foi esta: temos tanta coisa que vale a pena eternizar.”

Os casais desta fase estão em posição privilegiada para realizarem esta tarefa porque as exigências da profissão começam a diminuir e a independência dos filhos também lhes permite um maior investimento na organização e realização de eventos familiares como reuniões, aniversários, festas de Natal, entre outros. É nesta fase que se encontram os guardiães dos laços familiares (Leach & Braithwaite, 1996), normalmente mulheres, que se encarregam de manter a comunicação fluida no seio da família e de promover encontros entre os seus vários membros. É curioso verificar que, para este papel, não basta a vontade pessoal de cada indivíduo, é necessário que os outros membros da família reconheçam as pessoas como tal; isso acontece mais facilmente com os participantes desta fase desenvolvimental, pois os filhos são ainda novos e encontram-se a braços com outras tarefas bastante exigentes e os pais, se ainda vivos, já estarão mais debilitados em termos de saúde, resistindo a tomar as rédeas de tarefas que exigem bastante investimento e esforço.

É importante também salientar o lado mais prático da vivência dos rituais. Estes eventos que nos têm merecido a atenção por serem verdadeiras metáfora relacionais, são também eventos muito alicerçados no quotidiano e envolvem aspectos tão pragmáticos como ir às compras, arrumar a casa, preparar refeições, fazer telefonemas, lavar a louça, lavar o carro, entre outros. Ao longo do tempo, os indivíduos ganham experiência em organizar estes aspectos mais instrumentais e fazem-nos mais facilmente; ao longo do tempo, os casais tornam-se uma equipa que sabe funcionar em conjunto. Ainda que não o façam de forma colaborativa, estabelecem-se padrões de funcionamento que se põem em acção nos momentos dos rituais familiares. Na nossa amostra, verificámos que, enquanto os casais mais

novos pedem frequentemente ajuda aos pais (normalmente, são as mulheres que pedem ajuda a irmãs e mães e, num dos casos, a uma sogra), os casais do grupo II são muito mais autónomos. Como nos relata Antónia (50 anos, grupo II):

“Nós temos muito treino, para nós é relativamente fácil fazer de repente uma festa(...) Nós temos pedalada, por isso é que as pessoas confiam muito em nós. Em Agosto, nós estivemos na quinta da minha cunhada e as nossas férias foram passadas a ajudar os outros. Fomos para a quinta da minha cunhada que teve lá o casamento da enteada e nós fomos 3, 4 fins-de-semana ajudar.”

Ana, 34 anos, grupo I, ilustra o que poderá ser a transição para uma fase de trabalho em de equipa e a importância para o casal:

“Acho que para o casal é importante fazer comemorações e celebrações porque...não sei, é mais aquela situação dos olhares da cumplicidade na realização das festas, acho que é um bocado isso, eu sinto muito isso. Ainda não chegámos àquele ponto de eu olhar para o Renato e de ele saber aquilo que eu quero mas aos poucos e poucos vai percebendo. Ficamos ambos satisfeitos quando as coisas estão a correr bem, acho que quando há alguma saída mais engraçada, acho que isso é bom.”

Em conclusão, poderemos apoiar estas ideias na formulação de Bateson (1994) sobre a aprendizagem em espiral. A aprendizagem em espiral implica um movimento, ao longo do tempo, de crescente complexidade; aquilo que se compreende parcialmente num movimento da espiral vai ser, mais tarde, revisitado e compreendido de forma mais complexa. Também os casais, ao longo do tempo, passam por várias experiências em termos de rituais familiares. Num primeiro momento, a sua compreensão nunca é tão complexa e rica como o será mais tarde, depois de uma vida repleta de rituais, de fins-de-semana, aniversários, Natais que se repetem. Cada vivência traz consigo novidade e repetição e permite uma visão cada vez mais complexa e abrangente dos momentos especiais da família. Os casais do grupo II já percorreram vários movimentos da espiral: são os peritos dos rituais familiares.

3.6.2. Rituais de casal

“...a história da ponte de D. Luís, sempre que passamos na ponte de D. Luís, temos a mania de dar um beijo um ao outro mesmo quando um está a conduzir (...) São iguais e diferentes (os rituais), diferentes porque de certeza que mais ninguém, de certeza, quer dizer, posso estar enganado mas não deve haver muitas pessoas a darem beijos na ponte da Arrábida, iguais porque são rituais como outro casal qualquer deve ter rituais, se calhar nós damos um beijo na ponte da Arrábida e se calhar há um casal qualquer que puxa as orelhinhas um ao outro sempre que passa na torre dos Clérigos, não sei (risos), acho que são iguais e diferentes. Lembro-me perfeitamente de um dia a Célia me ter dito, no dia que passarmos pela ponte e ambos nos lembrarmos disso, do beijo e não o dermos, é porque a coisa está mal, a coisa está preta.”

Rui, 24 anos, grupo I

O que são rituais de casal? Serão os aniversários de casamento, as saídas no dia dos namorados, a celebração do dia em que o casal se conheceu? Ou serão beijos na ponte, sextas ao Domingo, mudanças feitas com a mão esquerda porque o marido pousa a mão na perna da mulher ou histórias que lhe conta para adormecer? Ao entrar no mundo dos rituais de casal, tivemos a sensação de entrar numa espécie de mundo encantado, em que os casais partilharam aspectos privados da sua relação por vezes nunca antes revelados; também o facto de os investigadores ainda, surpreendentemente, não se terem debruçado de uma forma sistemática e aprofundada sobre os rituais de casal contribuiu para esta sensação. Os rituais de casal, já alertámos no primeiro capítulo, são um território que pede mapas. No âmbito deste trabalho, mais dedicado aos rituais familiares, apenas dedicámos uma pergunta da entrevista aos rituais do casal mas mantivemos uma postura de abertura sempre que este tema emergia nos discursos dos participantes. Esta breve incursão não nos permitiu construir um mapa, mas apenas, notas e apontamentos com valor heurístico que, a nosso ver, poderão ser úteis a futuras investigações. Assim, elaborámos uma classificação dos rituais de casal encontrados e centrámos a nossa

análise nas funções destes rituais para o casal e nos sentimentos que os participantes lhes associavam.

A classificação dos rituais de casal encontra-se sistematizada nos Quadros 38 e 39 com os vários exemplos fornecidos pelos participantes dos dois grupos da nossa amostra.

²⁴ Demarcamo-nos da proposta de Bruess e Pearson (1997) que considerámos indiciar alguma confusão conceptual (por exemplo, misturando funções dos rituais com contextos) e sobreposição de categorias, e apresentamos uma proposta simplificada que emergiu dos dados das entrevistas. Na nossa classificação, incluímos dois eixos: o eixo contextual/temporal e o eixo do grau de idiossincrasia.

O primeiro eixo distingue os rituais de casal que acontecem em datas especiais, os rituais de casal que se inscrevem no quotidiano e, por último, os rituais que ocorrem de forma ocasional e/ou sazonal. Os primeiros rituais desenvolvem-se em torno de datas importantes para o casal e acontecem em dias e tempos específicos; os rituais que se inscrevem no quotidiano são rituais que o casal construiu em torno do seu ritmo e hábitos de vida e acontecem de forma relativamente frequente (por exemplo, o beijo de manhã e à noite depois do regresso a casa); os rituais ocasionais ou sazonais ocorrem sempre que há um estímulo exterior que os invoque, quando o casal decide fazê-lo ou quando se está em “época” propícia à sua realização. Um exemplo de um ritual ocasional que acontece por causa de um estímulo exterior é o beijo na ponte referido na citação que abre este tema. Um exemplo de um ritual sazonal é o passeio na praia ao fim do dia que um casal realiza só no tempo de férias, no Verão.

O segundo eixo, que denominámos grau de idiossincrasia, distingue os rituais mais comuns, que vários casais relatam ou que são referidos com pouco pormenor dos rituais que são mais singulares e que os participantes descrevem em detalhe e que assim se tornam característicos de um casal em particular.

²⁴ Optámos por não contabilizar frequências, apenas exemplos que, mesmo que tenham sido referidos por vários participantes, só mencionámos uma vez.

Quadro 38

Classificação dos Rituais de Casal: Grupo I

	Celebração de Datas	Quotidiano	Ocasionais
Comuns	Aniversário de casamento	Domingo, nosso dia	Passeio na praia ao fim do dia (Férias)
	Dia em que se conheceram	Pequeno-almoço juntos (Fins-de-semana)	Passeio na praia ocasionalmente
	Dia da Mulher (o marido traz flores)	Dizer “bom apetite” antes da refeição	Férias na terra Natal do marido
	Dia em que tiveram a primeira relação sexual	Ida às compras	Ida ao cinema
		Dão um beijo quando chegam a casa	
		Rezam antes das refeições	
		Sábado à noite, “noite romântica”	
	Sesta de Domingo à tarde		
	Lêem o jornal juntos ao Domingo		
Idiossincráticos	No aniversário de casamento, almoçam no mesmo sítio onde se realizou a cerimónia	Jogar sudoku à noite na cama	Dão um beijo sempre que passam na ponte onde iniciaram a sua relação
	No aniversário de casamento fazem mini-férias	Marido dá 3 beijos de manhã à mulher grávida de gémeos	Concursos de cozinha
	Coroa de flores (recolhiam uma flor por cada mês de namoro até ao casamento)	À noite, dão um beijo e dizem frases como “love you pumpkin” e “love you bunny” (do filme Pulp Fiction)	O marido compra os livros do Harry Potter à mulher assim que estes estão no mercado
		O marido conta histórias à mulher para ela adormecer	Escrevem postais um ao outro
		A mulher corta o cabelo ao marido mensalmente e divertem-se sempre muito	

Quadro 39**Classificação dos Rituais de Casal: Grupo II**

	Celebração de Datas	Quotidiano	Ocasionais
Comuns	Aniversário de casamento	Vão juntos à missa	Passeio à beira-mar
	Dia dos Namorados (o marido oferece flores)	Beijos de manhã e à noite	Retiro espiritual do casal uma vez por ano
	Dia em que se conheceram	Lêem o jornal juntos ao Domingo	Dormem a sesta juntos no Verão no campo
		Fazem orações diárias juntos	
Idiossincráticos		Pequeno-almoço na cama aos fins-de-semana	
		Saídas a dois aos fins-de-semana	
	Pedem que lhes tirem uma fotografia no dia de aniversário de casamento	A mulher prepara bolachas e leite quando o marido chega tarde dos ensaios do grupo coral	Varanda de férias (conversam os dois e olham as estrelas)
		Enviam mensagens de texto durante o dia	De Inverno, nos fins-de-semana, o casal fica em casa de pijama e não atende o telefone ou recebe ninguém
	De manhã, é o marido que beija a mulher, à noite é o contrário	Cartas de amor em ocasiões especiais	Sempre que o marido vai caçar com os filhos, apanha a primeira flor que encontra no campo e leva para a mulher
			Dançam juntos em casa
			O marido faz surpresas como oferecer flores
			A mulher prepara comidas favoritas do marido e esconde-as

Esta classificação, que emergiu dos dados das entrevistas parece-nos útil, ainda que seja necessário verificar se se pode aplicar noutros contextos. Em particular, o segundo eixo pode revelar-se mais ambíguo, já que o grau de idiossincrasia do contexto (do tipo de dados e do tipo de amostra a que se recorre) e depende também, mais do que o outro eixo, da decisão subjectiva dos investigadores.

Quanto às funções que os participantes atribuem aos rituais de casal, estas são semelhantes às que encontramos para os rituais familiares, ainda que se revistam de contornos diferentes porque o sub-sistema de referência é o casal e não a família como um todo. As duas funções principais percebidas por participantes de ambos os sexos, de ambos os grupos geracionais são União e Afecto. Os rituais de casal são vistos como oportunidades para os elementos do casal terem tempo para estarem juntos e que, simultaneamente, promovem a partilha e a expressão de afectos. Vários casais referiram a importância destes momentos para a manutenção do amor na relação, como nos diz Elisa (68 anos, grupo II):

“Vai reforçar, é o que digo, vai sempre renovar, não deixar as coisas adormecerem, não é? Se as pessoas não festejam, se as pessoas não vão lembrar-se do que passou... tudo isto ajuda a renovar e a manter, como o meu marido diz, a manter o amor fresco, eu acho que isto é importante para nós.”

Os participantes referiram-se também às funções de Construção da identidade e Distração. Tal com os rituais familiares para as famílias, também os rituais de casal contribuem para a elaboração da identidade do casal e para proporcionar momentos em que os cônjuges podem relaxar e sair da rotina. Em relação à construção da identidade do casal, Rui (24 anos, grupo I), chama a estes rituais os “ganchos” que identificam o casal e “tiques” da relação que demonstram a singularidade daquele casal.

A propósito dos rituais mais específicos de cada casal, foi várias vezes referida a questão da cumplicidade, da partilha de códigos e símbolos secretos que só o casal conhece, sinais evidentes de intimidade (cf. Schnarch, 2001). A existência de uma realidade conjugal única e provada parece promover a valorização da relação, a ideia de

que a sua relação é “especial”. Poderemos, então, considerar que estes rituais de casal são mecanismos que simultaneamente promovem e reflectem a satisfação do casal.

Surgiu também uma outra função, diferente das encontradas para os rituais familiares: Regulação relacional. Alguns rituais de casal, sobretudo os que promovem tempo em comum são encarados como contextos óptimos para a reflexão sobre aspectos da própria relação, como nos diz Marcos (24 anos, grupo I):

“É o cinema, o facto de estar num local que é diferente e que me posso abstrair de tudo o resto, e agora com a Maria é melhor porque posso partilhar com ela esses momentos, não é só o cinema em si, é o antes, é o durante, o depois, gosto de comer fora, falamos, partilhamos coisas, enquanto aqui em casa, temos de lavar a louça e não sei quê, quando estamos fora, falamos de nós”

Quando os casais preservam estes momentos em que reflectem, discutem e pensam a sua relação, poder-se-á dizer que estão abertos ao crescimento que as relações conjugais implicam (cf. Costa, 2005). Assim, embora a presença destes rituais e desta capacidade não sejam uma garantia de intimidade por si só, parecem ser elementos que a podem promover no contexto relacional.

Em suma, os rituais do casal parecem ser metáforas da identidade dos casais que constituem uma das suas “forças” enquanto sistema relacional (cf. Doherty, 2000). Os casais que constroem e perpetuam rituais que os identificam são casais que valorizam a sua relação e que apostam na mesma. O investimento nos rituais pode ser olhado a partir do seu grau de idiosincrasia. A nosso ver, os rituais específicos e idiosincráticos poderão ser um forte indicador de grande investimento na relação. Os casais que os criam consideram-nos exclusivos, ou seja, “rituais muito seus” que dificilmente poderão ser repetidos por outros. É como se o poder do significado fosse só partilhado pelos dois elementos do casal que, assim, detêm algo inacessível aos outros. Talvez por isto, os rituais mais idiosincráticos foram encontrados, sobretudo, nos casais do grupo I ainda sem filhos e nos casais do grupo II que viviam sozinhos após a saída dos filhos adultos. São os dois pontos da espiral temporal que se parecem tocar. É nestas fases que o casal tem mais oportunidades de estar mais próximo e de investir na sua relação (Alarcão, 2000; DeFrank-Lynch, 1986 in Narciso, 2001; Relvas, 1996) e, conseqüentemente, de

investir na criação e manutenção de rituais de casal. Como refere Daly (2001), quando os casais têm “falta de tempo”, tendem a sacrificar o tempo só do casal em prol da manutenção de tempo passado com os vários elementos da família, um processo que poderá ocorrer nas fases intermédias em que os filhos e a carreira requerem maior atenção.

Parece-nos, também, ainda que estejamos no plano hipotético, que serão os casais mais satisfeitos que mantêm estes rituais mais idiossincráticos. À medida que o tempo passa, se o casal entrar na rota da insatisfação, é possível que os rituais de casal se tornem progressivamente desprovidos de significado, chegando eventualmente a tornar-se “rituais vazios”²⁵ (Roberts, 1988). Nesse processo, é possível que os rituais idiossincráticos, comparativamente com os de cariz mais comum sejam os primeiros a ser abandonados porque exigem maior investimento e porque reflectem e reevocam sentimentos que se começam a questionar.

Outro dado relevante em relação aos rituais de casal é que, contrariamente ao que verificámos nos rituais familiares, não encontrámos diferentes papéis de género. Este dado é bastante interessante: os mesmos participantes que assumiram as mulheres como líderes e os homens como ajudantes nos rituais familiares não delimitam quaisquer papéis nos rituais de casal. Curiosamente, verificámos, nesta amostra, que são mais os homens do que as mulheres, a iniciar e a responsabilizar-se pelos rituais de casal mais idiossincráticos. As mulheres, por outro lado, parecem mais atentas aos rituais que se referem às datas importantes, o que pode ser explicado devido ao facto de os rituais associados a datas serem os que apresentam fronteiras mais próximas (e por vezes, difusas) dos rituais familiares. Os aniversários de casamento são, muitas vezes, extensíveis à família e amigos e os aniversários de namoro e a comemoração do Dia dos namorados, ainda que sejam vividos a dois, são mais visíveis, esperados e, eventualmente, comentados com outras pessoas. São os rituais de casal que o contexto social envolvente mais reconhece e sobre os quais poderá exercer alguma influência; o que já não se verifica nos rituais de casal do quotidiano e ocasionais, sobretudo, nos mais idiossincráticos. Esta ideia parece-nos ter sido confirmada por um único caso negativo (cf. Patton, 1990) que encontrámos. É o caso de António (57 anos, grupo II)

²⁵ A nosso ver, se os rituais de tornam vazios é porque sofreram mutações e perda de significado simbólico e serão já “não-rituais”.

que fez uma surpresa à mulher numa data especial e que se confrontou com a sua reacção negativa inesperada.

“Vou-lhe contar uma pequena história em que eu fiquei profundamente triste. Salvo erro, foi há 3 anos, no dia dos Namorados, eu tive o gosto e a vontade de oferecer um bonito ramo de rosas à minha mulher e se bem o pensei, bem o fiz. Fui à florista e disse, quero 24 rosas num ramo para oferecer à minha mulher, aquilo custou-me muito dinheiro, efectivamente foi muito caro, na altura parece que foi 4 euros cada rosa. Mas eu... o dinheiro para mim não me importou, o que me importava a mim era o acto que eu queria presentear a minha mulher com aquele ramo de rosas no dia dos Namorados. Pronto, cheguei a casa, pus o ramo de rosas no nosso quarto, a Amélia quando chegou (suspiro), explodiu, quer dizer, em vez de me ter feito um elogio, digamos assim, não estou à espera de elogios, enfim de me fazer uma carícia, disse: para é que tu foste gastar tanto dinheiro? Gastaste uma fortuna, o que eles querem é isto... Isto foi como quem me deitou um balde de gelo pela espinha abaixo porque não tive sequer uma palavra de compreensão e, antes pelo contrário, fui criticado por ter gasto, quer dizer, a mim ninguém me lá chamou para ir lá comprar as rosas em primeiro lugar, ninguém me chamou, fui eu que entrei na loja e pedi. Pois, mas elas valem-se...mas não interessa, foi aquilo que eu senti e aquilo que eu senti, isso não há dinheiro nenhum que pague. Mas a partir de hoje nunca mais lhe ofereço uma flor.”

Parece-nos o exemplo de uma violação de expectativas que teve consequências negativas para a relação de casal: António supunha que agradaria a Amélia pelo assinalar desta data e a reacção negativa da sua mulher foi algo que não pôde aceitar e que o casal (verificámos, ao longo da entrevista) não conseguiu integrar de forma construtiva na sua história relacional.

Em conclusão, parece-nos que os rituais de casal (tal como os rituais familiares para a família) podem ser janelas para o casal (cf. Wolin & Bennet, 1984). Os dados deste estudo parecem indicar que estes rituais partilham muitos aspectos dos rituais familiares, nomeadamente, as funções que desempenham nos respectivos contextos; por

outro lado, não se podem simplesmente considerar réplicas dos rituais familiares aplicados ao casal já que, por exemplo, as diferenças de género aí encontradas não se revestiram de qualquer significado nos rituais de casal. Ao nível relacional do casal e no plano dos rituais, mais longe da influência dos contextos sociais e culturais envolventes e da interferência de outros membros da família, homens e mulheres revelam uma maior similaridade.

Síntese

Neste capítulo, apresentamos o segundo estudo empírico de cariz qualitativo. Num primeiro momento, problematizámos os principais temas e desafios do universo da investigação qualitativa, com o objectivo de ilustrar o contexto que deu forma ao estudo desenvolvido. Posteriormente, apresentámos o modelo que serviu de base à conceptualização e operacionalização deste estudo, a *Grounded Theory* que nos incentivou, entre outros aspectos, a manter um diálogo constante e activo entre recolha e análise de dados e elaboração teórica. O método de recolha de dados seleccionado, a entrevista, foi também reflectido nas suas características peculiares, das quais salientamos o facto de ser uma “porta de entrada” para o discurso dos participantes e para o seu mundo de significados. Em seguida, referimos os aspectos principais relacionados com a amostra do estudo, composta por 20 casais (40 participantes entrevistados individualmente) divididos em dois grandes grupos: o grupo I, composto por casais com tempos de casamento entre 6 meses até 5 anos e o grupo II com casais com 18 até 47 anos de casamento.

Guiados pelas questões de investigação, passámos a expor conjuntamente os resultados e a sua discussão. Com base nas percepções dos participantes deste estudo identificámos várias funções dos rituais familiares para as famílias. Agrupámos estas funções em cinco categorias *união*, *afecto*, *construção da identidade* (as três que considerámos nucleares) e ainda *distracção* e *celebração*; os rituais familiares também foram referidos como cumprindo funções para o casal, das quais destacamos a *união*, o *afecto* e a *distracção*. Em termos dos significados atribuídos aos rituais familiares, explorámos especificamente os seis mais frequentes: *trabalho*, *especial*, *fé*, *reflexo de identidade* e *ausência/presença*. Pudemos também constatar que os rituais familiares eram associados a uma panóplia de sentimentos de cariz positivo e negativo. Relativamente aos papéis nos rituais familiares, identificámos três: *líder*, *ajudante* e *anfitrião*, sendo o primeiro mais frequente nas mulheres, o segundo nos homens e não se registando diferenças em relação ao terceiro. Relativamente a estes quatro elementos, discutimos as diferenças e similaridades entre contextos familiares e contextos culturais.

Pudemos também verificar que percepções positivas da família como apoio, coesão, partilha e transmissão de valores estavam relacionadas com percepções positivas de satisfação com os rituais familiares. Também ao nível do casal pudemos

apurar as ligações entre rituais familiares e dimensões da intimidade do casal (partilha, apoio emocional, confiança, sexualidade, mutualidade e amor), das quais se salientou a partilha.

As nossas análises permitiram-nos um olhar sobre as diferenças entre homens e mulheres e entre grupos de casais com diferentes tempos de casamento, estas últimas mais significativas. A principal diferença entre homens e mulheres foi a relativa à distribuição de papéis, que reflectimos sob a denominação “Líderes e Ajudantes”. Entre os dois grupos de casais encontraram-se diferenças diversas que explorámos a partir do título “Aprendizes e Peritos”.

Por último, identificámos vários rituais de casal e as principais funções que os cônjuges lhes atribuíam (união e afecto e ainda regulação emocional). Propusemos uma classificação destes rituais a partir de dois eixos: o eixo contextual/temporal e eixo da idiosincrasia. Reflectimos sobre as similaridades e diferenças entre estes rituais e os rituais familiares, destacando a sua relevância para a satisfação e intimidade ao nível da vida conjugal.

CONCLUSÕES

É este o momento em que se reflectem conjuntamente o processo de investigação e os principais resultados. Em termos narrativos, é um momento único em todo o trabalho; implica um certo distanciamento (ou a sua tentativa) do investigador do seu produto para lançar um novo olhar sobre o mesmo, que inclui, simultaneamente, uma síntese e um processo de oriação de novos significados.

Rebelo (2002) compara este momento do trabalho a um fim de viagem. Partindo desta metáfora que encerra múltiplos significados, considerámos que concluir e sintetizar o percurso corresponde ao momento de fazer as malas depois de uma viagem longa no tempo. É o momento de “abrir gavetas”, “espreitar os cantos e debaixo da cama”, de procurar e reunir “coisas”, que no mundo do investigador serão dados, pensamentos, reflexões. É também o momento de fazer uma espécie de retrospectão do período da viagem, lembrando tudo o que se perdeu, tudo o que se deitou fora, tudo o mais que foi recolhido ou, até, oferecido. Por vezes, e este é o caso, é também um momento de escolhas. Os “limites de bagagem” implicam que se decida o que é realmente imprescindível; assim, a elaboração das conclusões implica a escolha e a apresentação do essencial da investigação.

Propusemos, como finalidade deste trabalho, compreender os rituais familiares e a rede de significados que encerram para indivíduos e casais no contexto da família e contribuir para o desenvolvimento da investigação, da teorização e da intervenção psicoterapêutica. Começámos por desenvolver os dois primeiros aspectos, reflectindo sobre os resultados e algumas implicações teóricas, o que nos remete também para o lançamento de pistas para futuras investigações. No seguimento destas reflexões, apresentamos ainda o que consideramos serem as principais limitações ou fragilidades do presente estudo. Concluímos com propostas para a avaliação/ intervenção no âmbito psicoterapêutico.

No início do trabalho, partimos de uma metáfora-guia que assumia os rituais familiares como tema-astro e a vinculação amorosa, qualidade relacional e proximidade como temas-planeta. Foi esta conceptualização que nos conduziu à organização da revisão da literatura em três momentos: o primeiro, de exploração aprofundada dos rituais familiares (incluindo a busca das raízes do seu estudo científico, os principais contributos históricos e os elementos teóricos que se destacam na actualidade); o segundo, de abordagem dos outros temas e sua relação com o primeiro; o terceiro, de

expedição com o casal ao longo do ciclo de vida familiar, em que se integraram os vários temas da nossa proposta teórica. Este momento, particularmente, constituiu uma inovação na área dos rituais familiares: Fiese (2006a) já havia proposto uma abordagem dos rituais tomando como referência o ciclo de vida, mas foi a primeira vez que esta se elaborou a partir da perspectiva do sub-sistema conjugal.

Ao longo da revisão da literatura, encontram-se já indícios da arquitectura dos dois estudos empíricos subsequentes. São as “brechas” (cf. Morin, 1996) da investigação e das formulações teóricas que encontramos e que promoveram o questionamento e convidaram à realização de novos estudos que pudessem preencher esses “intervalos de conhecimento” ainda vazios. Comprovámos a parca existência de dados sobre o modo como o casal organiza, vive e sente os rituais familiares, no fundo, como é que estes eventos da vida familiar se articulam com a relação conjugal. Reflectimos que o estudo específico desta relação (vida de casal/vida ritual da família) adquire, na actualidade, uma relevância especial. Com efeito, uma das características das famílias ocidentais dos dias de hoje é o foco nos laços afectivos e no apoio emocional como aspectos essenciais da vida familiar. Em especial, os casais exigem amor, apoio, amizade e intimidade nas suas relações e lutam para manter esta concentração de afecto como condição para a conjugalidade (Pryor, 2006). Os rituais familiares, enquanto reguladores de afecto nas famílias (Fiese, 2006b) e fontes de força, significado e de estabilidade (Newell, 1999; Pryor, 2006; Roberts, 1988) parecem-nos, sem dúvida, janelas úteis para a compreensão dos casais e das famílias do séc. XXI.

Com bases nestas premissas, desenhámos dois estudos empíricos que, com “linguagens” distintas que caracterizam as metodologias quantitativas e qualitativas, nos permitiram responder a diferentes interrogações. Alicerçámos estes dois estudos no paradigma das epistemologias construtivistas (Le Moigne, 1995). A ingressão no terreno de investigação permitiu-nos verificar, com Santos (1987), que as reflexões epistemológicas se encontram bem mais avançadas do que a prática de investigação. A concepção de complexidade sistémica abrangente que preconizámos inicialmente tornou-se um objectivo por vezes difícil, quando confrontado com os constrangimentos da prática, nomeadamente, de técnicas que nos obrigavam a reduzir os dados a parcelas (onde nem sempre se reconhecia o todo). Combatendo esta fragilidade, procurámos enveredar por caminhos de investigação que nos pareceram os mais adequados para

cumprir os objectivos iniciais, nomeadamente, através da escolha de modelos de análise de dados como os Modelos de Equações Estruturais (no primeiro estudo de cariz quantitativo) e a *Grounded Theory* (no segundo estudo de cariz qualitativo). Os primeiros permitiram-nos analisar os resultados ao nível do casal, ou seja, analisar as influências inter-cônjuges e assim perceber algumas dinâmicas do próprio casal. O segundo modelo incentivou a um processo indutivo de formulação teórica a partir dos dados, o que proporcionou um autêntico diálogo entre teoria e prática. Neste âmbito, a opção pela entrevista como método de recolha de dados foi de extrema importância. Através deste método pudemos concretizar efectivamente um dos nossos objectivos sistémicos propostos na introdução: reconhecer e validar a competência das famílias, através da escuta dos elementos do casal enquanto seus “porta-vozes”.

Integração dos resultados da investigação

Os dois estudos foram, por razões de cariz metodológico, apresentados e discutidos separadamente. É chegado o momento da integração: em seguida, reflectimos de forma conjunta os seus resultados.

Como forma de organizar a reflexão articulada dos dois estudos, partimos dos resultados do estudo quantitativo como base, complementando-os com dados do estudo qualitativo.

Assim, verificámos, no âmbito do primeiro estudo, que níveis inferiores na dimensão evitamento foram associados com percepções de maior investimento nos rituais familiares. Embora não tivesse sido possível avaliar a vinculação amorosa através da entrevista no segundo estudo de cariz qualitativo, este permitiu-nos compreender este dado de forma mais aprofundada. Verificámos que duas das principais funções que os participantes atribuíam aos rituais eram a união e o afecto entre os vários elementos da família e também entre o casal. Conferimos também que as pessoas não ficam indiferentes aos rituais familiares; estes eventos são coloridos emocionalmente como comprovámos através da sua associação a diversos sentimentos positivos e negativos. Neste sentido, é compreensível que indivíduos com níveis mais elevados na dimensão do evitamento não invistam e não valorizem tanto estes momentos familiares em que há o confronto com emoções e sentimentos e em que se torna necessário, muitas vezes, gerir aspectos relacionais entre o casal. De facto, pudemos aprimorar a ideia, ao

longo do estudo qualitativo, que o casal realmente constitui uma equipa nas tarefas dos rituais familiares. Quando a relação entre os dois elementos do casal se caracteriza por níveis mais elevados de evitamento é natural que tal se reflecta numa maior fragmentação e desvalorização de eventos tão carregados emocionalmente como os rituais. Assim, a dimensão do evitamento foi identificada como um dos preditores dos rituais familiares. Parece-nos importante que a investigação possa encontrar outros factores preditores para além do evitamento que nos permitam compreender o que leva os casais e família a construir e a investir nos rituais familiares.

* Outro resultado do primeiro estudo mostrou que percepções de maior investimento nos rituais familiares estavam associadas com percepções mais positivas de qualidade relacional e de proximidade. Isto verificou-se, sobretudo, quando eram as mulheres a perceberem maior investimento nos rituais familiares. O estudo qualitativo permitiu confirmar que os indivíduos consideravam que os rituais familiares cumpriam funções importantes não só para as famílias como um todo mas também para o casal. De acordo com os nossos participantes, os rituais familiares promoviam a união e o afecto entre os elementos do casal, além de se constituírem também como momentos de distração, momentos fora do tempo quotidiano que se destacavam pelas suas características especiais. O facto de os elementos do casal partilharem alguns significados dos rituais familiares (como por exemplo, a fé, o facto de os rituais serem um reflexo da identidade familiar e de se revestirem de um carácter especial) poderá ser também uma das razões que os leva a reforçarem a sua ligação. Esta partilha de significados poderá ser uma das razões através das quais os rituais familiares promovem zonas de *inter-subjectividade*, cada vez mais importantes à medida que as fontes de significado exteriores à família sofrem um processo de erosão (cf. Pryor, 2006). Os rituais familiares parecem, desta forma, constituir oportunidades óptimas para o casal reforçar o seu sentido de equipa que estará também associado ao um sentido de autoria conjunta. O casal, através da sua função ritualizadora, está unido num processo de criação que se desenvolve ao longo do tempo: criação de rituais e, no caso de existirem filhos, criação de uma nova geração de ritualizadores. Estas tarefas de criação são revisitadas nos momentos dos rituais familiares que se repetem ao longo do ciclo de vida da família e contribuem, então, para a construção e reforço de um sentido do “nós” para o casal. É natural que, em consequência destes processos, se reforcem as

percepções positivas de qualidade relacional e proximidade. Pensamos, contudo, que em casais com níveis mais elevados de evitamento e de insatisfação, os rituais familiares não produzam efeitos tão positivos, podendo até, em alguns casos, realçar o afastamento dos seus elementos (o que terá de ser investigado em futuros estudos). Assim, estaríamos na presença de um efeito hi-direccional entre rituais familiares e qualidade relacional e proximidade. Os nossos estudos olharam, sobretudo a forma como os rituais familiares poderiam conduzir a efeitos positivos na relação de casal. Novos estudos são necessários para averiguar se o efeito contrário, que é plausível, se confirma e se a sua dimensão é também significativa. Estudos longitudinais poderão esclarecer melhor a natureza da direcção desta associação que já se começa a ganhar consistência no mundo científico (Fiese et al., 1993; Fiese & Tomcho, 2001).

Este dado complexifica-se por incluir diferenças de género. São as percepções de investimento nos rituais familiares das mulheres que parecem impulsionar os resultados positivos para a relação de casal, percebidos quer por homens, quer por mulheres. O estudo qualitativo forneceu-nos algumas pistas interpretativas para este dado. Verificámos que, salvo pequenas excepções, homens e mulheres não diferiam muito em termos do modo como percebiam os rituais familiares, mais especificamente, nas funções percebidas, nos significados e nos sentimentos. As diferenças entre grupos geracionais eram, aliás, em geral, mais notórias do que as diferenças entre homens e mulheres. Mas encontrámos uma excepção bastante significativa ao nível dos papéis adoptados no âmbito dos rituais familiares: nos dois grupos geracionais, e de uma forma geral, mulheres e homens atribuíam o papel de líder às mulheres e o papel de ajudante aos homens. O papel de anfitrião, curiosamente, não revelou diferenças de género, o que nos remete de novo para as similaridades, ou seja, tanto homens como mulheres desempenham o papel de “receber” e “acolher” família alargada e outros elementos exteriores à família nuclear. Para além da diferença nos papéis de líderes e ajudantes, verificámos que, tanto homens como mulheres, pareciam satisfeitos com esta divisão. Assim, esta satisfação ao nível dos papéis traduzir-se-á também na satisfação conjugal e na proximidade do casal; o facto de as mulheres investirem nos rituais familiares é considerado positivo por ambos os membros do casal.

Um dado que nos causou surpresa no primeiro estudo foi termos verificado que, quanto mais os maridos investiam nos rituais familiares, menos as mulheres se sentiam

satisfeitas e próximas na relação conjugal. As razões apontadas para este dado na discussão dos resultados quantitativos confirmaram-se no estudo qualitativo: as mulheres consideram que os rituais familiares são um território muito “seu” e não estão dispostas a abdicar da sua posição; alia-se a este facto a constatação de que, quando os homens têm mais expectativas e quando decidem interferir mais nos rituais familiares, grande parte do trabalho e responsabilidade recai (ou as mulheres assumem que recairá) sobre as mulheres. Assim, as mulheres parecem preferir ser elas próprias a gerir a direcção destes eventos; consideramos que, tal como verificaram Fiese e Tomcho (2001), as mulheres poderão apreciar que os maridos invistam nos rituais familiares, desde que, acrescentamos nós, tal não ameace a configuração de papéis preferida, ou seja, desde que estes se mantenham como ajudantes. Contudo, como este foi o primeiro estudo que obteve tão marcadas diferenças de género, não podemos deixar de questionar se os mesmos resultados se encontrariam noutros tipos de amostra em outros contextos sociais e culturais. Também verificámos que quando as mulheres eram mais seguras em termos de vinculação amorosa, o grau de similaridade do casal nos rituais era maior. Será que mulheres mais seguras tenderão a promover uma maior participação dos maridos nos rituais familiares, ou pelo menos, uma maior similaridade em termos das percepções de importância dos mesmos? Este dado que não pôde ser aprofundado com o estudo qualitativo, parece-nos muito curioso e uma base para futuras investigações que examinem mais aprofundadamente a relação entre vinculação amorosa e significados e investimento conjugais nos rituais familiares.

Por último, verificámos, no estudo de cariz quantitativo, que era sobretudo nos contextos familiares que todos estes resultados eram mais significativos. Também, no âmbito do estudo de cariz qualitativo, vimos que os rituais dos contextos familiares, mais do que os rituais dos contextos culturais, pareciam cumprir as funções de união, afecto e distracção para a família. Quando avaliadas as funções dos rituais para o casal, também se verificou que eram os rituais dos contextos familiares os principais responsáveis pelas mesmas. A divisão de papéis em líder e ajudante era também mais visível nos contextos familiares do que nos culturais. Assim, parece que é, sobretudo, no âmbito destes contextos que se joga a relação entre as variáveis ligadas à relação conjugal. As razões para este facto parecem ser duas: a primeira remete-nos para a frequência, a segunda para a privacidade destes eventos. Estes eventos são mais

frequentes do que os rituais dos contextos culturais e, por isso, é natural que interfiram mais nas vivências relacionais dos elementos do casal. Complementarmente, os rituais dos contextos familiares apresentam um carácter mais íntimo e privado do que os rituais dos contextos culturais. São rituais orquestrados, sobretudo, pela família de forma mais livre do que os rituais dos contextos culturais; estes podem envolver outras pessoas exteriores para além dos habituais membros da família nuclear e são, deste modo, eventos mais formalizados a partir do exterior. O impacto que estes rituais têm na relação conjugal parece ser menor devido ao seu distanciamento do que é o funcionamento mais habitual da família. Contudo, o seu carácter especial e a sua repetição na memória dos indivíduos torna-os momentos com um cunho muito especial e não se deverá subestimar o impacto, por exemplo, das celebrações especiais como casamentos e funerais nas percepções da relação de casal. Talvez aqui possa ser importante, em futuros estudos, distinguir entre os vários cenários que compõem os rituais dos contextos culturais: feriados religiosos, tradições culturais e étnicas e celebrações especiais.

Para além de nos permitir aprofundar algumas questões suscitadas pelo primeiro estudo, o segundo estudo qualitativo trouxe também elementos de novidade. Este estudo permitiu-nos observar as diferenças entre participantes e casais de idades e tempos de casamento distintos. A análise destas diferenças levou-nos a um cruzamento entre aspectos desenvolvimentais e eco-sistémicos; a conjugação da análise das diferentes tarefas de ritualização inerentes às fases de desenvolvimento dos participantes com a análise das características do casal na família em diferentes fases do ciclo vital tornou-se a chave para a compreensão das perspectivas de casais aprendizes e peritos no domínio dos rituais familiares. Pensamos que esta conjugação nos remeteu para níveis de complexidade que enriqueceram o olhar sobre o fenómeno em estudo e considerámos que pode ser uma ferramenta de valor heurístico importante para novos estudos. Seria também interessante observar como se processa esta metamorfose ou evolução dos casais desde aprendizes até se tornarem peritos. Suspeitamos aliás, que esta metáfora não pode representar a diversidade de casais e das formas como lidam com as tarefas dos rituais ao longo da vida. Provavelmente, nem todos os casais se tornarão peritos; a trajectória que desenhamos será apenas uma das múltiplas possíveis.

No âmbito do estudo qualitativo, explorámos ainda, de forma breve, o território dos rituais de casal. Nesta amostra, pudemos testemunhar a existência deste tipo de rituais na vida dos casais, bem como a importância que lhes era atribuída por ambos os elementos da díade. Pensamos que estes rituais são extremamente relevantes para a satisfação e intimidade conjugais. Verificámos que, ao contrário do que sucedia no plano dos rituais familiares, nestes rituais não existiam papéis diferenciados, não havia líderes ou ajudantes. Assim, se confirmou a peculiaridade deste tipo de rituais; estes não se poderão considerar réplicas dos rituais familiares pois parecem demarcar-se destes em aspectos tão importantes como a ausência de diferenças de género.

Construímos para os rituais de casal uma classificação a partir de dois eixos (o eixo contextual/temporal e o eixo do grau de idiossincrasia) que considerámos mais simples e clara do que a anterior classificação proposta por Bruess e Pearson (1997). Esta classificação poderá ser utilizada em novos estudos que, no plano dos rituais de casal, se tornam cada vez mais urgentes. Considerámos que um importante passo nesta área seria a construção de um instrumento de avaliação dos rituais de casal que permitisse a aliança entre este domínio e os estudos de cariz quantitativo e a consequente possibilidade de análises estatísticas das suas relações com outras variáveis.

Em suma, estes estudos tornaram possível, simultaneamente, integrar novos dados no universo do conhecimento sobre os rituais familiares e, em menor escala, sobre os rituais de casal e ainda levantar muitas outras questões. Através destes estudos, foi possível ilustrar como as interações inerentes aos rituais familiares desempenham um papel importante no desenvolvimento da família e nos elos que ligam este processo à relação de casal.

Fragilidades e limites da investigação

Este trabalho apresenta, a nosso ver, diversas “forças”, das quais salientamos a união de dois estudos que privilegiam metodologias diferentes e o seu carácter inovador. Complementarmente, estas forças vêm acompanhadas de algumas fragilidades ou limitações inerentes ao processo de construção de conhecimento científico. É chegado o momento de, como nos convida Morin (1996), marcar a “brecha” ou algumas das “brechas” do presente trabalho.

Em primeiro lugar, a nossa metáfora-guia, que considerámos útil para organizar a conceptualização e apresentação do nosso trabalho, encerra em si uma limitação. O facto de, assumidamente, termos considerado os rituais familiares como tema principal do nosso trabalho, retirou, de certa forma, a “luz própria” dos outros temas, transformados, aqui, em planetas girando em torno do tema-astro. Esta opção permitiu-nos explorar um tema relativamente recente no plano de investigação português e até internacional, o que se revelou positivo mas teve um custo relativamente ao aprofundamento dos outros temas; assim, consideramos que próximos estudos poderão complementar este através de uma dedicação mais equitativa aos diversos fenómenos em estudo.

Em segundo lugar, e especificamente no âmbito do primeiro estudo empírico, pensamos que os instrumentos de mensuração das variáveis não corresponderam totalmente às expectativas. A nosso ver, isto deve-se a um processo de contínuo afunilamento que, por vezes, fragmenta demasiado o objecto de estudo: os temas traduzem-se em variáveis de investigação que, por sua vez, são avaliadas de acordo com instrumentos específicos, neste caso, questionários. Os questionários utilizados, como já referimos no quarto capítulo, nem sempre se revelaram capazes de abarcar a complexidade dos temas que nos propusemos estudar. Mais especificamente, no campo da avaliação dos rituais, consideramos a importância de um instrumento que pudesse avaliar, para além das percepções do investimento familiar, as percepções concretas de investimento individual e também a necessidade de construção de um instrumento capaz de examinar os rituais do casal.

Em terceiro lugar, e relativamente ao segundo estudo empírico, achamos que este poderia ter sido alvo de maior desenvolvimento das análises. Não é raro que, em estudos deste género, a grande quantidade de informação contida nas entrevistas não possa ser tratada num primeiro olhar sobre os dados, tal como se verificou neste contexto. Assim, consideramos que as análises que efectuámos neste âmbito são, sobretudo, análises de carácter parcial e preliminar por dois motivos: seleccionámos alguns dados que nos pareceram mais relevantes e adoptámos como unidades de estudo os participantes. Idealmente, teríamos prolongado o diálogo com os dados e teríamos incidido sobre a sua totalidade em busca de um conhecimento mais global, refinado e complexo; teríamos completado as análises dos participantes com análises

emparelhadas relativas ao casal. Sem que isso constitua propriamente uma limitação do nosso estudo, gostaríamos de ter tido a oportunidade de ter entrevistado, para além dos elementos do casal separadamente, o casal em conjunto. É uma sugestão para futuros estudos que se desenvolvam na área da conjugalidade e/ou dos rituais, sobretudo, estudos que possam incidir sobre o processo de co-construção de narrativas com díades conjugais.

Por fim, outra limitação deste trabalho, de uma forma transversal, é não ter podido formular uma proposta que clarificasse, em termos dos instrumentos de avaliação, a fronteira entre os rituais dos contextos familiares e dos contextos culturais. A nossa preocupação com esta distinção denotou-se já na revisão da literatura quando propusemos a conceptualização de três *continua* para caracterizar os rituais: Agenda Cultural - Agenda Familiar; Comunidade - Família Nuclear e Regulação Externa - Regulação Interna. Também nos estudos empíricos ressalvamos essa distinção e encontrámos, por vezes, resultados diferentes para os dois contextos. Contudo, sabemos as famílias são criativas e diferentes entre si e o mesmo ritual familiar, por exemplo, o Natal, pode ser vivido de forma mais familiar e privada ou ser vivido com uma forte componente comunitária e cultural. Assim, embora, por exemplo, o Natal seja considerado no Questionário dos Rituais Familiares um feriado religioso (e, como tal, situa-se nos contextos culturais), pudemos verificar, através das entrevistas, que muitos participantes o terão considerado uma comemoração anual (o que, no âmbito do mesmo instrumento, se situa nos contextos familiares). Por um lado, sabemos que estes rituais têm aspectos comuns e transversais - afinal, são ambos rituais familiares -, ou seja, enquanto partes contêm em si o todo. Por outro lado, ficámos a saber, também com estes estudos, que estes contextos apresentam características diferentes que futuras investigações não poderão desvalorizar. Os *continua* propostos parecem-nos poder captar os principais eixos da distinção entre estes dois contextos, mas como traduzi-los em questionários de avaliação? É uma questão-desafio para futuros investigadores e teóricos na área.

Trilhos de intervenção

Reflectidos os contributos deste trabalho para a investigação e teoria na área da conjugalidade e dos rituais familiares, é tempo, agora, de pensar o que o mesmo poderá oferecer ao campo da intervenção psicoterapêutica.

Estê é mais um trabalho que comprova a importância dos rituais familiares para o sistema familiar e um dos primeiros que apura também a sua relevância para a relação conjugal. Os rituais têm funções como a união, o afecto, a construção de identidade, a distração e a celebração, algumas destas funções centrais à vida das famílias. Complementarmente, têm efeitos benéficos na qualidade relacional e na proximidade entre os cônjuges. Estes dados genéricos parecem-nos motivos suficientes para a valorização dos rituais familiares no contexto de intervenção com indivíduos, casais e famílias. Como nos diz Imber-Black (1988), o terapeuta sensível a estas questões poderá optar por “escutar” a família com o “ouvido sintonizado” para os rituais familiares. Os resultados deste trabalho permitem-nos lançar algumas pistas específicas para a avaliação e intervenção na vida ritual da família¹, sobretudo, a partir do casal:

- É importante explorar o modo como o casal trabalha ou não em “equipa” nestes eventos, podendo-se avaliar, especificamente:

- a) se os dois cônjuges estão de acordo e satisfeitos quanto à divisão de papéis;

- b) se ambos atribuem importância aos rituais ou se, pelo contrário, um ou ambos consideram os rituais vazios de significados ou, ainda, se existem significados de conflito (por exemplo, a fé, ou a ausência/presença de determinada pessoa, entre outros);

- c) se existe um acordo quanto à integração das respectivas família de origem nos momentos dos rituais familiares;

- É necessário adequar a intervenção às características das fases desenvolvimentais dos indivíduos em termos de ritualização, bem como, ao momento do ciclo de vida que a família (ou os indivíduos e os casais que a compõem) atravessa. Assim, para casais mais novos (“aprendizes de rituais”):

¹ A expressão “vida ritual da família” foi emergindo ao longo deste trabalho. A princípio, foi usada por motivos de expressão linguística; à medida que o trabalho foi avançando, consideramos que poderia ser um conceito ou uma noção úteis para a área de estudos dos rituais familiares. Assim, consideramos que a vida ritual da família poderá ser a forma como as famílias vivem, sentem e atribuem significado ao conjunto dos seus rituais familiares.

a) pode ser útil explorar a forma como estes casais estabelecem os alicerces da vida ritual da família e como se encontram a gerir esse processo de construção, por vezes aliado a incerteza, stress e visões conflituais dos elementos da díade conjugal

b) tendo em conta que os homens mais novos parecem ser o grupo mais propício a desvalorizar e ser mais indiferente aos rituais familiares, é necessário avaliar se o casal está ou não a construir uma visão partilhada sobre os rituais familiares e compreender de que forma isso poderá afectar a relação conjugal

No caso dos casais mais velhos (“peritos em rituais”):

a) pode ser importante avaliar percepções de satisfação/insatisfação no momento actual e explorar o processo histórico de construção dos rituais familiares daquele casal e família, nomeadamente, através de episódios críticos que os cônjuges tenham guardado na memória e que tenham, de alguma forma, ajudado a definir a sua visão actual;

b) no caso de casais satisfeitos com esta área da vida familiar, poderá ser importante reconhecer e valorizar o seu sentido de autoria partilhada; no caso de casais insatisfeitos, poderá ser importante rever o percurso do casal, nesta e em outras áreas, e colaborar na construção de uma narrativa conjugal mais adaptativa, participada e flexível.

Relativamente aos rituais de casal, parece-nos extremamente importante incluir esta área, sobretudo na terapia com o casal. Os eixos que apresentámos para a sua classificação podem ser uma pista de avaliação. O casal envolve-se em rituais apenas nas datas importantes ou também em ocasiões esporádicas planeadas e no quotidiano? (eixo contextual/temporal) Como é que o casal descreve os seus rituais de casal? Em pormenor, detendo-se nos detalhes que os tornam especiais e únicos ou oferecendo apenas uma descrição geral, eventualmente até, estereotipada? Qual o investimento que o casal faz em rituais idiossincráticos? (eixo do grau de idiossincrasia).

Reconhecendo que os rituais de casal parecem ser, simultaneamente, sinais e motores de intimidade e satisfação, é importante avaliá-los e promover o investimento do casal nestes “ganchos”² que identificam a relação e a tornam, aos olhos dos elementos do casal, especial e única. Verificámos ainda que, com o nascimento dos filhos, os rituais de casal, sobretudo os que exigem maior investimento por parte dos

² Expressão criada por Rui, 24 anos, grupo I, Entrevistas.

cônjuges, tendem a diminuir. Este período, bem como outros que envolvam a canalização de energia e esforço para outras áreas da vida dos indivíduos podem ser considerados como mais críticos para a sobrevivência dos rituais de casal. Parece-nos que os rituais familiares, talvez por envolverem a família como um todo e por terem um lado mais público o visível, são mais resistentes aos períodos de stress na família e também no próprio casal; os rituais de casal, por seu lado, são mais como os “*canários na mina*”³, ou seja, parecem ser mais facilmente negligenciados quando as exigências familiares e profissionais aumentam para níveis em que se torna difícil a conciliação. Também, em períodos de maior insatisfação do casal, serão, sobretudo, os rituais de casal, os primeiros a sofrerem alterações que reflectem, em espelho, a dinâmica relacional.

Em suma, parece-nos importante que o reconhecimento dos benefícios dos rituais seja progressivamente transmitido aos indivíduos, casais e famílias. Esta consciencialização deverá sair da porta do gabinete de consulta e das páginas dos artigos científicos e chegar até ao público em geral. Como referem Fiese e colegas (2002; Fiese, 2006b) é importante que as próprias políticas que interferem na vida familiar reconheçam esta importância e permitam às famílias a manutenção de alguns destes momentos que, aliados a outros aspectos, podem promover a sua coesão e sustentar a rede dos seus afectos e significados. Como fomos demonstrando ao longo deste trabalho, acreditamos que as famílias e, mais especificamente, os casais, enfrentam hoje desafios específicos sob o signo da ansiedade e incerteza sobre o que é ser uma família, e o que é ser um casal no seio de um contexto familiar. Os rituais parecem ser fontes de força e de resiliência familiar, permitindo a criação de um nicho de significados, uma micro-cultura que é simultaneamente única daquele grupo e que o liga às outras famílias e comunidades (Pryor, 2006). Assim, é importante apostar na construção dos rituais familiares, cientes, porém de que não existem fórmulas mágicas para tal tarefa. Esta não cabe ao investigador ou ao terapeuta directamente (que, quando muito, poderão ser facilitadores do processo), mas sim a cada família e a cada casal em

³ Esta expressão surgiu de Helen Gremillion que a partilhou com David Epston (cf. Maisel, Epston e Borden, 2005) e tem sido utilizada por este autor para caracterizar a fragilidade das anorécticas (canários) num contexto social envolvente de certa forma hostil (mina). Quando os mineiros queriam averiguar as condições de toxicidade do ambiente subterrâneo da mina, aí soltavam canários, pássaros frágeis. Se os canários morressem, era considerado um sinal de que a mina começava a ficar demasiadamente tóxica. Esta metáfora é aqui utilizada para salientar como em condições adversas, existem sempre “canários” que sofrem primeiro as suas consequências.

particular. São eles os principais autores da sua história e arquitectos do seu futuro e, um última instância, os mais habilitados para criar magia (e teoria) em torno dos seus universos relacionais.

Closing time - time for you to go back to the places you will be from...

Closing time - every new beginning comes from some other beginning's end...

Semisonic, 1998

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acitteli, L. K., Rogers, S., & Knee, C. R. (1999). The role of identity in the link between relationship satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships*, *16*, 591-618.
- Adams, J. M., & Jones, W. H. (1997). The conceptualization of marital commitment: An integrative analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, *72*, 1177-1196.
- Agnew, C. R., Living, T. J., Le, B., & Goodfriend, W. (2004). Thinking close: Measuring relational closeness as perceived self-other inclusion. In Mashek, D. J., & Aron, A. (Eds), *Handbook of Closeness and Intimacy* (pp.103-115). New Jersey & London: Lawrence Erlbaum.
- Ainsworth, M. S. S., Blehar, M. C., Waters, E. and Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Alarcão, M. (2000). *(Des) Equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Aron, A. Aron, E. & Smollan, D. (1992). Inclusion of Other in the Self Scale and the structure of interpersonal closeness. *Journal of Personality and Social Psychology*, *63*, 596-612.
- Aron, A. P., Mashek, D. J., & Aron, E. N. (2004). Closeness as including other in self. In Mashek, D. J., & Aron, A. (Eds), *Handbook of Closeness and Intimacy* (pp.27-41). New Jersey & London: Lawrence Erlbaum.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Personality Assessment*, *55*, 521-536.
- Bartholomew, K. & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A

test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244.

Bartholomew, K. & Shaver, P. R. (1998). Methods of assessing adult attachment: Do they converge? In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 25-45). New York: Guilford Press.

X Bartley, S. J., Blanton, P. W. & Gilliard, J.L. (2005). Husbands and wives in dual-earner marriages: Decision-making, gender role attitudes, division of household labor, and equity. *Marriage & Family Review*, 37, 69-94.

? Bateson, G. (2002). *Mind and Nature – A Necessary Unit*. New Jersey: Hampton Press.

? X Bateson, M. C. (1994). *Peripheral visions: Learning along the way*. New York: HarperCollins.

Bateson, M. C. (2004). *Willing to learn: Passages of Personal Discovery*. Hanover, New Hampshire: Steerforth Press.

X Baxter, L. A., & Clark, C. L. (1996). Perceptions of family communication patterns and the enactment of family rituals. *Western Journal of Communication*, 60, 903-911.

X Bennett, L. A., Wolin, S. & McAvity, K. J. (1988). Family identity, ritual and myth: A cultural perspective on life cycle transitions. In Falicov, C. (Ed.), *Family transitions: Continuity and change over the life cycle* (pp.211-234). New York: The Guilford Press.

Bennett, L. A., Wolin, S. J., Reiss, D., & Teitlebaum, M. A.(1987). Couples at risk for transmission of alcoholism: Protective influences. *Family Process*, 26, 111-129.

Bentler, P. M., & Wu, E. J. C. (1995). *EQS for Windows user's guide*. Encino, CA: Multivariate Software, Inc.

Berscheid, E., Snyder & Omoto, A. M. (1989). The Relationships Closeness Inventory: Assessing the closeness of interpersonal relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 792-807.

+ Berscheid, E., Snyder & Omoto, A. M. (2004). Measuring Closeness: The Relationship Closeness (RCI) Revisited. In Mashek, D. J., & Aron, A. (Eds), *Handbook of Closeness and Intimacy* (pp.81-101). New Jersey & London: Lawrence Erlbaum.

X Black, L. (2003). Rituals for bicultural couples and families. In Imber-Black, E., Roberts, J. & Whiting, R. (Eds.), *Rituals in Families and Family Therapy* (146-157). New York: Norton.

Bogdan, R.C. & Biklen, S. K. (1992). *Qualitative Research for Education*. Boston: Allyn and Bacon.

X Bossard, J. H. S. & Boll, E. S. (1950). *Ritual in family living: A contemporary study*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol 1. Attachment*. New York: Basic Books.

Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol 2. Separation: Anxiety and anger..* New York: Basic Books.

Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. New York: Basic Books.

Bowlby, J. (1998). *Apego e Perda: Vol.3. Perda, tristeza e depressão*. São Paulo: Martins Fontes.

- X Boyce, W. T., Jensen, E. W., James, S. A., & Peacock, J. L. (1983). The Family Routines Inventory: Theoretical origins. *Social Science and Medicine*, 17, 193-200.
- Boyes, A. (2006). *Meta-awareness of bias in intimate relationships*. Unpublished doctoral dissertation. University of Canterbury, New Zealand.
- Bradbury, T. N. (1998). *The development course of marital dysfunction*. New York: Cambridge University Press.
- X Braithwaite, D. O. & Baxter, L. (1995). "I do" again: The relational dialectics of renewing marriage vows. *Journal of Social and Personal Relationships*, 12, 177-198.
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult romantic attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford Press.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775.
- Brofenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32, 513-531.
- Brofenbrenner, U. (1979). Contexts of child rearing: Problems and Prospects. *American Psychologist*, 34, 844-850.
- Brofenbrenner, U., & Ceci, S. J. (1994). Nature-Nurture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model. *Psychological Review*, 101, 568-586.

Brofenbrenner, U., & Evans, G. W. (2000). G. W. Developmental Science in the 21st Century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, 9, 115-125.

X Bruess, C. J. & Pearson, J. C. (1997). Interpersonal rituals in marriage and adult friendship. *Communication Monographs*, 64, 25-46.

Bruner, J. (1997). *Actos de Significado –Para uma Psicologia Cultural*. Lisboa: Edições 70.

Caffery, T. & Erdman, P. (2003). Attachment and family systems theories: Implications for family therapists. *Journal of Systemic Therapies*, 22, 3-15.

Caillé, P., (1991). *Un et un font trois: Le couple révélé à lui-même*. Paris: ESF.

Campbell, L., Simpson, J. A., Boldry, J. & Kashy, D. (2005). Perceptions of conflict and support in romantic relationships: The role of attachment anxiety. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88, 510-531.

Campos, M. P. (1998). Vinculação e identidade em jovens universitários. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

X Cheal, D. (1988). The ritualization of family ties. *American Behavioral Scientist*, 31, 632-643.

Collins, N. L. & Feeney, B. C. (2004). An attachment theory perspective on closeness and intimacy. In In Mashek, D. J., & Aron, A. (Eds), *Handbook of Closeness and Intimacy* (pp.163-187). New Jersey & London: Lawrence Erlbaum.

Collins, N. L. & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.

X Compañ, E., Moreno, J., Ruiz, M. T., & Pascual, E. (2002). Doing things together: Adolescent health and family rituals. *Journal of Epidemiology and Community Health*, 56, 89-94.

Costa, M. E. (1994). *Intervenção psicológica em transições familiares: Divórcio, monoparentalidade e recasamento*. Porto: Edições Asa.

Costa, M. E. (1996). A intimidade à procura de um terapeuta. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 5-11.

Costa, M. E. (1999). *Novos Encontros de Amor*. Porto: Edinter.

Costa, M. E. (2000). O desenvolvimento da intimidade. *Provas de Agregação*, (não publicado). Faculdade de Psicologia e de ciências da Educação da Universidade do Porto

Costa, M. E. (2005). *À procura da intimidade*. Porto: Asa Editores.

Cowan, P. A. (1997). Beyond meta-analysis: A plea for a family systems view of attachment. *Child Development*, 68, 601-603.

Creswell, J. (1998). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five traditions*. Thousands Oaks: Sage Publications.

Daly, K. (1992). The fit between qualitative research and characteristics of families. In Gilgun, J. Daly, K. & Handel, G. (Eds.), *Qualitative Methods in Family Research* (pp.22-39). Newbury Park CA: Sage.

- Daly, K. J. (2001). Deconstructing family time: From ideology to lived experience. *Journal of Marriage and Family*, 63, 283-294.
- Damásio, A. (2003). *Ao encontro de Espinosa: As emoções sociais e a neurologia do sentir*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Davila, J. (2003). Attachment processes in couple therapy: Informing behavioral models. In Johnson, S. M. & Whiffen, V. E. (Eds.), *Attachment processes in couple and family therapy* (pp.124-143). New York: Guilford Press.
- Davila, J., Karney, B. R. & Bradbury, T. N. (1999). Attachment change processes in the early years of marriage. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.
- Denzin, N. & Lincoln, Y. (1994). Entering the field of qualitative research. In N. K. Denzin & Y..S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp.1-34). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Dey, I. (1993). *Qualitative data analysis: A user-friendly guide for social scientists*. London: Routledge.
- Dickstein, S. (2004). Marital attachment and family functioning: use of narrative methodology. In Pratt, M. & Fiese, B. (Eds.), *Family stories and the life course: across time and generations* (pp.213-234). New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Dilalla, L. F. (2000). Structural equation modeling: Uses and issues. In Tinsley, H. E. A. & Brown, S. D. (Eds.), *Handbook of applied multivariate statistics and mathematical modeling* (pp. 439-464). San Diego, CA: Academic Press.
- Dixon, J. & Wetherell, M. (2004). On discourse and dirty nappies: Gender, the division of household labour and the social psychology of distributive justice. *Theory & Psychology*, 14, 167-189.

Doherty, W. (2000). *Intentional marriage: Your rituals will set you free*. Fourth Annual smart Marriages Conference (comunicação). Denver, Colorado.

Duarte, C. (2005). *Percepções de conflito e violência conjugal*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Dye, J. F., Schatz, I. M., Rosenberg, B. A., & Coleman, S. T. (2000, January). Constant comparison method: A kaleidoscope of data. *The Qualitative Report* [On-line serial], 4. Disponível: <http://www.nova.edu/ssss/OR/OR3-4/dye.html>

Erikson, E. (1966). Ontogeny of ritualization in man. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London, Series B, Biological Sciences*, 251, 337-349.

Erikson, Erik (1977). *Toys and Reasons – Stages in the Ritualization of Experience*. New York: Norton.

Falicov, C. (1988). Family sociology and family therapy contributions to the family development framework: A comparative analysis and thoughts on future trends. In Falicov, C. (Ed.), *Family transitions: Continuity and change over the life cycle* (pp.3-51). New York: The Guilford Press.

Faulkner, R., Klock, K. & Gale, J. (2002). Qualitative research in family therapy: Publication trends from 1980 to 1999. *Journal of Marital and Family Therapy*, 28, 69-74.

Fernandes, L. (1998). *O Sítio das Drogas*. Lisboa: Editorial Notícias.

Fiese, B. H. (1992). Dimensions of family rituals across two generations: Relation to adolescent identity. *Family Process*, 31, 151-162.

Fiese, B. H. (2006a). *Family routines and rituals*. Yale University Press.

Fiese, B. H. (2006b). Who took my hot sauce? Regulating emotion in the context of family routines and rituals. In Snyder, D. K., Simpson, J. A. & Hughes, J. N. (Eds.), *Emotion regulation in families* (pp. 269-290). Washington DC: American Psychological Association.

Fiese, B. H., Hooker, K. A., Kotary, L. & Schwagler, J. (1993). Family rituals in the early stages of parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 57, 633-642.

Fiese, B. H., & Kline, C.A. (1993). Development of the Family Ritual Questionnaire: Initial reliability and validation studies. *Journal of Family Psychology*, 6, 1-10.

Fiese, B. H., & Marjinsky, K. A. T. (1999). Dinnertime stories: Connecting relationship beliefs and child behavior. In B. H. Fiese, A. J. Sameroff, H. D. Grotevant, F. S. Wamboldt, S. Dickstein, & D. Fravel (Eds.), *The stories that families tell: Narrative coherence, narrative interaction, and relationship beliefs*. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 64 (2, Serial No. 257), 52-68. Malden, MA: Blackwell.

Fiese, B. H., & Pratt, M. W. (2004). Metaphors and meanings of family stories: Integrating life course and systems perspectives on narrative. In Pratt, M. & Fiese, B. (Eds.), *Family stories and the life course: Across time and generations*. New Jersey: Lawrence Erlbaum.

Fiese, B., & Sameroff, A. (1999). The family narrative consortium: A multidimensional approach to narratives. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 64, 1-36.

Fiese, B. H., & Tomcho, T. J. (2001). Finding meaning in religious practices: The relation between religious holiday rituals and marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 15, 597-609.

Fiese, B. H., Tomcho, T. J., Douglas, M., Josephs, K., Poltrock, S. & Baker, T. (2002). A review of 50 years of research on naturally occurring family routines and rituals: Cause for celebration? *Journal of Family Psychology*, 16, 381-390.

Fletcher, G. J. O. (2002). *The new science of intimate relationships*. Oxford: Blackwell Publishers.

Fletcher, G. J. O., Simpson, J. A., and Thomas, G. (2000). The measurement of Perceived Relationship Quality Components: A confirmatory factor analytic approach. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26, 340-354.

Flick, U. (2002). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.

Fowler, O. (1875). *Sexual science; Including manhood, womanhood, and their mutual interrelations; Love, its laws, power etc.* National Publishing.

Fraley, R. C. (2004). A brief overview of adult attachment theory and research. [Versão electrónica]. Disponível: <http://www.psych.uiuc.edu/~rcfraley/attachment.htm>

Fraley, R. C., Davis, K. E. & Shaver, P. R. (1998). Dismissing-avoidance and the defensive organization of emotion, cognition, and behaviour. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 249-279). New York: Guilford Press.

Fraley, R. C., Waller, N. G. & Brennan, K. A. (2000). An item response theory analysis of self-report measures of adult-attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78, 350-365.

Friesen, M. D., Fletcher, G. J.O. & Overall, N. C. (2005). A dyadic assessment of forgiveness in intimate relationships. *Personal Relationships*, 12, 61-77.

Geertz, C. (1973). *The Interpretation of Cultures Cultures: Selected Essays*. New York: Basic Books.

Glenn, N. D. (1998). The course of marital success and failure in five american 10-year marriage cohorts. *Journal of Marriage and the Family*, 60, 569-576.

Gonçalves. M. M. & Cunha, C. (2006). Re-autoria, imaginação e mudança. *Psychologica*, 41, 151-167.

Goody, J. (1977). Against Ritual. In Moore, S. F. & Myerhoff, B. G. (Eds.), *Secular ritual* (pp. 25-35). Assen /Amsterdam: Van Gorcum. X

Gottman, J. M., Driver, J. & Tabares, A. (2002). Building the sound marital house: An empirically derived couple therapy. In Gurman, A. S & Jacobson, N. S. (Eds.), *Clinical Handbook of Couple Therapy* (pp. 373-397). New York: Guilford Press.

Gottman, J. M. & Silver, N. (2001). *Os 7 princípios do casamento*. Cascais: Pergaminho.

Grimes, R. (1982). *Beginnings in Ritual Studies*. Lanham, MD: University Press of America. 7

Guba, E. (Ed.) (1990). *The paradigm dialog*. Newbury Park: Sage Publications.

Guba, E. & Lincoln, Y. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y..S. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (pp.105-117). Thousand Oaks: Sage Publications.

Guidano, V. (1987). *Complexity of the self – a developmental approach to psychotathology and therapy*. New York: The Guilford Press.

Gilgun, J. Daly, K. & Handel, G. (Eds.) (1992). *Qualitative methods in family research*. Newbury Park CA: Sage.

Gilgun, J. (1992). Definitions, methodologies, and methods in qualitative family research. In Gilgun, J. Daly, K. & Handel, G. (Eds.), *Qualitative methods in family research* (pp. 22-39). Newbury Park CA: Sage.

X Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L. & Black, W. C. (1998). *Multivariate data analysis*. New Jersey: Prentice-Hall. EST/MAT HAI * MUL OK

Harré, R. & Gillet, G. (1999). *A mente discursiva: Os avanços na ciência cognitiva*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualised as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.

Hazan, C. & Zeifman, D. (1999). Pair bonds as attachments: Evaluating the evidence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 336-354). New York: Guilford Press.

Hoffman, L. (1990). Constructing realities: An art of lenses. *Family Process*, 9, 1-12.

X Howe, G. W. (2002). Integrating family routines and rituals with other family research paradigms: Comment on the special section. *Journal of Family Psychology*, 16, 437-440. OK

Hoyle, R. H. (2000). Confirmatory factor analyses. In Tinsley, H. E. A. & Brown, S. D. (Eds.), *Handbook of applied multivariate statistics and mathematical modeling*. (pp.465-497). San Diego, CA: Academic Press.

Huxley, J. (Ed.). (1966a). A discussion on ritualization of behaviour in animals and man. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London, Series B*, 251. London: Royal Society. X?

Huxley, J. (1966b). Ritualization of behaviour in animals and man. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London, Series B, Biological Sciences*, 251, 249-271.

Imber-Black, E. (1988). Ritual themes in families and family therapy. In Imber-Black, E., Roberts, J. & Whiting, R. (Eds.), *Rituals in Families and Family Therapy* (pp.47-83). New York: Norton. / X

Imber-Black, E., & Roberts, J. (1993). *Rituals for our times*. New York: HarperPerennial. X

Imber-Black, E., Roberts, J. & Whiting, R. (Eds.) (1988). *Rituals in Families and Family Therapy*. New York: Norton. (D) X K

Janesick, V. (1994). The dance of qualitative research design: Metaphor, methodolatry, and meaning. In N. K. Denzin & Y..S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp.209-212). Thousand Oaks: Sage Publications.

Janesick, V. (2001). Intuition and creativity: A pas de deux for qualitative researchers. *Qualitative Inquiry*, 7, 531-540.

Jensen, E. W., James, S. A., Boyce, W. T. & Harnett, S. A. (1983). The Family Routines Inventory: Development and validation. *Social Science and Medicine*, 17, 201-211.

Johnson, S. M. (2003). Introduction to attachment: A therapist's guide to primary relationships and their renewal. In Johnson, S. M. & Whiffen, V. E. (Eds.),

Attachment processes in couple and family therapy (pp.3-42). New York: Guilford Press.

X Kavanagh, A. (1973). The role of ritual in personal development. In Shaughnessy, J. (Ed.), *The Roots of Ritual* (pp. 145-159). Michigan: William B. Eerdmans Publishing.

Keith, D. V. & Withaker, C. (1988). The presence of the past: Continuity and change in the symbolic structures of families. In Falicov, C. (Ed.), *Family transitions: Continuity and change over the life cycle* (pp.431-447). New York: The Guilford Press.

Kernberg, O. F. (1995). *Psicopatologia das relações amorosas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Kincheloe, J. (2001). Describing the bricolage: Conceptualizing a new rigor in qualitative research. *Qualitative Inquiry*, 7, 679-92.


Kirkpatrick, L. A. (1998). Evolution, pair-bonding, and reproductive strategies: A reconceptualization of adult attachment. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 353-393). New York: Guilford Press.


X Kline, C. (1990). *Family rituals and attachment in late adolescence*. Unpublished doctoral dissertation. University of Syracuse, United States of America.


Klohnen, E. C. & John, O. P. (1998). Working models of attachment: A theory-based prototype approach. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 115-140). New York: Guilford Press.

X Komter, A. & Vollebergh, W. (1997). Gift giving and the emotional significance of family and friends. *Journal of Marriage and the Family*, 59, 747-757.

Kurdek, L. A. (1988). Developmental changes in marital satisfaction: A 6-year prospective longitudinal study of newlywed couples. In Bradbury, T. N. (Ed.), *The development course of marital dysfunction* (pp.180-204). New York: Cambridge University Press.

LaFontaine, M. & Lussier, Y. (2003). Structure bidimensionnelle de l'attachement amoureux : anxiété face à l'abandon et évitement de l'intimité. *Revue canadienne des sciences du comportement*, 35, 56-60. 


Laird, J. (1988). Woman and ritual in family therapy. In Imber-Black, E., Roberts, J. & Whiting, R. (Eds.) *Rituals in Families and Family Therapy* (pp.331-362). New York: Norton. 

Leon, K., & Jacobvitz, D. B. (2003). Relationships between adult attachment representations and family ritual quality: A prospective, longitudinal study. *Family Process*, 42, 419-432) 

Leach, M. S. & Braithwaite, D. O. (1996). A binding tie: Supportive communication of family kinkeepers. *Journal of Applied Communication Research*, 24, 200-216.

Leonard, K. E. & Roberts, L. J. (1988). Marital aggression, quality, and stability in the first year of marriage: Findings from the Buffalo newlywed study. In Bradbury, T. N. (Ed.), *The development course of marital dysfunction* (pp. 44-73). New York: Cambridge University Press.

Le Moigne, J. (1995). *Les épistémologies constructivistes*. Paris: Presses Universitaires de France.

Lind, W. (2005). Rituais familiares. *Cidade Solidária*, 11, 6-23. 

Lindahl, K., Clements, M. & Markman, H. (1988). The development of marriage: A 9-year perspective. In Bradbury, T. N. (Ed.), *The development course of marital dysfunction* (pp. 205- 236). New York: Cambridge University Press.

X Lorenz, K. (1966). Evolution of ritualization in the biological and cultural spheres. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London, Series B, Biological Sciences*, 251, 273-284.

Lourenço, M. C. & Henriques, M. R. (2000). Manuel e Maria ou uma terapia de ex-solteiros. In Relvas, A. P., *Por detrás do espelho: da teoria à terapia com a família* (pp. 173-212). Coimbra, Quarteto Editora.

Luo, S. & Klohnen, E. C. (2005). Assortative mating and marital quality in newlyweds: A couple-centered Approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88, 304-326.

Mahoney, M. (1976). *Scientist as a subject: The psychological imperative*. Cambridge, MA: Ballinger.

Mahoney, M. (1998). *Processos humanos de mudança: As bases científicas da psicoterapia*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Maisel, R., Epston, D. & Borden, A. (2005). *Biting the hand that starves you: Inspiring resistance to anorexia/bulimia*. New York: W. W. Norton & Company.

† Markson, S. & Fiese, B. H. (2000). Family rituals as a protective factor for children with asthma. *Journal of Pediatric Psychology*, 25, 471-479.

Matos, P. M. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

McAdams, D. (1993). *The stories we live by: Personal myths and the making of the self*. New York: Guilford Press.

Mead, M. (1973). Ritual and social crisis. In Shaugnessy, J. (Ed.), *The Roots of Ritual* (pp. 87-101). Michigan: William Eerdmans Publishing. X

Mikulincer, M., Florian, V., Cowan, P. & Cowan, C. (2002). Attachment security in couple relationships: a systemic model and its implications for family dynamics. *Family Process*, 41, 405-434.

Moon, S. M., Dillon, D. R. & Sprenkle, D. H. (1990). Family therapy and qualitative research. *Journal of Marital and Family Therapy*, 16, 357-373.

Moore, S. F. & Myerhoff, B. G. (Eds.). (1977a). *Secular ritual*. Assen/Amsterdam: Van Gorcum. X

Moore, S. F. & Myerhoff, B. G. (1977b). Secular Ritual: Forms and Meanings. In Moore, S. F. & Myerhoff, B. G. (Eds.), *Secular ritual* (pp.3-24). Assen / Amsterdam: Van Gorcum. X

Morin, E. (1994). *Ciência com Consciência*. Lisboa: Publicações Europa-América.

Morin, E. (1996). *O Método III. O conhecimento do Conhecimento/I*. Mem Martins: Europa-América.

Morin, E. (2001). *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.

Morin, E. (2002). *O Problema Epistemológico da Complexidade*. Mem Martins: Europa-América.

- X Morval, V. G. M. & Biron, G. (1993). Les rituels familiaux et leurs fonctions. *Thérapie familiale*, 14, 149-167.
- X Moss, M. S. & Moss, S. Z. (1988). Reunions between elderly parents and their distant children. *American Behavioral Scientist*, 31, 654-668.
- Muxel, A. (1996). *Individu et mémoire familiale*. Paris: Éditions Nathan.
- Myerhoff, B. G. (1977). We don't wrap herring in a printed page: Fusion, fictions and continuity in secular ritual. In Moore, S. F. & Myerhoff, B. G. (Eds.), *Secular ritual* (pp.199-226). Assen /Amsterdam: Van Gorcum.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas: À procura do padrão que liga*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Narciso, I. (2006). Contextos colaborativos no sistema escolar – Ponto nodal da acção sistémica. *Revista Portuguesa de Pedagogia* (submetido a publicação).
- Neuman, L. W. (1997). *Social research methods: Qualitative and quantitative approaches*. Needham Heights, MA: Allyn and Bacon.
- X Newell, L. D. (1999). *A qualitative analysis of family rituals and traditions*. Unpublished doctoral dissertation. Brigham Young University, Michigan.
- X Nydegger, C. N. & Mitteness, L. S. (1988). Etiquette and ritual in family conversation. *American Behavioral Scientist*, 31, 702-716.
- Olson, D. H. (1988). Family types, family stress, and family satisfaction: A family development perspective. In Falicov, C. (Ed.), *Family transitions: Continuity and change over the life cycle* (pp.55-79). New York: The Guilford Press.

- Olson, M R. & Haynes, J. A.(1993). Successful single parents. *Families in Society: The Journal of contemporary Human Services*, 74, 259-267.
- Oswald, R. F. (2002). Inclusion and belonging in the family rituals of gay and lesbian people. *Journal of Family Psychology*, 16, 428-436.
- Overall, N. C., Friesen, M. D. & Fletcher, G. J.O. (2003). Mapping the intimate relationship mind: Comparisons between three models of attachment representations. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 1479-1493.
- Overall, N.C., Fletcher, G.J.O., and Simpson, J.A. (in press). Regulation processes in intimate relationships: The role of ideal standards. *Journal of Personality and Social Psychology*.
- Papp, P. (1990). The use of structured fantasy in couple therapy. In Chasin, R., Grunebaum, H. & Herzig, M. (Eds.), *One couple, four realities: Multiple perspectives on couple therapy* (pp. 25-48). New York: The Guilford Press.
- Parke, R. (2004). Development in the family. *Annual Review of Psychology*, 55, 365-399. X
- Pasini, W. (1990). *Intimidade: O outro espaço da afetividade*. Lisboa: Difusão Cultural.
- Patton, M. Q. (1990). *Qualitative evaluation and research methods*. Newbury Park: Sage Publications.
- Pett, M. A., Lang, N. & Gander, A. (1992). Late-life divorce: Its impact on family rituals. *Journal of Family Issues*, 13, 526-552. X

Pina Prata, F. X. (1987). *Epistemologia e métodos em Psicologia Social*. Apontamentos (não publicados) das aulas do 4º ano da licenciatura em Psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

X Poeschl, G. (2000). Trabalho doméstico e poder familiar: práticas, normas e ideais. *Análise Social*, 35, 695-719.

X Pryor, J. (2006). Beyond demography: History, ritual and families in the twenty-first century. *Paper prepared for the Families Commission*, New Zealand, March 2006.

Rebelo, H. (2002). *Discursos de pais e filhos em torno da transição para o ensino superior*. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Reiss, D. (1981). *The family's construction of reality*. Cambridge: Harvard University Press.

Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.

Ribeiro, T. (2002). *Da diversidade do masculino e do feminino à singularidade do casal*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Roberts, A. (2003). *Long-distance romantic relationships: Attachment, closeness and satisfaction*. Unpublished dissertation. Purdue University, United States of America.

X Roberts, J. (1988). Ritual themes in families and family therapy. In Imber-Black, E., Roberts, J. & Whiting, R. (Eds.), *Rituals in Families and Family Therapy* (pp.3-46). New York: Norton.

- Rosenthal, C. J., & Marshall, V. M. (1988). Generational transmission of family ritual. X
American Behavioral Scientist, 31, 669-684.
- Rubin, H. J. & Rubin, I. S. (1995). *Qualitative interviewing: The art of hearing data*.
Thousands Oaks: Sage Publications.
- Sampaio, D. & Gameiro, J. (1985). *Terapia familiar*. Porto: Edições Afrontamento. X
- Sandelowski, M. (2000). Combining quantitative and qualitative sampling, data
collection, and analysis techniques in mixed-method studies. *Research in Nursing
and Health*, 23, 246-255.
- Santos, B. (1987). *Um discurso sobre as Ciências*. Porto: Edições Afrontamento.
- Schachner, D. A., Shaver, P. R. & Mikulincer, M. (2003). Adult attachment theory,
psychodynamics, and couple relationships: An overview. In M. Johnson & V.E.
Whiffen (Eds.), *Attachment Processes in Couple and Family Therapy* (pp. 18-42).
New York: Guilford Press.
- Scharfe, E. (2003). Stability and change of attachment representations from the cradle
to the grave. In M. Johnson & V.E. Whiffen (Eds.), *Attachment Processes in
Couple and Family Therapy* (pp. 64-83). New York: Guilford Press.
- Schnarch, D. (1991). *Constructing the sexual crucible: An integration of sexual and
marital therapy*. New York: Norton & Company.
- Selvini-Palazolli, M., Boscolo, L., Cecchin, G. & Prata, G. (1977). Family rituals: A X
powerful tool in family therapy. *Family Process*, 16, 445-454.

Shaver, P. R. & Brennan, K. A. (1992). Attachment styles and the "Big Five" personality traits: Their connections with each other and with romantic relationship outcomes. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 18, 536-545.

X Shaugnessy, J. (Ed.). (1973). *The Roots of Ritual*. Michigan: William Eerdmans Publishing.

X Singly, F. (2000). *Livres juntos: o individualismo na vida comum*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

Simpson, J.A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 971-980.

Simpson, J. A. & Rholes, W. S. (1998). Attachment in Adulthood. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 3-21). New York: Guilford Press.

Spicer, J. (2004). *Making sense of multivariate data analysis*. Thousand Oaks: Sage.

Stevens, D. P., Kiger, G. & Mannon, S. E. (2005). Domestic labor and marital satisfaction: how much or how satisfied? *Marriage & Family Review*, 37, 49-67.

Strauss, A. & Corbin, J. (1994). Grounded theory methodology: an overview. In N. K. Denzin & Y.S. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative research* (pp. 209-212). Thousand Oaks: Sage Publications.

Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S (2001). *Using multivariate statistics*. New York: Harper Collins.

Ullman, J. B. (2001). Structural equation modeling. In B. G. Tabachnick and L. S. Fidell (Eds.), *Using multivariate statistics* (pp. 653-771). Allyn Bacon: New York.

- van der Hart, O. (1983). *Rituals in psychotherapy: Transition and continuity*. New York: Irvington Publishers Inc.
- Veroff, J., Douvan, E. Orbuch, T. L. & Acitelli, L. K. (1998). Happiness in stable marriages: The early years. In Bradbury, T. N. (Ed.), *The development course of marital dysfunction* (pp. 152- 179). New York: Cambridge University Press.
- Wamboldt, F. S. & Wolin, S. (1989). Reality and myth in family life: changes across generations. In Anderson, S. A. & Bagarozzi, D. A. (Eds.), *Family myths: Psychotherapy implications* (pp. 141-165). New York: The Haworth Press.
- Wolin, S.J. & Bennett, L. A. (1984). Family Rituals. *Family Process*, 23, 401-420.
- Wolin, S. J., Bennett, L. & Jacobs, J. (1988). Assessing family rituals in alcoholic families. In Imber-Black, E., Roberts, J. & Whiting, R. (Eds.), *Rituals in Families and Family Therapy* (pp.230-256). New York: Norton.
- Wynne, L. (1983). Family research and family therapy: A reunion? *Journal of Marital and Family Therapy*, 9, 113-117.

ANEXOS

ANEXO I

QUESTIONÁRIOS

INVESTIGAÇÃO SOBRE RELAÇÕES CONJUGAIS

Os questionários que se seguem inserem-se numa investigação sobre casais portugueses. O tema deste estudo gira à volta das rotinas e hábitos mais comuns das pessoas, do modo como as duas pessoas que o formam o casal se relacionam entre si e do que sentem e pensam em relativamente à sua relação conjugal, entre outros aspectos.

No âmbito desta investigação, é necessário recolher dados através de questionários. A análise destes dados vai permitir uma maior compreensão sobre as relações entre as pessoas, mais concretamente, sobre as relações de casal. Isso irá também permitir que se possa, no futuro, conhecer e ajudar de uma forma mais eficaz as pessoas e os casais quer a nível preventivo, quer a nível terapêutico. Por tudo isto, a sua colaboração é extremamente importante. Os questionários são anónimos e **todos os dados aqui recolhidos são totalmente confidenciais.**

Os questionários que irá encontrar apresentam no início, instruções de preenchimento. É muito importante que responda a todas as questões para que os dados possam ser correctamente analisados. Nestes questionários **não há respostas certas ou erradas**; o mais importante é mesmo a sua opinião. Recorde-se que estes questionários devem ser preenchidos individualmente; por favor, se o desejar, troque impressões com o/a seu/sua companheiro/a só depois de ter respondido a tudo.

Desde já agradecemos a sua disponibilidade em participar neste estudo. Sem o seu contributo seria impossível realizar esta investigação.

Por favor, vire a página e comece a responder. **Leia com atenção as questões e responda a todas elas.**

Muito obrigada.

Dados demográficos

1. Idade: _____ Idade do/a companheiro/a: _____

2. Sexo

Feminino

Masculino

3. Nível de escolaridade: _____

4. Profissão: _____

5. Tempo de casamento: _____ anos _____ meses

5. Estado civil anterior ao casamento:

Solteiro

Divorciado

Viúvo

6. a) Tem filhos?

Sim

Não

b) Se sim, qual o sexo e a idade?

(1º filho/a) Sexo: _____ Idade: _____

(2º filho/a) Sexo: _____ Idade: _____

(3º filho/a) Sexo: _____ Idade: _____

(4º filho/a) Sexo: _____ Idade: _____

(5º filho/a) Sexo: _____ Idade: _____

(...) _____

(...) _____

c) Quais as pessoas que vivem consigo no agregado familiar?

7. Religião Sim Qual? _____

Não

QUESTIONÁRIO DOS RITUAIS FAMILIARES

Autores: Barbara Fiese & Christine Kline, 1993

Versão portuguesa: Carla Crespo e Wolfgang Lind 2004

Nas páginas seguintes encontram-se descrições de rotinas e tradições familiares. Todas as famílias são de alguma forma diferentes nos tipos de rotinas e tradições que seguem. Em algumas famílias rotinas e tradições são muito importantes mas, em outras famílias, existe uma atitude de maior indiferença em relação às rotinas e tradições.

No topo de cada página irá encontrar um cabeçalho que corresponde a um contexto familiar. Pense em como a sua família age ou participa normalmente durante estes acontecimentos. Leia as duas afirmações e escolha aquela que é mais parecida com a sua família. Depois de ter escolhido a afirmação mais parecida com a sua família, irá decidir se esta afirmação é Realmente Verdadeira ou Mais ou Menos Verdadeira para a sua família.

Quando pensar na sua família, pense em si próprio(a), no seu cônjuge e nos seus filhos. Alguns dos contextos podem incluir outros membros da família como avós, tios e primos. No entanto, tente responder às questões que descrevem melhor a sua família actual.

Não existem respostas certas ou erradas para cada afirmação, por isso, por favor tente escolher aquela que melhor descreve a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias há uma pessoa que lava a louça.	Em outras famílias toda a gente lava a louça.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	---	--------------------------

EXEMPLO:

a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Recorde:

1. Leia as duas afirmações e depois escolha a que mais se parece com a sua família, assinalando-a com uma cruz.
2. Decida se a afirmação é realmente verdadeira ou mais ou menos verdadeira para a sua família e assinale com uma cruz a sua opção.

HORA DE JANTAR

Pense num jantar normal na sua família

1. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Algumas famílias jantam juntas regularmente.	Outras famílias raramente jantam juntas.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias todos têm um papel específico e uma tarefa para fazer à hora do jantar.	Em outras famílias as pessoas fazem coisas diferentes em diferentes alturas dependendo do que for necessário.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias a hora de jantar é flexível. As pessoas comem quando podem.	Em outras famílias tudo o que diz respeito ao jantar é programado; o jantar é à mesma hora todos os dias.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias é esperado que todos estejam em casa para o jantar.	Em outras famílias nunca se sabe quem vai estar em casa para o jantar.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

5. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias as pessoas fazem questão de jantar juntas.	Em outras famílias não é assim tão importante as pessoas jantarem juntas.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias a hora de jantar é apenas uma altura para se comer.	Em outras famílias a hora do jantar é mais do que uma simples refeição; tem um significado especial.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

7. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias o jantar realiza-se sempre da mesma forma ao longo dos anos.	Em outras famílias a forma como se realiza o jantar tem mudado ao longo dos anos.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

8. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias há pouco planeamento em relação ao jantar.	Em outras famílias o jantar é planeado com antecedência.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

FINS-DE-SEMANA

Pense num fim-de-semana normal com a sua família

1. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Algumas famílias raramente passam os fins-de-semana juntas.	Outras famílias passam os fins-de-semana juntas regularmente.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias todos têm uma tarefa específica para fazer no fim-de-semana.	Em outras famílias não há tarefas atribuídas no fim-de-semana.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias há rotinas fixas e acontecimentos regulares nos fins-de-semana.	Em outras famílias não há rotinas ou acontecimentos fixos nos fins-de-semana.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias é esperado que todos apareçam nos acontecimentos do fim-de-semana.	Em outras famílias as pessoas costumam estar ou não, consoante a sua vontade.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

5. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias não há um sentimento especial em relação aos fins-de-semana.	Em outras famílias há um forte sentimento em relação a passar o tempo do fim-de-semana juntos como uma família.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias passar o tempo juntos em actividades ao fim-de-semana é algo especial.	Em outras famílias não há actividades familiares especiais ao fim-de-semana.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

7. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias as actividades de fim-de-semana mudaram ao longo dos anos.	Em outras famílias as actividades do fim-de-semana permaneceram mais ou menos as mesmas ao longo dos anos.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

8. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias os fins de semana são muito discutidos e planeados.	Em outras famílias os fins de semana não são muito discutidos e planeados.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

FÉRIAS

Pense numas férias normais que passou com a sua família

1. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	1. Algumas famílias passam as férias em conjunto regularmente.	Outras famílias raramente passam as férias em conjunto.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias todas as pessoas têm uma actividade ou uma tarefa para fazer nas férias.	Em outras famílias todas as pessoas fazem o que é preciso ser feito e de forma rotativa.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias as férias são alturas para algo novo e não há rotinas.	Em outras famílias há rotinas fixas nas férias.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias não há problemas, se alguns membros decidem não ir de férias com a família.	Em outras é esperado que todas as pessoas vão de férias com a família.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

5. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias as pessoas sentem que as férias de família são acontecimentos familiares importantes.	Em outras famílias há uma atitude de maior indiferença em relação às férias: ninguém se importa muito.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias as férias são alturas para descontrair ou acabar o trabalho em atraso.	Em outras famílias as férias familiares são mais do que um passeio; são um tempo para estar em família.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

7. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias há uma história e tradição associada às "Férias da Família".	Em outras famílias as actividades de férias são mais espontâneas e mudam de ano para ano.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

8. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias as férias são pouco planeadas; "nós, simplesmente, vamos".	Em outras famílias as férias em família são muito discutidas e planeadas.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

FERIADOS RELIGIOSOS

Pense como a sua família celebra os feriados religiosos como o Natal, Páscoa, entre outros.

1. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Algumas famílias raramente celebram os feriados religiosos.	Outras famílias celebram regularmente os feriados religiosos.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias não há tarefas fixas; as pessoas fazem aquilo que podem durante os feriados religiosos.	Em outras famílias todos têm uma determinada tarefa a cumprir durante os feriados religiosos.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias há uma rotina fixa durante os feriados religiosos; todos sabem com o que podem contar.	Em outras famílias há poucas rotinas durante os feriados religiosos; as actividades variam de ano para ano.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias é esperado que todos estejam presentes durante os feriados religiosos.	Em outras famílias é difícil saber-se quem estará presente; quem puder, aparecerá.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

5. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias os feriados religiosos são mais informais; não há um sentimento especial.	Em outras famílias os feriados religiosos são altamente associados a sentimentos e emoções fortes.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias os feriados religiosos têm um significado especial para a família.	Em outras famílias os feriados religiosos são encarados apenas mais como um dia de folga.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

7. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias os feriados religiosos são tradicionais, com actividades que passam de geração em geração.	Em outras famílias os feriados religiosos mudam ao longo dos anos.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

8. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias os feriados religiosos não são muito discutidos e planeados.	Em outras famílias os feriados religiosos são muito discutidos e planeados.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

TRADIÇÕES CULTURAIS E ÉTNICAS

Pense em algumas tradições culturais e étnicas que a sua família segue. Alguns exemplos podem ser baptismos, confecção de uma comida tradicional especial, velórios, funerais, entre outros.

1. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família

<input type="checkbox"/>	Algumas famílias seguem tradições culturais.	Outras famílias raramente seguem tradições culturais.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias as pessoas têm tarefas estabelecidas para fazer durante estes eventos.	Em outras famílias não há tarefas estabelecidas durante estes eventos.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias há flexibilidade no modo como estes eventos se realizam.	Em outras famílias há rotinas fixas e todas as pessoas sabem com o que podem contar durante estes eventos.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias é esperado que todos participem nestes eventos.	Em outras famílias é possível que só alguns membros participem para representar a família.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

5. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias estes eventos são muito emotivos e os membros da família sentem emoções intensas.	Em outras famílias existe uma maior indiferença em relação a estes eventos, estando os membros da família menos envolvidos emocionalmente.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias estes eventos não têm muito significado para a família.	Em outras famílias estes eventos têm um significado e importância especiais	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

7. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias estes eventos têm permanecido mais ou menos os mesmos ao longo das gerações.	Em outras famílias estes eventos são flexíveis e mudam ao longo dos anos.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

8. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias há pouco planeamento por parte da família; os pormenores ficam a cargo de pessoas externas à família.	Em outras famílias estes eventos são muito planeados e discutidos entre os membros da família.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

COMEMORAÇÕES ANUAIS

Pense em ocasiões que a sua família comemora todos os anos. Alguns exemplos são o dia de anos, dia do casamento e outros aniversários.

1. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família:

<input type="checkbox"/>	Algumas famílias têm várias comemorações anuais regulares.	Para outras famílias existem poucas comemorações anuais ou estas são raramente celebradas.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias as pessoas não têm tarefas atribuídas para cada comemoração	Em outras famílias todas as pessoas têm uma certa tarefa para cumprir durante as comemorações anuais.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias estas comemorações não têm rotinas fixas; é difícil saber o que vai acontecer.	Em outras famílias estas comemorações são bastante padronizadas; todos sabem com o que podem contar.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias é esperado que todos estejam presentes na comemoração.	Em outras famílias as comemorações anuais podem ser uma altura em que nem todos estejam presentes.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

5. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias há um sentimento especial nos dias de anos e em outras comemorações.	Em outras famílias as comemorações são mais informais; as pessoas não estão envolvidas emocionalmente.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias os dias de anos e aniversários são marcos importantes que são celebrados de forma especial.	Em outras famílias não se dá grande importância aos dias de anos e aniversários; os membros da família até podem comemorar mas nada é particularmente especial.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

7. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias o modo como os dias de anos e aniversários são comemorados muda de ano para ano.	Em outras famílias há formas tradicionais de comemorar os dias de anos e aniversários que raramente mudam.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

8. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias estas comemorações são muito discutidas e planeadas.	Em outras famílias não há muito planeamento e discussão à volta destas comemorações.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

CELEBRAÇÕES ESPECIAIS

Pense em algumas comemorações que acontecem na sua família, comemorações especiais que podem acontecer em muitas famílias independentemente de qualquer religião ou cultura. Alguns exemplos são casamentos, finalização de cursos e reuniões familiares.

1. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias as celebrações especiais são raras.	Em outras famílias há várias celebrações especiais.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias as pessoas não têm determinadas tarefas ou papéis nas celebrações especiais.	Em outras famílias as pessoas têm determinadas tarefas a realizar nas celebrações especiais.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias, existem rotinas fixas nestes eventos; todos sabem o que irá acontecer.	Em outras famílias não há uma rotina; cada celebração é diferente	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias é difícil saber quem estará presente; quem puder aparecerá.	Em outras famílias é esperado que todos participem nas celebrações especiais.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

5. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias as celebrações especiais são alturas de emoções e sentimentos intensos.	Em outras famílias não se faz grande alarido à volta das celebrações especiais; não existem muitas emoções intensas.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias as celebrações especiais tem um profundo significado para a família.	Em outras famílias, as celebrações especiais são iguais às outras ocasiões.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--	---	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

7. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias, as celebrações especiais mudaram com o passar dos anos	Em outras famílias as celebrações especiais são uma tradição e podem ser passadas de geração em geração.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

8. a) Assinale com uma cruz a afirmação que mais se parece com a sua família.

<input type="checkbox"/>	Em algumas famílias estes eventos são muito discutidos e planeados.	Em outras famílias estes eventos são pouco discutidos e planeados.	<input type="checkbox"/>
--------------------------	---	--	--------------------------

b) Em relação à afirmação que escolheu considera que, para a sua família, ela é:

Totalmente verdade	Mais ou menos verdade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

INVENTÁRIO DE COMPONENTES DE QUALIDADE RELACIONAL PERCEBIDA

Autores: Fletcher, Simpson & Thomas (2000)

Versão Portuguesa : Carla Crespo, Isabel Narciso e Maria Emilia Costa (2004)

Considerando a sua relação actual, por favor, responda às questões utilizando a escala gradual de 1 "Mesmo nada" até 7, "Extremamente".

	Escala						
	1	2	3	4	5	6	7
	(Mesmo nada)						(Extremamente)
1. Até que ponto está satisfeito/a com a sua relação?	1	2	3	4	5	6	7
2. Até que ponto está contente com a sua relação?	1	2	3	4	5	6	7
3. Até que ponto está feliz com a sua relação?	1	2	3	4	5	6	7
4. Até que ponto se empenha na sua relação?	1	2	3	4	5	6	7
5. Até que ponto se dedica à sua relação?	1	2	3	4	5	6	7
6. Até que ponto se entrega à sua relação?	1	2	3	4	5	6	7
7. Até que ponto a sua relação é íntima?	1	2	3	4	5	6	7
8. Até que ponto a sua relação é próxima?	1	2	3	4	5	6	7
9. Até que ponto se sente ligado/a ao seu/sua companheiro/a?	1	2	3	4	5	6	7
10. Até que ponto confia no/a seu/a companheiro/a?	1	2	3	4	5	6	7
11. Até que ponto pode contar com o/a seu/sua companheiro/a?	1	2	3	4	5	6	7
12. Até que ponto pode apoiar-se no/a seu/sua companheiro/a?	1	2	3	4	5	6	7
13. Até que ponto a sua relação é apaixonada?	1	2	3	4	5	6	7
14. Até que ponto a sua relação é sensual?	1	2	3	4	5	6	7
15. Até que ponto a sua relação é sexualmente intensa?	1	2	3	4	5	6	7
16. Até que ponto estima o/a seu/sua companheiro/a?	1	2	3	4	5	6	7
17. Até que ponto ama o/a seu/sua companheiro/a?	1	2	3	4	5	6	7
18. Até que ponto adora o/a seu/sua companheiro/a?	1	2	3	4	5	6	7

INVENTÁRIO DE PROXIMIDADE RELACIONAL

Autores: Berscheid, Snyder & Omoto (1989)

Versão Portuguesa: Carla Crespo, Isabel Narciso e Maria Emilia Costa (2004)

Gostaríamos que calculasse a quantidade de tempo que normalmente passa sozinho/a com o/a seu/sua companheiro/a durante o dia. Gostaríamos que fizesse isso dividindo o dia em manhã, tarde e noite.

Pense na passada semana e escreva a média de tempo, por dia, que passou sozinho com o/a seu/sua companheiro/a durante cada período de tempo. Se não passou nenhum tempo com o/a seu/sua companheiro/a, escreva 0 horas e 0 minutos.

1. DURANTE A PASSADA SEMANA, quanto tempo por dia, em média, passou sozinho/a com o/a seu/ sua companheiro/a durante a MANHÃ (por exemplo, desde que acordou até ao meio-dia)?

_____ horas _____ minutos

2. DURANTE A PASSADA SEMANA, quanto tempo por dia, em média, passou sozinho/a com o/a seu/sua companheiro/a durante a TARDE (por exemplo, desde o meio-dia até as 6 da tarde)?

_____ horas _____ minutos

3. DURANTE A PASSADA SEMANA, quanto tempo por dia, em média, passou sozinho/a com o/a seu/sua companheiro/a durante a NOITE (por exemplo, desde as 6 da tarde até à hora de deitar)?

_____ horas _____ minutos

4. Comparando com o tempo que costuma passar com o/a seu/sua companheiro/a, considera que a passada semana foi (assinale com uma cruz a resposta correcta):

_____ normal _____ anormal

Se foi anormal, a que se deve esse facto?

Seguidamente, irá encontrar uma lista de actividades diferentes que as pessoas podem realizar ao longo de uma semana. Para cada uma delas, por favor, assinale com uma cruz aquelas que realizou sozinho/a e, na outra coluna aquelas que realizou com o/a seu/sua companheiro/a na passada semana. Na segunda coluna, assinale apenas aquelas que realizou sozinho/a com o/a seu/sua companheiro/a e não as que realizou com ele/a na presença de outros. Se realizou uma determinada actividade sozinho/a e também com o/a seu/sua companheiro/a ao longo da última semana, deverá colocar duas cruzes nas colunas respectivas.

No final, indique outras actividades que é frequente realizar durante a semana, sozinho/a ou com o/a seu/sua companheiro/a que não estavam presentes nesta lista.

	Sozinho/a	Apenas com o/a meu/minha companheiro/a
Tratar da roupa		
Preparar uma refeição		
Ver televisão		
Ir a um leilão/exibição de antiguidades		
Ir a uma apresentação/palestra		
Ir a um restaurante		
Ir a uma mercearia		
Dar um passeio a pé ou de carro		
Discutir assuntos de natureza pessoal		
Ir a um museu/assistir a um espectáculo		
Planear uma festa/evento social		
Ir a uma aula		
Fazer uma viagem (férias ou fim de semana)		
Limpar a casa		
Ir a igreja		
Fazer trabalhos em casa		
Discutir assuntos de natureza não pessoal		
Ir a uma loja de roupa		
Falar ao telefone		
Ir ao cinema		
Comer uma refeição		
Participar numa actividade desportiva		
Participar numa actividade recreativa de exterior		
Ir ao teatro		
Ir a um bar		
Visitar família		
Visitar amigos		
Ir a uma livraria ou loja de computadores		
Jogar cartas/jogos de tabuleiro como damas, xadrez, etc.		
Ir a um evento desportivo		

Fazer exercício		
Fazer uma saída (piquenique, praia, jardim zoológico)		
Participar numa actividade radical de ar livre (caça, montanhismo, pesca, etc.)		
Ir a um concerto		
Dançar		
Ir a uma festa		
Tocar/cantar música		
Outras	Sozinho	Apenas com o/a meu/minha companheiro/a.
a)		
b)		
c)		

As questões seguintes referem-se à influência que o/a seu/sua companheiro/a tem nos seus pensamentos, emoções e comportamentos. Usando a escala abaixo indicada, por favor indique até que ponto concorda ou discorda, assinalando o número apropriado após cada item.

	Escala						
	1	2	3	4	5	6	7
	Discordo fortemente				Concordo fortemente		
O/A meu/minha companheiro/a ...							
1. Influencia a minha futura segurança financeira.	1	2	3	4	5	6	7
2. Não influencia coisas do dia-a-dia na minha vida.	1	2	3	4	5	6	7
3. Influencia coisas importantes na minha vida.	1	2	3	4	5	6	7
4. Influencia a que festas e outros eventos sociais eu vou.	1	2	3	4	5	6	7
5. Influencia até que ponto eu aceito responsabilidades na nossa relação.	1	2	3	4	5	6	7
6. Não influencia a quantidade de tempo que despendo nas tarefas domésticas.	1	2	3	4	5	6	7
7. Não influencia como eu decido gastar o meu dinheiro.	1	2	3	4	5	6	7
8. Influencia o modo como me sinto acerca de mim próprio/a.	1	2	3	4	5	6	7
9. Não influencia os meus estados de humor.	1	2	3	4	5	6	7
10. Influencia os valores básicos que possuo.	1	2	3	4	5	6	7

11. Não influencia a opinião que eu tenho sobre outras pessoas importantes na minha vida.	1	2	3	4	5	6	7
12. Não influencia quando estou com a minha família e a quantidade de tempo que passo com ela.	1	2	3	4	5	6	7
13. Influencia quando estou com os meus amigos e a quantidade de tempo que passo com eles.	1	2	3	4	5	6	7
14. Não influencia quais os amigos com quem me relaciono.	1	2	3	4	5	6	7
15. Não influencia a minha carreira profissional.	1	2	3	4	5	6	7
16. Influencia ou vai influenciar a quantidade de tempo que eu dedico à minha profissão.	1	2	3	4	5	6	7
17. Não influencia as minhas oportunidades de ter um bom emprego no futuro.	1	2	3	4	5	6	7
18. Influencia o modo como me sinto acerca do futuro.	1	2	3	4	5	6	7
19. Não tem a capacidade de influenciar o modo como eu ajo em variadas situações.	1	2	3	4	5	6	7
20. Influencia e contribui para a minha felicidade em geral.	1	2	3	4	5	6	7
21. Não influencia a minha segurança financeira actual.	1	2	3	4	5	6	7
22. Influencia como eu passo o meu tempo livre.	1	2	3	4	5	6	7
23. Influencia quando estou com ele/a e a quantidade de tempo que passamos juntos.	1	2	3	4	5	6	7
24. Não influencia o modo como me visto.	1	2	3	4	5	6	7
25. Influencia o modo como decoro o sítio onde moro.	1	2	3	4	5	6	7
26. Não influencia o local onde vivo.	1	2	3	4	5	6	7
27. Influencia o que vejo na televisão.	1	2	3	4	5	6	7

Agora, gostaríamos que nos dissesse até que ponto o/a seu/sua companheiro/a afecta os seus planos e objectivos futuros. Usando a escala de 1 a 7 indicada, por favor, indique o grau em que os seus futuros planos e objectivos são afectados pelo/a seu/sua companheiro/a, escrevendo o número apropriado no espaço correspondente a cada item. Se uma determinada área não se aplicar a si (por exemplo, não tem planos ou objectivos nessa área), escreva no espaço à frente de cada frase: "Não se aplica".

	Escala							
	1	2	3	4	5	6	7	
	Mesmo nada					Muito		
1. Os meus planos para férias	1	2	3	4	5	6	7	
2. Os meus planos para a minha vida conjugal	1	2	3	4	5	6	7	
3. Os meus planos em relação a ter filhos	1	2	3	4	5	6	7	
4. Os meus planos para fazer grandes investimentos (casa, carro, etc.)	1	2	3	4	5	6	7	
5. Os meus planos para ingressar num clube, igreja ou organização social, etc.	1	2	3	4	5	6	7	
6. Os meus planos relacionados com os estudos/formação profissional.	1	2	3	4	5	6	7	
7. Os meus planos para atingir um determinado nível económico na vida	1	2	3	4	5	6	7	

E.R.I.

(Brennan, Clark & Shaver, 1996)

Versão portuguesa : Campos, 1998

INSTRUÇÕES : As frases seguintes referem-se ao modo como são sentidas as relações amorosas. Ao responder a este questionário procure pensar nas diferentes relações amorosas que já teve e não apenas na relação actual.

Responda, indicando o seu grau de concordância ou discordância com cada frase.

Discordo fortemente	Discordo	Discordo moderadamente	Não concordo nem discordo	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo fortemente
1	2	3	4	5	6	7

1. Prefiro não mostrar ao/à meu/minha companheiro/a o que eu sinto no meu íntimo. 1 2 3 4 5 6 7
2. Preocupa-me a possibilidade de poder ser abandonado/a. 1 2 3 4 5 6 7
3. Sinto-me bem em relações de proximidade emocional com um/a companheiro/a. 1 2 3 4 5 6 7
4. Preocupo-me com as minhas relações. 1 2 3 4 5 6 7
5. Quando o/a meu/minha companheiro/a começa a envolver-se emocionalmente na relação, dou por mim a afastar-me. 1 2 3 4 5 6 7
6. Fico preocupado/a com o facto de os meus companheiros/as não gostarem tanto de mim como eu gosto deles. 1 2 3 4 5 6 7
7. Não me sinto bem quando um/a companheiro/a deseja muito envolvimento emocional. 1 2 3 4 5 6 7
8. Preocupo-me bastante com o facto de poder perder o/a meu/minha companheiro/a. 1 2 3 4 5 6 7
9. Não me sinto à vontade a falar de mim aos/às meus/minhas companheiros/as. 1 2 3 4 5 6 7
10. Frequentemente desejo que os sentimentos do meu/minha companheiro/a relativamente a mim sejam tão fortes quanto os meus relativamente a ele/a. 1 2 3 4 5 6 7
11. Quero envolver-me emocionalmente com o/a meu/minha companheiro/a mas estou sempre a evitar esse envolvimento. 1 2 3 4 5 6 7
12. Sinto que o meu desejo de proximidade afectiva, afasta os/as meus/minhas companheiros/as. 1 2 3 4 5 6 7

- | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 13. Fico nervoso/a quando os/as companheiros desejam demasiado envolvimento emocional comigo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 14. Preocupo-me com o facto de estar sozinho/a. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 15. Sinto-me bem a partilhar os meus pensamentos e sentimentos com o/a meu/minha companheiro/a. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 16. O desejo de me envolver emocionalmente nas relações algumas vezes afasta as pessoas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 17. Tento evitar envolver-me demasiado com o/a meu/minha companheiro/a. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 18. Preciso muito que o/a meu companheiro/a me faça sentir que gosta de mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 19. É relativamente fácil envolver-me emocionalmente com o/a meu/minha companheiro/a. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 20. Sinto que às vezes forço os/as meus/minhas companheiros/as a demonstrarem mais os seus sentimentos e o seu investimento na relação. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 21. Tenho dificuldade em deixar-me envolver emocionalmente com os/as meus/minhas companheiros/as. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 22. Raramente me preocupo com o facto de poder ser abandonado/a. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 23. Prefiro não estar muito envolvido/a em relações amorosas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 24. Se não consigo que o meu/minha companheiro/a mostre interesse em mim fico zangado/a e chateado/a. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 25. Conto quase tudo ao/à meu /minha companheiro/a. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 26. Acho que o/a meu/minha companheiro/a não se quer envolver emocionalmente tanto quanto eu gostaria. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 27. Geralmente discuto os meus problemas e preocupações com o/a meu/minha companheiro/a. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 28. Quando não tenho uma relação amorosa, sinto-me, de certa forma, ansioso/a e inseguro/a. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 29. Sinto-me bem com a dependência mútua das relações amorosas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 30. Sinto-me frustrado/a quando o/a meu/minha companheiro/a não está comigo tanto quanto eu gostaria. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 31. Não me importo de pedir ao/à meu/minha companheiro/a conforto, conselhos e ajuda. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 32. Fico frustrado/a se o/a meu/minha companheiro/a não está disponível quando eu preciso dele/a. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 33. É bom recorrer ao/à meu/minha companheiro/a quando necessito. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |

34. Quando o/a meu/minha companheiro/a não aprova o que eu faço, sinto-me mal comigo próprio/a.

1 2 3 4 5 6 7

35. Recorro ao/à meu/minha companheiro/a para muitas coisas, incluindo conforto e segurança.

1 2 3 4 5 6 7

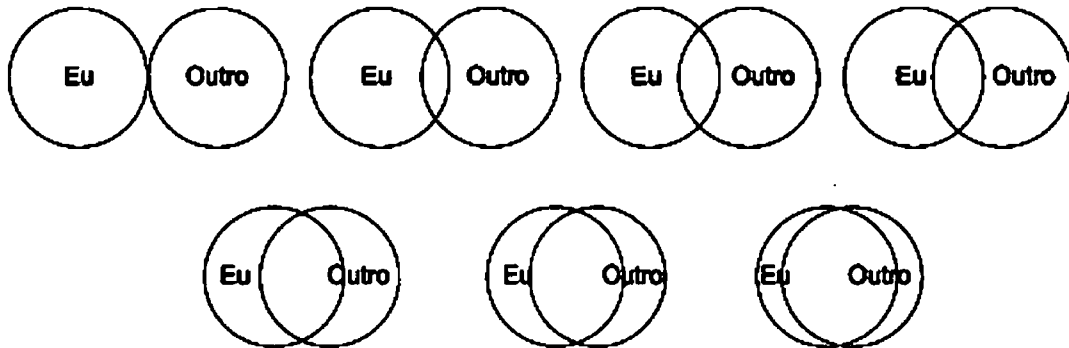
36. Fico magoado/a quando o/a meu/minha companheiro/a passa muito tempo longe de mim.

1 2 3 4 5 6 7

ESCALA DE INCLUSÃO DO OUTRO NO SELF

Aron, Aron & Smollan, 1992

Encontram-se aqui apresentadas 7 imagens. Qual lhe parecer ser a que melhor descreve a relação com o seu companheiro? Por favor, coloque um círculo à volta dessa imagem.



Os questionários estão finalizados.

Muito obrigada pela sua colaboração!

No âmbito deste estudo, numa segunda fase, irão também realizar-se entrevistas sobre estas temáticas. Caso esteja interessado em participar nesta última fase do estudo (e só se estiver interessado, recorde-se que não é obrigatório), por favor, deixe-nos o seu contacto telefónico.

ANEXO II

GUIÃO DE ENTREVISTA

Guião de Entrevista

Introdução

“Esta entrevista gira à volta do tema dos rituais familiares. Os rituais familiares acontecem em momentos especiais da vida das famílias. Correspondem a ocasiões em que as famílias estão reunidas para celebrar uma festa como um casamento, o dia Natal ou de Páscoa e a ocasiões mais frequentes como um jantar de família, fins-de-semana ou férias que passam em conjunto. Nos rituais familiares estão presentes tradições: determinadas coisas nestes eventos acontecem mais ou menos da mesma forma e os membros da família sabem com o que podem contar. O objectivo desta entrevista é perceber como é que as famílias experienciam estes rituais e como é que estes se relacionam com vários aspectos da vida familiar e do casal.”

1º Momento

Questões introdutórias e de cariz geral (ver tabela do guião)

2º Momento

Questões relativas a cada um dos cenários/contextos à medida que vão sendo apresentados aos entrevistados.

	TEMAS	EXEMPLOS DE QUESTÕES	
Questões introdutórias e de cariz geral	Definição/Avaliação Percepção da Família Percepção do Casal	O que significa ser um (apelido da família?) Gostaria que escolhesse 3 palavras que descrevam a sua família Poderia pensar num objecto, símbolo ou imagem que possa representar a sua família? Como define a sua relação de casal na actualidade? Gostaria que me contasse um pouco da história do casal	
	Identificação Rituais familiares Rituais de casal	Que tipos de rituais existem na vossa família? Como é que acham que estes rituais se comparam aos das outras famílias? Em que é que são iguais e em que é que são diferentes? Há rituais mais específicos, só dos dois, do casal?	
	Funções	Que funções acha que estes rituais familiares têm na sua família? E no casal? Que funções acha que os rituais do casal têm na sua relação de casal?	
	Sentimentos	Que sentimentos associa a estes eventos?	
	Organização	Como é que se organizam estes rituais lá em casa? Quem são os responsáveis? Há papéis atribuídos? Há alguém que lidera estas situações?	<p><i>Contextos familiares</i></p> <p>Jantar Fins - de - semana Férias Comemorações anuais "Gostaria que me falasse sobre como se desenrolam estes momentos lá em casa "</p> <p><i>Contextos culturais</i></p> <p>Tradições culturais Feriados religiosos Celebrações especiais</p> <p><i>"Gostaria que me falasse sobre como se desenrolam estes momentos lá em casa "</i></p>
Significados Individuais Casal Familiares	Que significado é que têm estes rituais na vossa família? Em termos pessoais, que significado têm para si? Até que ponto são importantes para si e para a sua família? O marido/mulher tem a mesma visão?		
Grau de satisfação Frequência Conteúdo Forma	Está satisfeito com os rituais na vossa família? Acham que têm rituais familiares demais, de menos ou que assim está bem? E em relação ao modo como se desenrolam? Quais são os seus preferidos? E os menos? Qual a visão do marido/mulher?		
Historicidade e projecção no futuro	Como nasceu este ritual? O que levou que se criasse e desenvolvesse desta forma? O que mudou ao longo do tempo? Como acha estes rituais vão acontecer na sua família daqui a 10 anos?		
Relação entre rituais familiares e relação de casal	Como é que estes rituais familiares se reflectem na vida do casal? Gostaria que me descrevesse um episódio relativo a um ritual familiar que estivesse associado a aspectos negativos para o casal Gostaria que me descrevesse um episódio associado a aspectos positivos para o casal		
Questões relativas a cada um dos contextos dos rituais familiares*			

* Algumas destas questões referem-se a cada um dos contextos dos rituais familiares, outras referem-se a uma apreciação global. De forma a não se tornar repetitivo, estas questões serão geridas de acordo com o evoluir da entrevista; rituais mais importantes poderão ser investigados mais aprofundadamente e questões não exploradas no decurso da análise dos vários contextos, serão realizadas no final.

ANEXO III

ÁRVORE DE CATEGORIAS (NUD*IST 6)

Processo de Codificação
Árvore de categorias (Nud*Ist 6)

1. Dados Demográficos

1.1 Sexo

1.1.1. Masculino

1.1.2. Feminino

1.2. Tempo de Casamento

1.2.1. Grupo I (0-6 anos)

1.2.1.1. Activos

1.2.1.2. Desempregados

1.2.2. Grupo II (18- 47 anos)

1.2.2.1. Activos

1.2.2.2. Reformados

1.3. Filhos

1.3.1. Sim

1.3.1.1. Vivem com filhos

1.3.1.2. Vive só o casal

1.3.2. Não

2. Casal

2.1. Satisfação

2.1.1. Percepções positivas

2.1.2. Percepções negativas

2.2. Características da relação

2.2.1. Intimidade

2.2.1.1. Partilha

2.2.1.2. Apoio Emocional

2.2.1.3. Confiança

2.2.1.4. Sexualidade

2.2.1.5. Mutualidade

2.2.1.6. Amor

2.2.2. Conflitos / Problemas

2.2.3. Distribuição de tarefas

2.2.4. Compromisso

2.2.5. Percepção das características dos membros do casal

2.2.5.1. Similaridade

2.2.5.2. Diferença

2.2.6. Redes de apoio

2.2.6.1. Grupos de casais

2.2.6.2. Outros

3. Família

3.1. Sentido de identidade

3.1.1. Significados

3.1.2. Descritores

3.1.3. Símbolo (s)

3.1.4. Subsistemas

3.2. Actores

3.2.1. Família de origem

3.2.1.1. Própria

3.2.1.2. Cônjuge

3.2.2. Família nuclear + Família de origem

3.2.1.1. Própria

3.2.1.2. Cônjuge

3.2.1.3. Ambas

3.2.3. Família nuclear

3.3. Características da família

3.3.1. Apoio

3.3.1.1. Alto

3.3.1.2. Baixo

3.3.2. Confiança

3.3.2.1. Alta

3.3.2.2. Baixa

3.3.3. Coesão

3.3.3.1. Alta

3.3.3.2. Baixa

3.3.4. Partilha

3.3.4.1. Alta

3.3.4.2. Baixa

3.3.5. Transmissão de valores

3.3.5.1. Sim

3.3.5.2. Não

4. Rituais

4.1. Contextos

4.1.1. Vida do Casal

4.1.2. Contextos familiares

4.1.2.1. Hora de Jantar

4.1.2.2. Fins-de-semana

4.1.2.3. Férias

4.1.2.4. Comemorações anuais

4.1.3. Contextos culturais

4.1.3.1. Feriados religiosos

4.1.3.2. Tradições culturais

4.1.3.3. Celebrações especiais

4.1.4. Outros

4.2. Participantes

4.2.1. Família de origem

4.2.1.1. Própria

4.2.1.2. Cônjuge

4.2.1.3. Ambas

4.2.2. Família de origem + Família nuclear

4.2.2.1. Própria

4.2.2.2. Cônjuge

4.2.2.3. Ambas

4.2.3. Família nuclear

4.2.4. Casal

4.2.5. Outros

4.3. Funções

4.3.1. União

4.3.2. Sair da rotina

4.3.3. Relaxar

4.3.4. Valorização

4.3.5. Reunião

4.3.6. Segurança

4.3.7. Proximidade

4.3.8. Recordação

4.3.9. Reflexão de relacionamentos

4.3.10. Partilha

4.3.11. Apoio

4.3.12. Educação/formação

4.3.13. Celebração

4.3.14. Expressão de sentimentos

4.3.15. Construção de identidade

4.4. Sentimentos

4.4.1. Liberdade

4.4.2. Cansaço/Stress

4.4.3. Indiferença

4.4.4. Alegria

4.4.5. Tristeza

4.4.6. Obrigação

4.4.7. Ansiedade positiva

4.4.8. Serenidade

4.4.9. Prazer

4.4.10. Saudade

4.4.11. Conforto

4.4.12. Desconforto

4.4.13. Ternura

4.4.14. Nostalgia

4.5. Satisfação

4.5.1 Própria

4.5.1.1. Percepções positivas

4.5.1.2. Percepções negativas

4.5.2. Cónjuge

4.5.2.1. Percepções positivas

4.5.2.2. Percepções negativas

4.5.3. Rituais preferidos

4.5.3.1. Próprio

4.5.3.2. Outro

4.6. Papéis

4.6.1. Eu

4.6.1.1. Líder

4.6.1.2. Ajudante

4.6.1.3. Anfitrião

4.6.2. Cónjuge

4.6.2.1. Líder

4.6.2.2. Ajudante

4.6.2.3. Anfitrião

4.6.3. Transgressão hipotética

4.6.3.1. Reacção mulher

4.6.3.1.1. Positiva

4.6.3.1.2. Negativa

4.6.3.1.3. Mista/Ambivalente

4.7. Significados

4.7.1. Alheamento

4.7.2. Mudança

4.7.3. Especial

4.7.4. Sacrifício

4.7.5. Tributo

4.7.6. Integração de membros

4.7.7. Reflexo de identidade

4.7.8. Trabalho

4.7.9. Ausência/Presença

4.7.10. Fé

4.7.11. Testemunho

4.8. Episódios críticos

4.9. Ciclos dos Rituais

4.9.1. Início

4.9.1.1. Motivos

4.9.1.2. Decisão

4.9.1.2.1. Própria

4.9.1.2.2. Cônjuge

4.9.1.2.3. Partilhada

4.9.2. Interrupção

4.9.2.1. Motivos

4.9.2.2. Decisão

4.9.2.2.1. Própria

4.9.2.2.2. Cônjuge

4.9.2.2.3. Partilhada

4.9.3. Abandono

4.9.3.1. Motivos

4.9.3.2. Decisão

- 4.9.3.2.1. Própria
- 4.9.3.2.2. Cônjuge
- 4.9.3.2.3. Partilhada

4.10. Mudança

- 5.10.1. Passada
- 5.10.2. Desejada
- 5.10.3. Antecipada
 - 5.10.3.1. Percepção positiva
 - 5.10.3.2. Percepção negativa

4.11. Estilos

- 5.11.1. Sub-ritualização
- 5.11.2. Rigidez
- 5.11.3. Vazio
- 5.11.4. Interrupção
- 5.11.5. Enviesamento
- 5.11.6. Flexibilidade

4.12 Transmissão de rituais (por referência ao casal)

- 4.12.1. Família de origem
 - 4.12.1.1. Continuidade
 - 4.12.1.2. Descontinuidade
- 5.12.2. Filhos
 - 5.12.2.1. Continuidade
 - 5.12.2.2. Descontinuidade

7. Presença de paradoxo/ambivalência

Nódulos livres (*Free nodes*)

1. Funções especificamente para o casal
2. Nomes, números e sítios
3. Trabalho
4. Surpresa
5. Rotinas
6. Tarefas parentais